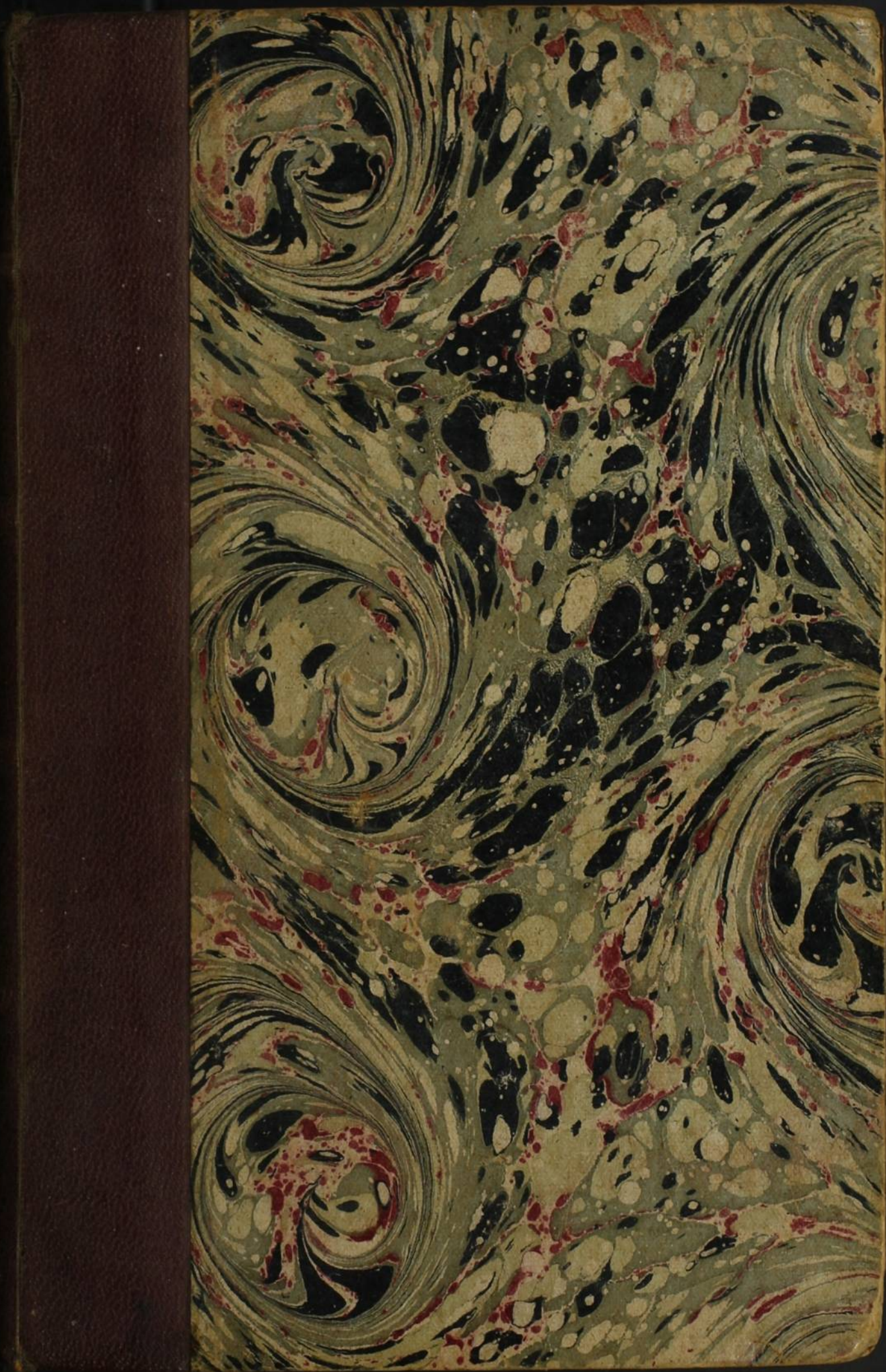


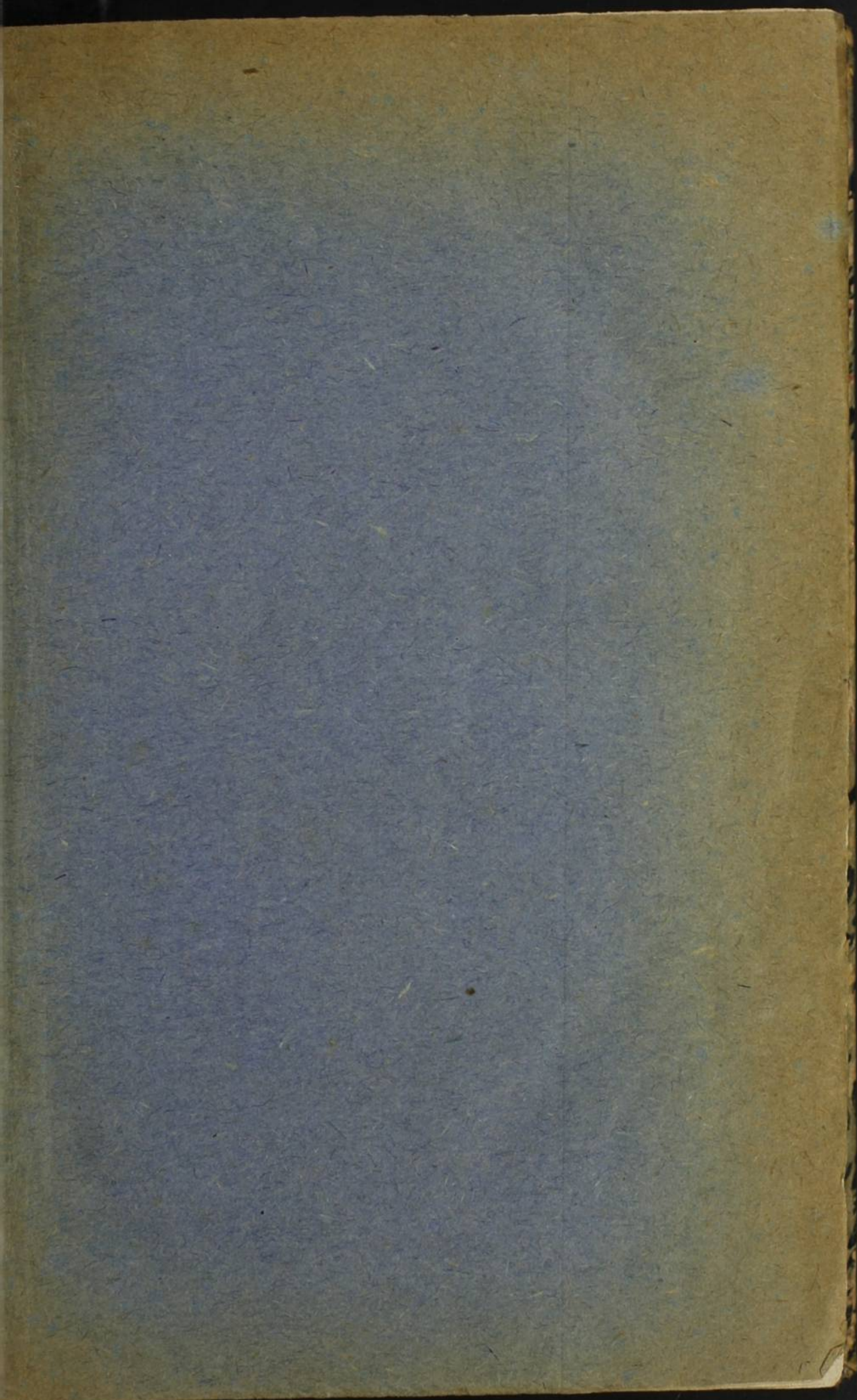


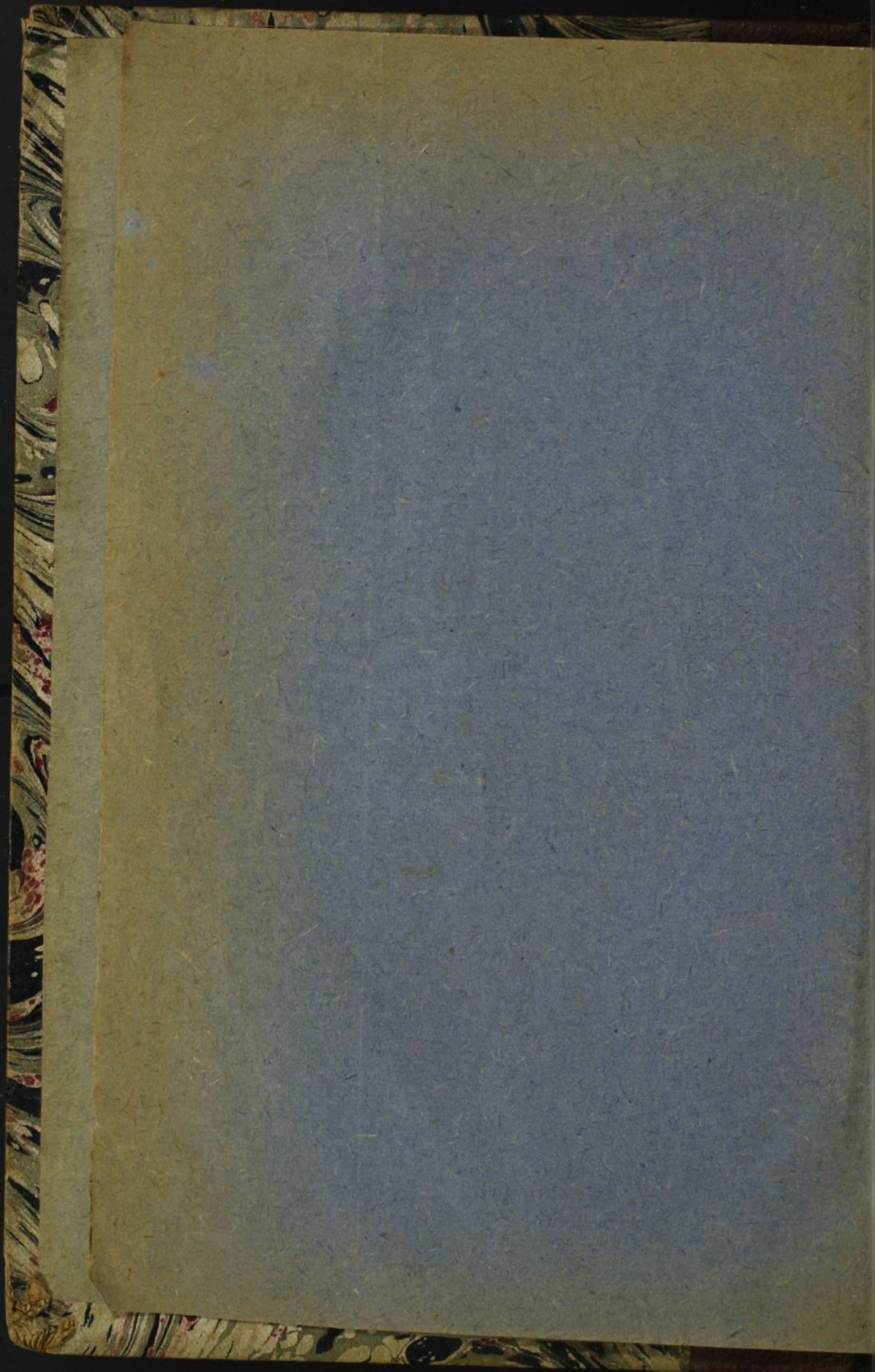
Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



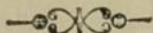


OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

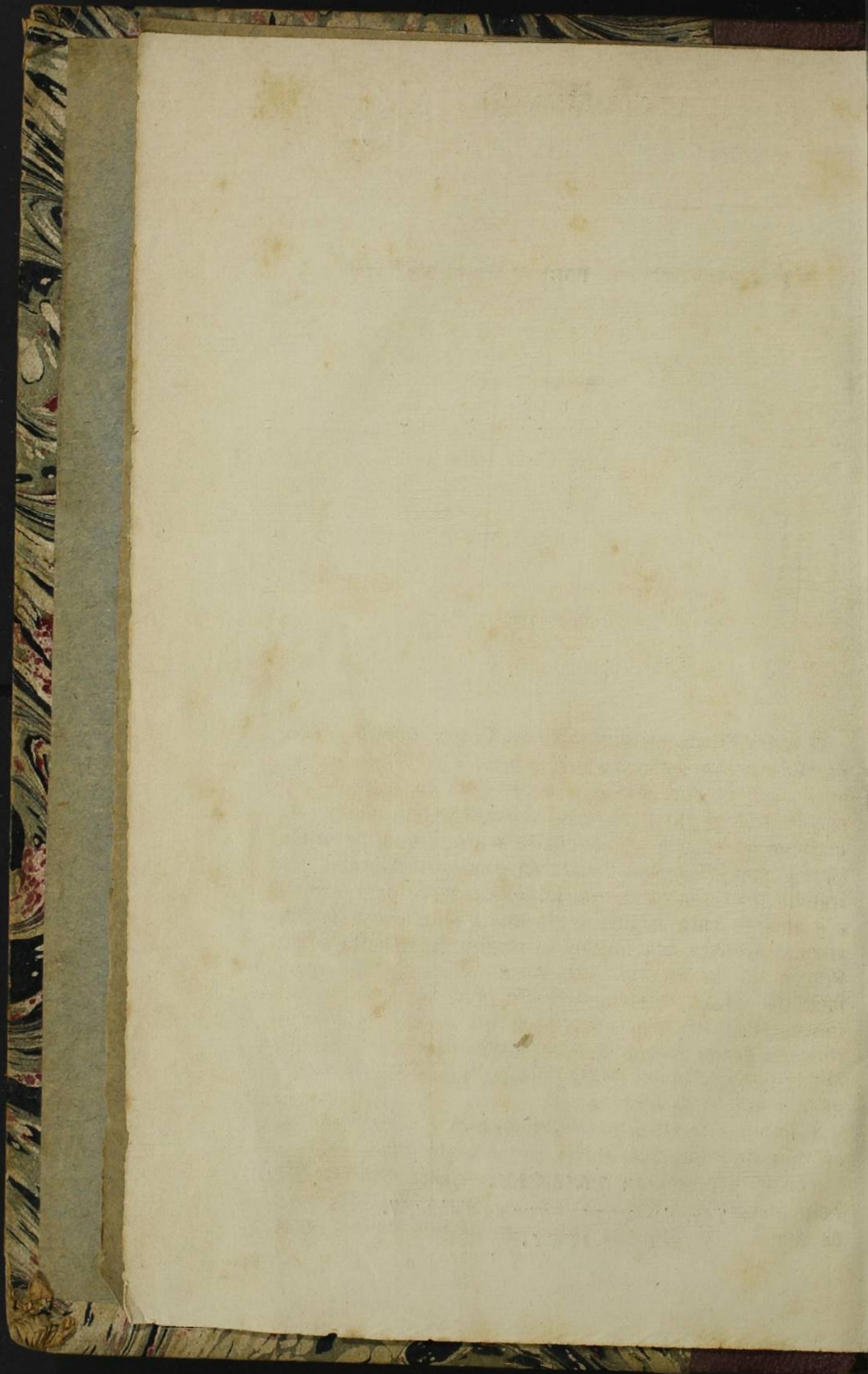
VOLUME VIII.



SAN'LUIZ.

Typ. do—FRIAS—rua da Palma, 7.

1862.



LIVRO OITAVO.

—

OS AMANHÃS DAS AMANHEIROS.

—

I

LUZ COMPLETA.

O leitor ha de ter comprehendido que Eponina, tendo reconhecido pela grade do portão a moradora da casa da rua Plumet que, por intermedio da Magnon, recebera ordem de ir sondar, começara por afastar os malfeitores, depois alli conduzira Mario, e que, passados alguns dias de extasi deante da grade, o mancebo, atrahido por essa força que impelle o ferro para o iman e o amante para as pedras de que é feita a casa da sua amada, acabara por entrar no jardim de Cosetta como Roméo no de Julietta. Até mesmo fôra-lhe isto mais facil do que a Roméo; este era obrigado a saltar um muro. Mario só teve que afastar um pouco um dos varões da grade decrepita, que vacilavam no seu alveolo enferrujado como os dentes dos velhos. Mario era delgado e entrou facilmente.

Como a rua sempre estava deserta e o mancebo só entrava de noite, não corria risco de ser visto.

Desde o momento abençoado e sancto em que um beijo desposou estas duas almas, Mario alli veio todas as noites. Se naquelle momento de sua vida Cosetta

houvesse amado um homem pouco escrupuloso e impudico ficaria perdida, porquanto ha naturezas generosas que se entregam, e Cosetta era d'essas. Uma das magnanimidades da mulher é ceder. O amor, chegado ao ponto em que se torna absoluto, complica-se com uma como que obliteração do pudor. Mas quantos perigos não correis, ó nobres almas! O mais das vezes daes o coração, e nós tomamos o corpo. Fica-vos o coração, e o contemplaes a tremer sosinha. O amor não tem meio termo; ou perde, ou salva. Todo o destino humano se resume neste dilemma. Este dilemma, perda ou salvação, nenhuma fatalidade o estabelece mais inexoravelmente do que o amor. O amor é vida quando não é morte. Berço, é tambem tumulo. O mesmo sentimento diz sim e não no coração humano. De todas as cousas por Deus feitas o coração humano é a mais luminosa e, ainda mais, a mais escura.

Permittiu Deus que Cosetta deparasse com um desses amores que salvam.

Em todo o correr do mez de maio de 1832 encontraram-se alli, cada noite, naquelle mesquinho jardim agreste, debaixo daquella balsa, cada dia mais olorosa e espessa, dous entes compostos de todas as castidades e de todas as innocências, transbordando de todas as felicidades do céu, mais vizinhos dos archanjos que dos homens, puros, honestos, enebriados, radiantes, que reflectiam mutuamente nas trevas o esplendor um do outro. Parecia a Cosetta que Mario tinha uma corôa e a Mario que Cosetta tinha uma aureola. Tocavam-se, olhavam-se, davam-se as mãos, sentavam-se bem junto um do outro; mas havia uma distancia que não transpunham. Não porque a respeitassem; ignoravam-na. Mario sentia um obstaculo, a pureza de Cosetta, e Cosetta sentia um apoio, a lealdade de Mario. O primeiro beijo fôra tambem o ultimo. Depois Mario limitára-se a tocá-lhe com os labios na mão, ou no lenço, ou n'uma madeixa de cabello. Cosetta era para elle um perfume, e não uma mulher. Respirava-a. Ella nada recusava e elle nada pedia. Cosetta era feliz, e Mario estava satisfeito. Viviam nesse delicioso estado, que poderia chamar-se o deslumbramento de uma alma por outra alma. Era o primeiro e ineffavel amplexo de duas virgindades no idéal. Dous cysnes encontrando-se na Jungfran.

Naquelle momento do amor, momento em que a volupia se cala absolutamente sob a omnipotencia do extasi, Mario, o puro e serafico Mario, mais facilmente houvera entrado em casa de uma mulher publica do que levantado o vestido de Cosetta até ao tornozello. Em uma noite de luar, tendo-se Cosetta abaixado para levantar um objecto que cahira, o seu corpinho entreabriu-se descobrindo a nascença do côlo; Mario voltou os olhos.

O que se passava entre estes dous entes? Nada. Adoravam-se.

De noite, quando alli estavam, o jardim parecia-lhes um lugar vivo e sagrado. Todas as flôres desabrochavam em roda delles e lhes davam os seus perfumes; por seu turno, abriam elles as suas almas e derramavam-as por sobre as flôres. A vegetação lasciva e vigorosa agitava-se cheia de seiva e de embriaguez em torno destes dous innocentes, e ambos diziam palavras de amor que as arvores ouviam estremecendo.

O que eram essas palavras? Adejos. Nada mais. Esses adejos bastavam para agitar e perturbar toda aquella natureza. Poder magico, que difficilmente comprehendêra quem lesse em um livro essas conversas, que devem passar e esvaecer-se como a fumaça que o vento arrebatada e dissipa, debaixo da folhagem. Tire-se aos murmurios de dous amantes a melodia que sahe da alma e que os acompanha como uma lyra; o que fica nada mais é do que uma sombra; e então direis: « Como! pois é só isto! Oh! sim, puerilidades, repetições, risos sem motivo, inutilidades, tolices, o que no mundo ha mais sublime e mais profundo! as unicas cousas que vallem a pena de ser ditas e ouvidas! »

O homem que nunca ouviu, o homem que nunca pronunciou essas tolices, essas puerilidades, é um imbecil e um mau homem.

Cosetta dizia a Mario:

—Sabes?...

(Nestas praticas, e por entre essa celeste virgindade, e sem que ambos pudessem dizer como tinham contrahido pouco a pouco o habito de se tractarem por tu.)

—Sabes? Eu chamo-me Euphrasia.

—Euphrasia? Não, tu chamas-te Cosetta.

—Oh! Cosetta é um nome feio que me deram quan-

do eu era pequenina. Mas o meu verdadeiro nome é Euphrasia. Não gostas delle ?

—Gosto. . . . Mas Cosetta não é feio.

—Tu o preferes a Euphrasia, não é assim ?

—Eu. . . —Sim.

—Então prefiro-o tambem. Tens razão, é um nome bonito, Cosetta. Chama-me Cosetta.

E o sorriso que ella ajuntava fazia deste dialogo um idyllio digno de um bosque que se achasse no céu.

Em outra occasião encarava-o fixamente e exclamava:

—Meu senhor, sois bello, engraçado, tendes espirito, não sois tolo, excedeis-me mais que muito em instrução, mas desafio-vos a que me vençaes nesta palavra:—amo-te !

E Mario, arrebatado ao céu, suppunha ouvir uma strophe cantada por uma estrella.

Ou senão, ouvindo-o tossir, dava-lhe uma pancadinha no rosto, e dizia :

—Não tussa, senhor. Não quero que se tussa em minha casa sem o meu consentimento. E' muito feio pôr-de-vos a tossir para inquietar-me. Quero que passeis bem, porque se andasseis adoentado ficaria afflictissima. O que queres que eu faça ?

E isto era verdadeiramente divino.

Uma vez Mario disse a Cosetta:

—Olha, por muito tempo acreditei que te chamavas Ursula.

Isto os fez rir toda a noite.

No meio de outra conversa aconteceu-lhe exclamar:

—Oh ! um dia, no Luxemburgo, tive vontade de acabar de espatifar um invalido !

Mas atalhou-se e não continuou no assumpto. Teria de fallar a Cosetta na sua liga, e isto era-lhe impossivel. Interpunha-se um obstaculo estranho, a carne, ante o qual recuava, com uma especie de terror sagrado, aquelle immenso amor innocente.

Mario de fôrma alguma pensava que a vida com Cosetta devesse constar de mais do que isto:—vir todas as noites á rua Plumet, afastar o velho varão da grade do presidente, sentar-se ao lado della no mesmo banco, contemplar por entre a folhagem o scintilar das estrellas, que a noite ia tornando visiveis no céu, tocar com a prega do joelho da sua calça a larga roda do vestido

de Cosetta, amimar-lhe a unha do pollegar, dizer-lhe tu, respirar um depois do outro a mesma flor, sempre, indefinidamente. Entretanto as nuvens passavam-lhes por cima da cabeça. De cada vez que o vento sopra leva consigo mais sonhos do homem do que nuvens do céu.

Não se creia, porem, que este casto amor quasi medroso fosse absolutamente sem galanteio. *Galanteiar* a mulher que amamos é a primeira maneira de fazer caricias, semi-audacia que se ensaia. O galanteio é como um beijo dado por cima de um véu. A volupia ajuntalhe o seu doce attractivo, bem que conservando-se occulta. Deante da volupia o coração recua, para melhor amar. As blandicias de Mario, todas saturadas de chimeras, eram, por assim dizer, ethereas. Os passarinhos quando voam no céu perto dos anjos devem ouvir fallas assim. Ajuntava-se-lhes comtudo a vida, a humanidade, todo o positivo de que Mario era capaz. Era o que se diz na gruta, preludio do que se dirá na alcova; uma effusão lyrica, a strophe e o soneto misturados, as formosas hyperboles do arrulho, todos os requintes da adoração formando ramalhete e exhalando um subtil perfume celeste, um ineffavel gorgoeio de coração para coração.

—Oh! murmurava Mario, como és bella! não ousa olhar-te. E' por isso que te contemplo. Tu és uma graça. Não sei o que tenho. Quando a ponta do teu sapato apparece debaixo da fimbria do vestido, estremeço até ao fundo das entranhas. E que luz magnifica, encantadora, em todos os teus pensamentos! Tu és assombrosamente sensata. Ha momentos em que me pareces um sonho. Falla, eu te escuto, eu te admiro. O' Cosetta, como é estranho e delicioso o que sinto! realmente endoudeço. Sois adoravel, minha senhora. Estudo-te os pés com o microscopio e a alma com o telescopio.

E Cosetta respondia:

—Amo-te um pouco mais por cada instante que se passou desde pela manhan.

Perguntas e respostas alternavam-se a esmo neste dialogo, mas sempre accordes em um ponto, o amor, como na pilha as figurinhas de sabugueiro.

Toda a pessoa de Cosetta era simplicidade, ingenuidade, transparencia, brancura, candura, luz. Poderia dizer-se que ella era clara. Quem a via experimentava

a sensação que produz abril e a aurora. Havia orvalho nos seus olhos. Cosetta era uma condensação da luz matutina em fôrma de mulher.

Nada mais natural que Mario, adorando-a, admirasse-a. Mas o que é facto é que esta educandinha, sabida recentemente do convento, conversava com admirável sagacidade, e momentos havia em que se exprimia nos termos os mais apropriados e delicados. Sua tagarelice era conversação. Nunca se enganava a respeito do que quer que fosse, e o seu juízo era infallível. A mulher sente e falla com o terno instincto do coração, que é infallibilidade. Ninguém sabe como a mulher dizer cousas tam doces quam profuudas. Meiguice e penetração, eis toda a mulher, eis todo o céu.

No meio desta completa felicidade, os olhos se lhes enchiam a cada instante de lagrimas. Um vermesinho pisado, uma penna cahida de um ninho, um ramo de qualquer arbusto quebrado, entristecia-os, e o seu extasi, travado de melancolia, parecia só buscar pretextos para chorar. O mais soberano symptoma do amor é um enternecimento que ás vezes se torna quasi insupportavel.

E, ao mesmo tempo, todas estas contradições são os relampagos do amor,—riam-se ledamente, e com uma liberdade encantadora, e tam familiarmente que ás vezes quasi pareciam dous rapazes. Entretanto, sem que o presintam os proprios corações embriagados de castidade, a natureza inolvidavel está sempre presente. Está presente, com o seu fim brutal e sublime; e, por maior que seja a innocencia das almas, reconhece-se, no colloquio o mais pudico, a adoravel e mysteriosa differença que separa um casal de amantes de um par de amigos.

Idolatravam-se.

O permanente e o immutavel subsistem. Amamo-nos, sorriino-nos, rimo-nos, fazemos brandos mômos com os labios um para o outro, entrelaçamo-nos os dedos das mãos, tractariamo-nos por tu, e isto não embaraça a eternidade. Dous amantes escondem-se no crepusculo, na noite, no invisivel, com os passarinhos, com as rosas, fascinam-se um ao outro no escuro com os seus corações, que poem nos olhos, murmuram, cochicham, e no entanto os astros que formigam no infinito gyram na immensidade das suas orbitas.

II

O ATORDOAMENTO DA FELICIDADE COMPLETA.

Elles existiam vagamente, oberados de ventura. Nem reparavam na cholera, que justamente naquelle mez dizimava Pariz. Tinham-se feito mutuamente todas as revelações que haviam podido, mas taes revelações não tinham ido muito alem dos seus nomes. Mario dissera a Cosetta que era orphão, que se chamava Mario Pontmercy, que era advogado, que vivia do que escrevia para certos livreiros, que seu pae fôra coronel, um heróe, e que elle Mario estava mal com o avô, que era rico. Fallára-lhe tambem por alto no seu titulo de barão; mas isto nenhum effeito produzira em Cosetta. Mario barão? ella não o entendêra. Não sabia o que significava semelhante palavra. Mario era Mario. Por seu turno, contára-lhe ella que fôra educada no convento do Petit-Picpus, que tambem perdêra sua mãe, que seu pae se chamava Cortavento, que era extremamente bom, que dava muitas esmolas aos pobres, mas que elle proprio era pobre, e se privava de tudo não a privando de nada.

Cousa estranha! na especie de symphonia em que

Mario vivia depois que via Cosetta, o passado, até mesmo o mais recente, tornára-se por tal modo confuso e remoto para elle que o que Cosetta lhe communicou o satisfizes completamente. Nem sequer lhe lembrou tocar na aventura nocturna do pardieiro, nos Thénardiens, na queimadura, e na estranha attitude e na singular fugida de seu pae della. Mario esquecêra momentaneamente tudo isto; até mesmo não sabia de tarde o que havia feito de manhã, nem onde jantára, nem quem lhe fallára; os cantos que lhe soavam aos ouvidos tornavam-se surdo para tudo o mais; só existia nas horas em que via Cosetta. Então, como estava no céu, era muito natural que esquecesse a terra. Ambos supportavam languidamente o peso inexplicavel das volupias immateriaes. Assim vivem esses somnambulos a que chamamos amantes.

Ah ! quem não tem experimentado tudo isto ? porque ha de chegar um momento em que somos arrancados deste encantamento, e porque depois ha de continuar a vida ?

Amar quasi substitue a faculdade de pensar. O amor é um ardente olvido de tudo o mais. Em vão tentareis pois descobrir logica na paixão. Nenhuma concatenação logica absoluta no coração humano, assim como nenhuma figura geometrica perfeita na mechanica celeste. Para Cosetta e Mario já não existiam senão Mario e Cosetta. O universo em torno delles sumira-se em um abysmo. Viviam ambos em um minuto de ouro. Nada viam adeante, nada atrás. Mario quasi se não lembrava de que Cosetta tinha pae. Havia no seu cerebro o apagamento da offuscação. De que fallavam estes amantes ? O leitor já o viu, das flores, das andorinhas, do sol no poente, do nascer da lua, de todas as cousas importantes. Tinham-se dito tudo, mas ficara-lhes tudo por dizer. O tudo dos namorados é o nada. Mas o pae, as realidades, essa possilga, esses malfeitos, essa aventura, que lhes importavam ? e por ventura seria certo que semelhante pezadello houvesse existido ? Estavam ao lado um do outro, adoravam-se, não havia mais do que isto. Tudo o mais não existia. E provavel que este desapparecimento do inferno atrás de nós seja inherente á chegada ao paraíso. Teriamos comefeito visto demonios ? existiriam demonios na actualidade ? será

possivel que tivéssemos tremido? dar-se-ha caso que houvessemos soffrido? Já não nos lembramos de nada disto. Uma nuvem auri-purpurea paira lá em cima.

Portanto, estes dous entes viviam assim, mui alto, com toda a inverosimilhança que existe na natureza; nem no nadir, nem no zenith, entre o homem e o Seraphim, acima do lôdo, abaixo do ether, nas nuvens, apenas carne e osso, alma e extasi desde a cabeça até aos pés; já demasiadamente sublinados para andarem na terra, ainda sobremaneira carregados de humanidade para se alarem ao céu, suspensos como atomos enquanto se não dá a attracção; na apparencia fóra do destino; ignorando a trilha—hontem, hoje, amanha; maravilhados, arroubados, vacillantes; em certos momentos tam leves que poderiam transportar-se ao infinito; quasi prestes ao vôo eterno.

Dormiam acordados neste enlevo. O lethargo esplendido do real carregado de ideal!

Às vezes, apesar de Cosetta ser tam bella, Mario fechava os olhos deante della. Fechar os olhos é a melhor maneira de contemplar a alma.

Mario e Cosetta não buscavam saber onde iriam parar assim. Consideravam-se como chegados. É uma estranha pretensão dos homens querer que o amor conduza a alguma parte.

III

PRINCIPIO DE SOMBRA.

João Valjean não desconfiava de nada.

Cosetta, um pouco menos abstracta do que Mario, mostrava-se alegre, e era quanto bastava para que João Valjean se sentisse satisfeito. Os pensamentos que Cosetta tinha, suas ternas preocupações, a imagem de Mario que lhe enchia a alma, em nada alteravam a pureza incomparavel da sua formosa fronte, casta e risonha. Estava na idade em que a virgem tem o seu amor como o anjo o seu lyrio. João Valjean estava pois tranquillo. E demais, quando dous amantes se entendem, tudo corre ás mil maravilhas, e quem quer que pudesse perturbar o seu amor é mantido em perfeita cegueira por um limitado numero de precauçõeszinhas, sempre as mesmas para todos os namorados. Assim tinha Cosetta muito cuidado de não contrariar João Valjean. Queria elle passear? pois sim, meu paezinho. Queria ficar em casa? tanto melhor! Queria passar a noite em companhia de Cosetta? ella mostrava-se contentissima. Como nestas occasiões João Valjean só se retirava depois das dez horas, Mario não entrava no jar-

dim senão quando da rua ouvia Cosetta abrir a porta envidraçada do poial. É escusado dizer que de dia nunca se encontrava Mario. João Valjean quasi que já se não lembrava d'elle. Uma vez, porem, era de manhã, aconteceu-lhe dizer a Cosetta: « Olha, estás com as costas sujas de gesso. » Na vespera de noite Mario, em um transporte, havia apertado Cosetta de encontro á parede.

A velha Toussaint, que se deitava cedo, só tratava de dormir depois de feito o seu serviço, e ignorava tudo como João Valjean.

Mario nunca entrava em casa. Quando estava com Cosetta escondiam-se ambos em um vão junto do poial, para não serem vistos nem ouvidos da rua, e ali se sentavam, contentando-se muitas vezes, por unica conversação, com apertarem-se as mãos vinte vezes por minuto olhando para os ramos das arvores. Naquelles instantes se um raio cahisse a trinta passos de distancia nem um nem outro reparariam em tal, tam profundamente se absorvia e confundia o scismar de um no scismar do outro.

Purezas limpidas. Horas candidas; quasi todas semelhantes. Este genero de amores é uma collecção de folhas de lyrio e de pennas de pomba.

Toda a extensão do jardim os separava da rua. Sempre que Mario entrava ou sahia endireitava o varão da grade de modo que se lhe não notasse a menor desordem.

Sahia habitualmente á meia noite, e voltava para casa de Courfeyrac. Courfeyrac dizia a Bahorel:

—Acreditarás que Mario se recolhe agora á uma hora da madrugada?

Bahorel respondeu:

—Que queres? ha em todo o seminarista uma certa dóse de azougue.

Occasiões havia em que Courfeyrac crusava os braços, tomava um ar serio, e dizia para Mario:

—Você está se perdendo, moço!

Courfeyrac, homem pratico, não achava bom o reflexo de paraíso invisivel que havia em Mario; estava pouco habituado ás paixões ineditas; impacientava-se com aquillo, e de vez em quando intimava Mario a volver á realidade. Uma manhã fez-lhe esta admoestação:

—Meu caro, neste momento pareces a mais não poder um incola da lua, natural do reino do sonho, pro-

vincia da illusão, capital bolha de sabão. Ora vamos, sê bom rapaz ! como se chama ella ?

Mas nada podia *fazer fallar* Mario. Ter-lhe-hiam mais facilmente arrancado as unhas do que uma só das tres syllabas sagradas de que se compunha este nome ineffavel,—*Cosetta*. O verdadeiro amor é luminoso como a aurora e silencioso como o tumulto. Courfeyrac, porem, notava que uma mudança se operára em Mario; tinha elle uma taciturnidade radiante.

Durante aquelle doce mez de maio Mario e Cosetta fruíram estas immensas ditas :

Arrufarem-se e deixarem de tratar-se por tu, unicamente para o fazerem depois com maior ternura :

Conversarem tempo esquecido, e entrando em todas as minudencias a respeito de pessoas com quem não tinham a menor relação, o que é mais uma prova de que na deliciosa opera a que chamamos amor, o *libretto* é objecto sobremodo secundario ;

Para Mario, ouvir Cosetta discorrer a respeito de modas ;

Para Cosetta, ouvir Mario discorrer sobre assumptos politicos ;

Ouvirem, com o joelho unido ao joelho do outro, o rodar dos carros na rua de Babylonia ;

Considerarem o mesmo planeta no espaço ou o mesmo verme luzente na relva ;

Calarem-se ambos; delicia ainda maior do que a de conversar ;

Etc., etc.

Entretanto approximavam-se diversas complicações.

Uma tarde dirigia-se Mario para a rua Plumet pelo *boulevard* dos Invalidos; elle caminhava de ordinario com a fronte inclinada; ao entrar na rua Plumet ouviu alguem dizer junto d'elle:

—Boa tarde, senhor Mario.

Levantou a cabeça e reconheceu Eponina.

Isto produziu-lhe um effeito singular. Não pensára uma unica vez naquella rapariga desde o dia em que ella o conduzira a rua Plumet, não tornára a vê-la desde então, e Eponina sabira-lhe completamente da memoria. Não tinha senão motivos para ser-lhe reconhecido, devia-lhe a sua ventura presente, e não obstante aquelle encontro o contrariava.

É um erro crer que a paixão, quando feliz e pura, conduza o homem a um estado de perfeição; condu'-l'o simplesmente, como já mostrámos, a um estado de esquecimento. Nesta situação, o homem esquece-se de ser máu, mas também esquece-se de ser bom. O reconhecimento, o dever, as recordações essenciaes e importunas, desvanecem-se. Em qualquer outra circumstancia muito diverso houvera sido o procedimento de Mario para com Eponina. Absorvido por Cosetta, nem sequer se lembrava de que aquella rapariga se chamava Eponina Thénardier, e tinha um nome que estava escripto no testamento de seu pae, nome pelo qual alguns mezes antes se houvera sacrificado com o maior enthusiasmo. Nós mostramos Mario tal qual elle era. Seu proprio pae era um tanto eclipsado pela esplendida luz do amor que lhe enchia a alma.

Respondeu com algum acanhamento:

—Ah! é você, Eponina?

—Porque não me trata mais por tu? Fiz-lhe alguma cousa?

—Não, respondeu elle.

De certo, nenhuma queixa tinha contra ella. Pelo contrario. Todavia, parecia-lhe impossivel, agora que tractava por tu Cosetta, dar a Eponina o mesmo tractamento de familiaridade que á sua amada.

Como elle se calava, ella exclamou:

—Diga-me...

E calou-se. Era como se faltassem as palavras áquella creatura, outr'ora tam descuidosa e desembaraçada. Fez um esforço para sorrir-se, e não pôde. Levantou de novo a voz:

—Então?...

Tornou a calar-se e ficou de olhos fitos no chão.

—Boa noite, senhor Mario, disse de repente com arrebatamento, e afastou-se.

IV

CAB RODA EM INGLEZ E LADRA NA GIRIA.

No dia seguinte, era o 3 de junho, o 3 de junho de 1832, data que convem indicar por amor dos graves acontecimentos que naquella época estavam imminentes no horizonte de Pariz como nuvens carregadas de electricidade, Mario seguia ao cahir da noite o mesmo caminho que na vespera com os mesmos pensamentos a enlevarem-lhe o coração, quando avistou, entre as arvores do *boulevard*, Eponina que se dirigia para elle. Dous dias seguidos, era de mais. Afastou-se rapidamente, deixou o *boulevard*, mudou de caminho, e seguiu para a rua Plumet pela rua Monsieur.

Isto fez com que Eponina o seguisse até a rua Plumet, cousa que ainda não havia ousado. Contentára-se até então com vê-lo passar pelo *boulevard*, evitando mesmo o seu encontro. Só na vespera buscára travar conversa com elle.

Eponina seguiu-o pois, sem ser presentida. Viu-o afastar o varão da grade, e entrar no jardim.

—E esta! disse ella, pois já entra na casa!

Endireitou para a grade, apalpou-lhe todos os varões, e facilmente descobriu o que Mario havia afastado.

Murmurou baixinho com voz lugubre :

— Isto não está bom !

Sentou-se no vão da grade, junto do varão, como para servir-lhe de sentinella. Era justamente o ponto em que a grade tocava o muro contiguo. Havia alli um angulo escuro onde Eponina desaparecia inteiramente.

Ficou assim mais de uma hora immovel e silenciosa, ruminando as suas idéas.

Pelas dez horas da noite, um dos dous ou tres viandantes da rua Plumet, velho burguez que passava apressadamente por aquelle lugar deserto e de sinistra reputação, tendo costeado a grade do jardim e chegado ao angulo que ella fazia com o muro, ouviu uma voz surda e ameaçadora que dizia :

— Ah! está porque eu o via passar todas as noites !

O viandante volveu os olhos em torno de si, não viu ninguém, não ousou olhar para aquelle canto escuro, e sentiu-se transido de medo. Dobrou o passo.

E bem fez elle, porquanto dahi a mui poucos instantes seis homens que caminhavam separados e a alguma distancia uns dos outros, ao longo das paredes, e pareciam uma patrulha de agentes de policia, entraram na rua Plumet.

O primeiro que chegou á grade do jardim parou, e esperou os outros ; alguns segundos depois achavam-se todos seis reunidos.

Entraram a fallar em voz baixa.

— É aqui (*icicaille*), disse um delles.

— Haverá algum *cab* (cão) no jardim ? perguntou o outro.

— Não sei. Mas por causa das duvidas trouxe uma bola para mascar (*morfiler*).

— Trouxeste bitume para quebrarmos (*frongir*) a vidraça ? (1)

— Trouxe.

— A grade é velha, disse o quinto homem, que tinha a voz de ventriloquo.

— Tanto melhor, disse o que fallára em segundo lugar. Não rangerá (*criblera*) quando lhe mettermos a lima (*bastingue*), e será mais facil de cortar.

(1) Quebrar uma vidraça por meio de um emplastro de bitume, que, applicado ao vidro, retém os fragmentos e impede a bulha.

O sexto, que ainda não havia dito palavra, pôz-se a examinar a grade como o fizera Eponina uma hora antes, pegando successivamente em cada um dos varões e abalando-os com precaução. Chegou assim ao que Mario desprendêra. Quando ia pegar nesse varão, uma mão sabindo de repente do escuro travou-lhe do braço, sentiu-se vivamente empurrado pelo meio do peito, e uma voz rouca disse-lhe sem gritar :

—Ha um *cab* no jardim.

Ao mesmo tempo viu uma rapariga pallida em pé deante de si.

O homem sentiu esse abalo que sempre causa uma apparição inesperada. Estremeceu com hediondo terror; nada é tam formidavel como as fêras inquietas; o seu ar espavorido é pavoroso. Recuou e balbuciou :

—Quem é esta marota ?

—Sou eu, sua filha.

Era comeffeito Eponina que fallava a Thénardier.

A apparição de Eponina, os outros cinco, isto é, Claquesous, Gueulemer, Babet, Montparnasse e Brujon se tinham approximado sem bulha, sem precipitação, sem dizer palavra, com a lentidão sinistra propria desses homens da noite.

Traziam na mão uns hediondos instrumentos. Gueulemer tinha uma dessas pinças curvas a que os gatunos chamam *fanchons*.

—Ora vamos, o que fazes tu aqui ? o que queres com-nosco ? exclamou Thénardier tanto quanto é possivel exclamar fallando em voz baixa. Dar-se-ha caso que queiras impedir-nos de trabalhar ?

Eponina entrou a rir e deitou-lhe os braços ao pescoço :

—Estou aqui, meu paezinho, porque me deu na veneta aqui estar. Então já a gente não pode sentar-se nas pedras ? Vm. é que não deveria estar aqui. O que vem fazer depois de eu ter dito que é um biscouto ? Eu o disse á Magnon. Nada ha que fazer aqui. Mas abraçe-me, meu querido paezinho ! Ha que tempos que o não vejo ! Então vm. pirou-se ?

Thénardier fez um esforço para desenvencilhar-se dos braços de Eponina e resmoneou :

—Está bem. Já me abraçaste. Sim, pirei-me. Safei-me da gaiola. Agora, retira-te.

Mas Eponina não o largava e redobrava de caricias.

—Meu paezinho, como foi que vm. fez? Parece-me que só com muita habilidade poderia pirar-se do chilindró. Conte-me como foi! E minha mãe? onde está minha mãe? Dê-me noticias de mamãe.

Thénardier respondeu:

—Ella passa bem... não sei... Deixa-me... Já te disse que te retirasses.

—Não quero, tornou Eponina com meiguice de creança mal educada; vm. enxota-me depois de eu ter passado seis mezes sem vê-lo e quando mal tive tempo de abraça-lo?

E tornou a deitar os braços ao pescoço do pae.

—Passa fóra! isto vae-se tornando massante, disse Babet.

—Vamos! acrescentou Gueulemer, os filantes podem passar.

A voz de ventriloquo recitou este distico:

*Nous n'sommes pas le jour de l'an,
A bécoter papa, maman. (1)*

Eponina voltou-se para os cinco malfeteiros.

—Ah! é o snr. Brujon!—Boa noite, snr. Babet.—Boa noite, snr. Claquesous.—Não me conhece, snr. Gueulemer?—Como estás, Montparnasse?

—Ora, se te conhecem! disse Thénardier. Pois bem, boa noite, adeus, afasta-te! Deixa-nos em paz.

—É a hora das rapozas e não das gallinhas, acrescentou Montparnasse.

—Já vês que aqui ha melgueira, disse Babet.

Eponina agarrou na mão de Montparnasse.

—Cuidado! disse elle, não te vás cortar, estou com uma faca afiada.

—Meu Montparnassezinho, respondeu Eponina com a maior meiguice, é máu desconfiar assum da gente. Creio que herdei a habilidade de meu pae. Sr. Babet, senr. Gueulemer, eu é que fui encarregada de sondar o negocio.

Note-se que Eponina não fallava giria. Depois que conhecia Mario, tornára-se-lhe impossivel servir-se de tal lingua.

(1) Não estamos no dia de anno bom,—a beijocar papae, mamãe.

Apertou na sua mãozinha descarnada como a de um esqueleto os grossos dedos rudes de Gueulemer, e continuou:

—O senhor bem sabe que eu não sou tola. De ordinario acreditam no que eu digo. Muitas vezes lhes tenho dado bons avisos. Pois bem, eu tirei informações; não se arrisquem inutilmente. Nada ha que fazer aqui, eu lh'o juro.

—Ha duas mulheres sozinhas, disse Gueulemer.

—Não. Já se mudaram.

—Mas então as velas ficaram, tornou Babet.

E mostrou a Eponina, por entre a copa das arvores, uma luz que se movia no mirante do torreão. Era Toussaint que ficára acordada até aquella hora para pôr algumas peças de roupa a enxugar.

Eponina tentou um ultimo esforço.

—Mas, disse ella, a gente que aqui móra é muito pobre, e na barraca não se achará nem um soldo.

—Vae-te com os diabos! bradou Thénardier. Depois que houvermos remexido toda a casa, desde a adega até o forro, te diremos o que ha dentro, se são francos, soldos, ou *liards*.

E empurrou-a para approximar-se da grade.

—Meu querido amigo, snr. Montparnasse, disse Eponina, eu lh'o rogo, o senhor, que é boa pessoa, não entre!

—Olha lá, não te cortes! replicou Montparnasse.

Thénardier proseguiu com o tom decisivo que lhe era habitual:

—Safa-te, rapariga, e deixa os homens trabalhar!

Eponina largou a mão de Montparnasse, e disse:

—Então querem entrar nesta casa?

—Um instantinho! respondeu o ventriloquo chaco-teando.

Ouvindo isto, encostou-se ella á grade, fez frente aos seis malfetores armados e aos quaes a escuridão dava aspectos de demonios, e com voz firme e baixa tornou:

—Pois eu não quero que entrem.

Paráram estupefactos. O ventriloquo nem por isso interrompeu o riso. Ella continuou:

—Amigos! ouçam bem. Eu não disse a verdade. Agora attendam-me. Se vocês tocarem nesta grade, se entrarem no jardim, gritarei, baterei nas portas, acordarei a vi-

zinhança, chamarei a policia, e terei o gosto de vê-las todos seis presos.

—Ella é bem capaz, disse Thénardier baixinho para Brujon e o ventriloquo.

Eponina sacudiu a cabeça e accrescentou:

—Todos seis, começando por meu pae!

Thénardier approximou-se.

—Não te chegues tanto assim, meu velho! disse ella.

O malfetor recuou resmoneando: Mas o que terá ella? e accrescentou:

—Cadella!

A rapariga entrou a rir-se de um modo terrivel:

—Diga o que quizer, não hão de entrar. Não sou cadella, porque sou filha de lobo. Vocês são seis, que bem me importa? São homens. Pois eu cá sou mulher. Não me mettem medo, ouviram? Digo-lhes que não hão de entrar nesta casa, porque eu não quero. Se se chegarem, ladro. Fiquem sabendo, o *cab* sou eu. Não faço nenhum caso de vocês. Continuem o seu caminho, que já me estão aborrecendo! Vão para onde quizerem, mas aqui ninguém entra, porque eu o prohibo! Vocês a facadas, eu a chinelladas, não tenho medo, cheguem-se se são capazes!

Deu um passo para os malfetores, estava horrivel, entrou de novo a rir-se:

—É o que lhes digo! não tenho medo. Neste verão sentirei fome, no inverno sentirei frio. Como são ridiculos, como são brutos estes homens! suppõem que mettem medo a uma rapariga! Medo! de que? Ah! sim, pois não! Porque tem umas amantes piegas que se escondem debaixo da cama assim que elles dão o menor grito. Ora adeus! Eu cá não tenho medo de nada!

Fitou em Thénardier o seu olhar fixo, e disse:

—Nem mesmo de vm., meu pae!

Depois proseguiu encarando os seis malfetores com sanguinolentos olhos de espectro:

—Que me importa ser encontrada amanha no meio desta rua, morta a facadas por meu pae, ou que me achem daqui a um anno nas rédes de Saint-Cloud, ou na ilha dos Cysnes no meio das rolhas podres e dos cães afogados?

Viu-se forçada a interromper-se; atacou-a uma tos-

se secca, a respiração sahia-lhe com estertor do peito acanhado e debil.

Continuou:

—Basta-me só gritar, acudirá gente, e babão. Vocês são seis; eu sou toda a vizinhança.

Thénardier fez um movimento para ella.

—Não se chegue! bradou a rapariga.

O pae parou, e disse-lhe com brandura:

—Pois bem, não me chegarei; mas não falles tam alto. Então, minha filha, não queres deixar-nos trabalhar? Porém nós temos de ganhar a nossa vida. Já não queres bem a teu pae?

—Não me aborreça, disse Eponina.

—Não podemos passar sem pão...

—Arrebentem.

Dizendo isto, sentou-se [no vão da grade cantarelhando:

*Mon bras si dodu,
Ma jambe bien faite,
Et le temps perdu. (1)*

Tinha o cotovello em cima do joelho e o rosto encostado na mão, e balançava a perna com ar de indiferença. A saia rota deixava ver-lhe as claviculas descarnadas. O lampeão visinho allumiava-lhe o rosto e a attitude. Não poderia ver-se nada tam resoluto e estranho.

Os seis facinoras, confusos e contrariados por se verem impedidos por uma rapariga, foram para a sombra formada pelo pé do lampeão, e poseram-se a deliberar encolhendo os hombros humilhados e furiosos.

No entanto fitava-os ella com ar tranquillo e fero.

—A rapariga tem alguma cousa, disse Babet. É impossivel que não haja um motivo. Ter-se-hia apaixonado pelo *cab*? Buas mulheres, um velho que dorme no páteo, cortinas nas janellas... O gelo deve ser judeu. O negocio parece-me de mão cheia.

—Pois bem, entrem vocês, exclamou Montparnasse. Façam a colheita. Eu cá torno para mim a pequena, e ao menor movimento que ella tente para impedir-nos...

Fez reluzir á luz do lampeão a faca de mola que tinha aberta dentro da manga.

(1) Meu braço tam gordinho,—minha perna bem feita—e o tempo perdido.

Thénardier não dizia palavra e parecia prompto a fazer o que quizessem.

Brujon, que era um tanto oraculo, e fôra, como já sabe o leitor, quem *dera o negocio*, ainda não havia fallado. Parecia pensativo. Todos sabiam que não era elle homem que recuasse, e que até uma vez, por jactancia, despojara um posto de agentes de policia. Demais, fazia versos e canções, o que lhe dava uma grande autoridade.

Babet interrogou-o :

—Então nada dizes, Brujon?

Brujon ficou ainda alguns instantes silencioso, depois sacudiu a cabeça de diversos modos e levantou finalmente a voz :

—Aqui está o que eu digo : esta manhan vi dous pardaes a brigarem ; agora, esbarro-me com uma mulher decidida a espatifar-nos. Tudo isto é máu. Retiremo-nos.

Afastaram-se.

Ao retirar-se, Montparnasse murmurou :

—Não importa, se estivessem pelo que propuz, não se me daria de despacha-la.

Babet respondeu :

—Pois eu não. Não toco em uma dama.

No canto da rua pararam e travaram em voz surda este dialogo enigmatico :

—Onde iremos dormir esta noite ?

—Debaixo de *Pantin* (Pariz).

—Tens a chave da grade, Thénardier ?

—Está visto.

Eponina, que não tirava os olhos de cima delles, viu-os tomar o mesmo caminho por onde tinham vindo. Levantou-se e pôz-se a segui-los de longe, cosendo-se bem com as casas e os muros. Acompanhou-os assim até o *boulevard*. Alli separaram-se, e ella viu os seis facinoras desaparecerem na escuridão, como que desvanecendo-se.

COUSAS DA NOITE.

Depois da retirada dos malfeteiros, a rua Plumet re-assumiu o seu tranquillo aspecto nocturno.

O que acabava de passar-se naquella rua não houvera assombrado uma floresta. Os altos renques de arvores, as balsas, os tojos, os galhos rudemente entrelaçados, a basta herva, existem de uma maneira sombria; o formigar selvatico lobriga as subitas aparições do invisivel; alli o que está abaixo do homem distingue por entre a caligem o que está além do homem; e as cousas ignoradas de nós viventes alli se confrontam na noite. A natureza hirsuta e bravia assusta-se ao sentir approximar-se o que quer que seja em que suppõe reconhecer o sobrenatural.

As forças das trevas se conhecem, e teem entre si mysteriosos equilibrios. Os dentes e as garras temem o impalpavel. A bestialidade sanguisedenta, os vorazes appetites esfomeados em busca da presa, os instinctos armados de unhas e de colmilhos que teem por principio e por fim o ventre, fitam e farejam com inquietação o impassivel vulto espectral vagando envolto em um sudario e que lhes parece viver uma vida morta e terrivel. Esses brutos, que não são senão materia, temem confusamente ter de haver-se com a immensa obscuridade condensada em um ente desconhecido. Uma sombra negra tolhendo o passo á fera, fa-la estacar de subito. O que sahe do cemiterio intimida e perturba o que sahe do antro; o feroz tem medo do sinistro; os lobos recuam ao encontrarem-se com uma *goute*. ⁽¹⁾

(1) Especie de bruxa que abre as covas para cevar-se na carne dos defuntos.

VI

MARIO TORNA-SE REAL A PONTO DE DAR A COSEITA
O NUMERO DA SUA CASA.

Emquanto aquella especie de cadella com forma humana guardava a grade e os seis malfetores se retiravam vencidos por uma rapariga, Mario achava-se junto de Cosetta.

Nunca o céu estivera tam recamado de estrellas, nem mais formoso, os ramos das arvores mais tremulos, o odor das hervas mais penetrante: nunca os passarinhos haviam adormecido na folhagem pipitando mais doce-mente; nunca as harmonias da serenidade universal haviam tam perfeitamente correspondido á musica interna do amor; nunca Mario estivera mais contente, mais feliz, mais extasiado. Mas encontrára Cosetta triste. Cosetta tinha chorado. Estava com os olhos vermelhos.

Era a primeira nuvem naquelle admiravel sonho.

As primeiras palavras de Mario foram:

—O que tens?

E ella respondêra.

—Ouve.

Depois sentára-se no banco junto do poial, e em-

quanto elle todo tremulo, tomava lugar ao seu lado, Cosetta continuára:

—Meu pae disse-me esta manhan que me apromptasse, que elle tem certos negocios, e que talvez nos seja forçoso partir.

Mario sentiu um calafrio por todo o corpo.

Quando estamos no fim da vida, morrer quer dizer partir; quando estamos no principio, partir quer dizer morrer.

Havia seis semanas que Mario, pouco a pouco, lenta e gradualmente, tomava cada dia posse de Cosetta. Posseção toda idéal, mas profunda. Conforme já o explicámos, no primeiro amor, o que antes de tudo queremos ter é a alma; depois, com o volver dos annos, já não é a alma, senão ao corpo que damos a preferencia; as vezes nem mesmo queremos saber da alma; os Faublas e os Prudhommes accrescentam: *porque não ha alma*; mas ainda bem que o sarcasmo não passa de mera blasphemia. Mario pois possuia Cosetta como os espiritos possuem; envolvia-a com toda a sua alma e agarrava-se ciosamente a ella com incrível convicção.

Possuia o seu sorriso, o seu halito, o seu perfume, o vivo brilho dos seus olhos azues, a brandura da sua pelle que elle tocava com a mão, o mimoso signal que tinha no pescoço, todos os seus pensamentos. Tinham convencionado nunca adormecer sem pensar um no outro, e haviam cumprido a palavra. Mario possuia, pois, todos os sonhos de Cosetta. Olhava incessantemente e as vezes tocava com os labios os cabellinhos que ella tinha na nuca, e a si mesmo dizia que não havia um só desses cabellinhos que não fosse d'elle, Mario. Contemplava e adorava todas as cousas que compunham o seu trajo, o laço de fita, as luvas, os punhos de renda, as botinas, como objectos sagrados, cujos era elle dono. Considerava-se senhor das lindas travessas de tartaruga que lhe prendiam os cabellos, e tinha por certo, surdo e confuso balbuciar da volupia nascente, que não havia um cordão do seu vestido, uma malha das suas meias, uma prega do seu collete, que não fosse d'elle. Ao lado de Cosetta, julgava-se junto de um bem seu, junto de uma cousa sua, junto do seu despota e do seu escravo. Dissereis que haviam por tal forma confundido as suas almas, que, se quizessem separa-las, houvera-

lhes sido impossivel reconhecê-las.—Esta é a minha.—Não, é a minha.—Asseguro-te que te enganas. Sou eu mesmo.—Não, digo-te que sou eu.—Mario era o que quer que fosse que fazia parte de Cosetta, e Cosetta o que quer que fosse que fazia parte de Mario. Mario sentia Cosetta viver nelle. Ter Cosetta, possuir Cosetta, para elle era o mesmo que respirar. Foi no meio desta fê, desta embriaguez, desta possessão virginal, estranha e absoluta, desta soberania, que estas palavras: «Vamos partir» cahiram de repente, e que a voz severa da realidade lhe bradou: Cosetta não é tua!

Mario despertou. Havia seis semanas que Mario, como já dissemos, vivia fora da vida; esta palavra, partir! fê-lo volver a ella duramente.

Não pôde dizer palavra. Cosetta, porem, sentiu que a sua se tornara fria de gelo. Disse-lhe por sua vez:

—O que tens?

Respondeu tam baixo que Cosetta mal o podia ouvir:

—Não entendi o que disseste.

Ella proseguiu:

—Esta manhan meu pae disse-me que preparasse tudo e estivesse prompta, que me daria a sua roupa para pô-la em uma mala, que se via obrigado a fazer uma viagem, que iam os partir, que teria de ver uma mala grande para mim e outra pequena para elle, que eu preparasse tudo isto até a semana que vem, e que talvez fossemos para Inglaterra.

—Mas isto é horroroso! exclamou Mario.

E' certo que naquelle momento, no espirito de Mario, nenhum abuso do poder, nenhuma violencia, nenhum flagicio dos mais assombrosos tyrannos, nenhuma acção de Busiris, de Tiberio ou de Henrique VIII, equalava em ferocidade a esta: o senr. Cortavento levar sua filha para Inglaterra porque tinha negocios que tratar.

Perguntou com voz sumida:

—E quando *deverias* partir?

—Meu pae não disse.

—E quando *voltarias*?

—Tambem não disse quando.

Mario levantou-se e continuou friamente:

—E estás resolvida a ir, Cosetta?

Cosetta fitou-o com os seus bellos olhos cheios de angustia e respondeu como que atarantada:

—Aonde?

—À Inglaterra? ireis?

—Porque me tratas por vós?

—Pergunto se ireis?

—O que queres que eu faça? tornou ella pondo as mãos.

—Assim pois, ireis?

—Se meu pae vae? . . .

—Assim pois, ireis?

Cosetta travou da mão de Mario e apertou-a sem responder.

—Está bem, disse Mario. Ide, que eu sei para onde hei de ir.

Cosetta sentiu que não comprehendeu a significação destas palavras. Ficou tam pallida que o seu rosto se tornou alivo na escuridão. Balbuciou:

—O que queres dizer?

Mario encarou-a, depois levantou lentamente os olhos para o céu e respondeu:

—Nada.

Quando abaixou os olhos, viu Cosetta a sorrir-lhe. O sorriso da mulher que amamos tem uma claridade que o torna visível no meio do escuro.

—Tolos que somos! Mario, occorre-me uma lembrança.

—Qual é?

—Já que partimos, segue-nos! eu te direi onde deverás encontrar-nos!

Mario era agora um homem acordado. Recahira na realidade. Bradou para Cosetta:

—Partir comvosco! estás douda! Para isso é preciso dinheiro, e eu não o tenho! Ir á Inglaterra? Mas creio que já devo mais de dez luizes a Courfeyrac, um de meus amigos que tu não conheces! Tenho um chapêu velho que não vale tres francos, uma casaca sem botões no peito, a minha camisa está toda rôta, trago os cotovellos de fóra, a agua entra-me pelas solas das botas, ha seis semanas que não penso nisto, e eu não t'o disse, Cosetta! sou um miseravel. Tu só me vês de noite, e dás-me o teu amor; se me visses de dia, dar-me-hias um soldo. Ir á Inglaterra! Como! se nem tenho com que pagar o passaporte!

Arremeçou-se de encontro a uma arvore que lhe fica-

va proxima, com ambos os braços levantados acima da cabeça, a fronte encostada ao tronco, sem sentir o páu que lhe esfolava a pelle, nem a febre que lhe fazia bater as fontes, immovel, e prestes a cahir, como a estatua do Desespero.

Ficou assim por muito tempo. Em taes abysmos se poderia ficar uma eternidade. Emfim voltou-se. Ouvia atrás de si uma bulhazinha suffocada, doce e triste.

Era Cosetta que soluçava.

Chorava havia mais de duas horas ao lado de Mario que scismava.

Chegou-se para ella, cahiu de joelhos, e, abaixando-se lentamente, pegou-lhe na ponta do pé que sahia debaixo do vestido e beijou-o.

Ella, silenciosa, não lhe oppôz a menor resistencia. Ha momentos em que a mulher aceita, como uma deosa melancolica e resignada, a religião do amor.

—Não chores, disse elle.

E ella murmurou:

—Como não hei de chorar se eu vou partir, e tu não podes seguir-me!

Elle tornou:

—Amas-me?

Cosetta disse-lhe soluçando esta palavra do paraíso que nunca é tam doce como quando pronunciada por entre lagrimas:

—Adoro-te.

Elle proseguiu com um tom de voz que era uma inexprimivel caricia:

—Não chores. Dize, queres deixar de chorar por amor de mim?

—E tu amas-me? disse ella.

Mario travou-lhe da mão:

—Cosetta, eu nunca dei minha palavra de honra a ninguem, porque a minha palavra de honra mette-me medo. Sinto que meu pae está a meu lado. Pois bem, dou-te a minha palavra de honra a mais sagrada, que se partires, morrerrei.

Houve no tom com que elle pronunciou estas palavras uma melancolia tam solemne e tam tranquilla, que Cosetta estremeceu. Sentiu esse calafrio que experimentamos ante um facto patente e irrecusavel. Tam profundo foi o seu abalo, que cessou de chorar.

—Agora ouve, disse elle, não me esperes amanha.

—Porque?

—Só virei depois de amanha!

—Oh! porque?

—Então saberás.

—Um dia sem ver-te! mas isto é impossivel!

—Sacrifiquemos um dia para termos talvez toda a vida.

E Mario accrescentou em voz baixa e em aparte:

—É um homem aferrado aos seus habitos, não poderei fallar-lhe senão de noite.

—De que homem fallas tu? perguntou Cosetta.

—Eu? não disse nada.

—Então o que contas fazer?

—Espera-me até depois de amanha.

—Tu o queres?

—Quero, Cosetta.

Ella tomou-lhe a cabeça nas mãos, erguendo-se nas pontas dos pés para alcançar-lhe a altura, e buscando ler-lhe nos olhos a sua esperança.

Mario continuou:

—Agora me lembro, é bom que saibas onde moro, para o que possa acontecer... assisto em casa do meu amigo Courfeyrac, rua da Verrerie n.º 16.

Metteu a mão no bolso, sacou um canivete grande, e com a ponta da folha escreveu na parede:

Rua da Verrerie n. 16.

Entrementes Cosetta tornára a encara-lo fixamente.

—Dize-me qual é o teu pensamento. Mario, tu tens um pensamento? Dize-m'o. Oh! dize-m'o para que eu tenha uma boa noite!

—O meu pensamento, eis-o: é que é impossivel que Deus queira separar-nos. Espera-me até depois de amanha.

—O que hei de fazer até depois de amanha? disse Cosetta. Tu andas na rua, ora estás aqui, ora alli! Como são felizes os homens! Eu vou ficar sózinha! Oh! que tristeza não hei de sentir! O que farás então amanha, dize?

—Tentarei uma cousa.

—Pois bem, hei de rezar e pensar em ti para que sejas bem succedido. Não te farei mais perguntas, já que o não queres. Tu és meu senhor. Passarei a noite de

amanhan a cantar a musica de *Euryantho*, de que tanto gostas e que viestes uma vez escutar á minha janella. Mas depois de amanhan não te demores. Esperar-te-hei de noite, ás nove horas em ponto, desde já te aviso. Meu Deus! que pena que os dias sejam compridos! Ouves, ás nove horas em ponto estarei no jardim.

—E eu também.

E, sem que o sentissem, movidos pelo mesmo pensamento, arrastados por essas correntes magneticas que poem dous amantes em communicação continua, ambos embriagados de volupia até na sua dôr, cahiram nos braços um do outro, sem repararem que os seus labios se tinham unido, ao passo que os seus olhos levantados, transbordando de extasi e cheios de lagrimas, contemplavam as estrellas. Quando Mario sahio, a rua estava deserta. Era o momento em que Eponina seguia os malfetores até o *boulevard*.

Ao passo que Mario scismava com a cabeça encostada na arvore, occorrêra-lhe de subito uma idéa, uma idéa que elle proprio julgava insana e impossivel. Tomára uma resolução desesperada.

VII

O VELHO E O NOVO CORAÇÃO FRENTE Á FRENTE.

O pae Guillenormand tinha naquella época os seus noventa e um annos bem puxados. Continuava a morar com sua filha na rua das Filhas do Calvario n. 6, nessa casa velha que lhe pertencia. Guillenormand era, como estarão lembrados, um desses velhos antigos que esperam a morte mui tesos, a quem os annos pesam, mas não curvam, e que até mesmo os desgostos não logram abater.

Entretanto havia algum tempo que sua filha dizia: meu pae definha. Já não esbofeteava as creadas; já não batia tam fortemente com a bengala no patamal da escada quando Biscainho tardava a abrir-lhe a porta. A revolução de julho causara-lhe uma indignação que apenas durara seis mezes. Lêra quasi com tranquillidade no *Monitor* esta alliança de palavras: o snr. Humblot Conté, par de França. O facto é que o velho estava profundamente abatido. Não fraqueava, não se dava por vencido; era isto tam incompativel com a sua natureza physica como com a sua natureza moral; mas sentia-se interiormente desfallecer. Havia quatro annos que

esperava Mario a pé firme—esta expressão é a mais propria—com a convicção de que o marotinho, mais dia menos dia, viria bater-lhe á porta; agora, porem, em certas horas de tristeza, já chegava a dizer consigo mesmo que se Mario ainda levasse muito tempo ausente...

—Não era a morte o que lhe parecia insupportavel, senão a idéa de que talvez não tornasse a ver Mario. Não tornar a ver Mario fôra cousa que nunca lhe passara sequer pela mente até então; agora esta idéa começava a assomar-lhe ao espirito, e gelava-o. A ausencia, como sempre acontece nos sentimentos naturaes e verdadeiros, não fizera mais do que augmentar o seu amor de avô pelo rapaz ingrato que assim o abandonava. É nas noites de dezembro, quando o thermometro marca dez grãos de frio, que mais pensamos no sol. Guillenormand era ou julgava-se totalmente incapaz de, elle avô, dar um passo para seu neto:—Mais facil me seria arrebentar, dizia consigo mesmo. Não se reconhecia culpado de nenhum agravo; mas não pensava em Mario senão com um enternecimento profundo e com o mudo desespero de um pobre velho a quem escasseia a luz da vida.

Começavam a cahir-lhe os dentes, e isto augmentava-lhe a tristeza.

Guillenormand, bem que o não confessasse a si mesmo, porquanto tal confissão o houvera enfurecido e envergonhado, nunca amára nenhuma das suas amantes como amava a Mario.

Mandára collocar no seu quarto, defronte da cabeceira da cama, como para ser a primeira cousa que visse quando acordasse, um antigo retrato de sua filha mais nova, a que morrêra, a snr.^a Pontmercy, retrato feito quando ella tinha dezoito annos. Estava sempre a olhar para aquelle retrato. Um dia, contemplando-o, chegou a dizer:

—Acho-o muito parecido.

—Com minha irman? tornou a filha. É verdade.

O velho accrescentou:

—E tambem com elle.

Uma vez, estando o ancião sentado, com os joelhos encostados um no outro e os olhos quasi fechados, em uma attitude de desfallecimento, a filha abalançou-se a dizer-lhe:

—Meu pae, vm. ainda está mal? . . .

E calou-se, não ousando concluir a sua phrase.

—Com quem? perguntou elle.

—Com esse pobre Mario?

Guillenormand levantou a cabeça, pôz o punho magro e enrugado em cima da mesa, e bradou com a sua voz mais desabrida e vibrante:

—Pobre Mario, dizes tu! Esse senhor é um biltre, um patife chapado, um vaidosozinho ingrato, sem coração, sem alma, um soberbo, um máu homem!

E voltou o rosto para que a filha não visse as lagrimas que lhe saltaram dos olhos.

Dahi a tres dias, quebrou um silencio que durava havia quatro horas, dizendo repentinamente para a filha:

—Eu tinha tido a honra de rogar a M^{lle} Guillenormand que nunca me dissesse palavra a *seu* respeito.

A tia Guillenormand renunciou a tda e qualquer tentativa e tirou este diagnostico:—Meu pae perdeu grande parte do amor que tinha a minha irman depois da sua cabeçada. É claro que detesta a Mario.

Depois da sua cabeçada—significava: depois que ella casou com o coronel.

Demais, como o leitor já terá conjecturado, a Guillenormand naufragára na tentativa de substituir a Mario o seu mimoso, o official de lanceiros. O substituto Theodulo fôra mal succedido. Guillenormand não aceitára o *qui pro quo*. O vacuo do coração não se contenta com estas substituições. Theodulo, por seu turno, bem que farejasse a herança, achava repugnante a tarefa de agradar. O velho aborrecia o lanceiro, e o lanceiro contrariava o velho. O tenente Theodulo era na verdade jovial, mas tagarella; frivolo, mas vulgar; patusco, mas de más companhias; tinha amantes, é certo, e fallava muito nellas, tambem é verdade; mas não fallava bem. Todos os seus dotes tinham um defeito. Guillenormand já estava enfastiado de ouvi-lo cantar as numerosas *conquistas* que fizera nas visinhanças do seu quartel, na rua de Babylonia. Alem disso, o tenente Theodulo apresentava-se ás vezes fardado, com o tope tricolor. Era quanto bastava para torna-lo de todo o ponto impossivel. O velho Guillenormand dissera finalmente á sua filha:—O tal Theodulo já me aborrece. Não sou muito amigo de militares em tempo de paz. Recebe-o tu se queres.

Parece-me que os arrastadores de espada ainda me aborrecem mais do que os acutiladores. O tinir das folhas no meio da batalha é, na verdade, menos miseravel do que a bulha das bainhas na calçada. E demais, tomar ares de mata mouros e mostrar uma cinturinha de delambida, trazer um espartilho por baixo da couraça, é ser duas vezes ridiculo. Todo o verdadeiro homem conserva-se a egual distancia da fanfarronice e da affectação. Nem Ferrabraz, nem Adonis. Guarda o teu Theodulo para ti.

Em balde lhe dizia a filha:—Mas elle é seu sobrinho;—o que é certo é que Guillenormand, o mais extremoso dos avós, nenhuma propensão tinha para tio.

Na realidade, como elle era perspicaz e comparava, Theodulo não servira senão para avivar-lhe a saudade de Mario.

Uma noite, era a 4 de julho, o que não obstava que Guillenormand tivesse um fogo bem vivo no seu fogão, despedira a filha que cosia no aposento contiguo. Estava só no seu quarto todo pintado de scenas pastoris, com os pés pousados nos cães do fogão, resguardado pelo seu vasto biombo de Coromandel de nove dobras, com os cotovellos em cima da mesa, onde ardiam duas velas debaixo de uma bandeira verde, mergulhado na sua poltrona de tapeçaria, com um livro na mão, mas sem lê-lo. Estava vestido á sua moda, como um *incrimel*, e parecia um antigo retrato de Garat. Este traje o houvera exposto a ser seguido pelos garotos nas ruas, mas a filha, quando elle sahia, cobria-o sempre com uma ampla capa acolchoada, que lhe escondia o fato. Em casa, excepto ao levantar-se, e ao deitar-se, nunca vestia chambre.—*Isto dá á gente um ar de velho*, dizia elle.

Guillenormand pensava em Mario amorosa e amargamente, e, como de ordinario, o amargor dominava. Sua ternura azedada acabava sempre por ferver e mudar-se em indignação. Havia elle chegado a esse ponto em que tractamos de tomar uma resolução e de submetter-nos ao que nos attribula. Estava prestes a reconhecer que já não havia razão para Mario voltar, que se tivesse do voltar, já desde muito o houvera feito, que cumpria renunciar a essa esperança. Buscava affazer-se á idéa de que tudo estava acabado, e de que morreria sem tornar

a ver *esse senhor*. Mas toda a sua natureza se revoltava; a sua velha paternidade não podia consentir em tal. —Como! dizia (era o seu estribilho lastimoso), pois elle não ha de voltar!—Sua cabeça calva pendera-lhe para o peito, e fitava vagamente nas cinzas do fogão um olhar angustiado e iracundo.

Quando mais entranhado se achava neste scismar, o seu velho creado, Biscainho, entrou e perguntou:

—Meu amo póde receber o snr. Mario?

O velho retesou-se na poltrona, livido e qual cadaver que se levanta com um choque galvanico. Todo o sangue lhe refluira ao coração. Balbuciou:

—Que snr. Mario?

—Não sei, respondeu Biscainho intimidado e confuso com o ar do amo, não o vi. Foi Nicoletta que me veio dizer: Ahi está um moço, diga que é o snr. Mario.

O velho Guillenormand tornou com voz sumida:

—Manda-o entrar.

E ficou na mesma attitude com a cabeça a tremer-lhe, fitos os olhos na porta. Abriu-se esta. Um moço appareceu. Era Mario.

Parou no limiar como que esperando que o convidassem a entrar.

O seu trajo quasi miseravel não apparecia na penumbra que formava a bandeira das velas. Distinguia-se-lhe sómente o rosto calmo e grave, mas estranhamente triste.

O velho Guillenormand, como que atordoado de surpresa e de alegria, ficou alguns instantes sem ver outra cousa mais do que uma claridade como quando temos deante de nós uma apparição. Sentia-se prestes a desfallecer; distinguia Mario por entre um deslumbramento. Era elle, era comeffeito Mario.

Alfim! ao cabo de quatro annos! viu-o por assim dizer, com um só volver de ólhos. Achou-o formoso, nobre, cheio de distincção, crescido, homem feito, com uns ademanos decentes, com um ar attractivo. Teve vontade de estender os braços, de chama-lo, de precipitar-se, inundaram-se-lhe de jubilo as entranhas, palavras as mais affectuosas lhe transbordavam do coração e acudiam-lhe ás fauces em borbotões; emfim, toda esta ternura se manifestou e chegou-lhe aos labios, e, pelo contraste que constituia o seu character, sahiu transmutada em desabrimento. Disse arrebatadamente:

—O que vem fazer aqui?

Mario respondeu confuso:

—Senhor. . . .

Guillenormand desejára que Mario se lhe lançasse nos braços. Ficou descontente do mancebo e de si mesmo. Reconheceu que era rispido e que Mario era frio. O bom do velho soffria uma insupportavel e exasperadora anci-idade por sentir-se tam terno e lacrimoso no interior e não poder mostrar no exterior senão dureza. Voltou-lhe o desabrimento. Interrompeu Mario em tom de enfado.

—Então para que veio cá?

Este *então* significava: *Se não vem abraçar-me*. Mario olhou para seu avô, cujo semblante, de pallido, parecia marmoreo.

—Senhor. . . .

O velho proseguiu com voz severa:

—Vem me pedir perdão? reconheceu as suas culpas?

Suppunha que desta fórma encaminharia Mario e que o *pequeno* ia dobrar-se. Mario estremeceu; o que se lhe pedia era a renuncia de seu pae; abaixou os olhos e respondeu:

—Não senhor.

—Então, bradou arrebatadamente o velho com uma dôr pungente e cheia de colera, o que quer de mim?

Mario pôz as mãos, deu um passo e disse com voz fraca e tremula:

—Senhor, compadeça-se de mim.

Estas palavras abalaram Guillenormand; pronunciadas logo no principio, o houveram commovido, mas agora era tarde. O ancião ergueu-se; arrimava-se á bengala com ambas as mãos, tinha os labios descorados, tremia-lhe a cabeça, mas a sua alta estatura dominava Mario inclinado.

—Que me compadeça do senhor! E' o adolescente que implora compaixão ao velho de noventa e um annos! Você entra na vida, e eu saíu della; vae ao espectaculo, aos bailes, aos botequins, aos bilhares, tem espirito, agrada às mulheres, é um lindo rapaz, e eu no pino do verão tiritito conchegado ao fogo; você tem todas as verdadeiras riquezas deste mundo, e eu toda a pobreza da velhice; a enfermidade, o isolamento! Tem os seus trinta e dous dentes, um bom estomago, olhos vivos, appetite, saude, alegria, cingem-lhe a cabeça bastas madeixas de

cabellos pretos, e eu nem sequer ainda conservo os cabellos brancos; perdi os meus dentes, perco as minhas pernas, perco a memoria, ha tres nomes de ruas que confundo continuamente, a rua Charlot, a rua do Chau-me e a Saint Claude, eis a que ponto estou reduzido; você tem deante de si o futuro cheio de luz, e eu começo a acha-lo escuro, tam proximo já me acho das trevas; está apaixonado, isso é bem de ver, eu não sou amado de ninguem neste mundo, e vem cá implorar-me compaixão! Bofé! Molière não se lembrou disto. Se é assim que vv. ss. gracejam no fóro, senhores advogados, aceitem o meu muito sincero cumprimento. São divertidos.

E o octogenario proseguiu com voz colerica e grave:

—Vamos! o que quer comigo?

—Senhor, disse Mario, já vejo que a minha presença o incommoda, mas eu vim unicamente pedir-lhe uma cousa, e depois me retirarei sem demora.

—Você é um toleirão! tornou o ancião. Quem é que lhe diz que se retire?

Isto era a traducção destas palavras meigas que elle tinha no coração: *Anda, pede-me perdão! Lança-te nos meus braços!* Guillenormand via que Mario dentro em alguns instantes o deixaria, que o seu máu acolhimento desacoroçoava, que a sua rispidez repellia; reconhecia tudo isto, e por tal motivo redobrava-se-lhe a afflicção; e como a sua afflicção se mudava immediatamente em colera, e a sua rispidez assim augmentava. Desejára que Mario o comprehendesse, e Mario não comprehendia, o velho tornava-se furioso. Continuou:

—Como! você faltou-me ao respeito, a mim, a seu avô, deixou a minha casa para ir não sei para onde, affligiu sua tia, foi viver, isto não padece duvida, a vida commoda de rapaz solteiro, peralteando, recolhendo-se a hora que bem lhe parecia, divertindo-se, nunca me deu signal de vida, contrahiu dividas sem ao menos avisar-me para que eu as pagasse, fez-se quebrador de vidraças e pimpão, e, ao cabo de quatro annos, vem á minha casa, e não acha outras palavras para dizer-me se não estas!

Este modo violento de despertar o affecto do neto não fez mais do que tornar Mario silencioso. Guillenormand crusou os braços, gesto que nelle era particularmente imperioso, e apostrophou Mario com amargura:

—Acabemos com isto. Você disse que vem pedir-me uma cousa? Pois bem! falle! o que é?

—Senhor, disse Mario com olhar de um homem que vê que vae cahir em um abysmo, venho pedir licença para me casar.

Guillenormand tocou a campainha. Biscainho entreabriu a porta.

—Vae chamar minha filha.

Dahi a um instante, a porta tornou a abrir-se, a filha não entrou, mas appareceu; Mario estava em pé, mudo, com os braços cahidos, em attitude de réo; Guillenormand passeava de um para outro lado no quarto. Voltou-se para a filha e disse:

—Não é nada. Aqui está o senr. Mario. Comprimenta-o. S. s. quer casar-se. Nada mais, nada menos. Retira-te.

O som de voz rispido e rouco do velho annunciava uma estranha accumulção de ira. A tia olhou para Mario com ar assustado, como se tivesse difficuldade em reconhecê-lo, não deixou escapar o menor gesto nem uma unica syllaba, e desapareceu á voz de seu pae qual palhinha arrebatada pelo tufão.

Entretanto Guillenormand viera de novo encostar-se á chaminé.

—Casar-se! aos vinte e um annos! Vm. engenhou bem o seu plano! Só lhe falta obter uma licença! uma formalidade. Sente-se, senhor. Ora pois, vmc. teve uma revolução desde que não tenho a honra de vê-lo. Os jacobinos triumpharam. Grande deve ser a sua satisfação. Vm. não é republicano depois que se tornou barão? Os senhores teem geito para conciliar estas cousas. A republica faz um molho a *baronia*. Aposto que é um dos condecorados de julho? que tambem teve sua partezinha na tomada do Louvre? Aqui pertinho, na rua de Sancto Antonio, defronte da de Nonaindières ha uma bala de artilharia cravada na parede do terceiro andar de uma casa com esta inscripção: 28 de julho de 1830. Vá vêr. Isto é edificante. Ah! os seus amigos fazem bem lindas cousas! E verdade, não andam construindo uma fonte no lugar do monumento do senr. duque de Berry? Então vm. quer se casar? com quem? será indiscripção perguntar-lhe com quem?

Interrompeu-se, e, antes que Mario tivesse tido

tempo de responder, accrescentou com arrebatamento :

—Diga-me, o senhor tem algum emprego? uma fortuna feita? quanto lhe rende o seu officio de advogado?

—Nada, respondeu Mario com uma especie de firmeza e de resolução quasi irada.

—Nada! então vive unicamente das mil e duzentas libras que lhe dou?

Mario não respondeu. Guillenormand continuou :

—Ah! já sei, a moça é rica?

—Como eu.

—E esta! pois não traz dote?

—Não.

—Nem ao menos esperanças?

—Não o creio.

—Com uma mão atras e outra adeante! e quem é o pae?

—Não sei.

—E como se chama ella?

—M^{lle} Cortavento.

—Corta o que?

—Cortavento.

—Ora bolas! disse o velho.

—Senhor! bradou Mario.

Guillenormand interrompeu-o com o tom de um homem que falla consigo mesmo.

—Ahi tem, vinte e um annos, sem profissão, mil e duzentas libras por anno, a senr^a. baroneza Pontmercy irá comprar dous soldos de salsa á casa da mercadora de fructas.

—Senhor, tornou Mario no desvario da ultima esperanza que se desvanece, eu lhe supplico! conjuro-o, em nome do céu, de mãos postas, senhor, eu me ajoelho aos seus pés, consinta que me case com ella!

O velho soltou uma gargalhada estridente e lugubre por entre a qual tossia e fallava.

—Ah! ah! ah! você disse consigo: ora vou ter com esse velho pellado, com esse absurdo basbaque! É pena que eu não tenha vinte e cinco annos! contentar-me-hia com mandar-lhe uma simples participação respeitosa! nenhum caso faria delle! Não importa, eu vou dizer-lhe: Velho biltre, considere-se felicissimo por ver-me, estou com vontade de me casar, quero despo-

sar a menina não sei que, filha do senr. qualquer coisa, não tenho sapatos, ella não tem camisa, é o mesmo, tenho vontade de atirar á agua a minha carreira, o meu futuro, a minha mocidade, a minha vida, quero dar um mergulho na miseria com uma mulher ao pescoço, tal é o meu projecto, é preciso o seu consentimento, e o velho fossil consentirá. Vae, meu rapaz, seja assim como queres, amarra a tua pedra ao pescoço, desposa a tua Enxotavento, a tua Quebravento... — Nunca, senhor! nunca!

— Meu pae!...

— Nunca!

Ouvindo o tom com que aquelle *nunca* foi pronunciado, Mario perdeu toda a esperança. Atravessou o quarto a passos lentos com a cabeça inclinada, titubante, parecendo antes um homem prestes a morrer do que alguém que se retira. Guillenormand acompanhou-o com os olhos, e, no momento em que a porta se abria e Mario ia sahir, deu quatro passos com essa vivacidade dos velhos assomados e estragados por mimos, deitou a mão á golla de Mario, puxou-o energicamente para dentro, fê-lo cahir sentado em cima de uma cadeira, e disse-lhe:

— Conta-me isso.

A simples palavra *meu pae*, pronunciada por Mario, operava esta revolução.

Mario encarou-o atarantado. O semblante mobil de Guillenormand já não exprimia senão uma rude e infavel bondade. Era o avô que alli estava, não já o velho rabugento.

— Anda, falla, vejamos, conta-me os teus amoricos, papagueia, dize-me tudo! Com os seiscentos! como são estupidos os rapazes!

— Meu pae, repetiu Mario.

O semblante do velho illuminou-se com indizível satisfação.

— Sim, falla assim mesmo, chama-me teu pae, e verás!

Havia agora o que quer que fosse tam bom, tam meigo, tam franco, tam paternal neste arrebatamento, que Mario, passando subitamente do desalento á esperança, sentiu-se atordido e embriagado. Estava sentado junto da mesa, a luz das velas tornava visivel o miseravel es-

tado do seu fato, que o velho Guillenormand considerava com espanto.

—Pois bem, meu pae... disse Mario.

—Como! interrompeu Guillenormand, pois deveras não tens um soldo de teu? Estás vestido como um ladrão.

Remexeu dentro da gaveta, e tirou uma bolsa que pôz em cima da mesa.

—Toma, ahí tens cem luizes, compra um chapéu.

—Meu pae, proseguiu Mario, meu bom pae, se vm. soubesse! eu amo-a. Nem pode fazer idéa; a primeira vez que a vi, foi no Luxemburgo, ella costumava passear alli; a principio não lhe dava maior attenção, e depois não sei como foi, o que é certo é que apaixonei-me por ella. Oh! quanto soffri desde então! Emfim, agora vejo-a todos os dias, em sua casa, seu pae não o sabe, imagine que elles vão partir, é no jardim que nos vemos, de noite, o pae quer leva-la para Inglaterra; então disse comigo: vou ter com meu avô e contar-lhe-hei tudo. Eu enloqueceria de certo, morreria, adoeceria, deitar-me-hia a afogar. Hei de por força casar com ella, senão endoudeço. Ahí tem toda a verdade. Creio que nada omitti. Ella mora em um jardim que tem uma grade de ferro, na rua Plumet. É para o lado dos Invalidos.

O velho Guillenormand sentara-se todo radiante junto de Mario. Ouvindo-o e deleitando-se com o som da sua voz, saboreava ao mesmo tempo demoradamente uma pitada de tabaco. A estas palavras, rua Plumet, interrompeu a aspiração e deixou cahir o resto do tabaco em cima dos joelhos.

—Rua Plumet! disseste rua Plumet?—Ora vamos!

—Não ha por lá um quartel?—É verdade, é isto mesmo. Teu primo Theodulo fallou-me nessa casa. O official, o lanceiro.—Uma moçoila, meu caro amigo, uma moçoila.—Pois não, na rua Plumet. Em outro tempo chamava-se rua Blomet.—Agora recordo-me perfeitamente. Ouvi fallar nessa pequena do jardim da rua Plumet. O jardim tem um portão de grades de ferro. Uma Pamela. Não tens máu gosto. Dizem que é asseiadinha. Aqui para nós, creio que o patola do lanceiro arrastou-lhe um bocadinho a aza. Não sei se a cousa foi mais adeante. Emfim, ainda que fosse, não vejo que seja um impedimento. Tambem é bom não lhe dar inteiro cre-

dito. É um gabola. Mario! folgo de ver apaixonado um moço como tu. É proprio da tua idade. Antes te apaixonões por uma saia. com os seiscentos! por vinte saias, do que pelo senr. de Robespierre. Cá por mim, resta-me a consolação de que, a respeito de *sem-calções*, nunca gostei senão das mulheres. As lindas muchachas foram feitas para serem amadas, com os diabos! a isto nada ha que objectar. Quanto á pequena, recebe-te ás escondidas do pae. Está direito. Tambem eu tive minhas aventuras deste genero. Nem sei quantas. Sabes o que se faz? Nada de tomar a cousa com ferocidade; nada de precipitar-se no tragico; e nenhuma necessidade ha de socorrer-se ao casorio e ao senr. *maire* com a sua faixa. Cumpre ser estupidamente um rapaz de espirito. Cumpre ter juizo. Sêde voluveis, mortaes, mas nada de casorio. Lá chega o dia em que o rapaz vem ter com o avô, que apezar dos pezares não é máu sujeito, e sempre tem alguns rolos de luizes dentro de uma gaveta velha, e diz-lhe: « Vovô, aqui está como foi. » E o vellhote responde: « Nada mais simples. Á mocidade os prazeres, á velhice as recordações. Fui moço, tu serás velho. Vae, meu filho, o mesmo dirás a teu neto. Toma duzentas pistolas. Diverte-te, com a fortuna! Nada melhor! é assim que se leva o amor. A gente não se casa, mas isto não obsta... Comprehendes?

Mario, petrificado e incapaz de pronunciar a menor palavra, fez com a cabeça um gesto negativo.

O velho soltou uma gargalhada, piscou a palpebra encanecida, deu-lhe uma palmada no joelho, fitou-o com um olhar mysterioso e scintillante, e disse-lhe com o mais affectuoso dos encolhimentos de hombros:

—Estupido! toma-a por amasia.

Mario empallideceu. Não comprehendêra nada do que seu avô acabava de dizer. As palavras—rua Blomet, Pamela, quartel, lanceiro, foram para Mario como uma fantasmagoria. Nada disto podia referir-se a Cosetta, que era um lyrio. O velho divagava. Mas esta divagação terminara por uma palavra que Mario comprehendêra e que era uma mortal injuria irrogada a Cosetta. Estas palavras *toma-a por amasia*, traspassaram o coração do austero mancebo como uma espada.

Ergueu-se, levantou o chapéu que estava no chão, e encaminhou-se para a porta com passo seguro e firme.

Chegando ao limiar, voltou-se, inclinou-se profundamente deante do avô, tornou a levantar a fronte, e disse:

—Ha cinco annos o senhor ultrajou meu pae; hoje ultraja minha mulher. Nada mais lhe peço. Adeus.

O velho Guillenormand, estupefacto, abriu a bocca, estendeu os braços, fez um esforço para levantar-se, e antes que tivesse podido pronunciar uma palavra, a porta tornara a fechar-se e Mario havia desaparecido.

O velho ficou alguns instantes immovel e como fulminado, sem poder fallar nem respirar, como se um punho vigoroso lhe apertasse a garganta. Emfim arrancou-se da poltrona, correu á porta tanto quanto se pode correr aos 91 annos, abriu-a e gritou:

—Soccorro! soccorro!

Acudiu a filha, depois os creados. Elle proseguiu com a voz cortada por doloroso estertor:

—Sigam-n'o já e já! agarrem-n'o! tragam-m'o aqui! O que lhe fiz eu? estará doudo? Lá se vae! Ah! meu Deus! meu Deus! desta vez não voltará!

Foi para a janella que dava para a rua, abriu-a com as suas velhas mãos tremulas, debruçou-se com mais de metade do corpo do lado de fóra ao passo que Biscainho e Nicoletta o seguravam por detrás, e gritou:

—Mario! Mario! Mario! Mario!

Mario, porem, já não podia ouvi-lo, e voltava naquello mesmo momento o canto da rua San'Luiz.

O octogenario levou duas vezes as mãos ás fontes com expressão de angustia, recuou cambaleando e cahiu desfallecido em cima de uma cadeira, sem pulso, sem voz, sem lagrimas, agitando a cabeça e movendo os labios com ar estúpido, não tendo já nos olhos e no coração senão um quer que fosse sombrio e profundo que se parecia com a noite.

LIVRO NONO.

—

—

—

I.

JOÃO VALJEAN.

Nesse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, João Valjean estava sentado sozinho no declive de um dos mais solitarios taludes do Campo de Marte. Ou fosse por prudencia, ou por desejo de recolher-se, ou simplesmente por uma dessas insensíveis mudanças de habitos que se operam pouco a pouco em todas as existencias, sahia elle agora mui raras vezes com Cosetta. Estava com a sua jaqueta de obreiro e umas calças de brim escuro, e o boné de larga pala encobria-lhe o rosto. Actualmente vivia calmo e feliz ao lado de Cosetta; o que o havia aterrado e perturbado por algum tempo dissipára-se; mas havia uma semana ou duas que anxiedades de outro genero tinham vindo attribula-lo. Um dia, passando no *boulevard*, avistára Thénardier; graças ao seu disfarce Thénardier não o conhecêra; mas desde então João Valjean tornou a ve-lo diversas vezes, e tinha agora certeza de que Thénardier rondava pelas vizinhanças. Isto bastára para faze-lo tomar uma resolução extrema. A presença de Thénardier era o prenuncio de todos os perigos. Demais, Pariz não estava tranquillo; as perturbações politicas haviam tornado a policia inquietissima e sobre-modo desconfiada, o que era um inconveniente para quem quer que tivesse alguma cousa que esconder na sua vida, e buscando um homem como Pépin ou Morey, bem poderia ella descobrir um homem como João Valjean. Resolvêra este sahir de Pariz e mesmo de França, e ir para In-

glatterra. Já tinha prevenido Cosetta. Estava decidido a partir antes de oito dias. Sentára-se no talude do Campo de Marte, ruminando uma infinidade de pensamentos. Thénardier, a policia, a viagem e a dificuldade de obter um passaporte.

Cada uma destas cousas o enchia de cuidados.

Emfim, um facto inexplicavel que acabava de abalo-lo, e que tinha bem presente na memoria, redobrava-lhe a inquietação. Na manhã daquelle mesmo dia, tendo-se levantado enquanto Cosetta e Toussaint ainda dormiam, e passeando no jardim antes de se acharem abertas as janellas do torreão, avistára de repente esta linha gravada no muro, provavelmente com um prego:

Rua da Verrerie n. 16.

Isto fôra feito recentemente, as letras alvejavam no velho muro ennegrecido, um pé de ortiga que ficava junto d'elle estava apolvilhado de fina cal fresca. Aquillo fôra escripto provavelmente na vespera, de noite. O que seria? um endereço? um signal para outros? um aviso para João Valjean? Em todo o caso, tornava-se evidente que o jardim era devassado, e que pessoas desconhecidas nelle penetravam. Lembrou-se dos acontecimentos estranhos que já tinham inquietado a familia. Seu espirito ficou profundamente preocupado. Nada disse a Cosetta a respeito da linha escripta na parede, receiando assusta-la.

No meio destas preocupações, notou, por uma sombra que o sol projectava, que alguém acabava de parar no alto do talude justamente por detrás d'elle. No momento em que ia voltar-se, cahiu-lhe um papel dobrado em cima dos joelhos, como se houvessem largado por cima da sua cabeça. Apanhou o papel, desdobrou-o e leu estas palavras escriptas a lapis em letra grande:

MUDE-SE DE CASA.

João Valjean ergueu-se precipitadamente, já não havia ninguem no *talude*; olhou em torno de si e avistou uma especie de ente mais alto do que uma creança, mais baixo do que um homem, vestido de blusa escura e de calças de velludo de algodão côr de poeira, que cavalgava o parapeito e deixava-se escorregar para dentro do fosso do Campo de Marte.

João Valjean voltou logo para casa, profundamente pensativo.

II

MARIO.

Mario tinha sabido afflictissimo de casa de Guillenormand. Alli entrára com uma esperança bem pequena; retirava-se com um desespero immenso.

Todavia, e os que hão observado os principios do coração humano o comprehenderão, o lanceiro, o official, o basbaque, o primo Theodulo, nenhum vestigio deixára no seu espirito. O poeta dramatico poderia na apparencia esperar algumas complicações daquella revelação feita inesperadamente ao neto pelo avô. Mas o que o drama ganharia com isso, perdê-lo-hia a verdade. Mario estava na idade em que a respeito do mal é o homem completamente incredulo; com o volver dos annos chega o tempo em que se cre em tudo. As desconfianças não são outra cousa se não rugas. A mocidade nenhuma ruga tem. O que enfurece Othelo nenhuma impressão produz em Candido. Desconfiar de Cosetta! Mario seria capaz de commetter todos os crimes imaginaveis, menos este.

Poz-se a andar atôa pelas ruas, recurso dos que sofrem. Não pensou em nada de que se podesse recordar.

A's duas horas da madrugada voltou para casa de Courfeyrac, e atirou-se mesmo vestido para cima do seu colchão. Já bem alto estava o sol quando adormeceu nesse horrível somno pesado que deixa as idéas enxamear no cerebro. Quando acordou, viu no meio do quarto, de chapéu na cabeça, promptos para sahir e muito azafamados, Courfeyrac, Enjolras, Feuilly, e Combeferre.

Courfeyrac disse-lhe:

—Não vens ao enterro do general Lamarque?

Prreceu-lhe que Courfeyrac fallava chim.

Sabiu pouco depois delles. Metteu nos bolsos as pistolas que Javert lhe emprestára por occasião da aventura do dia 3 de fevereiro, e que tinham ficado em seu poder. As pistolas ainda estavam carregadas. Fora difficil dizer que pensamento obscuro tinha elle no espirito levando-as comsigo.

Todo o dia andou vagando sem saber por onde; chovia de espaço a espaço, e não sentia a chuva; comprou para jantar uma rosca de um soldo em uma padaria, guardou-a no bolso e esqueceu-se d'ella. Parece que tomou um banho no Sena sem ter disso consciencia. Ha momentos em que temos uma fragua dentro da cabeça. Mario achava-se em um desses momentos. Nada mais esperava, nada mais temia; desde a vespera havia elle cahido neste estado. Aguardava a noite com febril impaciencia, já não tinha senão uma idéa clara,—era que ás nove horas veria Cosetta. Esta ultima satisfação era agora todo o seu futuro; depois as trévas. De quando em quando, caminhando pelos *boulevards* os mais desertos, parecia-lhe ouvir em Pariz estrepitos estranhos. Despertava do seu scismar e dizia:—Dar-se-ha caso que estejam combattendo?

Ao cahir da noite, ás 9 horas em ponto, conforme promettêra a Cosetta, achava-se na rua Plumet. Quando parou deante do portão, esqueceu tudo. Havia 48 horas que não via Cosetta, ia tornar a vê-la, todos os demais pensamentos se lhe desvanecêram e não sentiu mais do que uma estranha e profunda alegria. Estes minutos em que vivemos seculos têm a soberana e admiravel particularidade de encher-nos inteiramente o coração no momento em que passam.

Mario afastou o varão da grade e precipitou-se no

jardim. Cosetta não estava no lugar onde o esperava de ordinario. Atravessou a balsa e dirigiu-se para o vão que ficava junto do poial. Ha de me estar esperando alli, disse consigo mesmo.—Cosetta alli não estava. Levantou os olhos, e viu que as janellas da casa estavam fechadas. Deu uma volta pelo jardim, o jardim achava-se deserto. Voltou para a frente da casa, e, louco de amor, embriagado, aterrado, desesperado de dôr e de inquietação, como o dono de uma casa que se recolhe a má hora, bateu nas janellas. Bateu, tornou a bater, em risco de vêr abrir-se a janella e a cara desabrida do pae apparecer-lhe e perguntar-lhe: o que quer?—Mas isto nada era, comparado com o que entrevia. Depois de ter batido, levantou a voz e chamou Cosetta.—Cosetta! bradou elle. Cosetta! repetiu impetuosamente. Não lhe responderam. Estava acabado. Ninguém no jardim; ninguém em casa.

Mario fitou olhos desesperados naquella casa lugubre, tam escura, tam silenciosa e mais vazia do que um tumulto. Olhou para o banco de pedra onde passara tam deliciosas horas junto de Cosetta. Então sentou-se nos degraus do poial, com o coração cheio de tranquillidade e de resolução, abençoou o seu amor no fundo do pensamento, e disse consigo que, visto Cosetta ter partido, nada mais lhe restava senão morrer.

De repente ouviu uma voz que parecia vir do lado da rua e bradava por entre as arvores:

—Senr. Mario!

Elle ergueu-se.

—Quem me chama? disse.

—Está ahí, senhor Mario?

—Estou.

—Senr. Mario, continuou a voz, seus amigos o esperam na barricada da rua da Chanvrerie.

Esta voz não lhe era de todo desconhecida. Parecia a voz rouca e rude de Eponina. Mario correu á grade, afastou o varão, estendeu a cabeça para fóra e viu alguém, que se lhe afigurou um adolescente desaparecer correndo no crepusculo.

III

MABŒUF.

A bolsa de João Valjean fôra inutil a M. Mabœuf. Na sua veneravel austeridade infantil, M. Mabœuf não aceitara o presente dos astros; não admitira que uma estrella pudesse cunhar luizes de ouro. Não havia adivinhado que o que supunha cahido do céu provinha de Gavroche. Levára a bolsa ao commissario de policia do bairro, como objecto perdido posto por quem o achára a disposição dos reclamantes. A bolsa foi perdida com effeito. É escusado dizer que ninguem a reclamou, e ella não serviu de auxilio para elle M. Mabœuf.

Todavia, M. Mabœuf continuou a descer.

As experiencias do anil haviam sido tam improficuas no Jardim das Plantas como no quintal d'Austerlitz. No anno antecedente devia os salarios da sua creada; agora, como já viu o leitor, devia os alugueis da casa. O monte de soccorro, passados treze mezes, vendêra as chapas da sua *Flora*. Algum caldeireiro fizera dellas cassarolas. Perdidas as chapas, não podendo se quer completar os exemplares truncados da sua *Flora* que ainda possuia, cedêra por baixo preço a um livreiro revendão estampas e texto, como *folhas inuteis*. Nada lhe res-

tava da obra de toda a sua vida. Pôz-se a viver do dinheiro que obtivera com a venda daquelles exemplares. Quando viu que este mesquinho recurso se esgotava, renunciou ao jardim e deixou-o de pousio. Anteriormente, renunciara aos dous ovos e ao pedaço de carne que comia de quando em quando. O seu jantar constava de pão e batatas. Vendêra os seus ultimos moveis, depois tudo quanto possuia constante de duas peças, como colchões, fato e cobertores, depois os seus herbarios e as suas estampas; mas tinha ainda os seus livros mais preciosos, entre os quaes alguns summamente raros, como eram os *Quadros historicos da Biblia*, edição de 1560, a *Concordancia das Biblias* de Pedro de Besse, os *Margaridas da Margarida* de João de La Haye com dedicatória á rainha de Navarra, o livro do *Cargo e dignidade do embaixador* pelo senr. Villiers Hotman, um *Flori legium rabinicum* de 1644, um Tibullo de 1567 com esta esplendida inscripção: *Vennetis, in ædibus Manutianis*; emfim um Diogenes Laercio, impresso em Lyão em 1644, e em que se achavam as famosas variantes do manuscrito 411, XIII seculo, do Vaticano, e as dos dous manuscriptos de Veneza, 393 e 394, tam fructuosamente consultados por Henrique Estevão, e todas as passagens em dialecto dorico que não se encontram senão no celebre manuscrito do XII seculo da biblioteca de Napoles. M. Mabœuf nunca acendia fogo no seu quarto e deitava-se ainda com dia claro para não gastar vela. Como que já não tinha vizinhos, todos o evitavam quando elle sahia; o velho notava isto. A miseria de uma creança enternece qualquer mãe, a de um mancebo qualquer moça, a de um velho a ninguem commove. De todas as angustias é esta a mais fria. Entretanto M. Mabœuf não perdêra de todo a sua infantil serenidade. Brilhavam-lhecom vivacidade os olhos quando fitava os seus livros, e sorria-se quando contemplava o Diogenes Laercio, que era um exemplar unico. A estante envidrada era a unica cousa que, sem ser absolutamente indispensavel, fôra por elle conservada.

Um dia a mãe Plutarcho disse-lhe:

—Não tenho com que comprar o jantar.

O que ella chamava jantar era um pão e quatro ou cinco batatas.

—Pois veja se lh'o fiam, tornou M. Mabœuf.

—O senhor bem sabe que já ninguém me quer fiar.

M. Mabœuf abriu a sua estante, olhou muito tempo para os livros um após outro, como um pae obrigado a dizimar seus filhos os fitaria antes de escolher, depois tomou um delles vivamente, metteu-o debaixo do braço, e sahiu. Voltou dahi a duas horas sem cousa alguma debaixo do braço, pôz trinta soldos em cima da mesa e disse:

—Faça o jantar.

Daquelle momento em diante a mãe Plutarcho viu o candido rosto do ancião cobrir-se de uma nuvem de tristeza que nunca mais se dissipou.

No dia seguinte, todos os dias, forçoso lhe foi recommear. M. Mabœuf sahia com um livro e voltava com dinheiro. Como os livreiros revendões viam que a necessidade o obrigava a desfazer-se dos seus livros, tornavam a comprar-lhe por vinte soldos o que alguns mesmos d'entre elles lhe haviam vendido por vinte francos. Volume por volume ia-se-lhe assim despejando a estante. Momentos havia em que murmurava: O que me vale é que já tenho oitenta annos, como se nutrisse a secreta esperança de findar os seus dias antes de se ver privado de todos os seus livros. A sua tristeza crescia. Comtudo, uma vez teve alegria. Sahiu com um Roberto Estevão, que vendeu por trinta e cinco soldos no caes Malaquais, e voltou com um Alde, que comprara por quarenta soldos, na rua das Grès.—Devo cinco soldos, disse muito satisfeito para a mãe Plutarcho. Passou aquelle dia sem jantar.

M. Mabœuf era membro da sociedade de Horticulura. Os collegas conheciam bem a penuria em que vivia. O presidente da sociedade veio visita-lo, prometeu recommenda-lo ao ministro da agricultura e do commercio, e cumpriu a promessa. «Oh! pois não! exclamou o ministro. Não padece duvida! Um velho sabio! um botanico! um homem innoffensivo! Devemos fazer alguma cousa por elle!» No dia seguinte M. Mabœuf recebeu um convite para jantar em casa do ministro. Mostrou tremendo de alegria a carta á mãe Plutarcho. «Estamos salvos!» disse. No dia designado foi á casa do ministro. Notou que a gravata amarrotada, a casaca velha e os sapatos mal lustrados espantavam os creados.

Ninguém lhe dirigiu a palavra, nem mesmo o ministro. Pelas dez horas da noite, estando elle ainda na expectativa, ouviu a esposa do ministro, formosa senhora que trajava um vestido soberbamente decotado e de quem não ousara approximar-se, perguntar a um dos convidados: « Quem é este velho? » Voltou para casa a pé, a meia-noite, debaixo da chuva que cahia a cantaros. Tinha vendido um Elzevi para pagar a sege na ida.

Todas as tardes antes de deitar-se costumava ler algumas paginas do seu Diogenes Laercio. Sabia do grego quanto era necessario para poder apreciar as particularidades do texto que possuia. Já não tinha outra alegria. Passaram-se algumas semanas. De repente a mãe Plutarcho adoeceu. Ha uma cousa mais triste do que não ter com que comprar pão na padaria, é não ter com que comprar remedios na botica. Uma tarde, o medico receitara uma poção carissima. Além disso, a doença aggravava-se, e tornava-se indispensavel uma enfermeira. M. Mabœuf abriu a estante; estava vazia. O ultimo volume tinha sido vendido. Só lhe restava o Diogenes Laercio.

Poz o exemplar unico debaixo do braço e saiu; era no dia 4 de junho de 1832; foi á porta de Sanct'Iago á casa do successor de Royol, e voltou com cem francos. Poz a pilha de moedas de cinco francos em cima do velador da velha creada, e recolheu-se ao seu quarto sem dizer palavra.

No dia seguinte, logo ao alvorecer, sentou-se na pilastra que, no jardim, lhe servia de banco, e por cima da cerca te-lo-hiam visto toda a manhã immovel, com a fronte inclinada, fitando vagamente os olhos nos seus alegretes descorados. De quando em quando chovia; o ancião parecia não dar fé da chuva. Depois do meio-dia começaram a soar em Pariz estrepitos extraordinarios. Eram como tiros de espingarda e brados de uma multidão.

M. Mabœuf levantou a cabeça. Avistou um jardineiro que ia passando, e perguntou:

—Que bulha é esta?

O jardineiro, com a sua enxada ao hombro, respondeu com a maior tranquillidade:

—São os motins.

—Como! motins?

- Sim. Estão se batendo.
- E porque se estão batendo?
- Eu lá sei! tornou o jardineiro.
- De que lado é? continuou M. Mabœuf.
- Do lado do arsenal.

O pae Mabœuf entrou para casa, tomou o chapéu, buscou machinalmente um livro para pô-lo debaixo do braço, não achou nenhum, disse: « Ah! é verdade! » e saiu com ar desvairado.

FIM DO LIVRO NONO.

LIVRO DECIMO.

O DIA 2 DE JUNHO DE 1882.

I

A SUPERFICIE DA QUESTÃO.

De que se compõe o motin? de nada e de tudo. De uma electricidade accumulada pouco a pouco, de uma chamma que rebenta de subito, de uma força que anda erratica, de um sopro que passa. Este sopro encontra cabeças que fallam, cerebros que sonham, almas que soffrem, paixões que ardem, misérias que rugem, e arrasta-os.

Para onde?

Ao acaso. Através do Estado, através das leis, através da prosperidade e da insolencia dos outros.

As convicções irritadas, os enthusiasmos azedados, as indignações suscitadas, os instinctos de guerra comprimidos, as jovens coragens exaltadas, as inconsiderações generosas, a curiosidade, o gosto de mudança, a sêde do inesperado, o sentimento que nos leva a ler com satisfação o cartaz de um novo espectáculo e a aguardar impacientes o toque do apito do contra-regra, os vagos odios, os rancores, as desillusões, toda a vaidade que julga que o destino a burlou; os aborrecimentos, as utopias, as ambições rodeadas de desfiladeiros inacces-

siveis, todos quantos esperam de um desmoronamento um caminho, enfim, nas ultimas camadas, a turba, essa lama que se incendia, taes são os elementos do motim.

O que ha maior e mais infimo; os entes que vagam privados de tudo, aguardando uma occasião, ciganos, vadios, vagabundos, os que dormem de noite em um deserto de casas sem outro tecto que as frias nuvens do céu, os que pedem todos os dias o seu pão ao acaso e não ao trabalho, os desconhecidos da miseria e do nada, os que andam com braços nus, os descalços, pertencem ao motim.

Todo aquelle que tem n'alma uma revolta secreta contra um facto qualquer do Estado, da vida ou da sorte, confina com o motim, e assim que elle apparece, começa a estremecer, e a sentir-se arrastado pelo turbilhão.

O motim é uma especie de tromba da athmosphera social que se forma de repente em certas condições de temperatura, e que, no seu rodomoinhar, sobe, corre, troa, arranca, arrasa, esmaga, desmantela, desarraiga, arrastando comsigo as naturezas magnanimas e as mesquinhas, o homem forte e o espirito fraco, o tronco de arvore e o pedacinho de palha.

Ai não só do que elle arrebatava como tambem do que lhe soffreu o choque! Despedaça-os um de encontro ao outro.

Communica áquelles de que se apodera não sabemos que força extraordinaria. Infunde no primeiro adventicio a força dos acontecimentos; tudo lhe serve de projectil. Faz de um penedo uma bala, e de um mariola um general.

Se merece credito o que a este respeito dizem certos oraculos da politica manhosa, para o poder, um bocado de motim é desejavel. Systema: o motim consolida os governos que não derriba. Elle põe em prova o exercito, concentra a burguezia, estira os musculos da policia, verifica a força da ossadura social. É uma gymnastica; é quasi hygiene. O poder acha-se melhor depois de um motim, como um homem depois de uma fricção.

O motim, ha trinta annos, era ainda considerado sob outros aspectos.

Para todas as cousas ha uma theoria que a si mesma se proclama « o bom senso; » Philinta contra Alceste; mediação offerecida entre o verdadeiro e o falso; expli-

cação, admoestação, attenuação um tanto altiva, que, por ser misturada de censura e de desculpa, se crê sabedoria, e não é o mais das vezes senão pedantismo. Dahi sahiu a escola politica chamada *justo-meio*. Entre a agua fria e a agua quente, é o partido da agua morna. Esta escola, com a sua falsa penetração toda superficial que disseca os effeitos sem remontar ás causas, reprehende, do alto de uma semi-sciencia, as agitações da praça publica.

Ao que diz esta escola: « Os motins que complicaram o facto de 1830 tiraram a este grande acontecimento parte da sua pureza. A revolução de julho fôra um bello tufão popular, repentinamente seguido de céu azul. Elles fizeram ennuviar-se de novo o céu. Fizeram degenerar-se em disputa essa revolução a principio tam notavel pela unanimidade. Na revolução de julho, como em todo o progresso por abalo, houvera fracturas secretas; o motim tornou-as sensiveis. Pode dizer-se: Ah! isto está quebrado. Depois da revolução de julho não se sentia senão o livramento; depois dos motins sentiu-se a catastrophe.

« Todo o motim fecha as lojas, faz baixar os fundos, consterna a praça, suspende o commercio, embaraça os negocios, precipita as bancas-rotas; o numerario desaparece; as fortunas privadas ficam inquietas, o credito publico abalado, a industria estremecida, os capitaes retrahem-se, o trabalho só obtem um preço infimo, o medo derrama-se por toda a parte; seguem-se repercussões em todas as cidades. Dahi abysmos. Tem-se calculado que o primeiro dia de motim custa á França vinte milhões, o segundo quarenta, o terceiro sessenta. Um motim de tres dias custa cento e vinte milhões, isto é, só attendendo ao resultado financeiro, equivale a um desastre, naufragio ou batalha perdida, que aniquilasse uma esquadra de sessenta nâvs de linha.

« De certo, historicamente, os motins tiveram a sua belleza; a guerra das ruas não é menos magestosa, nem menos pathetica que a guerra das sebes; nesta ha a alma das florestas, naquella o coração das cidades; uma tem João Chonan, a outra Jeanne. Os motins deram um colorido sanguilolento, mas esplendido, a todas as saliencias mais originaes do character pariziense, a generosidade, a dedicação, a alegria procellosa, os estu-

dantes provando que a bravura faz parte da intelligencia, a guarda nacional inabalavel, acompanhamentos de logistas, fortalezas de garotos, o desprezo da morte manifestado pelos viandantes. Escolas e legiões se chocavam. Na realidade, entre os combatentes só havia uma differença de idade; é a mesma raça; são os mesmos homens estoicos que morrem aos vinte annos por suas idéas, aos quarenta por suas familias. O exercito, sempre triste nas guerras civis, oppunha a prudencia á audacia. Os motins, ao mesmo tempo que manifestaram a intrepidez popular, educaram a coragem burgueza.

« Muito bem. Mas tudo isto valerá o sangue derramado? E ao sangue derramado ajunte-se o futuro ennuviado, o progresso comprometido, a inquietação entre os mais bem intencionados, os liberaes honestos desesperando, o absolutismo estrangeiro contente por ver as feridas feitas pela revolução em si mesma, os vencidos de 1830 triumphando, e exclamando:—Bem o tínhamos dito!—Ajunte-se Pariz engrandecida por ventura, mas a França por sem duvida amesquinhada. Ajuntem-se, porquanto cumpre não omittir nada, os morticínios que dashonravam não raras vezes a victoria da ordem tornada feroz sobre a liberdade desvairada. Somma total, os motins foram funestos. »

Assim falla essa quasi sabedoria com que a burguezia, esse quasi povo, com tanta facilidade se contenta.

Quanto a nós, rejeitamos este termo demasiado lato e por conseguinte sobremodo commodo: os motins. Todo e qualquer movimento popular não é o mesmo para nós. Não perguntamos se um motim sabe tam caro como uma batalha. E antes de mais nada, a que vem fallar-se aqui de batalha? Aqui surge a questão da guerra. Haverá menos assolação na guerra do que calamidade no motim? E que importa que o 14 de julho pudesse custar 120 milhões? A restauração de Felippe V em Hespanha custou a França dous milhares de milhões. Ainda pelo mesmo preço, preferiamos o 14 de julho. Demais, rejeitamos estes calculos, que parecem razões e que não são mais do que palavras. Dado um motim, examinámo-lo em si mesmo. Em tudo quanto diz a objecção *doutrinaria* exposta mais acima, não se trata senão do effeito, nós buscamos a causa.

Tornemo-nos claros!

II

O FUNDO DA QUESTÃO.

Ha motim e ha insurreição; são duas coleras; uma não tem razão, a outra tem direito. Nos Estados democraticos, unicos que teem por base a justiça, acontece as vezes que a fracção usurpa; então o todo se subleva, e a necessaria reivindicação do seu direito pode mesmo leva-lo a empunhar armas. Em todas as questões que entendem com a soberania collectiva, a guerra do todo contra a parte é insurreição; o ataque da parte contra o todo é motim; conforme nas Tulherias está o rei ou a Convenção, são ellas justa ou injustamente atacadas. O mesmo canhão assestado contra a multidão commette uma falta a 10 de agosto e tem razão a 14 de vindemario. Apparencia semelhante, fundo differente; os Suissos defendem o falso, Bonaparte defende o verdadeiro. O que o suffragio universal fez em sua liberdade e em sua soberania, não pode ser desfeito pela rua. O mesmo se dá nas cousas de pura civilisação; o espirito das massas, hontem penetrante, pode turvar-se amanha. A mesma furia é legitima contra Terray e absurda contra Turgot. Os quebramentos de machinas,

os roubos dos depósitos, os estragos feitos nos trilhos de ferro, as demolições das docas, os desvarios das multidões, a recusa de justiça do povo ao progresso, Ramus assassinado pelos estudantes, Rousseau expellido da Suissa a pedradas, são motins. Israel contra Moyzês, Athenas contra Phocião, Roma contra Scipião, é motim; Pariz contra a Bastilha é insurreição. Os soldados contra Alexandre, a maruja contra Christovão Colombo, é a mesma revolta; revolta impia; porque? Porque Alexandre faz para a Asia com a espada o que Colombo faz para a America com a bussola; Alexandre, como Colombo, descobre um mundo. Estes dons de um mundo á civilisação importam um augmento tal de luz que a resistencia, em semelhante caso, é criminosa. A multidão atraiçoa o povo. Haverá, por exemplo, nada tam estranho como esse longo e sanguinolento protesto dos falsos Saulniers, legitima revolta chronica, que, no momento decisivo, no dia da salvação, na hora da victoria popular, esposa o throno, muda-se em *chouannerie*, e de insurreição contrapassa a ser motim a favor. Sombrias maravilhas da ignorancia. O falso Saulnier escapa ás forcas do rei, e com um resto de barão ao pescoço arvora o laço branco. *Abaixo as gabelas!* nasce de *viva o rei!* Sicarios da noite de San' Bartholomeu, degolladores de setembro, matadores de Avinhão, assassinos de Coligny, da senr.^a de Lamballe, de Bruno, Miquelets, Verdets, Cadenettes, companheiros de Jéhu, cavalleiros de Brassard, eis o motim. A Vendéa é um grande motim catholico. O arruido do direito em movimento se reconhece, e nem sempre sahe do abalo das massas agitadas; ha raivas loucas, ha sinos rachados; nem todos os toques de rebate têm o mesmo som do bronze. A agitação das paixões e das ignorancias é bem diversa da sacudidura do progresso. Levantae-vos, embora, mas para crescer. Mostrae-me para que lado ides. Não ha insurreição senão avançando para a frente. Qualquer outro levantamento é máu; todo o passo violento para trás é motim; recuar é uma via de facto contra o genero humano. A insurreição é o impeto de furor da verdade; as calçadas que a insurreição remexe lançam a faísca do direito. Essas calçadas não deixam ao motim senão a sua lama. Danton contra Luiz XVI é a insurreição; Hébert contra Danton é o motim.

Daqui resulta que se a insurreição, em certos casos, pôde ser, como disse Lafayette, o mais santo dos deveres, o motim pôde ser o mais fatal dos attentados.

Ha tambem alguma differença na intensidade de calorico; a insurreição é muitas vezes volcão, o motim muitas vezes é fogo de palha.

A revolta, já nós o dissemos, está ás vezes no poder. Polignac é um amotinador; Camillo Desmoulins é um governador.

A's vezes insurreição é resurreição.

A solução de tudo pelo suffragio universal sendo um facto absolutamente moderno, e toda historia anterior a este facto achando-se, ha quatro mil annos, cheia do direito violado e do soffrimento dos povos, cada época da historia traz consigo o protesto que lhe é possível. No tempo dos Cesares não havia insurreição, mas havia Jovenal.

O *facit indignatio* substitue os Gracchos.

Naquelle tempo havia o exilado de Syena; havia tambem o homem dos *Annaes*.

Não fallamos do immenso exilado de Patmos, que por seu turno confunde o mundo real com um protesto em nome do mundo ideal, faz da visão uma satyra enorme, e lança sobre Roma-Ninive, sobre Roma-Babilonia, sobre Roma-Sodoma, a fulgurante reverberação do Apocalypse.

João no seu rochedo e a sphynge no seu pedestal; ninguem pode comprehendê-lo; é judêu, e falla hebraico; mas o homem que escreveu os *Annaes* é latino; digamos melhor, é romano.

Como os Neros reinam negramente, assim tambem devem ser pintados. O trabalho feito somente a buril seria descorado; cumpre deitar no entalho uma prosa concentrada que penetre.

Os despotas formam de alguma sorte os pensadores. Palavra açaimada é palavra terrivel. O escriptor duplica e triplica o seu estylo quando o silencio é imposto por um senhor ao povo. Desse silencio sahe uma certa exuberancia mysteriosa que se infiltra e coalha como bronze no pensamento. A compressão na historia produz a concisão no historiador. Ha prosa celebre cuja solidez granitica não é outra cousa mais do que um amontoamento feito pelo tyranno.

A tyrannia compelle o escriptor a encolhimentos de diametro, que são augmentos de força. O periodo ciceronico, apenas sufficiente para confundir Verres, embottar-se-hia sobre Caligula. Menos amplidão na phrase, mais intensidade no golpe. Tacito pensa com toda a força.

A honestidade de um coração magnanimo, condensada em justiça e verdade, fulmina.

Seja dito de passagem, é para notar que Tacito não está historicamente superposto a Cesar. Os Tiberios lhe são reservados. Cesar e Tacito são dous phenomenos successivos, cujo encontro parece mysteriosamente evitado por aquelle que, na coordenação dos seculos, regula as entradas e as sahidas. Cesar é grande, Tacito é grande; Deus poupa estas duas grandezas, não permitindo que se entrechoquem. O justiceiro, ferindo Cesar, podia castigal-o de mais, e ser injusto. Deus não o quiz. As grandes guerras de Africa e de Hespanha, os piratas de Cilicia desbaratados, a civilisação introduzida nas Gallias, na Bretanha, na Germania, toda esta gloria cobre o Rubicon. Ha nisto uma especie de delicadeza da justiça divina, hesitando em soltar contra o usurpador o historiador formidavel, poupando a Cesar Tacito, e concedendo ao genio as circumstancias attenuantes.

De certo, o despotismo é sempre despotismo, embora seja o despota homem de genio. Ha corrupção no reinado dos tyrannos illustres; mas a peste moral é mais hedionda no dos tyrannos infames. Em taes reinados nada encobre a vergonha; e os dadores de exemplo, Tacito bem como Juvenal, esbofeteam mais utilmente, na presença do genero humano, esta ignominia sem replica.

Roma tem peor cheiro no reinado de Vitellio do que no tempo de Sylla. No tempo de Claudio e de Domiciano apresenta uma disformidade de baixeza correspondente a fealdade do tyranno. A vilania dos escravos é um producto directo do despota; exhala-se um miasma de todas essas consciencias estagnantes em que se reflecte o senhor; os poderes publicos são immundos; os corações são pusillanimes, as consciencias ignobeis, as almas ascorosas como persevejos: isto é assim no reinado de Caracalla, no de Commodo, no de Heliogabalo, ao passo que do senado romano no tempo de Cesar

não sahe senão o cheiro de esterco que sóe sentir-se nos ninhos da aguia.

Dahi a vinda, na apparencia tardia, dos Tacitos e Juvenaes; é na hora da evidencia que o demonstrador apparece.

Mas Juvenal e Tacito, como Isaias nos tempos biblicos, como Dante na idade media, são o homem; o motim e a insurreição são a multidão, que ora é desvairada, ora justa.

Nos casos mais geraes o motim procede de um facto material; a insurreição é sempre um phenomeno moral. O motim é Mazaniello; a insurreição é Spartaco. A insurreição confina com o espirito, o motim com o estomago: Gaster irrita-se; mas Gaster, de certo, nem sempre é desarrazoado. Nas questões de fome, o motim, Buzançais, por exemplo, tem um ponto de partida verdadeiro, pathetico e justo. Não obstante é sempre motim. Porque? é que tendo razão no fundo, desvairou-se na fórma. Feroz, embora com direito, violento, embora forte, feriu ao acaso; caminhou qual elephante cego, esmagando; deixou após de si cadaveres de velhos, de mulheres e de creanças; derramou, sem saber porque, o sangue dos inoffensivos e dos innocentes. Dar de comer ao povo é um bom fim; trucidá-lo é um máu meio.

Todos os protestos á mão armada, mesmo os mais legitimos, mesmo o 10 de agosto, mesmo o 14 de julho, começam sempre com egual confusão. Antes que o direito appareça, ha tumulto e escuma. No principio a insurreição é motim, assim como o rio é torrente. Ordinariamente desemboca neste oceano: Revolução. A's vezes, porem, descendo destas altas montanhas, que dominam o horizonte moral, a justiça, a sabedoria, a razão, o direito, formada da mais pura neve do ideal, depois de uma longa queda de rochedo em rochedo, depois de ter reflectido o céu na sua transparencia e opulentado-se com cem afluentes na magestosa marcha do triumpho, a insurreição some-se de repente em algum tremedal burguez, como o Rheno em um pantano.

Tudo isto diz respeito ao passado; o futuro é outro. O suffragio universal tem a admiravel particularidade de dissolver o motim em seu principio, e dando o voto

à insurreição, desarma-a. O desaparecimento das guerras, da guerra das ruas, assim como da das fronteiras, tal é o inevitavel progresso. Qualquer que seja o dia de hoje, o de amanha trará a paz.

Demais, o burguez, propriamente dito, não alcança bem os matizes, a differença que ha entre estes dous factos, insurreição, motim. Para elle tudo é sedição, rebellião pura e simples, revolta do cão contra o dono, tentativa de dentada que deve ser punida com a corrente e com a casinha, uivo, latido, até ao dia em que a cabeça do cão, crescendo de repente, apparece vagamente na penumbra como face de leão.

Então o burguez brada: viva o povo!

Dada esta explicação, o que vem a ser para a historia o movimento de julho de 1832? será um motim? será uma insurreição?

E' uma insurreição.

Poderá acontecer que, na narração deste formidavel acontecimento, nos sirvamos ás vezes da palavra motim, mas empregá-la-hemos sómente para qualificar os factos superficiaes, e guardando sempre a distincção entre a' forma motim e o fundo insurreição.

Este movimento de 1832 teve, na sua explosão rapida e na sua lugubre extincção, tanta grandeza que os proprios que o consideram unicamente como um motim nunca fallam nelle sem respeito. Para estes é como um resto de 1830. As imaginações excitadas, dizem elles, não se acalmam em um dia. Uma revolução não se corta a pique. Tem sempre ondulações antes de voltar ao estado de paz, como uma montanha que se vae abaixando até a planicie. Não ha Alpes sem Jura, nem Pyrenêus sem Asturias.

Esta crise pathetica da historia contemporanea que a memoria dos parizienses chama a *época dos motins*, é por sem duvida uma hora caracteristica entre as horas procellosas deste seculo. Uma ultima palavra antes de entrarmos na narração.

Os factos que vão ser referidos pertencem a essa realidade dramatica e vivace que o historiador omitta ás vezes por falta de tempo e de espaço. Ahi porem, repetimo-lo, está a vida, a palpação, o estremecimento humano. Os pequenos pormenores, cremos já tê-lo dito, são, por assim dizer, a folhagem dos grandes acon-

tecimentos, e não podem ser distinguidos nos longes da historia. A época chamada *dos motins* abunda em pormenores deste genero. Os documentos judiciarios, por motivos differentes dos da historia, não revelaram tudo, e quiçá nada houvessem aprofundado. Vamos pois dar á luz, entre as particularidades conhecidas e publicadas, factos por sobre os quaes ha passado o esquecimento de uns, a morte d'outros. A maior parte dos actores destas scenas gigantescas desappareceram; logo no dia seguinte pesava sobre elles o silencio inquebrantavel; mas a respeito do que narramos poderemos dizer: nós o vimos. Mudaremos alguns nomes, porque a historia narra, e não denuncia, mas pintaremos cousas verdadeiras. Nas condições do livro que escrevemos não mostraremos senão um lado e um episodio, e por sem duvida o menos conhecido, dos dias 5 e 6 de junho de 1832; mas haver-nos-hemos de modo que o leitor lobrigue, por baixo do sombrio véu que vamos levantar, a figura real desta temerosa aventura publica.

III

UM ENTERRO : OCCASIÃO DE RENASCER.

Na primavera de 1832, bem que a cholera nos ultimos tres mezes tivesse gelado os espiritos, lançando-lhes na agitação não sei que sombria calma, Pariz achava-se havia muito prompta para uma convulsão. Conforme já dissemos, a grande cidade assemelha-se a uma peça de artilharia; quando está carregada, basta que caia uma faísca, produz-se a explosão. Em 1832 a faísca foi a morte do general Lamarque.

Lamarque era um homem de reputação e de acção. Tivera sucessivamente, no tempo do imperio e no da restauração, as duas bravuras necessarias ás duas épocas, a bravura dos campos de batalha e a bravura da tribuna. Era facundo como fôra valente; sentia-se uma espada na sua palavra. Como Foy, seu antecessor, depois de haver exercido valorosamente o commando, votara-se intrepidamente ao culto da liberdade. No parlamento, sentava-se entre a esquerda e a extrema esquerda, amado do povo porque aceitava as contingencias do porvir, amado da multidão porque bem servira ao imperador. Era, como os condes Gérard e Drouet, um

dos marechaes *in petto* de Napoleão. Os tratados de 1815 indignavam-n'o como uma offensa pessoal. Odiava Wellington com um odio directo que agradava á multidão; e havia dezasete annos que, apenas attento aos acontecimentos intermediarios, conservava magestosamente a tristeza de Waterloo. Na sua agonia, na sua ultima hora, apertára ao peito uma espada com que lhe haviam mimoseado os officiaes dos Cem-Dias. Napoleão expirára pronunciando a palavra *exercito*, Lamarque pronunciando a palavra *patria*.

Sua morte, prevista, era temida do povo como uma perda, e do governo como uma occasião. O luto foi geral. Como tudo que é amargo, o luto pôde mudar-se em revolta. Foi o que aconteceu.

Na vespera e no dia 5 de junho pela manhan, dia fixado para o enterro de Lamarque, o bairro de Sancto Antonio, que o prestito devia costear, assumiu um aspecto formidavel. Essa tumultuosa rêde de ruas encheu-se de rumores. Todos se armavam como podiam. Alguns marceneiros tomavam o ferro dos seus bancos « para arrombar as portas. » Um delles fizera um punhal de um gancho de tamanqueiro quebrando o gancho e aguçando o pedaço de ferro. Outro, na febre de « atacar, » dormia todo vestido havia tres dias. Um carpinteiro chamado Lombier encontrava-se com um camarada que lhe perguntava: Aonde vaes?—Essa é boa! não tenho armas.—E então?—Vou á officina buscar o meu compasso.—Para que?—Não sei, respondia Lombier.—Um tal Jacqueline, homem espedito, dirigia-se a quantos obreiros encontrava:—Olha, vem cá!—Pagava dez soldos de vinho, e dizia:—Tens que fazer?—Não.—Pois vae á casa de FilsPierre, entre a barreira de Montreuil e a de Charonne, que lá acharás que fazer.—Em casa de FilsPierre encontravam cartuchos e armas. Certos cheffes conhecidos *corriam a posta*, isto é, andavam de casa em casa para reunir a sua gente. Em casa de Bartholomeu, perto da barreira do Throno, em casa de Capel, no *Chapellinho*, os bebedores acercavam-se uns dos outros com ar grave. Ouviam-se dialogos como este:—*Onde tens a tua pistola?*—*Debaixo da blusa. E tu?*—*Debaixo da camisa.* Na rua Traversière, defronte da officina de Roland, e no largo da Maison-Brulée, defronte da fabrica de ferramentas de

Bernier, diversos grupos cochichavam. No meio destes grupos notava-se, como o mais exaltado, um tal Mavot, que nunca passava mais de uma semana em qualquer officina, porque os mestres o despediam « para não se verem obrigados a disputar todos os dias com elle » Mavot foi morto no dia seguinte, na barricada da rua Menilmontant. Pretot, que devia morrer tambem na luta, auxiliava Mavot, e a esta pergunta: qual é o teu fim? respondia:—A *insurreição*.—Alguns operarios reunidos na esquina da rua de Bercy esperavam um certo Lemarin, agente revolucionario do bairro de San' Marçal. Trocavam-se senhas quasi publicamente.

No dia 3 de junho, pois, dia entremeiado de sol e de chuva, o sahimento do general Lamarque atravessou Pariz com a pompa militar official, augmentada pelas precauções. Dous batalhões, com os tambores cobertos de panno preto, as espingardas em funeral, dez mil guardas nacionaes de sabre ao lado, e as baterias da artilharia da guarda nacional acompanhavam o carro funebre. Era este puxado por mancebos. Os officiaes dos Invalidos seguiam-n'o immediatamente, levando na mão ramos de louro. Depois vinha uma multidão sem conta, agitada, estranha, as secções da sociedade dos Amigos do povo, a escola de medicina, a escola de direito, os refugiados de todas as nações, bandeiras hespanholas, italianas, allemans, polacas, bandeiras tricolores horizontaes, todas as bandeiras possiveis, meninos agitando ramos verdes, canteiros e carpinteiros que se achavam sem trabalho naquelle momento mesmo, impressores faceis de reconhecer pelos seus barretes de papel, marchando a dous e a tres de fundo, soltando gritos, quasi todos brandindo cacetes, alguns armados de sabres, sem ordem, e não obstante com uma unica alma, ora turba tumultuosa, ora columna. Pelotões a escolherem cheffes; um homem armado de um par de pistolas perfeitamente visiveis, parecia passar revista a outros cujas fileiras se abriam deante d'elle. Nas veredas dos *boulevards*, nos galhos das arvores, nos balcões, nas janellas, nos telhados, apinhavam-se cabeças, homens, mulheres, creanças; todos os olhos manifestavam anciedade. Passava uma multidão armada, outra multidão assustada a contemplava.

Por sua parte o governo observava. Observava, com a

mão no punho da espada. Os passeantes poderiam ver, na praça de Luiz XVI, promptos para marchar, quatro esquadrões de clavineiros a cavallo, com os clarins na frente, cheias as patronas, carregados os mosquetes e espingardas; no bairro da Universidade e no Jardim das Plantas, a guarda municipal, escalonada de rua em rua, no Mercado dos Vinhos um esquadrão de dragões, na Grève metade do 12º regimento de caçadores, a outra metade na Bastilha, o 6º de dragões nos Celestinos, o pateo do Louvre cheio de artilharia. O resto das tropas conservava-se nos quartéis, sem contar os regimentos dos arredores de Pariz. O poder inquieto tinha para oppôr á multidão ameaçadora 24,000 soldados na cidade e 30,000 nos arrabaldes.

Diversos rumores circulavam no prestito. Fallava-se de intrigas legitimistas; fallava-se no duque de Reichstadt, que Deus reservava para a morte no proprio momento em que a multidão o designava para o imperio. Uma personagem, que nunca se soube quem era, annunciava que á hora convencionada dous contramestres subornados abririam ao povo as portas de uma fabrica de armas. O que dominava nas fronte descobertas da maior parte dos que seguiam o prestito, era um entusiasmo misturado com desalento. Viam-se tambem aqui e alli no meio desta multidão, preza de tantas commoções violentas, mas nobres, verdadeiras caras de malfeteiros e boccas ignobeis que diziam: saqueemos! Ha certas agitações que remexem o fundo dos paúes e fazem subir á superficie d'agua nuvens de lama. Phenomeno a que não são estranhas as policias *bem feitas*.

O prestito caminhou, com febril lentidão, da casa do finado pelos *boulevards* até á Bastilha. Chovia de espaço a espaço; a chuva nada era para essa multidão. Diversos incidentes, o feretro levado em roda da columna de Vendôme, pedras atiradas ao duque de Fitz-James que fôra visto em uma sacada com o chapéu na cabeça, o gallo gaulez arrancado de um pendão popular e arrastado na lama, um beleguim ferido com um golpe de espada na porta de San'Martinho, um official do 12º regimento de caçadores dizendo em alta voz: Eu sou republicano, os alumnos da escola polytechnica acudindo á despeito da ordem que lhes vedava a sabida, os gri-

tos: Viva a escola polytechnica! Viva a republica! as-signalaram o tracto do prestito. Na Bastilha, as compridas filas de curiosos temiveis que desciam do bairro de Sancto Antonio vieram ajuntar-se á multidão, que para logo começou a agitar-se com uma certa inquietação terrivel.

Ouviu-se um homem dizer para outro:—Vês aquelle sujeito de barbica vermelha? é elle quem ha de dar o signal de atirar.—Parece que esta mesma barbica vermelha desempenhou igual função em outro motim que depois teve lugar; a questão Quénisset.

O carro funebre passou a Bastilha, seguiu o canal, atravessou a ponte pequena e chegou á esplanada da ponte d'Austerlitz. Ahi parou. Neste momento toda aquella multidão vista do alto houvera apresentado o aspecto de um cometa cuja cabeça estava na esplanada e a cauda estendida pelo caes Bourdon cobria a Bastilha e prolongava-se pelo *boulevard* até á porta San'Martinho. Formou-se um circulo em roda do carro. A immensa turba calou-se. Lafayette fallou e disse adeus a Lamarque. Foi um momento enternecedor e augusto, todas as cabeças estavam descobertas, todos os corações batião. De repente um homem a cavallo, vestido de preto, appareceu no meio do grupo com uma bandeira vermelha, outros dizem que era um chuço com um barrete vermelho na ponta. Lafayette voltou o rosto. Excelsmans retirou-se do prestito.

Esta bandeira vermelha suscitou uma tempestade e desapareceu no meio della. Do *boulevard* Bourdon á ponte d'Austerlitz um desses clamores que se assemelham a marulhos agitou a multidão. Dous gritos prodigiosos se levantaram:—*Lamarque para o Pantheon!*—*Lafayette para a casa da camara!*—Alguns mancebos, applaudidos pela turba, entraram a puxar o feretro de Lamarque pela ponte d'Austerlitz e Lafayette em uma sege pelo caes Morland.

No meio da multidão, que rodeava e dava vivas a Lafayette, notava-se e mostravam-o uns aos outros um allemão chamado Ludwig Soyder, que depois morreu centenário, o qual tambem estivera na guerra de 1776, e combatera em Trenton sob o commando de Washington e em Brandywine sob o commando de Lafayette.

Entretanto na margem esquerda puzera-se em movi-

mento a cavallaria municipal, e viera fechar a ponte : na margem direita os dragões sahiam dos Celestinos e estendiam-se ao longo do caes Morland. O povo que arrastava Lafayette avistou-os de repente no angulo do caes e bradou : os dragões ! Estes avançavam a passo, silenciosos, com as pistolas nos coldres, as espadas nas bainhas, os mosquetes nas bandoleiras, mostrando um ar de expectação sombria.

A duzentos passos da ponte pequena fizeram alto. A sege que levava Lafayette caminhou até junto delles, as suas fileiras abriram-se, deixaram-n'a passar, e tornaram a cerrar-se assim que o vehiculo acabou de atravessa-las. Neste momento os dragões e a multidão tocavam-se. As mulheres fugiam cheias de pavor.

O que se passou naquelle minuto fatal? Ninguem poderia dizê-lo. É o instante tenebroso em que duas nuvens se chocam. Uns contam que se ouvira do lado do arsenal os clarins darem o signal de investir, outros que um dragão levára uma punhalada da mão de um menino. O que é facto é que soaram de subito tres tiros, o primeiro matou o chefe de esquadrão Cholet, o segundo estendeu morta uma velha surda que fechava a sua janella na rua Contrescarpe, o terceiro queimou a dragona de um official; uma mulher exclamou: Começam cedo de mais! e para logo viu-se do lado opposto ao caes Malaquais um esquadrão de dragões, que se conservára no quartel, desembocar a galope, de sabres em punho, pela rua Bassompierre e o *boulevard* Bourdon, e varrer tudo deante de si.

Então fere-se a refega, a tempestade desencadêa-se, chovem as pedradas, crepita a espingardaria, muitos se precipitam do alto da ribanceira e atravessam o pequeno braço do Sena hoje aterrado; as estancias de lenha da ilha Louviers, essa vasta cidadella tam azada, cobrem-se de combatentes, as estacas são arrancadas, dão-se tiros de pistola, esboça-se uma barricada; os manebos repellidos passam a ponte d'Austerlitz com o carro funebre às carreiras e investem contra a guarda municipal; acodem os clavineiros, os dragões acutilam, a multidão se dispersa em todas as direcções, um rumor de guerra voa aos quatro angulos de Pariz, todos bradam: As armas! correm, cahem, fogem, resistem. A colera espalha o motim como o vento espalha o fogo.

IV

AS EFFERVESCENCIAS DE OUTR'ORA.

Nada é tam extraordinario como o primeiro formigar de um motim. Tudo rebenta por toda a parte ao mesmo tempo. Estaria isto previsto? estava preparado? não. De onde sahe? das calçadas. De onde cahe? das nuvens. Aqui a insurreição tem o caracter de conspiração; alem parece um improvisio. O primeiro adventicio apodera-se de uma corrente da multidão e leva-a para onde quer. Começo cheio de temor a que se ajunta uma especie de alegria formidavel. A principio ouvem-se clamores, as lojas fecham-se, as exposições dos mercadores desaparecem; depois soam tiros; vê-se gente a fugir; retumbam coronhadas nos portões; ouve-se nos pateos o riso das creadas que dizem: *parece que a cousa está ficando quente!*

Mal havia passado um quarto de hora, e eis aqui o que se dava quasi simultaneamente em vinte pontos diferentes de Pariz.

Na rua de Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie, uns vinte mancebos, de barbas e cabellos compridos, entravam em uma taverna e sabiam pouco depois, com uma ban-

deira tricolor horizontal coberta de crepe, e tendo a sua frente tres homens armados, um de espada, outro de espingarda, e o terceiro com um chuço.

Na rua das Nonaindières, um burguez bem trajado, barrigudo, de voz sonora, calvo, com vasta fronte, barba preta, e um desses bigodes rijos que não podem abaixar-se, offerecia publicamente cartuchos aos transeuntes.

Na rua San'Pierre Montmartre, homens de braços nus perambulavam levando arvorado um panno preto em que estavam escriptas estas palavras em letras brancas: *Republica ou morte*. Na rua dos Jeuneurs, na do Cadran, na do Montorgueil, na de Mandar, appareciam grupos agitando pendões em que se distinguiam em letras de ouro a palavra *secção* com um numero. Um destes pendões era vermelho e azul com imperceptivel entremeio branco.

No *boulevard* San'Martinho saqueava-se uma fabrica de armas, e tres lojas de espingardeiros, a primeira na rua Beaubourg, a segunda na rua Michel-le-Comte, a terceira na rua do Templo. Dentro em alguns minutos as mil mãos da multidão arrebatavam e levavam duzentas e trinta espingardas, quasi todas de dous canos, sessenta e quatro sabres, oitenta e tres pistolas. Para se armar maior numero da gente ficava um com a espingarda, outro com a baioneta.

Defronte do caes da Grève, alguns mancebos armados de mosquetes entravam para as casas das mulheres afim de fazerem fogo d'alli. Um delles tinha um mosquete de roda. Tocavam a campainha, entravam e punham-se a fazer cartuchos. Uma destas mulheres disse depois: *Eu não sabia o que era um cartucho, foi meu marido que me mostrou.*

Um grupo arrombava um armarinho da rua das Vieilles-Haudriettes e armava-se de *yatagans* e outras armas turcas.

O cadaver de um pedreiro morto de um tiro de espingarda jazia na rua da Perola.

Alem disto, na margem direita, na margem esquerda, nos caes, nos *boulevards*, nos arredores da praça do Mercado, homens offegantes, operarios, estudantes, membros das secções, liam proclamações, bradavam: *As armas!* quebravam os lampeões, tiravam os animaes

dos carros, descalçavam as ruas, arrombavam as portas das casas, arrancavam arvores, revistavam as adegas, rolavam pipas, amontoavam pedras, lages, trastes, taboas, faziam barricadas.

Obrigavam os burguezes a ajudal-os. Entravam nas casas, compelliam as mulheres a darem a espada ou a espingarda dos maridos ausentes e escreviam com giz na porta : *as armas estão entregues*. Alguns assignavam com os *seus nomes* recibos da espingarda e da espada, e diziam : *mande busca-las amanha á policia*. Desarmavam nas ruas as sentinellas isoladas e os guardas nacionaes que iam para a sua municipalidade. Arrancavam as dragonas aos officiaes. Na rua do cemiterio San'Nicolão um official da guarda nacional, perseguido por um bando armado de páus e floretes, refugiou-se a custo em uma casa, de onde não pôde sair senão de noite, e disfarçado.

No bairro de Sanct'Iago, os estudantes sahiam aos magotes das hospedarias, e subiam a rua de Santa Jacintha em direcção ao caffè do Progresso, ou iam para o caffè dos Sete Bilhares, na rua dos Mathurinos. Alli, de frente das portas, diversos mancebos trepados em cima das pilastras distribuiam armas. Saquearam o deposito de madeiras da rua Transnonain para fazer barricadas. Em um unico ponto os habitantes resistiam, na esquina das ruas Sainte Avoye e Simon-le-France, onde destruiam em pessoa a barricada. Em um unico ponto, os amotinados recuavam ; abandonavam uma barricada começada na rua do Templo depois de terem feito fogo sobre um destacamento da guarda nacional, e fugiam pela rua da Corderie. O destacamento achou na barricada uma bandeira vermelha, um embrulho de cartuchos e tresentas balas de pistola. Os guardas nacionaes rasgaram a bandeira e levaram os pedaços nas pontas das baionetas.

Tudo que aqui referimos lenta e successivamente dava-se ao mesmo tempo em todos os pontos da cidade no meio de um vasto tumulto, como uma multidão de relampagos acompanhados de um unico trovão.

Só nos arredores da Praça do Mercado, em menos de uma hora, surdiram da terra vinte e sete barricadas. No centro ficava essa famosa casa n. 50, que foi a fortaleza de Jeanne e dos seus cento e seis companheiros, e que, flanqueada de um lado por uma barricada me

Saint Merry, e do outro por outra barricada na rua Mauboué, dominava tres ruas, a dos Areis, a de San'Martinho e a de Aubry-le-Boucher, que lhe estava na frente. Duas barricadas em esquadria estendiam-se uma da rua Montorgueil até á Grande-Truanderie, outra da rua Geoffroy-Longevin até á de Saint-Avoye. Sem contar innumeraveis barricadas em vinte outros bairros de Pariz, no Marais, na montanha de Santa Genoveva; uma na rua Mênilmontant, onde se via um portão arrancado dos gonzos; outra perto da ponte do Hotel Dieu feita com uma *escosseza* a que haviam tirado os arreios e derribado, a trezentos passos da prefeitura de policia.

Na barricada da rua dos Ménétriers um homem bem trajado distribuia dinheiro aos trabalhadores. Na da rua Grenetat appareceu um cavalleiro e entregou ao individuo que parecia o chefe da barricada um rôlo que sem duvida continha dinheiro.—*Aqui tem*, disse elle, *para pagar as despesas, o vinho, et cætera*. Um moço louro, sem gravata, andava d'uma para outra barricada levando senhas. Outro, de espada em punho, com um boné militar de panno azul, postava sentinellas. No interior, áquem das barricadas, as tavernas e os cubiculos de porteiros estavam transformados em corpos de guarda. O motim, porem, procedia conforme a mais sabia tactica militar. As ruas estreitas, deseguaes, sinuosas, cheias de angulos e de vãos, eram admiravelmente escolhidas; os arredores da Praça do Mercado em particular, rêde de ruas mais intrincadas do que uma floresta. A sociedade dos Amigos do povo tomára, ao que se dizia, a direcção do motim no bairro Saint-Avoye. Tendo-se revistado um homem que foi morto na rua do Ponceau, achou-se-lhe no bolso uma planta de Pariz.

O que havia tomado realmente a direcção do motim era uma especie de impetuosidade desconhecida que havia no ar. A insurreição, de repente, levantára as barricadas com uma mão e com a outra apoderára-se de quasi todos os postos da guarnição. Em menos de tres horas, qual rastilho de polvora que se incendia, os insurgentes haviam invadido e occupado, na margem direita, o arsenal, a *mairie* da Praça Real, todo o Mârais, a fabrica de armas Popincourt, a Galiote, o Chateau d'Eau, todas as ruas contiguas á praça do Mercado; na margem esquerda, o quartel dos veteranos, Santa Pelagia,

a praça Maubert, a fabrica da polvora dos Dous Moinhos, todas as barreiras. A's cinco horas da tarde achavam-se senhores da Bastilha, da Lingerie, dos Blancs-Man-teaux; os exploradores chegavam á praça das Victorias, e ameaçavam o banco, o quartel dos Petits-Pères, a casa do correio. A terça parte de Pariz estava em poder dos amotinados.

Em todos os pontos se achava a luta gigantescamente travada; e, dos desarmamentos, das invasões de domicilios, das lojas de espingardeiros saqueadas, resultára que o combate começado a pedradas continuava a tiros de espingarda.

Pelas seis horas da tarde transformava-se o passadiço do Salmão em campo de batalha. O motim estava em uma extremidade, a tropa na outra. Trocavam-se tiros de espingarda de uma grade para outra. Um observador, um sonhador, o autor deste livro, que fôra ver o vulcão de perto, achou-se no passadiço mettido entre dous fogos. Não tinha para preservar-se das balas senão a saliencia dos pilares que separam as lojas; esteve quasi meia hora nesta situação delicada.

Entretanto tocava-se a rebate, os guardas nacionaes fardavam-se e armavam-se a toda a pressa; as legiões sabiam das *mairies*, os regimentos dos quartéis. Defronte do passadiço da Ancora um tambor era apunhalado. Outro, na rua do Cysne, via-se assaltado por uns trinta mancebos que lhe furavam a caixa e tomavam o sabre. Outro era morto na rua Grenier-St.-Lazare. Na rua Michelle-Comte, tres officiaes cahiam mortos um após outro. Diversos municipaes, feridos na rua dos Lombardos, retrogradavam.

Defronte da Cour-Batave, um destacamento de guardas nacionaes achava uma bandeira vermelha com a inscripção: *Revolução republicana n. 107*. Seria comefeito uma revolução?

A insurreição fizera do centro de Pariz uma especie de cidadella inextricavel, tortuosa, colossal.

Alli estava o foco, alli evidentemente a questão. Tudo o mais não passava de escaramuças. O que provava que tudo se decidiria alli, era que ainda se não travára o combate naquelle ponto.

Em alguns regimentos, os soldados estavam irresolutos, o que augmentava a obscuridade assustadora da

crise. Lembravam-se de ovação popular que acolhêra em julho de 1830 a neutralidade do 50º regimento de linha. Dous homens intrepidos e affeitos ás grandes guerras, o marechal de Lobau e o general Bugeaud, commandavam, Bugeaud ás ordens de Lobau. Enormes patrulhas compostas de batalhões de linha cercados por companhias inteiras de guardas nacionaes, e precedidas de um commissario de policia cingindo a faixa, iam explorar as ruas insurgidas. Por seu turno, os insurgentes postavam vedetas no canto dos largos e faziam audaciosamente sahir patrulhas das barricadas. De ambos os lados observavam-se. O governo, com um exercito ás suas ordens, hesitava; não tardava a noite, e já começava a ouvir-se o toque de rebate do sino de San'-Merry. O ministro da guerra de então, o marechal Soult, que vira Austerlitz, considerava aquillo com ar sombrio.

Estes velhos marinheiros, habituados á manobra correcta e soccorrendo-se unicamente da tactica, a bussola das batalhas, ficam desorientados na presença dessa immensa escuma a que chamam colera publica. O vento das revoluções não é maneavel.

Os guardas nacionaes dos arrabaldes acudiam a toda a pressa e em desordem. Um batalhão do 12º regimento de caçadores vinha a marche marche de San'Diniz, o 14º de linha chegava de Courbevoie, as baterias da escola militar tomavam posição no Carrousel, desciam canhões de Vincennes.

O palacio das Tulherias ia ficando solitario. Luiz Philippe estava perfeitamente severo.

ORIGINALIDADE DE PARIZ.

Pariz, conforme já o dissemos, vira, havia dous annos, mais de uma insurreição. A' excepção dos bairros insurgidos, nada é tam extraordinariamente calmo como a physionomia de Pariz durante um motim. Pariz afaz-se a tudo facilmente,—é um simples motim,—e Pariz tem tantos negocios a tractar que não se perturba com tam pouca cousa. Só estas cidades colossaes podem dar espectaculos semelhantes. Só estes recintos immensos podem conter ao mesmo tempo a guerra civil e não sabemos que estranha tranquillidade. De ordinario, quando a insurreição começa, quando se ouve o tambor, a chamada, o rebate, o lojista limita-se a dizer:

—Parece que temos rusga na rua de San'Martinho.
Ou:

—No bairro de Sancto Antonio.

A's vezes accrescenta descuidosamente:

—Por ahi alem via.

Depois, quando se ouve a lugubre crepitação da mosquetaria e dos fogos de pelotão, o lojista diz:

—A cousa vae ficando quente! Devêras, vae ficando quente!

Dahi a um momento, se o motim approxima-se, e se propaga, fecha precipitadamente a loja e veste rapidamente a farda, isto é, põe as mercadorias em segurança e arrisca a pessoa.

Trocam-se tiros de espingarda em um largo, em um passadiço, em um becco; tomam-se, perdem-se e tornam a tomar-se barricadas; o sangue corre, a metralha esburaca as fachadas das casas, as balas matam as pessoas dentro das suas alcovas, os cadaveres empacham a calçada. Algumas ruas mais adeante ouve-se a bulha das bolas de bilhar nos caffès.

Os theatros abrem-se e representam *vaudevilles*; os curiosos conversam e riem-se a dous passos dessas ruas cheias de guerra. Os carros circulam; os viandantes vão jantar às casas para onde foram convidados, às vezes no mesmo bairro em que se acha travado o combate. Em 1831 a tropa e os amotinados interrompêram as descargas para deixar passar um casamento.

Por occasião da insurreição de 12 de maio de 1839, na rua de San Martinho, um velhinho aleijado arrastando uma carrocinha por sobre a qual tremulava um trapo tricolor e cheia de garrafas que continham um liquido qualquer, andava da barricada para a tropa e desta para aquella, offerecendo imparcialmente—copos de refrescos,—ora ao governo, ora á anarchia.

Nada é mais estranho; e tal é o caracter proprio dos motins de Pariz que se não vê em nenhuma outra capital. Para isso tornam-se precisas duas cousas, a grandeza de Pariz, e a sua alegria. Cumpre ser a cidade de Voltaire e de Napoleão.

Desta vez, porem, na sublevação de 5 de junho de 1839, a grande cidade sentiu o que quer que fosse que era talvez mais forte do que ella. Teve medo. Viram-se por toda a parte, nos bairros os mais afastados e *desinteressados*, portas e janellas fechadas no pino do dia.

Os corajosos armaram-se, os poltrões esconderam-se. O viandante descuidoso e occupado desapareceu. Muitas ruas estavam solitarias como às 4 horas da madrugada. Referiram-se particularidades assustadoras, espalhavam-se noticias fataes.—Que *elles* estavam senhores do Banco;—que, só no claustro de Saint Merry, achavam-se 600 entrincheirados e fazendo fogo pelas setteiras abertas nas paredes da egreja;—que a tropa de li-

nha não era segura;—que Armando Carrel fôra fallar ao marechal Clausel e que este dissera:—*Arrangem primeiro um regimento*;—que Lafayette estava doente, mas que não obstante isso havia dito: *estou ao seu dispor. Segui-los-hei por onde quer que haja lugar para uma cadeirinha*;—que todos deviam acautelar-se;—que de noite diversos bandos assaltariam e saqueariam casas isoladas nos sitios desertos de Pariz (nisto reconhecia-se a imaginação da policia, essa Anna Ratcliffe, que acompanha o governo);—que se estabelecêra uma bateria na rua Aubry-le-Bucher;—que Lobau e Bugeaud conferenciavam, e que á meia noite, ou, o mais tardar, ao romper do dia, quatro columnas investiriam simultaneamente contra o centro do motim, a primeira vinda da Bastilha, a segunda da porta de San'Martinho, a terceira da Grève, a quarta da Praça do Mercado;—que talvez tambem as tropas evacuassem Pariz e se retirassem para o Campo de Marte;—que não se sabia qual seria o resultado, mas que por sem duvida desta vez a situação era grave. Todos se preocupavam com as hesitações do general Soult. Porque não ataca já?—O facto é que estava muito absorto. O velho leão parecia farejar naquella conjuntura um monstro desconhecido.

Anoiteceu, os theatros não se abriram; as patrulhas circulavam com ar desabrido; apalpavam os viandantes, prendiam os suspeitos. A's nove horas achavam-se presas mais de oitocentas pessoas; a prefeitura de policia estava cheia, cheia a Conciergerie, cheia a Force. Na Conciergerie, em particular, o extenso subterraneo a que cha am rua de Pariz, estava alastrado de mólhos de palha em que jazia uma multidão de presos, a quem o homem de Lyão, Lagrange, arengava com intrepidez. Essa palha, remexida por estes homens, fazia uma bulha semelhante á de um aguaceiro. Em alguns lugares os presos deitavam-se ao ar livre no meio dos campos, amontoados. Notava-se por toda a parte a anxiedade, e um certo tremor, a que Pariz não está habituado.

Todos se trancavam em suas casas; as mulheres e as mães inquietavam-se: não se ouvia senão isto: *Ah! meu Deus! elle ainda não se recolheu?* Ouviam-se apenas rodar ao longe alguns raros carros. Do limiar das portas escutavam os moradores os gritos, os rumores, os tumultos, os estrepitos surdos e indistinctos, cousas a

cujo respeito diziam: *E' a cavallaria*, ou: *São os armões que galopam*, os clarins, os tambores, as descargas, e sobretudo o tristonho toque do sino de Saint-Merry. Aguardavam o primeiro tiro de canhão. Alguns homens appareciam nas esquinas das ruas e fugiam, gritando: Recolham-se para casa! E davam-se pressa em aferrolhar as portas. Diziam uns para os outros: Como acabará isto? De instante a instante, a medida que se fechava a noite, Pariz parecia colorir-se mais lugubrememente com o formidavel chammejar do motim.

FIM DO LIVRO DECIMO.

LIVRO UNDECIMO.

O ATOMO FRATERNIZA COM O
GAVROCHE.

I

ALGUNS ESCLARECIMENTOS ACERCA DAS ORIGENS DA
POESIA DE GAVROCHE.—INFLUENCIA DE UM
ACADEMICO SOBRE ESTA POESIA.

No instante em que a insurreição, surgindo do choque da tropa e do povo defronte do arsenal, determinou um movimento retrogrado na multidão que acompanhava o carro funebre, e que, de toda a extensão dos *boulevards*, pesava, por assim dizer, sobre a frente do prestito, deu-se um temeroso refluxo. A turba abalou, as fileiras destroçaram-se, todos se afastaram, correram, escaparam-se, uns soltando gritos de ataque, outros com a pallidez da fuga. O grande rio que cobria os *boulevards*, dividia-se em um apice, espraizou-se á esquerda e á direita, e derramou-se em torrentes por duzentas ruas ao mesmo tempo com o impeto de um dique solto. Nesse momento um menino esfarrapado que descia pela rua Ménilmontant, tendo na mão um ramo florido que acabava de colher nas alturas de Belleville, avistou pendurada á porta de uma adela uma pistola velha de cavallaria. Deitou fóra o ramo, e bradou:

—Mãe cousa, eu levo emprestada a sua pistola.

E deitou a fugir com a arma.

Dous minutos depois, uma onda de burguezes assus-

tados que fugiam pela rua Amelot e pela Basse, encontrou o pequeno que brandia a sua pistola e cantava :

De noite os gatos são pardos,
De dia enxergam-se os cardos ;
Uma firma agatanhada
Traz a praça atrapalhada ;
Sêde bons p'ra serdes ricos ;
O meu chapéu de tres bicos.

Era Gavrochinho que marchava para a guerra.

Chegando ao *boulevard*, reparou que a sua pistola não tinha cão.

De quem era aquella copla que lhe servia para marcar a sua marcha, e todas as outras que, em certos casos, gostava de cantar? ignoramo-lo. Quem sabe? talvez fosse de lavra propria. Na verdade, Gavroche andava em dia com todas as cantigas populares que circulavam, e ajuntava-lhes o seu proprio gorgeio. Diabrete e galopim, fazia uma miscellanea das vozes da natureza e das de Pariz. Combinava o repertorio dos passarinhos com o das officinas. Conhecia muitos *rapins* (discipulos de pintor), tribu contigua á sua. Estivera, ao que parece, aprendendo uns tres mezes o officio de typographo. Certo dia fôra levar um recado ao snr. Baour-Lormian, um dos quarenta. Gavroche era um garoto litterato.

Gavroche, porem, bem longe estava de imaginar que naquella feia noite chuvosa em que hospedára, dous fedelhos no seu elephante, fôra para com seus proprios irmãos que fizera as vezes de Providencia. Os irmãos de noite, o pae de madrugada ; eis qual havia sido a sua noite. Sahindo da rua dos Ballets ao romper do dia, voltára a toda a pressa para o elephante, de cujo bojo extrahi artisticamente os dous pequenos, repartira com elles o almoço qualquer que havia inventado, depois retirara-se, confiando-os á rua, essa boa mãe, a quem elle proprio devia pouco mais ou menos a educação. Quando os deixou, convidou-os a acharem-se de noite naquelle mesmo lugar, e despediu-se delles com este discurso : « Eu *québro uma bengala*, por outras palavras : *Musco-me*, ou, como se diz na côrte, dou ás gambias. Fedelhos, se não encontrarem papae nem mamãe, voltem aqui á noitinha. Dar-lhes-hei cêa e cama. »

Os dous pequenos, apanhados por algum agente de

policia e levados para o deposito, ou roubados por algum pelotiqueiro, ou simplesmente perdidos no immenso labyrintho pariziense, não haviam voltado. As regiões subjacentes do mundo social actual estão cheias destes vestigios perdidos. Gavroche não tornara a vê-los. Dez ou doze semanas eram passadas depois daquella noite. Mais de uma vez o garoto coçara a cabeça e dissera com os seus botões : Onde diabo estarão os meus dous filhos ?

Entretanto, tinha elle chegado, com a sua pistola em punho, á rua da Pont-aux-Choux. Notou que só havia uma loja aberta, e, cousa digna de reflexão, uma loja de pasteleiro. Era uma occasião providencial de comer uma torta de maçan antes de se atirar á aventura. Gavroche parou e apalpou os bolsos das calças, os do colete, virou-os para fóra, e nada achando, nem se quer um soldo, pôz-se a gritar : aqui d'elrei !

E' duro não poder comer o ultimo bolo.

Gavroche nem por isso deixou de continuar o seu caminho.

Dous minutos depois, achava-se na rua de San'Luiz. Ao atravessar a do Parque-Real sentiu a necessidade de compensar-se da torta de maçans impossivel, e fruiu o immenso prazer de rasgar á luz do dia os cartazes de espectaculos.

Um pouco mais adeante, vendo passar um grupo de homens bem nutridos que lhe pareceram proprietarios, encolheu os hombros e lançou esta golphada de billis philosophica :

« Como andam tam anafados ! estes capitalistas passam vida regalada. Abarrotam-se com bons jantares. Vão lá perguntar-lhes o que fazem do seu dinheiro. Nem elles mesmos o sabem. Ora ! comem-n'o. E' quanto lhes póde caber no bandulho. »

II

GAVROCHE EM MARCHA.

A agitação de uma pistola sem cão levada em punho às escancaras pelas ruas é uma função publica tal, que Gavroche sentia o estro augmentar-lhe a cada passo. Bradava, por entre pedaços da Marselheza que ia entoando:

—Tudo vae bem. Tenho a pata esquerda bastante incommodada, machuquei o meu rheumatismo, mas estou contente, cidadãos. Os burguezes que se acautellem, vou atordoá-los com coplas subversivas. O que são os beleguins? uma cambada de cães. Com os seiscentos! respeitemos os cães. Tanto mais que bem contente ficaria eu se tivesse um na minha pistola. Venho do *boulevard*, meus amigos, a cousa vae aquecendo, já abriu a fervura, já borbulha. É tempo de escumar a panella. Homens, em frente marcha! que um sangue impuro inunde os sulcos! Eu dou os meus dias pela patria, não tornarei a ver a minha amada, a minha Nini! acabou-se, mas não importa, viva a alegria! batamo-nos, com a breca! já estou aborrecido do despotismo!

Neste instante, tendo cahido o cavallo de um lanceiro

da guarda nacional que ia passando, Gavroche largou a pistola no chão, e levantou o cavalleiro, depois ajudou a levantar a cavalgadura. Feito isto, empunheu de novo a sua arma e continuou a caminhar.

Na rua de Thorigny tudo era paz e silencio. Esta apathia propria do Marais contrastava com o immenso rumor dos arredores. Quatro comadres conversavam no limiar de uma porta. A Escossia tem ternos de feitiçeiros, mas Pariz tem quaternos de comadres; e o *tu serás rei* seria tam lugubrememente dito a Bonaparte no largo Bandoyer como a Macheth na charneca d'Armuyr. As vozes coaxariam pouco mais ou menos da mesma maneira.

As comadres da rua de Thorigny não se occupavam senão dos seus negocios. Eram tres porteiras e uma trapeira com a sua alcofa e o seu gancho.

Todas quatro pareciam achar-se postadas nos quatro angulos da velhice, que são a caducidade, a decrepitude, a ruina e a tristeza.

A trapeira era humilde. Neste mundo cheio de fofice, a trapeira sauda, a porteira protege. Isto depende do lixo que se amontoa nos cantos das ruas, e que é o que os porteiros querem que seja, abundante ou mesquinho, conforme o capricho de quem faz o monte. Até mesmo na vassoura pode haver benevolencia.

A trapeira tinha uma alcofa conhecida, e portanto sorria-se, que sorriso! para as tres porteiras. Eis o assumpto da sua conversa:

—Ora, diga cá, o seu gato ainda é tam mau?

—Meu Deus, os gatos são naturalmente inimigos dos cachorros. Os cachorros é que se queixam.

—E tambem a gente.

—Mas o que é verdade é que as pulgas de gato não perseguem a gente.

—Se fosse só isso! porem os cachorros são perigosos. Lembro-me que uma vez havia tantos que não houve remedio senão pô-los nos jornaes. Era no tempo em que uns carneiros muito grandes puxavam o carrinho do rei de Roma nas Tulberias. Lembra-se do rei de Roma?

—Cá por mim gostava bem do duque de Bordenus.

—Pois eu conheci Luiz XVII. Gosto mais de Luiz XVII.

—Como anda cara a carne, senr.^a Patagon!

—Ah! nem me falle nisso, os carnicheiros estão esfolando a gente. E' um horror horrivel. Já não dão senão contrapeso.

Aqui a trapeira interveiu:

—As senhoras nem fazem idéa de como me corre mal o negocio. Os montes de lixo são uma lastima. Já se não deita fóra nada. Come-se tudo.

—Pois digo-lhe que ha gente muito mais pobre que você, Vargoulême.

—Lá isso é verdade, tornou a trapeira com deferencia, eu tenho um officio.

Houve um momento de silencio, e a trapeira, cedendo a essa necessidade de ostentação que é natural no homem, accrescentou:

—De manhan, quando me recolho, cato a minha alcova, faço a minha escolha. O quarto fica cheio de montões. Os trapos vão para dentro de um cesto, os talos para dentro da celha, os pedaços de linho para o meu armario, o que é de lan para a commoda, os papeis velhos para o canto da janella, as cousas boas de comer para a minha tijela, os cacos de vidro para a chaminé, os chinelos para trás da porta, e os ossos para baixo da cama.

Gavroche, que parára por detrás dellas, escutava.

—Olá, minhas velhas, disse, porque se mettem a fallar em politica?

Respondeu-lhe uma banda composta de uma quadrupla gritaria.

—Aqui está outro malvado!

—O que é que elle traz na pata? Uma pistola?

—Vejam este fedelho de uma figa!

—Esta cambada não está contente enquanto não dá com a autoridade em terra.

Gavroche, desdenhoso, limitou-se, por unica represalia, a levantar a ponta do nariz com o pollegar abrindo bem a mão.

A trapeira bradou:

—Vae calçar ao menos uns chinelos, perverso!

A que se chamava Patagon bateu com as mãos uma na outra, scandalisada:

—E' impossivel que não estejam para acontecer desgraças. O galopim meu vizinho, que tem uma barbica,

passava todas as manhãs de braço com uma mocinha de touca cor de rosa; hoje vi-o passar, levava uma espingarda debaixo do braço. A senr.^a Bacheux contou-me que a semana passada houve uma revolução em... em... em... como estou ficando sem memória! em Pontoise. E senão vejam como este malvadinho passava todo concho com a sua pistola! Parece que nos Celestinos ha um bandão de peças de artilharia. Pois o que ha de fazer o governo com uns bigorrilhas que não sabem mais que inventar para inquietar a gente quando começavamos a socegar depois de todas as desgraças que tem havido; meu Deus, essa pobre rainha que vi passar na carreta! E o resultado qual será? ficar o tabaco mais caro. E' uma infamia! e de certo irei te ver guilhotinar, malfeitor.

—Estás fungando, minha velha, disse Gavroche. Assua o teu beque.

E continuou o seu caminho.

Quando chegou á rua Pavée, lembrou-se da trapeira e disse com os seus botões:

—Fazes mal em insultar os revolucionarios, mãe Remexe-monturos. Se trago esta pistola, é para teu beneficio. E' para que tenhas na tua alcofa mais cousas boas de comer.

De repente ouviu bulha de passos atrás de si: era a porteira Patagon que o seguia, e que, de longe, lhe acenava com o punho fechado gritando:

—Tu és um bastardo!

—Bem pouco cuidado me dá, disse Gavroche.

Pouco depois, passava pelo palacio Lamoignon. Ahi soltou este brado:

—Marchemos para a batalha!

E sentiu-se tomado de melancolia. Olhou para a pistola com um ar de exprobração como se buscasse enterrecê-la:

—Eu parto, disse-lhe, mas de ti nada parte.

Um cão pôde fazer esquecer outro. Passou um gozo magrissimo. Gavroche compadeceu-se delle.

—Pobre totó, disse-lhe, estás com os arcos á mostra como se tivesses engulido um tonnel.

Depois dirigiu-se para o Orme Saint-Gervais.

III

JUSTA INDIGNAÇÃO DE UM CABELLEIREIRO.

O digno cabelleireiro, que expellira os dous pequenos a quem Gavroche abriu as entranhas paternaes do elephante, estava neste momento na sua loja barbeando um velho soldado legionario que servira no tempo do imperio. Conversava com o seu freguez. O cabelleireiro fallára naturalmente ao veterano a respeito do motim, depois a respeito do general Lamarque, e de Lamarque passára ao imperador. Dahi uma conversa entre barbeiro e soldado, que Prudhomme, se estivesse presente, houvera enchido de arabescos, e intitulado: *Dialogo do sabre e da navalha*.

—Senhor, dizia o cabelleireiro, o imperador montava bem?

—Se montava! Elle não sabia cahir. Por isso nunca cahia.

—E tinha bonitos cavallos? devia os ter famosos!

—No dia em que me deu a cruz, vi de perto a sua cavalgadura. Era uma egua parelheira, toda branca. Tinha orelhas muito afastadas, lombo fundo, cabeça pequena com uma estrella preta, pescoço compridissimo, joelhos vigorosamente articulados, costellas salientes, espadas obliquas, a garupa possante. Tinha um pouco mais de quinze palmos de altura.

—Que bonito animal! disse o cabelleireiro.

—Tal era a cavalgadura de sua magestade.

O cabelleireiro achou que depois destas palavras convinha que houvesse alguns momentos de silencio, assim o fez, e continuou:

—O imperador foi ferido uma unica vez, não é assim, senhor?

O velho soldado respondeu com o tom calmo e soberano do homem que foi testemunha do que refere:

—No calcanhar. Foi em Ratisbona. Nunca o vi tambem vestido como naquelle dia. Estava limpinho que fazia gosto.

—E vm., senhor veterano, foi ferido muitas vezes, não?

—Eu? tornou o soldado, qual! nem tanto assim. Em Marengo levei duas cutiladas na nuca, uma bala no braço direito em Austerlitz, outra no quadril esquerdo em Jena, em Friedland uma baionetada—aqui—, na Moskowa sete ou oito lançadas, nem já me lembra em que parte, em Lutzen uma granada arrebatando esmagou-me um dedo.... Ah! tambem em Waterloo levei um biscoinho na côxa. Foi só.

—Como é bello morrer no campo de batalha! exclamou o cabelleireiro em tom pindarico. Palavra de honra, cá por mim, em vez de espichar a canella em cima de uma cama, em vez de morrer de doença, lentamente, cada dia um pouquinho, com drogas e cataplasmas, com a seringa e o medico, preferiria que uma bala de artilharia, dando-me no meio da barriga, me atirasse de pernas para o ar!

—Não tem máu gosto, disse o soldado.

Não acabava, quando pavoroso estrondo abalou a loja. Um vidro acabava de ser feito em astilhas.

O cabelleireiro ficou pallido como um defunto.

—Meu Deus! exclamou, seria alguma?

—Alguma que?

—Alguma bala de artilharia...

—Ei-la aqui, disse o soldado.

E levantou o que quer que fosse que jazia no chão. Era uma pedra.

O cabelleireiro correu á sua vidraça quebrada e viu Gavroche que fugia a bom correr para o lado do mercado de San'João. Passando por defronte da loja, Gavroche, que não se esquecêra dos dous pequenos, não pudera resistir ao desejo de dar os bons dias ao cabelleireiro, e arremessára-lhe uma pedra á vidraça.

—Viu! bradou o homem que de branco se tornára azul, fazem mal só por fazer mal. Que agravo poder de mim aquelle garoto?

IV

O MENINO ADMIRA-SE DO VELHO.

Entretanto Gavroche no mercado de San'João, cujo posto já estava desarmado, acabava de—*fazer a sua junção*—com um bando conduzido por Enjolras, Courfeyrac, Combeferre e Feuilly. Estavam pouco mais ou menos armados. Bahorel e João Prouvaire os tinham encontrado e se haviam reunido ao grupo. Enjolras tinha uma espingarda de caça de dous canos, Combeferre uma espingarda de guarda nacional em que se via um numero de legião, e á cinta duas pistolas que a sua sobrecasaca desabotoada deixava á mostra, João Prouvaire um velho mosquete de cavallaria, Bahorel uma clavina, Courfeyrac agitava um estoque desembainhado. Feuilly, com um sabre em punho, marchava na frente bradando: Viva a Polonia!

Vinham do cães Morland, sem gravatas, sem chapéus, esbaforidos, molhados de chuva, com olhos scintillantes. Gavroche chegou-se para elles com toda a calma.

—Para onde vamos?

—Segue-nos, disse Courfeyrac.

Atrás de Feuilly marchava, ou antes pulava Bahorel, peixe na agua do motim. Estava com o seu collete carmesim e soltava palavras dessas que aterram. Um viandante, reparando no collete, exclamou espavorido:

—Ahi veem os vermelhos!

—O vermelho, os vermelhos! replicou Bahorel. Estupido medo de burguez. Quanto a mim, não tremo deante de uma papoula. Burguezes, crêde-me, deixemos o pavor pela cor vermelha para os animaes cornigeros. Olhou para uma esquina onde estava pregada a mais

pacífica folha de papel do mundo, uma permissão de comer ovos, uma pastoral de quaresma dirigida pelo arcebispo de Pariz ás suas *ovelhas*.

Bahorel exclamou :

— *Ovelhas*; maneira polida de dizer *cordeiros*.

E arrancou da esquina a pastoral. Isto conquistou-lhe a admiração de Gavroche. Dalli em deante pôz-se elle a estudar Bahorel.

—Bahorel, disse Enjolras, tu fazes mal. Deverias ter deixado a pastoral no seu lugar, não é com ella que temos d'ajustar contas, gastas colera inutilmente. Poupa a tua provisão. Nem com a espingarda, nem com a alma, se deve fazer fogo fóra das fileiras.

—Cada um tem o seu gosto, Enjolras, redarguiu Bahorel. Esta prosa de bispo incommoda-me, quero comer ovos sem que haja quem m'o permitta. Tu és de caracter frio-ardente; eu cá divirto-me. Demais, não haja receio que eu me entibie, é assim que me enthusiasmo; e se rasguei a pastoral, *Hercle!* foi para ter appetite.

A palavra *Hercle* impressionou Gavroche. Não perdia elle a menor occasião de instruir-se, e aquelle rasgador de cartazes tornára-se-lhe sobremedo sympathico. Perguntou-lhe :

—O que quer dizer *Hercle*?

Bahorel respondeu :

—Isto é latim, quer dizer com mil diabos! em latim.

Assim fallando, Bahorel reconheceu em uma janella um mancebo pallido, de barba preta, provavelmente algum amigo do A B C. Bradou-lhe :

—Depressa, venham cartuchos! *para bellum!*

—E' um *bello* homem na verdade! disse Gavroche, que agora já entendia o latim.

Um prestito tumultuoso os acompanhava, estudantes, artistas, mancebos socios da Cougourde d'Aix, obreiros, mariolas armados de páus e de baionetas, alguns, como Combeferre, com pistolas mettidas no cós das calças. Um ancião, que parecia velhissimo, marchava no meio do bando. Estava sem armas, e apressava o passo para não ficar atrás, bem que parecesse pensativo. Gavroche notou-o :

—Quem é este sujeito? disse para Courfeyrac.

—E' um velho.

Era M. Mabœuf.

V

O VELHO.

Digamos o que se passára.

Enjolras e os seus amigos achavam-se no *boulevard* Bourdon, perto dos celeiros publicos, no momento em que os dragões investiram. Enjolras, Courfeyrac e Combeferre eram dos que haviam tomado pela rua Bassompierre bradando: « A's barricadas ! » Na rua Lesdiguières encontraram um velho que ia passando. O modo porque este velho caminhava, descrevendo ziguezagues como se estivesse ebrio, attrahira-lhes a attenção. Além disso levava o chapéu na mão, posto que toda a manhan houvesse chovido e cahisse naquelle mesmo momento um forte aguaceiro. Courfeyrac reconheçêra o pae Mabœuf. Vira-o muitas vezes quando acompanhava Mario até á sua porta. Sabendo dos habitos pacíficos e mais que tímidos do velho fabricante alfarrabista, e maravilhado de vê-lo no meio de tal tumulto, a dous passos das cargas de cavallaria, quasi mettido entre dous fogos, sem chapéu debaixo da chuva e passeando ao sibillo das balas, chegára-se para elle, e o amotinador de vinte e cinco annos e o octogenário haviam travado este dialogo :

— Senhor Mabœuf, volte para casa.

— Porque ?

— Vamos ter desordem.

— Pois bem.

— Cutiladas, tiros de espingarda, senhor Mabœuf.

— Pois bem.

— Tiros de peça.

— Pois bem. Para onde vão?

— Vamos dar com o governo no chão.

— Pois bem.

E puzera-se a segui-los. Desde aquelle momento não dissera palavra. Tornára-se-lhe firme o passo de repente; alguns obreiros tinham-lhe offerecido o braço, agradecêra-lhes com um gesto de cabeça. Marchava quasi na primeira fila da columna, com o movimento de um homem que caminha e o rosto de um homem que dorme.

— Que velhote damnado! murmuravam os estudantes.

Espalhou-se por entre a multidão que o velho era— um *ex-convencionista*, um *velho regicida*. O bando tomára pela rua da Verrerie.

Gavrochinho marchava na frente cantando desesperadamente como que para servir de corneta. Eis o que elle cantava.

Já no céu a lua entesta.
Quando iremos à floresta?
Diz Carlinhos a Carlota;
Tu, tu, tu
Por Chatu.

Só tenho um Deus, um rei, um vintem e uma bota.

Por terem de madrugada
Bebido da orvalhada
Não querem porcos bolota;
Zi, zi, zi
Por Passy.

Só tenho um Deus, um rei, um vintem e uma bota.

Os coitados dos porquinhos
Cantavam como estorninhos,
E um tigre ria na grotta.
Dom, dom, dom
Por Meudon.

Só tenho um Deus, um rei, um vintem e uma bota.

Era bem alegre a festa;
Quando iremos á fresta?
Diz Carlinhos a Carlota.
Tim, tim, tim,
Por Pantin.

Só tenho um Deus, um rei, um vintem e uma bota.

O bando dirigia-se para Saint-Merry.

VI

RECRUTAS.

O bando engrossava a cada instante. Na altura da rua das Billhinhas, um homem de avantajada estatura, com cabellos grisalhos, cujo rosto severo e resolutivo foi notado por Courfeyrac, Enjolras e Combeferre, mas que nenhum delles conhecia, veio ajuntar-se aos amotinados Gayroche, entretido a cantar, a assobiar, a zumbir, marchando na frente e batendo nas portas das lojas com a coronha da sua pistola sem cão, não deu fê d'este homem.

Como se achassem na rua da Verrerie, tiveram de passar pela porta de Courfeyrac.

— Isto foi bom, disse Courfeyrac, tinha esquecido a bolsa, e perdi o meu chapéu.

Sabiu do ajuntamento e subiu ao seu aposento em um minuto. Tomou um chapéu velho e a sua bolsa. Tomou também um cofre quadrado do tamanho de uma grande mala de viagem que estava escondido na sua roupa suja. Quando descia a toda a pressa, a porteira chamou-o.

— Senhor de Courfeyrac!

— Porteira, como se chama você? retorquiu Courfeyrac.

A porteira ficou pasma.

— Pois o senhor não sabe que eu sou a porteira, a mãe Veuvain?

— Bem, se você torna a chamar-me senhor de Courfeyrac, chama-la-hei senhora de Veuvain. Agora falle, o que temos de novo?

— Ha ahi uma pessoa que lhe quer fallar.

— Quem é?

— Não sei.

— Onde está?

— No meu quarto.

— Que diabo! murmurou Courfeyrac.

— Ha mais de uma hora que está á sua espera! tornou a porteira.

Ao mesmo tempo, uma especie de joven operario, magro, pallido, baixinho, sardento, trajando blusa esburacada e calças de velludo de quadradinhos remendadas, e que antes parecia uma rapariga disfarçada do que um homem, sahio do quarto e disse para Courfeyrac com uma voz que, a fallar a verdade, bem longe estava de ser de mulher:

— O senhor Mario?

— Não está cá.

— Virá dormir em casa esta noite?

— Não sei.

E Courfeyrac accrescentou:

— Quanto a mim sei que não hei de vir.

O moço encarou-o fixamente e perguntou-lhe:

— Porque?

— Porque sim.

— Aonde vae então?

— Que te importa?

— Quer que lhe leve o seu cofre?

— Vou para as barricadas.

— Dá licença que o acompanhe?

— Faze o que quizeres! respondeu Courfeyrac. A rua é livre, a calçada é de todos.

E afastou-se correndo para alcançar os seus amigos. Quando se achou com elles, entregou o cofre a um dos moços. Só dahi a um quarto de hora foi que notou que o joven obreiro comeffeito os seguira.

Uma turba não vae rigorosamente para onde quer. Já explicámos que é um furacão que arrasta. Passáram Saint-Merry e acharam-se, sem saber como, na rua de San'Diniz.

LIVRO DUODECIMO.

CORINTHO.

I

HISTORIA DE CORYNTHO DESDE A SUA FUNDAÇÃO.

Os parisienses que hoje, entrando na rua Rambuteau pelo lado da praça do Mercado, avistam á direita, de frente da rua Mondétour, uma officina de cesteiro que tem por taboleta um cabaz com a fôrma do imperador Napoleão o grande e com este letreiro:

NAPOLEÃO É FEITO
TODO DE VIME,

nem sequer se lembram das scenas terriveis que este mesmo sitio viu ha apenas trinta annos.

Alli demoravam a rua da Chanvrerie, que os antigos documentos chamam Chanverrierie, e a celebre taverna denominada Coryntho.

Lembrado deve estar o leitor de tudo quanto se disse a respeito da barricada erguida neste lugar, e que aliás foi eclipsada pela de Saint-Merry. É sobre esta famosa barricada da rua da Chanvrerie, hoje sepultada em profunda escuridão, que vamos lançar alguma luz.

Permittam-nos que recorramos, para clareza da nar-

rativa, ao meio simples já por nós empregado quando tratamos de Waterloo. As pessoas que quizerem representar-se de uma maneira exacta os grupos de casas que se erguiam naquella época perto da ponte de Santo Eustachio, no angulo nordeste do Mercado de Pariz, onde fica hoje a embocadura da rua Rambuteau, não teem mais do que figurar-se, tocando a rua de San'Diniz, pelo vertice e pela base a praça do Mercado, um N, cujas pernas verticaes serão a rua da Grande Truanderie e a da Chanvrerie, e a transversal a da Pequena Truanderie. A antiga rua Mondétour cortava as tres pernas nos mais tortuosos angulos. De modo que a intersecção dedalica destas quatro ruas bastava para formar, em um espaço de cem toezas quadradas, entre a praça do Mercado e a rua de San'Diniz de um lado, e a do Cysne e a dos Pregadores do outro, sete ilhotas de casas estranhamente construidas, de tamanhos diversos, postas de travês e como que ao acaso, e separadas apenas, como os montões de pedras nas pedreiras, por fendas estreitas.

Dizemos fendas estreitas, e não podemos dar mais completa idéa destas viellas escuras, estreitissimas, angulosas, orladas de pardieiros de oito andares. Estes pardieiros eram tam decrepitos que nas ruas da Chanvrerie e da Pequena Truanderie, as fachadas estavam especadas com vigas que iam de uma casa á outra. A rua era estreita e o rego largo, o viandante caminhava por uma calçada sempre molhada, costeando lojas semelhantes a adegas, grossas pilastras com aros de ferro, enormes montes de cisco, portas de passadiços armadas de immensas grades seculares. A rua Rambuteau devastou tudo isto.

O nome Mondétour pinta com propriedade as sinuosidades de todo este meandro. Um pouco mais longe, eram ainda mais bem exprimidas pela rua *Piroeta*, que ia desembocar na de Mondétour.

O viandante que entrava da rua de San'Diniz na da Chanvrerie via-a estreitar-se pouco a pouco deante de si como se houvesse penetrado em um comprido funil. Na extremidade da rua, que era mui curta, achava a passagem fechada do lado da praça do Mercado por um alto renque de casas, e supporia achar-se em uma beco sem sahida se não visse á direita e á esquerda duas a-

berturas escuras por onde podia escapar-se. Era a rua Mondétour, a qual ia ter por um lado á rua dos Prégadores, e pelo outro á do Cysme e á da Pequena Truanderie. No fundo desta especie de betesga, no angulo da abertura á direita, havia uma casa menos alta que as outras e formando uma especie de cabo sobre a rua.

Era nesta casa, de dous andares apenas, que se estabeleceu alegremente, havia 300 annos, uma taverna illustre. Esta taverna fazia um alegre rumor no proprio lugar que o velho Theophilo assignalou nestes dous versos :

*Alli oscilla o esqueleto horrível
De um que se enforcou, misero amante.*

O lugar era bom ; os taverneiros alli se succediam de pae a filho.

No tempo de Maturino Régnier chamava-se esta taverna *Pot-aux-Roses* (vaso de rosas), e como estavam em voga os enigmas pittorescos, tinha por taboleta um poste (1), pintado de côr de rosa. No seculo passado, um dos mestres fantasticos hoje desdenhados pela escola grave, tendo-se embriagado não raras vezes á mesma mesa em que Régnier se embebedára, pintara por gratidão um cacho de passas de *Coryntho* sobre o poste côr de rosa. O taverneiro, transportado de alegria, tomara-o por taboleta, e mandara pôr-lhe por baixo estas palavras, em lettras douradas : *A's passas de Coryntho*. Dahi o nome de *Coryntho*. Nada é tam natural nos borrachos como as ellipses. A ellipse é o ziguezague da phrase. *Coryntho* desenthronisára pouco a pouco o *Pot-aux-Roses*. O ultimo taverneiro da dynastia, o pae Hucheloup, de quem já nem ao menos era conhecida a tradição, mandára pintar o poste de azul.

Uma sala em baixo onde estava o balcão, uma sala no primeiro andar onde estava o bilhar, uma escada em caracol que atravessava o tecto, o vinho em cima das mesas, a fumaça ennegrecendo as paredes, velas acesas alto dia, tal era a taverna. Na sala de baixo havia um alçapão com escada que ia ter á adega. No segundo andar ficava o aposento de Hucheloup. Subia-se para elle por uma escada, excessivamente empinada, que ti-

(1) *Poteau-rose*.

nhá por unica entrada uma porta escusa na sala principal do segundo andar. Por baixo do telhado, duas especies de aguas-furtadas, ninhos de creadas. A cozinha compartia o pavimento terreo com a sala do balcão.

O pae Hucheloup talvez houvesse nascido chimico, mas o facto é que foi cozinheiro; na sua taverna não só se dava de beber, como de comer. Hucheloup inventára uma cousa savorosissima que só se comia em sua casa: eram carpas recheiadas, a que elle chamava *carpes aux gras*. Este manjar era comido á luz de uma vela de sebo ou de candeiro do tempo de Luiz XVI, em mesas que, em vez de toalhas, eram cobertas de encerados, pregados com taxas. Vinha gente de muito longe para saboreá-lo. Hucheloup, uma bella manhã, julgara conveniente avisar os viandantes da sua *especialidade*; molhára um pincel em um boião de graxa, e tendo uma orthographia sua propria, como tinha uma cozinha sua propria, improvisára na parede este letreiro memoravel:

CARPES HO GRAS.

Um inverno, os aguaceiros e as geadas tiveram a lembrança de apagar o S do fim da primeira palavra e o G do principio da terceira; de modo que o letreiro ficára assim:

CARPE HO RAS (1).

O tempo, conspirando-se com a chuva, transformára um humilde annuncio gastronomico em conselho profundo.

Desta fórma succedeu que o pae Hucheloup, não sabendo francez, soube latim, tirou da cozinha a philosophia, e, querendo unicamente sobrepujar Carême, hombrou com Horacio. E o que era notavel era que aquillo tambem queria dizer: Entrem na minha taverna.

Nada de tudo isto existe hoje. Já em 1847 o deda-lo Mondétour se achava desmanchado e amplamente aberto, e é provavel que delle nenhum vestigio reste neste momento. A rua da Chanvrerie e Coryntho desapareceram debaixo da calçada da rua Ramboteau.

(1) *Carpe horas*, em latim—Aproveitae as horas.

Conforme já dissemos, Coryntho era um dos lugares de reunião, senão de conciliabulo, de Courfeyrac e dos seus amigos. Fôra Grantaire quem descobrira Coryntho. Entrára na taverna por causa do *Carpe Horas*, e tornara-se freguez por causa das *Carpes au Gras*. Alli comia-se, bebia-se, gritava-se; pagava-se pouco, pagava-se mal, não se pagava, mas todos eram bem vindos. O pae Hucheloup era um bom velho.

Hucheloup, bom velho, acabamos de dizer-lo, era um bodegueiro de bigodes; especie divertida. Andava sempre carrancudo, parecia querer intimidar os freguezes, ralhava com elles, e o seu ar era antes o de um homem disposto a brigar do que a servir um prato de sôpa. E, não obstante, repetimo-lo, todos os freguezes podiam contar com o melhor acolhimento. Esta singularidade atrahira-lhe freguezia á casa, e uma infinidade de moços que diziam uns para os outros:—Anda ver o pae Hucheloup *resingar*.—Elle fora mestre de esgrima. Quando mal se esperava, ria-se ás gargalhadas. Voz de trovão, boa creatura. Era um genio comico com apparencia tragica; gostava de infundir medo, pouco mais ou menos como essas caixas de tabaco que teem a forma de uma pistola. A detonação espirra.

Sua mulher, a mãe Hucheloup, era uma virago barbada, feissima.

Pelo anno de 1830 o pae Hucheloup morreu. Com elle desapareceu o segredo das *Carpes au Gras*. Sua viuva, pouco consolavel, continuou com a taverna. Mas a cosinha degenerou e tornou-se execravel; o vinho, que sempre fora ruiw, veio a ser pessimo. No entanto, Courfeyrac e os seus amigos não deixaram de frequentar Coryntho, por compaixão, dizia Bossuet.

A viuva Hucheloup vivia cançada e disforme com recordações campestres. Tirava-lhes a insipidez por meio da pronuncia. Tinha um modo peculiar de dizer as cousas que dava pico ás suas reminiscencias bucolicas e vernaes. Em outro tempo, affirmava ella, nada equalava o prazer que sentia ouvindo os *pintarroxos* cantar nos pilriteiros.

A sala do primeiro andar, onde se comia, era larga e comprida, e achava-se empachada com tamborettes, escabellos, cadeiras, bancos e mezas, e com um velho bilhar côxo. Chegava-se a esta sala pela escada em ca-

racol que terminava em um canto della apresentando uma abertura quadrada semelhante a uma escotilha de navio.

A sala allumiada por uma unica janella estreita e por um candeeiro sempre aceso, parecia um solão. Todos os trastes de quatro pés se portavam como se tivessem tres. As paredes caiadas tinham por unico ornato estes versos, em honra da mãe Hucheloup :

*A dez passos espanta, a dois aterra.
No audaz nariz campeia uma verruga ;
Corre esta risco, quando se ella assua,
De ficar-lhe no lenço, e aquelle, um dia,
Bem lhe pode cahir dentro da becca.*

Estes versos eram escriptos com carvão.

A mãe Hucheloup, que elles descreviam fielmente, passava e tornava a passar de noite e de dia por deante destes versos, com perfeita tranquillidade. Duas creadas, chamadas Caldeirada e Fricassé, e que nunca foram conhecidas por outros nomes, ajudavam a mãe Hucheloup a levar para as mezas as bilhas de zurrapa e as variadas moxonifadas que serviam aos freguezes em louça de barro. Caldeirada, gorda, redonda, ruiva e gritadora, ex-sultana favorita do defunto Hucheloup, era mais feia do que qualquer dos monstros mythologicos; como, porem, toda a creada deve sempre ficar a respeitosa distancia de sua ama, era menos horrivel que a mãe Hucheloup. Fricassé, espigada, delicada, com uma brancura lymphatica, sempre cansada e esfalfada, sofrendo do que poderia chamar-se cansaço chronico, sendo a primeira que se levantava, e a ultima que se deitava, servia a todos, até mesmo á outra creada, em silencio e com brandura, sorrindo-se no meio da fadiga com uma especie de vago sorriso adormecido.

Ao entrar na sala lia-se na porta este verso escripto com giz por Courfeyrac :

Regala-te, se podes, e, se te atreves, come.

II

ALEGRIAS PRELIMINARES.

Laigle de Meaux, como já sabe o leitor, morava mais em casa de Joly do que em outra qualquer parte. Tinha um pouso como os passarinhos teem um ramo. Os dous amigos viviam juntos, comiam juntos, dormiam juntos. Tudo lhes era commum, até mesmo um pouco Musichetta. Eram o que, entre os irmãos chapéus, se chama *bini*. Na manhã do dia 5 de junho foram almoçar a Coryntho. Joly estava com um forte defluxão que Laigle começava a partilhar, e tinha o nariz entupido. A casaca de Laigle era surrada, mas Joly estava bem vestido.

Eram quasi nove horas da manhã, quando elles empurraram a porta de Coryntho.

Subiram ao primeiro andar.

Caldeirada e Fricassé os receberam:

—Ostras, queijo e presunto, disse Laigle.

E sentaram-se a uma mesa.

A taverna estava vazia; eram elles as unicas pessoas que alli se achavam.

Fricassé reconhecendo Joly e Laigle, trouxe uma garrafa de vinho para a mesa.

Começavam a comer as primeiras ostras, quando uma cabeça appareceu na escotilha da escada, e uma voz disse:

—Eu ia passando. Senti da rua um delicioso cheiro de queijo de Bril. Entrei.

Era Grantaire.

Grantaire tomou um tamborete e sentou-se á mesa.

Fricassé, vendo Grantaire, trouxe mais duas garrafas.

Agora eram tres.

—Dar-se-ha caso que queiras esvaziar estas duas garrafas? perguntou Laigle a Grantaire.

Este respondeu:

—Todos são engenhosos, só tu és ingenuo. Duas garrafas nunca metteram medo a um homem.

Os outros tinham começado por comer, Grantaire começou por beber. Empinou para logo meia garrafa.

—Terás algum buraco no estomago?! disse Laigle.

—Como os cotovellos da tua casaca, pode ser, tornou Grantaire.

E, depois de ter empinado o copo, continuou:

—É o que te digo, Laigle das orações funebres, a tua casaca está velha.

—Bem o sei, disse Laigle. E é por isso mesmo que eu e ella vivemos na melhor harmonia. Tomou o geito do meu corpo, não me pea de forma alguma, amoldou-se as minhas disformidades, presta-se complacientemente a todos os meus movimentos; só a cinto porque me aquece. As casacas velhas são o mesmo que os amigos velhos.

—É verdade, exclamou Joly entrando no dialogo, uma casaca velha é um abigo velho.

—E nada é tam divertido como um homem endefluxado, disse Grantaire.

—Grantaire, perguntou Laigle, vens do *boulevard*?

—Não.

—Pois eu e Joly acabamos de ver passar o feretro.

—É um espectáculo baravilhoso, disse Joly.

—Como está socegada esta rua! exclamou Laigle. Quem diria que reina profunda agitação em Pariz? Bem se vê que tudo aqui em outro tempo não era senão conventos! Du Breuil e Sauval dão a lista delles, e tambem o abbade Lebœuf. Não se via outra cousa nestes

sítios; a fradalhada formigava, eram os calçados, os descalços, os cinzentos, os pretos, os brancos, franciscanos, minimos, capuchinhos, carmelitas, agostinhos pequenos, agostinhos grandes, agostinhos velhos. . . . Pullulavam.

—Não fallemos em frades, disse Grantaire, que a gente logo fica com vontade de coçar-se.

Depois exclamou:

—Puah! acabo de engolir uma ostra ruim. Eis que me volta a hypocondria. As ostras estão moidas, as creadas são feias. Detesto a especie humana. Ha pouco passei pela grande livraria publica, á rua de Richelieu. Esse montão de cascas de ostras a que chamam bibliotheca tira-me o gosto de pensar. Quanto papel! quanta tinta! quanta garatuja! Houve quem escrevesse tudo aquillo! Qual foi mesmo o biltre que disse que o homem era um animal bipede implume? De mais a mais encontrei uma linda rapariga que conheço, bella como a primavera, digna de chamar-se Floreal, e encantada, transportada, feliz, alada ao setimo céu, porque hontem um pavoroso banqueiro comido de bexigas se dignou conceder-lhe o seu affecto! Ah! a mulher tanto fareja o publicano como o peralta; as gatas caçam ao mesmo tempo ratos e passarinhos. Esta donzella, ainda não ha dous mezes, vivia honestamente em uma agua-furtada, punha circulosinhos de latão em ilhozes de espartilhos; que nome dão vocês a este officio? cosia, tinha uma cama de lona, não sahia de junto do seu vaso de flores, estava contente. Ei-la banqueira. Esta transformação operou-se a noite passada. Encontrei a victima ha pouco, alegrissima. O que é horrivel é que a bregeira está tam linda hoje como hontem. O seu financeiro não se lhe reflectia no rosto. As rosas teem de mais ou de menos que as mulheres o conservarem visiveis os vestigios que nellas deixam as lagartas. Ah! já não ha moral na terra, tomo por testemunha o myrto, symbolo do amor, o loureiro, symbolo da guerra, a oliveira, essa estúpida, symbolo da paz, a macieira, que quasi engasgou Adão com o seu caroço, e a figueira, avó das saias. Quanto ao direito, querem saber o que é o direito? Os Gaulezes cobigam Clusa, Roma protege-a, e pergunta-lhes que agravo teem de Clusa, Brenno responde:—O mesino agravo que vós outros tivestes de Alba,

de Fidene, dos Eques, dos Volascos e dos Sabinos. Eram vossos vizinhos. Os Clusios são nossos vizinhos. Entendemos a vizinhança como vós. Roubastes Alba, nós tomámos Clusa. Roma diz.—Pois não heis de toma-la.—Brenno tomou Roma. Depois bradou:—*Vae victis!*—Eis em que se resume o direito. Ah! neste mundo não vejo senão carniça e aguias, uma infinidade de aguias. O sangue gela-se-me nas veas.

Estendeu o copo a Joly, que o encheu, depois bebeu, e proseguia, quasi sem ter sido interrompido por esse copo de vinho, de que ninguem deu fé, nem mesmo elle.

—Brenno, que toma a cidade de Romulo, é uma aguia; o banqueiro, que toma a *grisette*, tambem é uma aguia. Tam pouco pudor neste como naquelle. Portanto não acreditemos em nada. Só ha uma realidade: beber. Qualquer que seja a vossa opinião, sêde pelo gallo magro como o cantão d'Uri, ou pelo gallo gordo como o cantão de Glaris, pouco importa, bebei. Fallaes-me de *boulevard*, de funeral, *et cætera*. A page! então vamos ter ainda uma revolução? Esta polbresa de meios admira-me da parte de Deus. A cada momento vê-se obrigado a azeitar o machinismo dos acontecimentos. As rodas emperram-se, não se movem. Zás, uma revolução! O pobre Deus anda sempre com as mãos todas sujas desse feio sebo negro. Em seu lugar, haver-me-hia do modo o mais simples, não andaria concertando a cada instante a minha machina, levaria o genero humano rasgadamente, teceria os factos malha por malha sem quebrar o fio, não teria recursos de reserva, não teria repertorio extraordinario. O que vós outros chamaes progresso marcha por meio de dous motores, os homens e os acontecimentos. Mas, cousa triste, de tempos a tempos o excepcional é necessario, tanto para os homens como para os acontecimentos, não basta a companhia ordinaria; aos homens tornam-se necessarios genios, e aos acontecimentos revoluções. Os grandes accidentes são a lei; a ordem das cousas não pôde dispensa-los; e, ao ver as apparições de cometas, seriamos levados a crer que o proprio céu carece de actores que representem. No momento em que menos o esperamos, Deus affixa um meteoro na parede do firmamento. Lá surge uma estrella estranha, sublinhada por uma cauda enorme. E isto faz morrer Cesar.

Bruto dá-lhe uma punhalada, e Deus um golpe de cometa. Zás, ahí está uma aurora boreal, ahí está uma revolução, ahí está um grande homem; 1793 em letras garrafaes, Napoleão á espreita, o cometa de 1811 no alto do cartaz. Ah! que bello cartaz azul, todo recamado de inesperadas seintillações! Bum! bum! espectáculo extraordinario. Levantae os olhos, basbaques. Tudo é desgrenhado tanto o cometa como o drama. Deus, é de mais porem não é bastante. Estes expedientes, tomados na excepção, parecem inagnificencia e são pobreza. Meus amigos, a Providencia está reduzida aos recursos extremos. A revolução, o que prova a revolução? Que Deus já não sabe como haver-se. Dá um golpe de Estado, porque ha solução de continuidade entre o presente e o futuro, e porque, elle Deus, não pôde ligar as duas extremidades. Comeffeito, isto confirma as minhas conjecturas relativamente ao estado de fortuna de Jehovah; e ao ver tanta pobreza no céu e na terra, tanta mesquinharia e penuria e sovínice e miseria, quer lá em cima, quer neste valle de lagrimas, desde o passarinho que não tem um grão de painço até eu que não tenho cem mil libras de renda, ao ver o destino humano, que está sobremodo gasto, e até mesmo o destino dos reis, que não se acha melhor, como bem o mostra o suicidio do principe de Condé, que se enforcou ao ver o inverno, que não é outra cousa mais do que um rasgão no zenith por onde sopra o vento, ao ver tantos andrajos até mesmo na purpura novinha do trinco com que amanha assoma no viso das collinas, ao ver as gottas de orvalho, essas perolas falsas, ao ver os caramellos, esses diamantes fingidos, ao ver a humanidade descosida e os acontecimentos remendados, e tantas manchas no sol e tantos rombos na lua, ao ver tamanha miseria por toda a parte, desconfio que Deus não é rico. Affecta opulencia, é verdade, mas bem vejo os apuros em que se acha. Dá uma revolução, como o negociante que tem a caixa vazia dá um baile. Cumpre não julgar os deuses pela apparencia. Por baixo do deurado do céu diviso um mundo pobre. Ha bancarota na creação. Por isso estou descontente. Vede, estamos a 5 de junho, é quasi noite; espero desde manhan pelo dia, ainda não appareceu, e aposto que não apparecerá hoje. Impontualidade de caixeiro mal pago. Sim, tudo anda mal-amanhado, não

ha harmonia em cousa nenhuma, este velho mundo está empenado, eu passo para a opposição. Tudo vae de esguelha; o universo é birrento. Acontece como com as creanças, os que querem não teem, e os que não querem teem. Em summa: estou abrazado de raiva. Demais, Laigle de Meaux afflige-me com o espectaculo da sua calva. Encho-me de humilhação ao pensar que sou da mesma idade que este pellado. Note-se, porem, que eu não insulto, apenas critico. O universo é o que é. Fallo aqui sem malevola intenção e para desencargo da minha consciencia. Recebei, Padre Eterno, os protestos da minha profunda consideração. Ah! por todos os santos do Olympo, e por todos os deuses do paraizo, eu tinha nascido para ser pariziense, isto é, para andar saltando, qual volante entre duas raquetas, do grupo dos ociosos para o dos desordeiros! Eu tinha nascido para ser turco, para levar todo o dia a contemplar as delambidas orientaes a tecerem essas dansas do Egypto lubricas como os sonhos de um homem casto, ou camponez da Beauce, ou fidalgo veneziano cercado de gentis *donne*, ou principiculo allemão concorrendo com metade de um soldado para o exercito da Confederação Germanica, occupando os meus lazeres em enxugar os meus pares de meias na minha cerca, isto é na minha fronteira! Eis para que destinos tinha eu nascido! Sim, disse turco, e não me desdigo. Não acho razão nesse preconceito que ordinariamente prevalece contra os turcos; Mafoma tem muito de bom; respeite-se o inventor dos serralhos de *huris* e dos paraisos de *odaliscas*! Não insultemos o mahometismo, a unica religião orna-da de um poleiro! Posto isto, continuo a beber. A terra é uma grandissima asneira. E parece que vão bater-se, todos esses imbecis, escangalhar-se as caras, trucidar-se, no pino do verão, no mez de junho, quando podiam, de braço com uma terna creatura, ir respirar nos campos a immensa taça de chá dos fenos cortados! Realmente muita asneira se faz. Um velho lampeão quebrado que vi a pouco em casa de uma revendona sugere-me esta reflexão: Já é tempo de illuminar o genero humano. Sim, eis-me de novo triste! Tal o resultado de engolir uma ostra e de ficar com uma revolução atravessada nas guelas! Torno a ficar lugubre. Oh! quam horrivel é este velho mundo! Todos nelle

se afadigam, se ligam, se distituem, se prostituem, se matam, se acclimatam!

E Grantaire, depois deste rasgo de eloquencia, entrou a tossir desesperadamente.

—A proposito de revolução, disse Joly, parece que decididamente Bario está apaixonado.

—E sabe-se por quem? perguntou Laigle.

—Dão.

—Não?

—Dão! pois dão ouves?

—Os amores de Mario! exclamou Grantaire. Faço idéa do que será. Mario é um nevoeiro, e sem duvida encontrou alguma neblina. Mario é da raça poeta. Quem diz poeta diz doudo. *Thymbræus Apollo*. Mario e a sua Maria ou Maricas, ou Maricota, devem formar um casal de amantes bastante divertido. Afigura-se-me estar vendos. Castos na terra, mas cohabitando no infinito. São almas que teem sentidos. Dormem juntos nas estrellas.

Grantaire encetava a segunda garrafa, e talvez a sua segunda arenga, quando uma nova personagem assomou na abertura quadrada da escada. Era um rapazinho de menos de dez annos, estarrapado, enfesadinho, com cara de fuinha, olhos vivos, cabellos abundantes, molhado de chuva e ar prazenteiro.

O menino, escolhendo sem hesitar entre os tres moços, bem que não conhecesse nenhum dellas, disse para Laigle de Meaux:

—Vm. é que se chama o senhor Bossuet?

—Tal é o meu appellido, respondeu Laigle. O que queres comigo?

—Eu lh'o digo. Um moço alto e louro disse-me no *boulevard*:—Conheces a mãe Hucheloup?— Eu respondi:—Sim, mora na rua Chanvrerie, é a viuva do velho. —Então elle me disse:—Pois vae á casa della. Lá encontrarás o senhor Bossuet, e lhe dirás da minha parte: A—B—C. E' uma brincadeira com vm., não? Elle deu-me seis soldos.

—Joly, empresta-me dez soldos, disse Laigle; e voltando-se para Grantaire:

—Grantaire, empresta-me dez soldos.

Completoou-se assim a somma de vinte soldos, que Laigle deu ao pequeno.

—Obrigado, senhor, disse este.

— Como te chamas? perguntou Laigle.

— Navei, amigo de Gavroche.

— Fica connosco, disse Laigle.

— Almoça connosco, acrescentou Grantaire.

O pequeno respondeu:

— Não posso, vou acompanhar o funeral, sou eu que grito: — *Abaixo Polignac*.

E, puxando um dos pés o mais possível para tras, o que é uma saudação respeitossissima, retirou-se.

Sabido o pequeno. Grantaire tomou a palavra:

— Eis o garoto castiço. Ha muitas variedades no genero garoto. O garoto tabellião, chama-se salta lamas; o garoto cozinheiro, marmitão; o garoto padeiro, *mitron*; o garoto lacaio, *groom*; o garoto marinheiro, grumete; o garoto soldado, recruta; o garoto pintor, *rapin*; o garoto negociante, *galopin*; o garoto corteção, donzel; o garoto rei, delphim; o garoto deus, *bambino*.

Entretanto Laigle meditava; disse em meia voz:

— A — B — C, isto é: Enterro de Lamarque.

— O moço alto e louro, observou Grantaire, é Enjolras que te manda avisar.

— Iremos? perguntou Laigle.

— Está chovendo, disse Joly. Jurei que be exporia ao fogo, las dão á agua. Dão quero be endefluxar.

— Eu aqui fico, acrescentou Grantaire. Prefiro um almoço a um funeral.

— Conclusão: ficamos todos tres, continuou Laigle. Pois bem, então bebamos. Demais, podemos faltar ao enterro, sem faltar ao motim.

— Ah! o botim, dão faltarei, exclamou Joly.

Laigle esfregou as mãos.

— Até que finalmente vae ser retocada a revolução de 1830. Na verdade, o povo sente-a demasiadamente apertada nas adegas.

— A vossa revolução é o que de fórma nenhuma me preoccupa, disse Grantaire. Não detesto o governo actual. E' a corôa temperada pela carapuça de algodão. E' um sceptro que termina em guarda-chuva. Na verdade, agora me lembro, hoje, com o tempo que faz, Luiz Philippe poderá servir-se da sua realza para dous fins, estender o conto do sceptro contra o povo e abrir a exiremidade guarda-chuva contra o céu.

A sala estava escura, grossas nuvens acabavam de sup-

primir o dia. Não havia ninguém na taverna, nem na rua; toda a população tinha ido *ver os acontecimentos*.

—É meio-dia ou meia-noite? exclamou Bossuet. Está escuro como breu. Fricassé, traz luzes!

Grantaire, triste, bebia.

—Enjolras desdenta-me, murmurou elle. Enjolras disse: Joly está doente, Grantaire está bebado. Por isso mandou Navet procurar só a Bossuet. Se elle tivesse vindo buscar-me, eu o houvera seguido. Tanto peior para Enjolras! não irei ao seu enterro!

Tomada esta resolução, Bossuet, Joly e Grantaire não arredaram pé da taverna. Pelas duas horas da tarde a mesa a que elles estavam sentados achava-se coberta de garrafas vazias. Ardiam alli duas velas, uma em um castiçal de latão perfeitamente verde, e a outra no gargallo de uma garrafa rachada. Grantaire havia arrastado Joly e Bossuet para o vinho, e Joly e Bossuet haviam despertado a alegria de Grantaire.

Quanto a este, já desde o meio-dia tinha ido além do vinho, mediocre fonte de sonhos. O vinho é apenas estimado pelos bebados serios. Na embriaguez ha a magia negra e a magia branca: o vinho não é senão magia branca. Grantaire era um aventureiro bebedor de sonhos. O negrume de uma embriaguez temivel entreaberto deante d'elle, em vez de detê-lo, attrahia-o. Deixara as garrafas pelo cangirão. O cangirão é o abysmo. Não tendo á mão nem o opio, nem o *haschisch*, e querendo encher o cerebro de crepusculo, recorrera á horrivel mistura de aguardente, de *stout*, e absintho que produz lethargos tam terriveis. É destes tres vapores, cerveja, aguardente e absintho, que se compõe o chumbo da alma. São tres trevas; a borboleta celeste nellas se afoga; e ali se formam, em uma fumaça membranosa vagamente condensada em aza de morcego, tres furias mudas, o Pesadello, a Noite, a Morte, esvoaçando por sobre Psyché adormecida.

Grantaire ainda não chegara a esta phase lugubre: pelo contrario. Estava alegrissimo, e Bossuet e Joly tam alegres como elle. Faziam-se saúdes. Grantaire ajuntava á accentuação excentrica das palavras e das idéas a divagação do gesto; firmava com dignidade o punho esquerdo na coxa, com o braço dobrado em esquadria, e, desatada a gravata, escanchado em um tamborete,

com o copo cheio na mão direita, dizia estas sollemnes palavras á gorda Caldeirada :

—Abram-se as portas do palacio ! sejam todos da academia franceza, e tenha cada um o direito de abraçar a senhora Hucheloup ! bebamos !

E, voltando-se para a viuva, accrescentava :

—Mulher antiga e consagrada pelo uso, approxima-te que te quero contemplar.

E Joly exclamava :

—Caldeirada e Fricassé, dão deem bais bebida a Grantaire. É um devorista. Esta banhan já tem desbaratado em prodigalidades espantosas dois francos e oitenta e cinco centibos.

E Grantaire continuava :

—Quem foi que, sem licença minha, tirou as estrelas do ceu para pô-las aqui na mesa em guisa de velas ?

Bossuet, muito bebado, conservava a sua calma.

Estava sentado no peitoril da janella aberta, molhando as costas á chuva que cahia, e contemplava os seus dous amigos.

De repente ouviu por detrás de si um tumulto, passos precipitados, gritos de *às armas !* Voltou-se, e avistou na rua de San'Diniz, na embocadura da da Chanvrerie, Enjolras que passava de clavina na mão, e Gavroche com a sua pistola, Feuilly com o seu sabre, Courfeyrac com o seu estoque, João Prouvaire com o seu mosquete, Combeferre e Bahorel com as suas espingardas, e toda a multidão armada e procellosa que os seguia.

A rua da Chanvrerie tinha apenas a extensão de um tiro de clavina. Bossuet improvisou com as mãos um porta-voz, e gritou :

—Courfeyrac ! Courfeyrac ! ohé !

Courfeyrac ouviu, avistou Bossuet, e deu alguns passos para a rua da Chanvrerie, soltando um—que queres?—que se crusou com um—aonde vaes ?

—Vamos fazer uma barricada, respondeu Courfeyrac.

—Pois bem, faze-a aqui ! o lugar é bom ! faze-a aqui !

—Tens razão, Aigle, disse Courfeyrac.

E a um signal que elle fez, a multidão precipitou-se na rua da Chanvrerie.

III

PRINCIPIA A ANOITECER PARA GRANTAIRE.

O lugar era com effeito admiravelmente indicado, a entrada da rua larga, o fundo estreito e terminando em becco sem sahida, Coryntho tornando-a neste ponto ainda mais apertada, a rua Mondétour facil de trancar á direita e á esquerda, nenhuma possibilidade de ataque senão pela rua de San'Diniz ; isto é, pela frente e a descoberto. Bossuet bebado tivera tanta sagacidade como Annibal em jejum.

Mal a turba entrou na rua, derramou-se por toda ella o terror. Não houve um só viandante que se não eclipsasse. Com a rapidez de um relampago, no fundo, á direita, á esquerda, lojas, officinas, portas de corredores, sacadas, venezianas, mirantes, janellas de todas as dimensões, se acharam fechadas desde os pavimentos terreos até aos telhados. Uma velha collocara um colxão á janella, amarrado a duas varas de enxugar roupa, afim de resguardar-se das balas de espingarda. A taverna era a unica habitação que estava aberta ; havia para isto uma razão, os amotinados tinham-n'a invadido.—Ah ! meu Deus ! Ah ! meu Deus ! murmurava a mãe Hucheloup.

Bossuet descera á rua para ir ter com Courfeyrac.

Joly, que se puzera á janella, exclamou:

—Courfeyrac, porque dão trouxestes um guarda-chuva? Olha que te arriscas a apanhar algum delluxo.

Entretanto, em alguns minutos, vinte varões de ferro haviam sido arrancados da grade que ficava na frente da taverna, dez toezas da rua estavam descalçadas; Gavroche e Bahorel tinham tomado e derribado ao passar o carro de um fabricante de cal chamado Anceau; este carro levava tres barricas cheias de cal que foram postas debaixo de montões de pedras: Enjolras abriu o alcapão da adega e todas as pipas vazias da viuva Hucheloup tinham ido flanquear as barricas de cal; Feuilly, servindo-se dos seus dedos habituados a piatar as dobras delicadas dos leques, resguardara as barricas e o carro com dous massiços montões de lagedo. Lagedos improvisados como tudo o mais, e tirados não sabemos de onde. As vigas que esteiavam uma casa vizinha foram arrancadas e estendidas em cima das pipas. Quando Bossuet e Courfeyrac se voltaram, metade da rua já estava trancada com uma trincheira mais alta do que um homem. Nada excede a presteza com que a mão popular construe tudo quanto se construe demolindo.

Caldeirada e Fricassé tinham vindo ajudar os trabalhadores. Fricassé anlava de um para outro lado carregando cascalho. O cansaço auxiliava a construcção da barricada. Ella trazia pedras como houvera trazido vinho, com ar somnolento.

Um omnibus puxado por dous cavallos brancos passou pela extremidade da rua.

Bossuet saltou por cima das pedras, correu, fez o cocheiro parar, convidou os passageiros a apearem-se, offeceu a mão *às damas*, despediu o conductor, e voltou com o vehiculo puxando os cavallos pelo freio.

—Os omnibus, disse elle, não passam por *Coryntho*.
Non licet omnibus adire Coryntho.

Instantes depois, os cavallos tirados do carro hiam ao acaso pela rua Mondétour, e o omnibus deitado de lado completava o trancamento da rua.

A velha Hucheloup, profundamente abalada, refugiara-se no primeiro andar.

Tinha os olhos desvairados e olhava sem ver, gritan-

do baixinho. Seus gritos de terror não ousavam sahir-lhe da garganta.

—O mundo está para acabar, murmurava ella.

Joly beijava o grosso e enrugado pescoço da mãe Hucheloup, e dizia para Grantaire:—Meu caro, sempre considerarei o pescoço de uma mulher como cousa infinitamente delicada.

Mas Grantaire era chegado ás mais altas regiões do ditthyrambo. Tendo Caldeirada subido ao primeiro andar, agarrara-a pela cintura e soltava á janella estrepitosas gargalhadas.

—Caldeirada é feia! bradava elle, Caldeirada é a feialdade ideal! Caldeirada é uma chimera. Eis o segredo do seu nascimento: Um pygmalião gothico que fazia carrancas de cathedraes apaixonou-se uma bella manhan por uma dellas, a mais horrivel. Supplicou a amor que a animasse, e assim nasceu Caldeirada. Contemplae-a, cidadãos! ella tem cabellos côr de chromato de chumbo como a amante de Ticiano, e é uma boa mulher. Asseguro-vos que ha de combater intrepidamente. Toda a boa mulher contem em si um heroe. Quanto a mãe Hucheloup, essa é valente como as armas. Vede que bigodes tem! herdou-os do marido. É uma hussara, pois não! ha de combater tambem. A tropa de fora da cidade tomar-se-ha de medo ao vel-as. Camaradas! nós derribaremos o governo, tam certo como é certo que existem quinze acidos intermediarios entre o acido margarico e o acido formico: ao demais, para mim tudo é perfeitamente o mesmo. Senhores, meu pae sempre me detesteu porque eu não podia comprehender as mathematicas. Só comprehendo o amor e a liberdade. Seu Grantaire o bom rapaz! Como nunca tive dinheiro, não me habituei a elle, motivo porque em tempo algum hei sentido a sua falta; mas se eu fosse rico, pobreza era cousa que não haveria no mundo! crêde-me. Oh! se aos bons corações tocassem as bolsas mais recheiadas! como tudo iria melhor! imaginae Jesus Christo com a fortuna de Rothschild! Quantos beneficios não houvera feito! Caldeirada, abraça-me! Tu és voluptuosa e timida! tens faces que pedem o osculo de uma irman e labios que reclamam o beijo de um amante!

—Cala-te, tonnel! disse Cœurfeyrac.

Grantaire respondeu:

—Eu sou capitul e mestre em jogos floraes!

Enjolras, que estava em pé no alto da barricada, com a clavina na mão, levantou o seu formoso semblante austero. Enjolras, já o leitor o sabe, tinha o seu tanto de sparciata e de puritano. Houvera morrido nas Thermopylas com Leonidas e incendiado Drogheda com Cromwell.

—Grantaire! bradou elle, vae cozinhar o teu vinho longe daqui. Este é o lugar do enthusiasmo e não da borracheira. Não deshonres a barricada!

Estas palavras irritadas produziram em Grantaire um effeito singular. Dissereis que lhe tinham atirado á cara um copo d'agua fria. A bebedeira pareceu dissipar-se-lhe de subito. Sentou-se, firmou os cotovellos em uma mesa junto da janella, olhou para Enjolras com inexprimivel brandura, e disse:

—Deixa-me dormir aqui.

—Vae dormir para outra parte, gritou Enjolras.

Mas Grantaire, continuando a fital-o com olhos meigos e desvairados, respondeu:

—Deixa-me dormir aqui—até que chegue o momento de morrer.

Enjolras mediu-o com um olhar desdenhoso:

—Grantaire, tu és incapaz de crer, de pensar, de querer, de viver e de morrer.

Grantaire replicou em tom grave:

—Pois verás.

Balbuciou ainda algumas palavras inintelligiveis, depois cahiu-lhe pesadamente a cabeça em cima da mesa, e, o que é um effeito muito ordinario do segundo periodo da embriaguez que Enjolras havia tam rude e repentinamente apressado, dahi a um instante dormia.

IV

TENTATIVA DE CONSOLAÇÃO PARA A VIUVA HUCHELOUP.

Bahorel, extasiado com a barricada, exclamava :

—Eis despida a rua ! como isto está bonito !

Courfeyrac, ao passo que de alguma sorte demolia a taverna, buscava consolar a viuva taverneira.

—Mãe Hucheloup, você não se queixava outro dia da multa que foi obrigada a pagar por ter Fricassé sacudido á janella um tapete de cama ?

—Sim, meu bom senhor Courfeyrac. Ah ! meu Deus, vm. vae pôr tambem essa mesa na sua barricada ? Sim, e até por signal que pelo tapete e tambem por um vaso de flores que tinha cahido da goteira á rua, o governo obrigou-me a pagar 100 francos de multa. Veja vm. se isto não é mesmo falta de consciencia !

—Pois bem, mãe Hucheloup, nós vamos vingá-la.

A velha Hucheloup, nesta reparação que lhe faziam, não parecia distinguir perfeitamente o seu beneficio. Estava satisfeita pouco mais ou menos como essa mulher arabe que, tendo levado uma bofetada do marido, foi queixar-se ao pae, clamando por vingança e dizendo :—Pae, tu deves pagar a meu marido affronta por affronta.—O pae perguntou :—Em que face levaste a bofetada ?—Na esquerda.—O pae deu-lhe uma bofetada na face direita e disse :—Agora deves estar satisfeita. Vae dizer a teu marido que elle esbofeteou minha filha, mas eu fiz o mesmo a sua mulher.

Tinha cessado a chuva. Novos recrutas haviam chegado. Diversos operarios tinham trazido um barril de polvora coberto com as suas blusas, um cesto com garrafas de vitriolo, dous ou tres archotes de carnaval, e um canistrel cheio de lanternas que « haviam servido por occasião do anniversario do rei. » Anniversario recentissimo, porquanto fôra a 1 de maio. Diziam que estas munições vinham da parte de um mercieiro do bairro de Sancto Antonio chamado Pépin. Quebraram o unico lampeão da rua da Chanvrerie, o lampeão correspondente da rua de San'Diniz, e todos os das ruas circumvizinhas de Mondétour, do Cysne, dos Pregadores, e da Grande e da Pequena Truanderie.

Enjolras, Combeferre e Courfeyrac dirigiam tudo. Agora construiam-se duas barricadas ao mesmo tempo, ambas encostadas á taverna de Coryntho, e formando esquadria; a maior fechava a rua da Chanvrerie, a menor fechava a rua Mondétour, do lado da do Cysne. Esta ultima barricada, muito estreita, era construida somente de toneis e de pedras. Achavam-se alli uns cincoenta trabalhadores; trinta d'entre elles estavam armados de espingardas, tendo em caminho invadido uma loja de armeiro.

Nada tam estranho e variado como esta multidão. Um trajava jaquetão e tinha um sabre e duas pistolas de cavallaria, outro estava em mangas de camisa com chapéu de copa alta e um polvarinho a tiracollo, outro tinha um plastrão feito de nove folhas de papel pardo e empunhava uma sovela de selleiro. Havia um que bradava: *Exterminemos até ao ultimo, e morramos na ponta das nossas baionetas!* este não tinha baioneta alguma. Outro trazia por cima da sobrecasaca um correa-me e patrona de guarda nacional, em que se lia a seguinte inscripção em lan vermelha. *Ordem publica.* Muitas espingardas com numeros de legiões, poucos chapéus, nenhuma gravata, grande numero de braços nus, alguns chuços. Ajuntem-se a isto todas as edades, todas as caras, rapazinhos pallidos, mariolas crestados do sol.

Todos se apressavam; e, ajudando-se uns aos outros, conversavam a respeito dos acontecimentos possiveis.— Que pelas tres horas da madrugada chegariam soccorros,—que podiam contar com um regimento,—que Pa-

riz se sublevaria. Colloquios terriveis a que se ajuntava uma especie de jovialidade cordial. Dissereis que eram irmãos, e elles não sabiam os nomes uns dos outros. É proprio dos grandes perigos pôr patente de um modo sublime a fraternidade dos desconhecidos.

Tinham acendido fogo na cozinha, e derretiam para fazer balas cangirões, colheres, garfos, todo o estanho que havia na taverna. Ao mesmo tempo não se esqueciam de beber. Espoletas e quartos de balas estavam em cima das mesas de mistura com os copos. Na sala de bilhar, a mãe Hucheloup, Caldeirada e Fricassé, diversamente modificadas pelo terror, que embrutecia a primeira, dobrava a asthma da segunda, despertava a terceira, rasgavam trapos velhos e preparavam-nos; tres insurgentes as ajudavam, tres machacazes cabelludos, de enormes barbas e bigodes, que desfiavam linho com dedos de costureira e as faziam tremer.

O homem de alta estatura, que Courfeyrac, Combeferre e Enjolras tinham notado, no momento em que elle se reunia ao bando no canto da rua das Billetes, trabalhava na barricada pequena onde se tornava util. Gavroche trabalhava na grande. Quanto ao mocinho que estivera esperando Courfeyrac em casa, e lhe perguntara por Mario, desapparecera pouco antes de haverem derribado o omnibus.

Gavroche, leve como uma penna e radiante, encarregara-se de afervorar os animos. Ia, vinha, subia, descia, tornava a subir, zunia, scintillava. Parecia achar-se alli para animar a todos. Teria elle um aguilhão? tinha de certo, a sua miseria; teria azas? por certo que as tinha, a sua alegria. Gavroche era nm torvelinho. Viam-n'o por toda a parte, ouviam-n'o incessantemente. Era uma especie de ubiquidade quasi irritante; não deixava ninguém parar. A enorme barricada o sentia no seu dorso. Incomodava os passeiadores, excitava os preguiçosos, confortava os fatigados, impacientava os pensativos, alegrava uns, esforçava outros, encolerisava-os, punha-os todos em movimento, beliscava um estudante, dava uma dentada em um obreiro; tomava ares de commando, parava, punha-se de novo a andar, voava por cima do tumulto e do esforço, saltava destes para aquelles, murmurava, zumbia, e aguilhoava toda a multidão; mosca do immenso Coche revolucionario.

O motu continuo estava nos seus bracinhos, e nos pulmõesinhos tinha o clamor perpetuo :

—Animo! venham mais pedras! mais pipas! mais armas! onde é que as ha? Tragam um cesto de calça para tapar aquelle buraco. Esta barricada é pequena de mais. Façam-n'a bem alta. Ponham nella tudo quanto puderem pilhar. Se for preciso, escangalhem a casa. Uma barrica é o chá da mãe Gibou. Olhem, alli está uma porta envidraçada.

A estas palavras, os trabalhadores exclamaram :

—Uma porta envidraçada! o que queres que façamos de uma porta envidraçada, tuberculo?

—Hercules são vocês! redarguiu Gavroche. Uma porta envidraçada em uma barricada é excellente. Não impede que ella seja atacada, mas embaraça os que veem toma-la. Pelo que vejo, amigos, vocês nunca surrupiaram maçans por cima de um muro guarnecido de fundos de garrafas! A porta envidraçada servirá para cortar os callos á guarda nacional quando quizer subir á barricada. Com a breca! o vidro é traçoeiro. Na verdade, camaradas, vocês não teem lá muito viva imaginação.

Uma cousa o punha furioso, era achar-se com uma pistola sem cão. Andava de grupo em grupo reclamando:—Uma espingarda! quero uma espingarda! Por que não me dão uma espingarda?

—Uma espingarda para ti! disse Combeferre.

—E esta! replicou Gavroche, porque não? eu tive uma em 1830 quando brigaram com Carlos X!

Enjolras encolheu os hombros.

—Depois dos homens estarem armados, daremos armas ás creanças.

Gavroche voltou-se altivamente, e respondeu-lhe :

—Se fores morto antes de mim, tomarei a tua.

—Garoto! disse Enjolras.

—Pascacio! redarguiu Gavroche.

Um casquilho que passeava na extremidade da rua veio distrahi-los.

Gavroche bradou-lhe :

—Venha ajuntar-se ás nossas fileiras, moço! Então, não faremos nada pela querida patria?

O casquilho deitou a fugir.

V

OS PREPARATIVOS.

Os jornaes daquella época, que disseram que a barricada da rua da Chanvrerie, essa *construcção quasi inexpugnável*, como elles a chamavam, chegava ao nivel de um primeiro andar, enganaram-se. O que é facto é que não excedia á altura media de seis ou sete pés. Fôra construida de maneira que os combatentes podiam, a seu gosto, ou desaparecer por detrás della, ou dominar a tapagem, e mesmo subir ao alto por meio de quatro degraus formados de lagedos superpostos do lado de dentro. No exterior a frente da barricada, composta de montões de pedra e de tonneis ligados por traves e taboas que descancavam nas rodas da carreta de Anceau e nas do omnibus derribado, tinha um aspecto erriçado e inextricavel.

Uma abertura sufficiente para dar passagem a um homem fôra deixada entre as paredes das casas e a extremidade da barricada mais distante da taverna, de modo que se podesse fazer uma sortida. A lança do omnibus tinha sido erguida e amarrada com cordas, e uma bandeira encarnada, arvorada nesta lança tremulava por cima da barricada.

A barricada pequena da rua Mondétour, encoberta

pela taverna, não apparecia. As duas barricadas reunidas formavam um verdadeiro reducto. Enjolras e Courfeyrac não tinham achado conveniente trancar o outro pedaço da rua Mondétour que, pela rua dos Prégadores, dá passagem para a praça do Mercado, no intuito sem duvida de conservar uma comunicação com o exterior, e pouco receiosos de serem atacados pela perigosa e difficil viella dos Prégadores.

Abstrahindo desta sahida que não fôra fortificada, e que constituia o que Folard, no seu estylo strategico, houvera chamado um ramo, e bem assim da abertura exigua que fôra deixada do lado da rua da Chanvrerie, o interior da barricada, onde a taverna fazia um angulo saliente, apresentava um quadrilatero irregular fechado de todos os lados. Havia um intervallo de vinte passos entre a barricada grande e as altas casas que ficavam no fundo da rua, de modo que podia dizer-se que a barricada ficava encostada a estas casas, cheias de gente, mas fechadas em todos os seus andares.

Todo este trabalho se fez sem embarço em menos de uma hora e sem que esse punhado de homens afoutos visse surgir uma barretina nem uma baioneta. Os raros burguezes que ainda se aventuravam a passar pela rua de San'Diniz naquelle momento do motim lançavam um olhar para a rua da Chanvrerie, avistavam a barricada, e apertavam o passo.

Terminadas as duas barricadas, arvorada a bandeira, arrastaram uma mesa para fora da taverna, e Courfeyrac subiu para cima della. Enjolras trouxe o cofre quadrado e Courfeyrac abriu-o. Estava cheio de cartuchos.

A vista dos cartuchos houve um estremecimento e um instante de silencio entre os mais bravos.

Courfeyrac distribuiu-os sorrindo-se.

Cada um recebeu trinta cartuchos. Muitos tinham polvora e puzeram-se a fazer outros com ás balas que estavam fundindo. Havia um barril de polvora em cima de uma mesa á parte, perto da porta, o qual foi reservado.

O rebate, que soava por toda a cidade, não discontinuava, mas acabara por tornar-se um como rumor monotonico a que elles já não davam attenção. Essa bulha ora se afastava, ora se approximava, com ondulações lugubres.

Todos carregaram a um tempo as espingardas e clavinas, sem precipitação, com solemne gravidade. Enjolas foi postar tres sentinellas fóra das barricadas, uma na rua da Chanvrerie, a segunda na dos Pregadores, a terceira no canto da Pequena Truanderie.

Depois, construidas as barricadas, designados os postos, carregadas as espingardas, postadas as vedetas, sós naquellas ruas temiveis por onde já ninguem passava, cercados por aquellas casas mudas e como que mortas onde não palpitava nenhum movimento humano, rodeiados pela escuridão crescente do crepusculo que começava, no meio daquella escuridade e daquelle silencio em que se sentia approximar-se o que quer que fosse e que tinha não salemos o que de tragico e terrifico, isolados, armados, determinados, tranquilloos, esperaram.

VI

EM QUANTO ESPERAM.

Durante essas horas de espera o que fizeram elles?
Cumpre que o digamos, porque é historico.

Ao passo que os homens faziam cartuchos e as mulheres preparavam fios, ao passo que uma grande casarola cheia de estanho e de chumbo derretido, destinado á fundição de balas, fumegava em um fogareiro bem aceso, emquanto as vedetas velavam de arma ao hombro no alto da barricada, emquanto Enjolras, impossivel de distrahir, vigiava as vedetas, Combeferre, Courfeyrac, João Prouvaire, Feuilly, Bossuet, Joly, Bahorel, e mais alguns outros, procuraram-se e reuniram-se, como nos mais tranquillos dias de suas palestras de estudantes, e em um canto daquella taverna transformada em casamata, a dous passos do reducto que haviam construido, com as clavinas carregadas e escorvadas postas no encosto das suas cadeiras, estes bellos jovens, tam proximos da hora suprema, entraram a recitar versos amorosos.

Que versos? Ei-los:

Lembra-te ainda a nossa doce vida
Quando nos ria a mocidade em flor,
E uma só ancia as nossas almas tinham,
—Andar limpinhos e fruir amor?

Quando, ajuntando a tua idade á minha,
Nem oito lustros dava o seu total,
E, em nosso humilde cochicholo, tudo,
Té mesmo o inverno, era p'ra nós vernal ?

Ditosos dias ! Denodado e sabio ,
Pariz ouvia o bom Manoel orar,
Foy troava, e em teu corpinho havia
Tredo alfinete sempre a me espetar.

Tudo te olhava. Advogado pinga,
Quando contigo ao prado ia jantar,
Eras tam linda que até mesmo as rosas
Me pareciam—pasmadas—te mirar.

E ellas diziam : que formosa meça !
Que aroma exala ! que cabellos tem !
Azas, de certo, sob a manta esconde ;
Sua touquinha imita uma cecem.

E passeando, te apertava o braço,
E quem nos via, achando o par gentil,
Cria que amor, de nós ambos captivo,
Unira maio ao doce mez de abril.

Ledos, occultos, iamos vivendo,
Do amor defeso o fructo a devorar ;
Mal eu dizia alguma cousa, logo
Teu coração sabia replicar.

Era a Sorbona o sitio delectoso
Onde eu, querida, te adorava assim.
Dobrado encanto nosso enlevo tinha,
Da estudantada—entre o vivaz motim.

Praças Delphina e de Maubert saudosas !
Se tu as meias estavas a calçar,
Suppunha ver, no fundo da mansarda,
Duas estrellas niveas scintillar.

Eu li Platão, mas esqueci-o ha muito ;
Li Malebranche e Lammenais, porém
Melhor do que elles, uma flor me dando,
Tu me fazias crêr em Deus, meu bem.

O teu senhor eu era e teu escravo,
Ó leda estancia ! te vestir ! te ver
Andar em fraldas mal rompia a aurora,
E o teu espelho : és linda ! a te dizer !

E quem jamais ha de perder memoria
Desses tempos de firmamento e alvor,
Em que entre flores, fitas, cassas, rendas,
Sua doce giria balbucia amor.

Nossos jardins um vaso de tulipas,
 Nossas cortinas uma saia tua ;
 Tu tinhas uma chicara da China,
 Era de louça a minha quasi crua.

E essas desgraças que sorrir faziam !
 Tuas luvas rotas, teu mantêo perdido !
 E do divino Shakspeare o busto
 P'ra uma ceia certa vez vendido !

Era eu mendigo—eras tu piedosa !
 E os lindos braços te beijava a furto ;
 Em-folio um Dante apriimodava a meza
 Para ás castanhas darmos fim tam curto.

A vez primeira, n'um propicio ensejo
 Depuz um beijo sobre os labios teus,
 Fogiste toda desgrenhada e rubra,
 Perdi a cor e—encontrei um Deus.

Lembras-te desse perennal enlevo
 Desses lencinhos que ao amor cediam !
 Nesses momentos, de nossa alma inquieta
 Quantos suspiros para o céu partiram !

A hora, o lugar, estas recordações da mocidade assim evocadas, algumas estrellas que principiavam a brilhar no céu, o funebre repouso daquellas ruas desertas, a imminencia do inexoravel momento que se avizinhava, davam um encanto pathetico a estes versos murmurados a meia voz no crepusculo por João Prouvaire, que, como dissemos, era um mavioso poeta.

Entretanto acendera-se um lampeão na barricada pequena, e na grande uma dessas tochas de cera que na terça feira de Carnaval costumam ir adeante dos carroções de mascaras que se dirigem á Courtille. Vinham aquellas tochas, como vimos, do bairro de Sancto Antonio. Tinha esta sido posta n'uma especie de nicho feito com pedras da calçada, fechado dos tres lados para abrigo contra o vento, e disposto de maneira que toda a luz dava na bandeira. A rua e a barricada ficavam mergulhadas na escuridão, e nada mais se via a-lem desse estandarte vermelho formidavelmente illuminado como por uma enorme lanterna de furta-fogo.

Emprestava esta luz ao escarlata da bandeira uma especie de purpura terrivel.

VII

O HOMEM RECRUTADO NAS RUAS DAS BILLETES.

Estava já inteiramente fechada a noite e nada apparecera ainda. Apenas se ouviam rumores confusos, e de tempos a tempos descargas de espingardaria, mas raras, pouco sustentadas e longinquas. Esta demora que se prolongava era signal de que o governo se preparava, reunindo as suas forças. Aquelles cincoenta homens esperavam sessenta mil.

Enjolras sentiu-se preso dessa impaciencia que se apodera das almas fortes um momento antes dos acontecimentos terriveis. Foi ter com Gavroche, que se tinha posto a fazer cartuchos na sala baixa á duvidosa claridade de duas velas, por precaução postas em cima do balcão por causa da polvora espalhada sobre as mesas. Estas duas velas nenhum raio lançavam para fora da casa. Alem disto tinham os insurgidos tido o cuidado de não acender luz nos andares superiores.

Neste momento estava Gavroche muito preocupado, mas não precisamente dos seus cartuchos.

O homem da rua das Billetes acabava de entrar na sala baixa, indo assentar-se a mesa menos allumiada.

Tinha-lhe tocado uma arma reuna de modelo grande que elle tinha entre os joelhos. Até então, distraído por mil cousas divertidas, nem se quer tinha Gavroche dado fé desse homem.

Apenas elle entrou seguiu-o Gavroche machinalmente com os olhos sempre fitos na espingarda, e depois, assim que o homem se assentou, levantou-se o gaiato apressadamente. Quem até este momento tivesse espreitado o homem te-lo-hia visto observar tudo na barricada e no bando dos insurgidos com singular atenção; mas apenas entrado na sala cahira elle n'uma especie de recolhimento, parecendo não ver mais nada do que se passava. O gaiato, approximando-se desta pensativa personagem, poz-se a gyrar á roda della nas pontinhas dos pés como quem anda perto de alguém que não quer acordar. Ao mesmo tempo pelo rosto infantil, conjunctamente tam desaforado e tam serio, tam leviano e tam profundo, tam jovial e tam melancolico, lhe passavam todas essas visagens de velho que significam: —Ora, historias! —Impossivel! —Estou catacego! —Estou sonhando! —Dar-se-hia o caso? . . . —Ora qual! —Mas se! —Mas não! etc., etc. —Gavroche balançava-se nos calcanhares, cerrava os punhos dentro das algibeiras, mexia o pescoço como um passaro, alongava n'um beijo desmesurado toda a sagacidade do seu labio inferior. Estava estupefacto, incerto, incredulo, convencido, deslumbrado. Fazia a cara do chefe dos eunuchos que no mercado de escravas descobre uma Venus entre alentadas mocetonas, e tinha o ar de um amador que n'um montão de borradelas reconhe um quadro de Raphael.

Tudo nelle agitava, o instincto que fareja e a intelligencia que combina. Era evidente que alguma cousa extraordinaria acontecia a Gavroche.

Foi no meio desta grande preocupação que Enjolras o veio olhar.

—E's pequeno, lhe disse este, e não te hão de ver. Sahe das barricadas, e cose-te com as casas, vae pesquisar um pouco todas essas ruas e volta a dizer-me o que se passa.

Gavroche impertigou-se todo.

—Então já os pequenos servem para alguma cousa! Ora ainda bem! Lá vou! Mas toma sempre este conse-

lho : tem fê nos pequenos, e desconfia dos grandes.

E Gavroche, levantando a cabeça e abaixando a voz, accrescentou designando o homem da rua das Billettes :

—Vê alli aquelle grande ?

—E depois ?

—É um filante.

—Estás bem certo ?

—Não ha ainda quinze dias que elle me tirou pela orelha da cornija da Ponte-Real, onde eu tomava fresco.

Enjolras deixou apressadamente o gaiato e murmurou algumas palavras ao ouvido de um trabalhador do Port-aux-Vins que alli se achava. Sahiu este da sala, tornando a entrar quasi immediatamente com tres companheiros. Os quatro homens, mariolas de largas espaldas, sem fazerem cousa alguma que pudesse attrahir-lhe a attenção, foram postar-se por detrás da mesa em que o homem da rua das Billettes apoiava os cotovellos. Estavam visivelmente promptos para atirar-se a elle. Então Enjolras acercando-se do homem perguntou-lhe :

—Quem é você ?

Ao ouvir esta inesperada pergunta sobressaltou-se o homem. Mergulhou o olhar até ao fundo da candida pupilla de Enjolras, e pareceu surpreender-lhe o pensamento. Os seus labios abriram o sorriso mais desdenhoso que se pode ver no mundo, e ao mesmo tempo mais energico e mais resolutivo, e respondeu com altiva gravidade.

—Já vejo o que é. . . . Pois bem, sou !

—És filante ?

—Sou agente da autoridade.

—E chamas-te ?

—Javert.

Enjolras fez signal aos quatro homens. N'um abrir e fechar de olhos, antes de ter tempo de se voltar, viu-se Javert agarrado pela golla, deitado por terra, manietado, revistado.

Encontraram-lhe um cartãozinho collado entre dous vidros com as armas da França gravadas de um lado e esta legenda : *Inspecção e vigilancia*, e do outro esta menção : Javert, inspector de policia, idade 52 annos ; e a assignatura do prefeito de policia de então, Gisquet.

Trazia alem disto o seu relógio e uma bolsa com algumas moedas de ouro. Deixaram-lhe o relógio e a bol-

sa. Debaixo do relógio, bem no fundo do bolso, achou-se um papel dobrado que Enjolras abriu, lendo estas linhas escriptas do proprio punho do prefeito de policia :

« Apenas cumprida a sua missão politica, o inspector Javert verificará com especial cuidado se é exacto que alguns malfeteiros frequentam a ribanceira direita do Sena, perto da ponte de Iena. »

Depois de revistado levantaram Javert, amarráram-lhe os braços atrás das costas e prenderam-n'o no meio da sala baixa a esse poste celebre que outr'ora dera o seu nome á taverna.

Gavroche, que tinha assistido a toda esta scena, approvando-a com silencioso movimento de cabeça, chegou-se a Javert e disse-lhe :

—Foi o ratinho que apanhou o gato.

Tudo isto foi feito com rapidez tal, que estava já concluido quando ao redor da bodega se deu por isso. Vendo Javert ligado ao poste, correram para alli Courfeyrac, Bossuet, Joly, Combeferre e os homens dispersos pelas duas barricadas.

Javert, encostado ao poste, e ligado de modo que nem mover-se podia, erguia a cabeça com a intrepida serenidade do homem que nunca mentiu.

—E um filante, disse Enjolras.

E virando-se para Javert :

—Serás espingardeado dois minutos antes de tomada a barricada.

Javert replicou com o seu tom mais imperioso :

—E porque não immediatamente?

—Economisamos a nossa polvora.

—Pois avia-me com uma faca.

—Filante, disse o formoso Enjolras, somos juizes e não assassinos.

E chamou Gavroche.

—Tu, vae ao que te cumpre. Faze o que te disse.

—Lá vou, bradou Gavroche.

E, parando no momento de sahir :

—É verdade, dar-me-heis a sua espingarda ! E acrescentou : abandono-vos o musico, mas quero a clarineta.

O gaiato fez a continencia militar, e franqueou alegremente a abertura da barricada grande.

VIII

VARIOS PONTOS DE INTERROGAÇÃO A RESPEITO DE UM TAL LE CABUC QUE TALVES ASSIM SE NÃO CHAMASSE

Incompleto ficaria o quadro tragico que empreendemos desenhar, o leitor não veria no seu relevo exacto e real esses grandes momentos de trabalho social e parto revolucionario em que ha convulsões e esforços, se no esboço debuxado omittissemos um incidente que se deu quasi immediatamente depois da partida de Gavroche.

Os tumultos são como uma bola de neve que rolando agglomeram um montão de homens barulhentos. Não perguntam uns aos outros donde veem. Entre os arrua-dores que se haviam reunido ao magote, guiado por Enjolras, Combeferre e Courfeyrac, havia um ente que trazia a jaqueta de um mariola sovada nos hombros, gesticulava e vociferava e tinha ares de uma especie de beerrão selvagem. Este homem, chamado ou appellido Le Cabuc, mas quanto ao mais absolutamente desconhecido dos que pretendiam conhece-lo, embriagado ao ultimo ponto, ou fingindo esta-lo, tinha-se assentado com outros a uma mesa que haviam tirado para fóra da taverna. Este Cabuc, ao passo que fazia beber os com-

panheiros, parecia considerar com ar de reflexão a casa grande do fundo da barricada, cujos cinco andares dominando toda a rua faziam face a de San'Diniz. De repente exclamou:

—Camaradas, quereis saber? É daquella casa alli que devíamos fazer fogo. Uma vez postados nós áquellas janellas, leve o diabo se alguém passar pela rua!

—É verdade, mas a casa está fechada, disse um dos bebedores.

—Batamos!

—Não hão de abrir.

—Arrombemos.

Le Cabuc corre á porta, que tinha uma aldrava enorme, e bate. A porta não se abre. Torna a bater. Ninguém responde. Bate terceira vez. Igual silencio.

—Ha alguém lá dentro? grita Le Cabuc.

Nada se mexe. Então toma elle uma espingarda e principia a bater á porta ás cronhadas. Era um portão velho, arqueado, baixo, estreito, solido, todo de carvalho forrado por dentro com chapas de ferro, uma verdadeira porta de fortaleza. As cronhadas, fazendo tremer a casa, não o abalavam.

Comtudo, é provavel que os moradores se tivessem posto em movimento, pois que a final viu-se apparecer uma luz, e abrir-se um postigo do 3º andar, deixando-se ver o rosto aterrado de um bom homem de cabellos grisalhos que era o porteiro.

O homem que batia parou.

—Meus senhores, perguntou o porteiro, que desejam?

—Abre! disse Le Cabuc.

—Meus senhores, não posso.

—Vae abrindo sempre!

—É impossivel, meus senhores!

Le Cabuc pegou da espingarda e apontou-a para o porteiro, mas como ficava por baixo, e estava escurissimo, este não o viu.

—Sim ou não, queres abrir?

—Não, meus senhores!

—Dizes não?

—Digo não, meus bons senhores.

O porteiro não concluiu.

O tiro partira, a bala entrando-lhe por debaixo da barba sahira-lhe pela nuca, atravessando a jugular. O ve-

Iho cahiu redondamente sem soltar um suspiro. A vela apagou-se, e nada mais se viu senão uma cabeça immovel á beira do postigo e um pouco de fumo alvacento que subia para o telhado.

—Eis-ahi! disse Le Cabuc assentando na calçada a cronha da sua espingarda.

Mal pronunciara esta palavra quando sentiu cair-lhe uma mão em cima da espadua com o peso de uma garra de aguia, e ouviu uma voz que lhe bradava:

—De joelhos.

O homicida voltou-se e viu deante de si o rosto alvo e frio de Enjolras. Tinha este uma pistola na mão. A detonação chegára elle.

Agarrava com a mão esquerda o collete, a blusa, a camisa e a calça de Cabuc.

—De joelhos, repetiu.

E com um movimento soberano o debil mancebo de vinte annos dobrou como um vime o membrudo e robusto mariola, fazendo-o ajoelhar na lama. Le Cabuc tentou resistir, mas parecia subjugado por um punho sobrehumano.

Pallido, o pescoço nũ, e desgrenhados os cabellos, Enjolras, com o seu rosto de mulher, tinha neste momento não sei o que da Themis antiga. As ventas dilatadas, os olhos abaixados, davam-lhe ao implacavel perfil grego essa expressão de colera e de castidade que, segundo as idéas do mundo antigo, convem á justiça.

Toda a barricada alli se reunira, e depois todos se tinham formado em circulo a alguma distancia, sentindo que era impossivel pronunciar palavra deante do que iam ver.

Le Cabuc, vencido, já não tentava debater-se, e um tremor lhe agitava todos os membros. Enjolras largou-o e puxou do relógio.

—Recolhe-te em ti, disse. Ora ou pensa, dou-te um minuto.

—Perdão! murmurou o homicida, e abaixando depois a cabeça balbuciou algumas juras inarticuladas.

Enjolras não desviou os olhos do relógio, que metteno bolso, passado um minuto. Feito isto tomou pelos cabellos Le Cabuc que se lhe agarrava aos joelhos uivando, e chegou-lhe ao ouvido o cano da pistola. Muitos desses homens intrepidos, que tam tranquillamente se

tinham mettido na mais pavorosa das aventuras, voltaram os rostos.

Ouviu-se a explosão, o assassino cahiu sobre a calçada com a cara para baixo; e Enjolras, reerguendo a cabeça, volveu em torno o seu olhar convencido e severo.

Depois empurrando com o pé o cadaver, disse:

—Deitae isso fora.

Tres homens levantaram o corpo do miseravel agitado pelas ultimas convulsões machinaes da vida que expira, e por sobre a barricada pequena atiraram-o para a viella Mondétour.

Enjolras tinha ficado pensativo. Não se sabe que grandiosas trevas lentamente se desdobravam sobre a sua temerosa serenidade. De repente ergueu a voz. Fez-se silencio.

—Cidadãos, disse Enjolras, o que este homem fez é hediondo, o que eu fiz é horrivel. Matou, por isso matei. Tive de o fazer porque a insurreição deve ter a sua disciplina. Mais do que em outra nenhuma parte é o assassinato aqui um crime; estamos deante dos olhos da revolução, somos os sacerdotes da republica, as hostias do dever, cumpre que ninguem possa calunniar o nosso combate. Julguei pois e condemnei á morte este homem. Quanto a mim, constrangido a fazer o que fiz, mas abominando-o, julguei-me tambem a mim, e ides já ver a que me condemnei.

Os que o escutavam estremeeceram.

—Compartiremos a tua sorte, exclamou Combeferre.

—Pois seja, tornou Enjolras. Ainda uma palavra. Executando este homem, obedeci á necessidade; mas a necessidade é um monstro do mundo antigo, e chama-se fatalidade. Ora, a lei do progresso é que os monstros desapareçam deante dos anjos, e que a fatalidade se eclipse deante da fraternidade. Triste momento este para pronunciar a palavra amor. Não importa, pronuncio-a e glorifico-a. Amor, o futuro é teu. Morte, sirvo-me de ti, mas odeio-te. Cidadãos, não haverá no porvir nem trevas nem coriscos, nem ignorancia feroz nem sangrenta pena de talião. Não havendo mais Satanaz, tambem não haverá Miguel. No futuro ninguem matará o seu semelhante, a terra resplandecerá, o genero humano amará. Ha de chegar, cidadãos, esse dia em que

tudo será concordia, harmonia, luz, alegria e vida, elle ha de chegar, e é para que chegue que vamos nós morrer.

Enjelras calou-se. Os seus labios de virgem cerraram-se, e elle ficou por algum tempo de pé com uma immobillidade de marmore no lugar onde derramara o sangue. O seu olhar fixo fazia com que se fallasse baixo em redor delle.

João Prouvaire e Combeferre apertavam-se silenciosamente as mãos, e apoiados um no outro no angulo da barricada consideravam com admiração misturada de lastima aquelle austero mancebo, algoz e sacerdote, feito de luz como o crystal, mas de rocha tambem.

Digamos desde já que mais tarde, depois da acção, quando se revistaram os cadaveres levados ao deposito, encontrou-se no de Le Cabuc uma patente de agente de policia. O autor deste livro teve nas mãos em 1848 a parte especial dada a este respeito ao prefeito de policia de 1832.

Accrescentemos que, se se pode dar credito a uma tradição policial estranha, mas provavelmente fundada, Le Cabuc era Claquesous. O facto é que depois da morte de Cabuc nunca mais se fallou de Claquesous. Nenhum vestigio deixou este da sua desappareição, como se se houvesse amalgamado no invisivel. A sua vida tinha sido trevas, o seu fim foi morte.

Todo o grupo insurgido estava ainda no abalo deste tragico processo tam depressa instaurado e tam summariamente concluido, quando Courfeyrac tornou a ver na barricada o mocinho que de manhan fôra á casa delle perguntar por Mario.

Este rapaz, que tinha um ar atrevido e descuidado, viera de noite reunir-se aos insurgidos.

LIVRO DECIMO TERCEIRO.

MARIO ENTRA NA SOMBRA.

I

DA RUA PLUMET AO BAIRRO DE SAN'DINIZ.

Essa voz que atravez do crepusculo chamara Mario á barricada da rua Chanvrerie parecera-lhe a voz do destino. Queria elle morrer e offerecia-se-lhe occasião; batia á porta do sepulcro e na sombra uma mão offerecia-lhe a chave. São tentadoras estas lugubres entradas, que apparecem nas trevas deante do desespero. Mario desviou o varão de ferro que tantas vezes o tinha deixado passar, sahio do jardim, e disse : vamos !

Louco de dôr, nada já sentindo fixo ou solido no cerebro, incapaz de acceitar mais o que quer que fosse da sorte agora depois daquelles dois mezes passados na embriaguez da mocidade e do amor, acabrunhado ao mesmo tempo por todos os sonhos do desespero, já não tinha mais do que um desejo : acabar com tudo bem depressa.

Poz-se a caminhar rapidamente. Casualmente se achava armado, trazendo comsigo as pistolas de Javert.

O mancebo que elle tinha julgado lobrigar perdera-se-lhe nas ruas.

Mario, que sahira da rua Plumet pelo *boulevard*, atra-

vessou a explanada e a ponte dos Invalidos, os campos Elysios, a praça de Luiz XV e entrou na rua de Rivoli. Estavam alli abertas as lojas, brilhava o gaz debaixo das arcadas, as mulheres faziam compras nos armazens, tomavam-se sorvetes no botequim Leiter, comiam-se bolinhos na pastelaria ingleza. Algumas seges de posta, porem, partiam a galo de palácios dos Principes e de Maurice.

Mario entrou pelo passadiço Delorme na rua de Santo Honorato. Aqui estavam fechadas as lojas, os negociantes conversavam deante das suas portas entreabertas, circulavam os viandantes, os lampeões estavam acesos, e do primeiro andar para cima viam-se illuminadas como de costume todas as janellas. No largo do Palais-Royal havia cavallaria postada.

Mario seguiu a rua de Santo Honorato. Ao passo que se afastava do Palais-Royal via menos janellas illuminadas; as lojas estavam inteiramente fechadas, ninguem conversava nas soleiras, tornava-se a rua mais sombria, e a multidão mais espessa, porquanto formavam agora multidão os viandantes. Ninguem se via fallar neste ajuntamento, e comtudo partia d'elle um zumbido surdo e profundo.

Nas immedições da fonte da Arvore-Secca havia uma especie de grupos immoveis e sombrios que entre os que iam e vinham figuravam pedras em agua corrente.

À entrada da rua das Provaires já a multidão não marchava. Era um rochedo massiço, solido, compacto, quasi impenetravel, de homens apinhados que fallavam em voz sumida. Quasi se não viam alli já casacas pretas nem chapéus redondos. Eram jaquetas, camisolâs, bonés, cabeças irrigadas e cheias de terra. Ondulava esta multidão confusamente na penumbra nocturna. Tinha o seu cochichar o som rouco de um fremito. Apesar de ninguem andar ouvia-se um patinhar na lama. Para lá desta espessura da massa popular, na rua do Roule, na dos Pouvaires, e no prolongamento da de Santo Honorato, não havia uma unica vidraça em que uma luz brillasse. Viam-se perder nestas ruas as filas solitarias e minguentes dos lampeões. Semelhavam estes naquella epocha estrellas grandes e rubras penduradas por cordas, e lançavam sobre a calçada uma sombra que tinha a forma de uma monstruosa aranha. Não

estavam desertas estas ruas. Viam-se alli armas ensarilhadas, baionetas que se mexiam, tropas acampadas. Nenhum curioso ultrapassava este limite. Parava alli a circulação; terminava o povo e começava o exercito.

Mario queria com a vontade de homem que ja nada espera. Tinham-n'o chamado, era mister que fosse. Achou meios de atravessar a multidão e o acampamento das tropas, esquivou-se ás patrulhas, cortou as sentinellas. Deu uma volta, ganhou a rua de Bettrisy e dirigiu-se para a praça do Mercado. Na esquina da rua dos Bourdonnais já não havia lampeões.

Franqueada a zona da multidão, ultrapassara elle a raia da tropa, e achava-se n'um sitio medonho. Nem um só viandante, nem um só soldado, nem um só lampeão; ninguém. A solidão, o silencio, a noite; não sei que frio que penetrava. Entrar n'uma rua era entrar n'um subterraneo.

Continuou a andar.

Deu alguns passos. Alguem passou por elle correndo. Seria um homem? Uma mulher? Seriam mais do que um? Não poderia elle dizer-lo. O que fôra passara e desvanecera-se.

De circuito em circuito chegou elle a uma rua estreita que lhe pareceu ser da Poterie; no meio desta vielha esbarrou-se com um obstaculo. Era uma carroça virada; o pé acusou-lhe poças, barrancos, pedras dispersas e amontoadas. Havia alli uma barricada esboçada e abandonada. Elle escalou as pedras e achou-se do outro lado da barreira. Seguiu mui perto dos limites guiando-se pela parede das casas. Um pouco além da barricada pareceu-lhe entrever adeante de si uma cousa branca. Acercou-se, e o que era foi tomando uma forma. Eram dois cavallos brancos; os mesmos que Bossuet tirara pela manhan do omnibus, e que, vagando todo o dia ao acaso de rua em rua, tinham acabado por deixar-se ficar alli com essa paciencia acabrunhada dos animaes que não comprehendem melhor as acções do homem do que este comprehende as da Providencia.

Mario deixou atrás de si os cavallos. Ao entrar n'uma rua que lhe parecia ser a do Contracto Social, um tiro de espingarda, partido não se sabe donde e que atravessava ao acaso na obscuridade, silvou mesmo ao pé d'elle e a bala passando-lhe por cima da cabeça atra-

vessou uma bacia de cobre pendurada na loja de um barbeiro. Ainda em 1846, na rua do Contracto Social, em um dos pilares da praça do Mercado se via esta bacia furada.

Aquelle tiro de espingarda era ainda a vida; a partir deste momento não encontrou elle mais nada.

Todo aquelle itinerario parecia uma descida de degraus negros.

Mario nem por isso deixou de ir para deante.

PARIZ VISTA Á VÔO DE CURUJA.

Quem neste momento pairasse sobre Pariz com azas de morcego ou de mocho, veria um espectaculo triste.

Todo esse bairro do Mercado, que é como uma cidade na cidade, atravessado pelas ruas de San'Diniz e San'-Martinho, cruzado por mil viellas e de que os insurgentes tinham feito o seu reducto e a sua praça de armas, lhe teria parecido uma como taverna sombria aberta no centro de Pariz. Alli o olhar mergulhava-se em um abysmo. Graças aos lampeões quebrados, ás janellas fechadas, cessava alli toda a luz, toda a vida, todo o rumor, todo o movimento. A invisivel policia da insurreiçã velava por toda a parte, mantendo a ordem, isto é, a noite. Mergulhar a pequenez de um namero n'uma vasta escuridão, multiplicar cada combatente pelas possibilidades que essa mesma escuridão contem, é a tactica necessaria dos motins. Ao cahir da noite toda a vidraça em que brilhava uma luz recebêra uma bala. Apagava-se a luz, ás vezes matava-se o morador. Mas nada se mexia. Não ficara senão o medo, o luto, o terror nas casas; nas ruas uma especie de horror sagrado. Não se percebiam nem sequer essas longas fileiras de janellas e de andares, os recortes das chaminés e dos

telhados, os vagos reflexos que luzem na calçada lamacenta e molhada.

Quem olhasse do alto para este montão de sombras, talvez descobrisse aqui e acolá, de distancia em distancia, indistinctas claridades a desenharem linhas interrompidas e extravagantes, perfis de construcções singulares, uns como vislumbres a ir e a vir pelas ruínas; era lá que estavam as barricadas. Tudo o mais era um lago de obscuridade, nebuloso, pesado, funebre, por baixo do qual se erguiam debuxos immoveis e lugubres, a torre de San'Jacques, a egreja de San'Merry, e mais dous ou tres desses grandiosos edificios de que o homem faz gigantes e fantasmas á noite.

Ao redor deste labyrintho deserto e assustador, nos bairros em que não estava aniquilada a circulação pariziense, e em que brilhavam alguns raros lampeões, teria o observador aereo podido distinguir o scintillar metalico das espadas e das baionetas, o rodar surdo da artilharia, e o formigar dos batalhões silenciosos a engrossar de minuto para minuto, formidavel cintura que lentamente se apertava e fechava em volta da insurreição.

O bairro investido já não era mais do que uma especie de monstruosa caverna; tudo alli parecia adormecido e immovel, e, como acabamos de ver, nenhuma das ruas a que se poderia chegar offerecia senão sombra.

Sombra feroz, cheia de laços, de embates desconhecidos e temiveis, onde era perigoso penetrar e pavoroso deixar-se ficar; onde os que entravam estremeciam deante dos que os aguardavam, e os que esperavam deante dos que estavam para vir. Combatentes invisiveis entrincheirados a cada esquina de rua; as armadilhas dos sepulcros occultas nas trevas da noite. Tudo estava acabado. Nenhuma claridade mais havia alli que esperar agora além do relampejar das espingardas, nenhum encontro além da repentina e rapida apparição da morte. Onde? Como? Quando? Ninguem o sabia, mas era certo e inevitavel. Alli, naquelle lugar designado para a luta; o governo e a insurreição, a guarda nacional e as sociedades populares, a burguezia e a sedição, iam combater-se ás apalpadellas. Para uns e ontros a necessidade era a mesma. Sahir dalli mortos ou vencedores, unica eventualidade possivel d'ora ávante. Situação de tal fórma extrema, escuridão tam poderosa, que os mais timidos se

sentiam tomados de resolução e os mais audazes de terror.

Quanto ao mais, dos dous lados, furia, encarniçamento, determinação eguaes. Para uns avançar era morrer, e ninguém pensava em recuar; para outros ficar era morrer, e ninguém se lembrava de fugir.

Era forçoso que no dia seguinte tudo estivesse terminado, que o triumpho estivesse deste ou daquelle lado, que a insurreição fosse uma revolução ou um alvoroço. O governo comprehendia bem como os partidos; o ultimo dos burguezes o sentia. Dahi um pensamento de angustia que se misturava com a sombra impenetravel daquelle bairro, onde ia decidir-se tudo; dahi dobrada anxiedade em torno daquelle silencio, donde ia sahir uma catastrophe. Um unico ruido alli se ouvia, ruido dilacerante como o estertor, ameaçador como uma maldição, o toque de rebate de San'Merry. Nada tam horripilante como o clamor daquelle sino espavorido e desesperado a lamentar-se nas trevas.

Como muitas vezes acontece, parecia a natureza harmonisar com o que os homens iam fazer. As estrellas tinham desaparecido, nuvens pesadas franjavam o horizonte com suas melancolicas pregas. Havia um céu negro por sobre aquellas ruas mortas, como se uma immensa mortalha se estendesse sobre aquelle immensuravel tumulto.

Emquanto uma tabalha, ainda meramente politica, se preparava naquelle mesmo terreno, que já viu tantos successos revolucionarios; emquanto a mocidade, as associações secretas, as escolas em nome dos principios, a classe media em nome dos interesses, se approximavam para se entrechocar, enlaçar e derribar; emquanto cada qual se apressava e chamava pela hora derradeira e decisiva da crise, ao longe, e fóra deste bairro fatal, no mais profundo das insondaveis cavidades dessa velha Pariz miseravel, que desaparece debaixo do esplendor de Pariz feliz e opulenta, ouvia-se murmurar surdamente a sombria voz do povo.

Voz temerosa e sagrada que se compõe do rugir da fêra e da palavra de Deus, que amedronta os fracos e adverte os prudentes, e que ao mesmo tempo vem debaixo como o rugir do leão, e do alto como a voz do trovão.

III

O ÚLTIMO DEGRÁU.

Mario chegára á praça do Mercado.

Alli havia ainda mais calma, mais escuridão, mais immobibilidade que nas ruas vizinhas. Diriam que a paz glacial do sepulcro deixára a terra e derramara-se pela amplidão.

Um reverbero entretanto separava desse fundo negro a alta cornija dos edificios com que terminava a rua da Chanvrerie do lado de Sancto Eustaquio. Era o reflexo da tocha que ardia na barricada de Coryntho. Mario guiára-se por esse reverbero que o levára ao Mercado das Peras, e entrevia a embocadura tenebrosa da rua dos Pregadores. Entrou nella. A sentinella dos insurgentes que vigiava na outra extremidade não o percebeu. Elle sentia-se junto ao que viera procurar, e caminhava mansamente. Chegou assim ao cotovello desse pequeno tronco da viella Mondétour, que era, como se hão de lembrar, a unica communicação que Enjolras conservára para fora. No canto da ultima casa, a sua esquerda, estendeu a cabeça e sondou o tronco Mondétour.

Um pouco além do angulo negro da viella e da rua da Chanvrerie, que espalhava uma vasta toalha de sombra, em que elle proprio via-se envolto, avistou um clarão sobre as calçadas, parte da taverna, e atrás um lampeão mal trahindo-se em uma especie de muralha informe, e homens agachados com espingardas sobre os joelhos. Tudo isto estava a dez toesas de distancia. Era o interior da barricada.

As casas que costeavam a viella á direita occultavam-lhe o resto da taverna, a grande barricada e a bandeira.

Mario não tinha que dar mais do que um passo.

Então o misero moço assentou-se em um marco, cruzou os braços e pensou no pae.

Recordou-se desse heroico coronel Pontmercy que fôra um tam valente soldado, que no tempo da república guardára as fronteiras da França, e no do imperio chegára ás raias da Asia; que vira Genova, Alexandria, Milão, Turim, Madrid, Vienna, Dresde, Berlin e Moscow; que assignalára todos os campos de victoria da Europa com algumas gottas do mesino sangue que elle, Mario, sentia em suas veias; que encanecêra prematuramente sob a disciplina e o commando, que vivera com o cinturão baleado, as dragonas cahidas sobre o peito, o tope ennegrecido pela polvora, a fronte enrugada pelo capacete, sob a tenda, no campo, no acampamento, nas ambulancias; e que, findos vinte annos, voltára das grandes guerras com a face acutilada, e o rosto risonho, simples, calmo, admiravel, puro como um menino, tendo feito tudo pela França e nada contra ella.

Pensou elle que tambem chegára o seu dia, que a sua hora tinha enfim soado, que, após seu pae, elle ia tambem ser bravo, intrepido, ousado, affrontar as balas, offerecer o peito ás baionetas, e verter seu sangue; que ia por sua vez bater-se e pisar a arena do combate, e que essa arena a que ia descer era a rua, e que a guerra a que se atirava era a guerra civil!

Viu esta aberta como um abysmo a seus pés, e era nelle que ia cair.

Estremeceu.

Pensou nessa espada de seu pae que seu avô vendera a um adelo e da qual guardara tanta saudade, e pon-

derou que obrara bem; essa casta e valente espada, escapando-lhe e envolvendo-se irada na escuridão, fugindo assim porque era intelligente, adivinhava o futuro, e presentia a revolta, a guerra das ruas, a lucta sobre as calçadas, os fuzilamentos pelas frestas dos subterraneos, os golpes dados e recebidos por detrás; vinda de Marengo e Friedland, ella não queria ir á rua da Chanvrière empunhada pelo filho!

Considerou elle que se tivesse conservado essa espada, e tendo-a recebido á cabeceira de seu finado pae, ousasse empunha-la nessa lucta nocturna entre francezes, em uma encruzilhada, por certo ella lhe queimaria as mãos e começaria a scintillar a seus olhos como a espada do anjo! Julgou-se então feliz por não possuil-a, pela sua desaparição, achou isso bom e justo, que seu avô fôra o fiel mantenedor da gloria de seu pae, e que era preferivel ter sido a espada do coronel posta em leilão, vendida ao adelo, lançada entre os ferros velhos, do que ferir hoje as entranhas da patria.

Começou então a chorar amargamente.

A situação era horrivel. Mas que fazer? Viver sem Cosetta não era possivel. Visto que ella partira era mister que elle morresse. Não lhe promettêra elle sob sua palavra de honra que morreria? Ella partira sabendo isso; logo aprazia-lhe a morte de Mario. E finalmente era claro que ella não o amava mais, pois deixara-o assim, sem adverti-lo, sem uma palavra, sem uma carta, sabendo o seu endereço! Para que viver e com que fim nesse caso? E demais, chegar até alli e recuar! Approximar-se do perigo e fugir! Vir espreitar a barricada e esgueirar-se todo tremulo e dizendo: comeffeito, estou farto, já vi, isso basta, é a guerra civil, vou-me embora! Abandonar os amigos que o esperavam, que talvez careciam d'elle, que eram um grupo contra um exercito. Faltar a tudo de uma vez, ao amor, á amizade, á fê de sua palavra! Dar á sua cobardia o pretexto de patriotismo. Era impossivel! E se o espectro de seu pae estava alli, na sombra, e o visse recuar, açouta-lo-hia com a folha da sua espada, e lhe bradaria: caminha, poltrão!

Preso aos vaes-vens do seu pensamento, Mario curvou a cabeça.

De subito ergueu-a. Uma especie de rectificação es-

plendida illuminara o seu espirito. Ha uma dilatação de pensamento, propria da vizinhança do tumulto; estar perto da morte equivale a ver bem. A visão da acção na qual elle sentia-se quasi empenhado surgiu-lhe não já lamentavel, mas soberba. A guerra da rua se transfigurou subitamente por um ignoto trabalho da alma deante do seu pensamento. Todos os agitados pontos de interrogação do devaneio voltaram-lhe em tropel, mas sem atordoá-lo. A todos deu resposta.

Porque se desgostaria seu pae? Por ventura não ha casos em que a insurreição toca a dignidade do dever? Como, pois, se rebaixaria o filho do coronel Pontmercy no combate que se enuncia? Não se tracta mais de Montmirail nem de Champaubert; tracta-se de outra cousa, não de um territorio sagrado, mas de uma idéa santa. Queixa-se a patria, é verdade, porem a humanidade applande. E será certo que a patria se queixe? Sangra a França, mas a liberdade sorri, e ante o sorriso da liberdade a França olvida a sua chaga. E, portanto, vendo-se as cousas de altura ainda maior, para que se fallaria em guerra civil?

Guerra civil? O que significa isso? Ha por ventura alguma guerra estrangeira? Toda a guerra entre homens não importa uma guerra entre irmãos? É o fim somente que qualifica a guerra. Não ha guerra estrangeira nem guerra civil, só ha guerra injusta e guerra justa. Até o dia em que se concluir a grande concórdia humana, a guerra, ao menos a que é o esforço do futuro que se adeanta contra o passado tardio, pôde ser necessaria. O que ha pois que dizer contra essa guerra? A guerra não traz vergonha, a espada não se torna punhal senão quando assassina o direito, o progresso, a razão, a civilisação, a verdade. Nessa hypothese, a guerra civil ou estrangeira é iniqua, chama-se crime. Fôra dessa cousa santa, a justiça, com que direito uma fórma de guerra prevalecerá sobre outra? Com que direito a espada de Washington renegará a lanceta de Camillo Desmoulins? Entre Leonidas contra o estrangeiro, e Timoleão contra o tyranno, qual está mais alto? Um é o deffensor, o outro o libertador. Diffamar-se-ha, qualquer revolta no interior das cidades sem attender ao fim? Lançae então o estigma sobre Bruto, Marcel, Arnaldo de Blankenheim, Coligny. Guerra de moutas,

guerra de ruas? E porque não? Era a guerra de Artevelde, de Marnix, de Pelagio. Porém Ambiorix luctava contra Roma, Artevelde contra a França, Marnix contra a Hespanha, todos contra o estrangeiro. Pois bem, a monarchia é o estrangeiro, a opressão é o estrangeiro, o direito divino é o estrangeiro. O despotismo viola a fronteira moral como a invasão viola a fronteira geographica. Repellir o tyranno ou repellir os inglezes é, em ambos os casos, readquirir territorio. Sôa uma hora em que não basta o protesto, depois da philosophia é mister a acção, a força viva termina o que a idéa debuxou; *Prometheu encadeado* começa, Aristogiton acaba: a encyclopedia esclarece as almas, o 10 de agosto as electriza. Após Eschylo, Trasybulo, após Diderot, Danton. As massas tendem á aceitação de um senhor: sahem então da inercia e agglomeram-se facilmente obedecendo. E' necessario agital-as, impelli-las, tractar rudemente aos homens em prol de sua propria libertação, ferir-lhes a vista com a verdade, lançar-lhes a luz em factos aterradores. E' mister que sejam um pouco fulminados pela propria salvação; esse choque desperta-os. Dahi vem a necessidade dos rebates e das guerras. E' preciso que os combatentes se ergam, illuminem as nações pela audacia e sacudam esta pobre humanidade que cobrem de sombra o direito divino, a gloria cesarina, a força, o fanatismo, o poder irresponsavel, e as magestades absolutas, estupidamente occupadas a contemplar, em seu esplendor crepuscular, esses sombrios triumphos da noite. Abaixo o tyranno! Mas o que é isto? De quem fallaes? Chamaes tyranno a Luiz-Philippe? Não; não o foi mais que Luiz XVI. Ambos foram o que a historia costuma chamar bons reis; porém os principios não se retalham, a logica da verdade é rectilinea; é propria nella a falta de complacencia; não haja pois concessão, toda a usurpação sobre o homem deve ser reprimida; ha direito divino em Luiz XVI, ha um Bourbon em Luiz-Philippe; ambos representam até certo ponto a confiscação do direito, e para desfazer a usurpação universal é mister combatê-los, é necessario, visto que a iniciativa cabe sempre á França. Quando o dominio cahe na França, cahe em toda a parte. Emfim, restabelecer a verdade social, restabelecer no seu trono a liberdade, restituir o povo ao povo, e a soberania

ao homem, repôr a purpura sobre a cabeça da França, restaurar em toda a plenitude a razão e a equidade, supprimir todo o germen de antagonismo restituindo cada qual a si mesmo, aniquilar o obstaculo que a realleza antepõe á immensa concordia universal, restituir o genero humano ao nivel do direito, haverá cousa mais justa, e por consequencia guerra mais nobre? Essas guerras são as que consolidam a paz. De pé sobre o mundo ainda ergue-se uma fortaleza enorme de preconceitos, privilegios, superstições, mentiras, abusos, violencias, iniquidades e trevas; é mister arrasa-la, derubar essa massa monstruosa. Vencer em Austerlitz é grande, tomar a Bastilha é immenso.

Não ha quem não tenha sentido sobre si a propria alma e dahi provém a maravilha da sua unidade complicada de ubiquidade, dessa estranha aptidão para raciocinar quasi friamente nos extremos mais violentos, succedendo muitas vezes que a paixão contristada e o profundo desespero na propria agonia de seus monologos mais negros resolvam questões e discutam theses. A logica mistura-se com a vertigem, e o fio do syllogismo fluctua sem quebrar-se na lugubre procella do pensamento. Era essa a situação do espirito de Mario.

Seismando assim, acabrunhado, porém resolutivo, hesitando ainda, e finalmente estremecendo ante o que ia fazer, o seu olhar vagueava pelo interior da barricada. Os insurgentes alli conversavam á meia voz e sem ruido; havia alli esse quasi silencio que assignala a ultima phase da expectação. Acima delles, na trapeira de um terceiro andar, Mario distinguia uma especie de espectador ou de testemunha que lhe parecia singularmente attenta. Era o porteiro morto por Le Cabuc. Debaixo, ao reverbero da tocha enterrada na calçada, percebia-se vagamente essa cabeça. Nada impressionaria mais a essa claridade sombria e incerta do que esse rosto livido, immovel, pasmo, com os cabellos ericados, olhos abertos e fixos e a bocca aberta, pendido sobre a rua em uma attitude de curiosidade. Dir-se-hia que aquelle morto considerava os que iam morrer. Um longo sulco de sangue que corra dessa cabeça descia em fios vermelhos da trapeira até a altura do primeiro andar onde parava.

LIVRO DECIMO QUARTO.

AS GRANDEZAS DO DESESPERO.

I

A BANDEIRA: PRIMEIROACTO.

Nada ainda apparecia. Tinham dado dez horas em Saint-Merry. Enjolras e Combeferre haviam-se sentado, de clavina na mão, perto da abertura da barricada grande. Não fallavam, escutavam, buscando perceber mesmo a mais surda e afastada bulha de passos.

De subito, no meio daquella calma lugubre, uma voz clara, juvenil, folgazan, que parecia vir da rua de San'-Diniz, soou cantando distinctamente no tom da antiga cansão popular.—*Ao clarão da lua*,—esta poesia terminada por uma especie de grito semelhante ao canto do gallo:

Estou com defluxo,
Amigo Bugeaud;
Se tens mil soldados,
Fallar-lhes já vou,
'lli vem os roceiros!
Valentes guerreiros?
Cada um na patrona
Sens pintos guardou,
Co-cocoricó!

Apertaram-se as mãos.

—É Gavroche, disse Enjolras.

—Está nos avisando, disse Combeferre.

Ouviram uma carruagem precipitada na rua deserta: um vulto mais ligeiro do que um *clown* galgou o omnibus, e Gavroche pulou para o meio da barricada todo esbaforido, dizendo:

—A minha espingarda! Ah! estão elles.

Um tremor electrico abalou quantos se achavam na barricada, e todas as mãos se estenderam ao mesmo tempo para as espingardas.

—Queres a minha clavina? disse Enjolras para o gaiato

—Não, respondeu Gavroche, quero a espingarda grande.

E tomou a espingarda de Javert.

Duas sentinellas se tinham retirado e haviam entrado quasi ao mesmo tempo que Gavroche. Eram a sentinella da extremidade da rua e a vedeta da Pequena Truanderie. A da viella dos Pregadores ficara no seu posto, o que indicava que nada havia que receiar do lado das pontes e da Praça do Mercado.

A rua da Chanvrerie, da qual apenas se distinguiam algumas pedras ao reflexo da luz que allumiava a bandeira, apresentava aos insurgentes o aspecto de um grande portico aberto no meio de uma fumaga.

Cada um tomara o seu posto de combate.

Quarenta e tres insurgentes, entre os quaes Enjolras, Combeferre, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Bahorel e Gavroche, estavam ajoelhados na barricada grande, por cima da qual espiavam, com os canos das espingardas e das clavinas descansados nas pedras como em seteiras, attentos, mudos, promptos para fazer fogo. Seis commandados por Feuilly, achavam-se postados e com as espingardas apontadas, nas janellas dos dous andares de Corintho.

Passaram-se ainda alguns instantes, depois ouviu-se do lado de Saint-Leu uma bulha de passos, cadente, pesada, numerosa. Esta bulha a principio fraca, por fim distincta e sonora, approximava-se lentamente, sem pausa, sem interrupção, com uma continuidade tranquillã e terrivel. Nada mais se ouvia. Era a um tempo o silencio e a bulha da estatua do *Commandador*; mas esses passos de pedra tinham o que quer que fosse de enor-

me e de multiplo que despertava a idéa de uma multidão e ao mesmo tempo a de um espectro. Dissereis que se ouvia andar a temerosa estatua Legião. Os passos approximavam-se; approximaram-se ainda mais, e pararam. Na extremidade da rua ouviu-se como que a respiração de um grande numero de homens. Nada se via, porém, somente se distinguia em distancia, no meio daquella profunda escuridão uma infinidade de fios metallicos, finos como agulhas e quasi imperceptiveis, que se agitava, semelhantes a essas linhas phosphoricas que, quando adormecemos, percebemos por baixo das palpebras fechadas nos primeiros nevoeiros do sono. Eram as baionetas e os canos das espingardas confusamente allumiados pela reverberação distante da tocha.

Houve ainda uma pausa, como se de ambos os lados estivessem á espera. De repente, do meio daquellas trevas, uma voz, mais sinistra ainda por não se ver ninguém, parecendo ser a propria escuridão que fallava, bradou:

—Quem vem lá?

Ao mesmo tempo ouviu-se o tinido das espingardas que se inclinavam.

Enjolras respondeu em tom vibrante e altivo:

—Revolução franceza.

—Fogo! disse a voz.

Um clarão semelhante ao de um relampago, purpureou as paredes das casas, como se a porta de uma fornalha se houvesse aberto e fechado de repente.

Uma formidavel detonação troou por cima da barricada. A bandeira vermelha cahiu. A descarga fôra tam violenta e cerrada que lhe cortara a haste; isto é, a propria ponta da lança do omnibus. As balas, batendo nas cornijas das casas, resaltaram e caíram dentro da barricada, ferindo alguns homens.

A impressão desta primeira descarga foi temerosa. O ataque era vigoroso e capaz de inspirar receio aos mais afoutos. Era evidente que iam medir-se pelo menos com um regimento inteiro.

—Camaradas, bradou Courfeyrac, poupemos a polvorra. Não respondamos á descarga senão depois que elles tiverem entrado na rua.

—E antes de mais nada, disse Enjolras, tornemos a arvorar a bandeira!

Levantou a bandeira que cahira justamente aos seus pés.

Ouviu-se do outro lado a bulha das varetas dentro dos canos das espingardas; a tropa tornava a carregar as armas.

Enjolras continuou:

—Haverá alguém animoso aqui? quem vae arvorar outra vez a bandeira na barricada?

Ninguém respondeu. Subir á barricada no momento em que todas as armas tornavam a ser apontadas para ella era morte certa. O mais bravo hesita em condemnar-se. Enjolras, o proprio Enjolras, estremecia.

Repetiu:

—Ninguém se apresenta?

II

A BANDEIRA : SEGUNDO ACTO.

Quando os insurgentes chegaram a Coryntho e começaram a construir a barricada, ninguém dera mais attenção ao pae Mabœuf. Este, porem, não se separara do bando. Entrara para o pavimento terreo da taverna e sentara-se atras do balcão. Alli achando-se, aniquilara-se, por assim dizer, em si mesmo. Como que já não via nem pensava. Courfeyrac e outros tinham ido ter com elle duas ou tres vezes, avisando-o do perigo, convidando-o a retirar-se, sem que o velho mostrasse ouvi-los. Quando não lhe fallavam, mexia com os beiços como se respondesse a alguem, e assim que lhe dirigiam a palavra, cessava o movimento dos labios e seus olhos pareciam os de um morto. Algumas horas antes de ser atacada a barricada, tomára uma postura que não havia deixado, firmava os punhos nos joelhos e inclinava a cabeça para deante como se contemplasse um precipicio. Nada pudera tira-lo desta attitudo; ninguém houvera crido que elle dava fê do que se passava na barricada. Quando todos foram tomar o seu posto de combate, só haviam ficado na sala Javert amarrado ao poste, um insurgente, de sabre em punho, velando sobre o espião e M. Mabœuf. No momento do ataque, quando troou a descarga, o abalo physico despertara-o porassim dizer, elle levantára-se precipitadamente, atravessára a sala, e, no instante em que Enjolras repetiu :

—Ninguém se apresenta ?

Viram o velho apparecer no limiar da taverna.

Ao vê-lo, todos os grupos sentiram-se abalados. Levantou-se um grito :

—E' o votante ! é o convencionista ! é o representante do povo !

E' provavel que elle não ouvisse.

Endireitou para Enjolras, os insurgentes afastavam-se deante d'elle com um temor religioso, arrebatou a bandeira da mão de Enjolras que recuava petrificado, e então, sem que alguém ousasse detê-lo, nem ajuda-lo, aquelle velho de oitenta annos, com a cabeça a tremer, mas firme o passo, entrou a subir a escada de lagedos que havia sido disposta na barricada. Este espectaculo era tam sombrio e tam magnifico que todos quantos o cercavam bradaram : Descubramo-nos ! A cada passo que elle dava, dobrava-se o horror; seus cabellos brancos, seu rosto decrepito, sua larga fronte calva e enrugada, seus olhos fundos, sua boca pasma e aberta, seu tremulo braço levantando a bandeira vermelha, surgiam do escuro e avultavam ao sanguinolento clarão da tocha; e dir-se-hia que o espectro de 93 surdia das entranhas da terra, com a bandeira do terror na mão.

Quando chegon ao ultimo degrau, quando este fantasma tremulo e terrivel, em pé sobre aquelle montão de entulho, deante de mil e duzentas espingardas invisiveis, assomou, na presença da morte, e como se fosse mais forte do que ella, toda a barricada se revestiu de um aspecto gigantesco e sobrenatural.

Houve um desses silencios que só se dão em torno dos prodigios.

No meio desse silencio o ancião agitou a bandeira vermelha e bradou :

—Viva a revolução ! viva a republica ! fraternidade ! egualdade ! ou morte !

Ouviu-se da barricada um cochiçar baixo e rapido semelhante ao murmurio de um padre apressado aviando uma oração. Era provavelmente o commissario de policia que fazia as intimações da lei na extremidade da rua.

Depois, a mesma voz retumbante que gritára : « Quem vem lá ! » bradou :

—Retirae-vos !

M. Mabœuf, livido, desvairado, com os olhos cheios de lugubre fulgor do delirio, ergueu a bandeira acima da cabeça e gritou :

—Viva a republica !

—Fogo ! disse a voz.

Segunda descarga, cerrada como metralha, cahiu sobre a barricada.

O velho dobrou os joelhos, depois ergueu-se, deixou cahir a bandeira e elle proprio cahiu de cabeça para baixo na calçada, como uma taboa, a fio comprido e com os braços abertos.

Jorros de sangue correram debaixo delle. Sua fronte senil, pallida e triste, parecia fitar o céu.

Uma dessas commoções superiores ao homem que faz que até nos esqueçamos de defender-nos, apoderou-se dos insurgentes e todos se approximaram do cadaver com pavor respeitoso.

—Que homens que são estes regicidas ! disse Enjolras.

Courfeyrac inclinou-se para elle e disse-lhe ao ouvido :

—Isto é só para ti, porque não quero diminuir o enthusiasmo. Sabe que este velho bem longe estava de ser regicida. Eu conhecia-o. Chamava-se M. Mabœuf. Não sei o que tinha hoje. Mas era um bravo velhote. Olha para a sua cabeça.

—Cabeça de velho e coração de Bruto, respondeu Enjolras.

Depois levantou a voz :

—Cidadãos ! Eis o exemplo que os velhos dão aos moços. Nós hesitavamos, elle apresentou-se ! recuavamos, elle avançou ! Eis o que ensinam os que tremem de velhice aos que tremem de medo ! Este ancião é augusto perante a patria. Teve longa vida e uma morte magnifica ! Abriguemos agora o cadaver, defenda cada um de nós este velho morto como houvera defendido seu pae vivo, e que a sua presença no meio de nós torne a barricada inexpugnável !

Um murmurio de adhesão tristonho e energico acolheu estas palavras.

Enjolras abaixou-se, levantou a cabeça do velho, e, austero, beijou-o na fronte ; depois, afastando-lhe os braços, e pegando no cadaver com terna precaução, como se receiasse magoa-lo, tirou-lhe a casaca, mostrou a todos os buracos ensanguentados, e disse :

—Eis-aqui agora a nossa bandeira.

III

GAVROCHE TERIA OBRADO COM MAIS ACERTO SE ACEITASSE A CLAVINA DE ENJOLRAS.

Cobriram o pae Mabœuf com um comprido chale preto da viuva Hucheloup. Seis homens fizeram nma especie de padiola com as suas espingardas, puzeram nella o cadaver, e levaram-n'o, descubertas as cabeças, com uma lentidão solemne, para cima da meza grande do pavimento terreo.

Estes homens, absortos no acto grave e sagrado que praticavam, já não pensavam na situação perigosa em que se achavam.

Quando o cadaver passou por junto de Enjolras, sempre impassivel, disse este para o espião :

—Daqui a pouco chegará a tua vez.

No entanto, Gavrochinho, que fôra o unico que não deixára o seu posto e ficára de observação, suppunha ver alguns homens approximarem-se devagarinho da barricada. De repente bradou:

—Alerta!

Courfeyrac, Enjolras, João Prouvaire, Combeferre, Joly, Bahorel, Bossuet, todos sahiram precipitadamente da taverna. Quasi que já não era tempo. Via-se uma

multidão de baionetas scintillando no alto da barricada.

Diversos guardas municipaes, de estatura avantajada, penetravam no interior, uns galgando o omnibus, outros pela abertura, levando deante de si o gaiato, que recuava, mas não fugia.

O instante era critico. Era esse primeiro minuto temivel da inundação, quando o rio sobe ao nivel da levada, e a agua começa a infiltrar-se pelas fendas do dique, mais um segundo de demora, e a barricada estava tomada.

Bahorel lançou-se ao primeiro guarda municipal que entrava e matou-o com um tiro de clavina a queimadura: o segundo matou Bahorel com uma baionetada. Outro já havia derribado Courfeyrac que bradava: A mim! O mais alto de todos, uma especie de colosso, avançava para Gavroche com a baioneta apontada. O gaiato levantou com as suas mãosinhas a enorme espingarda de Javert, apontou-a resolutamente para o gigante, e puxou o gatilho. A arma não deu fogo. Javert não tinha carregado a sua espingarda. O guarda municipal soltou uma gargalhada e fez um movimento para traspasar o pequeno com a baioneta.

Mas antes que o houvesse tocado, a espingarda cahia das mãos do guarda municipal; uma bala batêra-lhe na testa, estendendo-o a fio comprido na calçada. Outra bala atravessa o peito do soldado que atacara Courfeyrac e lança-o ao chão.

Era Mario que acabava de entrar na barricada.

IV

O BARRIL DE POLVORA.

Mario, sempre escondido no cotovello da rua Mondétour, presenciára, irresoluto e tremulo, a primeira phase do combate. Todavia não pudera resistir muito tempo a essa vertigem mysteriosa e soberana que poderia chamar-se solicitação do abysmo. Ante a imminencia do perigo, á vista da morte de M. Mabœnf, esse funebre enigma, de Bahorel morto, de Courfeyrac bradando: A mim! —; daquella creança ameaçada, dos seus amigos que soccorrer ou vingar desvanecêra-se-lhe de todo a hesitação, e elle lançou-se no meio da peleja com as suas pistolas em punho. Com o primeiro tiro salvara Gavroche, e com o segundo livrara Courfeyrac.

Ao estrondo dos tiros, aos gritos dos guardas municipaes feridos, os sitiadores haviam trepado á trincheira, em cujo alto viam-se agora os bustos de uma multidão de municipaes, de soldados de linha, de guardas nacionaes de extra-muros, com as espingardas em punho. Cobriam já mais de dous terços da barricada, mas não saltaram para dentro, como se estivessem perplexos, receiando alguma cilada. Olhavam para aquelle re-

cinto escuro como se considerassem uma fuma de leões. A luz da tocha só allumiava as baionetas, os barretões de pelle e os rostos inquietos e irritados.

Mario já não tinha armas, lançára fóra as suas pistolas descarregadas, mas avistára o barril de polvora na sala da taverna perto da porta.

Quando se voltava um pouco, olhando para aquelle lado, um soldado apontou para elle a espingarda. No momento em que o soldado fazia a pontaria, uma mão travou da arma e tapou-lhe o cano. Era o joven operario de calças de velludo que se tinha precipitado. A espingarda disparou, a bala atravessou a mão, e quicá também o corpo do operario, porquanto elle cahiu, mas não alcançou Mario. Tudo isto no meio da fumaça, antes entrevisto que visto. Mario que entrava na sala, mal dera fé daquillo. Entretanto vira confusamente a espingarda apontada para si, e a mão que lhe tapara o cano, e ouvira o tiro. Mas em momentos como aquelle, as cousas que vemos vacillam e se precipitam, e a nossa attenção não se prende a cousa alguma. Sentimo-nos impellidos para uma escuridão ainda maior, e tudo são trevas.

Os insurgentes, sorprendidos, mas não atemorizados, tinham tornado a formar-se. Enjolras bradára :

—Esperem ! não atirem á toa !

Comeffeito, na primeira confusão podiam ferir-se uns aos outros. A maior parte tinha ido para a janella do primeiro andar e para as aguas-furtadas, de onde dominavam os sitiante. Os mais intrepidados, com Enjolras, Courfeyrac, João Prouvaire e Combeferre tinham-se afoutamente encostado ás casas do fundo, a descoberto, e fazendo face ás filas de soldados e de guardas que cobriam o alto da barricada.

Tudo isto se fez sem precipitação, com essa gravidade estranha e ameaçadora que precede ás pelejas. De ambos os lados faziam-se as pontarias á queima roupa ; a distancia que se interpunha era tam curta, que podiam fallar-se em voz alta. Quando chegaram ao ponto em que a faísca vae rebentar, um official com dragonas de grossos caixos estendeu a espada e disse :

—Deponham as armas !

—Fogo ! gritou Enjolras.

Troaram ao mesmo tempo duas descargas e tudo desapareceu no meio da fumaça.

Fumaça acre e suffocante por entre a qual se arras-tavam com gemidos fracos e surdos moribundos e fe-ridos.

Quando a fumaça se dissipou appareceram ambas as fileiras de combatentes, rareadas, mas sempre nos mes-mos lugares, carregando de novo as armas em silencio.

Subito, ouvia-se uma voz retumbante que bradava :

—Retirem-se, ou faço saltar a barricada!

Todos se voltaram para o lado de onde vinha a voz.

Mario entrara na sala da taverna e tomara o barril de polvora, depois aproveitara a fumaça e a especie de nevoeiro escuro que enchia o recinto da barricada, para subir até ao nicho feito de pedras onde estava a tocha. Tirar a tocha, pôr alli o barril de polvora, fa-zer cahir o montão de pedras emcima do barril, que para logo se abria, com uma especie de obediencia ter-rivel, foi cousa em que Mario não gastou mais do que o tempo necessario para abaixar-se e levantar-se; e a-gora todos, guardas nacionaes, municipaes, officiaes, sol-dados de linha, polotoados na outra extremidade da bar-ricada, estupefactos, viam-n'o emcima das pedras, com a tocha na mão, illuminado o altivo semblante por uma resolução fatal, inclinando a chamma da tocha para a-quelle formidoloso acervo onde se distinguia o barril de polvora quebrado e soltando este grito terrifico :

—Retirem-se, ou faço saltar a barricada!

Mario em cima daquella barricada depois do octoge-nario, era a visão da joven revolução apóz a apparição da velha.

—Saltar a barricada! disse um sargento, e tu tam-bem!

Mario respondeu :

—E eu tambem.

E chegou a tocha ao barril de polvora.

Mas já não havia ninguem na trincheira. Os sitian-tes, deixando mortos e feridos, refluíam precipitada-mente e em desordem para a extremidade da rua e tor-navam a sumir-se na escuridão. Foi uma verdadeira debandada.

A barricada estava salva.

V

FIM DOS VERSOS DE JOÃO PROUVAIRE.

Todos cercaram Mario. Courfeyrac saltou-lhe ao pescoço.

—Até que chegaste!

—Que prazer! disse Combeferre.

—Chegaste a ponto! accrescentou Bossuet.

—Devo-te a vida! exclamou Courfeyrac.

—Se não fosse o senhor, disse Gavroche, batia eu a bota!

Mario perguntou:

—Onde está o chefe?

—O chefe és tu, respondeu Enjolras.

Mario tivera todo o dia uma fragoa no cerebro, agora tinha um pégão. Este pégão, que estava dentro delle, afigurava-se-lhe como se estivesse no exterior e o arrastasse. Parecia-lhe que já se achava a immensa distancia da vida. Seus dous luminosos mezes de jubilo e de amor terminando repentinamente naquella formidavel precipicio, Cosetta perdida para elle, aquella barricada, M. Mabœuf sacrificando-se pela republica, elle proprio chefe de insurgentes, tudo isto parecia-lhe um pe-

sadello monstruoso. Via-se obrigado a fazer um esforço de espirito para convencer-se de que tudo quanto o cercava era real. Mario ainda não havia vivido bastante para saber que nada é mais iminente do que o impossivel, e que o que devemos sempre prever é o imprevisto. Assistia ao seu proprio drama como a uma peça de abstruso entrecho.

No estado de confusão em que se achava o seu espirito, não reconheceu Javert, que, atado ao poste, nem sequer fizera um movimento de cabeça durante o ataque da barricada, e via agitar-se a revolta em torno de si com a resignação de um martyr e a magestade de um juiz. Mario nem deu fô da sua presença.

Entretanto já os sitiantes se não mexiam, ouviam-se os seus passos e o rumor que faziam na extremidade da rua, mas não se abalancavam a entrar nella, ou porque esperassem ordens, ou porque aguardassem reforços, para então atacar de novo aquelle inexpugnável reducto. Os insurgentes tinham postado sentinellas, e alguns, que eram estudantes de medicina, puzeram-se a pensar os feridos.

As mezas, á excepção das duas destinadas aos fios e aos cartuchos, e da em que jazia o pae Mabceuf, tinham sido arrastadas para fóra da taverna; ajuntaram-n'as á barricada, e em seu lugar, no pavimento terreo, haviam sido postos os colchões das camas da viuva Hucheloup e das creadas. Nestes colchões foram deitados os feridos. Quanto ás tres pobres creaturas que habitavam Coryntho, ninguem sabia o que era feito dellas. A final sempre lograram descobri-las escondidas na adega,—como advogados, disse Bossuet. E accrescentou : « Mulheres esconderem-se, que vergonha ! »

Uma commoção pungente veio ennuviar a alegria que sentiam os insurgentes por verem salva a barricada.

Fez-se a chamada. Faltava um dos amotinados. E quem? um dos mais estimados. Um dos mais valentes, João Prouvaire. Procuraram-n'o entre os feridos, não o acharam; entre os mortos, também não. Evidentemente tinha ficado prisioneiro.

Combeferre disse para Enjolras :

—O nosso amigo está em poder delles; mas nós temos o seu agente. Dás valor á morte deste filante?

—Dou, respondeu Enjolras; menos, porem, do que a vida de João Prouvaire.

Passava-se isto na sala da taverna, perto do poste de Javert.

—Pois bem, continuou Combeferre, vou atar um lenço na minha bengala e apresentar-me a elles como parlamentarario propondo-lhes a troca do seu homem pelo nosso.

—Escuta, disse Enjolras travando do braço de Combeferre.

Soava na extremidade da rua um tinido de armas significativo.

Ouviu-se uma voz varonil bradar :

—Viva a França ! viva o futuro !

Era a voz de João Prouvaire.

Viu-se um relampago, e uma descarga retumbou.

Depois volveu o silencio.

—Mataram-n'o ! exclamou Combeferre.

Enjolras olhou para Javert e disse-lhe :

—Teus amigos acabam de espingardear-te.

VI

A AGONIA DA MORTE DEPOIS DA AGONIA DA VIDA.

Uma singularidade deste genero de guerra é que o ataque das barricadas faz-se quasi sempre de frente, e que em geral a tropa se abstem de tornear as posições, ou porque receie cahir em alguma cilada, ou porque tema penetrar em viellas tortuosas. Toda a attenção dos iusurgentes se concentrava pois na barricada grande, que era evidentemente o ponto sempre ameaçado e onde devia recommençar infallivelmente a lucta. Mario, porém, lembrou-se da harricada pequena e foi vê-la. Estava deserta e só guardada pelo lampeão que oscillava entre as pedras. Comeffeito, a rua do Mondéteur e os entroncamentos das da Pequena Truanderie e do Cysne estavam em profunda calma.

Terminada a inspecção, ia Mario retirar-se, quando ouviu pronunciar fracamente o seu nome no meio das trevas :

—Senhor Mario !

Estremecen, porque reconheçêra a voz que, havia duas horas, o chamara do lado de fóra da grade da rua Plumet.

Esta voz, porem, de tam sumida que era agora, parecia apenas um sopro.

Olhou em torno de si e não viu ninguém.

Mario suppoz que se enganara, e que aquillo era uma illusão ajuntada pelo seu espirito ás realidades extraordinarias que se entrechocavam em torno d'elle. Deu um passo para sahir do recanto onde estava a barricada.

—Senhor Mario! repetiu a voz.

Desta vez não podia duvidar, ouvira distinctamente; olhou, e nada viu.

—Estou aos seus pés, disse a voz.

Abaixou-se e distinguio na sombra um vulto que se arrastava para elle. Este vulto rojava pela calçada. Era elle que lhe fallava.

A luz do lampeão deixava distinguir uma blusa, umas calças de velludo, todas rotas, dous pés descalços, e o que quer que fosse semelhante a uma poça de sangue. Mario entreviu um rosto pallido que se erguia para fita-lo e que lhe disse:

—Não me conhece?

—Não.

—Sou Eponina.

Mario abaixou-se vivamente. Era comeffeito a misera rapariga. Estava vestida de homem.

—Como se acha você aqui? porque está assim deitada no chão?

—Eu morro, disse ella.

Ha palavras e incidentes que despertam as creaturas abatidas. Mario exclamou como que sobresaltado:

—Está ferida! Espere, vou leva-la para a sala! Nós temos quem a cure! É grave a ferida? como é que a hei de levar sem magoa-la? onde é que lhe dóe? Socorro! meu Deus! Mas o que veio você fazer aqui?

E tentou passar o braço por baixo della para levanta-la.

Levantando-a, tocou-lhe na mão.

Ella soltou um grito fraco.

—Magoei-a? perguntou Mario.

—Um pouco.

—Mas eu só toquei na sua mão.

Ella mostrou-a a Mario; no meio da mão havia um buraco escuro.

—O que é isto? disse elle.

—Estou com a mão furada.

—Furada!

—Sim.

—Mas como foi?

—Uma bala a trespassou.

—Como assim?

—O senhor não viu um soldado fazer-lhe pontaria?

—Vi, sim, e uma mão tapou o cano da espingarda.

—Essa mão era a minha.

Mario estremeceu.

—Que loucura! Pobre menina! Mas tanto melhor; se é só isto, não ha perigo, vou leva-la para uma cama. Ha de curar-se, ninguem morre de uma ferida na mão.

Ella murmurou:

—A bala atravessou a mão, mas sabiu-me pelas costas. É inutil tirar-me daqui. Vou dizer-lhe como o senhor pode curar-me melhor do que um cirurgião. Sente-se junto de mim nesta pedra.

Mario obedeceu; ella deitou a cabeça nos seus joelhos, e sem encara-lo, disse:

—Oh! como é bom estar assim. Como estou satisfeita! É verdade! Já nada sinto.

Ficou um instante em silencio, depois voltou o rosto com esforço e olhou para Mario.

—Quer que lhe diga tudo, senhor Mario? Incommodava-me vê-lo entrar naquelle jardim, era uma tolice, porque fui eu mesma que lhe ensinei a casa, e demais devia reconhecer que um moço como o senhor...

Calou-se, e vencendo as sombrias transições que sem duvida se davam em seu espirito, proseguiu com pungente sorriso:

—O senhor achava-me feia, não é assim?

Continuou:

—Creia-me, o senhor está perdido! Agora ninguem sahirá da barricada. Fui eu que o fiz vir aqui, eu mesma! O senhor ha de morrer, tal é o meu desejo. E não obstante, quando vi apontarem-lhe aquella espingarda, tapei a bocca da arma com a mão. Que exquisite! Mas é que eu queria morrer primeiro. Quando a bala me feriu, arrastei-me até aqui, ninguem me viu, ninguem me levantou. Eu o esperava, e dizia: «Será possível que elle não venha?» Oh! se o senhor sou-

besse! mordia a minha blusa, sentia tamanha dôr! Mas agora estou boa. Lembra-se do dia em que entrei no seu quarto e me mirei ao espelho, e quando o encontrei no *boulevard*, perto das lavadeiras? Como os passarinhos cantavam! Não foi a muito tempo, não. O senhor deu-me cem soldos, e eu disse: «Não quero o seu dinheiro.» Não reparei se apanhou a moeda. O senhor não é rico. Também não me lembrei de dizer-lhe que a apanhasse. Fazia um sol lindíssimo, a gente não sentia frio. Lembra-se, senhor Mario? Oh! como estou contente! Todos vão morrer.

O seu ar era desvairado, grave e pungente. A blusa rasgada deixava-lhe o seio descoberto. Comprimia com a mão ferida o peito onde havia outro buraco, e de onde sahia de instante a instante um jorro de sangue semelhante ao esguicho de vinho de um batoque aberto.

Mario considerava aquella misera creatura com profunda compaixão.

—Oh! exclamou ella de repente, ahí me volta a sufocação. Eu morro!

Agarrou na blusa com os dentes e mordeu-a, e suas pernas entesavam-se em cima da calçada.

Neste momento a voz de frango de Gavrochinho soou na barricada. O pequeno, trepado em uma mesa para carregar a espingarda, cantava alegremente esta canção então muito em voga:

Ao ver Lafayette,
A tropa repete:
Fujamos! fujamos! fujamos!

Eponina soergueu-se, applicou o ouvido, e depois murmurou:

—E' elle.

E voltando-se para Mario:

—Meu irmão está alli. Não quero que me veja. Elle me reprehenderia.

—Seu irmão? perguntou Mario, que, no meio de todas as dolorosas tribulações por que passava o seu coração, se lembrava dos deveres que lhe legára seu pae para com os Thénadiers, quem é o seu irmão?

—E' aquelle pequeno.

—O que está cantando?

—Sim.

Mario fez um movimento.

—Oh ! não me deixe só ! disse ella, tambem agora já não pôde tardar !

Estava quasi sentada, mas a sua voz era mui baixa e entrecortada por soluços. De instante a instante interrompia-a o estertor da agonia. Approximava o mais que podia o seu rosto do de Mario. Accrescentou com expressão estranha :

—Olhe, eu podia pregar-lhe um logro, mas não quero. Tenho no bolso uma carta para o senhor. Desde hontem. Deram-m'a para eu leva-la ao correio. Guardei-a. Não queria que chegasse ás suas mãos. Mas talvez o senhor não m'o perdoasse quando nos tornarmos a ver daqui a pouco. A gente torna a ver-se, não é assim ? tome a sua carta.

Travou convulsivamente da mão de Mario com a sua mão ferida, mas já não mostrava ter sensação da dôr. Pôz a mão do mancebo no bolso da sua blusa. Alli havia comeffeito um papel.

—Tire, disse a rapariga.

Mario tirou a carta.

Ella fez um gesto de satisfação e de alegria.

—Agora, pelo meu trabalho, prometta-me...

E calou-se.

—O que ? perguntou Mario.

—Prometta-me !

—Pois bem, prometto.

—Prometta-me que me ha de dar um beijo na testa quando eu expirar. Eu o sentirei.

Deixou cahir a cabeça em cima dos joelhos de Mario, e as suas palpebras fecharam-se. Suppôz elle que aquella desditosa alma se desprendêra do corpo. Eponina conservava-se immovel; de repente, no instante em que Mario a julgava sepultada no somno eterno, abriu lentamente os olhos que a morte empanava, e disse-lhe com um tom cuja meiguice já parecia do outro mundo :

—E demais, senhor Mario, para fallar a verdade, parece-me que eu estava um tanto apaixonada pelo senhor.

Fez ainda um esforço para sorrir-se e expirou.

VII

CAVROCHE PROFUNDO CALCULADOR DAS DISTANCIAS.

Mario cumpriu a sua promessa. Depôz um beijo naquella fronte livida orvalhada de gelido suor. Não era uma infidelidade a Cosetta, senão um adeus pensativo e meigo áquella infortunada alma.

Elle não recebera sem certo estremecimento a carta que Eponina lhe dera. Logo presentira naquillo um acontecimento. Estava impaciente por ler a missiva. O coração do homem é assim formado; mal a misera rapariga acabava de fechar os olhos, já Mario pensava em abrir a carta. Largou-a devagarinho no chão e retirou-se. Dizia-lhe o que quer que fosse, que elle não devia ler a carta junto daquelle cadaver.

Entrou para a taverna e foi lê-la á luz de uma vela. Era um bilhetinho dobrado e laerado com o cuidado elegante das mulheres. O endereço era em letra de mulher e dizia :

Ao Senr. Mario Pontmercy, em casa do Senr. Courfeyrac, rua da Verrerie n. 16.

Quebrou o sello, e leu :

« Meu querido, ah ! meu pae quer que partamos im-

« mediatamente. Vamos esta noite para a rua do Ho-
 « mem-Armado n. 7. Dentro em oito dias estaremos
 « em Londres.—*Cosetta*.—4 de junho. »

Tal era a innocencia dos seus amores que Mario nem sequer conhecia a letra de *Cosetta*.

O que se passára pôde ser explicado em poucas palavras. Eponina fizera tudo. Depois da noite de 3 de junho, ella tivera um duplo pensamento: baldar os planos de seu pae e dos malfetores contra a casa da rua Plumet, e separar Mario de *Cosetta*. Trocára os seus andrajos com o primeiro vadio que achára divertido andar vestido de mulher, ao passo que Eponina disfarçava-se com trajo de homem. Fôra ella que no campo de Marte dera a João Valjean o aviso expressivo: *mu-
de de casa*. João Valjean voltára comeffeito para casa, e dissera a *Cosetta*: *Esta noite iremos para a rua do Homem-Armado com Toussaint. — Daqui a oito dias estaremos em Londres*. *Cosetta*, aturdida com este golpe inesperado, escrevera á pressa algumas linhas a Mario. Mas como se haveria para pôr a carta no correio? Nunca sahia sózinha, e se incumbisse Toussaint de levá-la, a velha, admirada de tal commissão, infallivelmente iria mostrar a carta ao senhor Cortavento. Nesta anciedade, *Cosetta* avistara por entre a grade Eponina em trajos de homem, que rondava agora incessantemente ao redor do jardim. *Cosetta* chamara o *joven operario* e dera-lhe cinco francos e a carta, dizendo: « Leve-me isto quanto antes ao seu destino. » Eponina guardara a carta no bolso. No dia seguinte, 5 de junho, fôra á casa de Courfeyrac perguntar por Mario, não para lhe entregar a carta, mas (cousa que toda a alma ciosa e apaixonada comprehenderá) *para ver*. Alli esperara por Mario, ou ao menos por Courfeyrac,—sempre para ver.—Quando Courfeyrac lhe dissera: « Nós vamos para as barricadas, » occorrera-lhe uma idéa. Expor-se áquella morte como se houvera exposto a qualquer outra, mas arrastando Mario comsigo. Acompanhara Courfeyrac, vira em que sitio fôra construida a barricada; e certa, visto não ter Mario recebido aviso nenhum e achar-se a carta interceptada, de que elle não faltaria á noitinha á entrevista do costume, fôra á rua Plumet, esperara Mario, e dera-lhe, em nome dos seus amigos, o aviso que devia, conforme esperava, arrasta-lo á bar-

ricada. Contava com o desespero de Mario, quando não encontrasse Cosetta; não se enganava. Voltara por seu turno para a rua da Chanvrière. O leitor acaba de ver o que ella alli fez. Morrera com alegria tragica dos corações ciosos que comsigo arrastam ao tumulto o ente amado, e dizem: não será de ninguém.

Mario cobriu de beijos a carta de Cosetta. Ella o amava com effeito! Por instantes, pensou que já não devia morrer. Depois disse comsigo mesmo: «vae partir. O pae leva-a para Inglaterra e meu avô desaprova o casamento. Nada está mudado na fatalidade.» Os scismadores como Mario teem destes abatimentos supremos, e delles sahem resoluções desesperadas. A fadiga de viver é insupportavel; a morte é mais facil. Lembrou-se então que tinha ainda que cumprir dous deveres: informar Cosetta da sua morte e dizer-lhe um supremo adeus, e salvar da catastrophe imminente que se preparava aquelle pobre pequeno, irmão de Eponina e filho de Thénardier.

Tinha no bolso uma carteira; a mesma que contivera o quaderno em que escrevera tantos pensamentos de amor para Cosetta. Arrancou-lhe uma folha e escreveu a lapis estas linhas.

« O nosso casamento é impossivel. Pedi licença a
« meu avô, e elle negou-m'a; não tenho fortuna, nem
« tu a possues. Corri á tua casa, e já lá não estavas;
« não debes ter esquecido a palavra que te dei, eu
« a cumpro. Vou morrer. Amo-te. Quando leres isto,
« minha alma estará junto de ti, e sorrir-se-ha para
« ti. »

Não tendo com que fechar esta carta, limitou-se a dobra-la e por-lhe este endereço:

A Mademoiselle Cosetta Cortavento, em casa do senhor Cortavento, rua do Homem-Armado n. 7.

Dobrada a carta, ficou um momento pensativo, tornou a pegar na carteira, abriu-a, e escreveu com o mesmo lapis na primeira pagina estas linhas:

« Chamo-me Mario Pontmercy. Levem o meu cada-ver á casa de meu avô, o senhor Guillenormand, rua das Filhas do Calvario n. 6, no Marais. »

Tornou a guardar a carteira no bolso da casaca, depois chamou Gavroche. O garoto, á voz de Mario, acudiu com ar alegre e serviçal.

—Queres fazer alguma cousa por mim?

—Farei tudo, tornou Gavroche. Santo nome de Deus! se não fosse o senhor, era uma vez a minha catholica pessoa.

—Vês esta carta?

—Vejo.

—Pois toma-a. Sahe da barricada immediatamente (*Gavroche, inquieto, começou a coçar a orelha*), e amanha de manhan entrega-la-has á mademoiselle Cosetta, em casa do senhor Cortavento, rua do Homem-Armado n. 7.

O heroico fedelho respondeu:

—Hum! mas daqui até lá será tomada a barricada, e eu não me acharei na dança.

—A barricada, ao que parece, não será atacada senão ao romper d'alva, nem será tomada senão depois do meio dia.

O novo descanso que a tropa dava á barricada prolongava-se com effeito. Era uma dessas intermittencias, frequentes nos combates nocturnos, que são sempre seguidas de redobrado encarniçamento.

—Mas eu bem podia levar a carta amanha de manhan, disse Gavroche.

—A manhan será tarde. A barricada estará provavelmente cercada, em todas as ruas haverá tropa, e tu não poderás sair. Vae já.

Gavroche não teve que replicar; ficou algum tempo indeciso, coçando tristemente a orelha. De repente, com um desses movimentos de passaro que lhe eram peculiares, tomou a carta.

—Está bem, disse.

E partiu correndo pela viella de Mondétour.

Gavroche tivera uma idéa que o havia determinado, mas que não revelara, receiando que Mario fizesse alguma objecção. Eis a sua idéa:

—É apenas meia noite, a rua do Homem-Armado não fica longe, vou entregar a carta quanto antes e voltarei a tempo de assistir á festa.

LIVRO DECIMO QUINTO.

A RUA DO HOMEM-ARMADO.

I

TAGARELLA, TAGARELLA.

O que são as convulsões de uma cidade comparadas com as sublevações da alma? O homem é incomparavelmente mais profundo do que o povo. João Valjean, naquella mesmo momento, era preza de uma agitação horrível. Todos os abysmos se haviam reaberto ante elle. Tambem elle, como Pariz, estremecia no limiar de uma revolução formidavel e obscura. Algumas horas haviam bastado para isto. O seu destino e a sua consciencia se tinham de repente entenebrecido. Delle, bem como de Pariz, poderia dizer-se: os dous principios acham-se em presença um do outro. O anjo branco e o anjo negro vão arcar em cima da ponte do abysmo. Qual dos dous precipitará o outro? Qual delles sahirá vencedor?

Na vespera desse dia 5 de junho, João Valjean, acompanhado de Cosetta e de Toussaint, fôra para a rua do Homem-Armado. Uma peripecia alli o aguardava.

Cosetta não deixara a rua Plumet sem uma certa tentativa de resistencia. Pela primeira vez, desde que viam juntos, a vontade de Cosetta e a de João Valjean se haviam mostrado distinctas, e tinham-se, se não embatido, contrariado. Houvera objecção de um lado e inflexibilidade de outro. O inopinado conselho: *Mude de casa*, dado por um desconhecido a João Valjean,

abalára-o a ponto de torna-lo absoluto. Suppunha-se descoberto e perseguido. Cosetta teve de ceder.

Ambos haviam chegado á rua do Homem-Armado sem dizer palavra, absortos em suas respectivas preocupações pessoais: João Valjean tam inquieto que não via a tristeza de Cosetta, Cosetta tam triste que não via a inquietação de João Valjean.

Levara elle Toussaint comsigo, o que nunca fizera nas suas precedentes ausencias. Parecia-lhe que talvez não voltasse á rua Plumet, e não podia deixar Toussaint naquella casa, nem confiar-lhe o seu segredo. Demais, sabia que ella era dedicada e segura. De creado para amo, a traição começa pela curiosidade. Ora, Toussaint, como se tivesse sido predestinada para creada de João Valjean, não era curiosa. Ella dizia, por entre o seu tartamudear, com a sua falla de camponeza de Barneville: Eu cá sou assim; só me importo com o meu trabalho; o mais não é da minha conta.

Nessa partida da rua Plumet, que fôra quasi uma fuga, João Valjean só levára comsigo a malasinha perfumada, que Cosetta chamava a *inseparavel*. Bahús cheios de roupa houveram exigido mariolas, e os mariolas são testemunhas. Um carro viera recebê-los á porta da rua de Babilonia, e elles haviam partido.

A custo obtivera Toussaint licença para entronxar alguma roupa branca, vestidos e diversos objectos de toucador. Cosetta só levára a sua papeleira e a pasta.

João Valjean, para augmentar a solidão e a sombra desta desaparição, dispuzera tudo de modo que não sahisses da rua Plumet senão ao escurecer, o que dera tempo a Cosetta de escrever o seu bilhete a Mario. Já era noite fechada quando chegaram á rua do Homem-Armado.

Tinham-se deitado silenciosamente.

O aposento da rua do Homem-Armado demorava em um pateo interior, no segundo andar, cumpunha-se de dous quartos de dormir, de uma sala de jantar á qual ficava contigua a cozinha e onde havia um desvão com uma cama de lona que tocou a Toussaint. A sala de jantar servia ao mesmo tempo de ante-camara e separava os dous quartos de dormir. O aposento achava-se provido dos utencilios necessarios.

Tranquillisamo-nos quasi tam loucamente como nos

inquietamos; a natureza humana é assim. Logo que João Valjean se viu na rua do Homem-Armado, a sua anciedade diminuiu, e foi-se gradualmente desvanecendo. Ha lugares calmantes que actuam mecanicamente sobre o espirito. Rua solitaria, moradores tranquillos. João Valjean sentia não sabemos que contagio de soco-go naquella viella da antiga Pariz, tam estreita que é fechada aos carros por uma viga posta transversalmente sobre duas estacas, muda e surda no meio da cidade em rumor, crepuscular no pino do dia, e, por assim dizer, incapaz de commoções entre os seus dous renques de altas casas centenarias, sempre silenciosas como velhas que são. Naquella rua ha olvido stagnante. João Valjean alli respirou. Quem seria capaz de descobri-lo em tal escondrijo?

O seu primeiro cuidado foi pôr a *inseparavel* perto de si.

Dormiu bem. A noite aconselha, podemos accrescentar: a noite tranquillisa. Pela manha levantou-se quasi alegre. Achou linda a sala de jantar que era horrivel, e tinha por trastes uma velha mesa redonda, um bufete baixo em cima do qual havia um espelho inclinado, uma poltrona carunchosa e algumas cadeiras sobre as quaes viam-se as trouxas de Toussaint. Em uma dessas trouxas, que estava mal atada, distinguia-se a farda de guarda nacional de João Valjean.

Quanto a Cosetta, essa ordenára á Toussaint que lhe levasse um caldo ao seu quarto, e só appareceu de tarde.

Pelas cinco horas, Toussaint, que andava de um lado para outro, atarefadissima em por tudo em ordem no aposento, servira-lhe na sala de jantar um frango assado frio, que Cosetta por deferencia para com seu pae, cansentira em contemplar.

Isto feito, pretestara uma enxaqueca persistente, dera as boas noites a João Valjean, e fôra encerrar-se no seu quarto. João Valjean comera uma aza de frango com appetite, e, descansados os braços em cima da mesa, tranquilisado pouco a pouco, reassumia a sua paz.

Emquanto tomava aquella sobria refeição, percebera confusamente duas ou tres vezes o tartamudear de Toussaint, que lhe dizia: « Senhor, temos desordem; estão combatendo em Pariz. » Mas, absorto em uma infinidade de combinações internas, não lhe dera attenção. A fallar a verdade, não ouvira.

Levantou-se, e entrou a passeiar da janella para a porta e da porta para a janella, cada vez mais tranquillo.

Com a calma, Cosetta, sua preocupação unica, voltava-lhe á mente. Não porque o inquietasse aquella enxaqueca, crisezinha de nervos, amuo de moça, nuvem de um momento, que dahi a um dia ou dous se desvaneceria sem deixar vestigios; mas pensava no porvir, e, como de costume, pensava com enlevo. Tudo bem considerado, não via nenhum obstaculo a que a vida feliz recommencesse o seu curso. Em certas horas, tudo parece impossivel; em outras, tudo parece facil; João Valjean achava-se em uma destas boas horas. Ellas chegam de ordinario após as más, como o dia depois da noite, por essa lei de successão e de contraste, que é a propria base da natureza, e a que os espiritos superficiaes chamam antithese. Naquella tranquilla rua, onde elle se refugiava, João Valjean esquecia tudo quanto o havia inquietado nos tempos mais proximos. Por ter visto muitas trevas, começava por isso mesmo a avistar um ponco de firmamento. Ter deixado a rua Plumet sem o menor incidente ou complicação, já era uma circumstancia propicia. Talvez fosse prudente expatriar-se, ao menos por alguns mezes, e ir para Londres. Pois bem, estava determinado a ir. Estar em França, estar em Inglaterra, que lhe importava uma vez que Cosetta se achasse a seu lado? Cosetta era a sua nação. Cosetta bastava á sua felicidade; a idéa de que elle talvez não bastasse á felicidade de Cosetta, idéa que fôra outr'ora a sua febre e a sua insomnia, nem se quer lhe occorria ao espirito. Estava no collapso de todas as suas dores passadas, e em pleno optimismo. Como Cosetta estava a seu lado, tinha-a como sua; effeito de optica, que não ha quem o não tenha experimentado. Ruminava, sem que se lhe antolhasse a menor difficuldade, á partida para Inglaterra com Cosetta, e via a sua felicidade reconstruir-se, não importa onde, nas perspectivas do seu scismar.

Assim passeando lentamente na sala, seus olhos fitaram-se de repente em uma cousa estranha.

Viu deante de si, no espelho inclinado que estava em cima do bofete, e leu distinctamente estas linhas:

« Meu querido.

« Ah! meu pae quer que partamos immediatamente.

Esta noite iremos para a rua do Homem-Armado n. 7. Daqui a oito dias estaremos em Londres.—COSETTA. 4 de junho.»

João Valjean estacou estupefacto.

Cosetta quando chegara puzera a pasta em cima do bufete deante do espelho, e, immersa na sua dolorosa angustia, alli a esquecera, sem ao menos notar que a deixara aberta, e aberta justamente na pagina de papel mata-borrão, na qual enchugara o bilhete que escrevera e cuja remessa confiara ao joven operario que vagamundeava na rua Plumet. As linhas do bilhete tinham ficado integralmente impressas no mata-borrão.

O espelho reflectia essas linhas.

Disto resultava o que se chama em geometria—imagem symetrica; de modo que a escripta que no mata-borrão se achava ás avessas apparecia direita no espelho e apresentava o seu sentido natural; e João Valjean tinha deante dos olhos o bilhete escripto na vespera por Cosetta a Mario.

Aquillo era simples e fulminante.

João Valjean chegou-se para o espelho. Tornou a ler o bilhete, mas não acreditou no que via. Parecia-lhe que aquellas linhas se lhe mostravam com o fulgor do raio. Era uma hallucinação. Aquillo nada tinha de real. Era impossivel.

Pouco a pouco tornou-se-lhe mais distincta a percepção; olhou para a pasta de Cosetta, e voltou-lhe o sentimento do facto real. Levantou a pasta e disse: «Aqui está o que se reflecte no espelho.» Examinou febrilmente as linhas impressas no mata-borrão; a disposição em que se achavam as letras dava-lhes o aspecto de umas garatujas estranhas, e não via nellas sentido algum. Então disse consigo: Isto nada significa, não é nenhuma carta. E respirou á larga com inexprimivel allivio. Quem não tem tido estas alegrias stultas nos instantes horri-veis? A alma não se entrega ao desespero sem ter esgotado todas as illusões.

Tinha a pasta na mão e contemplava-a, estupidamente satisfeito, quasi rindo-se da hallucinação porque passara. De repente seus olhos tornaram a fitar-se no espelho, e reappareceu a visão. As linhas do bilhete alli se desenhavam com uma claresa inexoravel. Desta vez já não era uma illusão, a reincidencia de uma visão é

realidade, aquillo era palpavel, a escripta apparecia direita no espelho. João Valjean comprehendeu.

Titubeou, a pasta escapou-lhe da mão, e elle cahiu em cima da velha poltrona ao lado do bofeto, com a cabeça inclinada, os olhos embaciados, desvairados. Reconheceu que aquillo era evidente, que a luz do mundo eclipsara-se para sempre, que Cosetta escrevera aquellas linhas a alguem. Então ouviu sua propria alma, na qual despertavam todos os instinctos terriveis, soltar nas trevas um surdo rugido. Ide lá tirar ao leão o cão que lhe serve de companhia na sua jaula.

Cousa estranha e triste, naquelle momento Mario ainda não havia recebido a carta de Cosetta; o acaso mostrava-a traçoeiramente a João Valjean antes de leva-la a Mario.

João Valjean até aquelle dia nunca fora vencido pelas provações. Tinha soffrido as mais horriveis contrariedades; a má fortuna não lhe poupára uma unica via de facto; a ferocidade da sorte, armada de todas as vindictas e de todos os enganos sociaes, tomára-o por seu alvo e contra elle se encarnicava. Nada o fizera recuar nem fraquear. Elle aceitára, quando assim foi preciso, todos os extremos; sacrificara a sua inviolabilidade de homem reconquistada, renunciara á sua liberdade, arriscara a sua cabeça, tudo perdera, tudo soffrera, e conservara-se desinteressado e estoico, aponto de em certos momentos parecer despido de toda a sua personalidade como um martyr. Sua consciencia, affeita a todos os ataques possiveis da adversidade, poderia considerar-se para sempre inexpugnável. Pois bem, se alguem lhe houvesse n'aquelle instante devassado o fôro interno reconheceria que elle fraqueava.

E' que de todos os tormentos que elle tinha soffrido nessa longa tortura que lhe infligia o destino, era aquelle o mais horrivel. Nunca igual tenaz o havia agarrado. Sentiu a agitação mysteriosa de todas as sensibilidades latentes. Sentiu confranger-se-lhe a fevra incognita. Ah! a prova suprema, digamos melhor, a prova unica, é a perda do ente amado.

O pobre velho João Valjean não amava, de certo, Cosetta senão como um pae; mas, já em outro lugar o ponderamos, nesta paternidade a propria viuvez da sua vida havia introduzido todos os amores; amava Cosetta

como sua filha, como sua mãe, como sua irman; e, como nunca tivera amante nem esposa, como a natureza é um credor que não aceita nenhum protesto, também aquelle sentimento, o mais duradouro de todos, confundira-se com os outros, vago, ignorante, puro da pureza da cegueira, inconsciente, celeste, angelico, divino; menos como um sentimento do que como um instincto, menos como um instincto do que como um attractivo, imperceptivel e invisivel, mas real; e o amor propriamente dito estava no immenso affecto que elle votava a Cosetta como a beta de ouro nas entranhas da montanha, envolta em trevas e virgem.

Lembre-se o leitor dessa situação de coração que já indicámos. Nenhum consorcio era possivel entre elles, nem mesmo o das almas; e, aliás, é certo que os seus destinos se tinham desposado. A excepção de Cosetta, isto é, a excepção de uma infancia, João Valjean, em toda a sua longa vida, nada conhecêra do que se pôde amar. As paixões e os amores que se succedem não haviam feito nelle esses verdes successivos, verde-claro sobre verde-escuro, que se notam nas folhagens que passam o inverno e nos homens que passam dos 50 annos. Em summa, e nisto temos insistido mais de uma vez, toda esta fusão interior, todo este complexo, cuja resultante era uma alta virtude, tendia a fazer de João Valjean um pae para Cosetta. Pae estranho formado do avô, do filho, do irmão e do marido que nelle havia; pae no qual até mesmo havia uma mãe; pae que amava Cosetta e a adorava, e tinha essa menina por luz, por casa, por familia, por patria, por paraíso.

Assim, quando viu que tudo estava decididamente acabado, que ella lhe escapava, que se lhe desprendia das mãos, que fugia, que era uma nuvem, que era agua; quando teve deante dos olhos esta evidencia esmagadora: Outrem é o scopo do seu coração, outrem é o anelo da sua vida; tem o *seu querido*; eu sou apenas o pae; já não existo; quando não lhe foi mais possivel duvidar, quando disse comsigo: Ella desprende-se de mim! a dôr que sentiu excedeu o possivel. Ter feito tudo quanto havia para chegar a semelhante resultado! e, quem o diria! não ser nada! Então, como acabamos de dizer, teve desde a cabeça até aos pés um estremecimento de revolta. Sentiu até á raiz dos cabellos o

immenso despertar do egoismo, e o *eu* rugiu no abysmo deste homem.

Ha alluimentos interiores. A penetração de uma certeza desesperadora no homem não se dá sem afastar e quebrar certos elementos profundos que o mais das vezes constituem o proprio homem. A dôr quando chega a este ponto é a debandada de todas as forças da consciencia. Crises fataes. Poucos d'entre nós dellas sahem incolumes e firmes no dever. Quando se ultrapassa o limite do soffrimento, a virtude a mais imperturbavel se desvaira. João Valjean tomou de novo a pasta e de novo convenceu-se; ficou inclinado e como que petrificado a fitar aquellas linhas irrecusaveis, com olhar inerrante; e o seu aspecto tornou-se por tal forma sombrio que dissereis que tudo se lhe alluia dentro d'alma.

Examinou aquella revelação, a que o seu scismar dava as maiores proporções, com uma calma apparente e horrivel, porquanto é uma cousa temerosa a calma do homem quando chega á frialdade da estatua.

Mediu o passo medonho que dera o seu destino sem que elle desconfiasse; recordou-se dos seus temores do verão passado, tam loucamente dissipados; reconheceu o precipicio; era ainda o mesmo; agora, porem, João Valjean já não estava na beira, achava-se no fundo.

Cousa estranha e pungente, dera essa queda sem o sentir. Ao passo que toda a luz de sua vida lhe fugia, suppunha ainda ver o sol.

O seu instincto não hesitou. Recordou-se de certas circumstancias, de certas datas, de certos rubores e certas tristezas de Cosetta, e disse consigo: É elle. A adivinhação do desespero é uma especie de arco mysterioso que nunca erra o tiro. Logo da primeira conjectura, Mario offereceu-se-lhe ao espirito. Elle não sabia o nome, mas achou immediatamente o homem. Avistou distinctamente, no fundo da implacavel evocação da memoria, o passeiador desconhecido do Luxemburgo, esse indigno buscador de amoricos, esse vadio de romance, esse imbecil, esse infame, sim, porque é uma infamia vir requebrar olhos para meninas que teem a seu lado um pae que as ama.

Depois de ter-se certificado bem de que naquella situação achava-se esse mancebo, e que era elle a causa

de tudo, João Valjean, o homem regenerado, o homem que trabalhara em sua alma, que fizera tantos esforços para resumir toda a vida, toda a miseria e todo o infortunio no amor, olhou para o seu proprio interior e ali viu um espectro, o odio.

As grandes dôres contêm abatimento. Ellas inspi-ram tédio da vida. O homem que se torna sua presa sente retirar-se de si o que quer que seja. Na mocidade, a sua visita é lugubre; no inverno da vida é sinistra.

Ah! quando o sangue está quente, quando os cabellos estão pretos, quando a cabeça se ergue direita no corpo como a chamma na tocha, quando o rôlo do destino tem ainda toda a sua grossura, quando o coração, cheio de um amor desejavel, tem ainda palpitações que podem achar echo, quando temos tempo de reparar o perdido, quando deante de nós se acham todas as mulheres, e todos os sorrisos, e todo o porvir, e todo o horizonte, quando a força da vida é completa, se é cousa horrivel o desespero, o que não será então na velhice, quando os annos se precipitam cada vez mais descorados, nessa hora crepuscular em que começamos a ver as estrellas do tumulo!

Emquanto elle assim meditava, Toussaint entrou, João Valjean levantou-se e perguntou-lhe:

—De que lado é? você não sabe?

Toussaint, stupefacta, apenas pôde responder:

—Senhor?

João Valjean continuou:

—Você não me disse ha pouco que estavam combatendo.

—Ah! sim, senhor, tornou Toussaint. E' para as bandas de Saint-Merry.

Ha movimentos machinaes que provêem, sem que nós mesmos o sintamos, do nosso pensamento o mais profundo. Foi sem duvida pelo impulso de um movimento deste genero, e do qual quasi não tinha consciencia, que João Valjean d'ahi a cinco minutos se achou na rua.

Estava com a cabeça descoberta, sentado em uma pilastra de pedra que havia á porta da casa. Parecia applicar o ouvido.

Já era noite fechada.

II

O GAIATO INIMIGO DAS LUZES.

Quanto tempo passaria elle assim ? Quaes teriam sido o fluxo e o refluxo daquella meditação tragica ? ter-se-hia esforçado ? conservar-se-hia abatido ? ter-se-hia curvado até quebrar-se ? poderia ainda volver ao estado de que fôra tam violentamente precipitado, e achar na consciencia um ponto sequer de apoio ? Nem elle proprio provavelmente poderia dizê-lo.

A rua estava deserta. Alguns burguezes inquietos que se recolhiam precipitadamente para suas casas quasi que não repararam nelle. O acendedor veio, como de costume, acender o lampeão que ficava justamente defronte da porta n. 7, e retirou-se. João Valjean, a quem o houvesse examinado naquella escuridão, não teria parecido um homem vivo. Estava alli, sentado na pilastra da sua porta, immovel como uma larva de gelo. Ha congelação no desespero. Ouvia-se o sino de rebate e vagos rumores procellosos. No meio de todas aquellas convulsões do bronze a ajuntar-se á revolta, o relógio de San'Paulo deu onze horas, gravemente e sem se apressar, porque o toque de rebate é o homem; a hora é Deus. João Valjean não a ouviu ; não se mexeu do

lugar onde estava. Entretanto, pouco mais ou menos naquelle momento, uma repentina detonação troou do lado da praça do Mercado; troou segunda, ainda mais forte; era provavelmente o ataque da barricada da rua da Chanvrerie que, como o leitor viu, fôra repellido por Mario. A'quellas duas descargas, cuja furia a hora morta da noite parecia dobrar, João Valjean estremeceu; levantou-se e applicou o ouvido para o lado d'onde viera o estrondo, depois tornou a sentar-se na pilastra, cruzou os braços e a cabeça lhe pendeu lentamente para o peito.

Beatou o seu sombrio dialogo comsigo mesmo.

De repente levantou os olhos, alguém vinha pela rua, ouviu passos perto de si, olhou, e, á luz do lampeão no lado da rua onde ficam os archivos, avistou um rosto livido, juvenil e radiante.

Gavroche acabava de chegar á rua do Homem-Armado.

Olhava para o ar e parecia procurar o que quer que fosse. Via perfeitamente João Valjean, mas não se importava com elle.

Gavroche, depois de ter olhado para cima, olhava para baixo; erguia-se nas pontas dos pés e apalpava as portas e janellas dos pavimentos terreos; todas estavam fechadas, aferrolhadas e trancadas. Depois de ter revista do cinco ou seis frentes de casas assim entrincheiradas, o gaiato encolheu os hombros, e disse fallando comsigo mesmo:

—E esta!

Depois entrou outra vez a olhar para o ar.

João Valjean, que um momento antes, na situação d'alma em que se achava, não teria fallado, nem mesmo respondido a ninguem, sentiu-se irresistivelmente tentado a dirigir a palavra áquella creança.

—Pequeno, disse, que tens?

—O que tenho é que estou com fome, respondeu Gavroche com todo o desembaraço. E accrescentou: Pequeno é elle.

João Valjean metteu a mão no bolso e sacou uma moeda de cinco francos.

Mas Gavroche que era da especie da alveola e passava rapido de um gesto a outro, acabava de apanhar uma pedra. Avistara um lampeão.

—Como! disse elle, vocês ainda tem lampeões por

aqui? Estão fóra da regra, meus amigos. Nada de desordem. Quebremos isto.

E lançou a pedra ao lampeão, cujo vidro cahiu com tal estrondo que alguns burguezes, já deitados nas camas na casa fronteira, bradaram: Ah! chega o 93!

O lampeão oscillou violentamente, e apagou-se. A rua ficou de repente às escuras.

—Muito bem, minha velha rua, disse Gavroche, põe o teu barrete de dormir.

E voltando-se para João Valjean:

—Como é que se chama aquelle monumento gigantesco que alli está no fim da rua? São os archivos, não é assim? Não seria máu tirarmos alguns pedaços daquellas grossas columnas para fazer uma linda barricada.

João Valjean chegou-se para Gavroche.

—Pobre creatura, disse em meia voz como se fallasse comsigo mesmo, tem fome.

E deu-lhe a moeda de cem soldos.

Gavroche levantou os olhos, admirado da grandeza daquella moeda; examinou-a no escuro, e a sua brancura deslumbrou-o. Conhecia apenas de nome as moedas de cinco francos; ficou contentissimo por ver uma de perto. Disse:

—Contemplemos o tigre.

Considerou-a alguns instantes com extase; depois, voltando-se para João Valjean, apresentou-lhe a moeda e disse-lhe magestosamente:

—Burguez, prefiro quebrar os lampeões. Tome a sua fêra. Cá a mim ninguém me suborna. Isto tem cinco garras, mas não me arranha.

—Tens mãe? perguntou João Valjean.

Gavroche respondeu:

—Talvez mais do que você.

—Pois bem, continuou João Valjean, guarda esse dinheiro para tua mãe.

Gavroche sentiu-se commovido. Demais, notara que o seu interlocutor estava sem chapéu, e isto lhe inspirava confiança.

—Deveras, disse, não é para impedir-me de quebrar os lampeões?

—Quebra tudo o que quizeres.

—O senhor é um homem de mão cheia, disse Gavroche.

E guardou a moeda de cinco francos n'um dos seus bolsos.

Como lhe crescia a confiança, continuou:

—O senhor mora nesta rua?

—Moro; porque?

—Pode dizer-me onde é o n. 7?

—Para que queres saber onde é o n. 7?

Aqui o pequeno calou-se, recebeu ter-se adeantado de mais, mettu energicamente as unhas nos cabellos, e limitou-se a responder:

—Ah! sim.

Uma idéa occorreu ao espirito de João Valjean. A angustia tem destes momentos de lucidez. Disse para o gaiato:

—És tu que trazes a carta que estou esperando?

—O senhor? tornou Gavroche. O senhor não é mulher.

—A carta é para a senhora Cosetta, não é assim?

—Cosetta? resmoneou Gavroche. Sim, parece-me que é mesmo este nome exquisito.

—Pois bem, continuou João Valjean, sou eu que devo entregar-lhe a carta. Dá cá.

—Neste caso, o senhor deve saber que eu venho da barricada?

—Sei, pois não! disse João Valjean.

Gavroche enterrou a mão em um outro dos seus numerosos bolsos e sacou um papel dobrado.

Depois fez a continencia militar.

—Respeito ao despacho, disse. Isto vem do governo provisório.

—Dá cá, disse João Valjean.

Gavroche tinha o papel levantado no ar.

—Não creia que isto seja uma cartinha amorosa. É para uma moça, mas é em bem do povo. Nós outros batemo-nos, e respeitamos o bello sexo. Não somos como esses petimetres que escrevem bilhetinhos a quanta sirigaita ha por esse mundo.

—Dá cá.

—Realmente, continuou Gavroche, o senhor parece-me um homem honrado.

—Dá cá depressa.

—Ahi tem.

E entregou o papel a João Valjean.

—E ande depressa, senhor *Cousa*, para que a senhora *Cousinha* não se enfade de esperar.

Gavroche ficou satisfeito comsigo mesmo por ter inventado esta graça.

João Valjean continuou:

—É a Saint-Merry que se deverá levar a resposta?

—Em tal não se metta, exclamou Gavroche, seria fazer uma pastellada, uma sandice. A carta vem da barricada da rua Chanvrerie, e eu para lá volto. Boa noite, cidadão.

Dito isto, Gavroche retirou-se, ou, para melhor dizer, desferiu para o lado de onde viera o seu vôo de passarinho fugido. Tornou a desaparecer na escuridão como se nella mergulhasse, com a rapidez rigida de um projectil; a viella do Homem-Armado ficou outra vez silenciosa e solitaria; em um abrir e fechar de olhos, aquelle estranho menino, que tinha em si o que quer que fosse das trevas e dos sonhos, sumira-se no nevoeiro ao longe daquelles renques de casas ennegrecidas, e com elle confundira-se como a fumaça no escuro, e crer-se-hia que elle se esvaecêra e dissipara, se, alguns minutos depois da sua desapareição, um estrepitoso quebramento de vidros e o retintim esplendido de um lampeão cahindo na calçada, não houvessem subitamente despertado de novo os burguezes indignados. Era Gavroche que passava pela rua do Colmo.

III

EMQUANTO COSETTA E TOUSSAINT DORMEM.

João Valjean entrou para casa com a carta de Mario.

Subiu a escada as apalpadellas, satisfeito da escuridão como a coruja que empolgou a presa, abriu e tornou a fechar devagarinho a sua porta, applicou o ouvido para ver se percebia alguma bulha; o silencio que reinava indicava que Cosetta e Toussaint dormiam; mergulhou tres ou quatro palitos na garrafinha de Fumade antes que chegasse a acender um, tam tremula estava a sua mão; o que elle fazia era de alguma sorte um roubo. Emfim, acesa a vela, sentou-se á mesa, desdobrou o papel e leu.

Nas commoções violentas não lemos, arcamos por assim dizer com o papel que temos na mão, apertamo-lo como uma victima, enterramos-lhe colerica ou alegremente as unhas; corremos ao fim, saltamos as primeiras linhas; a attenção tem febre; comprehende de um olhar, pouco mais ou menos, o essencial; detem-se em um ponto, o resto desaparece. No bilhete de Mario a Cosetta, João Valjean só viu estas palavras:

« Eu morro. Quando leres isto, minha alma estará junto de ti. »

A vista destas duas linhas, teve um deslumbramento horrível; ficou um instante como esmagado pela mudança de commoção que nelle se operava, olhava para o bilhete de Mario com uma especie de atordoamento ebrio; tinha deante dos olhos este esplendor, a morte do ente odiado.

Soltou um horrível grito de alegria interior. Assim, tudo estava acabado. O desenlace dava-se mais depressa do que fôra licito esperar. O ente que embarçava o seu destino desaparecia. Retirava-se por si mesmo, livremente, de boa vontade. Sem que elle, João Valjean, houvesse concorrido de forma alguma para isso, sem que por isso o pudessem culpar, *esse homem* ia morrer. Talvez até já tivesse morrido.—Aqui a sua febre entrou a calcular.—Não. Ainda não morreu. A carta foi visivelmente escripta para ser lida por Cosetta no dia seguinte de manhan; depois das duas descargas que soaram das onze horas para a meia noite, não tornou a soar nenhum tiro: a barricada só será atacada seriamente ao romper do dia; mas é o mesmo, desde o momento que *esse homem* se metten nesta guerra, condemnou-se á morte; cahiu nas rodas da machina.—João Valjean sentia-se salvo. Ia, pois, tornar a achar-se só com Cosetta. Cessava a competencia, recomeçava o futuro. Não tinha mais que fazer do que guardar a carta na algibeira. Cosetta nunca saberia o que fôra feito *desse homem*. « Deixemos correr as cousas. Esse homem não pode escapar. Se ainda não morreu, é certo que vae morrer. Que prazer! »

Tendo dito tudo isto consigo mesmo, tornou-se sombrio. Depois desceu ao pateo e chamou o porteiro.

Cerca de uma hora depois, João Valjean sahia em uniforme completo de guarda nacional, armado e equipado. O porteiro achára facilmente na vizinhança o que lhe faltava para completar o seu equipamento. Levava a espingarda carregada e a patrona cheia de cartuchos. Dirigiu-se para o lado da praça do Mercado.

IV

OS EXCESSOS DE ZELO DE GAVROCHE.

Entretanto acabava de acontecer uma aventura a Gavroche.

Gavroche, depois de ter conscienciosamente apedrejado o lampeão da rua do Colmo, chegou á das Vieilles-Haudriettes, e, vendo-a completamente deserta, achou a ocasião boa para entoar uma das canções do seu numeroso repertorio.

Sua marcha, longe de retardar-se com o canto, acelerava-se. Poz-se a soltar ao longo das casas adormecidas ou terrificadas estas coplas incendiarias:

Choram as freiras nas cellas
Que a rainha de Guiné
Co'um russo fugiu sem fé.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Repicando nas janellas
Maria me disse olé.
Manoel bateu-lhe o pé.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Raparigas são estrellas,
O seu veneno tal é
Que empeçonha San'Thomé.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Amo todas as donzellas,
E a mulher de Barnabé
Que me dava caluné.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Rodeade do panellas
Cantou-me o almiré
A ama do chantre da sé.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Sou capaz morrer por ellas,
Por Annica e por Zoé,
E tambem por Salomé.

P'ra onde vão as moças bellas.
Oleré.

Joanna, por mim te pellas
Detras do teu *cachenez*,
Com bom vento e com maré.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Já vi rosas amarellas,
Mas Rosiinha tu até
Co'as romans és lé com lé.

P'ra onde vão as moças bellas,
Oleré.

Gavroche, ao passo que cantava, fazia esgares desesperados. O esgare é o ponto de apoio do canto. O seu rosto, inesgotavel repertorio de visagens, fazia caretas mais convulsivas e mais fantasticas que os rasgões de um panno exposto a um furacão. Infelizmente, como elle se achava só e era noite, nada disso era visto nem vizivel! Ha riquezas que assim se perdem.

De repente estacou.

—Interrompamos o romance, disse.

Seus olhos felinos acabavam de distinguir no vão de um portão uma cousa a que em pintura se chama—um todo, isto é, uma creatura e uma cousa: a cousa era uma carreta de mão, a creatura um auvernhez que dormia dentro do vehiculo.

Os varaes da carreta descansavam no chão, e a cabeça do auvernhez apoiava-se na travessa da frente. Com o corpo estendido naquelle plano inclinado, tinha os pés firmados no chão.

Gavroche, com a sua experiencia das cousas deste mundo, reconheceu um bebado.

Era algum mariola do canto que se excedêra na bebida e dormia de mais.

—Ora ahí está, disse Gavroche, para que servem as noites de verão. O auvernhez dorme na sua carreta. Toma-se a carreta para a republica e deixa-se o auvernhez á monarchia.

Seu espirito acabava de ser illuminado por esta luz:

—Esta carreta assentaria ás mil maravilhas na nossa barricada.

O auvernhez roncava.

Gavroche puxou devagarinho a carreta por detrás e o auvernhez por deante, isto é, pelos pés, e ao cabo de um minuto, o bom do homem, imperturbavel, achava-se deitado a fio comprido na calçada.

A carreta estava desempachada.

Gavroche, sempre prompto para qualquer eventualidade imprevista, trazia sempre tudo consigo. Metteu a mão n'um dos bolsos, e tirou um pedaço de papel e bocado de lapis vermelho surripiado a algum carpinteiro.

Escreveu:

« *Republica franceza.*

« Recebi a tua carreta. »

E assignou: GAVROCHE.

Feito isto, metteu o papel no bolso do collete de veludo do auvernhez que continuava a roncar, agarrou nos varaes da carreta e afastou-se rapidamente, na direcção da praça do Mercado, empurrando o vehiculo a todo o galope com um glorioso estrepito triumphal.

Isto era perigoso. Havia um posto militar na typographia real. Gavroche nem de tal se lembrava. Este posto era occupado por guardas nacionaes de extra-

muros. Os guardas entravam a sentir um certo abalo, e levantavam as cabeças de cima dos travesseiros. Dous lampeões quebrados um após outro, aquella canção entoada voz em grita, tudo isto era de mais para ruas tam poltronas, que têm vontade de dormir ao pôr do sol, e que mal anoitece apagam todas as luzes. Havia um quarto de hora que o gaiato fazia naquelle bairro socegado o rumor de um mosquito dentro de uma garrafa. O sargento do posto applicava o ouvido. Esperava. Era um homem prudente.

O rodar desesperado da carreta encheu a medida da expectativa possível e determinou o sargento a tentar um reconhecimento.

—É um bando inteirinho que ahí vem! disse com os seus botões, caminheiros com cautela.

Era claro que a hydra da anarchia sahira da sua arca e agitava-se no bairro.

E o sargento abalançou-se a sahir do posto a passos surdos.

De repente, Gavroche, no momento em que ia desembocar da rua das Vieilles-Haudriettes, empurrando a sua carreta, achou-se frente a frente com uma farda, um barretão de pelle, um penacho e uma espingarda.

Pela segunda vez estacou.

—E esta! disse, é ella. Boa noite, senhora ordem publica.

As admirações de Gavroche eram curtas e depressa passavam.

—Aonde vaes, garoto? bradou o sargento.

—Cidadão, disse Gavroche, eu ainda o não chamei burguez. Porque me insulta?

—Aonde vaes, birbante?

—Meu caro senhor, tornou Gavroche, é provavel que vm. hontem fosse um homem bem creado, mas foi destituido esta manhan.

—Pergunto-te aonde vaes, maroto?

Gavroche respondeu:

—Vm. falla muito bem. Deveras, não parece ter a idade que tem. Olhe, venda todos os seus cabellos a cinco francos cada um. Assim arranjará uns bons quinhentos francos.

—Aonde vaes? aonde vaes? aonde vaes, malfeitor? Gavroche retorquiu:

—Que feios palavrões! A primeira vez que lhe fôrem dar de mamar, será bom que lhe limpem melhor a bocca.

O sargento calou a baioneta.

—Não me dirás finalmente aonde vaes, brejeiro?

—Meu general, tornou Gavroche, vou chamar o medico para minha mulher que está com dores de parto.

—Às armas! bradou o sargento.

Salvarmo'-nos por meio daquillo mesmo que nos ia perdendo, é cousa tam sublime, que só os homens esforçados podem tental-o; Gavroche mediu com um olhar a situação. A carreta puzera-o em perigo; cumpria que a carreta o protegesse.

No momento em que o sargento ia investir contra elle, o vehiculo, transformado em projectil e empurrado com toda a força por Gavroche, rodava com furia, e o guarda nacional, em cuja barriga bateu, cahiu de pernas para o ar dentro da sargeta, ao passo que a sua espingarda disparava.

Ao grito do sargento, os guardas haviam sahido tumultuosamente do posto; o tiro de espingarda determinou uma descarga geral ao acaso, depois da qual tornaram a carregar as armas e recommecaram.

Estas descargas á cebra cega duraram um bom quarto de hora, e mataram alguns vidros.

Entretanto Gavroche, que á unha de cavallo havia retrocedido, parava dalli a cinco ou seis ruas, e sentava-se arquejando na pilastra que fica no canto da rua dos Enfants-Rouges.

Applicava o ouvido.

Depois de ter respirado alguns instantes, voltou-se para o lado onde troavam os tiros, levou a mão esquerda ao nariz, e agitou-a tres vezes para deante batendo ao mesmo tempo com a direita na nuca; gesto soberano em que a garotada pariziense condensou a ironia franceza, e que é evidentemente efficaz, pois que tem já meio seculo de duração.

Esta alegria foi perturbada por uma reflexão amarga.

—Sim, disse, aqui me estou rindo, contentissimo, lavando-me em agua de rosas, mas afasto-me do meu caminho, terei de dar uma grande volta. Oxalá que chegue ainda a tempo á barricada!

Assim fallando, largou de novo a correr.

E correndo:
 —É verdade! disse, onde é mesmo que eu estava?
 E poz-se de novo a cantar a sua canção, e estas
 coplas se foram desvanecendo nas trevas:

Inda restam cidadellas
 E eu vou dar um pontapé
 Na ordem publica qu'inda é.

P'ra onde vão as moças bellas,
 Oleré.

Basta, basta de gabellas,
 Do mundo antigo, bofé,
 Faremos um friecassé.
 E lhes diz: Basta, bofé!

P'ra onde vão as moças bellas,
 Oleré.

Venham cacos de tigellas,
 Leve o Louvre um cambapé
 Que monarchas são relé.

P'ra onde vão as moças bellas.
 Oleré.

Carlos Dez já de chinellas
 Nos fugiu e de boné;
 Hoje a vez do *Pera* é!

P'ra onde vão as moças bellas,
 Oleré.

O alarme do posto não foi sem resultado. Conquistou-se a carreta, aprisionou-se o bebado. Aquella foi sequestrada; este teve de passar depois por um conselho de guerra como cúmplice. O accusador publico de então patenteou nesta circumstancia o seu zelo infatigavel pela defesa da sociedade.

A aventura de Gavroche, guardada na tradição do bairro do Templo, é uma das recordações mais terribes dos velhos burguezes do Marais, e intitula-se em sua memoria: *Ataque nocturno do posto da Typographia Real*.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NA QUARTA PARTE.

VOLUME VII.

LIVRO PRIMEIRO.

I—Bem cortado.....	5
II—Mal cosido.....	11
III—Luiz Philippe.....	15
IV—Fendas nos alicerces.....	23
V—Factos de que procede a historia, e que ella ignora.....	31
VI—Factos d'onde procede a historia, e que ella ignora.....	38
VII—Enjolras e os seus ajudantes.....	44

LIVRO SEGUNDO.

I—O campo da Calhandra.....	49
II—Formação embryonaria dos crimes na incubação das prisões.....	55
III—Apparição ao pae Mabœuf.....	60
IV—Apparição a Mario.....	65

LIVRO TERCEIRO.

I—A casa secreta.....	70
II—João Valjean guarda nacional.....	75
III—Foliis ac frondibus.....	78

IV—Mudança de grade.....	82
V—A rosa percebe que é uma maquina de guerra.	88
VI—A batalha começa	93
VII—Contra tristeza, tristeza e meia.....	97
VIII—A corrente.....	103

LIVRO QUARTO.

I—Ferida por fora, cura por dentro.....	113
II—A mãe Plutarcho não sente acanhamento em explicar um phenomeno.....	116

LIVRO QUINTO.

I—A solidão e o quartel combinados.....	125
II—Temores de Cosetta.....	128
III—Enriquecidos com os commentarios de Tous-saint	132
IV—Um coração debaixo de uma pedra.....	136
V—Cosetta depois da carta.....	141
VI—Os velhos são feitos para sahirem a tempo.	144

LIVRO SEXTO.

I—Má travessura do vento.....	149
II—Em que Gavrochinho utiliza-se de uma idéa de Napoleão o grande.....	153
III—As peripecias da evasão.....	178

LIVRO SETIMO.

I—Origem.....	193
II—Raizes.....	201
III—Giria que chora e giria que ri-se.....	210
IV—Os dous deveres: velar e esperar.....	215

—

VOLUME VIII.

—

LIVRO OITAVO.

I—Luz completa.....	3
II—O atordoamento da felicidade completa....	9

III—Principio de sombra.....	12
IV—Cab roda em inglez e ladra na giria.....	16
V—Cousas da noite.....	24
VI—Mario torna-se real a ponto de dar a Coset- ta o numero da sua casa.....	23
VII—O velho e o novo coração frente á frente..	32

LIVRO NONO.

I—João Valjean.....	45
II—Mario.....	47
III—Mabœuf.....	50

LIVRO DECIMO.

I—A superficie da questão.....	55
II—O fundo da questão.....	59
III—Um enterro : occasião de renascer.....	66
IV—As effervescencias de outr'ora.....	72
V—Originalidade de Pariz.....	78

LIVRO UNDECIMO.

I—Alguns esclarecimentos acerca das origens da poesia de Gavroche.—Influencia de um academico sobre esta poesia.....	82
II—Gavroche em marcha.....	85
III—Justa indignação de um cabelleireiro.....	89
IV—O menino admira-se do velho.....	91
V—O velho.....	93
VI—Recrutas ..	95

LIVRO DUODECIMO.

I—Historia de Coryntho desde a sua fundação.	97
II—Alegrias preliminares.....	103
III—Principia a anoitecer para Grantaire.....	113
IV—Tentativa de consolação para a viuva Huche- loup.	117
V—Os preparativos ..	121
VI—Emquanto esperam ..	124
VII—O homem recrutado na rua das Billettes...	127
VIII—Varios pontos de interrogação a respeito de um tal Le Cabuc que talvez assim se não chamasse ..	131

LIVRO DECIMO TERCEIRO.

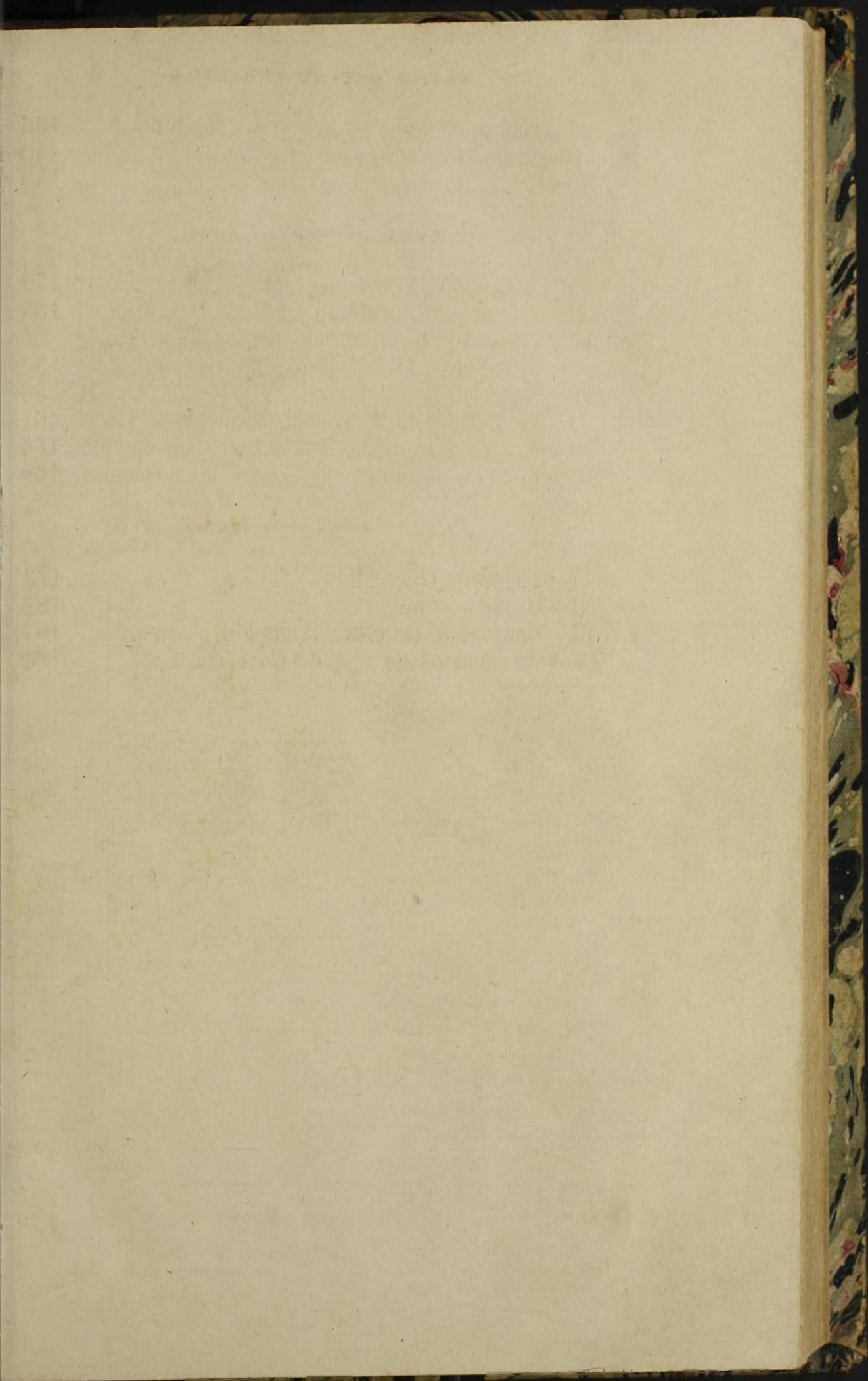
I—Da rua Plumet ao bairro de San'Diniz	136
II—Pariz vista a vôo de curuja	140
III—O ultimo degrau	143

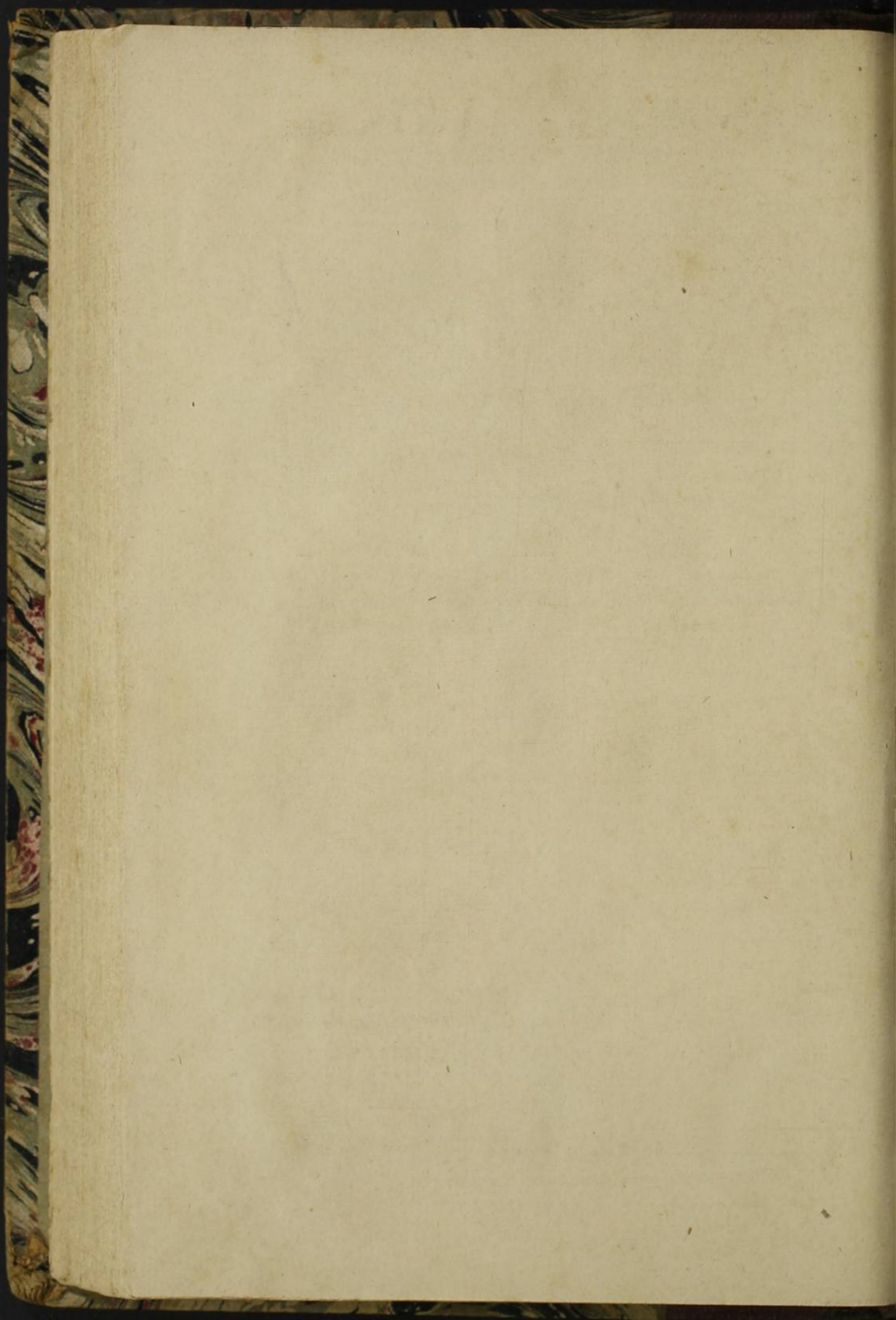
LIVRO DECIMO QUARTO.

I—A bandeira: primeiro acto	149
II—A bandeira: segundo acto	153
III—Gavroche teria obrado com mais acerto se aceitasse a clavina de Enjolras	156
IV—O barril de polvora	158
V—Fim dos versos de João Prouvaire	161
VI—A agonia da morte depois da agonia da vida .	164
VII—Gavroche profundo calculador das distancias .	169

LIVRO DECIMO QUINTO.

I—Tagarella, tagarella	173
II—O gaiato inimigo das luzes	182
III—Emquanto Cosetta e Toussaint dormem . .	187
IV—Os excessos de zelo de Gavroche	189



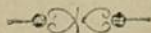


OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

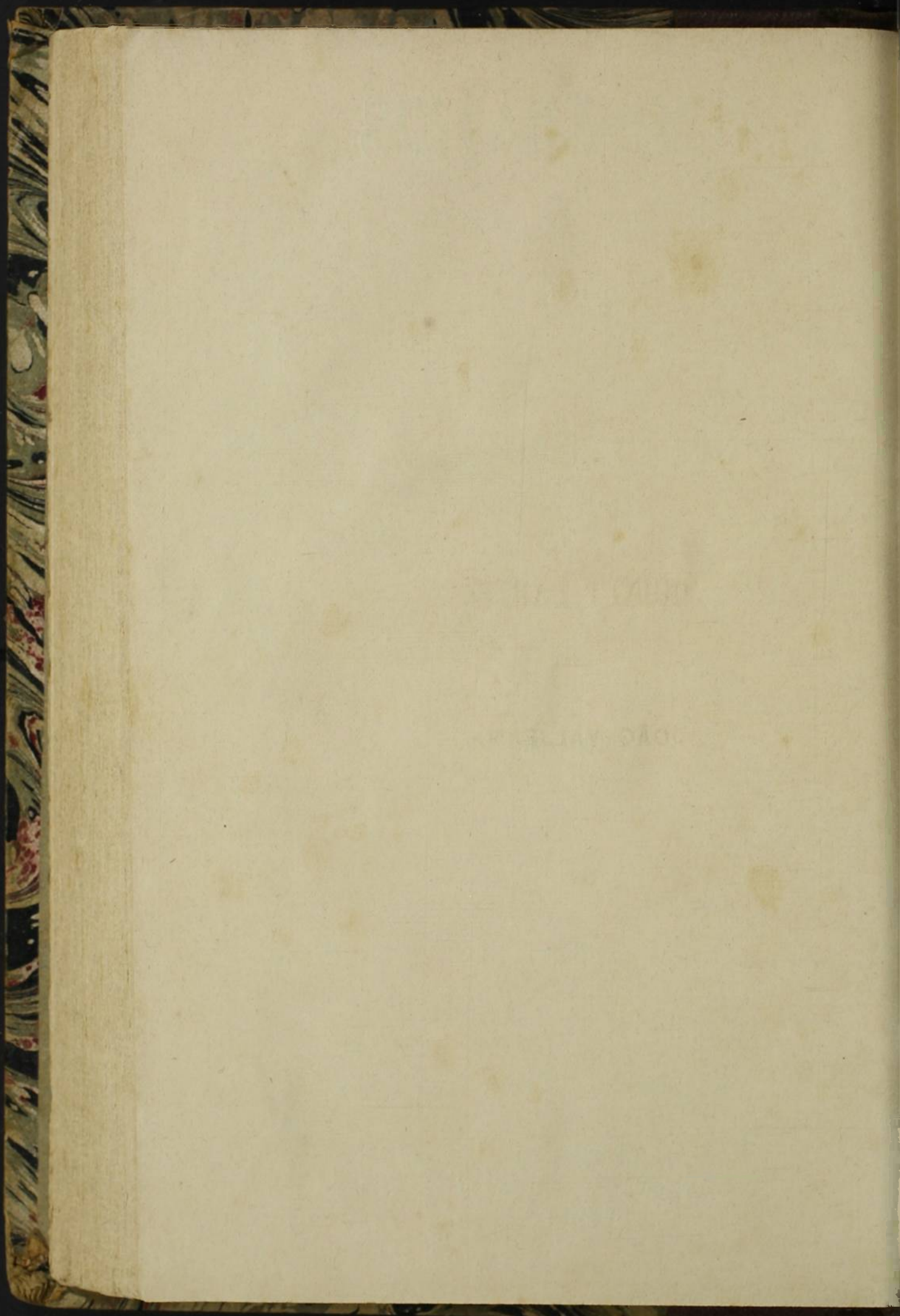
VOLUME IX.



SAN'LUIZ:

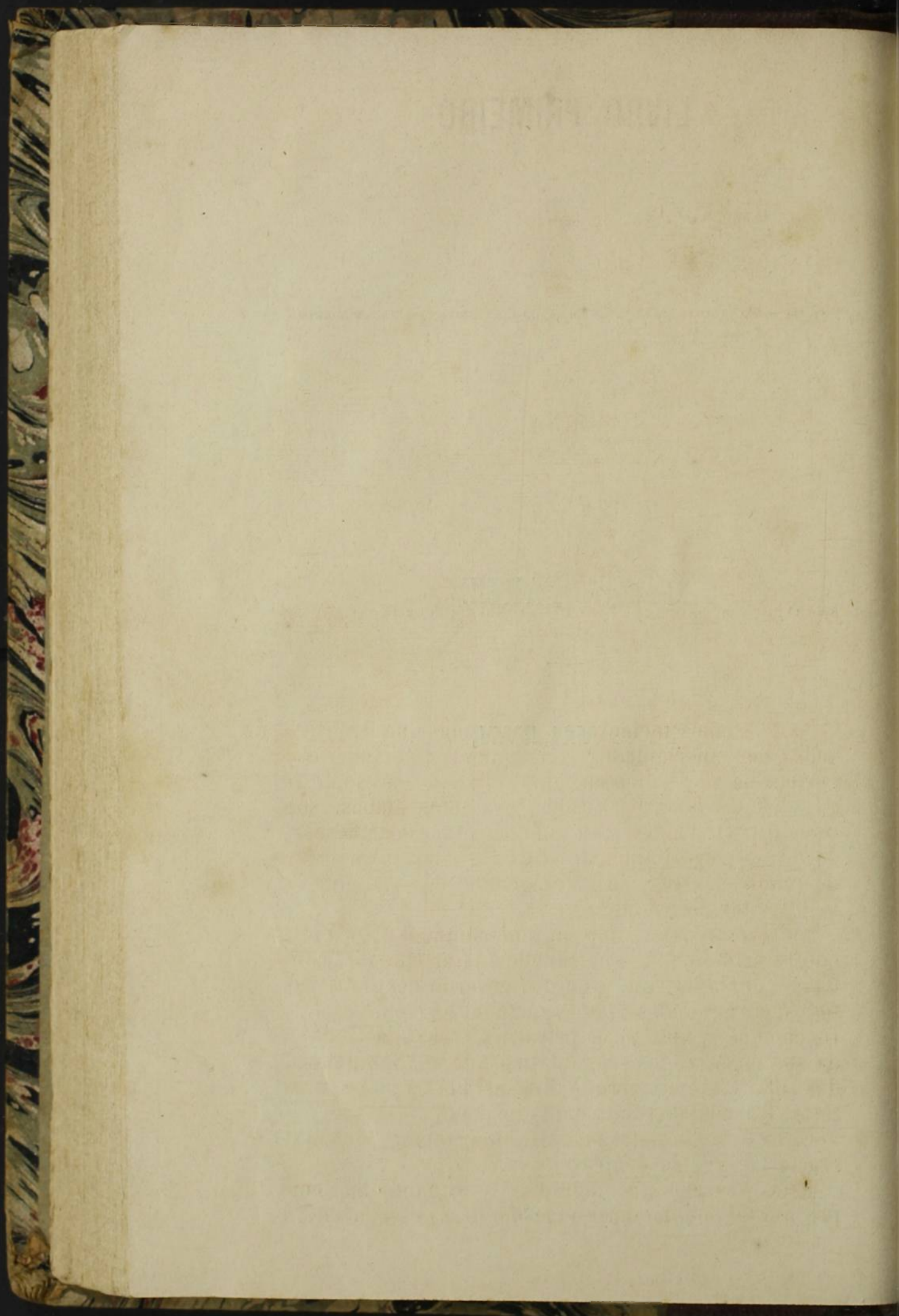
Typ. do Progresso—rua da Paz, 4 A.

1963.



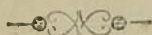
QUINTA PARTE.

JOÃO VALJEAN,



LIVRO PRIMEIRO.

A GUERRA ENTRE QUATRO PAISES.



I

CHARYBDES DO BAIRRO DE SANCTO ANTONIO ESCYLLA DO BAIRRO DO
TEMPLO.

As duas mais memoraveis barricadas que o observador das enfermidades sociaes possa mencionar não pertencem ao periodo em que se passa a acção deste livro. Estas duas barricadas, symbolos ambas, sob dous aspectos differentes, de uma situação temerosa, surdiram da terra quando se deu a fatal insurreição de junho de 1848, a maior guerra das ruas que a historia tenha presenciado.

Às vezes acontece que, mesmo contra os principios, contra a liberdade, a egualdade e a fraternidade, contra o voto universal, contra o governo de todos por todos, do fundo das suas angustias, dos seus desaco- roçoamentos, das suas privações, das suas febres, da sua miseria, dos seus miasmas, da sua ignorancia, das suas trevas, a grande desesperada, a plebe, protesta, e a gentilha dá batalha ao povo.

Os maltrapilhos atacam o direito commum; a ochlocracia insurge-se contra o *demos*.

Estas jornadas são lugubres; porquanto ha sempre um tal ou qual direito mesmo nessa demencia, ha

suicidio nesse duello, e estas palavras, que parecem injuriosas, maltrapilhos, plebe, ochlocracia, gentilha, revelam, ainda mal! antes a culpa dos que governam do que a dos que soffrem, antes a culpa dos privilegiados do que a dos desherdados.

Quanto a nós, nunca pronunciamos taes palavras sem dôr e sem respeito, porque quando a philosophia sonda os factos a que ellas correspondem, acha muitas grandezas ao lado das misérias. Athenas era uma ochlocracia; os maltrapilhos fizeram a Hollanda; a plebe salvou Roma mais de uma vez; e a gentilha seguia Jesus-Christo.

Não ha pensador que não tenha ás vezes contemplado estas magnificencias dos humildes.

San'Jeronymo pensava sem duvida nesta plebe e em toda esta pobre gente, e em todos estes vagabundos, e em todos estes miseraveis de cujo seio sahiram os apostolos e os martyres, quando dizia estas palavras mysteriosas: *Fex urbis, lex orbis*.

As exasperações desta turba que soffre e verte sangue, suas violencias em opposição aos principios que são a sua vida, as suas vias de facto contra o direito, são golpes de estado populares, e devem ser reprimidos. O homem probo associa-se a tal repressão, e mesmo para bem da turba, combate-a. Mas, ao passo que a profliga, desculpa-a! venera-a ao mesmo tempo que lhe resiste! É um dos momentos raros em que, fazendo o que devemos fazer, sentimos o que quer que seja que perturba, e nos induziria a não ir mais longe; persistimos, porque assim é preciso; mas a consciencia satisfeita se entristece, e o desempenho do dever complica-se com certo apertume de coração.

Junho de 1848, demo-nos pressa em dizê-lo, foi um facto excepcional, e quasi impossivel de classificar na philosophia da historia. Todas estas palavras que acabamos de pronunciar devem ser emittidas quando se trata desta insurreição extraordinaria na qual se manifestou a sancta anciedade do trabalho reclamando os seus direitos. Foi preciso combatê-la, e assim o mandava o dever, porque ella atacava a republica. Mas na realidade o que foi junho de 1848? Uma revolta do povo contra si proprio.

Quando não nos desviamos do assumpto não ha digressão; permittam-nos, pois, que chamemos um momento a attenção do leitor para as duas barricadas absolutamente unicas de que acabamos de fallar, e que caracterisáram esta insurreição.

Uma fechava a entrada do bairro de Sancto Antonio; a outra trancava a do bairro do Templo; os que viram, sob o limpido céu de junho, estes dous medonhos primores da guerra civil, não os esquecerão nunca.

A barricada de Sancto Antonio era monstruosa; tinha a altura de uma casa de tres andares e setecentos pés de largura. Tapava de um canto ao outro a vasta embocadura do bairro, isto é, tres ruas; cheia de barrancos, de frestas, de angulos, de alti-baixos, com um immenso renque de amêas, resguardada por montões de pedras que eram outros tantos baluartes, projectando cabos aqui e acolá, fortemente apoiada nos dous grandes promontorios de casas do bairro, erguia-se como um dique cyclopedico no fundo da temivel praça que viu o 14 de julho. Dezenove barricadas se prolongavam pelas ruas por detrás desta barricada-mãe. Bastava vê-la para se reconhecer no bairro o immenso soffrimento agonisante, chegado a esse instante extremo em que a angustia quer transformar-se em catastrophe. De que era feita esta barricada? Dos destroços de tres casas de seis andares, demolidas de proposito, diziam uns. Do prodigio de todas as coleras, diziam outros. Ella tinha o aspecto tristonho de todas as construcções do odio: a Ruina. Poderia dizer-se: quem construiu isto? Tambem se poderia dizer: quem destruiu isto? Era o improvisado da agitação. Olhem! esta porta! esta grade! este alpendre! este portal! este esquentador quebrado! esta marmita furada! Tragam tudo! amontoem tudo! empurrem, rolem, cavem, derribem, despedacem, arrazem tudo! Era a collaboração do lagedo, da calça, da trave, do varão de ferro, do tapo, do vidro tirado da janella, da cadeira sem palha, do talo de couve, do andrajo e da maldição. Era grande e era pequeno. Era o abysmo parodiado na praça publica pelo motim. A mole junto do atomo; o panno de parede arrancado e a escudella quebra-

da; uma fraternisação ameaçadora de todos os destroços; Sysipho alli atirára o seu rochedo e Job o seu caco. Em summa, terrivel. Era a necropole dos descalços. Carroças derribadas erriçavam o talude; um carroção alli estava estendido, atravessado, com o eixo para cima, e pareceria um gilvaz naquella fachada tumultuosa; um omnibus, que fôra içado á força de braços ao alto da barricada, como se os architectos de tal monstruosidade houvessem querido ajuntar a garotice ao terror, apresentava a sua lança não sabemos a que cavallos do ar. Este acervo gigantesco, alluvião do motim, antolhava-se ao espirito como um Ossa sobre Pelio de todas as revoluções; 93 sobre 89, 9 de thermidor sobre 10 de agosto, 18 de brumario sobre 21 de janeiro, vindemario sobre predial, 1848 sobre 1830. O sitio valia a pena; e esta barricada era digna de campear no proprio local onde a Bastilha havia desaparecido. Se o oceano fizesse diques, seria assim que os construiria. A furia das ondas estava impressa neste amontoamento disforme. Que ondas? a multidão. Como que se viam gritos petrificados. Supporieis ouvir, no alto desta barricada, como se ellas estivessem na sua colmêa, o zumbido das enormes abelhas tenebrosas do progresso violento. Era uma balsa? era uma bacchanal? era uma fortaleza? Dissereis que a vertigem a construira a golpes de aza. Havia o que quer que fosse de uma cloaca neste reducto e o que quer que fosse de olympico na sua espessura. Viam-se ahi, em uma confusão cheia de desespero, cumieiras, pedaços de mirantes com o seu papel pintado, vidraças de janelas com todos os seus vidros postas no meio dos destroços, aguardando o canhão, chaminés arrancadas, armarios, mesas, bancos, uma balburdia vertiginosa, e mil cousas despreziveis, que os proprios mendigos rejeitam, e que contem a um tempo furor e nullidade. Dissereis que eram os andrajos de um povo, andrajos de pãu, de ferro, de bronze, de pedra, e que o bairro de Sancto Antonio os lançára para alli com uma colossal vassourada, fazendo da sua propria miseria uma barricada. Grandes pedaços de pedra semelhando cepos, correntes desconjunctadas, madeiramentos de quartelas com fôrma de forcas, rodas

horizontaes sabindo do meio dos destroços, amalgamavam a este edificio da anarchia o sombrio aspecto dos antigos supplicios soffridos pelo povo. A barricada de Sancto Antonio fazia arma de tudo; tudo quanto a guerra civil pôde lançar á cabeça da sociedade sahia dalli; não era combate, era paroxismo; as clavinas, que defendiam este reducto entre as quaes havia alguns bacarmates, arrojavam pedacinhos de louça, ossos miudos, botões de casaca, até mesmo rodizios de mesas, projectis perigosos por serem de latão. Esta barricada era furibunda; levantava ao céu um clamor inexprimivel; em certos momentos, provocando o exercito, cobria-se de multidão e de tempestade; coroa-vam-n'a uma infinidade de cabeças chamejantes; um formigueiro a enchia; o seu tope enriçava-se de espingardas, de sabres, de cacetes, de machados, de chucos e de baionetas; uma grande bandeira vermelha alli tremulava ao vento; ou-viam-se do lado de dentro gritos de commando, canções de ataque, rufos de tambor, soluços de mulheres e as sinistras gargalhadas dos morre-de-fome. Era desmarcada e viva; e, como do dorso de um animal electrico, della sahia uma scintillação de raios. O espirito revolucionario cobria com a sua sombra esta eminencia, onde troava a voz do povo que se assemelha á de Deus; uma magestade estranha se ostentava neste titanico montão de entulho. Era um monturo e o Sinai.

Como já ácima dissemos, atacava em nome da Revolução, o que? a propria Revolução. Ella, esta barricada, o acaso, a desordem, o enfurecimento, o equivoco, o desconhecido, tinha deante de si a assemblea constituinte, a soberania do povo, o suffragio universal, a nação, a republica; e era a Carmanhola a desafiar a Marselheza.

Repto insensato, mas heroico, porque este antigo bairro é um heróe.

O suburbio e o seu reducto ajudavam-se mutuamente. O suburbio se espaldeava com o reducto, e este se arrimava áquelle. A immensa barricada erguia-se como uma penedia de encontro á qual vinha quebrar-se a estrategia dos generaes d'Africa. As suas casernas, as suas saliencias, as suas verrugas, as suas

gibbosidades faziam carrancas, por assim dizer, e riam-se no meio da fumaça. A metralha alli se perdia no informe; as bombas enterravam-se, mergulhavam, abysmavam-se; as balas de artilharia não encontravam um ponto onde pudessem bater-lhe em cheio, tantas eram as suas aberturas; para que canhonear o cahos? E os regimentos, afeitos ás mais formidaveis visões da guerra, fitavam com olhar inquieto esta especie de reducto fera, pelo erriçamento javali, e pela enormidade montanha.

A um quarto de legua deste ponto, se alguém, do canto da rua do Templo, que desemboca no *boulevard* perto do Château-d'Eau, estendesse afoutamente a cabeça para o outro lado do angulo formado pelo armazem de Dallemagne, avistaria ao longe, da parte d'alem do canal, na rua que sobe pela encosta de Belleville, no ponto culminante da calçada, um muro estranho que chegava até o segundo andar das fachadas, unindo as casas do lado direito ás do esquerdo, como se a rua houvesse dobrado por si mesma a sua mais alta parede para fechar-se de repente. Este muro era feito de pedras. Era direito, correcto, frio, perpendicular, nivelado á esquadria, traçado á linha, perfeitamente aprumado. Faltava-lhe o cimento, na verdade, mas, do mesmo modo que em certos muros romanos, não perturbava isso a sua rigida architectura. Pela altura que tinha bem poderia adivinhar-se-lhe a grossura. A cimalha era mathematicamente parallela ao envasamento. Distinguiam-se-lhe de distancia em distancia, na superficie acinzentada, setteiras quasi invisiveis que semelhavam fios pretos. Estas setteiras eram separadas umas das outras por intervallos eguaes. Até onde a vista alcançava achava-se a rua deserta. Todas as janellas e portas estavam fechadas. No fundo erguia-se esse muro que transformava a rua em betesga; muro immovel e tranquillo; não se via alli ninguem, nada se ouvia; nem um grito, nem um rumor, nem um sôpro. Um sepulchro.

O esplendido sol de junho inundava de luz aquella cousa terrivel.

Era a barricada do bairro do Templo.

Desde que alli se chegava e se olhava para ella,

era impossível, até mesmo aos mais affrontos, deixarem de ficar pensativos deante dessa apparição mysteriosa. Aquillo era bem medido, encasado, imbricado, rectilíneo, symetrico e funebre. Havia alli sciencias e trevas. Via-se que o chefe daquella barricada era um geometra ou um espectro. Todos a olhavam e fallavam baixo.

De espaço a espaço, se alguém, soldado, official ou representante do povo, se aventurava a atravessar a calçada solitaria, ouvia-se um sibilo agudo e fraco, e o temerario cahia morto ou ferido, ou, se escapava, via-se uma bala cravar-se nos postigos de alguma janella fechada, em algum monte de entulho, ou em algum muro. A's vezes era um biscainho. Porquanto os homens da barricada tinham feito de dous tubos de ferro fundido da illuminação a gaz, tapados em uma extremidade com estopa e barro amassado, duas pecinhas. Nada de gasto inutil de polvora. Quasi todos os tiros eram certos. Alguns cadaveres jaziam aqui e acolá, e viam-se pôças de sangue na calçada. Lembro-me que uma borboleta branca esvoaçava naquella rua. O estio não abdica.

Em torno, os vãos das portas de cocheira estavam cheios de feridos.

Quem alli se achava sentia que alguém, invisivel, lhe fazia pontaria e dominava com o seu fogo toda a rua.

Reunidos atrás do abahulado que faz na entrada do bairro do Templo a ponte arqueada do canal, os soldados da columna de ataque observaram, graves e recolhidos, aquelle reducto lugubre, aquella immobillidade, aquella impassibilidade de onde sabia a morte. Alguns arrastavam-se de bruços até á curva da ponte tendo o cuidado de não mostrar os seus barretões.

O valente coronel Monteynard admirava aquella barricada com um estremecimento.—*Como está bem construida!* dizia para um representante do povo. *Não ha uma só pedra fóra do alinhamento. E' lisa como porcellana.* Neste momento uma bala quebrou-lhe a cruz no peito e elle cahiu.

—Covardes! diziam todos. Porque não apparecem! apresentem-se a peito descoberto! não se atrevem!

escondem-se! A barricada do bairro do Templo, defendida por oitenta homens, atacada por dez mil, resistiu tres dias. No quarto fez-se como em Zaatcha e em Constantina, as casas foram arrombadas, a tropa desceu pelos telhados, a barricada foi tomada. Nem um só dos oitenta covardes pensou em fugir; todos alli foram mortos, excepto o chefe, Bartholomeu, de quem mais abaixo fallaremos.

A barricada de Sancto Antonio era o tumulto dos trovões; a do Templo era o silencio. Havia entre estes dous reductos a differença do formidavel ao sinistro. Um parecia uma guella, o outro uma mascara.

Suppondo que a gigantesca e tenebrosa insurreição de junho fosse composta de uma colera e de um enigma, na primeira barricada se reconheceria o dragão e na segunda a sphinge.

Estas duas fortalezas tinham sido edificadas por dous homens chamados, um Cournet, o outro Bartholomeu. Cournet fizera a barricada de Santo Antonio; Bartholomeu a do Templo. Cada uma dellas era a imagem do seu respectivo constructor.

Cournet era um homem de alentada estatura; tinha hombros largos, rosto rubicundo, pulsos de ferro, coração audaz, alma leal, olhar franco e terrivel. Intrepido, energica, irascivel, furibundo; o mais pacifico dos homens, o mais temivel dos combatentes. A guerra, a luta, a refrega, eram o seu ambiente respiravel, e o punham de bom humor. Tinha sido official de marinha, e pelos seus gestos, pela sua voz, adivinhava-se que elle provinha do oceano e da tempestade; continuava o furacão na batalha. Excepção feita do genio, Cournet era outro Danton, assim como, excepção feita da divindade, fôra Danton outro Hercules.

Bartholomeu, magro, cachetico, pallido, taciturno, era uma especie de garoto tragico que, esbofeteado por um beleguim, seguiu-lhe os passos, esperou-o e matou-o, e, aos dezeseite annos foi mandado para as galés. Sahira da prisão, e fizera aquella barricada.

Passados annos, cousa fatal, em Londres, onde ambos estavam proscriptos, Bartholomeu matou Cournet. Foi um duello funebre. Algum tempo depois, cahindo no despenho de uma dessas mysteriosas avenu-

turas a que se ajunta a paixão. catastrophes em que a justiça franceza reconhece circumstancias attenuantes e a ingleza só a morte. Bartholomeu foi enforcado. A sombria construcção social é tal que, graças á obscuridade moral, esta desgraçada creatura, que possuia uma intelligencia, firme por sem duvida, grande provavelmente, começou pelas galés em França e acabou na forca em Inglaterra. Bartholomeu, nas occasiões de lucta, só arvorava uma bandeira; a bandeira negra.

II

O QUE SE HADE FASER NO ABYSMO SENÃO CONVERSAR!

Dezaseis annos valem de muito na educação subterranea da revolta, e junho de 1848 estava mais adeantado do que junho de 1832. A barricada da rua da Chanvrerie, não era pois, mais do que um simples esboço e um embryão, comparada com as duas barricadas colossaes que acabamos de descrever; mas, para aquella época, era temivel.

Os insurgentes, debaixo das vistas de Enjolras, porque Mario já se não importava com cousa alguma, haviam aproveitado a noite. A barricada fôra não só reparada, mas até mesmo augmentada. Tinham-lhe dado mais dous pés de altura. Alguns varões de ferro, enterrados nas pedras semelhavam lanças em ris-te. Todo o entulho que haviam podido ajuntar fôra para alli trazido e complicava o amontoamento exterior. Do lado de dentro o reducto apresentava agora o aspecto de uma parede, e do lado de fóra o de uma balsa.

Tinham concertado a escada de lagedos pela qual se subia ao alto da barricada como ao muro de uma cidadella.

Feito isto, haviam despachado a sala da taverna, tomado a cozinha para ambulancia, concluido o curativo dos feridos, ajuntado a polvora espalhada no chão e em cima das mesas, fundido balas, fabricado cartuchos, preparado fios, distribuido as armas que tinham cahido, varrido o interior do reducto, ajuntado os destroços, levantado os cadaveres.

Os mortos foram postos em uma mó na viella de Mondétour, de que os insurgentes ainda estavam senhores. No lugar onde puzeram estes cadaveres viu-se por muito tempo a calçada manchada de vermelho. Entre os mortos havia quatro guardas nacionaes de extramuros. Enjolras ordenou que lhes tirassem as fardas e as guardassem.

Aconselhou depois aos camaradas que repousassem duas horas. Um conselho de Enjolras era uma ordem. Todavia tres ou quatro sómente o aproveitaram. Feuilly empregou essas duas horas em gravar esta inscripção na parede que ficava defronte da taverna.

VIVAM OS POVOS!

Estas tres palavras, esculpidas na cal com um prego, eram ainda visiveis em 1848.

As tres mulheres haviam aproveitado o descanso da noite para desaparecerem definitivamente; os insurgentes ficaram assim mais a seu gosto.

Ellas tinham achado meio de refugiar-se em alguma casa vizinha.

A maior parte dos feridos podiam e queriam ainda combater. Nos colchões e na palha que tinham sido estendidos na cozinha transformada em ambulancia, achavam-se cinco homens gravemente feridos, dous dos quaes guardas municipaes. Estes haviam sido pensados em primeiro lugar.

Na sala da taverna só ficaram Mabœuf debaixo do seu panno preto, e Javert amarrado ao poste.

—Esta é a sala dos mortos, disse Enjolras.

No interior desta sala, alumiada apenas por uma vela, posta bem no fundo a mesa sobre a qual jazia o cadaver, ficando por detrás do poste como uma travessa horisontal, uma especie de grande cruz vaga

resultava de Javert, que estava em pé, e de Mabœuf, que estava deitado.

A lanca do omnibus, posto que truncada pela descarga, ainda estava bastante firme para nella poder arvorar-se uma bandeira.

Enjolras, que tinha essa qualidade peculiar de um chefe—de fazer supremo o que dizia—, atou na lanca do vehiculo a casaca do ancião traspassada de balas e ensanguentada.

Não lhes foi possível tomar nenhuma refeição. Não havia pão nem carne. Os cincoenta homens da barricada, que alli se achavam havia já dezaseis horas, tinham bem depressa exaurido as provisões da taverna. Em um instante dado, toda a barricada que resiste vem inevitavelmente a parecer-se com a jangada da Medusa. Tiveram de resignar-se á fome. Eram chegados ás primeiras horas dessa jornada sparciata de 6 de junho, em que, na barricada de Saint-Merry, Jeanne, rodeado de insurgentes que pediam pão, a todos esses combatentes bradando: *Queremos comer!* respondia: *Para que? são tres horas. Ás quatro estaremos mortos.*

Como já não havia que comer, Enjolras prohibiu que bebessem. Sequestrou o vinho e distribuiu rações e aguardente.

Tinham descoberto na adega umas quinze garrafas cheias, hermeticamente lacradas. Enjolras e Combeferre, as examináram. Combeferre, voltando da adega, disse:—São do antigo sortimento do pae Hucheloup, que começou por ser mercieiro.—Deve ser vinho verdadeiro, observou Bossuet. É uma felicidade estar Grantaire dormindo. Se se achasse de pé, bem difficil nos seria salvar estas garrafas.—Enjolras, a despeito dos murmurios, tomou as quinze garrafas, e para que ninguem nellas tocassem e se tornassem como que sagradas, mandou pô-las emcima da mesa onde jazia o pae Mabœuf.

Pelas duas horas da madrugada contaram-se. Eram ainda trinta e sete.

O dia começava a raiar. Acabavam de apagar a tocha que fôra posta de novo no seu alveolo de pedras. O interior da barricada, especie de páteosinho do lado da rua, estava sepultado em trevas, e assemelhava-se

por entre o vago horror crepuscular, á tolda de um navio abandonado. Os combatentes andando de um para outro lado, alli se moviam como vultos negros. Por cima deste temeroso ninho de escuridão, os andares das casas silenciosas se esboçavam lividamente; no alto dellas, os canos das chaminés começavam a alvejar. O céu tinha essa linda côr que nem bem é branca nem azul. Os passarinhos voavam nas alturas pipitando ledamente. A alta casa que ficava no fundo da barricada, e cuja fachada olhava para o nascente, tinha no tecto um roseo reflexo. Na trapeira do terceiro andar a brisa da manhan agitava os cabellos grisalhos que cingiam a cabeça do morto.

—Estimei que apagassem a tocha, dizia Courfeyrac para Feully. Aquella luz tremulando ao vento aborrecia-me. Parecia estar com medo. A luz das tochas assemelha-se á sabedoria dos poltrões; allumia mal, porque treme

A aurora desperta os espiritos bem como os passarinhos; todos conversavam.

Joly, vendo um gato a passeiar na beira de um telhado, tomava-o para assumpto das suas dissertações philosophicas.

—O que vem a ser um gato? exclamava elle. É um correctivo. Deus, tendo feito o rato, disse:—E esta! fiz uma asneira.—E creou o gato. O gato é a errata do rato. O rato e mais o gato são a prova revista e correcta da criação.

Combeferre, cercado de estudantes e de operarios, fallava dos mortos, de João Prouvaire, de Bahorel, de Mabœuf, e até mesmo do Cabuc e da tristeza de Eugolras. Dizia:

—Harimodio e Aristogiton, Bruto, Chereas, Stephano, Cromwell, Carlota Corday, Sand, todos tiveram depois de vibrado o golpe, o seu momento de angustia. O nosso coração é tam estremecido, e a vida humana é um tal mysterio, que, ainda mesmo no homicidio civico, ainda mesmo no homicidio libertador, se é que o ha, o remorso de ter matado um homem excede á alegria de ter servido o genero humano.

E,—taes são os meandros da palavra em uma conversa,—minutos depois, por uma transição motivada pelos versos de João Prouvaire, Combeferre compa-

rava uns com os outros os traductores das *Georgicas*, Raux com Cournand, Cournand com Delille, indicava algumas passagens traduzidas por Malfilâtre, principalmente, os prodigios da morte de Cesar; e a palavra Cesar a conversação tornava a versar sobre Bruto.

—Cesar, dizia Combeferre, cahiu justamente. Cicero foi severo para com Cesar, e com razão. A sua severidade não é diatribe. Quando Zoilo insulta Homero, quando Mœvio insulta Virgilio, quando Visé insulta Molière, quando Pope insulta Shakspeare, quando Fréron insulta Voltaire, cumpre-se uma antiga lei de inveja e de odio; os genios attrahem sempre a injuria, os grandes homens teem sempre um maior ou menor numero de mastins que lhes ladrem. Mas Zoilo e Cicero são dous homens inteiramente differentes. Cicero é um justiceiro pelo pensamento, assim como Bruto o é pelo ferro. Quanto a mim, condemno este ultimo modo de fazer justiça, a espada; mas a antiguidade o admittia. Cesar, violador do Rubicon, conferindo, como graças suas proprias, as dignidades que emanavam do povo, não se levantando á entrada do senado, fazia, como diz Eutropio, cousas de rei e quasi de tyranno, *regia ac penè tyrannica*. Era um grande homem; tanto peor, ou tanto melhor; a lição é mais transcendente. As suas vinte e tres feridas me commovem menos do que o esgarro no rosto de Jesus-Christo. Cesar é apunhalado pelos senadores; Jesus-Christo é esbofeteado pela creadagem. Na maior atrocidade do insulto patentea-se Deus.

Bossuet, dominando os conversadores do alto de um montão de pedras, exclamava de clavina na mão:

—Ó Cydatheneu, ó Myrrhino, ó Probalynto, ó graças do Eantido! Oxalá pudesse eu pronunciar os versos de Homero como um grego de Laurio ou de Edap-teon!

III

CLAROS E SOMBRAS.

Enjolras tinha ido fazer um reconhecimento. Sahira pela viella de Mondétour, cosendo-se ás paredes das casas.

Os insurgentes, digamo-lo, estavam cheios de esperança. O modo porque haviam repellido a tropa de noite fazia-os quasi desdenhar de antemão o ataque que devia dar-se pela manhan. Aguardavam-n'oe riam-se delle. Confiavam tanto no seu triumpho como na sua causa. Demais estava evidentemente para chegar-lhes um soccorro. Contavam com elle. Com essa facilidade de prophecia triumphante que é uma das forças do francez combatente, dividiam em tres phases certas a jornada que ia principar: ás seis horas da manhan, um regimento que fôra subornado se passaria para os insurgentes; ao meio-dia, a insurreição de toda a cidade; ao pôr do sol, a revolução.

Ouvia-se o toque de rebato no sino de Saint-Merry, que não se calára um minuto desde a vespera; prova

de que a outra barricada, a grande, a de Jeanne, continuava a resistir.

Todas estas esperanças se communicavam de grupo em grupo n'uma especie de murmúrio alegre e temível, que se assemelhava ao zumbido de guerra de uma colméa de abelhas.

Enjolras reappareceu. Voltava do seu sombrio passeio de aguiá na escuridão exterior. Escutou um instante todos aquelles ledos colloquios de braços cruzados, com uma mão na bocca. Depois, fresco e rosado á alva luz crescente da manhã, disse:

—Todo o exercito de Pariz está em armas. Um terço da tropa se acha prompta para investir esta barricada. A guarda nacional secunda o exercito. Distingui os barretões do 5º regimento de linha e os guiões da 6ª legião. Daqui a uma hora sereis atacados. Quanto ao povo, hontem agitou-se, mas esta manhã nem se mexe. Nada ha que aguardar, nada que esperar. Nem um suburbio e muito menos um regimento. Estaes abandonados.

Estas palavras cahiram sobre o zumbido dos grupos, e nelles fizeram o effeito da primeira gotta da tempestade sobre um enxame. Todos emmudeceram. Houve um momento de inexprimível silencio, em que se teria ouvido voar a morte.

Este momento foi curto.

Uma voz do fundo mais obscuro dos grupos bradou para Enjolras:

—Pois bem. Demos á barricada vinte pés de altura, e fiquemos aqui todos. Cidadãos, façamos o protesto dos cadaveres. Mostremos que, se o povo abandona os republicanos, os republicanos não abandonam o povo.

Estas palavras manifestavam o pensamento que todos tinham envolto nas nuvens das anciedades individuaes. Um brado entusiastico as acolheu.

Nunca se soube o nome do homem que fallára assim; era algum blusa ignorado, um desconhecido, um esquecido, um transeunte heróe, esse grande anonymo sempre associado ás crises humanas e ás genesis sociaes que, n'um instante dado, diz de um modo supremo a palavra decisiva, e se desvanecce nas trevas,

depois de ter representado um minuto, á luz de um relampago, o povo e Deus.

Esta resolução inexoravel era de tal fórma inspirada com o ar de 6 de junho de 1832, que, quasi á mesma hora, na barricada de Saint-Merry, os insurgentes soltavam este brado, que se tornou historico e foi consignado no processo : —Quer venham socorrer-nos, quer não, é o mesmo ! Morramos todos aqui até ao ultimo !

Como se vê, as duas barricadas, bem que materialmente isoladas, communicavam-se.

IV

CINCO DE MENOS, UM DE MAIS.

Depois que o homem desconhecido, que decretava o *protesto dos cadaveres*, fallou e deu a formula da alma commum, de todas as boccas sahiu um grito estranhamente alegre e terrivel, funebre pelo sentido e triumphal pelo tom :

—Viva a morte ! fiquemos aqui todos,

—Para que todos ? disse Enjolras.

—Todos ! todos !

—Enjolras continuou :

—A posição é boa, a barricada excellente. Trinta homens bastam. Para que sacrificar quarenta ?

Elles replicaram :

—Porque nenhum de nós querera retirar-se.

—Cidadãos, bradou Enjolras (e havia na sua voz uma vibração quasi cholerica), a republica não é tam rica de homens para sacrifica-los inutilmente. A gloriola é um desperdicio. Se, para alguns, o retirar-se é um dever, este dever deve ser cumprido como qualquer outro.

Enjolras, o homem-principio, tinha sobre os seus

correligionarios essa especie de poder irresistivel que emana do absoluto. Entretanto, por maior que fosse tal poder, todos entraram a murmurar.

Cheffe em toda a extensão da palavra, Enjolras, vendo que murmuravam, insistiu. Proseguiu com altivez !

—Se ha quem tenha receio por ficar o numero dos combatentes reduzido a trinta, declare-o.

Os murmurios redobráram.

—Demais, observou uma voz do meio de um dos grupos, a retirada não é tam facil como se diz. A barricada está cercada.

—Do lado do Mercado não o está, disse Enjolras. A rua de Mondétour acha-se desembaraçada, e pela dos Prégadores pôde se alcançar o mercado dos Innocentes.

—E ahi chegando, tornou outra voz, seremos presos. Iremos esbarrar com alguma guarda principal da tropa de linha ou de guardas nacionaes de extramuros. É impossivel que não vejam passar um homem de blusa e boné.—Donde vens? não estiveste na barricada?—E hão de revistar-nos as mãos.—Estás cheirando a polvora. Arcabusado.

Enjolras, sem responder, bateu no hombro de Combeferre, e ambo sentráram para a sala da taverna.

Dalli voltáram momentos depois. Enjolras trazia nas mãos as quatro fardas que mandára guardar, Combeferre seguia-o com os correames e os barretões.

—Com este uniforme, disse Enjolras, será facil a qualquer metter-se por entre as fileiras e escapar. Aqui estão quatro.

E atirou ao chão descalçado os quatro uniformes.

O stoico auditorio não fez o menor movimento. Combeferre tomou a palavra.

—Eia, disse elle, cumpre não fechar o coração á piedade. Sabem de que se trata aqui? Trata-se das mulheres. Ouçam-me. Vocês teem ou não teem mulheres? teem ou não teem filhos! ha ou não mães que balançam berços com o pé e se acham cercadas de creancinhas? Se algum de vocês nunca viu o seio de uma ama, levante a mão. Ah! querem morrer? tambem eu quero, eu que lhes fallo, mas repugna-me ver em torno de mim fantasmas de mulheres a tor-

cerem os braços. Morram embora, mas não façam ninguém morrer. Suicídios como o que vai dar-se aqui são sublimes, mas o suicídio é estreito, e não lhe apraz a extensão; e desse que prejudica parentes que nos amam, o suicídio torna-se assassinato. Lembrem-se das cabecinhas louras, lembrem-se dos cabellos brancos. Ouçam: ha pouco, Enjolras (elle acaba de m'o dizer) viu no canto da rua do Cysne uma vidraça allumiada, uma luz em uma pobre janella no quinto andar, e no vidro a tremula sombra de uma cabeça de velha que parecia ter alli passado a noite esperando e espiando. Talvez seja a mãe de algum de vocês. Pois bem, retire-se esse, e vá quanto antes dizer á sua mãe;—Mãe, aqui estou!—Nada o detenha, porque não será a sua ausencia que nos impedirá de combater. Quando somos o amparo de nossos paes, não temos o direito de sacrificarmo-nos. Isto seria abandonar a familia. E os que teem filhas, e os que teem irmãos! já consideraram isto? Estão determinados a morrer, serão mortos, bem, e amanhã? Moças sem pão, não ha nada mais terrivel. O homem mendiga, a mulher vende-se. Ah! essas lindas creaturas, tam graciosas e tam meigas, que trazem toucas enfeitadas de flores, que encham a casa de castidade, que cantam, que chalam, que são como um perfume vivo, que provam a existencia dos anjos no céu pela pureza das virgens na terra, essa Joanna, essa Luizinha, essa Mariquinhas, adoraveis e honestas creaturas que são a benção e o orgulho de seus paes, ah! meu Deus, hão de soffrer fome! Que mais querem que lhes diga? Ha um mercado de carne humana; e de certo não serão mãos de espectros, estendidas convulsivamente para ellas, que as impedirão de alli entrar! Lembrem-se da rua, lembrem-se das calçadas cobertas de videntes, lembrem-se das lojas por deante das quaes passam e tornam a passar mulheres como o seio á mostra e pisando na lama. Essas mulheres tambem foram puras. Lembrem-se de suas irmãos os que as teem. A miseria, a perdição, os agentes de policia, San'Lazaro, eis onde vão parar essas delicadas e formosas moças, essas frageis maravilhas de pudor, de delicadesa e de formosura, mais frescas que os lírios no mez de maio. Ah! vocês vão morrer! vão deixa-

las ao desamparo ! Bem; queriam subtrahir o povo á realza, mas entregam suas filhas á policia. Amigos, creiam-me, tenham compaixão. As mulheres, as desgraçadas mulheres, não estão habituadas a pensar nestas cousas. Confiámos em não terem as mulheres recebido a educação dos homens; impedimos-lhes a leitura, impedimo-las de pensar, de occupar-se com a politica; mas quem as impedirá de ir esta tarde a deposito dos cadaveres e de reconhecer entre os mortos os seus parentes? Eia, cumpre que os que teem familias sejam bons rapazes e nos apertem a mão e se retirem, e nos deixem aqui sóz, para darmos conta da tarefa. Bem sei que é necessario ter animo para fazer isto, é difficil; mas por isso mesmo que é difficil, tanto mais meritorio se torna o sacrificio. Vocês dizem:—Tenho uma espingarda, estou na barricada.—Tanto peor, daqui não saio.—Tanto peor? pesem melhor o que dizem. Meus amigos, pensem no dia de amanha; amanha nenhum de nós existirá, mas as nossas familias existirão. E quantas angustias! Ouçam, veem um lindo pequerrucho bem gordinho, que tem faces rubicundas como uma maçã, papagueando, rindo-se, correndo, brincando, saltando, cuja pelle fresca convida-nos a beija-lo ! sabem em que se torna uma creança destas? Eu vi um, pequenino, não passava desta altura. Seu pae havia morrido. Uma pobre familia recolheu-o por caridade, mas essa gente nem tinha pão para si mesma. O pequeno andava sempre com fome. Era no inverno. Elle não chorava. Viam-n'o sempre chegar-se para o fogão, onde nunca havia fogo, e cujo cano era coberto com barro amarello. O pequeno arrancava com os seus dedinhos pedaços desse barro e comia-os. Tinha a respiração rouca, o rosto livido, as pernas fracas, a barriga crescida. Nada dizia. Se lhe fallavam, não respondia. Morreu, finalmente. Tinham-n'o levado agonisante para o hospicio Necker, onde o vi. Eu era então interno desse hospicio. Agora, se ha aqui algum pae que tenha como uma ventura o passeiar ao domingo, levando pela sua boa mão robusta a mãozinha de seu filho, imagine que este pequeno é o seu proprio filho. A pobre creança, ainda me lembro, parece-me que a estou vendo, quando a puzeram em cima da

mesa da autopsia, estava com as costellas tam visiveis por baixo da pelle como as covas de um cemiterio debaixo da relva. Achou-se-lhe no estomago uma especie de lama. Tinha cinza nos dentes. Vamos, consulte cada um a sua consciencia e ouça a voz do coração. As estatisticas demonstram que a mortalidade das creanças abandonadas é de cincoenta e cinco por cento. Repito, tracta-se das mulheres, das meninas, dos filhinhos. Ninguem falla em nenhum de vocês. Bem sabemos o que são vocês; todos são bravos, por certo! ninguem ignora que tem na alma a alegria e a gloria de dar a vida pela grande causa; ninguem ignora que todos vocês se consideram eleitos para morrer util e magnificamente, e cada um quer ter a sua parte no triumpho. Louvamos tam generosos sentimentos. Mas vocês não estão sós neste mundo. Ha creaturas em quem devem pensar. Cumpre evitar o egoismo.

Todos abaixáram a cabeça com ar sombrio.

Estranhas contradicções do coração humano nos seus momentos mais sublimes! Combeferre, que assim fallava, não era orphão. Lembrava-se das mães dos outros; e esquecia a sua. Estava determinado a morrer. Era *egoista*.

Mario, em jejum, febricitante, successivamente abandonado de todas as esperanças, engolfado na dôr, o mais sombrio dos naufragos, saturado de commoções violentas e sentindo approximar-se o seu fim, tinha-se cada vez mais embebido nesse entorpecimento visionario que precede sempre a hora fatal violentamente aceita.

Qualquer physiologista houvera podido estudar nelle os symptomas crescentes dessa absorpção febril conhecida e classificada pela sciencia, e que é para o soffrimento o que é a volupia para o prazer. O desespero tem tambem o seu extase. Mario havia chegado a este ponto. Assistia a tudo como se estivesse de fóra; conforme já dissemos, as cousas que se passavam deante delle pareciam-lhe remotas; distinguia o todo, mas não percebia os pormenores. Via aquelles homens moverem-se de um para outro lado como que através de um igneo clarão. Ouvia-lhes as vozes como se ellas estivessem fallando no fundo de um abysmo.

Todavia aquillo commoveu-o. Havia naquella scena uma tal sublimidade que o abalou e despertou. Já não tinha senão uma idéa, morrer, e não queria distrahir-se della; mas pensou, no seu somnambulismo funebre, que, perdendo-se, nada o impedia de salvar alguém.

Levantou a voz.

—Enjolras e Combeferre teem razão, disse; nada de sacrificio inutil. Uno as minhas instancias ás suas, não ha tempo a perder. Combeferre disse cousas decisivas. Entre vocês ha muitos que teem familias, mães, irmans, mulheres, filhos. Saíam estes das fileiras.

Ninguem se mexeu.

—Os homens casados e os que são o amparo de suas familias, fóra das fileiras! repetiu Mario.

Grande era a sua autoridade. Enjolras era na verdade o chefe da barricada, porém Mario a havia salvado.

—Eu o ordeno, bradou Enjolras.

—Eu o supplico, disse Mario.

Então, commovidos com as palavras de Combeferre, abalados pela ordem de Enjolras, agitados pela supplica de Mario, esses homens heroicos começaram a denunciar-se uns aos outros.—É verdade, dizia um moço a um homem feito:—Tu és pae de familia. Retira-te.—Se alguém deve retirar-se, és tu, respondia o homem, porque sustentas tuas duas irmans.—E travava-se uma luta estranha. Cada um porfiava em não se afastar da beira do tumulto.

—Aviem-se, dizia Courfeyrac, daqui a um quarto de hora já não será tempo.

—Cidadãos, proseguia Enjolras, a republica está aqui, e o suffragio universal reina. Designe cada um aquelles que devem retirar-se.

Todos obedeceram. Ao cabo de alguns minutos cinco d'entre elles haviam sido designados e sahiam das fileiras.

—São cinco! exclamou Mario.

Só havia quatro fardamentos.

—Pois bem, disseram os cinco, um de nós deve ficar.

E de novo entraram a porfiar, e cada um buscava mo-

tivos para obrigar o outro a não ficar. A generosa disputa recomeçou.

—Tu tens mulher que te ama.—Tu tens a tua velha mãe.—E tu, que já não tens pae nem mãe, queres deixar teus irmãosinhos ao desamparo?—Lembra-te que és pae de cinco filhos.—Tu não deves morrer, tens apenas dezesete annos, é cedo de mais.

Estas grandes barricadas revolucionarias eram theatros de heroismos. O inverosimil alli parecia simples. Aquelles homens não se admiravam uns dos outros.

—Não se demorem, repetia Courfeyrac.

Bradaram para Mario no meio dos grupos:

—Disigne aquelle que deve ficar.

—Sim, disseram os cinco, escolha. Nós lhe obedeceremos.

Mario já se considerava incapaz de qualquer abalo. Todavia, a esta idéa: escolher um homem para a morte, todo o sangue lhe refluio ao coração. Teria empalidecido se ainda lhe fosse possível empallidecer.

Endireitou para os cinco que lhe sorriam, e cada um, com os olhos cheios dessa magnifica chamma que se vê no fundo da historia sobre as Thermopylas, lhe gritava:

—Eu! eu! eu!

E Mario estupidamente contou-os; eram sempre cinco! Depois seos olhos abaixaram-se para as quatro fardas.

Nesse instante cahiu uma farda, como do céu, em cima das outras quatro.

O quinto homem estava salvo.

Mario levantou os olhos e reconheu o senhor Cortavento.

João Valjean acabava de entrar na barricada.

Ou porque houvesse tirado informações, ou por instinto, ou por acaso, viera pela rua de Mondétour. Graças ao seu uniforme de guarda nacional, havia passado facilmente.

A vedeta que os insurgentes tinham postado no canto da rua de Mondétour não dera o signal de alarma por um guarda nacional só. Deixára-o penetrar na rua dizendo de si para si: é provavelmente um reforço, e quando o não seja, ficará prisioneiro. O momento era sobremodo grave, e a sentinella achou que não devia distrahir-se do seu posto de observação.

No momento em que João Valjean entrara no reduto, ninguém reparára nelle, porque todos os olhos se fixavam nos cinco escolhidos e nas quatro fardas. João Valjean, porem, vira e ouvira tudo, e, silenciosamente, despir a farda e atirára-a ao monte formado pelas outras.

O abalo foi indescriptivel.

—Quem é este sujeito? perguntou Bossuet.

—É um homem que salva os outros, respondeu Combeferre.

Mario acrescentou com voz grave:

—Eu o conheço.

Esta caução satisfazia a todos.

Enjolras voltou-se para João Valjean:

—Cidadão, sê bemvindo.

E acrescentou:

—Já sabes que vamos morrer?

João Valjean, sem responder, ajudou o insurgente que elle salvava a vestir a farda.

V

QUE HORIZONTE SE AVISTA DO ALTO DA BARRICADA.

A situação de todos, naquella hora fatal e naquelle lugar miseravel, tinha como resultante e como cimo a melancolia suprema de Enjolras.

Enjolras tinha em si a plenitude da revolução; era incompleto, não obstante, tanto quanto o absoluto pôde sel-o; havia nelle muito de Saint Just, e pouco de Anacharsis Clootz; entretanto o seu espirito, na sociedade dos amigos do A B C, acabára por ser magnetizado pelas idéas de Combeferre; já a final ia sahindo pouco a pouco da forma estreita do dogma e deixava-se levar das vistas largas do progresso, chegando por este modo a aceitar, como evolução definitiva e magnifica, a transformação da grande republica franceza em immensa republica humana. Quanto aos meios immediatos, dada uma situação violenta, queria os violentos; neste ponto, não variava; continuava a pertencer á escola epica e formidavel que se resume nesta palavra: Noventa e tres.

Enjoiras estava em pé nos degráus de pedra, com um dos cotovellos firmado no cano da sua clavina.

Meditava; estremecia, como se mysteriosos sôpros lhe tocassem no rosto; os lugares onde está a morte teem destes effeitos de tripodes. Sahiam-lhe dos olhos, cheios do olhar interior, como que fagulhas abafadas. De repente levantou a cabeça, os cabellos penderam-lhe para trás como os do anjo na sombria quadriga feita de estrellas, foi como uma juba de leão agitada com esplendor de aureola, e elle exclamou:

—Cidadãos, afiguraes-vos o futuro? As ruas das cidades inundadas de luz, ramos verdes em todas as portas, as nações irmans, os homens justos, os anciões abençoando os meninos, o passado amando o presente, os pensadores em plena liberdade, os cren-tes em plena egualdade, como religião—o céu, Deus, sacerdote directo, a consciencia humana transforma-da em altar, não mais odios, a fraternidade da officina e da escola, por penalidade e recompensa a notoriedade, o trabalho para todos, para todos o direito, sobre todos a paz, não mais sangue derramado, não mais guerras, as mães contentes! Domar a materia é o primeiro passo; realizar o ideal é o segundo. Reflecti no que já ha feito o progresso. Outr'ora as raças humanas viam com terror passar-lhes por deante dos olhos a hydra que soprava sobre as aguas, o dragão que vomitava chammass, o grypho monstro do ar que voava com azas de aguia e garras de tigre; animaes pavorosos que estavam a cima do homem. O homem, apesar d'isso, armou os seus laços, os laços sagrados da intelligencia, e logrou finalmente apanhar os monstros. Domámos a hydra, e ella se chama vapor; domámos o dragão, e elle se chama locomotiva; e não tarda que domemos o grypho, que já é nosso, e se chama balão. O dia em que esta obra promethea estiver consummada e em que o homem houver definitivamente jungido á sua vontade a triplice chimera antiga, a hydra, o dragão e o grypho, achar-se-ha senhor da agua, do fogo e do ar, e será para o resto da creação animada o que os antigos deuses eram outr'ora para elle. Animo e avante! Cidadãos, o que queremos nós? A sciencia constituindo o governo, a força das cousas como unica força publica, a lei natural tendo a sua sancção e a sua penalidade em si mesma, e a sua promulgação pela evidencia, um horto

de verdade correspondente ao horto do sol. Queremos a união dos povos; queremos a unidade do homem. Nada mais de ficções; nada mais de parasitas. O real governado pelo verdadeiro, tal é a meta. A civilisação reunirá o seu jury no mais alto da Europa, e depois no centro dos continentes, em um grande parlamento da intelligencia. Já se viu um uso semelhante. Os amphictyões celebravam duas sessões no anno, uma em Delphos, lugar dos deuses, outra nas Thermopylas, lugar dos herões. A Europa, o globo, hão de ter os seus amphictyões. A França tem este porvir sublime em suas entranhas. É a gestação do XIX seculo. O que a Grecia havia esboçado é que é digno de ser acabado pela França. Ouve, Feuilly, intrepido obreiro; homem do povo, homem dos povos. Eu te venero. Sim, tu corres o véu dos tempos futuros e os vês claramente, sim, tens razão. Não tinhas pae nem mãe. Feuilly, adoptaste por mãe a humanidade e por pae o direito. Vaes morrer aqui, isto é, triumphar. Cidadãos, aconteça hoje o que acontecer, quer sejamos derrotados, quer saíamos vencedores, é uma revolução o que vamos fazer. Assim os incendios aclaram toda a cidade, assim tambem as revoluções aclaram todo o genero humano. E que revolução faremos? Já ha pouco vo-lo disse, a revolução da verdade. No ponto de vista politico, só ha um principio: a soberania do homem sobre si mesmo. Esta soberania do *eu* sobre o *eu* chama-se Liberdade. Onde quer que duas ou muitas destas soberanias se associam começa o Estado. Mas em tal associação não ha nenhuma abdicação. Cada soberania concede uma porção de si mesma para formar o direito commun. Esta porção é a mesma para todos. A identidade de concessão que cada um faz a todos chama-se Igualdade. O direito commun não é outra cousa mais do que a protecção de todos estendendo-se ao direito de cada um. Esta protecção de todos sobre cada um chama-se Fraternidade. O ponto de intersecção de todas estas soberanias que se aggregam chama-se Sociedade. Sendo esta intersecção uma junção, é este ponto um nó. Dahi o que se chama o laço social. Alguns dizem contracto social; o que vem a ser o mesmo, porquanto a pala-

vra contracto é etymologicamente derivada da idéa de laço. Entendamo-nos a respeito da egualdade; porquanto, se a liberdade é o vertice, a egualdade é a base. A egualdade, cidadãos, não é toda a vegetação nivelada, uma sociedade de grandes caules de herva e de carvalhozinhos; uma contiguidade de ciúmes arranhando-se reciprocamente; é, civilmente, a abertura de uma mesma vereda a todas as aptidões; politicamente, a equipolencia de todos os votos; religiosamente, o mesmo direito para todas as consciências. A egualdade tem um órgão: a instrução gratuita e obrigatoria. O direito ao alphabeto, eis por onde cumpre começar. A escola primaria imposta a todos, a secundaria offerecida a todos, tal é a lei. Da escola identica sabe a sociedade egual. Sim, ensino! Luz! Luz! todos procedem da luz e para ella tornam. Cidadãos, o seculo XIX é grande, mas o XX será feliz. Então nada mais haverá semelhante á velha historia; não se temerá então, como hoje, uma invasão, uma conquista, uma usurpação, uma rivalidade de nações á mão armada, uma interrupção de civilisação dependente de um casamento de reis, um nascimento nas tyrannias hereditarias, uma partilha de povos por meio de congresso, um desmembramento por queda de dynastia, um combate de duas religiões accommettendo-se de frente, como dous bodes das trevas sobre a ponte do infinito: não haverá que receiar a fome, a extorsão, a perdição por penuria, a miseria por falta de trabalho, nem o cadafalso, nem o gladio, nem as batalhas, nem todos os flagícios do acaso na floresta dos acontecimentos. Quasi poderíamos dizer: já não haverá acontecimentos. Todos serão felizes. O genero humano executará a sua lei como o globo terrestre executa a sua; restabelecer-se-ha a harmonia entre a alma e o astro; a alma gravitará em torno da verdade como o astro em torno da luz. Amigos, a hora em que estamos e em que vos fallo é uma hora sombria, mas é por tam terrivel preço que se obtem o porvir. Uma revolução é uma portagem. Oh! o genero humano ha de ser salvo, levantado e consolado! Nós lh'o affirmamos do alto desta barricada. Donde deverá soltar-se um grito de amor, senão do meio do sacrificio? Ó meus irmãos, é aqui

que se reúnem os que pensam e os que soffrem; esta barricada não é feita de pedras, nem de vigas, nem de ferros; é feita de dous montões, um de idéas e outro de dôres. A miseria aqui encontra o ideal. O dia aqui abraça a noite e lhe diz: vou morrer contigo e tu vaes renascer comigo. Do amplexo de todas as desolações brota a fé. Os soffrimentos aqui se acham com a sua agonia, e as idéas com a sua immortalidade. Esta agonia e esta immortalidade vão ajuntar-se e compôr a nossa morte. Irmãos, quem morre aqui morre no esplendor do futuro, e entramos em um tumulto todo inundado de luz de aurora.

Enjolas interrompeu-se, antes do que calou-se; mexia com os labios silenciosamente como se continuasse a fallar consigo mesmo, o que fez com que todos attentos, e para escuta-lo ainda, ficassem olhando para elle. Ninguem applaudiu; mas ouviu-se um prolongado murmurio. Sendo a palavra um sopro, os estremecimentos das intelligencias assemelham-se a estremecimentos de folhas.

VI

MARIO ATTONITO, JAVERT LACONICO.

Digamos o que se passava no pensamento de Mario.

Lembrem-se da sua situação d'alma. Acabamos de recordar que, tudo para elle já não era senão visão. A sua apreciação achava-se perturbada. Mario, insistamos nisto, estava sob a sombra das grandes azas tenebrosas que se estendem por cima dos agonisantes. Afigurava-se-lhe que entrára em um tumulto, parecia-lhe que já nenhuma comunicação tinha com o exterior, e via os rostos dos vivos com olhos de morto.

Como se achava alli o senhor Cortavento? Porque estava alli? O que vinha fazer? Mario não fez a si mesmo todas estas perguntas. Quando estamos desesperados, o nosso desespero envolve igualmente as outras pessoas, e parecia-lhe logico que todos alli viessem para morrer.

Apesar d'isso, pensou em Cosetta com um aperto de coração.

Demais, Cortavento não lhe fallou, não olhou para

elle, e nem se quer mostrou ouvi-lo quando Mario levantou a voz para dizer: eu o conheço.

Quanto a Mario, a attitudo de Cortavento o alliviava, e se pudessemos empregar tal palavra para exprimir semelhantes impressões, diríamos—alegrava-o. Sentira sempre uma impossibilidade absoluta de dirigira palavra áquelle homem enigmatico que era para elle a um tempo equivoco e veneravel. Demais já havia muito que o não via; e isto para o character tímido e reservado de Mario ainda mais augmentava a impossibilidade.

Os cinco homens designados sahiram da barricada pela viella de Mondétour; assemelhavam-se perfeitamente a guardas nacionaes. Um delles retirou-se chorando. Antes de partir abraçaram os que ficavam.

Quando os cinco homens restituídos á vida sahiram da barricada, Enjolras lembrou-se do condemnado á morte. Entrou na sala. Javert, amarrado ao pilar, meditava.

—Precisas de alguma cousa? perguntou-lhe Enjolras.

Javert respondeu:

—Quando é que me matarão?

—Espera. Neste momento carecemos de todos os nossos cartuxos.

—Então, dê-me agua, disse Javert.

Enjolras apresentou-lhe com sua propria mão um copo de agua, e, como o preso não podia servir-se das suas, ajudou-o a beber.

—É só isto? continuou Enjolras.

—Estou mal assim amarrado a este páu, respondeu Javert. Foi um tormento obrigarem-me a passar a noite aqui. Arrochem-me como bem lhes parecer, mas ao menos deixem-me estar deitado como aquelle.

E com um movimento de cabeça designava o cadaver de Mabeuf.

Havia, lembrado estará o leitor, no fundo da sala uma larga e comprida mesa em cima da qual tinham os insurgentes fundido balas e feito cartuchos. Feitos todos os cartuchos e empregada toda a polvora, a mesa achava-se desoccupada.

Por ordem de Enjolras quatro insurgentes tiraram Javert do poste. Ao passo que lhe desatavam as cor-

das outro insurgente encostava-lhe uma baioneta ao peito. Deixaram-lhe as mãos atadas atrás das costas, amarraram-lhe aos pés uma corda de linho delgada e forte que só o deixava dar passos de quinze pollegadas como os padecentes que sobem ao cadafalso, e assim o fizeram caminhar até a mesa no fundo da sala, onde o estendêram, atando-o com todo o cuidado pelo meio do corpo.

Para maior segurança, por meio de uma corda que lhe prendia o pescoço, ajuntaram ás ligaduras, que lhe tornavam impossivel a fuga, essa especie de laço, chamado nas prisões *gamarra*, o qual parte da nuca, bifurca-se sobre o estomago, e vem atar-se nas mãos depois de ter passado por entre as pernas.

Emquanto estavam amarrando Javert, um homem, do limiar da porta, o considerava com singular attenção. A sombra deste homem reflectindo-se na parede fez Javert voltar a cabeça. Levantou os olhos e reconheceu João Valjean. Nem sequer estremeceu, abaixou altivamente as palpebras, e limitou-se a dizer: *Nada mais natural.*

VII

AGGRAVA-SE A SITUAÇÃO.

O dia crescia rapidamente. Mas nenhuma janella se abria, nenhuma porta sequer rangia nos gonzos; era a aurora, não o despertar. A extremidade da rua da Chanvrerie opposta á barricada fôra evacuada pela tropa, conforme já dissemos; parecia livre e offerecia-se aos viandantes com uma tranquillidade sinistra. A rua de San'Diniz estava muda como a avenida das sphinges em Thebas. Não se via ente vivo nas encruzilhadas, que um reflexo de sol branqueava. Nada é tam lugubre como a claridade das ruas desertas.

Nada se via, mas ouvia-se. A certa distancia executava-se um movimento mysterioso. Era evidente approximar-se o instante critico. Como na vespera de noite, as vedetas recolhêram-se; mas desta vez todas.

A barricada achava-se mais segura do que quando se dera o primeiro ataque. Depois da retirada dos cinco insurgentes, tinham-lhe augmentado a altura.

Avisado pela vedeta que estivera de observação do lado da praça do Mercado, Enjolras, receiando algu-

ma surpresa pela retaguarda, tomou uma resolução grave. Mandou trancar o ramo da viella Mondétour, que até então estivera aberta. Descalçaram para este fim mais algumas testadas de casas. A barricada, assim fortificada em tres ruas, na frente na rua da Chauvrerie, á esquerda na do Cysne e na da Pequena Truanderie, á direita na de Mondétour, era na verdade quasi inexpugnável; mas por outro lado os insurgentes achavam-se fatalmente encerrados. O reducto tinha tres frentes, mas já não tinha sahida. Fortaleza, mas ratocira, disse Courfeyrac rindo-se.

Enjolras fez amontoar junto da porta da taverna uns trinta lagedos, que *eram de mais*, dizia Bossuet.

O silencio era agora tam profundo do lado de onde devia vir o ataque, que Enjolras fez cada um tomar o seu posto de combate.

Todos recebêram uma ração de aguardente.

Nada tam curioso como uma barricada que se prepara para um assalto. Cada qual escolhe o seu lugar como no espectáculo. Encostam-se, repoltrêam-se, espaldêam-se. Alguns improvisam cadeiras de montões de pedra. Ha uma esquina que incommoda, afastam-se della; mais além está um redente que pôde proteger, vão abrigar-se alli. Os canhotos são preciosos; tomam os lugares incommodos aos outros. Muitos acham meio de combater sentados. Querem estar a gosto para matar, e bem a commodo para morrer. Na funesta guerra de 1848, um insurgente, que era temivel atirador e combatia do alto de uma sotéa, mandára trazer para alli uma poltrona á Voltaire; um tiro de metralha o matou.

Assim que o chefe dá a voz—cada um a seu posto—, todos os movimentos desordenados cessam; não mais mutuas importunações, nem grupos isolados, nem movimentos individuaes; tudo quanto se acha nos espiritos converge e transmuda-se em expectação para o assaltante. Uma barricada antes do perigo, cahos; no perigo, disciplina. Então apparece a ordem.

Assim que Enjolras tomou a sua clavina de dous canos e se postou em uma especie de amêa que reservára para si, todos se caláram. Ouviram-se uns estalidos ao longo do muro de pedras. Eram as espingardas que se armavam.

As attitudes, porém, mostravam-se mais resolutas e mais ousadas que nunca; o excesso do sacrificio retempera os animos, elles já não tinham esperança, mas tinham desespero. O desespero, ultima arma com que ás vezes se alcança a victoria, Virgilio o disse. Os recursos supremos sahem das resoluções extremas. Embarcar na morte é as vezes o meio de escapar ao naufragio; e a tampa do ataúde torna-se uma taboa de salvação.

Como na vespera de noite, todas as attensões se tinham voltado e pesavam, por assim dizer, sobre a extremidade da rua, agora allumiada e visivel.

Aespera não foi longa. O rumor que se ouvira do lado de Saint-Leu recomeçou, mas não se parecia com o movimento do primeiro ataque. Um arrastamento de correntes, os solavancos inquietantes de uma mole, um tinido de bronze saltando sobre a calçada, uma especie de estrepito solemne, annunciaram que uma sinistra machina de ferro se approximava. Houve um estremecimento nas entranhas daquellas velhas ruas pacificas, abertas e edificadas para a circulação fecunda dos interesses e das idéas, e que não são proprias para o rodar monstruoso do carro de guerra.

Os olhos de todos os combatentes, fitos na extremidade da rua, scintillavam feramente.

Uma peça de artilharia appareceu.

Os artilheiros empurravam a peça, que havia sido desengatada do armão; dous sustinham o reparo, quatro estavam ás rodas; outros seguiam com a caixa de munições. Via-se fumegar a vela acesa.

—Fogo! gritou Enjolras.

Toda a barricada fez fogo; o estrondo da descarga foi medonho; os homens e a peça desapareceram envoltos em expessas nuvens de fumaça; alguns segundos depois a fumaça dissipou-se, e a peça e os homens tornaram a apparecer; os serventes da peça acabavam de posta-la defronte da barricada, lenta, correctamente, e sem se apressarem. Nem um só delles ficara ferido. Então o cheffe, carregando sobre a culatra para elevar o tiro, poz-se a faser a pontaria com a gravidade de um astrónomo que assesta o seu telescópio.

—Vivam os artilheiros! gritou Bossuet.

E toda a barricada deu palmas.

Dahi a um momento achava-se a peça affoutamente assestada bem no meio da rua. Uma guella formidavel ameaçava a barricada.

—Bravo! muito bem! disse Courfeyrac. Ahi está o grosseirão. Depois do piparote, o murro. O exercito estende para nós a sua pesada pata. A barricada vae ser seriamente sacudida. As espingardas apalpam, o canhão derruba.

—É uma peça de bronze, calibre oito, novo modelo, accrescentou Combeferre. Estas peças, por pouco que se exceda a proporção de dez partes de estanho sobre cem de cobre, são sujeitas a arrebentar. O excesso de estanho torna-as sobremodo quebradiças. Acontece então ficarem ellas com brocas e falhas na alma. Para evitar este perigo e poder augmentar-se a carga, talvez fosse conveniente voltar ao uso do seculo XIV, pôr-lhes arcos, revestindo-as exteriormente de uma serie de arcos de aço sem solda, desde a culatra até os munhões. No emtanto remedêa-se conforme é possível o defeito, por meio da raspadeira consegue-se descobrir as brocas e as falhas na alma das peças. Mas ha um meio mais seguro, é o busca-vida de Gribeauval.

—No seculo XVI, observou Bossuet, os canhões eram raiados.

—Sim, respondeu Combeferre, isso augmenta a força balistica, mas diminue a precisão do tiro. No tiro a curta distancia a trajectoria não tem toda a inflexibilidade desejavel, a parabola alonga-se, o caminho do projectil não é bastante rectilineo para que elle possa tocar os objectos intermediarios; dahi, pois, necessidade de combate, cuja importancia cresce com a proximidade do inimigo e a precipitação do tiro. Este defeito de tensão da curva do projectil nos canhões raiados do seculo XVI provinha da diminuta carga; as cargas fracas, para esta especie de armas, são impostas por necessidades de balistica, taes, por exemplo, como a conservação das culatras. Em summa, esse despota, o canhão, não pôde tudo o que quer; a força é uma enorme fraqueza. Uma bala de artilharia não faz senão seiscentas leguas por hora; a luz per-

corre setenta mil leguas por segundo. Tal é a superioridade de Jesus-Christo sobre Napoleão.

—Tornem a carregar as armas, disse Enjolras.

De que modo o reforço de alvenaria da barricada sustentaria o fogo do canhão? as balas abrir-lhe-hiam brecha? Tal era a questão. Enquanto os insurgentes tornavam a carregar as armas, os artilheiros carregavam a peça.

Profunda era a anciedade no reducto.

Beram fogo á peça, a detonação troou.

—Presente! bradou uma voz alegre.

E ao mesmo tempo que a bala batia no exterior da barricada, Gavroche pulava para dentro do recinto.

Elle viera pela rua do Cysne e saltára ligeiramente a barricada accessoria que fechava o dedalo da Pequena Truanderie.

A sua chegada produziu mais effeito na barricada do que a bala.

Tinha-se esta enterrado no montão de entulho. O maior estrago que fizera fôra quebrar uma roda do omnibus e acabar de despedaçar a carreta de Anceau. Vendo isto, os insurgentes entraram a rir-se.

—Continuem, gritou Bossuet para os artilheiros.

VIII

OS ARTILHEIROS NÃO SE DEIXAM MOTEJAR.

Todos cercáram Gavroche.

Mas elle não teve tempo de narrar as suas aventuras. Mario, profundamente contrariado, chamou-o a parte.

—O que vens aqui fazer?

—Esta é muito boa! disse o pequeno. E o senhor?

E olhou fixamente para Mario com o seu descaro epico. O altivo brilho que tinha nos olhos fazia-os parecerem maiores.

Mario continuou em tom severo:

—Disse-te por ventura que voltasses? Entregaste ao menos a minha carta?

Gavroche não deixava de sentir algum remorso por causa da tal carta. Na sua pressa de voltar á barricada, antes se desfizera della do que a entregára. Via-se obrigado a confessar a si mesmo que a confiára um tanto imprudentemente a um desconhecido de quem nem ao menos tinha podido distinguir o rosto. É certo que o homem estava sem chapéu, mas isto não bastava. Em summa, fazia a si mesmo por tal mo-

tivo algumas censuraszinhas interiores e temia ser reprehendido por Mario. Tomou, para tirar-se da entaladella, o expediente mais simples; mentiu abominavelmente.

—Cidadão, a carta foi entregue ao porteiro. A senhora estava dormindo. Quando acordar receberá a missiva.

Mario, fazendo-o'levar a carta, tivera em vista dous fins: dizer adeus a Cosetta e salvar Gavroche. Teve de contentar-se com metade do que queria.

A remessa da carta e a presença de Cortavento na barricada causaram-lhe especie. Mostrou Cortavento a Gavroche.

—Conheces este homem?

—Não, respondeu o pequeno.

Comeffeito, Gavroche, como já acima dissemos, vira João Valjan de noite.

As conjecturas confusas e vagas que se haviam esboçado no espirito de Mario dissiparam-se. Sabia elle quaes eram as opiniões de Cortavento? Talvez fosse republicano. Dahi naturalmente a sua presença naquelle combate.

Entretanto Gavroche já se achava na outra extremidade da barricada gritando: que é da minha espingarda?

Courfeyrac ordenou que lh'a dessem.

O pequeno avisou aos *camaradas*,—assim chamava elles os insurgentes,—que a barricada estava cercada. Contou-lhes as difficuldades que tivera de vencer para vir ter com elles. Um batalhão de linha, cujas armas estavam sarilhadas na Pequena Truandaria, observava do lado da rua do Cysne; do lado opposto, a guarda municipal occupava a rua dos Prégadores. Na frente, achava-se o grosso do exercito.

Dado este aviso, Gavroche acrescentou:

—Autoriso-vos a fazer-lhes uma recepção honrosa.

Entretanto Enjolras, na sua amêa, applicava o ouvido e espiava.

Os assaltantes, sem duvida pouco satisfeitos com o tiro da peça, não o haviam repetido.

Uma companhia de infantaria de linha viera occupar a extremidade da rua, na retaguarda dos artilheiros. Os soldados tiravam as pedras da calçada e alli

construiam com ellas um murozinho baixo, uma especie de orelhão que não tinha mais de dezoito pollegadas de altura e ficava defronte da barricada. No angulo esquerdo deste orelhão via-se a frente de um batalhão de extramuros, que estava formado na rua de San'Diniz.

Enjolras, sempre attento, suppoz distinguir a bu-lha que se faz quando se tiram dos carros de munições lanternetas de metralha, e viu o chefe da peça mudar a pontaria e inclinar um tanto a boca do canhão para o lado esquerdo. Depois os artilheiros entraram a carregar a peça. O chefe tomou em pessoa o botafogo e approximou-o do ouvido.

—Abaixem a cabeça, cheguem-se para o muro! gritou Enjolras, e todos de joelhos ao longo da barricada!

Os insurgentes, que haviam deixado o seu posto de combate quando Gavroche chegára e se achavam espalhados na frente da taverna, precipitaram-se em tumulto para a barricada; mas, antes que a ordem de Enjolras fosse executada, ouviu-se o medonho sibilo de um tiro de metralha. Era comeffeito um.

A carga fôra dirigida para a abertura do reducto, e dalli resaltando penetrára no recinto com formidavel impeto, matando dous homens e ferindo tres.

Se isto continuasse, tornar-se-hia indefensavel a barricada. A metralha entrava.

Houve um rumor de consternação.

—Estorvemos o segundo tiro, disse Enjolras.

E, abaixando a clavina, apontou-a para o chefe da peça, que, naquelle momento, inclinado para a culatra do canhão, rectificava e fixava definitivamente a pontaria.

O chefe da peça era um bello sargento de artilharia, muito moço, louro, de rosto meigo, com ar intelligente peculiar dos soldados daquella arma predestinada e temivel que, á força de aperfeiçoar-se no horror, deve acabar por matar a guerra.

Combeferre, em pé junto de Enjolras, considerava o joven sargento.

—Que pena! disse. Como são hediondos estes morticínios! Eia, quando já não houver reis, não haverá guerra. Enjolras, estás fazendo pontaria para o sar-

gento, mas não attentas para elle. Pois sabe que é um lindo rapaz; é intrepido; bem se vê que pensa; estes rapazes da artilharia são muito instruidos; tem sem duvida pae, mãe, uma familia: ama provavelmente; terá quando muito vinte cinco annos; poderia ser teu irmão.

—E é, disse Enjolras.

—Sim, tornou Combeferre, e meu tambem. Pois então, não o matemos.

—Deixa-me. Assim é preciso.

E uma lagrima correu lentamente pela face de marmore de Enjolras.

Ao mesmo tempo puxou o gatilho da clavina. A arma disparou. O artilheiro deu duas voltas, com os braços estendidos para deante e a cabeça levantada como para aspirar o ar, depois cahiu de lado em cima da peça e alli ficou sem movimento. Viam-se-lhe as costas, de cujo centro cahia perpendicularmente um jorro de sangue. A bala atravessára-lhe o peito de um lado a outro. Estava morto.

Tiveram de leva-lo dalli e veio outro substitui-lo. Os insurgentes, sem duvida, ganhavam assim alguns minutos.

IX

EMPREGO DESTA ANTIGA DESTREZA DE LADRÃO DE CAÇA E DESSA PONTARIA INFALLIVEL QUE INFLUIRAM NA CONDEMNAÇÃO DE 1796.

Os pareceres encontravam-se na barricada. Os tiros de peça iam recommençar. Debaixo da metralha, fôra impossivel aos insurgentes resistir por mais de um quarto de hora. Era absolutamente necessario amortecê-la.

Enjolras deu esta ordem:

—É preciso pôr alli um colchão.

—Já não temos nenhum, disse Combeferre. Os que havia estão occupados pelos feridos.

João Valjean, sentado de parte em uma pilastra, no canto da taverna, com a espingarda em cima dos joelhos, tinha até alli presenciado apenas o que se passava. Como que não ouvia os combatentes dizer em torno d'elle: Ah! está uma espingarda que nada faz.

À ordem dada por Enjolras, levantou-se.

O leitor não terá esquecido que quando os insurgentes chegaram á rua da Chanvrière, uma velha, prevendo as balas, tapára a sua janella com um colchão. Essa janella, janella de trapeira, ficava no telhado de

uma casa de seis andares situada a curta distancia da barricada. O colchão, posto atravessado, descansava do lado de baixo em duas varas de estender roupa, e do lado de cima estava seguro por duas cordas que, de longe, pareciam dous barbantes e atavam-se em pregos cravados nas ombreiras da trapeira. Viam-se distinctamente estas duas cordas sobre o azul do céu como cabellos.

—Quem pôde emprestar-me uma clavina de dous canos? disse João Valjean.

Enjolras, que acabava de descarregar a sua, apresentou-lh'a.

João Valjean apontou para a trapeira e fez fogo.

Uma das cordas do colchão estava quebrada.

Agora só estava seguro por um fio.

João Valjean deu segundo tiro. A segunda corda bateu na vidraça da trapeira. O colchão escorregou por entre as duas varas e cahiu á rua.

A barricada applaudiu.

Todas as vozes bradaram:

—Ahi está um colchão.

—Sim, disse Combeferre, mas quem irá busca-lo?

O colchão, comeffeito, cahira do lado de fóra da barricada, entre os insurgentes e a tropa. Ora, a morte do sargento de artilharia tendo irritado os soldados, tinham-se estes, havia alguns instantes, deitado de bruços por detrás do orelhão por elles construido, e, para compensar o silencio forçado da peça que se calara emquanto se reorganisava o seu serviço, tinham rompido fogo contra a barricada. Os insurgentes não respondiam a estas descargas, para poupar as munições. Estes tiros nenhum damno causavam á barricada; mas a rua, que elles enchiam de balas, estava terrivel.

João Valjean sahiu pela abertura, entrou na rua, atravessou a tempestade de balas, chegou até onde estava o colchão, levantou-o, pô-lo ás costas, e voltou para a barricada.

Pôz com as suas proprias mãos o colchão na abertura. Prendeu-o alli de encontro á parede de modo que os artilheiros não o vissem.

Feito isto, esperaram o tiro de metralha.

Não tardou.

O canhão vomitou com um rugido o seu embrulho de balas. Mas a carga não resaltou.

A metralha morreu de encontro ao colchão.

O effeito previsto estava obtido. A barricada achava-se preservada.

—Cidadão! disse Enjolras para João Valjean, a republica te agradece.

Bahorel admirava e ria-se. Exclamou:

—É immoral que um colchão tenha tanta força. Triunpho do que dobra sobre o que fulmina! Mas não importa, gloria ao colchão que aniquila um canhão!

X

AURORA.

Neste momento Cosetta accordava.

O seu quarto era pequeno, asseiado, discreto, e tinha uma comprida janella para o lado do nascente, a qual dava para o pátio do fundo da casa.

Cosetta nada sabia do que se passava em Pariz. Já se tinha recolhido quando Toussaint dissera: parece que temos desordem na cidade.

Cosetta dormira poucas horas, mas bem. Tivera doces sonhos, talvez por serem mui alvos os lençóis e o cortinado da sua cama. A figura de Mario apparecêra-lhe cingida de luz. Acordou com um raio do sol nos olhos, o que a principio a fez suppôr que o sonho continuava.

O seu primeiro pensamento sabindo deste sonho foi alegre. Cosetta sentiu-se de todo tranquillã. Ella atravessava, como João Valjean algumas horas antes, essa reacção da alma que quer absolutamente esquivar-se á desgraça.

Pôz-se a esperar com todas as suas forças sem saber porque. Depois apertou-se-lhe o coração. Ha-

vía tres dias que não via Mario. Mas lembrou-se que elle devia ter recebido a sua carta, que sabia onde ella estava, e, dotado como era de tanto espirito, deveria achar meio de vir vê-la. E hoje mesmo, infalivelmente, e talvez esta mesma manhan. Já ia alto o dia, mas o raio de luz era muito horisontal, e ella pensou que era cedo ainda: julgou, porém, que devia levantar-se para receber Mario.

Sentia que não podia viver sem Mario, e que por conseguinte era quanto bastava para que elle não deixasse de vir. Nenhuma objecção era admissivel. Tudo era certo. Já por demais horrivel lhe fôra ter soffrido tres dias. A ausencia de Mario era-lhe um martyrio tal, que Deus não podia continua-lo. Agora, aquella contrariedade da Providencia era uma provação soffrida, Mario ia chegar, traria uma boa noticia. Tal é a mocidade: depressa enxuga os olhos; acha a dôr inutil e não a aceita. A mocidade é o sorriso do futuro deante de um desconhecido que é elle mesmo. Parece-lhe natural o ser ditoso. Como que só respira esperança.

Demais, Cosetta em vão buscava recordar-se do que Mario lhe dissera a respeito dessa ausencia, que não deveria durar senão um dia, e da explicação que elle lhe dera. Ninguem ha que não tenha notado com que destreza uma moeda que deixamos cahir ao chão corre a esconder-se, e com quanta arte se torna invisivel. Ha pensamentos que nos pregam a mesma peça; occultam-se em um canto do nosso cerebro; está acabado; perderam-se; em vão buscaria a memoria rehavê-los. Cosetta enfada-se um pouquinho com o esforço inutil que fazia a sua lembrança. Dizia com-sigo mesma que procedêra muito mal, e que até incorrêra em grande culpa esquecendo palavras pronunciadas por Mario.

Sahiu da cama e fez as duas ablações do corpo e da alma, rezou e vestiu-se.

Em rigor, pôde-se introduzir o leitor n'uma camara nupcial, mas não n'uma camara virginal. O que o verso apenas ousaria, á prosa não é licito.

É o interior de uma flôr ainda fechada, é uma alvura na penumbra, é a cellula intima de um lyrio fechado que não deve ser visto por olhos de homem

emquanto não o fôr pelo sol. A mulher em botão é sagrada. Esse leito innocente que se descobre, essa adoravel semi-nudez que tem medo de si mesma, esse pé alvo que se refugia dentro de uma chinella, esse collo que se cobre deante de um espelho como se elle tivesse olhos, essa camisa puxada apressadamente para cima e cobrindo os hombros por causa de um traste que estala ou de um carro que passa, esses cordões atados, esses colchetes abrochados, esses atacadores puxados, esses estremecimentos, esses tremores de frio e de pudor, esse delicado recato de todos os movimentos, essa inquietação quasi aligera onde nada ha que temer, as phases successivas do vestir tam formosas como as nuvens da aurora, nada de tudo isto convém ser narrado, e até já é muito indica-lo.

O olhar do homem deve ser mais religioso deante do levantar de uma donzella do que deante do levantar de uma estrella. A possibilidade de ver deve mudar-se em augmento de respeito. A pennugem do pecego, o pó da ameixa, o crystal radioso da neve, a aza da borboleta apolvilhada de pennas, são cousas grosseiras comparadas com esta castidade que nem mesmo sabe que é casta. A donzella não é senão um esplendor de sonho, ainda não passou a ser estatua. A sua alcova esconde-se na parte sombria do idéal. O indiscreto tocar do olhar brutalisa esta vaga penumbra. Aqui contemplar é profanar.

Não mostraremos pois nada de toda esta suave desordem do acordar de Cosetta.

Um conto do Oriente diz que Deus fizera a rosa branca, mas que olhando-a Adão no momento em que ella desabrochava, envergonhára-se e se tornára purpurina. Nós somos dos que se sentem tomados de respeito deante das virgens e das flôres, achando-as venerandas.

Cosetta achou-se bem depressa vestida, penteou-se, o que era muito simples naquelle tempo em que as mulheres não enchiam os cabellos com almofadinhas nem lhes punham crinolinas. Depois abriu a janella e lançou os olhos em torno de si, esperando descobrir um pedacinho da rua, um canto da calçada, e poder espiar Mario. Mas nada se via do lado de fóra. O pateo era cercado de altos muros, e apenas deita-

va vista para alguns jardins. Cosetta achou esses jardins horrendos; pela primeira vez da sua vida as flores lhe pareciam hediondas. O menor pedacinho do rego da encruzilhada lhe houvera causado incomparavelmente mais prazer. Contentou-se com olhar para o céu como se pensasse que Mario também podia vir dali.

De subito debulhou-se em lagrimas. Não que isto fosse mobilidade d'alma; mas esperanças travadas de desanimação, tal era a sua situação. Sentiu confusamente o que quer que fosse horrível. As cousas passam com effeito pelo ar. Disse comsigo mesma que não tinha certeza de nada, que deixando de ver-se bem poderiam perder-se; e a idéa de que Mario lhe viria do céu, de novo lhe acudiu, não já alegre, mas lugubre.

Depois,—taes são estas nuvens,—voltou-lhe a calma e a esperança, e uma especie de sorriso inconsciente, mas cheio de confiança em Deus.

Todos dormiam ainda em casa. Reinava um silencio provincial. Nenhuma janella estava aberta. O porteiro tinha ainda o seu cubiculo fechado. Toussaint não estava de pé, e Cosetta pensou naturalmente que seu pae ainda dormia. Muito devêra ella ter soffrido, e muito devêra soffrer ainda, porquanto dizia comsigo mesma que seu pae tinha sido máu; mas contava com Mario. O eclipse de tal luz era decididamente impossivel. De espaço a espaço ouvia a certa distancia uns como embates surdos, e dizia: É singular estarem assim a abrir e a fechar os portões tam cedo. Eram os tiros de canhão contra a barricada.

Havia, alguns pés abaixo da janella de Cosetta, na velha cornija ennegrecida da parede, um ninho de gai-vões; parte do ninho ficava fóra da coraija, de modo que de cima podia ver-se o interior daquelle paraísozinho. A mãe alli estava, estendendo as azas sobre os filhotes; o pae esvoaçava, afastava-se, depois voltava, trazendo no bico o pasto e beijos. O dia nascente dourava aquelle grupo feliz, a grande lei *Multipliae-vos* alli estava risonha e augusta, e o seu doce mysterio ostentava-se á esplendida luz da manhan.

Cosetta, com os cabellos ao sol, a alma nas chimeras, allumiada interiormente pelo amor e exterior-

mente pela aurora, inclinou-se como que machinalmente, e, sem quasi ousar reconhecer que pensava ao mesmo tempo em Mario, poz-se a olhar para aquelles passarinhos, para aquella familia, para aquelle macho e aquella femea, para aquella mãe e aquelles filhinhos, com a profunda perturbação que um ninho sempre causa em uma virgem.

XI

O TIRO D'ESPIGARDA SEMPRE CERTEIRO E NUNCA MORTIFERO.

O fogo dos assaltantes continuava. As descargas de mosquetaria e a metralha alternavam, mas na verdade sem grande damno. O alto da fachada de Coryntho era o unico ponto que soffria; a janella do 1.º andar e as aguas-furtadas do telhado, crivadas de balas e de biscainhos, despedaçavam-se lentamente. Os insurgentes que alli se haviam postado tiveram de resguardar-se. Isto, porem, é uma tactica do ataque das barricadas; as descargas assim prolongadas exhaurem as munições dos insurgentes, quando elles cahem em responder. Assim que notam, pelo afrouxamento do seu fogo, que elles já não teem balas nem polvora, dão o assalto. Enjolras frustou este ardil; a barricada não respondia.

A cada fogo de pelotão, Gavroche levantava a bochecha com a lingua, signal de alto desdem.

—Muito bem, dizia elle, rasguem panno. Nós carecemos de fios.

Courfeyrac apostrophava a metralha pelo seu pouco effeito, e dizia para o canhão:

—Estás te tornando enfadonho, meu velho.

Na batalha ha enredos como em um baile. É provavel que aquelle silencio do reducto começasse a inquietar os assaltantes e a fazê-los receiar algum incidente inesperado, e que elles sentissem a necessidade de ver o que se passava por detrás daquelle acervo de pedras que recebia tantos tiros sem responder. Os insurgentes viram de repente em cima de um telhado vizinho um capacete que scintillava ao sol. Um bombeiro estava encostado a uma alta chaminé e parecia achar-se alli de sentinella. O seu olhar dominava perpendicularmente a barricada.

—Alli está um vigia incommodo, disse Enjolras.

João Valjean tinha restituído a clavina a Enjolras, mas estava com a sua espingarda.

Sem dizer palavra, apontou-a para o bombeiro, e, um segundo depois, o capacete, tocado por uma bala, cahia estrepitosamente na calçada. O soldado assustado deu-se pressa em desapparecer.

Veu segundo observador tomar o seu lugar. Este era um official. João Valjean, que tornára a carregar a espingarda, apontou-a outra vez, e fez cahir o capacete do official como fizera cahir o do soldado. O official não insistiu, e retirou-se precipitadamente. Os assaltantes ficaram escarmentados. Ninguém tornou a apparecer no telhado; e renunciaram a espiar a barricada.

—Porque não matou o homem? perguntou Bosuet a João Valjean.

João Valjean não respondeu.

XII

A DESORDEM PARTIDISTA DA ORDEM.

Bossuet murmurou ao ouvido de Combeferre:

—Elle não respondeu á minha pergunta.

—É um homem que mostra a sua bondade a tiros de espingarda, disse Combeferre.

Os que ainda conservam alguma lembrança dessa época já remota, sabem que a guarda nacional de extramuros era valente contra as insurreições. Ella foi particularmente encarniçada e intrepida nas jornadas de junho de 1832. Qualquer bom taverneiro de Pantin, das Vertus ou da Cunette, cujo *estabelecimento* se achava vasio por causa do motim, tornava-se um leão vendo a sua sala de dansa deserta, e arriscava a vida para salvar a ordem representada pela bodega. Naquelle tempo conjunctamente burguez e heroico, na presença das idéas que tinham os seus cavalleiros, os interesses tinham os seus paladinos. O prosaismo do movel de fórma alguma diminuia a intrepidez do movimento. O decrescimento de uma pilha de escudos levava os banqueiros a cantar a Marselheza. Derramavam lyricamente o seu sangue pelo balcão; e defendiam com

um enthusiasmo lacedemonio a loja, esse immenso diminutivo da patria.

Digamo-lo, porem, em tudo isto nada havia que não fosse muito serio. Eram os elementos sociaes que entravam em luta, aguardando o dia em que devem achar-se em equilibrio.

Outro signal daquelle tempo era a anarchia unida ao *governamentalismo* (nome barbaro do partido correcto). Todos eram pela ordem com indisciplina. De repente o tambor, por ordem de qualquer coronel da guarda nacional, tocava chamadas caprichosas; tal capitão ia bater-se por inspiração; tal guarda nacional combatia por *fantasia* e por *sua conta e risco*. Nos instantes de crise, nas *jornadas*, consultavam antes os seus proprios instinctos do que os seus cheffes. Havia no exercito da ordem verdadeiros guerrilheiros, uns de espada como Fannicot, outros de penna como Henrique Fonfréde.

A civilisação, infelizmente representada nessa época antes por uma aggregação de interesses do que por um grupo de principios, estava ou suppunha-se estar em perigo; bradava ás armas; cada um, fazendo-se centro, defendia-a, socorria-a e protegia-a, a seu modo: e o primeiro adventicio se encarregava de salvar a sociedade.

O zelo ás vezes tocava ao exterminio. Tal pelotão de guardas nacionaes constituia-se de sua authoridade privada em conselho de guerra, e julgava e executava em cinco minutos qualquer insurgente aprisionado. Fôra um improviso destes que matára João Prouvaire. Feroz lei de Lynch, que nenhum partido tem o direito de exprobrar a outro, porque é applicada pela república na America como pela monarchia na Europa. Esta lei de Lynch complicava-se com muitos enganos. N'um dia de motim um joven poeta chamado Paulo Garnier foi perseguido na praça Real, com as baionetas quasi a traspassa-lo, e só logrou escapar refugiando-se na cocheira da casa n. 6. Bradavam atrás d'elle: *E' um dos taes Saint-simonistas!* e queriam mata-lo. Ora, Garnier trazia debaixo do braço um volume das memorias do duque de Saint-Simon. Um guarda nacional lêra no livro esta palavra: *Saint-Simon*, e gritara: *Morra!*

No dia 6 de junho de 1832 uma companhia de guardas nacionaes de extra-muros, commandada pelo capitão Fannicot, de quem fallamos mais acima, deixou-se dizimar por capricho e bel-prazer, na rua da Chanvrière. O facto, por mais singular que seja, foi comprovado pela devassa que se abriu depois da insurreição de 1832. O capitão Fannicot, burguez impaciente e affouto, especie de *condottiere* da ordem, como os que acabamos de caracterisar, *governamentalista* fanatico e indocil, não pôde resistir á tentação de fazer fogo antes de tempo, nem á ambição de tomar a barricada sózinko, isto é, com a sua companhia. Indignado com a apparição successiva da bandeira vermelha e da velha casaca que tomou pela bandeira preta, censurava em altas vozes os generaes e os commandantes de corpos, que deliberando, não achavam que fosse chegado o momento do assalto decisivo, e deixavam, segundo se exprimiu um delles, *cozer a insurreição no seu proprio caldo*. Fannicot, porem, dizia que a barricada estava madura, e, como quem está maduro deve cahir, quiz experimentar.

Os seus soldados eram homens tam resolutos como elle proprio, *uns damnados*, disse uma testemunha. A sua companhia, a mesma que passara pelas armas o poeta João Prouvaire, era a primeira do batalhão postado no canto da rua. No momento em que menos se esperava, o capitão mandou os seus homens investir a barricada. Este movimento, executado com a maior intrepidez, mas sem a menor estrategia, custou caro á companhia de Fannicot. Antes que houvesse percorrido os dous terços da rua, uma descarga geral da barricada cahiu sobre ella. Quatro, os mais audazes, que corriam na frente, foram fulminados á queimadura mesmo juncto do reducto, e esse corajoso bando de guardas nacionaes, todos homens intrepidissimos, mas que não tinham a tenacidade militar, viu-se obrigado a retirar depois de alguma hesitação, deixando quinze cadaveres estendidos na calçada. O instante de hesitação deu aos insurgentes tempo de tornar a carregar as armas, e uma segunda descarga, horivelmente mortifera, cahia sobre a companhia antes della ter chegado ao canto da rua, seu abrigo. Achou-se um momento mettida entre dous fogos por-

quanto soffreu as surriadas da peça assestada que, não tendo recebido ordem alguma, havia continuado a jogar contra a barricada. O alfouto e imprudente Fannicot foi um dos que cahiram mortos pela metralha. Foi morto pelo canhão, isto é, pela ordem.

Este ataque, mais furioso que serio irritou Enjolras.

—Imbecis! disse elle. Fazem morrer os seus homens e obrigam-nos a gastar polvora á tôa.

Enjolras fallava como um verdadeiro general de motim que era. A insurreição e a repressão não lutam com armas eguaes. A insurreição, cujos recursos facilmente se exhaurem, só tem um certo numero de tiros que dar e um certo numero de combatentes a empregar. Uma patrona esvaziada, um homem morto, não se substituem facilmente. A repressão, dispondo do exercito, não conta os homens, e tendo Vincennes, não poupa os tiros. A repressão tem tantos regimentos quantos são os homens da barricada, e tantos arsenaes quantas são as suas cartuxeias. E assim quando elles se travam, dá-se uma luta de cem contra um, luta que acaba sempre pela derrota das barricadas; salvo se a revolução, surgindo inopinadamente, vem lançar na balança a sua chammejante espada de archanjo. Isto acontece.

Então tudo se levanta, as pedras das calçadas entram a ferver, os reductos populares pallulam. Pariz estremece soberanamente, o *quid divinum* se manifesta, o 10 de agosto, um 29 de julho pairam no ar, uma luz, prodigiosa apparece, a fauce hiante da força recua, e o exercito, esse leão, vê deante de si, de pé e tranquillo, esse propheta, a França.

XIII

CLARÕES FUGACES.

No cahos de sentimentos e paixões que deffendem uma barricada, ha de tudo; ha bravura, mocidade, pundonor, enthusiasmo, ideal, convicção, obstinação de jogador, e, sobretudo, intermittencias de esperança.

Uma destas intermittencias, um destes vagos estremecimentos de esperança atravessou subitamente, no momento o mais inesperado, a barricada da rua de Chanvrière.

—Ouçam, exclamou de repente Enjolras sempre attento, parece-me que Pariz se levanta.

É certo que na manhã do dia 6 a insurreição teve, por uma ou duas horas, uma tal ou qual recrudescencia. A obstinação do toque de rebate de Saint-Merry reanimou algumas velleidades. Nas ruas da Pereira e dos Gravilliers esboçaram-se barricadas. De frente da porta de San'Martinho, um moço armado de clavina atacou sósinho um esquadrão de cavallaria. A descoberto, no meio do *boulevard*, pôz um joelho em terra, levou a arma á cara, atirou, matou o com-

mandante do esquadrão, e continuou o seu caminho dizendo: *Ahi está mais um que não nos fará mal.* A cavallaria cahiu sobre elle e acutilou-o. Na rua de San'Diniz uma mulher fazia fogo sobre a guarda municipal detrás de uma gelosia abaixada. A cada tiro as taboinhas da gelosia estremeciam. Um rapazinho de 14 annos, que foi preso na rua de Cassonerie, tinha os bolsos cheios de cartuchos. Diversos postos foram atacados. Na embocadura da rua Bertin-Poirée um regimento de couraceiros, a cuja frente marchava o general Cavaignac de Baragne, foi recebido com um vivissimo e inopinado fogo de mosquetaria. Na rua Planche-Mibray atiraram de cima dos telhados sobre a tropa cacos de louça e utensilios caseiros; máu signal; e quando communicaram este facto ao marechal Soult, o velho lugar-tenente de Napoleão ficou pensativo, recordando-se das palavras de Suchet em Saragoça: *Quando as velhas despejam os seus ourinões sobre as nossas cabeças, estamos perdidos.*

Estes symptomas geraes que appareciam no momento em que o governo suppunha localizado o motim, esta febre de colera que tornava a manifestar-se, estas fagulhas que voavam aqui e alli por cima dessas profundas massas de combustivel a que chamam os suburbios de Pariz, tudo isto inquietou os chefes militares. Trataram logo de apagar estes principios de incendio. O ataque das barricadas Maubuée, da Chanvrerie e de Saint-Merry foi guardado para depois que se achassem abafadas estas faiscas, afim de não terem que haver-se senão com ellas, e poderem terminar tudo de um jacto. Diversas columnas foram lançadas nas ruas em fermentação, varrendo as grandes, sondando as pequenas, á direita, á esquerda, ora com precaução e lentamente, ora a marche-marche. A tropa arrombava as portas das casas de onde tinham feito fogo; ao mesmo tempo manobras de cavallaria dispersavam os grupos dos *boulevards*. Esta repressão não se effectuou sem esse rumor e estrepito tumultuoso proprio dos embates de tropa e povo. Era isto que Enjolras ouvia nos intervallos dos canhoneos e da mosquetaria. De mais, tinha visto passar pela extremidade da rua alguns feridos em padiolas, e dissera para Courfeyrac:

—Aquelles feridos não são daqui.

A esperança durou pouco; o clarão depressa se eclipsou. Em menos de meia hora o que estava no ar desvaneceu-se, foi como um relampago sem raio, e os insurgentes sentiram pesar de novo sobre si essa especie de chapa de chumbo que a indiferença do povo lança sobre os obstinados abandonados.

O movimento geral que parecia ter-se vagamente esboçado, abortára; e a attenção do ministro da guerra e a estrategia dos generaes podiam agora concentrar-se nas tres ou quatro barricadas que continuavam a resistir.

O sol já estava alto no horisonte.

Um insurgente interpellou Enjolras:

—Estamos com fome. Então decididamente vamos morrer aqui sem comer?

Enjolras, sempre com o cotovello encostado á sua amêa, sem despregar os olhos da extremidade da rua, fez com a cabeça um gesto affirmativo.

XIV

EM QUE SE LERÁ O NOME DA AMANTE DE ENJOLRAS.

Courfeyrac, sentado em uma lage ao lado de Enjolras, continuava a insultar o canhão, e de cada vez que passava, com o seu estrepito monstruoso, essa sombria nuvem de projectis a que chamam metralha, acolhia-a com ditos ironicos.

—Estás te estafando, meu pobre velho grosseirão, mettes-me lastima, fazes bulha á tóa. Isto não é trovão, é tosse.

E todos se riam em torno delle.

Courfeyrac e Bossuet, cuja intrepida alegria augmentava com o perigo, substituíram, como Scarron, o gracejo á comida, e, não havendo vinho para beber, animavam a todos com as suas pilherias.

—Eu admiro Enjolras, dizia Bossuet. A sua temeridade impassivel maravilha-me. Elle vive só, o que sem duvida o torna um tanto triste; Enjolras lastima a sua grandeza que o força á viuvez. Nós outros temos todos mais ou menos amantes que nos fazem enlouquecer, isto é, que nos tornam bravos. Quando amamos como tigres, não é muito que combatamos como

leões. É um modo de nos vingarmos dos tormentos que soffremos das senhoras nossas *grisettes*. Orlando deixa-se matar para fazer raivar Angelica; todos os nossos heroismos proveem das nossas mulheres. Um homem sem mulher é como uma pistola sem cão; é a mulher que faz o homem disparar. Pois bem, Enjolras não tem mulher. Não ama, e todavia é intrepido, É cousa estranha poder uma pessoa ser fria como o gelo e ousada como o fogo.

Enjolras parecia não escutar, mas quem se houvesse achado junto d'elle tê-lo-hia ouvido murmurar baixinho: *Patria*.

Bossuet ainda se ria quando Courfeyrac exclamou:

—Temos novidade!

E arremedando a voz de um porteiro que annuncia, accrescentou:

—Eu chamo-me Peça de Oito.

Comeffeito nova personagem acabava de entrar em scena. Era uma segunda bocca de fogo.

Os artilheiros fizeram rapidamente a manobra da força, e assestaram esta segunda peça junto da primeira.

O desenlace achava-se assim preparado.

Alguns instantes depois, as duas peças, servidas com presteza, jogavam contra o reducto; os fogos de pelotão da tropa de linha e da guarda nacional sustentavam a artilharia.

Ouviam-se outros canbonaços a alguma distancia. Ao passo que duas peças batiam o reducto da rua da Chanvrerie, outras duas boccas de fogo, assestadas, uma na rua de San'Diniz, outra na de Aubry-le-Boucher, crivavam a barricada de Saint-Merry. Os échos dos quatro canhões alternavam lugubrementemente.

Os latidos dos sombrios cães da guerra correspondiam-se.

Das duas peças que jogavam agora contra a barricada da rua da Chanvrerie, uma lançava metralha, a outra balas.

A que lançava balas estava apontada com alguma elevação, e o tiro era calculado de modo que o projectil batia na beira extrema da aresta superior da barricada, tirava-lhe o vertice, e lançava as lascas das pe-

dras em cima dos insurgentes como estilhaços de metralha.

Este modo de pontaria tinha por fim afugentar os insurgentes do alto do reducto, e obriga-los a refugiar-se no interior; isto annunciava a imminencia do assalto.

Uma vez afugentados os combatentes do alto da barricada pelas balas de artilharia, e das janellas da taverna pela metralha, as columnas de ataque poderiam penetrar na rua sem que lhes fizessem fogo, talvez mesmo sem serem presentidas, escalar de repente o reducto, como na vespera, e quem sabe? tomal-o por sorpresa.

—Cumpre diminuir quanto antes o incommodo destas duas peças, disse Enjolras, e bradou: fogo sobre os artilheiros!

Todos estavam promptos. A barricada, que estivera calada por tanto tempo, faz fogo desesperadamente; sete ou oito descargas seguiram-se com uma especie de furor e de alegria; a rua encheu-se de espessa fumaça, e, ao cabo de alguns minutos, através desse nevoeiro listrado de fogo, puderam os insurgentes distinguir confusamente os dous terços dos artilheiros estendidos debaixo das rodas dos canhões. Os que haviam ficado incolumes continuavam a servir as peças com severa tranquillidade, mas o fogo tornara-se menos vivo.

—A cousa vae bem, disse Bossuet para Enjolras. Triumpho.

Enjolras abanou a cabeça e respondeu:

—Se este triumpho dura mais um quarto de hora, não haverá sequer dez cartuchos na barricada.

Parece que Gavroche ouviu estas palavras.

XV

GAVROCHE FORA DA BARRICADA.

Courfeyrac avistou de repente alguém do lado de fora no sobpé da barricada, entre as balas que alli batiam.

Gavroche tomára na taverna um cesto de transportar garrafas, sahira pela abertura, e estava tranquillamente occupado em encher o seu cesto com os cartuchos que tirava das patronas dos guardas nacionaes mortos no talude do reducto.

—O que fazes ahí? disse Courfeyrac.

Gavroche levantou o nariz:

—Cidadão, estou enchendo o meu cesto.

—Pois tu não vês a metralha?

Gavroche respondeu:

—Ora, adeus! está chovendo. O que tem?

Courfeyrac gritou:

—Retira-te!

—Daqui a um instantinho, disse o pequeno.

E, de um salto, metteu-se pela rua.

Lembrado estará o leitor que a companhia de Fannicot, ao retirar-se, deixara atrás de si um rasto de cadaveres.

Uns vinte mortos jaziam aqui e acolá na calçada em toda a extensão da rua. Vinte patronas para Gavroche. Provisões de cartuchos para a barricada.

A fumaça na rua parecia um nevoeiro. Os que teem visto alguma nuvem cahida n'uma garganta no meio de alcantiladas rochas podem formar idéa dessa fumaça encerrada e como que condensada entre duas sombrias linhas de altas casas. Ella subia lentamente e renovava-se a cada instante; dahi uma escuridão gradual que encobria mesmo a luz do sol. De uma e de outra extremidade da rua, aliás mui curta, os combatentes a custo se viam.

Este escurecimento, provavelmente desejado e calculado pelos cheffes que deviam dirigir o assalto da barricada, foi util a Gavroche.

Encoberto por este véu de fumo e graças á sua pequenez, pôde avançar um bom pedaço na rua sem ser visto. Esvaziou as sete ou oito primeiras patronas sem grande perigo.

Caminhava de gatinhas, corria de quatro pernas, segurava o cesto com os dentes, torcia-se, deslisava, ondulava, serpeava de um morto para outro, e alimpava as patronas ou as cartucheiras como um macaco que abre uma noz.

Na barricada, da qual não estava ainda muito afastado, ninguém ousava gritar-lhe que se recolhesse, temendo chamar sobre elle a attenção dos assaltantes.

No cadaver de um guarda nacional, que era cabo de esquadra, achou um polvorinho cheio.

—Melhor! disse elle, guardemos isto.

E metteu o polvorinho no bolso.

Avançando cada vez mais, chegou ao ponto em que a fumaça da polvora se tornava transparente.

De modo que os atiradores da tropa de linha que estavam deitados de bruços ao longo do orelhão, e os da guarda nacional de extramuros postados no canto da rua, mostraram-se subitamente uns aos outros o que quer que fosse que se mexia no meio da fumaça.

No momento emque Gavroche esvaziava a patrona de um sargento que jazia junto de uma pilastra, uma bala bateu no cadaver.

—Irrorio! murmurou Gavroche. Estão a matar os meus mortos.

Segunda bala fez saltar faíscas da calçada ao lado delle. Outra derribou-lhe para logo o cesto.

Gavroche olhou e viu que eram os guardas nacionaes que lhe estavam atirando.

Ergueu-se mui teso, com os cabellos soltos ao vento, as mãos nas cadeiras, fitos os olhos nos guardas nacionaes que continuavam a fazer fogo, e cantou:

Canalha de Nanterre,
Vocês não lêem Voltaire,
E nunca Palaiseau
Honrou o bom Rousseau.

Depois apanhou o seu cesto, pôz-lhe dentro, sem, deixar ficar um só, os cartuxos que tinham cahido, e, avançando para o lado d'onde vinham os tiros, foi esvaziar outra patrona. Pela quarta vez uma bala escapou de acertar-lhe. Gavroche cantou:

Eu vivo sem mulher,
Por culpa de Voltaire,
E um diabrete sou,
Por culpa de Rousseau.

Quinta bala nada mais pôde fazer do que arrancar-lhe terceira copla:

Pois venha quem vier,
Eu cá sou por Voltaire;
Se já caduco estou,
A culpa é de Rousseau.

Isto continuou assim por algum tempo.

O espetaculo era horrivel e divertido. Gavroche, por entre o sibilo das balas, zombava dos tiros. Parecia divertir-se muito. Era o pardal dando bicadas nos caçadores. Respondia a cada descarga com uma copla. Todas as espingardas estavam apontadas para elle, e nenhum tiro lhe acertava. Os guardas nacionaes riam-se fazendo-lhe pontaria. Elle estendia-se de bruços, depois erguia-se, mettia-se no vão de alguma porta, saltava dalli, desapparecia, tornava a apparecer, fugia, voltava, dava figas á metralha, e no emtanto ia fazendo a sua colheita de cartuchos, e svaziando as patronas, enchendo o cesto. Os insurgentes, no auge da ancie-

dade, seguiam-n'o com os olhos. A barricada tremia. Elle, porem, cantava. Não era uma creança, não era um homem; era um gaiato-fada. Parecia o anão invulneravel do combate. As balas corriam atrás d'elle, mas não lhe ganhavam em ligeiresa. Jogava não sabemos que medonho jogo das escondidas com a morte; de cada vez que a cara desnarigada do espectro se approximava o garoto lhe dava um piparote.

Todavia uma bala, mais certa ou mais traidora do que as outras, tocou finalmente o fantastico menino. Os insurgentes viram Gavroche cambalear e cahir. Toda a barricada soltou um grito; mas neste pygmeu havia o que quer fosse do Anteu; ao garoto em tocando a calçada, acontece o mesmo que ao gigante tocando a terra; Gavroche não cahira senão para levantar-se mais animoso; ficou sentado no meio da rua, o sangue corria-lhe em fio pelo rosto abaixo, olhou para o lado onde partira o tiro, e entrou a cantar:

Quebrou-se-me a colher
Por culpa de Voltaire,
E a festa se acabou
Por culpa de...

Não concluiu. Segunda bala do mesmo atirador o atalhou. Desta vez cahiu batendo com o rosto no chão, e não se mexeu mais. Aquella almazinha sublime acabava de desprender-se dos laços terrenos.

XVI

COMO DE IRMÃO TORNA-SE PAE.

Achavam-se neste mesmo momento no jardim de Luxemburgo,—o olhar do drama deve estender-se a toda a parte,—dous meninos que caminhavam de mãos dadas. Um podia ter sete annos, o outro cinco. Estando molhados da chuva, haviam tomado pelas ruas do lado do sol; o mais velho conduzia o mais novo; estavam cobertos de andrajos e pallidos; pareciam dous passarinhos bravios. O mais novo dizia: «Estou com muita fome.»

O mais velho, já um pouco protector, conduzia seu irmão com a mão esquerda e levava na direita uma varinha.

Achavam-se sós no jardim. Estava este deserto, porque as grades tinham sido fechadas por medida policial, attenta a insurreição. As tropas que ali haviam acampado tinham hido para o combate.

Como se achavam estes meninos no jardim? Teriam fugido de algum corpo de guarda mal fechado? Ter-se-hiam evadido de alguma das barracas de pelotiqueiros da barreira do Inferno, ou da esplanada do Obser-

vatorio, ou do largo vizinho dominado pela fachada em que se lê: *Invenerunt parvulum pannis involutum?* Teriam na vespera illudido a vigilancia dos guardas do jardim quando se fecharam as grades, e passando a noite em algumas dessas guaritas onde os passeadores leem os jornaes? O facto é que elles andavam errantes e pareciam livres. Andar errante e parecer livre é estar perdido. Os pobres pequenos estavam perdidos de feito.

Estes dous meninos eram os mesmos que Gavroche protegêra e que o leitor não terá esquecido. Filhos dos Thénardiens, alugados a Magnon, attribuidos a Guillenormand, e agora folhas cahidas de todos estes troncos sem raizes e arrastados pelo vento.

Os seus factos, assejados no tempo de Magnon, e que lhes serviam de prospecto na presença de Guillenormand, tinham-se mudado em andrajos.

Estes entes pertenciam agora á estatística das *Creanças abandonadas*, que a policia descobre, apanha, perde e torna a achar nas ruas de Pariz.

Só á agitação de um tal dia deviam os dous miserveizinhos, o acharem-se neste jardim. Se os guardas os houvessem visto, teriam expulsado aquelles andrajos. Os meninos pobres não entram nos jardins publicos; comtudo deveriam lembrar-se os que lhe vedam o ingresso, que, como creanças, elles teem direito ás flores.

Estes alli estavam, graças ás grades fechadas. Commettiam uma infracção. Tinham-se introduzido no jardim, e alli haviam ficado. Fechadas as grades, nem por isso cessa a responsabilidade dos guardas, a vigilancia deve continuar, mas afrouxa e descansa; e os guardas, por seu turno agitados pela anciedade publica e mais occupados do exterior que do interior, já não rondavam o jardim, nem tinham visto os dous delinquentes.

Chovêra na vespera, e até mesmo um pouco pela manhan. Mas em junho não se faz caso de aguaceiros. Parece impossivel, uma hora depois de uma tempestade, que esse dia tão luminoso o haja chorado. A terra no verão enxuga-se tam depressa como o rosto de uma creança.

Nesse instante do solsticio, a luz do meio-dia, é,

por assim dizer, pungente. Attrahe tudo. Applica-se e superpõe-se á terra com uma especie de sucção. É como se o sol tivesse sêde. Um aguaceiro é um copo d'agua; uma chuva é para logo bebida. De manhan tudo gottejava, depois do meio-dia tudo era poeira.

Nada tam admiravel como a verdura lavada pela chuva e enxugada pelos raios solares; é uma frescura quente. Os jardins e os prados, com agua nas suas raizes e sol nas suas flôres, mudam-se em cassoulas e exhalam ao mesmo tempo todos os seus perfumes. Tudo ri, canta e exhibe-se. Sentimos tornar-se-nos doce a vida. A primavera é um paraíso provisório; o sol ajuda o homem a ter paciência.

Ha entes que nada mais pedem; viventes que, uma vez que vejam o azul do céu, dizem: é quanto basta! scismadores absortos no prodigio, haurindo na idolatria da natureza a indiferença do bem e do mal, contempladores do *cosmos* radiantemente distraídos do homem, que não comprehendem como haja pessoas que se occupem com a fome destes, com a sêde daquelles, com a nudez do pobre no inverno, com a curvatura lymphatica da espinha dorsal de uma criança, com a cama do miseravel, com a trapeira, com o carcere e com os andrajos das raparigas que tiritam de frio, quando poderiam meditar debaixo das arvores; espiritos pacificos e terriveis, inexoravelmente satisfeitos. Cousa estranha, o infinito lhes basta. Esta grande necessidade do homem, o finito, que admite a comprehensão, elles a ignoram. Não pensam no finito que admite o progresso, o trabalho sublime. O indefinito que nasce da combinação humana e divina do infinito e do finito escapa-lhes. Uma vez que se achem face a face com a immensidade, sorriem-se. Nunca a alegria, sempre o extase. Abysmar-se, tal é a sua vida. A historia da humanidade para elles não é senão um plano parcellario; Tudo ahi não está; o verdadeiro Tudo fica de parte; para que occuparem-se com semelhante pormenor—o homem? O homem sofre, é possível; mas vêde Aldebaran que se levanta no céu! A mãe já não tem leite, o recém-nascido definha, não quero saber disso, mas considerae o maravilhoso florão que apresenta uma rodella do alburno do abeto examinada ao microscopio! disse-me se ha renda de

Flandres que se lhe compare ! Estes pensadores esquecem-se de amar. O zodiaco embevece-os tanto que os não deixa ver a creança que chora. Deus lhes eclipsa a alma. Formam uma familia de espiritos, ao mesmo tempo pequenos e grandes. A esta familia pertenciam Horacio, Goethe, e talvez Lafontaine; magníficos egoistas do infinito, espectadores tranquillos da dôr, que se faz bom tempo não veem Nero; aos quaes o sol esconde a fogueira; que iriam ver guilhotinar um homem buscando nesse suplicio um effeito de luz; que não ouvem o grito, nem o soluço, nem o estertor, nem o toque de rebate; para quem tudo vae bem, uma vez que haja o mez de maio; que, enquanto houver nuvens de purpura e de ouro por cima das suas cabeças, dão-se por satisfeitos; e que estão determinados a ser felizes até que acabe o esplendor dos astros e o canto dos passarinhos.

São radiantes tenebrosos. Nem sequer desconfiam que são dignos de lastima. E o são, de certo. Quem não chora não vê. Devemos admira-los e lastimal-os, como lastimariamos e admirariamos um ente formado ao mesmo tempo de trevas e de luz, que não tivesse olhos debaixo dos supercilios e em cuja fronte resplandecesse um astro.

A indifferença destes pensadores é, ao que dizem alguns, uma philosophia superior. Pois seja; mas nesta superioridade ha imperfeição. Vulcano, com ser immortal, não deixava de ser côxo. Qualquer pôde ser mais que homem e menos que homem. O incompleto immenso está na natureza? Quem sabe se o sol não é cego?

Como! neste caso em quem nos fiaremos? *Solem quis dicere falsum audeat?* Assim, pois, até mesmo certos genios, certos altissimos humanos, homens astros, poderiam enganar-se? O que está lá em cima, no alto, no fastigio, no zenith, o que esparge sobre a terra tanta claridade, verá pouco, verá mal, não verá? Não será isto desanimador? Não. Mas então o que ha acima do sol? Deus.

No dia 6 de junho de 1832, pelas onze horas da manhan, o Luxemburgo, solitario e despovoado, estava lindo. Os quincuncios e os taboleiros cambiavam no meio da luz aromas e reflexos. As ramas, doudejan-

do á claridade do meio-dia, pareciam querer abraçar-se. Havia nos sycomoros uma matizada de toutine-gras, os pardaes triumphavam, os pica-páus subiam pelos castanheiros dando biquaradasinhas nos buracos da casca. Os alegretes aceitavam a realeza legitima dos lyrios; o mais augusto dos perfumes é o que sahe da brancura. Respirava-se o cheiro apimentado do cravo. As velhas gralhas de Maria de Medicis brincavam amorosamente nas copadas arvores. O soldou-rava, enrubecia e allumiava as tulipas, que não são outra cousa mais do que todas as variedades da cham-ma formando flores. Em roda dos canteiros de tulipas esvoaçavam abelhas, fagulhas dessas flores-cham-mas. Tudo era graça e ledice, até mesmo a chuva imminente; este novo aguaceiro que devia ser proveitoso aos lyrios e ás madresilvas, nada tinha que inquietasse; as andorinhas preparavam-se para voar alegremente rente da terra. Quem alli se achava aspirava felicidade; a vida tresealava aroma; toda aquella natureza exhalava candura, soccorro, protecção, paternidade, caricia, aurora. Os pensamentos que baixavam do céu eram doces como a mãozinha da creança que beijamos.

As estatuas debaixo das arvores, nuas e alvas, tinham vestido de sombra cheios de buracos luminosos; essas deusas mostravam-se cobertas de andrajos de sol; pendiam-lhes resteas de luz de todos os lados. Em roda do tanque grande a terra estava, não já enxuta, senão tostada. O vento, bem que não fosse muito forte, levantava pequenos redemoinhos de poeira. Algumas folhas amarellecidas, que haviam ficado do outono passado, perseguiam-se alegremente, e pareciam brincar.

A abundancia de claridade tinha o que quer que fosse de tranquillizador. Vida, seiva, calor, effluvios, treshordavam; reconhecia-se na criação a enormidade da origem; em todos estes sopros repassados de amor, neste vae-vem de reverberações e de reflexos, nesta prodigiosa profusão de raios, deste derramamento indefinido de ouro fluido, manifestava-se a prodigalidade do inesgotavel; e por detrás deste esplendor, como por detrás de uma cortina de chammas, entrevia-se Deus, esse milionario de estrellas.

Graças á areia, não havia alli uma mancha de lama; graças á chuva, não havia um grão de pó. As arvores acabavam de lavar-se; todos os velludos, todos os setins, todos os vernizes, todos os outros que sahem da terra sob a forma de flores, estavam immaculados. Era uma magnificencia assejada. O grande silencio da natureza feliz enchia o jardim. Silencio celeste compativel com mil musicas, arrulhos de ninhos, zumbidos de enxames, palpitações do vento. Toda a harmonia da estação se executava em um gracioso *tutti*; as entradas e as sabidas da primavera tinham lugar na ordem desejavel, os lilazes acabavam, os jasmins começavam; algumas flores demoravam-se, alguns insectos adiantavam-se, a vanguarda das borboletas vermelhas de junho fraternisava com a retaguarda das borboletas brancas de maio. Os platanos mudavam a casca. A briza cavava ondulações na enormidade magnifica dos castanheiros. Era esplendido. Um veterano do quartel vizinho que espiava pela grade dizia: «A primavera está apresentando as armas e com farda de grande gala».

Toda a natureza almoçava: a criação estava á mesa; era a hora; a grande toalha azul fôra estendida no céu e a grande toalha verde sobre a terra; o sol illuminava *a giorno*. Deus servia o banquete universal. Cada ente tinha o seu pasto ou a sua comida. O pombo achava linhaça, o tentilhão milho, o pintasilgo morrião, o pintarroxo vermes, a abelha flores, a mosca infusorios, o papa-vento moscas. Comiam-se um pouquinho uns aos outros, o que é mysterio do mal unido ao bem; mas nenhum animal estava com o estomago vazio.

Os dous meninos abandonados tinham chegado ao tanque grande, e, um tanto deslumbrados por toda esta luz, tratavam de esconder-se,—instincto do pobre e do fraco deante da magnificencia, até mesmo impessoal,—e conservavam-se atrás da casinha dos cysnes.

Aqui e alli, de espaço a espaço, quando soprava o vento, ouviã-se confusamente gritos, um rumor, especies de estertores tumultuosós que eram descargas de mosquetaria, estrondos surdos que eram tiros de canhão. Viam-se nuvens de fumaça por cima dos te-

lhados do lado da praça do Mercado. Um sino, que parecia estar chamando, soava ao longe.

Os meninões não mostravam escutar esses rumores. O mais novo repetia de quando em quando, em voz baixa: «Estou com fome»

Quasi no mesmo instante em que alli chegavam os dous pequenos, outro grupo se approximava do tanque. Era um homem de 50 annos que trazia pela mão um menino de seis. Sem duvida pae e filho. O menino tinha na mão um grande bôlo sovado.

Naquelle época, certas casas ribeirinhas, na rua Madame e na do Inferno, tinham uma chave do Luxemburgo, de que se serviam os locatarios quando as grades estavam fechadas, tolerancia supprimida depois. O homem e seu filho vinham sem duvida de uma destas casas.

Os dous pobresinhos viram *esse senhor* approximar-se, e esconderam-se um pouco mais.

Era um burguez. O mesmo talvez que um dia Mario, por entre a sua febre de amor, ouvira, junto daquelle mesmo tanque, aconselhando a seu filho que *evitasse os excessos*. Tinha ar affivel e altivo, e uma bocca que, por se não fechar nunca, sorria sempre. Este sorriso mecanico, produzido por excesso de mandibula e escassez de pelle, mostra os dentes, não a alma. O menino, como seu bôlo do qual já havia tirado uma dentada, mas que não acabava de comer, parecia arrufado. Estava vestido de guarda nacional por causa do motim, e o pae deixára-se ficar á paisana por prudencia.

O pae e o filho tinham parado junto do tanque onde os cysnes faziam as suas evoluções. Este burguez parecia ter pelos cysnes uma admiração especial. Tinha com aquellas aves uma semelhança,—andava como ellas.

Naquelle instante os cysnes nadavam, o que é o seu talento principal, e estavam soberbos.

Se os dous pobrezinhos houvessem applicado o ouvido, e se estivessem em idade de comprehender, teriam sido edificados pelas palavras de um homem grave. O pae dizia para o filho:

—O sabio vive contente com pouco. Olha para mim, meu filho. Eu não gosto da ostentação. Ninguem me

vê nunca com trajos recamados de ouro e pedras preciosas; tenho para mim que este falso esplendor só é proprio das almas mal organisadas.

Neste ponto, os gritos abafados que vinham do lado da praça do Mercado soaram com um augmento de badaladas de sino e de rumor.

—O que é isto? perguntou o menino.

O pae respondeu:

—São as saturnaes.

De repente, avistou os dous pequenos maltrapilhos, immoveis atrás da casinha verde dos cysnes.

—E alli está o principio, disse.

E após um momento de silencio, accrescentou:

—A anarchia entra neste jardim.

Entretanto o menino deu uma dentada no bôlo, deitou fóra o pedaço que havia tirado, e de subito poz-se a chorar.

—Porque choras? perguntou o pae.

—Já não tenho fome, disse o menino.

O sorriso do pae tornou-se mais pronunciado.

—Não é preciso ter fome para comer um bôlo.

—Este bôlo enfada-me. Está duro.

—Então não o queres mais?

—Não.

O pae apontou para os cysnes.

—Pois dá-o a estes palmipedes.

O menino hesitou. Não querer comer um bôlo, não é motivo para dá-lo.

O pae proseguiu:

—Sê humano. Todos devemos ter compaixão dos animaes.

E tirando o bôlo da mão do filho, lançou-o dentro do tanque.

O bôlo cahiu perto da beira.

Os cysnes estavam longe, no centro da bacia, e occupados com alguma presa. Não tinham visto o burguez, nem o bôlo.

O burguez vendo que o bôlo corria risco de perder-se, e receioso desse naufragio inutil, entrou a fazer uma serie de movimentos telegraphicos, que finalmente attrahiram a attenção dos cysnes.

Avistaram elles uma cousa que boiava, viraram de bordo como navios que são, e dirigiram-se lentamen-

te para o bôlo, com a magestade beata que convem a animaes brancos.

—Os cysnes comprehendem os signaes, disse o burguez, contente por ter espirito.

Neste momento o tumulto longinquo da cidade teve ainda um crescimento subito. Desta vez foi sinistro. Ha rajadas de vento que fallam mais distinctamente do que outras. A que então soprava trouxe claramente rufos de tambores, vozerias, fogos de pelotão, e as respostas lugubres do sino e do canhão. Isto coincidiu com uma nuvem negra que cobriu de repente o sol.

Os cysnes não tinham chegado ainda ao bôlo.

—Vamos para casa, disse o pae, estão atacando as Tulherias.

Tornou a pegar na mão do filho. Depois continuou:

—Das Tulherias ao Luxemburgo só ha a distancia que separa a realeza do pariato; o que quer dizer que é bem curto o caminho. Vão chover os tiros de espingarda.

Olhou para a nuvem.

—E talvez mesmo não tarde a cahir chuva: o céu auxilia a insurreição; o ramo mais novo está condemnado. Vamos depressa para casa.

—Eu queria ver os cysnes comer bôlo, disse o menino.

O pae respondeu:

—Seria uma imprudencia.

E arrastou o seu burguezinho.

O filho, saudoso dos cysnes, foi andando com a cabeça voltada para o tanque até que um cotovello dos quincuncios lh'o occultou.

Entretanto, ao passo que os cysnes se approximavam, os dous vagabundozinhos se haviam aproximado do bôlo. Boiava este na agua. O mais novo olhava para elle, o mais velho para o burguez que se retirava.

O pae e o filho entraram no labyrintho de ruas que vae ter á escadaria do cerrado de arvores do lado da rua Madame.

Assim que desapparecêram, o mais velho deitou-se apressadamente de bruços na borda arredondada do tanque, e firmando-se nella com a mão esquerda, in-

clinado para a agua, em risco imminente de cahir, estendeu para o bôlo a vara que tinha na mão direita. Os cysnes, vendo o inimigo, appressaram-se, e apressando-se fizeram um movimento que foi util ao pescadorzinho; a agua, impellida pelo peito dos palmípedes, refluio, e uma das suas ondulações concentricas arrastou o bôlo até junto da varinha. Quando os cysnes chegavam, a vara tocava o bolo. O menino puxou-o vivamente para a borda, assustou os cysnes, apanhou-o, e ergueu-se. O bôlo estava molhado; mas elles tinham fome e sede. O mais velho partiu em dous pedaços, ficou com o menor, deu o maior para o seu irmão, e disse-lhe:

—Manduca isso.

XVII

MORTUUS PATER FILIUM MORITURUM EXPECTAT.

Mario arrojou-se para fóra da barricada. Combeferre seguira-o. Mas já era tarde. Gavroche estava morto. Combeferre apanhou o cesto de cartuchos; Mario tomou o pequeno nos braços.

—Ah! dizia comsigo mesmo, o que o pae fez pelo meu, faço eu agora; Thénardier, porem, salvára a vida a meu pae, e eu apenas transporto nos braços o cadaver de seu filho!

Quando Mario voltou para o reducto com Gavroche nos braços, tinha, como o menino, o rosto alagado de sangue.

No instante em que se abaixára para levantar o cadaver do menino, uma bala lhe roçara a cabeça; elle não o sentira.

Courfeyrac tirou a gravata, e com ella cingiu a testa de Mario.

Puzeram Gavroche em cima da mesa onde estava Mabœuf, e cobriram os dous cadaveres com o chale preto, que era grande bastante para ambos.

Combeferre distribuiu os cartuchos do cesto que trouxera.

Cada homem se achou d'est'arte com polvora para quinze tiros.

João Valjean continuava a estar no seu lugar, immovel em cima da pilastra. Quando Combeferre lhe apresentou os seus quinze cartuchos, abanou a cabeça.

—Ora, ahí temos um sujeito sobremodo singular, disse Combeferre baixinho para Enjolras. Acha meio de não combater nesta barricada.

—O que não o impede de defende-la, respondeu Enjolras.

—O heroismo tem os seus originaes, tornou Combeferre.

E Courfeyrac, que o ouvira, accrescentou:

—É o segundo tomo do pae Mabœuf.

Cumpre, porem, notar, o fogo feito contra a barricada quasi que lhe não perturbava o interior. Os que nunca se viram arrastados pelo turbilhão das guerras deste genero não podem formar a menor idéa dos singulares momentos de tranquillidade que acompanham estas convulsões. Todos andam de um lado para outro, conversam, gracejam, passêam. Uma pessoa que conhecemos ouviu um combatente dizer-lhe no meio da metralha: *Estamos aqui como em um almoco de rapazes.* O reducto da rua da Chanvrerie, repetimo-lo, parecia muito calmo no interior. Todas as peripecias e todas as phases tinham sido ou iam ser terminadas. A posição, de critica, tornára-se ameaçadora, e, de ameaçadora, ia provavelmente tornar-se desesperada. Á medida que a situação se ennevoava, o clarão heroico purpureava cada vez mais a barricada.

Enjolras, grave, a dominava, na attitude de um joven sparciata consagrando o seu gladio nú ao sombrio genio Epidotas.

Combeferre, de avental, pençava os feridos; Bossuet e Feuilly faziam cartuchos com a polvora do polvorinho que Gavroche tirára do cadaver do cabo de esquadra, e Bossuet dizia para Feuilly: *Não tarda que partamos no omnibus para outro planeta;* Courfeyrac collocava em cima de algumas pedras que reservára para si junto de Enjolras a sua bengala de estoque, a espingarda, duas pistolas de cavallaria, e outra

menor, com o cuidado de uma moça que põe em ordem um toucador. João Valjean, silencioso, olhava para a parede que lhe ficava defronte. Um operario atava á cabeça com um barbante um grande chapéu de palha da mãe Hucheloup, *para resguardar-se do sol*, dizia elle. Os mancebos da Cougourde d'Aix, conversavam alegremente uns com os outros, como se quizessem aproveitar a occasião de fallar o seu dialecto pela ultima vez. Joly examinava a lingua no espelho da viuva Hucheloup, que tirára do prego. Alguns combatentes, tendo descoberto pedaços de pão quasi duros, dentro de uma gaveta, comiam-n'os avidamente. Mario estava inquieto pensando no que lhe diria seu pae.

XVIII

O ABUTRE TORNA-SE PRESA.

Insistamos em um facto psychologico proprio das barricadas. Nada do que caracteriza esta assombrosa guerra das ruas deve ser omittido.

Por maior que pareça a estranha tranquillidade interior de que acabamos de fallar, a barricada, para os que se acham dentro della, nem por isso deixa de ser visão.

Ha o que quer que seja do apocalypso na guerra civil, todas as nevoas do desconhecido se ajuntam a estes clarões feroses, as revoluções são esphinges, e quem quer que ha atravessado uma barricada suppõe ter tido um sonho.

O que sentimos em taes lugares, ja o indicamos fallando de Mario, e imos ver as consequencias—é mais e menos do que a vida. Sahindo de uma barricada esquecemo-nos do que la vimos. Fomos terrivelmente intrepidos, e ignoramo-lo. Estivemos cercados de combatentes que tinham rostos humanos; a luz do porvir inundava-nos a frente. Havia cadaveres estendidos no chão e fantasmas em pé. As horas eram co-

lossaes e pareciam horas de eternidade. Vivemos na morte. Passaram sombras. O que seria? Vimos mãos manchadas de sangue; sentíamos um ensurdecimento medonho, reinava também um silencio pavoroso; havia boccas abertas que gritavam, e outras, também abertas, que se calavam; estávamos no meio da fumaça, no meio da noite talvez. Suppomos ter tocado a resudação sinistra das profundezas desconhecidas; olhamos para o que quer que seja vermelho que temos nas unhas. Não nos lembramos de mais nada.

Tornemos á rua da Chanvrerie.

De repente, entre duas descargas, ouviu-se ao longe um sino dar horas.

—É meio-dia, disse Combeferre.

Mal acabavam de soar as doze badaladas, e já Enjolras, erguendo a fronte, bradava do alto da barricada com voz retumbante:

—Levem estas pedras para cima. Guarneçam com ellas o peitoril da janella e os das trapeiras. Metade dos homens ás pedras, a outra metade ás espingardas. Não ha um minuto a perder.

Um pelotão de sapadores bombeiros, de machado ao hombro, acabava de apparecer em ordem de batalha na extremidade da rua.

Isto não podia ser senão uma frente de columna; e de que columna? Evidentemente da de ataque. Porquanto os sapadores bombeiros encarregados de demolir a barricada devem sempre preceder os soldados encarregados de escala-la.

Approximava-se evidentemente o instante que M. de Clermont-Tonnerre, em 1822, chamava a *arrancada*.

A ordem de Enjolras foi executada com a presteza correcta propria dos navios e das barricadas, os dous unicos lugares de combate de onde é impossivel a fuga. Em menos de um minuto, os dous terços das pedras que Enjolras mandára amontoar á porta de Coryntho foram levados para o primeiro andar e para a agua-furtada, e antes que houvesse passado outro minuto, essas pedras, artisticamente postas umas em cima das outras, tapavam até metade da altura a janella do primeiro andar e as trapeiras da agua furtada. Feuilly, principal constructor, deixára ficar

entre as pedras algumas aberturas por onde podiam passar canos de espingarda. Esta fortificação das janellas fizera-se mais facilmente por ter cessado a metralha. As duas peças batiam agora á bala o centro do reducto afim de arromba-lo, e, se fosse possível, abrir-lhe uma brecha para o assalto.

Quando as pedras, destinadas á defesa suprema, se acháram collocadas, Enjolras ordenou que levassem para o primeiro andar as garrafas que tinham sido postas em cima da mesa onde estava Mabœuf.

Quem beberá isto? perguntou-lhe Bossuet.

—Elles, respondeu Enjolras.

Depois fortificaram a janella debaixo, e puzeram á mão todas as trancas de ferro com que de noite se fechava interiormente a porta da taverna.

A fortaleza estava completa. A barricada era o muro, a taverna o reducto.

Com as pedras que ficaram tapou-se a abertura.

Como os defensores de uma barricada veem-se sempre obrigados a poupar as munições, e os assaltantes o sabem, combinam estes os seus movimentos com uma especie de socego exacerbador, expõem-se ao fogo antes de tempo, muito mais na apparencia do que na realidade, e estão á seu commodo. Os apressos de combate fazem-se sempre com certa lentidão methodica; logo depois, o raio.

Esta lentidão deu tempo a Enjolras de tornar a ver tudo e de tudo aperfeiçoar. Tinha para si que uma vez que taes homens iam morrer, a sua morte devia ser sublime.

Disse para Mario:

—Nós dous somos os cheffes. Vou dar as ultimas ordens lá dentro. Fica tu aqui fóra a observar.

Mario postou-se de observação no alto da barricada.

Enjolras mandou pregar a porta da cozinha, que, lembrado como o leitor estará, servia de ambulancia.

—Evitemos que os feridos sejam incommodados, disse.

Deu as ultimas ordens na sala da taverna em voz rapida, mas profundamente tranquillã; Feuilly escutava e respondia em nome de todos.

—Os do primeiro andar armem-se de machados para cortar a escada. Já os teem?

—Já, disse Feuilly.

—Quantos são?

—Dous machados e uma alavanca.

Bem. Nos somos vinte e seis combatentes. Quantas espingardas ha?

—Trinta e quatro.

—Oito de mais. Tenham estas oito espingardas carregadas como as outras e á mão. Sabres e pistola á cinta. Vinte homens na barricada. Seis emboscados nas trapeiras e na janella do primeiro andar para fazer fogo sobre a tropa pelas seteiras das pedras. Não fique neste lugar nenhum trabalhador inutil. Daqui a pouco, quando o tambor tocar a avançada, os vinte de baixo corram á barricada. Os que chegarem primeiro terão os melhores lugares.

Feitas estas disposições voltou-se para Javert, e disse-lhe:

—Deixa estar que não te esqueço.

E, pondo uma pistola em cima da mesa, accrescentou:

—O ultimo que sahir daqui esmigalhará a cabeça a este espião.

—Aqui? perguntou uma voz.

—Não, não misturemos este cadaver com os nossos. A barricada pequena da rua Mondétour póde ser facilmente transposta. Só tem quatro pés de altura. O homem está bem amarrado. Seja levado para alli, e executado.

Alguem, naquelle momento, estava mais impassivel do que Enjolras; era Javert.

João Valjean appareceu então.

Tinha-se conservado no meio do grupo dos insurgentes. Sahiu delle, e disse para Enjolras:

—O senhor é o commandante?

—Sou.

—Ha pouco agradeceu-me....

—Em nome da Republica. A barricada tem dous salvadores, Mario Pontmercy, e tu, cidadão.

—Acha que mereço recompensa?

—De certo.

—Pois bem, peço uma.

—Qual é?

—Quero encarregar-me de matar este homem.

Javert levantou a cabeça, avistou João Valjean, fez um movimento imperceptível, e disse:

—Tem razão.

Quanto a Enjolras, puzera-se a carregar a sua clavinina; volveu os olhos em torno de si:

—Não ha quem reclame?

E voltou-se para João Valjean:

—Cidadão, o filante é teu.

João Valjean, com effeito, tomou posse de Javert sentando-se na beira da mesa. Tomou a pistola, e leve estalido annunciou que elle acabava de arma-la.

Quasi no mesmo instante, ouviu-se um toque de trombeta.

—Alerta! gritou Mario do alto da barricada.

Javert poz-se a rir com esse riso silencioso que lhe era habitual, e olhando fixamente para os insurgentes, disse-lhes:

—Vocês não estão em melhores lenções do que eu.

—Todos fóra! bradou Enjolras.

Os insurgentes precipitaram-se em tumulto, e, ao sahirem,—releve o leitor que assim nos expressemos,

—receberam pelas costas estas palavras de Javert:

—Até já!

XIX

JOÃO VALJEAN VINGA-SE.

Quando João Valjean se achou só com Javert, desatou a corda que o prendia pelo meio do corpo, e cujo nó ficava debaixo da mesa. Depois disto, fez-lhe signal para levantar-se.

Javert obedeceu, com esse indefinivel sorriso em que se condensa a supremacia da autoridade manietada.

João Valjean pegou na *gamarra* como quem pegaria na cabeça de uma besta de carga, e, puxando Javert atrás de si, sahiu da taverna, lentamente, porquanto o preso, com as pernas amarradas, não podia dar senão passos mui curtos.

João Valjean levava a pistola em punho.

Atravessaram assim o trapesio interior da barricada. Os insurgentes, attentos ao ataque imminente, estavam de costas.

Só Mario, que estava postado na extremidade esquerda do reducto, os viu passar. Este grupo do paciente e do algoz apresentou-se-lhe allumiado com a luz sepulchral que elle tinha na alma.

João Valjean, com alguma difficuldade, fez Javert, mesmo amarrado e sem larga-lo um instante, transportar a barricada pequena da viella de Mondétour.

Depois de a terem transposto, acharam-se sós na viella. Já ninguém os via. O cotovello que faziam as casas occultava-os dos insurgentes. Os cadaveres tirados da barricada formavam um montão terrível a alguns passos.

No meio do monte de cadaveres distinguia-se um rosto livido, uma trança desatada, uma mão furada, e um collo de mulher meio descoberto. Era Eponina.

Javert considerou a defunta com um olhar obliquo, e, profundamente calmo, disse em meia voz:

—Perece-me que conheço aquella rapariga.

Depois voltou-se para João Valjean.

Metteu este a pistola debaixo do braço e fitou no preso um olhar que não carecia de palavras para dizer:—Javert, sou eu mesmo.

Javert respondeu:

—Vinga-te.

João Valjean sacou do bolso uma faca de mola e abriu-a.

—Uma faca! exclamou Javert. Tens razão. Isto é mais proprio de ti.

João Valjean cortou a *gamarra* que Javert tinha no pescoço, depois as cordas que lhe atavam os punhos e os pés; e, erguendo-se, disse-lhe:

—Está livre.

Javert não se admirava facilmente. Entretanto, por mais imperio que tivesse sobre si, não pôde deixar de sentir um certo abalo. Ficou boquiaberto e immovel.

João Valjean proseguiu:

—Parece-me que não sahirei mais daqui. Todavia se, por acaso, eu sahir, saiba que moro, debaixo do nome de Cortavento, na rua do Homem-Armado n.º 7.

Javert teve um estremecimento de fêra, que lhe entreabriu um dos cantos da bocca, e murmurou por entre dentes:

—Olha lá!

—Vá-se embora, disse João Valjean.

Javert tornou:

—Tu disseste Cortavento, rua do Homem-Armado?

—Numero 7.

Javert repetiu em meia voz: n. 7.

Tornou a abotoar a sobrecasaca, fez o seu corpo re-assumir a tesura militar, deu uma pequena volta, cruzou os braços encostado o queixo em uma das mãos e poz-se a caminhar para o lado da praça do Mercado. João Valjean seguia-o com os olhos. Depois de ter dado alguns passos, voltou-se, e gritou para João Valjean:

—Aborreço-vos. Matae-me antes.

Javert nem se quer reparava que já não tractava por tú a João Valjean.

—Vá-se embora, disse-lhe este.

Javert afastou-se a passos lentos. Dahi a um momento dobrou o canto dos Pregadores.

Assim que elle desapareceu João Valjean descarregou a pistola no ar.

Depois tornou para a barricada e disse:

—Prompto.

No entrementes, eis o que se tinha passado.

Mario, mais occupado do interior do que do exterior, não olhára até alli attentamente para o espião amarrado no fundo escuro da sala da taverna.

Quando o viu á luz do sol, saltando a barricada para ir morrer, reconheceu-o. Acudiu-lhe ao espirito uma súbita lembrança. Lembrou-se do inspector da rua de Pontoise, e das duas pistolas que elle lhe emprestára e de que, elle Mario, se servira naquella mesma barricada; e não só se lembrou das feições, como tambem do nome.

Esta lembrança, porem, era vaga e confusa como todas as suas idéas. Não fez a si mesmo uma affirmacão, senão uma pergunta:—Não será aquelle homem o inspector de policia que me disse chamar-se Javert?

Não seria ainda tempo de intervir em favor daquelle homem? Mas cumpria saber primeiro se era comefeito Javert.

Mario interrogou Enjolras que acabava de postar-se na outra extremidade da barricada:

—Enjolras!

—O que é?

—Como se chama aquelle homem?

—Que homem?

—O agente de policia. Sabes o seu nome?

—Sei, sim. Elle no-lo disse.

—Então como se chama?

—Javert.

Mario estremeceu.

Neste momento ouviu-se o tiro de pistola.

João Valjean tornou a apparecer e gritou: prompto.

Mario sentiu um frio de neve coar-se-lhe no coração.

XX

OS MORTOS TEEM RAZÃO E OS VIVOS NÃO DEIXAM DE A TER.

A agonia da barricada ia começar.

Tudo concorria para a magestade tragica deste momento supremo; mil estrepitos mysteriosos, o surdo rumor das massas armadas a moverem-se em ruas que se não viam, o galope intermittente da cavallaria, o pesado rodar das peças de artilharia em marcha, os fogos de pelotão e os canhões cruzando-se no dedalo de Pariz, a fumaça da batalha subindo toda dourada acima dos telhados, uns gritos longinquos vagamente terriveis, ameaças fulgurando por toda a parte, o toque de rebate do sino de Saint-Merry que agora tinha um som soluçoso, a brandura da estação, o esplendor do céu cheio de sol e de nuvens, a belleza do dia e o pavoroso silencio das casas.

Porquanto, desde a vespera, os dous renques de casas da rua da Chanvrerie se tinham transformado em dous muros; muros inexoraveis. Portas, janellas, postigos, tudo estava fechado.

Nesses tempos, tam differentes dos em que ora estamos, quando chegava o momento de o povo pôr termo a

uma situação que havia durado de mais, a uma carta outorgada ou a um paiz legal, quando a cholera universal se diffundia na atmosphera, quando a cidade consentia no arrancamento das suas calçadas, quando a insurreição fazia sorrir a burguezia, dizendo-lhe ao ouvido o seu santo, então o habitante, por assim dizer, saturado de motim, era o auxiliar do combatente, e a casa fraternisava com a fortaleza improvisada que nella se apoiava. Quando a situação não estava madura, quando a insurreição não era decididamente applaudida, quando a massa desapprovava o movimento, ai dos combatentes! a cidade mudava-se em deserto em torno da revolta, as almas gelavam-se, os asylos muravam-se e a rua se transformava em desfiladeiro para ajudar o exercito a tomar a barricada.

Ningnem faz marchar o povo por sorpresa mais depressa do que elle quer. Ai do que tenta violenta-lo! Um povo não se deixa arrastar. Em tal caso abandona a insurreição a si mesma. Os insurgentes são tidos como empestados. Uma casa é um despenhadeiro, uma porta é uma repulsa, uma fachada é um muro. Este muro vê, ouve e não quer. Podia entre-abrir-se e salvar-te. Mas não. É um juiz. Olha-te e condemna-te. Que sombria cousa que são essas casas fechadas! Parecem mortas, e estão vivas. A vida que nellas está como suspensa, alli persiste. Ninguem dalli sahiu ha vinte e quatro horas, mas ninguem falta. No interior dessa rocha os moradores andam de um para outro lado, deitam-se, levantam-se; estão em familia: bebem e comem; teem medo, cousa terrivel! O medo desculpa essa inhospitalidade horrivel; ajunta-lhe o susto, circumstancia attenuante. Até as vezes, e isto se tem visto, o medo muda-se em paixão; o temor póde transformar-se em furia, bem como a prudencia em ira; dahi estas palavras tam cheias de verdade:—*os damnados dos moderados*. Ha conflagrações de terror supremo, de que sahe, como uma fumaça lugubre, a colera. O que quer esta gente? Nunca estão contentes. Compromettem os homens pacificos. Pois são ainda poucas as revoluções que temos tido! O que veem fazer aqui? Agora tirem-se da entalladela. Tanto peor para elles. A culpa é sua. Soffram as consequencias da sua imprudencia. Isso não nos diz res-

peito. Ah! está a nossa pobre rua crivada de balas. É uma casula de maltrapilhos. Cuidado! ninguém abra a porta. E a casa assume um aspecto de tumulto. O insurgente diante dessa porta agonisa; vê chegar a metralha e as espadas desembainhadas; se grita, sabe que o escutam, mas que ninguém acudirá; ha alli paredes que poderiam protegê-lo, homens que poderiam salva-lo: e essas paredes teem ouvidos de carne, e esses homens teem entranhas de pedras.

Quem deve ser accusado?

Ninguém e todos.

Os tempos incompletos em que vivemos.

É sempre correndo todos os riscos e perigos que a utopia se transforma em insurreição, e de protesto philosophico se transforma em protesto armado, e de Minerva em Pallas. A utopia que se impacienta e torna motim sabe o que a espera; o mais das vezes apresenta-se antes de tempo. Então resigna-se, e aceita estoicamente, em vez do triumpho, a catastrophe. Serve, sem queixar-se, e até mesmo desculpando áquelles que a renegam, e a sua magnanimidade está em consentir no abandono. É indomavel contra o obstaculo e docil para com a ingratitude.

E na realidade, será isso ingratitude?

É pelo que toca ao genero humano.

Não é, relativamente ao individuo.

O progresso é o modo do homem. A vida geral do genero humano chama-se progresso; o passo colectivo do genero humano chama-se igualmente Progresso; o progresso marcha; faz a grande viagem humana e terrestre para o celeste e o divino; tem seus pontos de parada onde reune o rebanho demorado; tem estações onde medita, ante alguma Chanaan esplendida, descobrindo de repente o seu horisonte; tem as suas noites em que dorme; e é uma das pungentes anxiedades do pensador ver a escuridão envolver a alma humana, e tocar no meio das trevas, sem poder despertar-lo, o progresso adormecido.

—*Talvez Deus esteja morto*, dizia um dia a quem escreve estas linhas Gerardo de Nerval, confundindo o progresso com Deus, e tomando a interrupção do movimento pela morte do Ente.

Quem desespéra procede mal. O progresso desper-

ta infallivelmente, e, em summa, poderia dizer-se que elle caminha mesmo adormecido, porquanto tem tido incremento. Quando tornamos a vê-lo de pé, achamo-lo maior. Estar sempre tranquillo é cousa tam impossivel ao progresso como ao rio; não lhe ponhaes impecilhos, não lhe lanceis dentro um rochedo; o obstaculo faz a agua espumar e a humanidade agitar-se. Dahi perturbações; mas depois destas perturbações reconhece-se que houve avanço. Emquanto a ordem, que não é outra cousa senão a paz universal, não se achar estabelecida, emquanto não reinarem a harmonia e a unidade, o progresso terá revoluções por marchas.

O que vem a ser pois o progresso? Acabamos de dizê-lo:—a vida permanente dos povos.

Ora, acontece ás vezes que a vida momentanea dos individuos se acha em antagonismo com a vida eterna do genero humano.

Confessemos-lo, sem resentimento, o individuo tem o seu interesse distincto, e pôde sem culpa transigir com elle e defendê-lo; o presente tem o seu tanto perdoavel de egoismo; a vida momentanea tem o seu direito, e não é obrigada a sacrificar continuamente ao futuro. A geração, que por seu turno passa actualmente pela terra, não é forçada a apressar-se por amor das gerações, suas eguaes na realidade, que hão de vir mais tarde.—Eu existo, murmura esse alguem que se chama todos. Sou moço e amo, sou velho e quero descansar, sou pae de familia, trabalho, prospero, faço bons negocios, tenho casas para alugar, sou credor do Estado, sou feliz, tenho mulher e filhos, amo tudo isto, desejo viver, deixae-me em paz—Dahi, em certas horas, um frio profundo sobre as magnanimas vanguardas do genero humano.

Demais, a utopia, reconheçamo-lo, sahe da sua esphera radiosa fazendo a guerra. Ella, a verdade de amanha, lança mão do mesmo meio que a mentira de hontem, a batalha. Ella, o futuro, procede como o passado. Ella, a idéa pura, muda-se em via de factq. Complica o seu heroismo com uma violencia pela qual é justo que responda; violencia de occasião e de expediente, contraria aos principios, e de que é fatalmente punida. A utopia—insurreição combate com

o antigo código militar na mão; arcabuzos os espiões, executa os traidores, aniquila entes vivos e arremessa-os ás trevas desconhecidas. Serve-se da morte, cousa grave. Dissereis que a utopia já não tem fé no esplendor, sua força irresistível e incorruptível. Fere com o ferro. Ora nenhum ferro é simples. Toda a espada tem dous gumes; quem fere-se com um fere-se no outro.

Feita esta reserva e feita com toda a severidade, é nos impossivel deixar de admirar, quer vençam, quer não, os gloriosos combatentes do porvir, os confessores da utopia. Mesmo quando succumbem são veneraveis, e é talvez no máu exito que teem mais magestade. A victoria, quando conforme ao progresso, merece o applauso dos povos; mas uma derrota heroica deve conciliar a sua compaixão. Uma é magnífica, a outra é sublime. Para nós, que preferimos o martyrio ao triumpho, John Brown é maior do que Washington, e Pisacane maior do que Garibaldi.

Releva que alguém seja pelos vencidos.

São injustos para com estes grandes perlustradores do futuro quando elles naufragam.

Accusam os revolucionarios de espalhar o terror. Toda a barricada parece um attentado. Censuram as suas theorias, desconfiam do fim que se propoem, temem o seu pensamento reservado, denunciam a sua consciencia. Exprobram-lhes o levantar, ajuntar e acervar contra o facto social reinante montões de misérias, de dôres, de iniquidades, de aggravos, de desesperos, e de arrancar das camadas inferiores pedaços de trevas para nelles se fortificarem e combaterem. Bradam-lhes: Vós descalçaes o inferno! Elles poderiam responder: É por isso que a nossa barricada é feita de boas intenções.

A solução pacifica é por sem duvida melhor. Em summa, confessemos-lo, quem vê a pedra lembra-se do urso, e a sociedade inquieta-se com o serviço que lhe querem prestar. Mas da propria sociedade depende a sua salvação, é para a sua propria boa vontade que appellamos. Não é necessario nenhum remedio violento. Estudar o mal amigavelmente, conhecê-lo bem, depois cura-lo. Convidamo-la a fazer isto.

Como quer que seja, esses homens que em todos os

pontos do universo, com os olhos fitos na França, lutam pela grande obra com a logica inflexivel do ideal, são augustos, ainda quando derrotados, e sobretudo quando derrotados; sacrificam a sua vida ao progresso, executam a vontade da Providencia; praticam um acto religioso. Em chegando a hora, com tanto desinteresse como o actor a quem cabe a vez de fallar, obedecendo ao senario divino, entram no tumulo. E esse combate sem esperanza, e essa desaparição estoica, aceitaram-n'os para que o magnifico movimento humano irresistivelmente começado a 14 de julho de 1789 produza as suas esplendidas e supremas consequencias universaes; estes soldados são sacerdotes. A revolução franceza é um effeito de Deus.

Demais, ha (e convem ajuntar esta distincção ás já indicadas em outro capitulo), ha as insurreições aceitas que se chamam revoluções, e as revoluções reprovadas que se chamam motins. Toda a revolução que arrebenta é uma idéa que faz acto perante o povo. Se o povo deixa cahir a sua esphera preta, a idéa é fructo secco; a insurreição é temeridade.

A entrada em guerra á menor intimação, e todas ás vezes que a utopia o deseja, não é proprio dos povos. As nações não teem sempre e a toda a hora a compleição dos heróes e dos martyres.

São positivas. A priori, a insurreição repugna-lhes; primeiro, porque traz sempre em resultado uma catastrophe, depois porque tem sempre por ponto de partida uma abstracção.

Porquanto, e isto é bello, é sempre pelo ideal e só pelo ideal que se arriscam os que se sacrificam. Toda a insurreição é um enthusiasmo. O enthusiasmo póde enfurecer-se; dahi os armamentos. Mas toda a insurreição que quer derribar um governo ou um regimen põe mais alto a mira. Assim, por exemplo, insistamos nisto, o que combatiam os cheffes da insurreição de 1832, e em particular os jovens enthusiasmas da rua da Chanvrerie, não era precisamente Luiz-Phelippe. A maior parte, conversando com o coração nas mãos, fazia justiça ás qualidades desse rei que participava da monarchia e da revolução; nenhum o odiava. Mas atacava em Luiz Filippe o ramo mais novo do direito divino assim como havia atacado o ramo

mais velho em Carlos X: e o que queria derribar derribando a realza em França, já o explicamos, era a usurpação do homem pelo homem, e a do direito pelo privilegio em todo o universo. Pariz sem rei tem como repercussão o mundo sem despotas. Assim raciocinavam elles. O seu fim era remoto, sem duvida, vago talvez, e recuava ante o esforço, mas era grande.

Isto é assim. E sacrificam-se por estas visões, que, para os sacrificados, são quasi sempre illusões, mas illusões ás quaes, em summa, ajunta-se toda a certeza humana. O insurgente poetisa e doura a insurreição. Lançam-se nestas cousas tragicas embriagando-se com o que vão fazer. Quem sabe? talvez sejam bem succedidos. O numero é pequeno; tem contra si um exercito inteiro, mas defendem o direito, a lei natural, a soberania de cada um sobre si mesmo que não tem abdicção possível, a justiça, a verdade, e, se é preciso, morrem como os trezentos sparciatas. Ninguém pensa em D. Quixote, mas em Leonidas. E avançam; e, uma vez embarcados, não recuam mais, e precipitam-se cegamente, tendo por esperança uma victoria sublime, a revolução completada, o progresso posto em liberdade, o engrandecimento do genero humano, a redempção universal, e por cumulo de infortunio as Thermopylas.

Estas revoltas em prol do progresso naufragam muitas vezes, e acabamos de o dizer porque. A multidão é indocil ao arrastamento dos paladinos. As pesadas massas, as multidões, frageis por causa do seu proprio peso, temem as aventuras; e ha aventura no ideal.

Além disto, não o esqueçam, ahí estão os interesses, pouco amigos do ideal e do sentimental. A's vezes o estomago paralysa o coração.

A grandeza e a formosura da França estão em ter ella menos ventre que os outros povos; cinge mais facilmente os seus rins com a corda. É a primeira que desperta, a ultima que adormece. Marcha na frente. É a exploradora.

Isto provem della ser artista.

O ideal não é outra cousa senão o ponto culminante da logica, assim como o bello nada mais é do que a eminencia da verdade. Os povos artistas são egual-

mente os povos consequentes. Amar a belleza é ver a luz. Dahi vem que o facho da Europa, isto é, a civilização, foi primeiro agitado pela Grecia, que o passou á Italia, a qual o passou á França. Divinos povos exploradores! *Vitæ lampada tradunt.*

Cousa admiravel, a poesia de um povo é o elemento do seu progresso. A somma de civilização mede-se pela somma de imaginação. Todavia, um povo civilizador deve conservar-se varonil. Corintho, sim; Sybaris, não. Quem se effemina deprava-se. Cumprir não ser *dilettante*, nem *virtuoso*; mas importa ser artista. Em materia de civilização, o que releva não é requintar, mas sim sublimar. Satisfeita esta condição, dá-se ao genero humano o modelo do ideal.

O ideal moderno tem o seu typo na arte, e o seu meio na sciencia. É pela sciencia que ha de realisar-se esta visão augusta dos poetas: o bello social. O Eden será restaurado por A + B. No ponto a que é chegada a civilização, o exacto é um elemento do esplendido, e o sentimento artistico é não só servido, mas até completado pelo orgão scientifico; o sonho deve calcular. A arte, que é o conquistador, deve ter por ponto de apoio a sciencia, que é o caminheiro. Cumprir attender ao vigor da cavalgada. O espirito moderno é o genio da Grecia tendo por vehiculo o genio da India: Alexandre em cima do elephante.

As raças petrificadas pelo dogma ou desmoralizadas pelo lucro são improprias para guiar a civilização. A genuflexão deante do idolo ou deante da moeda atrophia o musculo que anda e a vontade que vae. A absorpção hieratica ou mercantil amesquinha o esplendor de um povo, abaixa o seu horisonte abaixando-lhe o nivel, e tira-lhe a intelligencia ao mesmo tempo humana e divina do fim universal que crêa as nações missionarias. Babylonia, Carthago, não teem ideal. Athenas e Roma teem e conservam-n'o, mesmo através a caliginosa noite dos seculos, aurcolas de civilização.

A França é da mesma qualidade de povo que a Grecia e a Italia. É atheniense pelo bello e romana pelo grande. Além disto é boa. Dá-se. Mais a miudo que os outros povos, compraz-se na dedicação e no sacrificio. Todavia, esta disposição de animo é in-

constante. E dahi o grande perigo para os que correm quando ella quer andar, ou que andam quando ella quer estar parada. A França tem as suas recahidas de materialismo, e, em certos instantes, as idéas que obstruem esse cerebro sublime nada mais tem que lembre a grandeza franceza, e são da dimensão de um Missouri ou de uma Carolina do Sul. O que fazer? A gigante representa de anã; a immensa França tem seus caprichos de pequenez. Nada mais.

A isto não ha que dizer. Os povos, bem como os astros, têm o direito de eclipse. E tudo é para bem, uma vez que a luz volte e que o eclipse não degenerere em noite Aurora e resurreição são synonymos. A reaparição da luz é identica á persistencia do *eu*.

Averiguemos estes factos com calma. A morte na barricada, ou o tumulto no desterro, é, para a dedicação, um ensejo aceitavel. O verdadeiro nome da dedicação é—desinteresse. Que os abandonados se deixem abandonar, que os desterrados se deixem desterrar, e limitemo-nos a supplicar aos grandes povos que não recuem demasiado, quando recuam. Cumpre que, sob pretexto de volta á razão, não vão muito longe na descida.

A materia existe, o momento existe, existem os interesses, existe o ventre; mas o ventre não deve ser a unica sabedoria. A vida momentanea tem o seu direito, nós o admittimos, mas a vida permanente tem tambem o seu. Ah! por ter subido, ninguem está livre de cahir. Vê-se isto na historia mais a miudo do que fôra para desejar. Uma nação é illustre; saboreia o ideal, depois morde a lama, e acha a lama boa; e se lhe perguntam porque abandona Socrates por Falstaff, ella responde:—E porque gosto dos homens de Estado.

Ainda uma palavra antes de tornarmos á peleja.

Uma batalha como a que narramos neste momento não é outra cousa senão uma convulsão para o ideal. O progresso embaraçado é doente, e tem destas tragicas epilepsias. Esta doença do progresso, a guerra civil, encontramos-la no nosso caminho. E' uma das phases fataes, ao mesmo tempo acto e entre-acto, deste drama cuja principal personagem é um reprobo social, e cujo titulo verdadeiro é: *O Progresso*.

O progresso !

Este grito que soltamos a miudo é todo o nosso pensamento; e, no ponto deste drama em que estamos, a idéa que elle contém tendo de passar ainda por mais de uma prova, talvez nos seja permittido, quando não levantar-lhe o véu, ao menos deixar transparecer sem nuvens o seu clarão.

O livro que o leitor tem deante dos olhos neste momento, é—de principio a fim, no seu todo e em cada uma das suas partes, quaesquer que sejam as intermittencias, as excepções ou as frouxidões,—a marcha do mal para o bem, do injusto para o justo, do falso para o verdadeiro, da noite para o dia, do appetite para a consciencia, da podridão para a vida, da bestialidade para o dever, do inferno para o céu, do nada para Deus. Ponto de partida: a luz; ponto de chegada: a alma. Hydra a principio, anjo por fim.

XXI

OS HERÓES.

De repente o tambor tocou a vançar.

O ataque foi qual furacão. Na vespera, no meio do escuro, a tropa aproximara-se da barricada silenciosamente como uma giboia. Agora, á luz do dia, naquella rua aberta, a surpresa era decididamente impossivel: demais, a violencia manifestára-se, o canhão havia começado a rugir, o exercito arrojára-se á barricada. A furia era agora habilidade. Uma forte columna de infantaria de linha, entremeiada por intervallos eguaes de guardas nacionaes e de municipaes a pé, e apoiada em massas profundas das quaes só se ouviam os passos, desembocou na rua a marche-marche, aos toques de tambor e de trombeta, caladas as baionetas, com os sapadores na frente, e, imperturbavel no meio dos projectis, veio a dar de encontro á barricada com o peso de uma trave de bronze batendo em um muro.

O reducto resistiu.

Os insurgentes fizeram fogo impetuosamente. A bar-

ricada escalada apresentou uma juba de fogo. O assalto foi tam desesperado que em um instante achou-se ella inundada de assaltantes; mas sacudiu os soldados como o leão sacode os cães, e não se cobriu de sitiante senão como a ribanceira de espuma, para tornar a apparecer pouco depois, escarpada, negra e formidavel.

A columna, forçada a recuar, ficou formada no meio da rua, a descoberto, mas terrivel, e respondeu ao reducto com uma descarga medonha. Os que teem visto fogos artificiaes devem lembrar-se desse molho formado de raios que se cruzam e a que chamam girandola. Afigure-se o leitor essa girandola, não já vertical, mas horisontal, levando uma bala, um quarto ou um biscainho na ponta de cada um dos seus jorros de fogo, e derramando a morte nos seus astilhos de trovões. A barricada estava por baixo.

De ambos os lados egual resolução. Abrevura alli era quasi barbara e complicava-se com uma especie de felicidade heroica que começava pelo sacrificio de cada um. Era a época em que qualquer guarda nacional se batia como um zuavo. A tropa queria acabar com aquillo; a insurreição queria lutar. A aceitação da agonia, quando somos moços e cheios de saude, faz da intrepidez um phrenesi. Cada um nesta peleja tinha a grandeza da hora suprema. A rua alastrou-se de cadaveres.

Em uma das extremidades da barricada estava Enjolras, na outra Mario. Enjolras como commandante e responsavel, poupava-se e abrigava-se; tres soldados caíram um após outro por baixo da sua amêa sem o terem sequer avistado; Mario combatia a descoberto. Offerecia-se como alvo. Apresentava mais de metade do corpo acima do muro da barricada. Não ha prodigo tam extraordinario como um avarento a quem dá para gastar; não ha homem tam temivel na acção como um scismador. Mario era formidavel e estava pensativo. Achava-se na batalha como em um sonho. Parecia um fastasma a dar tiros.

Os cartuchos dos assediados consumiam-se; os seus sarcasmos não. No turbilhão do sepulcro em que se achavam riam-se.

Courfeyrac estava com a cabeça descoberta.

—Que é feito do teu chapéu? perguntou-lhe Bos-suet.

Courfeyrac respondeu:

—Arrancaram-m'o á força de tiros de peça.

Ou senão diziam cousas altivas:

—Já viram, exclamava amargamente Feuilly, o proceder destes homens (e citava os nomes, nomes conhecidos, até mesmo celebres, alguns do antigo exercito), que nos prometteram ajuntar-se a nós, que juraram ajudar-nos, que nos deram a sua palavra de honra, e que, nossos generaes, assim nos abandonam?!

E Courfeyrac limitava-se a responder com grave sorriso:

—Ha pessoas que observam as regras da honra como os astrónomos as es-trellas, de muito longe.

O interior da barricada estava de tal modo semeado de pedaços de cartuchos que se diria que alli havia nevado.

Os assaltantes tinham por si o numero, os insurgentes a posição. Estavam no alto de um muro, e fulminavam á queima-roupa os soldados que tropeçavam nos mortos, nos feridos e no talude da barricada. Esta, construida como estava e admiravelmente contramurada, era verdadeiramente uma dessas situações em que um pugilo de homens impõe respeito a uma legião. Entretanto, reformando sempre as suas fileiras e engrossando sob a chuva de balas, a columna de ataque approximava-se inexoravelmente, e agora, pouco a pouco, passo a passo, mas com segurança, o exercito apertava a barricada como a rosca o lagar.

Os assaltos repetiram-se. O horror foi crescendo.

Travou-se então naquella montão de pedras, narua da Chanvrerie, uma luta digna de um muro de Troia. Esses homens pallidos, esfarrapados, fatigados, que não comiam havia vinte e quatro horas, que não tinham dormido, que não tinham já senão alguns tiros que dar, que apalpavam os bolsos vazios de cartuchos, quasi todos feridos, cingido o braço ou a cabeça com um panno de linho manchado de sangue ennegrecido, o facto cheio de buracos de onde corria o sangue, mal armados de ruins espingardas e de sabres cheios de dentes, tornáram-se Titães. A barricada foi dez

vezes investida, assaltada, escalada, e não lograram toma-la.

Para ter uma idéa desta luta, imagine o leitor um acervo de coragens terriveis a que se deitou fogo, e supponha que contempla o incendio. Não era um combate, senão o interior de uma fragua; alli as boccas respiravam chaminas, os rostos eram extraordinarios, A fórma humana parecia alli impossivel, os combatentes fulguravam, e era cousa formidavel ver moverem-se no meio desta fumaça avermelhada aquellas salamandras da peleja. Renunciamos pintar as scenas successivas e simultaneas dessa carnificina magestosa. Só a epopéa tem o direito de encher doze mil versos com uma batalha.

Era o inferno do hrahamismo, o mais medonho dos desasete abysmos, que o Veda chama a Floresta das Espadas.

Batiam-se corpo a corpo, pé contra pé, a tiros de pistola, a golpes de sabre, a murros, de longe, de perto, de cima, debaixo, por todos os lados, do telhado da casa, das janellas da taverna, das frestas da adega onde alguns se tinham abrigado. Era um contra sessenta. A fachada de Coryntho, quasi demolida, tinha um aspecto hediondo. A janella crivada de metralha, perdêra vidros e caixilhos e ja não era senão um rombo informe, tumultuosamente tapado com pedras. Bossuet foi morto; Feuilly foi morto; Courfeyrac foi morto; Joly foi morto; Cambeferre, traspassado por tres baionetadas no peito, no momento em que levantava um soldado ferido, só teve tempo de olhar para o céu, e expirou.

Mario, sempre combatendo, estava tam crivado de feridas, particularmente na cabeça, que o sangue lhe inundava o rosto e parecia ter a cara coberta com um lenço vermelho.

Enjolras era o unico que não estava ferido. Quando se via desarmado estendia a mão á direita ou á esquerda, e algum dos insurgentes lhe apresentava uma arma qualquer. Ja não tinha senão um pedaço da sua quarta espada; mais uma do que Francisco I, em Marignano.

Homero diz: «Diomedes degolla Axylo, filho de Tenthranis, que habitava na feliz Arisba; Euryalo, filho

de Mecisteu, extermina Dresos e Opheltios. Esepo, e esse Pedaso que a nayade Abarbarea concebeu do irreprehensivel Bucolionte; Ulysses derruba Pidyto de Percose; Antiloquo, Ablero; Polypetes, Astyalo; Polidamente, Otos de Cyllene; e Teucro Aretaonte. Meganthios morre ás lançadas que lhe vibra Euripylo. Agamemnão, rei dos heróes, deita por terra Elatos nascido na cidade escarpada que é banhada pelo sonoro rio Satnois.» Nos nossos antigos poemas de Gestes, Esplandiano ataca com um bisegre de fogo o marquez gigante Suantiboro, que se defende arremecendo-lhe as torres que arranca dos seus alicerces. As nossas antigas pinturas muraes a fresco mostram-nos os dous duques de Bretanha e de Bourbon, armados, adornados de braços e timbres de guerra, a cavallo e investindo-se, de barcha d'armas na mão, mascarados de ferro, com grevas e guantes, um ajaezado de arminho, o outro coberto de azul; Bretanha com o seu leão entre as duas pontas da corôa, Bourbon com um capacete da fórmula de uma monstruosa flor de liz com viseira. Mas para ser soberbo não é preciso trazer, como Yson, o morrião ducal, ter em punho, como Esplandiano, uma chamma viva, ou como Phylato, pae de Polydamante, ter trazido de Esphyro uma boa armadura, presente do rei dos homens Eupheto; basta que cada um dê a sua vida por uma convicção ou por uma lealdade. O soldadinho Candido, ainda hontem campones da Beauce ou do Limousin, que roda, com o chifarote ao lado, em torno das aias de meninos no Luxemburgo, o estudante pallido inclinado para uma peça de anatomia ou para um livro, louro adolescente que faz a barba com uma tesoura, se os tomardes ambos ao mesmo tempo, se lhes despertardes o sentimento do dever, se os puzerdes defronte um do outro no largo de Boucherat ou na betesga Blanche-Mibray, e que um combata pela sua bandeira, e o outro pelo seu ideal, imaginando ambos que combatem pela patria; a luta será colossal; e a sombra que farão, no grande campo epico onde se debate a humanidade, esse recruta e esse estudantinho de cirurgia egualará a que lança Megaryonte, rei da Lycia cheia de tigres, arcando com o immenso Ajax, rival dos deuses.

XXII

PASSO A PASSO.

Quando nas duas extremidades da barricada só se acharam dous cheffes vivos, Enjolras e Mario, o centro, que por tanto tempo haviam sustentado Courfeyrac, Joly, Bossuet, Feuilly e Combeferre, recuou. O canhão, bem que não abrisse brecha accessivel, havia chanfrado largamente o meio do reducto; neste ponto, o alto do muro cedêra ao embate das balas e cahira; e os destroços, accumulando-se, quer no exterior, quer no interior, haviam finalmente formado, de ambos os lados da barricada, duas especies de taludes, um do lado de fóra, outro do lado de dentro. O talude exterior offerecia aos assaltantes um plano inclinado.

Tentaram por alli um supremo assalto, que teve bom exito. A massa irriçada de baionetas e avançando de corrida chegou irresistivel, e a espessa frente de batalha da columna de ataque appareceu por entre a fumaça no alto do reducto. Desta vez estava tudo acabado. O grupo de insurgentes que defendia o centro recuou em confusão.

Então despertou-se em alguns o sombrio amor da vida. Vendo aquella floresta de espingardas apontadas para elles, muitos não quizeram morrer. É este um momento em que o instincto da conservação solta rugidos e em que a besta reapparece no homem. Estavam elles arrimados á alta casa de seis andares que formava o fundo do reducto. Esta casa podia ser a salvação. Achava-se trancada e como que murada de alto abaixo. Antes que a tropa de linha penetrasse no interior da barricada, uma porta poderia, com a rapidez do relampago, abrir-se e fechar-se, e a porta dessa casa, aberta de repente e para logo fechada, seria a vida para aquelles desesperados. Do outro lado da casa, havia ruas, a fuga possivel, o espaço. Entraram a bater na porta com as coronhas das espingardas e com os pés, gritando, chamando, supplicando, de mãos postas. Ninguém a abriu. Da trapeira do terceiro andar, a cabeça morta os contemplava.

Mas Enjolras e Mario, e sete ou oito que se lhestinham reunido, haviam corrido para elles e os protegiam. Enjolras bradára para os soldados: «Não avancem!» e como um official não obedecesse, Enjolras matára-o. Achava-se agora no pateosinho interior do reducto, encostado á casa de Coryntho, com a espada em uma mão, a clavina na outra, guardando a porta aberta e repellindo os assaltantes gritou para os desesperados: «Só ha uma porta aberta. Esta.» E, cobrindo-os com o seu corpo, affrontando sozinho um batalhão, fê-los passar por detrás de si. Todos se precipitaram. Enjolras executando com a clavina, que agora empregava como bengala, o que os jogadores de páu chamam molinete, abaixou as baionetas que o acommettiam de todos os lados, e entrou por ultimo; e deu-se então uma lucta horrivel, os soldados querendo entrar, os insurgentes querendo fechar a porta. Enfim fecharam-n'a com tal impeto, que os cinco dedos de um soldado que se agarrava á hobreira alli ficaram esmigalhados e agarrados.

Mario ficára do lado de fóra. Um tiro de espingarda acabava de quebrar-lhe a clavícula; sentiu que desmaiava e que cahia. Nesse momento, com os olhos já fechados, sentiu o contacto de uma mão vigorosa que o agarrava, e o desmaio, no qual perdeu o accordo,

deixou-lhe apenas tempo para este pensamento unido à suprema lembrança de Cosetta:—Estou prisioneiro. Vou ser arcabusado.

Enjolras, não vendo Mario entre os que se haviam refugiado na taverna, teve o mesmo pensamento. Mas estavam nesse instante em que cada um só tem tempo de pensar na sua propria morte. Enjolras poz a tranca de ferro na porta, aferrolhou-a, e deu duas voltas á fechadura e ao cadeado, ao passo que batiam furiosamente do lado de fóra, os soldados a coronhadas, os sapadores a machadadas. Os assaltantes achavam-se amontoados deante dessa porta. Era o ataque da taverna que começava agora.

Os soldados, digamo-lo, estavam desesperados.

A morte do sargento de artilharia irritára-os, e além disto, cousa mais funesta, durante as poucas horas que haviam precedido o ataque, tinham espalhado por entre as suas fileiras o boato de que os insurgentes mutilavam os prisioneiros, e que havia na taverna o cadaver de um soldado sem cabeça. Este genero de rumor fatal é o acompanhamento ordinario das guerras civis, e foi um falso boato desta especie que causou depois a catastrophe da rua Transnonain.

Quando a porta se achou trancada, Enjolras disse para os outros:

—Vendamos caro as nossas vidas.

Depois chegou-se para a mesa em cima da qual jaziam Mabeuf e Gavroche. Viam-se por baixo do panno preto dous vultos direitos e intiriçados, um grande, outro pequeno, e os dous rostos desenhavam-se vagamente por sob as frias dobras do sudario. Uma mão sahia debaixo do panno e pendia para o chão. Era a do velho.

Enjolras inclinou-se e beijou essa mão veneravel, do mesmo modo que na vespera lhe beijára a fronte.

Eram os dous unicos beijos que elle havia dado em toda a sua vida.

Resumamos. A barricada luctára como uma porta de Thebas; a taverna luctou como uma casa de Saragoça. Estas resistencias são desabridas. Não se dá quartel. Não ha parlamentarismo possivel. Todos estão promptos a morrer comtanto que matem. Quando Suchet diz: «Capitulae—, Palafox responde:—De-

pois da guerra a tiros de canhão, a guerra a facadas. Nada faltou ao assalto da taverna de Hucheloupe: nem as pedras chovendo do telhado e da janella em cima dos assaltantes e enfurecendo os soldados com horrosos esmagamentos, nem os tiros dados das trapeiras e de dentro da adega, nem a furia do ataque, nem o desespero da defesa, nem emfim, quando a porta cedeu, as demencias phreneticas da exterminação. Os assaltantes precipitando-se na taverna, tropeçando nas almofadas da porta arrombada e lançada ao chão, não encontraram um só combatente. A escada de caracol, cortada a golpes de machado, jazia no meio da sala, alguns feridos acabavam de expirar, todos quantos não haviam morrido estavam no primeiro andar, e d'alli pela abertura do tecto que fôra a entrada da escada rebentou um fogo terrifico. Empregavam os ultimos cartuchos. Depois destas descargas, quando esses temiveis agonisantes se acharam sem polvora, nem bala, cada um tomou duas das garrafas que Enjolras reservára o de que já fallámos, e resistiram á escalada com essas maçãs horivelmente frageis. As garrafas estavam cheias de agua forte. Narramo-las taes quaes são estas cousas sombrias da matança. O assalto faz armas de tudo. O fogo artificial não deshonrou Archimedes, o pez a ferver não deslustrou Bayardo. Toda a guerra é horror e não se olha a meios. As descargas dos assaltantes, bem que embaraçadas e de baixo para cima, eram mortiferas. A beira da abertura do tecto achou-se bem depressa guarnecida de cabeças mortas, das quaes corriam compridos filetes vermelhos e fumegantes. O estrepito era inexprimivel; uma fumaça abafada e ardente tornava quasi tenebroso o combate. Não ha palavras que exprimam o horror chegado a este ponto. Já não eram homens que sustentavam esta lucta agora infernal. Já não eram gigantes contra colossos. Aquillo tinha mais de Milton e de Dante do que de Homero. Demonios atacavam, espectros resistiam.

Era o heroismo monstro.

XXIII

ORESTES EM JEJUM E PYLADES BEBADO.

Emfim, trepando aos hombros uns dos outros, servindo-se do esqueleto da escada, subindo pelas paredes, agarrando-se ao tecto, acutilando, mesmo na beira da abertura, as caras dos ultimos insurgentes que resistiam, uns vinte assaltantes, soldados, guardas nacionaes, guardas municipaes de envolta, a maior parte com os rostos desfigurados por feridas nessa temivel ascensão, tapados os olhos pelo sangue, furiosos, transformados em selvagens, penetraram na sala do primeiro andar. Já não havia alli senão um unico homem em pé, Enjolras. Sem cartuchos, sem espada, só lhe ficára na mão o cano da clavina, cuja coronha despedaçara na cabeça dos que entravam. Puzêra o bilhar entre si e os assaltantes; arrimára-se ao canto da sala, e alli, com olhar altivo, erguida a cabeça, com aquelle pedaço de arma na mão, inspirava ainda tanto temor, que ninguem ousava aproximar-se-lhe. Levantou-se um grito:

—É o chefe. Foi elle que matou o artilheiro. Já que veio para aqui, deixemo-lo onde está. Arcabuze-mo-lo aqui mesmo.

—Pois arcabuzem-me, disse Enjolras.

E, lançando fóra o cano da clavina, e cruzando os braços, apresentou o peito.

A audacia de bem morrer abala sempre os homens. Assim que Enjolras cruzou os braços, aceitando o fim, o atordoamento da luta cessou na sala, e aquelle cahos aquietou-se de subito em uma especie de solemnidade sepulcral. Parecia que a magestade ameaçadora de Enjolras desarmado e imovel pesava sobre aquelle tumulto, e que, unicamente com a autoridade do seu olhar tranquillo, aquelle mancebo, unico que não estava ferido, soberbo, manchado de sangue, formoso, indifferente como um invulneravel, obrigou o bando sinistro a mata-lo com respeito. Sua bellesa, realçada em tal momento pela altivez, era um esplendor, e, como se fosse tam inaccessible á fadiga como aos golpes, tinha nas faces uma viva côr de rosa. Era a elle talvez que se referia a testemunha que dizia depois perante o conselho de guerra: «Havia um insurgente a quem ouvi chamar Apollo.» Um guarda nacional que lhe fazia pontaria abaixou a arma dizendo: «Parece-me que vou arcabuzar uma flor.»

Doze homens se formaram em pelotão no angulo opposto ao em que se achava Enjolras e prepararam as espingardas em silencio.

Depois um sargento gritou:—Apontar !

Um official interveiu.

—Esperem !

E dirigindo-se a Enjolras:

—Quer que lhe vendemos os olhos ?

—Não.

—Foi você que matou o sargento de artilharia ?

—Fui.

Grantaire despertára havia alguns instantes.

Grantaire, como se hão de lembrar, dormia, desde a vespera na sala do 1.º andar, sentado em uma cadeira, arrimado a uma mesa.

A sua embriaguez fóra dessas que põem o homem como morto. O hediondo philtro composto de absintho, cerveja e alcohol lançára-o em lethargia. Sendo a sua mesa pequena e não servindo para a barricada, haviam-lh'a deixado. Conservára-se na mesma postura com o busto do corpo inclinado para a mesa,

descansando a cabeça nos braços, cercado de copos, de cangirões e de garrafas. Dormia o somno pesado do urso enregelado e da sangue-suga saciada. Nada pudera desperta-lo, nem as descargas de mosquetaria, nem os canhões, nem a metralha que entrava pela janella na sala onde elle estava, nem o prodigioso estrepito do assalto. Só de quando em quando respondia ao canhão com um ronco. Parecia estar alli esperando que uma bala viesse forra-lo ao trabalho de acordar. Diversos cadaveres jaziam em torno d'elle; e, á primeira vista, nada o distinguia dos que dormiam o profundo somno da morte.

O estrondo não desperta um bebado, desperta-o porém o silencio. Esta singularidade ha sido mais de uma vez observada. A queda de tudo, em torno d'elle, augmentava o aniquilamento de Grantaire; o desabamento embalava-o. A especie de suspensão que fez o tumulto deante de Enjolras foi um abalo para aquelle pesado somno. Tal é o effeito que experimentamos em um carro puxado a galope que estaca de repente. Os adormecidos despertam. Grantaire ergueu-se sobresaltado, estendeu os braços, esfregou os olhos, olhou, bocejou, e comprehendeu.

A embriaguez que se dissipa assemelha-se a um véu que se rasga. O bebado vê em globo, e logo do primeiro olhar, tudo que ella occultava. Desperta-se-lhe a memoria, e, embora nada saiba do que se passou no espaço de vinte e quatro horas, mal abre as palpebras acha-se inteirado de tudo. Voltam-lhes as idéas com subita lucidez; o escurecimento da embriaguez, especie de pó que cegava o cerebro, dissipa-se, e as realidades assumem então toda a sua claresa.

Mettido em um canto e como que abrigado por detrás do bilhar, os soldados com os olhos fitos em Enjolras, nem sequer tinham avistado Grantaire, e o sargento preparava-se para repetir a ordem: apontar! quando de repente ouviram uma voz forte gritar ao lado delles:

—Viva a republica! Eu tambem tomei parte no combate.

Grantaire levantára-se.

O immenso esplendor de toda a luta a que elle não

assistira appareceu no olhar scintillante do bebado transfigurado.

Repetiu: Viva a republica! atravessou a sala com passo firme, e foi postar-se deante das espingardas, em pé, ao lado de Enjolas.

—Matem-nos ambos de uma vez, disse elle.

E, voltando-se para Enjolas com brandura, perguntou-lhe:

—Dás licença?

Enjolas apertou-lhe a mão sorrindo-se.

Não acabava este sorriso, quando troou a descarga.

Enjolas, atravessado por oito balas, ficou encostado á parede como se os tiros alli o houvessem pregado. Apenas inclinou a cabeça.

Grantaire, fulminado, cahiu a seus pés.

Instantes depois, os soldados desalojavam os ultimos insurgentes refugiados no alto da casa. Faziam fogo por entre o vigamento da agua furtada. Travaram-se combates nessas alturas. Muitos corpos, alguns dos quaes vivos, foram lançados pelas janellas. Dous soldados de caçadores, que tentavam levantar o omnibus despedaçado, foram mortos por dous tiros de clavinia disparados das aguas furtadas. Um homem de blusa fôra precipitado dalli, com uma baionetada na barriga, e agonisava no chão. Um soldado e um insurgente, agarrados um com o outro, escorregavam pelo telhado abaixo, não queriam largar-se e cahiam á rua seguros em um amplexo feroz. Luta semelhante na adega. Gritos, tiros, tropel temeroso. Depois o silencio. A barricada estava tomada.

Os soldados começaram a dar busca nas casas da vizinhança e a correr no encalço dos fugitivos.

XXIV

PRISIONEIRO.

Mario estava comeffeito prisioneiro. Prisioneiro de João Valjean.

A mão que o agarrára por detrás no momento em que elle cahira, e cujo contacto, ao desmaiar, havia sentido, era a de João Valjean.

Este não tomára parte no combate senão para arriscar a vida. Se não fôra elle, naquella suprema agonia, ninguem houvera cuidado dos feridos. Graças a João Valjean, presente em toda a parte no meio do morticínio como uma providencia, os que cahiam eram levantados, transportados para a sala da taverna e curados. Nos intervallos, reapparecia na barricada. Mas nada que pudesse parecer-se com um tiro, com um ataque, ou sequer com uma defesa pessoal, sahira de suas mãos. Calava-se e soccorria. De resto, tinha apenas alguns arranhões. As balas o haviam desdenhado. Se o suicidio fazia parte da resolução que tomára de vir metter-se naquelle sepulcro, a sua esperança achava-se frustrada. Mas duvidamos que elle houvesse pensado no suicidio, acto irreligioso.

João Valjean, no meio da fumaça expressa do combate, parecia não reparar em Mario; o facto é que o não perdia de vista. Quando o mancebo cahiu com o tiro que levou, João Valjean saltou com a agilidade de um tigre, lançou-se a elle como a uma presa, e levou-o.

O turbilhão do ataque estava naquelle instante tam furiosamente concentrado em Enjolras e na porta da taverna, que ninguem viu João Valjean com Mario desmaiado nos braços atravessar a arena descalçada da barricada e desaparecer detrás do angulo da casa de Coryntho.

O leitor ha de estar lembrado desse angulo que formava uma especie de cabo na rua; elle resguardava das balas, e tambem dos olhares, alguns pés quadrados de terreno. Ha assim ás vezes no incendio um aposento que não arde, e nos mares mais procellosos, áquem de um promontorio ou da parte de dentro de uma cadêa de recifes, um cantinho tranquillo. Fôra nessa especie de recanto do trapezio interior da barricada que Eponina agonisára.

João Valjean parou alli, largou Mario devagarinho no chão, encostou-se á parede e volveu os olhos em torno de si.

A situação era pavorosa.

Naquelle instante, por dous ou tres minutos talvez, aquella parede era um abrigo; mas como escapar á matança? João Valjean lembrava-se da angustia em que se achára, havia oito annos, na rua Polonceau, e do modo por que lográra evitar os que o perseguiam; então fora-lhe difficil, agora era impossivel. Tinha deante de si a implacavel e surda casa de seis andares, que parecia ter por unico habitante o cadaver debruçado na janella, á direita ficava a barricada bastante baixa que fechava a Pequena-Truanderie; transpôr esse obstaculo parecia facil, mas no alto da barricada divisava-se uma fileira de pontas de baionetas. Era a tropa de linha, postada do outro lado e de vigia. Era evidente que quem tentasse saltar a barricada se exporia a um fogo de pelotão, e que qualquer cabeça que se arriscasse a mostrar-se por cima do muro de pedras serviria de alvo a sessenta tiros de espingarda.

À esquerda ficava-lhe o campo do combate. A morte estava por detrás do angulo da parede.

O que deveria fazer?

Só um passarinho poderia sahir dalli.

Elcumpria decidir-se para logo, achar um expediente, tomar uma resolução. A tropa e os insurgentes combatiam a alguns passos de distancia; felizmente todos se encarniçavam no ataque de um unico ponto, a porta da taverna; mas se um soldado, um só, se lembrasse de tornear a casa, ou de ataca-la pelo flanco, tudo ficaria perdido.

João Valjean olhou para a casa defronte, para a barricada que estava a seu lado, depois olhou para o chão com o transporte da extremidade suprema, desvairado, e como se quizesse fazer na terra uma abertura com os olhos.

Á força de olhar, o que quer que era vagamente visível em tal agonia mostrou-se e assumiu fórmās distinctas a seus pés, como se houvesse no olhar o poder de fazer apparecer a cousa desejada. Avistou a alguns passos de distancia, junto da base da barricada pequena tam inexoravelmente guardada e vigiada do lado de fóra, por baixo de um monte de pedras que em parte a encobriam, uma grade de ferro posta horizontalmente e ao nivel do chão. Esta grade, feita de grossos varões transversaes, tinha cerca de dez pés quadrados. As pedras que lhe serviam de moldura haviam sido arrancadas e ella estava como que desprezada. Por entre os varões via-se uma abertura sombria, o que quer que fosse semelhante ao tubo de uma chaminé ou ao cylindro de uma cisterna. João Valjean precipitou-se para esta grade. Sua antiga sciencia das evasões voltou-lhe ao espirito, innundando-o, por assim dizer, de claridade. Affastar as pedras, levantar a grade, pôr aos hombros Mario inerte como um cadaver, descer com esse peso ás costas, firmando-se nos cotovellos e nos joelhos, aquella especie de poço felizmente pouco fundo, deixar cahir por cima de sua cabeça a pesada grade de ferro sobre a qual tornaram a amontoar-se as pedras arrancadas, tomar pé em uma superficie lageada a tres metros abaixo do solo, tudo isto foi executado como o que fazemos no meio de

um delirio, com uma força de gigante e rapidez de aguias; bastaram-lhe apenas alguns minutos.

João Valjean achou-se, com Mario sempre desmaiado, em uma especie de comprido corredor subterraneo.

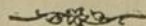
Alli, paz profunda, silencio absoluto, escuridão.

Tornou a sentir a impressão que experimentára quando saltára da rua para dentro dos muros do convento. Mas o que elle hoje levava não era Cosetta, era Mario.

Apenas ouvia agora por cima da cabeça, como um vago rumor, o formidavel tumulto da taverna tomada de assalto.

LIVRO SEGUNDO.

O INTESTINO DE LEVIATAN.



I

A TERRA EMPOBRECIDA PELO MAR.

Pariz lança por anno á agua vinte e cinco milhões. E isto sem metaphora. Como, e de que modo? dia e noite. Com que fim? sem fim algum. Com que pensamento? sem em tal pensar. Para que? para nada. Por meio de que órgão? pelo seu intestino. Qual é o seu intestino? a sua cloaca.

Vinte e cinco milhões, tal é o mais moderado dos calculos approximados que dão as avaliações da sciencia especial.

A sciencia, depois de ter andado muito tempo ás apalpadellas, sabe hoje que o mais fecundante e efficaç dos estrumes é o estrume humano. Os chins, confessemos-lo para vergonha nossa, já o sabiam antes de nós. Não ha camponez chim, é Eckeberg quem o diz, que vá á cidade sem trazer, nas duas pontas do seu bambú, dous baldes cheios do que nós chamamos imundicias. Graças ao estrume humano, a terra na China ainda hoje é tam nova como no tempo de Abrahão. O trigo chinez dá cento e vinte por um. Não ha guano comparavel ao excremento de uma capital. Uma

grande cidade é o mais opulento dos estercorarios. Empregar a cidade em adubar o campo seria o meio de obter um bom exito infallivel. Se o nosso ouro é esterco, em compensação o nosso esterco é ouro.

O que fazem deste ouro esterco? lançam-n'o ao abysmo.

Gastam-se enormes sommas com navios que são mandados ao polo austral para tomar carregamentos de estrume de penguins e passarinhos, e o incalculavel elemento de opulencia que têm á mão, atiram-n'o ao mar. Todo o adubo humano e animal que o mundo perde, empregado na terra em vez de ser lançado á agua, bastaria para alimentar o mundo.

Esses montes de lixo dos cantos das ruas, essas carroças de lama que circulam de noite com estrepitosos solavancos, essas hediondas pipas da limpeza publica, esses fetidos escoamentos de lama subterranea, que a calçada nos encobre, sabeis o que é? É o campo esmaltado de flôres, é a herva verde, é o ser-pão e o tomilho, e a salva, é a caça, é o gado, é o mugido satisfeito dos bois á tardinha, é o feno perfumado, é o trigo dourado, é o pão na nossa mesa, é o sangue quente nas nossas veias, é a saude, é a alegria, é a vida. Assim o quer essa mysteriosa creação, que é transformação na terra e transfiguração no céu.

Pondo isso no grande cadinho, delle sahirá a abundancia. A nutrição dos campos dá em resultado o sustento dos homens.

Podeis muito embora perder esta riqueza, e achar-me ridiculo ainda em cima. Assim coroareis dignamente a vossa ignorancia.

A estatistica tem calculado que a França só por si lança todos os annos ao Atlantico pela bocca dos seus rios meio milhar de milhões. Notae bem com estes quinhentos milhões pagar-se-hia a quarta parte das despesas do orçamento. A habilidade do homem é tal que elle prefere descartar-se destes quinhentos milhões atirando-os á agua. É a propria substancia do que levam ao oceano, aqui gotta a gotta, acolá em ondas, o miseravel vomito dos nossos canos de esgoto e o vomito gigantesco dos nossos rios. Cada golfada das nossas cloacas custa-nos 1,000 francos. Daqui dous resultados: a terra enfraquecida e a agua em-

pestada. A fome a sahir do sulco e a doença do rio.

É notorio, por exemplo, que neste momento o Tamisa envenena Londres.

Quanto a Pariz, teve-se nestes ultimos tempos de transferir a maior parte das embocaduras dos esgotos para além da ultima ponte.

Um duplo apparelho tubular, munido de valvulas e de embolos, aspirando e recalcando um systema de *drainage* elementar, simples como o pulmão do homem e que já funcçiona satisfactoriamente em diversas parochias da Ingtaterra, bastaria para trazer ás nossas cidades a agua pura dos campos e para levar aos nossos campos a agua fecundante das cidades, e este facil vae-vem, o mais simples do mundo, reteria em nosso poder os quinhentos milhões que pômos fóra. Mas pensa-se de modo diverso.

O systema actual é pernicioso querendo ser benefico. A intenção é boa, o resultado é triste. Suppoem desinfectar a cidade, e debilitam a população. Um cano de esgoto é um erro. Quando a *drainage*, com a sua dupla funcção, restituindo o que leva, houver substituido por toda a parte o esgoto, simples lavagem debilitadora, então, sendo isto combinado com os dados de uma nova economia social, o producto da terra terá augmentado na razão decupla, e o problema da miseria achar-se-ha singularmente attenuado. Ajuntae a suppressão dos parizitismos e tê-lo-heis resolvido.

No entanto, a riqueza publica lá vae para o rio, e segue-se o escoamento. Escoamento é o termo proprio. A Europa arruina-se assim por esgotamento.

Quanto á França, acabamos de dizer quanto ella perde. Ora, contendo Pariz a vigesima-quinta parte do total da população franceza, e sendo o guano pariziense o mais fecundo de todos, ficamos áquem da verdade avaliando em vinte e cinco milhões o quinhão de perda de Pariz no meio milhar de milhões que a França deita fóra annualmente. Estes vinte e cinco milhões, empregados em subsidios e em conforto, duplicariam o esplendor de Pariz. A cidade gasta-os em cloacas. De sorte que podemos dizer que a grande prodigalidade de Pariz, a sua festa maravilhosa, a sua loucura Beanjon, a sua orgia, o seu ouro espargido

a mãos cheias, o seu fausto, o seu luxo, a sua magnificencia, são os seus canos de esgoto.

É deste modo que, na cegueira de uma má economia politica, deitam fóra e deixam ir pela agua abaixo e perder-se nos abysmos a fartura de todos. Deveria haver redes de Saint Cloud para a fortuna publica.

Economicamente, o facto póde resumir-se assim—Pariz cesto rôto.

Pariz, a cidade modelo, o padrão das capitaes bem feitas de que cada um povo busca ter uma copia, a metropole do ideal, a patria augusta da iniciativa, do impulso e da tentativa, o centro e o lugar dos espiritos, a cidade nação, a colmêa do porvir, o composto de Babylonia e de Coryntho—Pariz, em relação ao objecto que acabamos de assignalar, faria qualquer camponez de Fo-Kian encolher os hombros.

Imitae Pariz e ficareis arruinados.

De resto, particularmente neste desperdicio immemoravel e insensato, Pariz não faz mais do que imitar.

Estas estupendas inepecias não são novas, não são uma asneira recente. Os antigos procediam como os modernos. « As cloacas de Roma, diz Liebig, absorveram todo o conforto do camponez romano. » Quando os campos de Roma se acharam arruinados pela cloaca romana, Roma exauriu a Italia, e depois de ter posto a Italia dentro da sua sentina, alli deitou a Sicilia, depois a Sardenha, depois a Africa. A cloaca de Roma enguliu o mundo. Essa cloaca offerencia a sua voragem á cidade e ao universo. *Urbi et orbi*. Cidade eterna, cloaca insondavel.

Para estas cousas, bem como para outras, Roma dá o exemplo.

E Pariz segue este exemplo com toda a estupidez propria das cidades de espirito.

Para as necessidades da operação a cujo respeito acabamos de explicar-nos, Pariz tem por baixo de si outra Pariz; uma Pariz de cloacas, com suas ruas, seus largos, suas praças, suas betesgas, suas arterias, e sua circulação, que é a lama, com a fórmula humana de menos.

Porquanto cumpre não lisongear, nem mesmo um

grande povo, onde ha tudo, ha ignominia ao lado da sublimidade; e, se Pariz contém Athenas, a cidade de luz, Tyro, a cidade de poderio, Sparta, a cidade de virtude, Ninive, a cidade de prodigio, contém tambem Lutecia, a cidade da lama.

Demais, nisso está tambem o cunho do seu poder, e a titanica sentina de Pariz realiza, entre os monumentos, o ideal estranho realizado na humanidade por alguns homens taes como Machiavello, Bacon e Mirabeau: o sublime abjecto.

O sub-solo de Pariz, se o nosso olhar pudesse penetrar a superficie, apresentaria o aspecto de uma madreperola colossal. Uma esponja não tem tantos buracos e meandros como o torrão de terra de seis leguas de circumferencia sobre o qual está assentada a antiga cidade grande. Sem fallar nas catacumbas, que são um subterraneo á parte, sem fallar na inextricavel rêde do encanamento do gaz, sem contar o vasto systema tubular da distribuição da agua viva que vae ter a todos os chafarizes, as cloacas só por si formam debaixo das duas margens do Sena uma prodigiosa rêde tenebrósa; labyrintho que tem por fio o seu declive.

Ahi apparece, no meio da nevoa humida, o rato, que é como o producto do parto de Pariz.

II

A HISTORIA ANTIGA DAS CLOACAS.

Imagine-se Pariz levantado como uma tampa, e a rêde subterranea das cloacas, vista do alto, desenhará nas duas margens uma especie de grande galho enxertado no rio. Na margem direita o cano principal será o tronco deste galho; os canos secundarios serão os ramos, e os que nelles encontram os ramusculos.

Esta figura é summaria e não de todo exacta, por quanto o angulo recto, que é o habitual deste genero de ramificações subterraneas, é rarissimo na vegetação.

O leitor formará uma idéa mais approximada deste estranho plano geometrico suppondo que vê estendido sobre um fundo de trevas algum fantastico alphabeto do oriente confuso como uma ramada, e cujas lettras disformes se prendessem umas ás outras, em uma desordem apparente e como que ao acaso, ora pelos seus angulos, ora pelas suas extremidades.

As sentinas e os canos de esgoto representavam um grande papel na edade media, no Baixo Imperio e no

antigo Oriente. Alli nascia a peste, os despotas allí morriam. As multidões olhavam quasi com temor religioso para estes leitos de podridão, monstruosos berços da morte. A cova dos bichos de Benarés não é menos vertiginosa do que a cova dos Leões de Babilonia. Theglath-Phalasar, ao que dizem os livros rabbinicos, jurava pela sentina de Ninive. Era da cloaca de Munster que João de Leyde fazia sahir a sua falsa lua, e era do poço-cloaca de Kekbscheb que o seu menechma oriental, Mekanna, o propheta velado do Khorossau, fazia sahir o seu falso sol.

A historia dos homens reflecte-se na historia das cloacas. As gemonias diziam o que era Roma. A cloaca de Pariz foi uma antiga casa formidavel. Foi sepulchro, e foi asylo. O crime, a intelligencia, o protesto social, a liberdade de consciencia, o pensamento, o roubo, tudo quanto as leis humanas perseguem ou têm perseguido, escondeu-se neste subterraneo; os *mallotins* no seculo XIV, os gatunos no XV, os huguenotes no XVI, os illuminados de Morinno no XVII, os ladrões torturadores no XVIII. Ha cem annos, sabia dalli a punhalada nocturna, o roubador em perigo allí se escondia; a selva tinha a caverna. Pariz tinha a cloaca. A *truanderie*, essa *pica-reria* gauleza, aceitava a cloaca como filial do Pátco dos Milagres, e de noite, astuta e feroz, recolhia-se para dentro do vomitorio Maubuee como a uma alcova.

Era muito natural que os que tinham por lugar de trabalho quotidiano a betesga *Vide-Goussset*, ou a rua *Coupe-Gorge*, tivessem por domicilio nocturno o cano do Caminho-Verde ou a valla Hurepoix. Dahi uma infinidade de recordações. Innumeros fantasmas andam por esses compridos corredores solitarios; por toda a parte a putrefacção e o miasma; aqui e acolá um buraco por onde Villon, do lado de dentro, conversa com Rabelais, que está do lado de fóra.

A cloaca, na antiga Pariz, é o ponto de reunião de todos os esgotamentos e de todas as tentativas. A economia politica ahi vê um despejo, a philosophia social—um residuo.

A cloaca é a consciencia da cidade. Tudo para allí converge e allí se confronta. Nesse lobrego lugar ha trevas, mas não já segredos. Cada cousa tem a sua

fôrma verdadeira, ou ao menos a sua fôrma definitiva. O monte de immundicias tem por si uma boa qualidade, não é mentiroso. A ingenuidade refugiou-se alli. A mascara de Basilio alli se acha, mas vê-se-lhe o papelão e os atilhos, e tanto o interior como o exterior, e é colorida de uma lama honesta. Fica-lhe perto o nariz postiço de Scapiu. Todas as sujidades da civilisação, uma vez fóra do serviço, cahem nessa cova da verdade onde vem ter o immenso despenho social. Alli se abysmam, mas patenteam-se. Esta confusão é uma confissão. Alli acabaram-se as falsas apparencias, nenhuma dissimulação é já possível, a immundicia tira a camisa, nudez absoluta, dissipação de enganos e de illusões, nada mais senão aquillo que é, representando a sinistra figura daquillo que acaba. Realidade e desaparição. Alli, um fundo de garrafa confessa a embriaguez, uma aza de cabaz revela a domesticidade; alli o caroço de maçan, que teve opiniões litterarias, volve a ser um caroço de maçan; a effigie do soldo se azinhavra francamente, o escarro de Caiphaz encontra o arrote de Falstaff, o luiz de ouro que sahe da casa do jogo bate no prego a que está atado o pedaço de corda do suicida, um feto livido rola envolto em lantejoulas que dansaram no ultimo baile carnavalesco da opera, um capello que julgou homens jaz ao lado de uma cousa podre que foi a saia de Margarida; alli ha mais do que fraternidade, ha familiaridade. Tudo quanto se arrebicava mascarra-se. O ultimo véu é arrancado. Uma cloaca é um cynico. Diz tudo.

Esta sinceridade da immundicia agrada-nos, e satisfaz a alma. Quando temos passado o nosso tempo a soffrer na terra o espectaculo dos ademanes mages-tosos que tomam a razão do Estado, o juramento, a sabedoria politica, a justiça humana, as prohibidades profissionaes, as auctoridades de situação, as togas incorruptiveis, é um allivio entrar em uma valla e ver a lama que lhes quadra.

Ao mesmo tempo é uma lição. Já dissemos ha pouco, a historia passa pela cloaca. Os Sans'Bartholomeus alli filtram gotta a gotta por entre as pedras. Os grandes assassinatos publicos, os morticínios politicos e religiosos, atravessam este subterraneo da ci-

vilisação e alli lançam os seus cadaveres. Para o olhar do pensador, todos os assassinos historicos alli estão na penumbra medonha, de joelhos, com um pedaço do seu sudario como avental, passando lugubrememente a esponja sobre os seus feitos. Alli estão Luiz XI com Tristão, Francisco I com Duprat, Carlos IX com sua mãe, Richelieu com Luiz XIII, e Louvois e Letelhier, e Hébert e Maillard, raspando as pedras e buscando fazer desaparecer os vestigios de suas acções. Ouve-se por sob as abobadas a bulha das vassouras destes espectros. Respira-se alli o fetido enorme das catastrophes sociaes. Nos cantos divisam-se reflexos avermelhados. Corre alli uma agua em que se lavaram mãos ensanguentadas.

O observador social deve entrar nestas trevas. Fazem parte do seu laboratorio. A philosophia é o microscopio do pensamento. Tudo quer fugir-lhe, mas nada lhe escapa. Tergiversar é inutil. Que lado de nós mesmos mostra-nos tergiversando? o lado-vergonha. A philosophia prosegue com o seu olhar probo o mal, e não o deixa fugir para o nada. No apagamento das cousas que desaparecem, na diminuição das que somem, reconhece tudo. Reconstrue a purpura á vista de um trapo, e a mulher á vista de um pedaço de enfeite. Com a cloaca refaz a cidade, com a lama os costumes. Ante o caco, conclue o que não seria a amphora ou a bilha. Reconhecer por uma unhada impressa em um pergaminho a differença que separa a judiaria da Judengasse da judiaria do Ghetto. Descobre no que resta o que foi, o bem, o mal, o falso, o verdadeiro, a mancha do sangue do palacio, o borrão de tinta da caverna, o pingo de sebo do lupanar, as provações soffridas, as tentações bem aceitas, as orgias vomitadas, a dobra que hão feito os caracteres abaixando-se, o vestigio da prostituição nas almas que por sua propria grosseria se lhe submetteram, e na vestia dos mariolas de Roma o signal da cotovellada de Messalina.

III

BRUNESEAU.

A cloaca de Pariz, na idade media, era legendaria. No seculo XVI, Henrique II tentou uma sondagem que abortou. Ainda não ha cem annos, Mercier o attesta, achava-se a cloaca entregue a si mesma.

Tal era a antiga Pariz, presa das discordias, das indecisões e das incertezas. Ella foi por muito tempo sobremaneira estúpida. Passados tempos, 89 mostrou como as cidades cobram espirito. Mas, no bom tempo antigo, a capital tinha bem curta intelligencia; não sabia curar dos seus negocios, quer moral, quer materialmente, e era tam incapaz de varrer as immundicias como os abusos. Tudo lhe era obstaculo, tudo suscitava questões. A cloaca por exemplo, não se prestava a nenhum itinerario. Havia tanta difficuldade em orientar-se nas vallas como em entender-se na cidade; em cima o intelligivel, em baixo o inextricavel; por baixo da confusão das linguas estava a confusão dos subterraneos; Dedalo sotoposto a Babel.

As vezes, a cloaca de Pariz punha-se a trashedar, como se este Nilo despresado se encolerisasse de su-

bito. Havia, cousa infame, inundações de lodo. Em certas occasiões, este estomago da civilisação digería mal, a cloaca refluiu á garganta da cidade, e Pariz tinha o resaibo da sua lama. Estas semelhanças da cloaca com o remorso tinham certo lado bom; eram avisos; mas ninguem os attendia; a cidade indignava-se vendo tamanha audacia na sua lama, e não admittia que a immundicia voltasse. Expellia-a melhor.

A inundaçáo de 1802 é uma das recordações actuaes dos parizienses octogenarios. A lama espalhou-se em cruz na praça das Victorias, onde está a estatua de Luiz XIV; entrou na rua de Santo-Honorato pelas duas aberturas de valla dos Campos-Elysios, na rua San'Florentino pela valla San'Florentino, na Pierre á Poisson pela valla da Sonnerie, na de Popincourt pela valla do Caminho Verde, na da Roquette pela valla da Lapa; cobriu as pedras do meio da rua dos Campos-Elysios até uma altura de trinta e cinco centimetros; e, ao sul, pelo vomitorio do Sena, fazendo a sua funcção em sentido inverso, penetrou na rua Mazarina, na do Escaldado, e na do Marais, onde parou em uma extensão de novecentos metros, justamente a alguns da casa onde morára Racine, respeitando, no XVII seculo, o poeta mais do que o rei. Attingiu a sua maior altura na rua de San'Pedro, onde se elevou tres pés acima das lages da bica, e a sua maxima extensão na de San'Sabino, onde apresentou um comprimento de duzentos e trinta e oito metros.

No principio deste seculo, a cloaca de Pariz era ainda um lugar mysterioso. A lama nunca pôde ter boa fama; mas aqui a má nomeada ia até o medo. Pariz sabia confusamente que tinha por baixo de si um subterraneo terrivel. Fallavam d'elle como desse monstruoso charco de Thebas onde formigavam centopeias de quinze pés de comprimento e que houvera podido servir de banheira a Behemoth. As grandes botas dos limpadores não se aventuravam nunca além de certos pontos conhecidos. Estavam ainda muito proximos os tempos em que as carroças dos apanhadores de lama, de cima das quaes Sainte-Foix fraternisava com o marquez de Créqui, se despejavam simplesmente dentro das vallas. Quanto á limpeza destas, era uma funcção que confiavam aos aguacei-

ros, que antes as enchiam do que lavavam. Roma deixava ainda alguma poesia á sua cloaca e chamava-a Gemonias; Pariz insultava a sua e chamava-a Buraco-persevejo. A sciencia e a superstição conspiravam para o horror. O Buraco-persevejo repugnava tanto á hygiene como á lenda. O *Papão* nascêra debaixo da fetida abobada da valla Mouffetard; os cadaveres dos *marmousets* tinham sido lançados á valla da *Barrillerie*; Fagou havia attribuido a terrivel febre maligna de 1685 ao grande hiato da valla do Marais, que se conservou descoberta até 1833 na rua de San'Luiz, quasi defronte do escriptorio do *Mensageiro Galante*. A abertura da valla da rua da *Mortellerie* era celebre pelas pestes que por ella sahiam; com a sua grade de ferro guarnecida de pontas que semelhavam uma dentadura, era nessa rua fatal como uma guella de dragão lançando o inferno sobre os homens. A imaginação popular ajuntava ao sombrio cano pariziense não sabemos que hedionda mistura de infinito. A valla era sem fundo. Era o barathro. A propria policia nem pensava em explorar essas regiões leprosas. Tentar esse desconhecido, lançar a sonda nessa escuridão, ir devassar o seio desse abysmo, quem o houvera ousado? Aquillo era medonho. Todavia alguém se apresentou. A cloaca teve o seu Christovão Colombo.

Um dia, em 1805, por occasião de uma dessas raras aparições do imperador em Pariz, o ministro do interior foi de manhan ver o soberano. Ouvia-se no pátio o tinido das espadas dos soldados extraordinarios da grande republica e do grande imperio; havia uma multidão de heróes á porta de Napoleão; homens do Rheno, do Escant, do Adige e do Nilo; companheiros de Jonbert, de Desaix, de Marceau, de Hoche, de Kléber; aerostatas de Fleurus, granadeiros de Moguncia, pontoneiros de Genova, hussaros que as pyramides tinham visto, artilheiros que a bala de Junot havia salpicado de terra, couraceiros que tinham tomado de assalto a frota ancorada no Zuyderzée; uns tinham seguido Bonaparte na passagem da ponte de Lodi, outros haviam acompanhado Murat na trincheira de Mantua, outros tinham precedido Lannes no caminho baixo de Montebello. Todo o exercito de

então se achava no pátio das Tulherias, representado por uma esquadra ou por um pelotão, e guardando Napoleão que descansava; e era a época esplendida em que o grande exercito tinha atrás de si Marengo e na frente Austerlitz. « Senhor, disse o ministro do interior a Napoleão, vi hontem o homem mais intrepido do voso imperio.—Quem é esse homem? disses vivamente o imperador, o que fez? —Quer fazer uma cousa, senhor.—Qual é? —Visitar as vallas de Pariz.»

Este homem existia e chamava-se Bruneseau.

IV

PORMENORES IGNORADOS.

A vestoria fez-se. Foi uma campanha terrivel; uma batalha nocturna contra a peste e a asphyxia. Foi ao mesmo tempo uma viagem de descobertas. Um dos que sobreviveram a esta exploração, obreiro intelligente, muito moço então, narrava ainda ha alguns annos as curiosas particularidades que Bruneseau julgou dever omittir no seu relatorio ao prefeito de policia, como indignas do estylo administrativo. Os meios de desinfeccão eram ainda mui rudimentarios naquella época. Apenas Bruneseau transpôz as primeiras articulações da rede subterranea, oito d'entre vinte trabalhadores recusáram ir mais adeante. A operação era complicada; a vestoria tornava necessaria a limpeza; tinham, pois, de limpar, e ao mesmo tempo de medir; cumpria-lhes outrosim notar as entradas d'agua, contar as grades e as embocaduras, especificar as ramificações, indicar as correntes que se dividiam, reconhecer as circumscripções respectivas das diversas bacias, sondar as vallas pequenas que entroncavam na principal, tomar a altura de ca-

da escoadouro, e a largura, tanto no ponto onde começavam as abobadas como á flor da grade; emfim, determinar as ordenadas do nivelamento exacto de cada entrada d'agua, quer da grade da valla, quer do solo da rua. Avançam com summa difficuldade. Não era raro que as escadas de descida se enterrassem em tres pés de lodo. As lanternas agonisavam no meio dos miasmas. De espaço a espaço, eram obrigados a levar em braços algum alimpador desmaiado. Em certos lugares, precipicio. O solo tinha aluido, o lageamento havia-se desmanchado, a valla transformára-se em poço sem fundo; já não encontravam terreno firme; um homem desapareceu de repente; com grande trabalho conseguiram tira-lo de dentro da lama. Por conselho de Fourcroy, tinham acendido de distancia em distancia, em lugares sufficientemente desinfectados, grandes gaiolas cheias de estopa embebida de resina. A parede, em certos sitios, estava coberta de fungos disformes que semelhavam tumores; a propria pedra parecia doente naquelle ambiente irrespiravel.

Bruneseau proseguia na sua exploração de cima para baixo. No ponto de divisão dos dous canos d'agoa do Grand-Hurleur, decifrou em uma pedra saliente a data 1550; esta pedra indicava o limite em que parára Philiberto Dolorme, incumbido por Henrique II de revistar as vallas subterraneas de Pariz. Esta pedra era a marca posta pelo XVI^o seculo nas cloacas; Bruneseau descobriu a mão de obra do XVII^o nos canos de Ponceau e da rua Velha do Templo, cujas abobadas haviam sido feitas de 1600 para 1650; e a do XVIII^o na secção oeste do canal collector, aberta e abobadada em 1749. Estas duas abobadas, sobretudo a menos antiga, a de 1749, estavam mais cheias de fendas e decrepitas do que a alvenaria da valla principal, que datava de 1412, época em que o riacho d'agua viva de Ménilmontant foi elevado á dignidade de grande valla de Pariz, promoção analogá á do camponio que passasse a ser primeiro creado grave do rei; uma cousa assim como Manuel de Bouça transformado em Lebel.

Aqui e alli descobriram-se, principalmente por baixo do tribunal da justiça, alveolos de antigos carcerees

construidos mesmo dentro da valla. *In pace* hediondo. Uma golilha de ferro pendia ainda no interior de uma destas cellas. Todas foram muradas. Fizeram-se alguns achados extravagantes; entre outros, o do esqueleto de um orangotango desaparecido do Jardim das Plantas em 1800, desapareição provavelmente coetanea com a famosa e incontestavel appareição do diabo na rua dos Bernardos no ultimo anno do XVIIIº seculo. O pobre diabo acabára por afogar-se na valla.

No extenso cano que vae ter á Arche Marion, uma alcova de trapeiro, perfeitamente conservada, encheu de admiração os conhecedores. Por toda a parte, o lodo, que os alimpadores já a final manuseavam intrepidamente, abundava em objectos preciosos, joias de ouro e de prata, pedrarias, moedas. Um gigante que houvesse filtrado a cloaca teria recolhido em sua batêa a riqueza dos seculos. No ponto de divisão das vallas da rua do Templo e da de Saint Avoye, apanharam uma singular medalha huguenote de cobre, representando de um lado um porco com capello de cardeal e do outro um lobo de tiara na cabeça.

A descoberta mais admiravel foi feita na entrada da Valla Grande. Esta entrada fôra outr'ora fechada por uma grade de que então só restavam os gonzos. Em um destes gonzos estava pendurado um trapo informe e sujo, que, sem duvida agarrando-se alli na sua passagem, tremulava na escuridão e acabava de esburacar-se. Bruneseau approximou a sua lanterna e examinou o trapo. Era de finissima cambraia, e em uma das pontas que se achava menos roida distinguia-se uma corôa heraldica bordada por cima destas sete lettras: L A V B E S P. Era uma corôa de marquez e as sete lettras significavam *Laubespine*. Reconheceram que aquillo que viam era um pedaço da mortalha de Marat. Marat, na sua mocidade, tivera amores. Era no tempo em que elle fazia parte da casa do conde d'Artois, na qualidade de veterinario das cavalhariças. Destes amores, historicamente comprovados, com uma grande fidalga, restara-lhe um lençol. Cousa perdida ou lembrança. Por occasião da sua morte, tendo sido este lençol o unico panno mais fino que elle tinha em casa, haviam-n'o amortalhado

com elle. As velhas enfaixaram para o tumulto neste panno em que houvera volupia, o tragico amigo do povo. Bruneseau foi por deante. Deixaram o trapo onde estava; não acabaram de destrui-lo. Seria respeito ou desprezo? Marat merecia ambas as cousas. E demais, o destino estava alli tam manifesto que naturalmente deveria haver hesitação em toca-lo. Por outro ado, devemos deixar as cousas do sepulcro no lugar que ellas escolhem. Em summa, a reliquia era estranha. Uma marquesa nella dormira; Marat nella apodrecera; depois de ter passado pelo Pantheon viera servir de pasto aos ratos da cloaca. Essa roupa de alcova, de que Wateau outr'ora houvera desenhado todas as dobras, viera a final a tornar-se digna do olhar fixo de Dante.

A vestoria de todo o encanamento immundicial subterraneo de Pariz durou sete annos, de 1805 a 1812. Á medida que ia caminhando, Bruneseau designava, dirigia e concluia obras consideraveis; em 1808 abaixava a grade do Ponceau, e creando por toda a parte novas linhas de esgotos, levava a cloaca, em 1809, por baixo da rua de San'Diniz até o chafariz dos Innocentes; em 1840 por baixo da rua Froidmanteau e da Salpêtrière; em 1841 por baixo da rua Neuve-des-Petits-Frères, da da Malha, dada Escarpa, e da praça Real; em 1812 por baixo da rua da Paz e da calçada d'Autin. Ao mesmo tempo, fazia limpar e desinfec-tar todas as vallas. Logo no segundo anno Bruneseau tomára para ajudante o seu genro Nargaud.

Foi assim que no principio deste seculo a velha sociedade desentupiu e lavou a sua cloaca. Ao menos sempre houve esta limpeza.

Tortuosa, cheia de fendas, descalçada, ameaçando ruina, com fundos atoleiros de distancia em distancia, entrecortada de caprichosos cotovellos, subindo e descendo sem logica, fetida, grosseira, medonha, immersa em trevas, com cicatrizes nas suas lages egilvazes nas paredes, pavorosa, tal era, vista retrospectivamente, a antiga cloaca de Pariz. Ramificações em todos os sentidos, cruzamentos de vallas, entroncamentos, encruzilhadas, estrellas, como nas lapas, saccos, chancudos, abobadas salitradas, escoadouros infectos, resumações dartrosas nas paredes, gottas ca-

hindo do tecto, escuridão profunda; nada equalava o horror dessa antiga crypta executoria, apparelho digestivo de Babylonia, antro, cova, barathro cortado de ruas, covil titanico onde o espirito suppõe ver vagar, no meio da escuridão, na immundicia que foi esplendor, essa enorme toupeira cega,—o passado.

Isto, repetimo-lo, era a cloaca de outr'ora.

PROGRESSO ACTUAL.

Hoje a cloaca é assejada, severa, direita, correcta. Realisa quasi o ideal do que em Inglaterra se exprime pela palavra *respectable*. É decente e cinzenta, perfeitamente alinhada. Parece um fornecedor que passou a ser conselheiro de estado. E' quasi clara. A lama alli comporta-se exemplarmente. A primeira vista toma-la-hieis facilmente por um desses corredores subterraneos tam communs outr'ora e tam uteis ás fugidas dos monarchas e dos principes nesse bom tempo antigo *em que o povo amava os seus reis*. A cloaca actual é uma bella cloaca; o estylo puro alli reina; o classico alexandrino rectilíneo que, expulso da poesia, parece ter se refugiado na architectura, como que se acha mettido em todas as pedras dessa extensa abobada tenebrosa e esbranquiçada: cada escoadouro é uma arcada; a rua de Rivoli serve de modelo até para a cloaca. A fallar a verdade, se ha lugar em que a linha geometrica tenha cabimento, é de certo no cano estercorario de uma grande cidade. Alli tudo deve ser subordinado ao caminho mais curto. A cloaca assumiu hoje um certo

aspecto official. Os proprios relatorios de policia, de que ella é ás vezes objecto, já não lhe faltam ao respeito. As palavras que a caracterisam na linguagem administrativa são escolhidas e dignas. O que outr'ora se chamava cano, chama-se galeria; o que se chamava buraco, chama-se olheiro. Villon já não reconheceria o seu antigo pouso de occasiões de apuros. Esta rede de vallas ainda continúa a ter a sua immemoravel população de roedores mais pullulante que nunca; de espaço a espaço algum rato de compridos bigodes atreve-se a mostrar a cabeça á janella da cloaca e examina os parizienses; mas até mesmo este animal damnhinho se domestica, de satisfeito que está com o seu palacio subterraneo. A cloaca já nada tem da sua ferocidade primitiva. A chuva, que outr'ora a sujava, lava-a agora. Comtudo não vos fieis muito nisto. Os miasmas ainda ali habitam. Ella é mais hypocrita do que inoffensiva. Em vão se hão afatigado a perfeitura de policia e a commissão de salubridade. A despeito de todos os systemas de desinfecção exhala ella um cheiro suspeito como Tartufo depois da confissão.

Reconheçamo-lo, porém; como, em todo o caso, a limpeza é um preito que a cloaca rende á civilisação, e como, neste particular, a consciencia de Tartufo é um progresso em relação á estrebaria d'Au-gias, é certo que a cloaca de Pariz melhorou.

É mais do que um progresso, é uma transmutação. Entre a cloaca antiga e a actual, ha uma revolução. Quem fez esta revolução?

O homem que todos esquecem, e cujo nome já dissemos, — Bruneseau.

VI

PROGRESSO FUTURO.

A construcção da cloaca de Pariz não foi pequena tarefa. Os dez ultimos seculos nella trabalharam sem poder acaba-la, assim como não puderam terminar Pariz. A cloaca, comeffeito, recebe todas as suas repercussões do crescimento de Pariz. É, nas entranhas da terra, uma especie de polypo tenebroso com mil antenas que cresce por baixo ao mesmo tempo que a cidade cresce por cima. Todas as vezes que a cidade abre uma rua a cloaca estende um braço. A antiga monarchia construiu sómente 23,300 metros de val-las; era neste ponto que se achava Pariz no 1º de janeiro de 1806. A partir desta época, da qual daqui a pouco tornaremos a fallar, a obra foi util e energicamente continuada; Napoleão construiu, os algarismos são curiosos, 4,804 metros; Luiz XVIII, 5,709; Carlos X, 10,836; Luiz-Philippe, 89,020; a republica de 1848, 23,331; o regimen actual, 70,500; ao todo, no momento em que fallamos, 226,670 metros; sessenta leguas de vallas; entranhas enormes de Pariz. Ramificação obscura sempre trabalhando; construcção ignorada e immensa.

Como se vê, o dedalo subterraneo de Pariz é hoje mais que decuplo do que era no principio do seculo. É difficil formar uma idéa exacta de quanta perseverança e esforço foi preciso empregar para fazer esta cloaca chegar ao ponto de perfeição relativa em que agora está. Só a muito custo o antigo prebostado monarchico, e, nos ultimos dez annos do seculo XVIII, a *mairie* revolucionaria, haviam conseguido abrir as cinco leguas de vallas que existiam antes de 1860. Obstaculos de todo o genero embaraçavam a operação, uns proprios da natureza do solo, outros inherentes ás mesmas abusões da população laboriosa de Pariz. Pariz está assentada em uma jazida estranhamente rebelde ao alvião, á enxada, á sonda, ao manuseamento humano. Nada tam difficil de abrir e de penetrar como essa formação geologica a que se superpõe a maravilhosa formação historica chamada Pariz; assim que, sob uma fórma qualquer, o trabalho entra e se aventura nessa camada de accrescidos, as resistencias subterraneas abundam. Encontram-se argilias liquidas, fontes vivas, rochas duras, e esses lodos moles e profundos que a sciencia especial chama *mostardas*. A picareta avança laboriosamente em laminas calcareas alternadas de filetes de greda mui delgados e de camadas schistosas com folhas encrustadas de cascas de ostras contemporaneas dos oceanos preadamitas. Ás vezes uma corrente d'agua arrebenta de repente uma abobada começada e alaga os trabalhadores; ou senão é uma torrente de marga que se precipita qual cataracta, quebrando como vidro as grossas vigas de escora. Não ha muito tempo, na Villette, quando se tractava de fazer passar a valla collectora por baixo do canal de San'Martinho, sem esvazia-lo para não interromper a navegação, a bacia do canal fendeu-se, a agua encheu de tal forma a abertura subterranea, que baldou toda a força das bombas de esgoto; foi preciso mandar um mergulhador procurar a fenda que estava na embocadura da bacia grande, e só com muita difficuldade conseguiram tapa-la. Em outros sitios, perto do Sena, e até mesmo bastante longe do rio, como, por exemplo, em Belleville, Grande Rue e Passage Lunié, e encontráram-se arêas sem fundo onde um homem

se enterra e pôde desapparecer á vista d'olhos. Accrescente-se a asphyxia pelos miasmas, o perigo de ficar o obreiro sepultado nos desabamentos, os subitos aluimentos. Accrescente-se o typho, que se inocula lentamente nos trabalhadores. Em nossos dias, depois de ter aberto a galeria de Clichy com banquetta para receber um cano mestre da agua do Ourcq, trabalho executado em mina, a dez metros de profundidade, depois de ter por entre esboroamentos, por meio de excavações, muitas vezes putridas, e de especamentos, abobadado o Bièvre desde o *boulevard* do Hospital até o Sena; depois de ter, para livrar Pariz das aguas torrencias de Montmartre e para dar esgoto ao pantano fluvial de nove hectares que demorava perto da barreira dos Martyres; depois de ter, dizemos, construido a linha de vallas desde a barreira Branca até o caminho d'Aubervilliers, em quatro mezes, noite e dia, em uma profundidade de onze metros; depois de ter, cousa que ainda se não havia visto, feito subterraneamente uma valla na rua Barredu-Bec, sem mina, a seis metros abaixo do nivel da calçada, o director Monnot morreu. Depois de ter abobadado tres mil metros de vallas em todos os pontos da cidade, desde a rua Traversière-Saint-Antoine até a da Ourcine; depois de ter, pela ramificação da Arbalète, dado esgoto ás inundações pluviaes do largo Censier-Mouffetard; depois de ter construido a valla de San'Jorge sobre rochas e argamassa em áreas fluidas; depois de ter dirigido o temivel abaixamento da grade do entroncamento da valla de Nossa Senhora do Lazareto, o engenheiro Duleau morreu. Não ha boletins para estes actos de bravura, não obstante serem mais uteis do que a manança estúpida dos campos de batalha.

As vallas de Pariz em 1832 bem longe estavam de ser o que hoje são. Bruneseau dera o impulso, mas foi preciso que a cholera viesse determinar a vasta reconstrução que se fez depois. Parece inerivel, por exemplo, que, em 1821 parte da valla principal chamada Canal Grande, como em Venesa, jazesse ainda descoberta na rua das Gourdes. Só em 1823 foi que a cidade de Pariz achou no seu bolso os 265.000 francos e seis centimos necessarios para cobrir essa ver-

gonha. Os tres poços absorventes do Combate, da Cunnette e de Saint-Mandé, com os seus desobstructores, seusapparelhos, seus escoadouros e encanamentos depuratorios, datam apenas de 1836. As vallas subterraneas de Pariz foram reconstruidas, e como já dissemos, mais que decupladas ha um quarto de seculo para cá.

Ha trinta annos, na época da insurreição de 5 e 6 de junho, quasi que ainda permaneciam, em muitos lugares, as antigas vallas. Um grande numero de ruas, hoje abahuladas, eram então calçadas em dous planos inclinados com um rego no meio. Viam-se a cada passo, no ponto declive onde terminavam as vertentes de uma rua ou de um largo, grandes grades quadradas com grossos varões cujo ferro reluzia polido pelos pés da multidão, perigosas e escorregadias para os vehiculos e fazendo cahir os cavallos. A linguagem official das pontes e calçadas dava a estes pontos declives e a estas grades o nome expressivo de *Cassie*. Em 1832, n'uma infinidade de ruas, na da Estrella, na de San'Luiz, na do Templo, na Velha do Templo, na de Nossa Senhora de Nazareth, na da Folie-Mirécourt, no cães das Flores, na rua do Almiscarzinho, na de Normandia, na de Pont-aux-Binhes, na dos Marais, no suburbio de San'Martinho, na rua de Nossa Senhora das Victorias, no suburbio de Montmartre, na rua Grange-Batelière, nos Campos Elysios, na rua Jacob, na de Tournon, a antiga cloaca gothica mostrava cynicamente as suas fauces. Eram enormes hiatos cobertos de uma abobadazinha de lages, ás vezes cercados de pilastras, com um desfaçamento monumental.

Pariz, em 1806, tinha quasi o mesmo numero de vallas que possuia, segundo os documentos officiaes, em maio de 1763: 5,320 toesas. Depois dos trabalhos de Bruneseau, no 1.º de janeiro de 1832 existiam 40,300 metros. De 1806 a 1831 tinham sido construidos, termo medio, 750 metros; dahi em diante construíram-se 8 e até mesmo 10,000 metros de galerias, revestidas de alvenaria miuda ligada com cal hydraulica sobre alicerces de argamassa. A 200 francos cada metro, as 60 leguas de vallas de Pariz actual representam 48 milhões.

Além do processo economico que indicámos ao começar, graves problemas de hygiene publica se prendem a esta immensa questão: a cloaca de Pariz.

Pariz está entre duas correntes, uma corrente de agua e uma corrente de ar. A corrente de agua, que jaz em uma grande profundidade subterranea, mas que duas perfurações já hão attingido, é fornecida pela camada de pedra lioz verde situada entre a greda e o calcareo *jurassico*; esta camada póde ser representada por um disco de 25 leguas de raio; uma infinidade de rios e regatos alli se filtram; bebemos o Sena, o Marne, o Yonne, o Aisne, o Cher, o Vienne e o Loire em um copo d'agua do poço de Grenelle. A corrente d'agua é salubre, vem em primeiro lugar do céu, depois da terra; a corrente de ar é morbifica, porque vem da cloaca. Todos os miasmas desta se ajuntam á respiração da cidade; dahi o máu cheiro. O ar tomado por cima de uma esterqueira,—isto foi scientificamente averiguado,—é mais puro que o ar ambiente de Pariz. Em um tempo dado, com a ajuda do progresso, aperfeiçãoando-se os machinismos, e diffundindo-se as luzes, a corrente d'agua será empregada em purificar a corrente de ar. Isto é, lavar-se-ha a cloaca. O leitor já sabe que por—lavagem da cloaca—entendemos—restituição da lama á terra; devolvimento da immundicia ao solo e do adubo aos campos. Haverá, por este simples facto, em bem de toda a communitade social, diminuição de miseria e augmento de saude. No momento em que nos achamos, a irradiação das doenças de Pariz estende-se a 50 leguas em torno do Louvre, tomado como eixo desta roda pestifera.

Poderíamos dizer que, ha dez seculos, a cloaca é a doença de Pariz. A valla é o vicio que a cidade tem no sangue. O instincto popular nunca se enganou a este respeito. O officio de limpador de vallas era outr'ora quasi tam perigoso, e quasi tam repugnante ao povo, como o de esfolador de animaes por tanto tempo votado ao horror e abandonado ao algoz. Só pagando um alto salario se podia induzir um pedreiro a entranhar-se nessa fetida lapa; a escada do limpador hesitava antes de alli mergulhar; diziam proverbialmente: *descer a uma valla* é entrar na se-

pultura; e innumeras lendas hediondas, já o disse-
mos, cobriam de pavor esse cano colossal; sentina
temerosa que tem os vestigios das revoluções do glo-
bo e das dos homens, e onde se descobrem vestigios
de todos os cataclysmas, desde a concha diluviana
até o trapo de Marat.

LIVRO TERCEIRO.

A LAMA, PORÉM A ALMA

I

A CLOACA E AS SUAS SORPRESAS.

Era na cloaca de Pariz que se achava João Valjean. Outra semelhança de Pariz com o mar. Como no oceano, póde o mergulhador alli desaparecer.

A transição era pasmosa. No meio mesmo da cidade, João Valjean achava-se fóra da cidade, e em um instante, gastando apenas o tempo de levantar e abai-xar uma grade, passára da luz mais viva á mais completa escuridão, do meio-dia a meia-noite, do estre-pito ao silencio, do turbilhão de trovões á estagnação do tumulto, e, por uma peripecia muito mais prodigiosa do que a da rua Polonceau, do mais extremo perigo á segurança mais absoluta.

Queda repentina em um subterraneo; desaparição na sentina de Pariz; deixar a rua onde a morte estava em toda a parte por essa especie de sepulcro onde havia a vida, foi para elle um momento estranho. Ficou alguns segundos como atordoadado, applicando o ouvido, estupefacto. A armadilha da salvação abri-ra-se-lhe de improviso debaixo dos pés. A bondade celeste colhera-o de alguma sorte traíçoeiramente. Adoraveis ciladas da Providencia!

O ferido, porem, não se mexia, e João Valjean não sabia se o que tinha sobre os hombros naquelle subterraneo era um vivo ou um morto.

A sua primeira sensação foi a cegueira. De subito não viu mais nada. Pareceu-lhe tambem que ensurdecêra de repente. Nada mais ouvia. A frenetica procella de morticinio que se desencadêava a alguns pés por cima d'elle, percebia-a, conforme já dissemos, graças á espessura de terra que se interpunha, amortecida e indistincta, e como um rumor em uma profundez. Sentia que os seus pés pisavam um chão firme; nada mais, porem isso bastava. Estendeu um braço, depois o outro, e tocou a parede de ambos os lados, e reconheceu que o corredor era estreito; escorregou, e conheceu que as lages estavam molhadas. Estendeu um pé com precaução, temendo encontrar algum buraco, algum poço, algum precipicio; descobriu que o lageamento se prolongava. Uma exalação fetida revelou-lhe em que lugar se achava.

Ao cabo de alguns instantes recobrou o uso da vista. Uma pouca de luz cahia da abertura por onde elle entrára, e os seus olhos já estavam affeitos á escuridão do subterraneo. Começou a distinguir alguma cousa. O corredor onde se tinha encovado, — nenhuma palavra exprime melhor a situação, — apresentava uma parede atrás d'elle. Era uma dessas betesgas que a linguagem especial chama *ramificações*. Na frente havia outro muro, um muro de trevas.

A claridade da abertura expirava a dez ou dose passos do ponto onde João Valjean se achava, e apenas reflectia umá luz soturna sobre alguns metros da parede humida da valla. Desse ponto em deante, a opacidade era completa; penetrar alli parecia horrivel, e a entrada em tal lugar assemelhava-se a uma quêda em um abysmo. Comtudo, era possivel atravessar aquella muralha, e até se tornava necessario. Urgia mesmo apressar-se. João Valjean pensou que a grade avistada por elle debaixo das pedras, podia ser egualmente descoberta pelos soldados, e que tudo dependia deste acaso. Tambem elles poderiam descer a valla e revista-la. Não havia um minuto que perder. Tinha largado Mario no chão, apanhou-o, — tambem esta é a expressão propria, — pô-lo ás costas e cami-

nhou para diante. Entrou resolutamente naquella escuridão.

O que é certo é que elles estavam menos salvo do que João Valjean o suppunha. Perigos de outro genero e não menores talvez os aguardavam. Depois do turbilhão fulgurante do combate, a caverna dos miasmas e das ciladas; depois do cahos, a cloaca. João Valjean cahira de um circulo do inferno em outro.

Ao cabo de cincoenta passos, teve de parar. Uma duvida se apresentou. A valla terminava em outra que encontrava transversalmente. Alli offereciam-se dous caminhos. Qual delles seguiria? deveria tomar á esquerda ou á direita? Como orientar-se neste labyrintho tenebroso? Esse labyrintho, já nós o ponderamos, tem um fio; é a sua declividade. Seguir esse declive é ir ter ao rio.

João Valjean logo o comprehendeu.

Disse comsigo mesmo que se achava provavelmente na valla da praça do Mercado; que, se voltasse á esquerda e seguisse o declive, chegaria antes de um quarto de hora a alguma embocadura sobre o Sena, entre a Ponte-au-Change e a Ponte Nova, isto é, faria uma apparição á luz do dia no ponto mais povoado de Pariz. Talvez fosse ter a alguma entrada de valla no meio de algum largo. Pasma dos viandantes ao verem dous homens ensanguentados surgirem das entranhas da terra a seus pés. Acudiriam os beleguins, o corpo de guarda vizinho pôr-se-hia em armas. Seriam agarrados antes de sahir da valla. Era melhor entranhar-se no dedalo, commetter-se áquella escuridão, e esperar que a Providencia lhe deparasse uma sahida.

Subiu a ladeira e tomou á direita.

Assim que dobrou o angulo da galeria, a luz distante da abertura desapareceu, o vén de trevas tornou a envolvê-lo, e de novo ficou elle sem ver cousa alguma. Nem por isso deixou de avançar, e o mais rapidamente que pôde. Os dous braços de Mario cingiam-lhe o pescoço e os pés pendiam-lhe por detrás. Segurava os dous braços com uma mão e com a outra ia apalpando a parede. O rosto do moço estava unido e grudava-se ao delle, por causa do sangue. Sentia um liquido tepido, que sahia do corpo de Mario, cor-

rer sobre o seu fato e embebê-lo. Entretanto o calor humido que exhalava da bocca do ferido encostada ao seu ouvido indicava a respiração, e por conseguinte a vida. A valla por onde agora caminhava era menos estreita do que a primeira. João Valjean avançava com a maior difficuldade. As aguas da chuva da vespera ainda não se tinham escoado, e figuravam uma torrentezinha no centro do cano, e elle vira-se obrigado a coser-se com a parede para não metter os pés n'agua. Ia andando assim tenebrosamente. Assemelhava-se aos entes das trevas ás apalpadellas no invisivel e subterraneamente perdidos nos meandros da escuridão.

Todavia, pouco a pouco, ou porque as aberturas distantes lançassem uma pouca de luz fluctuante naquella opaca cerração, ou porque os seus olhos já se achassem affeitos á escuridão, reassumiu uma tal ou qual visão vaga, e começou a distinguir confusamente, ora a parede que apalpava, ora a abobada por baixo da qual passava. A pupilla se dilata na escuridão e nella consegue achar luz, do mesmo modo que a alma se dilata na desgraça e nella consegue descobrir Deus.

Orientar-se era difficultoso.

O plano das vallas repercute, por assim dizer, o das ruas que lhe está sobreposto. Havia na Pariz de então duas mil e duzentas ruas. Por aqui pôde formar-se uma idéa dessa floresta de ramos tenebrosos a que chamamos cloaca. Todas as vallas que existiam naquella época, unidas umas ás outras pelas suas extremidades, houveram dado uma extensão de onze leguas. Já acima dissemos que a rêde actual, graças á actividade particular destes trinta annos mais proximos, não tem menos de sessenta leguas.

João Valjean começou por enganar-se. Suppoz achar-se debaixo da rua de San'Diniz, e máu foi que alli se não achasse. Ha por baixo da rua de San'Diniz uma antiga valla de pedra de cantaria que data do tempo de Luiz XIII e vae ter direito á valla principal, chamada valla grande, com um unico cotovello, á direita, na altura do antigo Páteo dos Milagres, e um unico entroncamento, a valla de San'Martinho, cujos quatro braços se cortam em cruz. Mas a valla da

Pequena-Truanderie, cuja entrada ficava perto da taverna de Coryntho, nunca communicou com o subterraneo da rua de San'Diniz; vae ter á valla de Montmartre, e tal era a direcção que João Valjean havia tomado. Alli, abundavam as occasiões de perder-se. A valla de Montmartre é uma das mais complicadas das antigas construcções. Felizmente João Valjean deixára atrás de si a valla da praça do Mercado, cujo plano geometrico figura uma multidão de mastaréos entravados; mas tinha deante de si mais de uma conjunctura espinhosa e mais de um canto de rua, porquanto ha alli ruas apresentando-se no escuro como um ponto de interrogação: em primeiro lugar, á esquerda, a immensa valla de Piatrière, especie de cachamorra chinesa, estendendo e confundindo o seu cahos de TT e de ZZ por baixo da casa do correio e do mercado do trigo até o Sena, onde termina em Y; depois á direita o corredor curvo da rua do Quadrante com os seus tres dentes que são outras tantas betesgas; depois, á esquerda, o entroncamento da Malha, complicado, quasi á entrada, com uma especie de bifurcação, e indo ter, de zigue-zague em zigue-zague, á grande crypta exutoria do Louvre, cortada e ramificada em todas as direcções; finalmente, á direita, o corredor chancudo da rua dos Jejuadores, sem contar diversos recantozinhos aqui e acolá, antes de chegar á valla principal, unica que poderia conduzi-lo a alguma sahida que, pela sua distancia dos sitios povoados, fosse segura.

Se João Valjean tivesse alguma noção de tudo que aqui indicámos, para logo houvera reconhecido, apalpando simplesmente a parede, que não se achava na galeria subterranea da rua de San'Diniz. Em vez da antiga pedra de cantaria, em vez da prisca architectura, soberba e regia até mesmo na cloaca, com leito e fiadas corridas de granito e argamassa de cal de calcarios puros, a qual sabia a oitocentas libras a toesa, teria percebido pelo tacto a barateza contemporanea, o expediente economico, a alvenaria unida com argamassa hydraulica sobre camadas de betume que custa duzentos francos o metro, systema de construcção burgueza chamado de *materiaes miudos*; mas ignorava tudo isto.

Ja avançando sempre, com anciedade, porem com

calma, sem ver cousa alguma, sem saber nada, entregue ao acaso, isto é, immerso na Providencia.

Gradualmente, digamo-lo, sentia-se tomado de tal ou qual horror. A escuridão que o envolvia penetrava-lhe no espirito. Elle caminhava em um enigma. O aqueducto da cloaca é temeroso; emmaranha-se vertiginosamente. E' cousa lugubre andar assim perdido nessa Pariz de trevas. João Valjean era obrigado a achar e quasi a inventar o seu caminho sem o ver. Naquelles sitios desconhecidos cada passo que aventurava podia ser o ultimo. Como sahiria dalli? acharia alguma abertura? acha-la-hia a tempo? aquella colossal esponja subterranea de alveolos de pedra poderia ser rasgada e atravessada? encontraria alli algum nó inesperado de escuridão? chegaria ao inextricavel e ao intransitavel? morreriam alli—Mario de hemorrhagia e elle de fome? acabariam por perder-se ambos, e por mudar-se em dous esqueletos em alguns daquelles recantos tenebrosos? Ignorava-o. A si mesmo fazia estas perguntas e não sabia responder. O intestino de Pariz é um precipicio. Como o propheta, estava elle dentro do ventre do monstro.

Subito teve uma surpresa. No instante o mais imprevisto e sem ter cessado de caminhar em linha recta, notou que já não subia; a agua do cano batia-lhe nos calcanhares em vez de passar-lhe pelas pontas dos pés. A valla agora descia. Porque? Iria pois chegar de repente ao Sena? Este perigo era grande, porém maior ainda seria o que lhe resultaria se retrocedesse.

Não era para o Sena que elle ia. O abahulado que forma o solo de Pariz na margem direita despeja as aguas de uma das suas vertentes no Sena e as da outra na valla grande. O alto deste abahulado que determina a divisão das aguas descreve uma linha sobremodo caprichosa. O ponto culminante, que é o lugar onde se dividem os escoamentos, fica, na valla de Saint-Avoye, além da rua Michel le Comte, na do Louvre, perto dos *boulevards*, e na de Montmartre, perto da praça do Mercado. Era a este ponto culminante que João Valjean tinha chegado. Dirigia-se para a valla principal; estava no bom caminho. Mas não o sabia.

Todas as vezes que encontrava algum entroncamento, apalpava-lhe os angulos, e se a abertura que se apresentava era menos larga do que o corredor onde estava, não entrava e continuava o seu caminho, julgando com razão que toda a passagem mais estreita devia ir ter a alguma betesga e não faria mais do que afastal-o do que elle buscava, isto é, da sahida. Evitou assim a quadrupla cilada que lhe era armada na escuridão pelos quatro dedalos que acabamos de enumerar.

Em certo momento reconheceu que sahia debaixo da parte de Pariz petrificada pelo motim, onde as barricadas haviam supprimido a circulação, e que entrava para baixo da Pariz viva e normal. Ouviu de subito por cima da sua cabeça um como estrondo de trovão, longinquo, porém continuo. Era o rodar dos carros.

Caminhava havia cerca de meia hora, ao menos pelo calculo que elle proprio fazia, e ainda não tinha pensado em descansar; mudava unicamente a mão que segurava Mario. A escuridão era cada vez mais profunda, mas isso mesmo o tranquillisava.

De repente viu a sua sombra deante de si. Reflectia-se ella em uma luz avermelhada quasi indistincta que purpureava o leito da valla e a abobada, e se estendia á direita e á esquerda pelas paredes viscosas. Estupefacto, voltou-se.

Atrás de si, na parte do corredor que acabava de percorrer, em uma distancia que se lhe afigurou immensa, scintillava, diffundindo os seus raios na escuridão opaca, uma especie de astro horrivel que parecia olha-lo.

Era a sombria estrella da policia que se levantava na cloaca.

Atrás desta estrella mexiam-se confusamente oito ou dez vultos pretos, tesos, indistinctos, terriveis.

II

EXPLICAÇÃO.

No dia 6 de junho ordenára-se que as vallas fossem revistadas. Havia receio de que os vencidos alli se refugassem, e o prefeito Gisquet teve de varejar a Pariz occulta, ao passo que o general Bugeaud varria a Pariz publica; dupla operação connexa que exigiu uma dupla estrategia da força publica representada em cima pelo exercito e em baixo pela policia. Tres pelotões de agentes e de alimpadores de vallas exploraram os canos subterraneos de Pariz, o 1.º na margem direita, o 2.º na margem esquerda, o 3.º na Cité.

Os agentes estavam armados de clavinas, de cacetes, de espadas e de punhaes.

A luz que João Valjean acabava de avistar era a da lanterna da ronda da margem direita.

Esta ronda tinha já visitado a galeria curva e os tres chancudos que ficam por baixo da rua do Quadrante. Ao passo que elle allumiava com a lanterna todos esses recantos, João Valjean encontrára no seu caminho a entrada da galeria, reconheçêra que era mais estreita do que o corredor principal e alli não

penetrára. Continuára a avançar. Os homens da policia, ao sahirem da galeria do Quadrante, suppuzeram ouvir bulha de passos na direcção da valla principal. Eram comeffeito os passos de João Valjean. O commandante da ronda levantára a sua lanterna e a quadrilha puzera-se a olhar por entre a nevoa para o lado de onde viera a bulha.

Foi para João Valjean um momento inexprimivel.

Felizmente, se elle via bem a lanterna, esta via-o mal. Ella era a luz, elle a escuridão. Estava em grande distancia, e confundido com o negrume do lugar. Parou e cosen-se com a parede.

A fallar a verdade, não sabia ao certo o que era aquillo que se movia atrás de si. A insomnia, a falta de alimento, os abalos, haviam-o por seu turno feito passar ao estado visionario. Via scintillar uma luz, e em torno daquelle clarão umas larvas. O que seria? Não podia atinar.

Tendo João Valjean parado, a bulha havia cessado.

Os homens da ronda applicavam o ouvido e nada escutavam, olhavam e nada viam. Puzeram-se a deliberar.

Havia nesta época naquelle ponto da valla de Montmartre uma especie de largo chamado de *serviço*, que depois foi supprimido por causa do lagozinho interior que alli formava, accumulando-se nelle nas occasiões de grandes aguaceiros a torrente das aguas pluvias. A ronda pôde grupar-se dentro deste largo.

João Valjean viu as larvas formarem uma especie de circulo. Aquellas cabeças de cães de fila approximaram-se umas das outras e cochicháram.

O resultado desta deliberação dos cães de fila foi crerem que se tinham enganado, que não houvera bulha nenhuma, que ninguem se achava dentro da valla que era inutil caminharem até o cano principal, que desta torma perderiam tempo, mas que lhes cumpria ir quanto antes para o lado de Saint-Merry, que se havia alguma cousa que fazer e algum *bousingot* que desencovar, era por sem duvida neste bairro.

De tempos a tempos os partidos poem solas novas nas suas velhas injurias. Em 1832 a palavra *bousingot* substituia a palavra *jacobino* que já estava gasta, em quanto não entrava em uso a palavra *demagogo*, en-

tão quasi desusada, e que depois prestou tam assignalados serviços.

O commandante deu ordem de obliquar á esquerda em direcção á vertente do Sena. Se se houvessem lembrado de formar duas esquadras e de caminhar cada uma para o seu lado, João Valjean seria preso. A sua salvação dependeu deste fio. É provavel que as instrucções da prefeitura de policia, prevendo o caso de combate e o grande numero dos insurgentes, prohibissem á ronda que se fraccionasse. Continuou ella o seu caminho, deixando João Valjean atrás de si. De todo este movimento o fugitivo só notou o eclipse da lanterna que se voltou de subito.

Antes de retirar-se, o sargento, por desencargo da consciencia da policia, disparou a sua clavina para o lado que abandonavam, na direcção de João Valjean. A detonação trocou reflectindo-se de écho em écho pela crypta como o borborygmo daquelle intestino titanico. Um pedaço de calça que cahiu no leito da valla e agitou a agua a alguns passos de João Valjean mostrou-lhe que a bala batêra na parede por cima da sua cabeça.

Passos cadentes e lentos soaram algum tempo no leito da valla, tornando-se mais e mais indistinctos á medida que se afastavam: o grupo de vultos negros desapareceu, uma luz oscillou e fluctuou reflectindo na abobada um arco avermelhado que se estreitou gradualmente, depois desapareceu; o silencio tornou a ser profundo, a escuridão tornou a ser completa, a cegueira e a surdez volverão a reinar nas trevas; e João Valjean, não ousando ainda mexer-se, ficou muito tempo encostado á parede applicando o ouvido, com a pupila dilatada, contemplando o desaparecimento daquella patrulha de fantasmas.

III

O HOMEM PERSEGUIDO.

Cumpre fazer á policia desse tempo a justiça de reconhecer que, ainda mesmo nas mais difficeis conjuncturas publicas não deixava de cumprir o seu dever de limpeza e de vigilancia. Um motim não era a seus olhos um pretexto para soltar as redeas aos malfeitores e esquecer a sociedade em razão de achar-se o governo em perigo. O serviço ordinario fazia-se correctamente a par do serviço extraordinario, e nem por isso era perturbado. No meio de qualquer incalculavel acontecimento politico começado, sob a imminencia de uma revolução possivel, sem se deixarem distrahir pela insurreição e pela barricada, os agentes de policia *davam caça* aos ladrões.

Era justamente uma cousa semelhante que se passava na tarde do dia 6 de junho á beira do Sena, na ribanceira da margem direita, um pouco abaixo da ponte dos Invalidos.

Hoje já não ha ribanceira. O aspecto dos lugares está mudado.

Nessa ribanceira, dous homens separados por uma

certa distancia pareciam observar-se, um evitando o outro. O que ia adeante buscava afastar-se, o que ia atrás buscava approximar-se.

Era uma especie de partida de xadrez que se jogava de longe e silenciosamente. Nem um nem outro mostrava apressar-se, e caminhavam ambos lentamente, como se cada um delles receiasse pela demasiada pressa fazer dobrar o passo ao seu parceiro.

Supporieis ver um appetite a seguir uma presa, sem parecer fazê-lo de proposito. A presa era manhosa e estava alerta.

As proporções naturaes entre a fuinha perseguida e o molosso caçador eram observadas. O que buscava escapar era baixinho e enfesado; o que buscava empolga-lo, machacaz de alentada estatura, tinha um aspecto severo e devia ser de não commum robustez.

O primeiro, reconhecendo-se mais fraco, evitava o segundo, mais evitava-o de um modo profundamente furioso; quem o houvesse observado teria visto nos seus olhos a sombria hostilidade da fuga, e toda a ameaça que ha no temor.

A ribanceira estava solitaria; ninguem por alli passava; nem sequer viam-se barqueiros ou descarregadores nas embarcações, amarradas de distancia em distancia.

Ninguem poderia ver bem esses dous homens se não do cães que ficava defronte, e para quem os houvesse observado de tal distancia o que ia adeante se lhe teria afigurado um ente irriçado, andrajoso e suspeito, e o outro como uma pessoa classica e official, trajando o casaco da autoridade abotoado até o queixo.

O leitor talvez reconhecesse esses dous homens se os visse de mais perto.

Qual era o fim que tinha em vista o segundo?

Sem duvida chegar a vestir o outro mais confortavelmente.

Quando um homem vestido pelo estado persegue um individuo coberto de andrajos é com o intuito de fazer que tambem elle seja vestido pelo estado. A unica differença é só na côr. Ser vestido de azul é glorioso; ser vestido de encarnado é desagradavel.

Ha uma purpura abjecta.

Era sem duvida algum dissabor e alguma purpura deste genero que o primeiro desejava evitar.

Se o outro o deixava ir andando adeante, e não o agarrava ainda, era, conforme toda a apparencia, porque nutria a esperanza de vê-lo chegar significativamente a algum sitio aprazado, onde se achasse algum grupo de boa presa. Esta operação delicada chama-se *dar caça*.

O que torna esta conjectura mais que provavel é que o homem da sobrecasaca abotoada, avistando da ribanceira um carro que passava vasio pelo cães, fez signal ao cocheiro; o cocheiro comprehendeu, reconheceu evidentemente o individuo, fez os cavallos voltarem, e pôz-se a seguir os dous homens, a passo, do alto do cães. O personagem esfarrapado e suspeito que ia adeante não reparou nisto.

O carro rodava ao longo das arvores dos Campos Elysios. Via-se passar por cima do parapeito o busto do cocheiro, com seu chicote na mão.

Uma das instrucções secretas da policia aos agentes contem este artigo: «Ter sempre perto um carro de aluguel, para algum caso de necessidade».

Manobrando cada um do seu lado com uma estrategia irreprehensivel, esses dous homens approximavam-se de uma rampa do cães que descia até a ribanceira, e por onde os cocheiros dos vehiculos que vinham de Passy podiam descer ao rio para dar de beber aos seus cavallos. Esta rampa foi suprimida depois, por causa da symetria; os cavallos morrem de sede, mas a vista é recreada.

Era provavel que o homem vestido de blusa subisse a rampa afim de tentar escapar-se pelos Campos Elysios, lugar ornado de arvores, mas em compensação coalhado de agentes policiaes, e onde o outro facilmente acharia reforço.

Este ponto do cães fica pouco distante da casa trazida de Moret para Pariz em 1824 pelo coronel Brack, e chamada casa de Francisco I. Ha um corpo de guarda muito perto d'alli.

Com grande sorpresa do seu observador, o homem perseguido não subiu a rampa do bebedouro. Continuou a caminhar pela ribanceira ao longo do cães.

A sua posição tornava-se visivelmente critica.

Se não era sua intenção lançar-se no Sena, o que ia fazer?

Já não havia meio de subir para o cáes; nem rampa, nem escada; e estavam perto do lugar, marcado pelo cotovello para o lado da ponte d'Iena, onde a ribanceira, estreitando-se cada vez mais, terminava em ponta aguda e desaparecia debaixo da agua. Alli achar-se-hia inevitavelmente bloqueado entre a muralha a pique á sua direita, o rio á esquerda e na frente, e a autoridade por detrás.

É verdade que esse sitio da ribanceira achava-se encoberto por um monte de calça de seis a sete pés de altura, producto não sabemos de que demolição. Mas o homem esperava esconder-se utilmente atrás daquelle montão de entulho, que o outro só teria de rodear? O expediente houvera sido pueril. De certo nem elle em tal pensava. A innocencia dos ladrões não chega a esse ponto.

O monte de calça formava á beira d'agua uma especie de eminencia, que se prolongava qual promontorio até a muralha do cáes.

O homem perseguido chegou a essa collinazinha e dobrou-a, de sorte que o outro cessou de avista-lo.

Este, assim como não via, tambem não era visto; aproveitou-se disto para abandonar toda a dissimulação, e poz-se a caminhar com a maior rapidez. Em alguns instantes achou-se junto do montão de entulho, e dobrou-o. Alli, parou estupefacto. Já não encontrou o homem a quem dava caça.

Eclipse total do individuo de blusa.

A ribanceira do lugar onde estava o monte de calça em deante tinha apenas uns trinta passos de comprimento, depois mergulhava na agua que vinha bater á muralha do cáes.

O fugitivo não teria podido lançar-se á agua nem escalar a muralha sem ser visto pelo individuo que o seguia. O que era feito d'elle?

O homem do casaco abotoado avançou até a extremidade da ribanceira, alli ficou um momento pensativo, com os punhos convulsivamente fechados, a esquadrinhar tudo com os olhos. De repente bateu na testa. Acabava de avistar, no ponto onde terminava a terra e principiava a agua, uma grade de ferro lar-

ga e baixa, arqueada, guarnecida de uma grande fechadura e de tres gonzos enormes. Esta grade, especie de porta aberta no sob-pé do caes, tanto dava para o rio como para a ribanceira. Um riacho escuro passava-lhe por baixo. Este riacho desaguava no rio.

Do lado de dentro dos grossos varões enferrujados distinguia-se uma especie de corredor abobadado e tenebroso.

O homem cruzou os braços e olhou para a grade com ar de exprobração.

Não lhe bastando este olhar, tentou empurra-la; sacudiu-a, ella resistiu solidamente. Era provavel que acabava de ser aberta, bem que não se tivesse ouvido o menor rangido, cousa singular em uma grade tam enferrujada; mas era certo que fôra de novo fechada. Isto indicava que a pessoa deante da qual essa porta acabava de abrir-se tinha, não uma gazua, mas uma chave.

Esta evidencia offereceu-se para logo ao espirito do homem que tentava abalar a grade, e arrancou-lhe este epiphonema cheio de indignação:

—Oh! isto é de mais! uma chave do governo!

Depois, acalmando-se immediatamente, exprimiu um complexo de idéas com estas palavras pronunciadas quasi ironicamente:

—E esta! e esta! e esta! e esta!

Disse, e, esperando não sabemos o que, ou ver sair o homem, ou ver entrar outros, postou-se á espreita atrás do monte de entulho, com a raiva paciente de um cão de espera.

Pelo seu lado, o carro, que observava todos os seus movimentos, tinha parado junto do parapeito do cáes. O cocheiro, prevendo uma longa estação, mettêra o focinho dos seus cavallos dentro do sacco de avêa humido embaixo, tam conhecido dos parizienses, aos quaes, digamo-lo em parenthesis, os governos costumam ás vezes applica-lo. Os raros viandantes da ponte d'Iena, antes de afastarem-se, voltavam a cabeça para contemplar um momento esses dous accessorios da paisagem immoveis, o homem na ribanceira, o carro no cáes.

IV

TAMBEM ELLE CARREGA A SUA CRUZ.

Continuára João Valjean o seu caminho e não tornára a parar.

Essa marcha encontrava a cada instante maiores difficuldades. O nivel dessas abobadas varia; a altura média é de cerca de cinco pés e seis pollegadas, e foi calculada para a estatura de um homem. João Valjean via-se obrigado a abaixar-se para que a cabeça de Mario não batesse na abobada; a cada passo tinha de curvar-se, de erguer o corpo, apalpando continuamente a parede. A humidade das pedras e a viscosidade do leito da valla não davam seguros pontos de apoio, quer aos pés, quer á mão. Elle vacillava na hedionda sentina da cidade. Os reflexos intermitentes dos oculos da cloaca só appareciam em longos intervallos, e tam pallidos que dissereis que provinham da lua e não do sol; tudo o mais era nevoa, miasmas, opacidade, negrume. João Valjean estava com fome e sede; sobretudo com sede; e alli, como no mar, havia agua, mas agua que não se podia beber. Sua força, que era prodigiosa, como o leitor já o sabe,

é mui pouco diminuida pela idade, graças a sua vida casta e sobria, começava comtudo a quebrantar-se. Principiava a sentir-se fatigado, e á medida que lhe decrescia a força mais affrontoso tornava-se-lhe o seu fardo. Mario, talvez morto, pesava como pesam os corpos inertes. João Valjean carregava-o pondo muito cuidado em que o seu peito não ficasse comprimido, de modo que a respiração se achasse o mais possível desembaraçada. Sentia os ratos passarem-lhe rapidamente por entre as pernas. Um delles, de assustado, quasi o mordeu. De espaço a espaço, pelas aberturas dos escoadouros da valla, respirava uma baforada de ar fresco, que o reanimava.

Seriam tres horas da tarde quando chegou á valla principal.

A principio admirou-se daquelle subito alargamento. Achou-se de repente em uma galeria cujas duas paredes não podia tocar estendendo os braços, e debaixo de uma abobada a que não chegava a sua cabeça. A grande valla tem comeffeito oito pés de largura sobre sete de altura.

No ponto onde a valla de Montmartre desagua na Grande Valla, duas outras galerias subterraneas, a da rua de Provença e a do Matadouro, formam uma encruzilhada. Entre esses quatro caminhos outrem menos sagaz houvera ficado indeciso. João Valjean tomou o mais largo, isto é, a valla principal. Mas aqui suscitava-se de novo a questão: subir ou descer? Reconheceu que a situação urgia, e que agora, a todo o risco, importava-lhe chegar ao Sena. Por outros termos, descer. Tomou á esquerda.

Foi o que lhe valeu. Porquanto seria um erro supôr que a valla principal tem duas sahidas, uma para o lado de Bercy, outra para o de Passy, e que é, como o seu nome o indica, a cintura subterranea da Pariz da margem direita. A Grande Valla, que não é, cumpre recordal-o, outra cousa mais do que o antigo riacho de Ménilmontant, termina, subindo agua acima, em um chancudo, isto é, no seu antigo ponto de partida, que foi a sua nascente, no sob-pé da collina de Ménilmontant. Não tem communicação directa com o entroncamento que recebe as aguas de Pariz a partir do bairro Popincourt, e que desagua no Sena pela

valla Amelot, aquem da antiga ilha de Louviers. Este entroncamento, que completa o cano collector, achase separado delle, mesmo por baixo da rua Menilmontant, por um muro solido, que marca o ponto de divisão do esgoto agua-acima e agua-abaixo. Se João Valjean houvesse subido a galeria teria chegado depois de mil esforços, prostado de fadiga, expirando, a um lugar tenebroso, a um muro. Estaria perdido.

Em rigor, retrocedendo um pouco, entrando na valla das Filhas do Calvario, uma vez que não hesitasse ao chegar a encruzilhada subterranea do largo Bouche-rat, mettendo-se pelo cano de San'Luiz, depois, á esquerda, pelo de San'Gil, depois, tomando á direita e evitando a galeria de San'Sebastião, houvera podido chegar á valla Amelot, e ali, comtanto que não se transviasse na especie de F que fica por baixo da Bastilha, iria ter ao desaguadouro, no Sena, perto do arsenal. Mas para isto forçoso tornava-se o conhecimento profundo, em todas as suas ramificações e aberturas, da enorme madreperola da cloaca. Ora, devemos repeti-lo, elle nada sabia daquelles medonhos caminhos por onde andava; e, se lhe houvessem perguntado onde estava, teria respondido: nas trevas.

Valeu-lhe de muito o seu instincto. Descer era com-effeito a salvação possível.

Deixou á direita os dous canos que se ramificam em forma de garra por baixo das ruas Laffitte e de San'Jorge e a comprida galeria bifurcada da calçada d'Antin.

Um pouco além de um afluente, que era provavelmente o entroncamento da Magdalena, parou. Estava cansadissimo. Um oculo bastante largo, sem duvida o olheiro da rua d'Anjou, dava uma luz quasi viva. João Valjean, com a delicadesa de movimento com que um irmão pegaria em seu irmão ferido, depôz Mario em cima da banquetta da valla. O rosto ensanguentado do mancebo appareceu á branca luz, que entrava no subterraneo como no fundo de um tumulo. Tinha os olhos fechados, os cabellos grudados ás fontes, como pinceis que houvessem seccado embebidos em carmim, as mãos pendentes e inertes, os membros frios, e o sangue coagulado nos cantos da boca. Uma posta do

sangue coalhado se tinha formado no laço da gravata; a camisa entrava-lhe nas feridas, o panno da casaca roçava as cortaduras hiantes na carne viva. João Valjean afastando com as pontas dos dedos a roupa, pôz-lhe a mão em cima do coração; ainda batia. Rasgou a sua propria camisa, ligou as feridas como melhor pôde e atalhou o corrimento do sangue; depois, no meio daquella dubia luz, inclinando-se para Mario, que continuava immovel e quasi sem respiração, fitou-o com inexprimivel odio.

Quando estivera ligando as feridas de Mario achára na algibeira do mancebo duas cousas, o pão, queahi ficára esquecido desde a vespera, e a carteira. Comeu aquelle e abriu esta. Na primeira pagina achou estas linhas, escriptas por Mario. O leitor não as terá esquecido:

«Chamo-me Mario Pontmercry. Levem o meu cada-ver á casa do meu avô o senhor Guillenormand, rua das Filhas do Calvario n. 6, no Marais.»

João Valjean leu á luz do oculo estas linhas, e ficou um momento absorto em si mesmo, repetindo em meia voz: rua das Filhas do Calvario, numero seis, o senhor Guillenormand. Depois tornou a pôr a carteira no bolso de Mario. Tinha comido, reassumira as forças; tomou de novo Mario ás costas, encostou-lhe cuidadosamente a cabeça no hombro direito, e continuou a descer a valla.

A Grande Valla, que segue o *thalweg* do valle de Ménilmontant, tem cerca de duas leguas de extensão. É calçada em uma notavel parte de seu trajecto.

O facho dos nomes das ruas de Pariz com que allumiamos para o leitor a marcha subterranea de João Valjean, não o tinha este. Nada lhe dizia que zona da cidade elle atravessava, nem que extensão de caminho havia andado. Todavia a crescente soturnidade das resteas de luz que entravam pelos oculos de distancia em distancia indicava-lhe que o sol se retirava da calçada, e que o dia não tardaria a declinar; e o rodar dos carros por cima da sua cabeça, tornando-se de continuo intermittente, depois tendo quasi cessado, levou-o a concluir que já não estava por baixo de Pariz central, e que se aproximava de alguma região solitaria, vizinha dos *boulevards* exteriores ou

dos cáes extremos. Onde ha menos casas e menos ruas as vallas têm menos oculos. A escuridão tornava-se cada vez mais densa em torno de João Valjean. Nem por isso deixou de avançar, tacteando as trevas.

Esta escuridão tornou-se de subito terrivel.

V

PARA A ARÊA COMO PARA A MULHER HA UMA FINURA QUE É PERFIDIA.

Sentia que entrava n'agua, e que tinha debaixo dos pés, não já lagedo, mas lôdo.

Acontece ás vezes, em certas costas da Bretanha ou da Escossia, que um homem, viajante ou pescador, caminhando na baixa mar pela praia e longe da terra, repara de repente que ha alguns minutos sente uma difficuldade em andar. A praia que pisam os seus pés parece de resina; a sola dos sapatos nella se agarra; já não é arêa, é visgo. A praia está perfeitamente enxuta, mas a cada passo que se dá, mal se levanta o pé, a pegada enche-se de agua. Os olhos, porém, não descobriram nenhuma mudança; a immensa praia está unida e tranquillá, toda a arêa tem o mesmo aspecto, nada distingue o terreno que é solido do que já o não é; a alegre nuvemzinha dos pulgões marinhos continúa a saltar tumultuosamente aos pés dos viandantes. O homem segue o seu caminho, vae andando para deante, toma para o lado da terra, tracta de approximar-se da costa. Não está inquieto. Inquieto de que? Todavia sente o quer que seja, como se os

seus pés se tornassem mais pesados a cada passo que dá. De repente enterra-se. Enterra-se duas ou tres pollegadas. Decididamente não está no bom caminho, pára afim de orientar-se. De repente olha para o solo. Seus pés desappareceram. A arêa os cobre. Tira os pés de dentro da arêa, quer retroceder, volta-se; enterra-se ainda mais profundamente. A arêa chega-lhe até o tornozello, desembaraça-se e lança-se á esquerda, a arêa lhe sobe até a barriga das pernas; lança-se á direita, a arêa chega-lhe até a curva das pernas. Então reconhece com indizível terror que está no meio da arêa movediça, e que tem debaixo das suas plantas o horrivel ambiente em que é tam impossivel ao homem andar como ao peixe nadar. Lança fóra a carga se leva alguma, alija-se como um navio em perigo; já não é tempo, a arêa sobe-lhe até acima dos joelhos.

Grita, agita o chapêu ou o lenço, a arêa engole-o cada vez mais; se a praia está deserta, se a terra fica longe, se o banco de arêa tem sinistra fama, se não ha heróes nos arredores, tudo está acabado, o homem acha-se condemnado a ficar alli sepultado. Acha-se condemnado a esse enterramento longo, infallivel, implacavel, impossivel de retardar ou de apressar, que dura horas, que não acaba, que te cohe de pé, livre e cheio de saude, que te puxa pelas plantas, que, a cada esforço que tentas, a cada clamor que soltas, arrasta-te um pouco mais para baixo, que parece punir-te a resistencia redobrando a força com que te attrahe, que faz o homem entranhar-se lentamente na terra, deixando-lhe todo o tempo de olhar para o horisonte, para as arvores, para os campos verdejantes, para a fumaça das aldêas na planicie, para as velas dos navios no mar, para os passarinhos que voam e cantam, para o sol, para o céu. O sepulcro transforma-se em maré e sobe do fundo da terra para tragar um vivo. Cada minuto é um coveiro inexoravel. O misero busca sentar-se, deitar-se, rojar; todos os movimentos que faz o enterram; ergue-se, desce ainda mais; sente-se engelido; ruge, implora, grita para as nuvens, torce os braços, desespera. Ei-lo com arêa até a barriga; já lhe chega aos peitos; agora não é mais do que um busto. Ergue as mãos,

solta gemidos furiosos, crava convulsivamente as unhas na praia, quer agarrar-se á aquelle pó, firma-se nos cotovellos para arrancar-se de dentro desse pégo movediço, soluça phreneticamente; a arêa sobe.

Já lhe chega aos hombros, chega-lhe ao pescoço; agora só apparece o rosto. A bocca abre-se gritando, a arêa enche-a; silencio. Os olhos ainda vêem, a arêa os tapa; trevas. Depois a fronte vae sumindo-se, uma madeixa de cabellos agita-se em cima da arêa, uma mão apparece, abre a superficie da praia, remexe, e agita-se, e some-se. Sinistro desaparecimento de um homem.

Às vezes o cavalleiro é assim sepultado com a sua cavalgadura, o carroceiro com o seu vehiculo; tudo abysma-se na praia. É o naufragio algures que não na agua. É a terra afogando o homem. A terra, penetrada de oceano, transforma-se ilada. Apresenta-se como uma planicie e abre-se como as ondas. O abysmo usa destas traicões.

Esta funebre aventura, sempre possivel em tal ou tal praia do mar, era-o tambem, ha trinta annos, na cloaca de Pariz.

Antes dos importantes trabalhos começados em 1833 os canos subterraneos de Pariz estavam sujeitos a aluimentos subitos.

A agua infiltrava-se em certos terrenos subjacentes, particularmente friaveis; o leito da valla, quer fosse de lages, como nos canos antigos, quer de cal hydraulica sobre bitume, como nas novas galerias, deixando de ter ponto de apoio, dobrava-se. Uma dobra em um pavimento deste genero é uma fenda; uma fenda é a ruina. O leito abria-se em uma certa extensão. Esta abertura, hiato de um abysmo de lama, chamava-se na linguagem especial *fontis*. O que vinha a ser um *fontis*? A arêa movediça das costas do mar encontrada de repente nas entranhas da terra; é a praia do monte de San'Miguel dentro de uma cloaca. O solo diluido, acha-se como que em fusão; todas as suas moleculas estão em suspensão em um meio molle; não é terra e tambem não é agua. Profundidade ás vezes grandissima. Nada mais temeroso do que um tal embarço. Se a agua domina, a morte é prompta, ha asphyxia por submersão; se a terra domina, a morte é lenta, ha enterramento.

Imagina o leitor o que será uma tal morte? Se o enterramento é horrivel em uma praia do mar, o que não será em uma cloaca? Em vez do ar livre, da luz, do dia, do claro horizonte, dos immensos rumores, das livres nuvens das quaes desce a vida, das barcas avistadas ao longe, da esperança sob todas as fórmulas, dos viandantes provaveis, do soccorro possivel até o ultimo momento, em vez de tudo isto, a surdez, a cegueira, uma abobada tenebrosa, um interior de tumulto já prompto, a morte na lama debaixo de uma tampa! a suffocação lenta pela immundicia, uma arca de pedra onde a asphyxia estende a sua garra no lodo e aperta-te a garganta; o fetido misturado á agonia; o atoleiro em vez da praia, o hydrogenio sulphuretado em vez do furacão, a sujudade em vez do oceano! e gritar, e ranger dentes, e estorcer-se, e debater-se, e agonisar, com a cidade enorme que o ignora, e que está por cima de tua cabeça!

Inexprimivel horror que é morrer assim! A morte compensa ás vezes a sua atrocidade com uma certa dignidade terrivel. Na fogueira, no naufragio, podemos ser grandes; no meio das chammas como no meio da espuma, uma attitudo soberba é possivel; transfiguramo-nos ao sermos devorados. Mas alli não. A morte é asquerosa. É humilhante expirar. As supremas visões que temos são abjectas. Lama é synonymo de vergonha. É mesquinho, feio, infame. Morrer dentro de um tonnel de Malvasia, como Clarence, vá feito; no lodo de uma cloaca, como Escobleau, é horrivel. Debater-se alli dentro é hediondo; ao mesmo tempo que agonisamos, chafurdamo-nos. Ha bastantes trevas para que aquillo pareça o inferno, e bastante lama para que pareça um tremedal, e o moribundo não sabe se vae mudar-se em espectro ou transformar-se em sapo.

Em toda a parte o sepulcro é sinistro; aqui é disforme.

Tanto a profundidade dos *fontis* como a sua extensão e a sua densidade variava, conforme era maior ou menor a má qualidade do solo. Ás vezes um *fontis* tinha tres ou quatro pés de profundidade, outras vezes oito ou dez; alguns havia em que se não achava fundo. A lama aqui era quasi solida, acolá quasi li-

quida. No *fontis* Lunière um homem houvera levado um dia a desaparecer, ao passo que teria sido engolido em cinco minutos pelo tremedal Phélippeaux. A lama resiste mais ou menos conforme a sua maior ou menor densidade. Um menino salva-se onde um homem se perde. A primeira lei de salvação é largar tudo que seja pesado. Lançar fóra o sacco de ferramentas, o cesto ou a gamella, era o que logo tractava de fazer todo o alimpador de vallas que sentia o solo abrir-se debaixo dos seus pés.

Os *fontis* tinham causas diversas: friabilidade do solo, algum desmoronamento em uma profundidade fóra do alcance do homem; os violentos aguaceiros do verão; as chuvas incessantes do inverno; os choiscos que se prolongavam por muitos dias. Às vezes o peso das casas circumvizinhas sobre um terreno margoso ou areiento abalava as abobadas das galerias subterraneas e as fazia empenar, ou senão, acontecia que o leito quebrava-se e fendia-se sob esse formidável encoste. A mole do Panthéon obliterou deste modo, ha um seculo, parte dos subterraneos da montanha de Sancta Genoveva. Quando uma vala abatia sob a pressão das casas, o estrago, em certas occasiões, traduzia-se na rua por um afastamento nas pedras da calçada, este deslocamento estendia-se em linha serpentina em toda a extensão da abobada danificada, e então, sendo o mal visivel, o remedio podia ser prompto. Acontecia tambem que muitas vezes o estrago interior não se manifestava por signal algum no exterior. E, neste caso, ai dos alimpadores! Entrando sem desconfiança na valla que abatêra, podiam ahi perder-se. Os antigos registros mencionam alguns trabalhadores que ficaram deste modo sepultados nos *fontis*. Alguns nomes acham-se alli consignados; entre outros o do alimpador que morreu atolado no desmoronamento por baixo da valla da rua Cartême-Prenant, um tal Braz Poutrain: este Braz Poutrain era irmão de Nicoláu Poutrain que foi o ultimo coveiro do cemiterio chamado Carneiro dos Innocentes em 1785, época em que o cemiterio morreu.

Outra victima dos *fontis* foi o joven e formoso visconde d'Escoubleau, de quem acabamos de fallar, um dos heróes do cerco de Lerida, onde o assalto foi

ddado indo os sitiante de meias de seda, e com rabe-
cas na frente. Escoubleau, sorprendido uma noite
em casa de sua prima, a duqueza de Sourdis, afogou-
se em um tremedal da valla Beautreillis onde se re-
fugiára para escapar ao duque. A senhora de Sourdis,
quando lhe narraram esta morte, pediu o seu vidri-
nho, e esqueceu-se de chorar á força de respirar saes.
Em taes casos, não ha amor que resista; a cloaca ex-
tingue-o. Hero recusa lavar o cadaver de Leandro.
Thisbe tapa o nariz á vista de Pyramo, e diz: Fum !

VI

O FONTIS.

Achava-se João Valjean deante de um *fontis*.

Este genero de aluimento era então frequente no sub-solo dos Campos-Elysios, difficilmente prestavel ás obras hydraulicas e pouco conservador das construcções subterraneas, por causa da sua excessiva fluidez. Esta fluidez excede mesmo á inconsistencia das arêas do bairro de San'Jorge, que não puderam ser vencidas senão por meio de um alicerce de rochas sobre argamassa, e a das camadas gredosas infectadas de gaz do bairro dos Martyres, tam liquidas que a abertura da galeria não pôde ser ahi effectuada senão por meio de cano de ferro fundido. Quando em 1836 se demoliu por baixo do suburbio de Santo-Honorato, para reconstrui-la, a antiga valla de pedra onde neste momento vemos João Valjean caminhar, a arêa movedica, que é o sub-solo dos Campos-Elysios até ao Sena, embarçou a tal ponto o trabalho, que a operação durou perto de seis mezes, com grande clamor dos ribeirinhos, sobretudo dos que tinham palacios e carruagens. As obras foram mais que difficeis; che-

garam a ser perigosas. É verdade que houve quatro mezes e meio de chuva e tres cheias do Sena.

O *fontis* que João Valjean encontrava tinha por causa os aguaceiros da vespera. Dando de si o lagedo mal sustentado pela arêa subjacente produzira uma accumulacão de agua pluvial. Subsistindo a infiltração, seguira-se o aluimento. O leito da valla, deslocado, mergulhára no lodo. Em que extensão? É impossivel dizê-lo. A escuridão alli era mais profunda que em outro qualquer ponto. Era um barathro de lama em uma caverna de trevas.

João Valjean sentiu o lagedo faltar-lhe debaixo dos pés. Entrou no lodo. Era agua na superficie, lama no fundo. Importava-lhe ir por deante. Retroceder era impossivel. Mario estava a expirar, e elle extenuado. Demais, aonde iria ter? João Valjean avançou. O tremedal, na verdade, pareceu-lhe pouco profundo aos primeiros passos. Mas á medida que avançava, seus pés mergulhavam. Não tardou que se achasse com lama até á barriga das pernas e com agua até acima dos joelhos. Caminhava, erguendo Mario com os dous braços o mais que podia acima da agua. A lama subia-lhe agora até a curva das pernas e a agua até a cintura. Já não podia recuar. Atolava-se cada vez mais. Essa lama, bastante densa para o peso de um homem, não podia evidentemente sustentar dous. Mario e João Valjean houveram por ventura escapado incolumes, mas isoladamente. João Valjean continuou a avançar, carregando o muribundo, que talvez já fosse um cadaver.

A agua dava-lhe agora por baixo do suvaco; elle sentia abysmar-se; movia-se com a maior difficuldade por achar-se muito enterrado na lama. A densidade que o sustentava era-lhe tambem obstaculo. Continuava a ter Mario levantado, e empregando um esforço supremo, avançava; mas atolava-se. Já não tinha fóra d'agua senão a cabeça, e os dous braços levantando Mario. Ha, nas antigas pinturas do diluvio, uma mãe que leva assim o filho.

Atolou-se ainda mais, inclinou a cabeça para trás afim de evitar a agua e poder respirar; quem o visse naquella escuridão houvera-o tomado por uma mascara boiando nas trevas; distinguia confusamente por

cima de si a cabeça pendente e o rosto livido de Mario; fez um esforço desesperado e moveu um pé para deante; o pé encontrou o que quer que fosse solido: um ponto de apoio. Já era tempo.

Entesou o corpo e forcejou, e enraizou-se com uma especie de furia neste ponto de apoio. Pareceu-lhe que punha o pé no primeiro degráu de uma escada que o restituia á vida.

Esse ponto de apoio encontrado no lodo, no momento supremo, era o principio da outra vertente do leito da valla que abatêra sem quebrar-se e inclinara-se debaixo d'agua, inteiro como uma taboa. Os lageamentos bem feitos formam abobada e são assim solidos. Esse fragmento do leito da valla, submergido em parte, mas firme, era uma verdadeira rampa, e, uma vez sobre essa rampa, não havia mais perigo. João Valjean subiu este plano inclinado e achou-se do outro lado do tremedal.

Ao sahir de dentro d'agua, tropeçou em uma pedra e cahiu de joelhos. Achou que essa postura era a conveniente, e ficou assim algum tempo, absorto não sabemos em que palavras dirigidas a Deus.

Ergueu-se tiritando, gelado, infecto, curvado ao peso do moribundo que levava ás costas, gottejando-lhe a lama do corpo, cheia a alma de uma estranha clari-
dade.

VII

ÀS VEZES O HOMEM É MAL SUCCEDIDO ONDE CONTA DESEMBARCAR.

Pôz-se de novo a caminhar.

Se, porém, não perdera a vida no *fontis*, parecia-lhe que alli havia perdido a força. Aquelle supremo esforço o extenuára. O seu cansaço agora era tal, que de tres ou de quatro em quatro passos via-se obrigado a tomar folego, e encostava-se á parede. Uma vez teve de sentar-se na banquetta para mudar a posição de Mario, e suppôz que alli ficaria. Mas se lhe faltava o vigor, sobrava-lhe a energia. Tornou a levantar-se.

Caminhou desesperadamente, quasi depressa, deu assim uns cem passos, sem levantar a cabeça, quasi sem respirar, e de repente esbarrou em uma parede. Tinha chegado a um cotovello da valla, e, como vinha de cabeça baixa, alli fôra esbarrar. Lvantou os olhos; na extremidade do subterraneo, deante de si, ao longe, muito ao longe, avistou uma luz. Desta vez, a luz não era terrivel; era boa e alva. Era o dia.

João Valjean via a sahida.

Uma alma condemnada que do meio das chammas

avistasse de repente a sahida da gehenna, experimentaria o que João Valjean experimentou. Voaria desesperadamente com os cotos das suas azas queimadas para a porta radiante. João Valjean já não sentia cansaço, já não sentia o peso de Mario, seus membros reassumiram o costumado vigor, não andou, correu. À medida que se approximava, a sahida apresentava-se mais distinctamente. Era um arco menos alto que a abobada que se restringia gradualmente, e menos largo do que a galeria que se estreitava ao passo que a abobada abaixava-se. O tunnel terminava em interior de funil; estreitamento vicioso, imitado das portas das prisões, logico em um carcere, illogico em uma valla, e que foi corrigido depois.

João Valjean chegou á sahida.

Ahi parou.

Era comeffeito a sahida, mas não lhe era possível sair.

O arco estava fechado com uma solida grade, e esta, que, conforme toda a apparencia, gyrava mui raras vezes nos seus gonzos oxydados, estava presa á sua hombreira de pedra por uma fechadura massica que, vermelha de ferrugem, parecia um enorme tijolo. Viase o buraco da chave e o grosso bello profundamente encaixado na sua chapa de ferro. A grade estava visivelmente fechada com duas voltas. Era uma dessas fechaduras de fortalezas que a antiga Pariz soia empregar nas suas construcções.

Do lado de fóra da grade o ar livre, o rio, o dia, a ribanceira estreitissima, mas sufficiente para dar passagem a um fugitivo, os cáes longinquos, Pariz, esse abysmo onde um homem se some tam facilmente, o vasto horizonte, a liberdade. Distinguia-se á direita, agua abaixo, a ponte d'Iena, e á esquerda, agua acima, a dos Invalidos; o lugar houvera sido propicio para esperar a noite e fugir. Era um dos sitios mais solitarios de Pariz, a ribanceira que fica defronte do Gros-Caillou. As moscas entravam e sahiam por entre os varões da grade.

Seriam oito horas e meia da tarde. O dia declinava.

João Valjean deitou Mario junto da parede na parte enxuta do leito da valla, depois dirigiu-se para a grade.

e agarrou convulsivamente nos varões; o empuxão foi frenetico, o abalo nullo. A grade ficou immovel. João Valjean sacudiu successivamente cada um dos varões, esperando poder arrancar o menos solido e empregar-lo como alavanca para levantar a grade ou quebrar a fechadura. Não conseguiu abalar nenhum. Os dentes de um tigre não estão mais seguros nos seus alveolos. Não havia alavanca; por conseguinte, impossibilidade de arrombamento. O obstaculo era insuperavel. Nenhum meio de abrir a porta.

Deveria ficar alli? O que faria? O que seria delle? Retrogradar; recommençar o trajecto medonho que já havia feito; nem sequer tinha força para tal. Demais, como tornaria a atravessar esse tremedal do qual só por milagre lograra sahir? E transposto o atoleiro, não poderia encontrar-se com a ronda, á qual, por sem duvida, não escaparia por segunda vez? E além disto, aonde iria? que direcção tomaria? seguir o declive não era ir ter ao fim. Se chegasse á outra sahida, encontra-la-hia obstruida com um muro ou com uma grade. Todas as saídas estavam indubitavelmente fechadas deste modo. O acaso desprendera a grade por onde elle entrara, mas evidentemente todas as outras embocaduras da cloaca estavam trancadas. O fugitivo apenas lograra refugiar-se em uma prisão.

Estava acabado. Tudo que João Valjean fizera fôra inutil. Deus o condemnava.

Ambos tinham cahido na sombria e immensa têa da morte, e João Valjean sentira correr, pelos fios negros dessa têa que tremia nas trevas, a pavorosa aranha.

Voltou as costas para a grade, e cahiu prostrado, que não sentou-se, no lagedo, junto de Mario, sempre immovel, e a cabeça pendeu-lhe pesadamente até encostar nos joelhos. Não havia sahida. Era a ultima gotta da angustia. Em quem pensaria elle nessa profunda prostração? Nem em si mesmo, nem em Mario. Pensava em Cosetta.

VIII

A ABA DA CASACA CORTADA.

No meio dessa prostração sentiu uma mão pousar-se no seu hombro, e uma voz que fallava baixo disse-lhe:

—Repartamos.

Havia alguém no meio daquella escuridão? Nada assemelha-se tanto ao sonho como o desespero. João Valjean acreditou que sonhava. Não tinha ouvido passos. Seria possível? levantou os olhos.

Um homem achava-se deante d'elle.

Este homem trajava blusa, tinha os pés descalços; estava com os sapatos na mão esquerda; tirara-os evidentemente para poder approximar-se de João Valjean sem que este ouvisse a bulha dos passos.

João Valjean não hesitou um momento. Por mais imprevisto que fosse o encontro, reconheceu o homem. Era Thénardier.

Bem que despertado, por assim dizer, em sobresalto, João Valjean, affeito aos alarmas e aos golpes inopinados que devem ser para logo desviados, reasumiu immediatamente toda a sua presença de espi-

rito. Demais, a situação não podia tornar-se peor, ha um certo gráu de angustia em que todo o augmento é impossivel, e o proprio Thénardier era incapaz de augmentar o negrume daquella horriavel conjunctura.

Houve um momento de expectação.

Thénardier levou a mão direita á testa para resguardar a vista, depois franziu as sobrancelhas piscando os olhos, o que com uma leve contração de labios, caracteriza a attenção sagaz de um homem que busca reconhecer outro. Não o conseguiu. João Valjean, conforme dissemos, tinha as costas voltadas para a luz, e estava alem disto tam desfigurado, tam coberto de lama e de sangue, que fôra impossivel reconhecê-lo mesmo á claridade do dia. Pelo contrario, allumiado de frente pela luz da grade, claridade de subterraneo, é certo, livida, mas precisa na sua lividez, Thénardier, como diz a energica metaphora banal, entrou pelos olhos de João Valjean. Esta desigualdade de condições bastava para dar alguma vantagem a João Valjean no mysterioso duello que ia travar-se entre as duas situações e os dous homens. O encontro tinha lugar entre João Valjean encoberto e Thénardier desmascarado.

João Valjean notou logo que Thénardier não o reconhecia.

Consideraram-se um momento naquella penumbra, como se se medissem. Thénardier foi quem primeiro rompeu o silencio.

—Como ha de ser agora para sahires ?

João Valjean não respondeu.

Thénardier continuou:

—A fechadura não pode ser aberta com gazúa. Entretanto é preciso sahires daqui.

—É verdade, disse João Valjean.

—Pois então repartamos.

—O que queres dizer?

—Tú mataste o homem; bem. Eu cá tenho a chave.

Thénardier apontava com o dedo para Mario.

Continuou:

—Não te conheço, mas quero ajudar-te. Tu deves ser um dos nossos.

João Valjean começou a comprehender. Thénardier tomava-o por um assassino.

Thénardier proseguiu:

—Escuta, camarada. Tu não mataste este homem sem ver o que elle tinha nas algibeiras. Dá-me a metade. Eu te abrirei a porta.

E, levantando um pouco a blusa esburacada, mostrou uma enorme chave, e accrescentou:

—Vês? aqui está a salvação.

João Valjean *ficou estupido*,—a phrase é do velho Corneille,—a ponto de duvidar que o que via fosse real. Era a Providencia apresentando-se sob um aspecto hediondo, era o bom anjo surdindo da terra debaixo da fôrma de Thénardier.

Metteu este a mão em um bolso occulto da blusa, sacou uma corda e apresentou-a a João Valjean.

—Toma, disse, dou-te a corda mesmo de graça.

—Uma corda, para que?

—Tambem has de precisar de uma pedra, mas achalla-has lá fóra. Ha alli um monte de entulho.

—Mas quem te disse que eu preciso de uma pedra?

—Bruto, pois não vás lançar ao rio o bonifrate? Precisas de uma pedra e de uma corda para evitar que o corpo boie n'agua.

João Valjean tomou a corda. Em certas situações não ha quem não ceda a estes movimentos machinaes.

Thénardier pôz-se a fazer estalar os dedos como se de subito lhe occorresse uma lembrança:

—É verdade, camarada! como foi que te houveste para sahir de dentro do atoleiro? eu não ousei metter-me nelle. Fum! tu não cheiras bem.

Após breve pausa, acrescentou;

—Estou a fazer-te perguntas, mas tens razão de não responder. Aprendi a ser abelhudo com o juiz que me interrogou depois de certa travessura. E demais; em a gente guardando silencio não se arrisca a fallar alto de mais. É o mesmo; por eu não ver o teu rosto e não saber o teu nome, enganas-te se suppões que não sei quem és e o que queres. Oh! se sei! Aviaste este pobre diabo; agora desejás escondê-lo. Queres ir deita-lo ao rio, o grande encobre-asneiras. Vou tirar-te da entaladella. Ajudar um bom rapaz que se vê em calças pardas, não ha nada que seja mais do meu gosto.

Bem que approvasse o silencio de João Valjean, buscava evidentemente induzi-lo a fallar. Empurrou-lhe o hombro, afim de poder vê-lo de perfil, e exclamou sem comtudo deixar o tom baixo em que mantinha a sua voz:

—A proposito do atoleiro, tu és um besta chapado. Porque não deixaste lá o homem?

João Valjean conservou-se silencioso.

Thénardier proseguiu puxando até o nó da garganta o trapo que lhe servia de gravata, gesto que completa o ar magistral de um homem serio.

—A fallar a verdade talvez houvesses procedido com prudencia. Os trabalhadores que amanha virão tapar o buraco encontrariam infallivelmente o bonifrate dentro da lama, e a policia poderia, fio por fio, seguir-te a pista e filar-te. Alguem passou pela valla. Quem foi? por onde sahiu? viram n'ó sahir? A policia é uma finoria. A valla é uma traidora e denuncia a gente. Um tal achado é uma raridade; despertaria a attenção; poucas pessoas se servem da valla para os seus negocios, ao passo que o rio é de todos. O rio é que é a verdadeira sepultura. Ao cabo de um mez o homem é tirado das redes de Saint-Cloud. E então o que tem? é um esqueleto, e nada mais! Quem matou esse homem? Pariz. E a justiça nem sequer se mexe. Fizeste bem.

Quanto maior era a loquacidade de Thénardier, tanto mais silencioso se conservava João Valjean. Thénardier tornou a sacudi-lo pelo hombro.

—Agora concluamos o negocio. Já viste a minha chave, mostra-me o teu dinheiro.

Thénardier tinha um ar desvairado, feroz, dissimulado, um tanto ameaçador, mas não obstante affavel.

Havia uma cousa estranha; os modos de Thénardier não eram simples; estava como que inquieto; bem que não mostrasse ar mysterioso, fallava baixo; de espaço a espaço levava o indice á bocca e murmurava: silencio! Era difficil adivinhar porque. Não havia alli ninguém senão elles dous. João Valjean suppoz que outros malfeitos estariam escondidos em algum recanto, não muito longe, e que Thénardier não queria repartir com elles o dinheiro.

Thénardier continuou:

—Acabemos com isto. Quanto era que o bonifrate tinha nas suas *profundas*?

João Valjean revistou as algibeiras.

Era costume seu, lembrado estará o leitor, trazer sempre dinheiro comsigo. A sombria vida de expediente a que estava condemnado tornava-lhe isto indispensavel. Desta vez, porém, achou-se desprevenido. Na vespera de noite, quando vestira a farda de guarda nacional, esquecêra, lugubrememente absorto como estava, a sua carteira. Tinha apenas alguma moeda miuda no bolso do collete. Virou-o, todo en-sopado de lama, e pôz em cima da banquetta do leito da valla um luiz de ouro, duas moedas de cinco francos e cinco ou seis soldos.

Thénardier estendeu o beijo com uma torsão do pescoço significativa.

—Aviaste-o por bem pouco, disse.

Poz-se a apalpar, com toda a familiaridade, as algibeiras de João Valjean e as de Mario. João Valjean, preocupado sobretudo com a posição que queria conservar, não o impedia. Thénardier, com uma destreza de prestidigitador, achou meio de arrancar, quando apalpára Mario, uma aba da casaca deste, sem que João Valjean o notasse; e escondeu-a debaixo da blusa, pensando provavelmente que esse pedaço de panno poderia servir-lhe depois para descobrir quem era o homem assassinado e o assassino. Todavia, nada achou além dos trinta francos.

—É verdade, disse, é só o que ha nas tuas algibeiras e nas do teu homem.

E, esquecendo o seu dito: *repartamos*, tomou tudo.

Hesitou um pouco ante os soldos. Mas, tendo reflectido, empolgou-os tambem resmungando:

—Na verdade, isto é *churinar* um pobre diabo barato de mais.

Depois tornou a tirar a chave de baixo da blusa.

—Agora, amigo, é preciso que saias. Aqui, como na feira, paga-se ao sahir. Já pagastes, pôdes sahir.

E entrou a rir-se.

Tinha elle, prestando o soccorro daquella chave e fazendo sahir por aquella porta outrem que não elle, a intenção pura e desinteressada de salvar um assassino? é-nos licito pô-lo em duvida.

Thénardier ajudou João Valjean a pôr Mario nos hombros, depois dirigiu-se para a grade nas pontas dos pés descalços, fazendo signal a João Valjean para segui-lo, espionou para fóra, levou o dedo indice á bocca, e ficou alguns segundos como que irresoluto: terminado o exame, metteu a chave na fechadura. O bello correu e a grade gyrou. Não houve estalo nem rangido. Tudo foi feito com o maior silencio. Era visivel que a grade e os gonzos, azeitados cuidadosamente, abriam-se mais a miudo do que naturalmente se acreditaria. Esse silencio era sinistro; revelava entradas e sahidas furtivas dos homens nocturnos, e os passos de lobo do crime. A cloaca era evidentemente complice de alguma quadrilha mysteriosa. Essa grade taciturna era uma encobridora de attentados.

Thénardier abriu a porta apenas quanto era bastante para dar passagem a João Valjean, tornou a fechala, dando duas voltas á chave, e de novo entrinhou-se na escuridão, sem fazer mais bulha do que um sopro. Caminhou com os passos surdos de um tigre. Um momento depois, essa hedionda Providencia achava-se outra vez immersa no invisivel.

João Valjean achou-se do lado de fóra.

IX

MARIO PARECE MORTO PARA QUEM É ENTENDIDO NA MATERIA.

Deitou Mario na ribanceira.

Estavam do lado de fóra!

Os miasmas, a escuridão, o horror, ficavam atrás delle. O ar salubre, puro, vivaz, ledó, livremente respiravel, inundava-o. Por toda a parte em torno de si o silencio, mas o silencio encantador da hora em que o sol se some no limpido azul do céu. Reinava o crepusculo; approximava-se a noite, a grande salvadora, a amiga de todos que carecem de um manto de trevas para sahir de uma angustia. O céu apresentava-se de todos os lados como uma calma enorme. O rio vinha bater-lhe aos pés com o rumor de um beijo. Ouvia-se o dialogo aerio dos ninhos que se davam a boa noite nos olmos dos Campos Elysios. Algumas estrellas, semeadas indistinctamente no pallido azul do zenith e só visiveis aos olhos do scismador, desferiam na immensidade scintillaçõeszinhas imperceptiveis. A tarde ostentava por cima da cabeça de João Valjean todas as doçuras do infinito.

Era a hora indecisa e deliciosa que não diz sim

nem não. Havia já bastante escuridão para que uma pessoa não pudesse ser vista a alguma distancia, e ainda bastante claridade para ser reconhecida de perto.

João Valjean sentiu-se alguns segundos vencido por toda esta magestade augusta e acariciadora; ha destes momentos de olvido; o soffrimento renuncia a cruciar o miseravel; tudo se eclipsa no pensamento; a paz cobre o scismador como uma noite; e sob o crepusculo que resplandece, e á imitação do céu que se illumina, a alma recama-se de estrellas. João Valjean não pôde deixar de contemplar a immensa escuridão clara que lhe estava eminente; pensativo, tomava no magestoso silencio do céu eterno um banho de extase e de oração. Depois, vivamente, como se nelle despertasse o sentimento de um dever, inclinou-se para Mario, e, tomando agua na palma da mão, lançou-lhe devagarinho algumas gottas no rosto. As palpebras do mancebo não se descerráram; entretanto a bocca entre-aberta respirava.

João Valjean ia tornar a metter a mão no rio, quando de repente sentiu esse incommodo que experimentamos no momento em que alguém, que não vemos, se nos aproxima por detrás.

Já indicámos em outro lugar esta impressão; não ha quem não a tenha sentido.

Voltou-se.

Como ha pouco, alguém estava comeffeito atrás d'elle.

Um homem de alta estatura, trajando comprida sobre-casaca, de braços cruzados, e tendo na mão direita um cacete cujo castão de chumbo apparecia, achava-se em pé a alguns passos atrás de João Valjean inclinado para Mario.

Era, visto á luz crepuscular, uma especie de apparição. Um homem simples teria tido medo por causa da escuridão, e um homem reflectido por causa do cacete.

João Valjean reconheceu Javert.

O leitor sem duvida adivinhou que o homem que perseguira Thénardier não era outro senão Javert. Javert, depois da sua sahida inesperada da barricada, fôra á prefeitura de policia, dera verbalmente a sua

parte ao prefeito em pessoa; e, sahindo dessa breve audiencia, voltára immediatamente para o seu serviço, que implicava, conforme a nota achada em seu poder, certa vigilancia da ribanceira da margem direita nos Campos-Elysios, que, havia algum tempo, attrahia a attenção da policia. Alli encontrára Thénardier e acompanhára-o. O mais que se seguiu já referimos.

O leitor tambem terá comprehendido que essa grade, tam obsequiosamente aberta deante de João Valjean, fôra uma habilidade de Thénardier. Previa este que Javert se acharia perto á espreita; o homem perseguido tem um faro que nunca o engana; importava-lhe lançar um osso a esse sabujo. Um assassino, que bom lance! Seria um desses achados que nunca se desdenham. Thénardier, fazendo João Valjean sahir em seu lugar, dava uma presa á policia, obrigava-a a deixar a sua pista, fazia-se esquecer em uma aventura de maior vulto, recompensava Javert da sua espera, o que sempre lisonjeia um espião, ganhava trinta francos, e, quanto ao que lhe dizia respeito, estava certo de escapar por meio desta diversão.

João Valjean cahira de um escolho em outro.

Estes dous encontros successivos, esbarrar-se com Javert depois de ter escapado a Thénardier, eram horripaveis.

Javert não reconheceu João Valjean, que, conforme já dissemos, estava desfigurado. Não descruzou os braços, apertou o cacete na mão com um movimento imperceptivel, e com voz imperiosa e calma, disse:

—Quem é você?

—Eu.

—Eu, quem?

—João Valjean.

Javert segurou o cacete com os dentes, abaixou-se, inclinou o corpo para deante, pôz as duas formidaveis mãos nos hombros de João Valjean, que se acharam como que mettidos em dous tornilhos, examinou-o e reconheceu. Os seus rostos tocavam-se. O olhar de Javert era terrivel.

João Valjean ficou inerte nas mãos de Javert como um leão que se deixasse agarrar por um lynce.

—Inspector Javert, disse elle, estou em seu poder. Demais, desde manhan que me considero como seu

prisioneiro. Não lhe disse onde morava para buscar escapar-lhe. Faça de mim o que quizer. Só lhe peço uma cousa.

Javert parecia não ouvi-lo. Cravava em João Valjean os seus olhos inerrantes. Seu queixo franzido levantava-lhe os beiços até o nariz, signal de meditação terrível. Emfim largou João Valjean, ergueu-se mui teso, tornou a empunhar o cacete, e, como em um sonho, murmurou antes do que pronunciou esta pergunta:

—O que faz aqui? e quem é este homem?

Continuava a não tractar João Valjean por tu.

Este respondeu, e o som da sua voz pareceu despertar Javert.

—É justamente a respeito d'elle que eu queria fallar-lhe. Disponha de mim como lhe aprouver; mas ajude-me primeiro a leva-lo para sua casa. Só lhe peço isto.

O rosto de Javert tornou-se carrancudo, como sempre lhe acontecia todas as vezes que o suppunham capaz de uma concessão. Todavia não disse que não.

Tornou a baixar-se, tirou da algibeira um lenço que molhou n'agua, e alimpou o sangue que cobria o rosto de Mario.

—Este homem estava na barricada, disse em meia voz e como se fallasse consigo mesmo. Era a elle que chamavam Mario.

Espião de primeira qualidade, que tudo observára, tudo escutára e guardára na memoria, suppondo imminente a morte, espiava até mesmo na agonia, e encostado no primeiro degráu do tumulto, tomára notas.

Pegou na mão de Mario para tomar-lhe o pulso.

—É um ferido, disse João Valjean.

—É um morto, disse Javert.

João Valjean respondeu:

—Não. Ainda não.

—Então trouxe-o da barricada até aqui? observou Javert.

Muito profunda devia ser a sua preocupação, porquanto não insistiu naquelle salvamento pela cloaca, nem reparou no silencio de João Valjean depois da sua pergunta.

Este, por seu turno, parecia ter um pensamento unico. Repetiu:

—Mora no Marais, rua das Filhas do Calvario, em casa de seu avô...—Já me esqueceu o nome.

João Valjean desabotoou a casaca de Mario, tirou-lhe a carteira, abriu a pagina em que o moço escrevera algumas linhas a lapis, e apresentou-a a Javert.

Havia ainda no ar sufficiente luz fluctuante para alguém poder ler. Javert, além disso, tinha nos olhos a phosphorescencia felina das aves nocturnas. Decifrou a declaração escripta por Mario, e resmoneou: —Guillenormand, rua das Filhas do Calvario n. 6.

Depois gritou:—Cocheiro !

Lembrado estará o leitor que o carro esperava, para o caso em que se tornasse preciso.

Javert guardou a carteira de Mario.

Dahi a um momento, o carro, descendo pela rampa do bebedouro, achava-se na ribanceira, Mario era posto em cima do assento do fundo, e Javert collocava-se ao lado de João Valjean no assento da frente.

Fechada a portinhola, o carro afastou-se rapidamente subindo os cães em direcção á Bastilha.

Sahiram do cães e entráram nas ruas. O cocheiro, vulto negro em cima da sua almofada, fustigava os magros cavallos. Silencio glacial dentro do vehiculo. Mario, immovel, com o dorso encostado no fundo, inclinada a cabeça para o peito, pendentes os braços, intirichadas as pernas, parecia não esperar outra cousa senão um caixão; João Valjean parecia feito de sombra, e Javert de pedra; e naquelle carro cheio de escuridão, cujo interior, de cada vez que elle passava por defronte de algum lampeão, apparecia lividamente allumiado como por um relampago intermitente, o acaso reunia e parecia confrontar lugubrememente as tres immobilidades tragicas, o cadaver, o espectro, a estatua.

X

VOLTA DO FILHO PRODIGO DA SUA VIDA.

A cada solavanco do vehiculo uma gotta de sangue cahia dos cabellos de Mario.

Era noite fechada quando o carro chegou ao n.º 6 da rua das Filhas do Calvario.

Javert foi o primeiro que se apeou, verificou com rapido olhar o numero pintado na verga do portão, e, pegando na pesada aldraba de ferro batido que, segundo a antiga moda, representava um bode e um satyro que se acommettiam, deu uma fortissima pancada. O batente entre-abriu-se, e Javert empurrou-o. O porteiro apresentou-se, ainda meio adormecido, bocejando com uma vela na mão.

Todos dormiam na casa. Os habitantes do Marais deitam-se cedo, sobretudo nos dias de motim. Este bom e antigo bairro, assustado pela revolução, refugia-se no somno, do mesmo modo que as creanças, quando ouvem os passos do Papão, mettem bem depressa a cabeça debaixo dos lençóis.

Entretanto João Valjean e o cocheiro tiravam Mario de dentro do carro, João Valjean segurando-o por baixo dos braços e o cocheiro pela curva das pernas.

Levando-o assim, João Valjean metteu a mão por baixo da roupa de Mario que estava cheia de grandes golpes, apalpou-lhe o peito e certificou-se de que o coração ainda batia. Batia até mesmo menos fracamente, como se o abalo do carro houvesse determinado um recobrimento de vida.

Javert interrogou o porteiro no tom que convem ao governo dirigindo-se ao porteiro de um faccioso.

—Ha aqui alguém chamado Guillenormand?

—Sim, senhor. O que quer com elle?

—Trago-lhe seu filho.

—Seu filho? disse o porteiro confuso.

—Está morto.

João Valjean, que, roto e enlameado, caminhava atrás de Javert, e para quem o porteiro olhava com algum horror, fez-lhe com a cabeça um signal negativo.

O porteiro não mostrou comprehender as palavras de Javert, nem o gesto de João Valjean.

Javert continuou:

—Esteve na barricada, e ahí tem o que lhe resultou.

—Na barricada! exclamou o porteiro.

—Affrontou a morte. Vá acordar o pae.

O porteiro não se mexia.

—Ande! repetiu Javert.

E accrescentou:

—Amanhan haverá aqui um enterro.

Para Javert os incidentes habituaes dos caminhos publicos achavam-se classificados categoricamente, o que é o principio da previdencia e da vigilancia, e cada eventualidade tinha o seu compartimento; os factos possiveis estavam de alguma sorte em gavetas de onde sahiam, dadas certas circumstancias, em quantidades variaveis; havia na rua tumulto, motim, carnaval, enterro.

O porteiro limitou-se a acordar Biscainho; Biscainho acordou Nicoletta; Nicoletta acordou a tia Guillenormand. Quanto ao avô, deixaram-n'o dormir, achando que não havia pressa de elle saber o que acontecera.

Mario foi levado para o primeiro andar sem que as outras pessoas de casa dessem por tal, e deitaram-n'o

em um velho canapé na ante-sala de M. Guillenormand; e, ao passo que Biscainho ia chamar um medico e Nicoletta tirava dos armarios pannos de linho, João Valjean sentiu Javert bater-lhe no hombro. Compreendeu, e desceu, seguido de perto por Javert.

O porteiro viu-os sahir como os vira entrar, com uma especie de somnolencia atemorizada.

Tornaram a entrar no carro, e o cocheiro subiu para a almofada.

—Inspector Javert, disse João Valjean, conceda-me ainda um favor.

—Qual é?

Deixe-me entrar um instante em minha casa. Depois, faça de mim o que quizer.

Javert ficou alguns instantes silencioso, com o queixo enterrado na golla da sobre-casaca, afinal abaixou a vidraça da frente.

—Cocheiro, disse, vamos á rua do Homem-Armado n.º 7.

XI

ABALO NO ABSOLUTO.

Não disseram palavra durante todo o trajecto.

O que queria João Valjean? Acabar o que havia começado; avisar Cosetta, dizer-lhe onde estava Mario, dar-lhe talvez alguma outra indicação util, e, se fosse possível, tomar certas disposições supremas. Quanto ao que lhe dizia respeito, tudo estava acabado; Javert prendêra-o, e elle não resistia; outro qualquer, em tal situação, houvera vagamente pensado na corda que lhe dera Thénardier e nas grades do primeiro carcere onde fosse encerrado; mas, depois que conhecêra o bispo, havia em João Valjean, deante de qualquer attentado, ainda que fosse contra si mesmo, iusistamos nisto, uma especie de hesitação religiosa.

O suicidio, essa mysteriosa via de facto contra o desconhecido, a qual póde conter, até certo ponto, a morte da alma, era impossivel para João Valjean.

Na entrada da rua do Homem-Armado o carro parou, porquanto a sua estreiteza era tal que os vehiculos não podiam penetrar nella. Javert e João Valjean apparearam-se.

O cocheiro representou humildemente ao *senhor inspector* que o velludo de Utrecht do seu carro estava todo manchado de sangue do homem assassinado e da lama do assassino.—Fôra a conclusão que elle tirára de tudo aquillo.—Accrescentou que lhe era devida uma indemnisação. Ao mesmo tempo, sacando do bolso a sua caderneta, rogou ao *senhor inspector* que tivesse a bondade de lhe passar um attestadozinho do serviço que acabava de prestar.

—Quanto devo pagar-te pela espera e pela viagem?

—Foram sete horas e meia, respondeu o cocheiro, e o meu velludo era novinho. Oitenta francos, senhor inspector.

Javert sacou do bolso quatro napoleões e despediu o carro.

João Valjean suppôz que a intenção de Javert era conduzi-lo a pé ao posto dos Blancs Monteaux ou ao dos Archivos, que ficava mais perto.

Entraram na rua. Como de costume, estava deserta. Javert seguia João Valjean. Chegaram ao n.º 7. João Valjean bateu. A porta abriu-se.

—Bem, disse Javert. Suba.

Accrescentou com tom singular, e como se fizesse esforço fallando assim:

—Espera-lo-hei aqui.

João Valjean olhou para Javert. Este modo de proceder em taes circumstancias não lhe era habitual. Entretanto não o surpreendeu muito, porque acreditou que agora Javert tinha nelle uma confiança activa, a confiança de gato que concede ao rato uma liberdade que não vae alem do alcance de sua garra, tanto mais quanto sabia que João Valjean estava resollvido a entregar-se e a dar-se por vencido naquella luta. Empurrou a porta, entrou em casa, gritou para o porteiro que estava deitado e que mesmo da cama puxava o cordel:—Sou eu! e subiu a escada.

Chegando ao primeiro andar, parou. Todas as vias dolorosas teem as suas estações. A janella do patamar, que era de peitoril, estava aberta. Como em muitas casas antigas, a escada tinha vista para a rua, de onde recebia luz. O lampeão da rua, que ficava justamente

defronte, allumiava alguma cousa os degráus, do que resultava uma economia de iluminação.

João Valjean ou fosse para tomar ar, ou fosse machinalmente, parou deante dessa janella. Debruçou-se e espiou para a rua. Ella é curta e o lampeão allumiava-a de uma extremidade á outra. João Valjean teve um deslumbramento de assombro; não avistou ninguém.

Javert retirára-se.

XII

O AVÔ.

Biscainho e o porteiro haviam levado para o salão Mario, que continuava a estar immovel em cima do canapé onde o haviam estendido quando chegára. O medico, que fôra chamado, acudira. A tia Guillenormand levantára-se.

A tia Guillenormand andava de um para outro lado, espavorida, pondo as mãos, e incapaz de fazer outra cousa senão dizer: Senhor Deus ! será possível ! Em certos momentos accrescentava: Tudo vae ficar afogado em sangue ! Passado o primeiro horror, certa philosophia da situação occorreu-lhe ao espirito e traduziu-se nesta exclamação: Eis o resultado das suas extravagancias ! Não chegou até ao: *Eu bem o tinha dito !* que é de uso nas occasiões deste genero.

Por ordem do medico, puzeram uma cama de lona junto do canapé. O medico examinou Mario, e, depois de ter reconhecido que o pulso persistia, que o ferido não tinha no peito nenhum golpe penetrante, e que o sangue dos cantos da bocca provinha das fossas nasaes, fê-lo deitar a fio comprido na cama, sem

travesseiro, com a cabeça no mesmo plano que o corpo, e até um tanto mais baixa, o busto descoberto, afim de facilitar a respiração. Mlle Guillenormand, vendo que despiam Mario, retirou-se. Foi rezar o seu rosario no seu quarto.

O tronco nenhuma lesão interior soffrera; uma bala, amortecida pela carteira, desviára e resvalára ao longo das costellas produzindo na carne um rasgão hediondo, mas não profundo, e por conseguinte sem perigo. A comprida marcha por dentro da valla acabára de deslocar a clavicula quebrada, cujo estado tornou-se assim sobremodo melindroso. Os braços estavam cheios de cutiladas. Nenhum golpe desfigurava o rosto; mas a cabeça estava toda golpeada; qual seria o resultado destas feridas na cabeça? não passariam do couro cabelludo? teriam offendido o craneo? Ainda não era possivel dizê-lo. Um symptoma grave era o desmaio que ellas haviam causado, e nem todos tornam a si destes desmaios. Além disto, a hemorragia enfraquecêra o ferido. Da cintura para baixo o corpo havia sido protegido pela barricada.

Biscainho e Nicoletta desfiavam linho e preparavam ataduras. Na falta de fios, o medico atalhára provisoriamente o sangue com chumaços de algodão. Ao lado da cama ardiam tres velas em cima de uma mesa, onde estava aberto o estojo cirurgico. O medico lavou o rosto e os cabellos de Mario com agua fria. Um balde cheio ficou para logo vermelho. O porteiro, com a sua vela na mão, allumiava o medico.

Este parecia meditar tristemente. De espaço a espaço fazia com a cabeça um gesto negativo, como se respondesse a alguma pergunta feita mentalmente. Mau signal para o doente, esses mysteriosos dialogos do medico comsigo mesmo.

No momento em que o medico enxugava o rosto e tocava levemente com o dedo as palpebras sempre fechadas, uma porta abriu-se no fundo do salão, e uma alta figura pallida appareceu.

Era o avô.

O motim, durante dous dias, sobremodo inquietára, indignára e preoccupára M. Guillenormand.

Não pudera dormir na noite precedente, e tivera febre todo o dia. A noitinha tratára logo de deitar-se,

recommendo que trancassem bem a casa, e, de fadiga, cahira em uma modorra.

Os velhos teem o somno leve; o quarto de dormir de M. Guillenormand era contiguo á sala, e por maiores que fossem as precauções tomadas, a bulha acordára-o. Surpreendido de ver luz pelas fendas da sua porta, levantára-se da cama e caminhára ás apalpadellas.

Estava em pé no limiar, espantado, com uma mão na maçaneta da porta entre aberta, a cabeça um tanto inclinada para deante e a tremer, o corpo envolto em um chambre branco, direito e sem dobras como uma mortalha; e parecia um fantasma a olhar para um tumbulo.

Avistou a cama, e em cima do colchão o mancebo ensanguentado, com o rosto branco como cêra, fechados os olhos, aberta a bocca, descorados os labios, nú até a cintura, todo coberto de golpes vermelhos, immovel, vivamente allumiado.

O avô sentiu desde a cabeça até os pés o estremecimento que podem ter membros ossificados; seus olhos, cuja cornea era amarella por causa da avançada idade, cobriram-se de um reflexo vitreo, todo o seu rosto assumiu em um instante os angulos terrenos de uma caveira, cahiram-lhe inertes os braços como se se lhes quebrasse uma mola, e o seu horror manifestou-se pelo afastamento dos dedos das velhas mãos todas tremulas, os joelhos fizeram um angulo para deante, mostrando pela abertura do chambre as pobres pernas nuas, eriçadas de cabellos brancos, e elle murmurou:

—Mario!

—Senhor, disse Biscainho, acabam de trazer o senhor seu neto. Elle esteve na barricada, e...

—Morreu! bradou o velho com voz terrivel. Ah! malfeitor!

Então uma especie de transfiguração sepulchral fez que o centenario se erguesse como um moço.

—Senhor, disse para o medico, vmc. é o medico. Primeiro que tudo declare-me uma cousa. Elle está morto, não é assim?

O medico, cuja anciedade tocava ao auge, ficou silencioso.

M. Guillenormand torceu as mãos soltando uma pavorosa gargalhada.

—Está morto ! morreu ! Foi buscar a morte ás barricadas ! porque me odiava ! Foi tambem contra mim que fez isto ! Ah ! sanguinario ! vejam em que estado volta para a minha companhia ! Ó cumulo da desgraça ! está morto !

Chegou-se para uma janella, escancarou-a como se lhe faltasse ar para respirar, e, em pé deante da escuridão, entrou a fallar para fóra no meio da noite:

—Crivado de balas, acutilado, degollado, espotado, picado em pedaços ! Já se viu um birbante igual ! Elle bem sabia que eu o esperava, que tinha mandado preparar-lhe o quarto, e que havia pendurado na cabeceira da minha cama o seu retrato do tempo em que elle ainda era pequenino ! Bem sabia que não tinha mais do que voltar, e que havia muitos annos que eu não esperava outra cousa, e que passava a noite sentado junto do fogão com as mãos em cima dos joelhos não sabendo o que fizesse, e que assim me embrutezia. Bem sabias que não tinhas mais do que entrar e dizer: sou eu, e que serias o dono da casa, e que eu te obedeceria, e que farias o que muito bem te parecesse do pedaço de asno de teu avô ! Tu bem o sabias, e disseste: não, é um realista; não irei ! E foste para as barricadas, e buscaste a morte por maldade ! para te vingares do que eu te disse a respeito do senhor duque de Berry ! Isto é uma infamia ! E deite-se uma pessoa e durma tranquilla ! Morreu. Ahi está o meu despertar.

O medico, que começava a inquietar-se por dous lados, deixou um momento Mario, approximou-se de M. Guillenormand, e pegou-lhe no braço. O velho fitou-o com olhos que pareciam ter augmentado de tamanho e injectados de sangue, e disse-lhe com calma:

—Obrigado, senhor. Eu estou tranquillo, sou homem; vi morrer Luiz XVI, sei supportar os acontecimentos. Ha uma cousa terrivel, e é pensar que são os vossos jornaes que fazem todo o mal. Tereis escrevinhadores, falladores, advogados, oradores, tribunaes, discussões, progressos, luzes, direitos do ho-

mem, liberdade de imprensa, e eis em que estado vos trarão para casa os vossos filhos! Ah! Mario! isto é abominavel! Morto! morrer antes de mim! Uma barricada! Ah! assassino! Doutor, o senhor mora neste bairro, não é assim? Oh! eu bem o conheço. Vejo da minha janella passar o seu carrinho. Ouçame. Faria mal se suppuzesse que estou irado. Ninguem se encolerisa contra um cadaver. Seria estupidez. Eu criei este menino. Já era velho quando elle era ainda pequenino. Brincava nas Tulherias com a sua pazinha e a sua carruagemzinha, e, para que os guardas não ralhassem, eu ia tapando com a minha bengala os buracos que elle fazia no chão com a pá. Um dia gritou: Abaixo Luiz XVIII! e mandou-se mudar. A culpa não foi minha. Era rosadinho e louro. Tinha perdido a mãe. Já reparou que todas as creancinhas são louras? Porque será? O pae era um desses salteadores do Loire, mas os filhos são innocentes dos crimes dos paes. Parece-me que ainda o estou vendo quando elle era tamanino. Não era capaz de pronunciar os DD. Tinha o fallar tam doce e tam embrulhado que era mesmo um passarinho. Lembro-me que uma vez, defronte de Hercules Farnése, os passeadores formaram roda para vê-lo e admira-lo, tam lindo era elle! A cabeça era como essas que ha nos quadros. Quando lhe fallava, engrossava a voz, mettia-lhe medo com a minha bengala, mas elle bem sabia que era por brincadeira. De manhan, quando entrava no meu quarto, ralhava com elle, mas sentia uma satisfação como se visse o sol. Estes pirralhos enfeitiçam a gente. Agarram-nos, prendem-se a nós, e não nos largam mais. O que é certo é que não havia nenhum menino tam bonito como elle. Agora o que direis dos vossos Lafayettes, dos vossos Benjamin Constants, e dos vossos Tirecuir de Corcelles, que m'o mataram! Isto não póde ficar assim.

Approximou-se de Mario sempre livido e immovel, e para junto do qual voltára o medico, e entrou de novo a torcer os braços. Os pallidos labios do velho mexiam-se machinalmente, e deixavam passar, como sopros no estertor, palavras quasi indistinctas, que apenas se ouviam:—Ah! malvado! Ah! clubista! Ah! accelerato! Ah! setembristas!—Exprobrações em voz sumida de um agonisante a um cadaver.

Pouco a pouco, como é de força que as erupções interiores se manifestem, voltou-lhe o encadeamento das palavras, mas o velho parecia já não ter força para pronuncia-las; sua voz tornára-se por tal modo surda e sumida que parecia vir do fundo de um abysmo.

—Bem pouco se me dá, também vou morrer. E o bonito é que não ha em Pariz uma unica serigaita que não quizesse fazer a ventura deste patife! Um birbante que, em vez de divertir-se e gozar a vida, foi bater-se e offerecer-se á metralha como um bruto? E porque? e por quem? Pela republica! Em vez de ir dansar na *Cabana* (1), como devem fazer todos os rapazes! Não sei do que lhe servia ter vinte annos. A republica! rematadissima asneira! Pobres mães, fazei ainda filhos bonitos! Ora bem, elle morreu. São dous enterros que terão de sahir desta casa. Então deixaste que te puzessem neste estado pelos bellos olhos do general Lamarque! O que te havia feito este general Lamarque? Um mata-mouros! um palrador! Expor-se á morte por um morto! Vejam se isto não é para pôr uma pessoa douda! Comprehende-se semelhante loucura! Aos vinte annos! E nem ao menos olhou para trás afim de ver se não deixava alguma cousa! Eis agora os pobres dos velhos condemnados a morrer sózinhos. Arrebenta no teu esconderijo, coruja! Pois bem, sim, tanto melhor; era isto mesmo que eu esperava, não sobreviverei ao golpe. Já estou bem velho, tenho cem annos, tenho cem mil annos, ha muito tempo que podia ter morrido. Desta vez, vou-me embora. Tudo está acabado, que alegria! Para que hão de dar-lhe a cheirar ammoniaco e todo esse bando de drogas? Estás perdendo o teu tempo, estúpido medico! É o que digo, estás morto, bem morto. Eu sou entendido nisto, porque também estou morto. Elle soube matar-se deveras. Sim, estes tempos são infames, infames, e eis o que eu penso de vós, das vossas idéas, dos vossos systemas, dos vossos mestres, dos vossos oraculos, dos vossos doutores, dos vossos bisborrias de escriptores, dos vossos philosophos pa-

(1) *Chanmière*, salões de bailes publicos frequentados principalmente por grisettes e estudantes.

tifões, e de todas as revoluções que ha sessenta annos trazem em continuo susto as nuvens de corvos das Tulherias! E assim como tu não tiveste pena de mim buscando por tal fórma a morte, tambem eu não te darei uma lagrima sequer, ouves, assassino?!

Neste momento, Mario abriu lentamente os olhos, e o seu olhar, ainda turvado pelo espanto lethargico, fitou-se em M. Guillenormand.

—Mario! bradou o velho. Mario! meu Mariozinho! meu filho! meu querido filho! Abres os olhos, olhas para mim, estás vivo, obrigado!

E cahiu desmaiado.

LIVRO QUARTO.

JAVERT DESVAIRADO.

I

JAVERT DESVAIRADO.

Retirára-se Javert a passos lentos da rua do Homem-Armado.

Caminhava com a cabeça baixa, pela primeira vez na sua vida, e, igualmente pela primeira vez na sua vida, com as mãos atrás das costas.

Até aquelle dia, Javert não havia imitado, das duas attitudes de Napoleão, senão a que exprime resolução, os braços cruzados sobre o peito; a que exprime incerteza, as mãos atrás das costas, era-lhe desconhecida. Agora, operava-se uma mudança; toda a sua pessoa, lenta e sombria, manifestava anciedade.

Entranhou-se nas ruas silenciosas.

Entretanto seguia uma direcção.

Tomou o caminho mais curto que ia ter ao Sena, chegou ao caes dos Olmos, costeou-o, passou a Greve, e parou, a alguma distancia do posto do Châtelet, no angulo da ponte de Nossa Senhora. Naquelle sitio, entre a ponte de Nossa Senhora e a Pont-au-Change de um lado, e do outro lado entre o caes da Megisserie e o das Flôres, fórma o Sena uma especie de

lago quadrado atravessado por uma impetuosa corrente.

Este ponto do Sena é temido dos navegantes. Nada é tam perigoso como esta corrente, estreitada naquella época e irritada pelas estacas do moinho da ponte, hoje demolido. As duas pontes, tam proximas uma da outra, augmentam o perigo; a agua precipita-se formidavelmente por baixo dos arcos. Alli estende-se em dobras terriveis; reúne-se e amontoa-se; as ondas batem de encontro aos pilares das pontes como se forcejassem por arranca-las com grossas cordas liquidas. Os homens que alli cahem não tornam a apparecer; os mais dextros nadadores alli se afogam.

Javert firmou os cotovellos no parapeito, encostou o queixo ás mãos, e, ao passo que mexia convulsivamente com as unhas nas espessas suíças, entrou a meditar.

Uma novidade, uma revolução, uma catastrophe acabava de dar-se no seu fôro interno; e havia motivo para elle examinar-se.

Javert soffria horivelmente.

Havia duas horas que elle cessára de ser simples. Estava perturbado; aquelle cerebro, tam limpido na sua cegueira, perdêra a transparencia, o crystal estava empanado. Javert sentia na sua consciencia afrouxar o dever, e não podia deixar de reconhecê-lo. Quando encontrára tão inopinadamente João Valjean na ribanceira do Sena, sentira dentro em si mesmo o que quer que fosse do lobo que torna a empolgar a presa e do cão que descobre seu senhor.

Via deante de si duas sendas, ambas igualmente direitas; mas via duas; e isto o terrificava, a elle que em sua vida nunca conhecêra senão uma linha recta. E, angustia pungente, estas duas sendas eram contrariás. Uma das duas linhas rectas excluia a outra. Qual dellas seria a verdadeira?

A sua situação era inexprimivel.

Dever a vida a um malleitor, accitar esta divida e paga-la, achar-se, apezar seu, no mesmo nivel de um homem perseguido pela justiça, e retribuir-lhe um serviço com outro serviço; deixar que elle lhe dissesse: vae-te, e dizer-lhe por seu turno: sê liyre; sacrificar a motivos pessoaes o dever, essa obrigação geral.

e descobrir nestes motivos pessoaes o que quer que fosse igualmente geral, e talvez superior; trahir a sociedade para ser fiel á sua consciencia; que todos estes absurdos se realisassem e nelle viessem accumular-se, era o que o enchia de pavor.

Uma cousa causára-lhe admiração, fôra ter-lhe João Valjean perdoado, e uma cousa o havia petrificado, fôra ter elle, Javert, perdoado a João Valjean.

Onde estava? Quanto mais se examinava, tanto mais se desconhecia.

O que faria agora? Entregar João Valjean á justiça, era máu; deixa-lo em liberdade, era igualmente máu. No primeiro caso, o homem da autoridade descia abaixo do homem das galés; no segundo caso, um forçado subia mais alto que a lei e calcava-a aos pés. Em ambos os casos, deshonra para Javert. Em todos os expedientes que se lhe offereciam, havia queda. O destino tem certas extremidades a pique sobre o impossivel, e além das quaes a vida nada mais é do que um precipicio. Javert achava-se em uma destas extremidades.

Uma das suas anciedades era ver-se constrangido a pensar. A propria violencia de todas estas commoções contradictorias a isso o compellia. O pensamento, cousa estranha para elle, é singularmente doloroso.

Ha sempre no pensamento uma tal ou qual rebelião interior; e irava-se por sentir semelhante rebelião em si.

O pensamento, sobre qualquer assumpto alheio ao limitado circulo das suas funcções, houvera sido para elle, em todos os casos, uma inutilidade e uma fadiga; mas o pensamento, tendo por objecto o dia que acabava de passar-se, era-lhe um tormento. Não obstante, cumpria-lhe, após semelhantes abalos, sondar a sua consciencia e pesar as acções que havia praticado.

O que acabava de fazer aterrava-o. Elle, Javert, contra todos os regulamentos de pollicia, contra toda a organização social e judiciaria, contra todas as disposições do codigo, arrogára-se o direito de relaxar um preso; assim lhe conviera; substituíra aos publicos negocios as suas proprias conveniencias; não era

isto uma cousa inqualificavel? De cada vez que considerava a acção monstruosa que commettêra, estremeia desde a cabeça até os pés. Que resolução tomaria? Só um recurso lhe restava: tornar quanto antes á rua do Homem-Armado, e levar João Valjean para a prisão. Era evidentemente isto o que lhe cumpria fazer. Não o podia.

O que quer que fosse o impedia de empregar semelhante expediente.

O que quer que fosse? Como! pois ha por ventura no mundo outra cousa que não sejam os tribunaes, as sentenças executórias, a policia e a autoridade? Javert estava desvairado.

Um galé sagrado! um forçado inaccessible á justiça! e isto por causa de Javert!

Que Javert e João Valjean, o homem feito para punir, o homem feito para soffrer, que estes dous homens, que eram ambos egualmente a cousa da lei, houvessem chegado ao ponto de collocar-se acima da lei, não era um facto proprio para inspirar horror?

Como! pois taes enormidades se dariam, e ninguém seria punido! João Valjean, mais forte que toda a ordem social, ficaria em liberdade, e elle, Javert, continuaria a comer o pão do governo!

A sua meditação tornava-se gradualmente terrivel.

Elle houvera podido, no meio desta meditação, exprobrar-se de alguma sorte o modo por que procedêra relativamente ao revolucionario que haviam conduzido á rua das Filhas do Calvario; mas nem em tal pensava. A falta menor sumia-se na maior. De mais, esse insurgente era evidentemente um homem morto, e, legalmente, a morte suspende a acção da justiça.

João Valjean tal era o peso que lhe affrontava o espirito.

João Valjean confundia-o. Todos os axiomas que haviam sido até então os pontos de apoio da sua vida aniquilavam-se deante daquelle homem. A generosidade de João Valjean para com elle Javert acabrunhava-o. Outros factos, de que se recordava e que outr'ora considerára como mentiras e loucuras, antolhavam-se-lhe agora como realidades. O senhor Magdalena apparecia por detrás de João Valjean, e

as duas figuras sobrepunham-se de modo que não formavam já senão uma, e esta era veneravel. Javert sentia uma cousa horrivel penetrar em sua alma, a admiração por um galé. Póde alguém por ventura respeitar um forçado? Isto horrorisava-o, mas não havia fugir-lhe. Em vão reluctava, via-se reduzido a confessar no seu fôro interno a sublimidade daquelle miseravel. Era odioso.

Um malseitor bemfazejo, um forçado compassivo, humilde, caridoso, clemente, pagando o mal com o bem, respondendo ao odio com o perdão, preferindo a piedade á vingança, a sua propria perda á do seu inimigo, salvando aquelle que o feriu, ajoelhado no alto da virtude, mais proximo do anjo do que do homem: Javert via-se constrangido a reconhecer que tal monstro existia.

Isto não podia continuar assim.

É certo, e nós devemos repeti-lo, que elle não se entregára sem resistencia a esse monstro, a esse anjo infame, a esse heróe hediondo, que o indignava quasi tanto quanto o assombrava. Vinte vezes, quando se achára dentro do carro, frente a frente com João Valjean, o tigre legal havia rugido no seu espirito. Vinte vezes sentira impetos de atirar-se a João Valjean, de agarrar-lo e de devora-lo, isto é, de prendê-lo. Com effeito, haveria nada mais simples? Gritar para o primeiro posto por defronte do qual passassem: Aqui está um galé evadido do desterro! Chamar os soldados de policia e dizer-lhes: Este homem é para vós! depois retirar-se, deixar alli esse reprobato, ignorar o que se seguisse, e não querer saber de mais nada. O homem ficava em poder da lei; a lei d'elle faria o que lhe aprouvesse. Haveria nada mais justo? Javert dissera tudo isto comsigo mesmo; tentara pô-lo por obra, cumprir o seu dever, prender o homem, e então como agora não o pudera; e de cada vez que erguera convulsivamente a mão para a golla de João Valjean, seu braço, como se cedesse a um peso enorme, tornára a cahir, e elle ouvira no fundo do seu pensamento uma voz, uma voz estranha que lhe bradava:—Muito bem! Entrega o teu salvador. Depois manda trazer a bacia de Poncio Pilatos, e lava as garras.

Entretanto, volvendo a sua reflexão para si mesmo,

Javert via-se rebaixado a par de João Valjean engrandecido !

Um forçado era seu bemfeitor !

Mas tambem porque consentira que semelhante homem lhe poupasse a vida? Naquella barricada, elle tinha o direito de ser morto. Devêra ter usado desse direito. Chamar os outros insurgentes em seu soccorro contra João Valjean, fazer-se arcabuzar á força, houvera sido melhor.

A sua suprema angustia era a desaparição da certeza. Sentia-se desarraigado. Já não tinha na mão senão um código truncado. Suscitavam-lhe escrúpulos de uma especie desconhecida. Dava-se nelle uma revelação sentimental completamente distincta da prescripção legal, sua unica norma até então. Perseverar na antiga probidade já não bastava. Um complexo de factos inesperados surgia e subjugava-o. Um mundo novo apresentava-se á sua alma: o beneficio aceito e retribuido, o sacrificio, a misericordia, a indulgencia, as violencias feitas pela compaixão á austeridade, a distincção de pessoas, não mais condemnações definitivas, não mais damnações eternas, a possibilidade de uma lagrima nos olhos da lei, uma certa justiça segundo Deus caminhando em direcção opposta á da justiça segundo os homens. Divisava por entre as trevas o terrifico orto de um sol moral desconhecido; sentia-se tomado de horror e deslumbrado. Coruja obrigada a olhar como aguia.

Reconhecia que comeffeito era verdade que havia excepções, que a autoridade podia ser confundida, que a regra podia estacar ante um facto, que nem tudo fôra previsto no código, que o inopinado fazia-se obedecer, que a virtude de um forçado podia armar uma cilada á virtude de um funcionario, que o monstruoso podia ser divino, que o destino tinha destas emboscadas, e pensava com desespero que elle proprio não pudera livrar-se de uma surpresa.

Via-se compellido a reconhecer que a bondade existia. Aquelle galé fôra bom. E elle proprio, cousa assombrosa ! acabava de dar uma prova de bondade. Por conseguinte depravava-se.

Achava-se indigno. Horrorisava-se de si mesmo.

Para Javert, o ideal não era ser humano, ser gran-

de, ser sublime; era ser irreprehensivel. Ora, elle acabava de commetter uma falta.

Como chegára elle a esse ponto? Como se passára tudo isso? Fôra-lhe impossivel dizê-lo. Apertava a cabeça nas mãos, porém, por mais que se esforçasse, não podia explica-lo.

De certo fôra sempre sua intenção entregar João Valjean á lei, cujo era esse miseravel captivo, e elle, Javert, o servo. Emquanto o tivera em seu poder, nem um só instante, tal era o testemunho de sua consciencia, lhe occorrêra o pensamento de solta-lo. Fôra de alguma sorte inconscientemente que abrira a mão e o largára.

Uma infinidade de novidades enigmaticas apresentavam-se aos seus olhos. Fazia perguntas a si mesmo, a si mesmo respondia, e as suas respostas o aterravam. Perguntava: esse galé, esse desesperado, que perseguiam encarniçadamente, que me teve debaixo dos pés, e que podia, e até mesmo devia vingar-se, não só por odio, como tambem para sua segurança, poupando-me a vida, perdoando-me, o que fez? O seu dever. Não. Alguma cousa mais. E eu, perdoando-lhe por meu turno, o que fiz? O meu dever. Não. Alguma cousa mais. Assim, pois, ha alguma cousa além do dever? Aqui espavoria-se; a sua balança deslocava-se; uma das conchas descia até o abysmo, a outra subia até o céu; e Javert não sentia menos terror attentando para a que estava em cima do que para a que estava em baixo. Sem ser de fôrma nenhuma voltairiano, ou philosopho, ou incredulo, respeitoso pelo contrario, por instincto, para com a egreja estabelecida, não a conhecia senão como um fragmento augusto do todo social; a ordem era o seu dogma e bastava-lhe; desde que chegára á idade adulta e começára a exercer o seu emprego, sempre havia posto na policia quasi toda a sua religião, porquanto—e nós empregamos estas palavras sem a menor ironia e na sua mais seria accepção—, por quanto, já o dissemos, era espião como qualquer outro homem é padre. Tinha um superior, o senhor Gisquet; até aquelle dia não havia pensado neste outro superior, Deus.

Este novo chefe, Deus, apparecia-lhe de repente, e incommodava-o.

Esta presença inopinada perturbava-o profundamente, não sabia como haver-se com um tal superior, elle que não ignorava que é obrigação do subordinado submeter-se sempre, nunca jámais desobedecer, nem censurar, nem discutir, e que, á vista de um superior que o assombra demasiadamente, o unico recurso do inferior é demittir-se.

Mas como se haveria elle para dar a sua demissão a Deus?

Como quer que fosse, e era sempre este o ponto a que volvia a sua cogitação, um facto para elle dominava tudo, e era a horrivel infracção que acabava de commetter. Deixara em paz um condemnado evadido da prisão. Relaxára um galé. Roubára ás leis um homem que lhes pertencia. Fizera isto. Já se não conhecia. Parecia-lhe que o seu proprio individuo não era o mesmo. Até as razões da sua acção lhe escapavam; sentia apenas a vertigem que ella lhe causava. Tinha vivido até aquelle momento dessa fé cega que produz a probidade tenebrosa.

Essa fé o abandonava, essa probidade desamparava-o. Tudo em que elle crêra desvanecia-se. Verdades, que lhe repugnavam, importunavam-n'o inexoravelmente. Dalli em deante deveria ser outro homem. Soffria as estranhas dôres de uma consciencia subitamente operada de cataracta. Via o que não quizera ver. Sentia-se vazio, inutil, desprendido da sua vida passada, destituído, aniquilado. A autoridade perecêra nelle. Já não tinha razão de ser.

Situação terrivel! ser abalado.

Ser o granito, e duvidar! ser a estatua do castigo fundida no molde inteiriço da lei, e reconhecer que ha dentro do peito o quer que seja absurdo e indocil que quasi parece um coração! Chegar ao ponto de pagar o bem com o bem, posto que até aquelle dia houvesse considerado tal bem como mal! ser o cão vigilante, e fazer festa! ser o gelo, e derreter-se! ser a tenaz, e transformar-se em mão! sentir abrirem-se-lhe de repente os dedos! largar a presa, cousa medonha!

O homem-projectil não sabendo já o seu caminho, e recuando!

Ser obrigado a confessar isto: a infallibilidade não

é infallivel, póde haver erro no dogma, um código não é a ultima expressão de tudo, a sociedade não é perfeita, a autoridade é complicada de vacillação, um abalo no immutavel é possível, os juizes são homens, a lei póde enganar-se, os tribunaes podem errar! ver uma fenda no immenso vidro azul do firmamento!

O que se passava em Javert era o Fampoux de uma consciencia rectilinea, o transviamento de uma alma, o esmagamento de uma probidade irresistivelmente lançada em linha recta e despedaçando-se em Deus. De certo, era estranho que o foguista da ordem, o machinista da autoridade, montado no cego cavallo de ferro da via rigida, pudesse ser lançado fóra da sella por um subitaneo clarão! que o incommutavel, o directo, o correcto, o geometrico, o passivo, o perfeito, pudesse fraquear! que houvesse para a locomotiva um caminho de Damasco!

Deus, sempre interior no homem, e elle a verdadeira consciencia refractario á falsa; prohibição á faísca de apagar-se; ordem ao raio de lembrar-se do sol; prescripção á alma de reconhecer o verdadeiro absoluto quando elle se confronta com o ficticio; a humanidade imperdível; o coração humano amissível; este phenomeno esplendido, por ventura o mais bello dos nossos prodigios internos, comprehendê-lo-hia Javert? penetra-lo-hia? teria delle cabal noção? Evidentemente que não. Mas sob a pressão deste incomprehensivel incontestavel, sentia o seu craneo entreabrir-se.

Não era tanto o transfigurado como a victima deste prodigio. Soffria-o desesperado. Em tudo isto não via senão uma immensa difficuldade de existir. Parecia-lhe que agora a respiração se lhe tornára para sempre embaraçada.

Ter por cima da cabeça o desconhecido era cousa a que não estava acostumado.

Até alli tudo que vira acima de si antolhava-se-lhe como uma superficie clara, simples, limpida; alli nada ignorado nem obscuro; nada que não fosse definido, coordenado, concatenado, preciso, exacto, circumscripto, limitado, fechado; tudo previsto; a autoridade era uma cousa plana; nenhuma quêda nella, ne-

nhuma vertigem nella. Javert nunca vira o desconhecido senão nas regiões subjacentes. O irregular, o inesperado, a abertura desordenada do cahos, o despenho possível em um precipício, tudo isto era proprio das camadas inferiores, dos rebeldes, dos máus, dos miseraveis. Agora Javert recuava, e sentia-se tomado de susto ante esta assombrosa apparição: um abysmo nas alturas.

Como! pois o seu excidio era assim tam completo?! devia a confusão ser absoluta?! Em que confiaria? Todas as suas convicções se anniquilariam?!

Como! a abertura da couraça da sociedade podia ser descoberta por um infame magnanimo! Como! um probo servidor da lei ver-se-hia colhido entre dous crimes, o de deixar um homem fugir e o de prendê-lo! nem tudo era certo nas instrucções dadas pelo Estado ao funcionario! Podia haver muros erguidos contra o dever! Como! tudo aquillo era real! era verdade que um antigo malfetor, curvado ao peso das condemnações, podia erguer-se e vir a ter razão? pois isto era crível? havia então casos em que a lei deve retirar-se deante do crime transfigurado, balbuciando desculpas!

Sim, e assim era! e Javert o via! e Javert o sentia! e não só não podia nega-lo, como até tinha parte nisso. Eram realidades. Era abominavel que os factos reaes pudessem chegar a tal ponto de disformidade.

Se os factos fizessem o seu dever, limitar-se-hiam a ser provas da lei; os factos, isto é, Deus que os manda. Dar-se-hia acaso que a anarchia baixasse agora das alturas?

Assim pois, e na exaggeração da angustia, e na illusão de optica da consternação, tudo quanto houvera podido restringir e corrigir a sua impressão desvanecia-se, e a sociedade, e o genero humano, e o universo, se resumiam agora aos seus olhos em um vulto simples e hediondo; assim pois, a penalidade, a cousa julgada, a força devida á legislação, os ares-tos dos tribunaes soberanos, a magistratura, o governo, a prevenção e a repressão, a sabedoria official, a infallibilidade legal, o principio de autoridade, todos os dogmas sobre os quaes assenta a segurança

politica e civil, a soberania, a justiça, a logica derivando-se do código, o absoluto social, a verdade publica, tudo isto ruina, destroços, cahos; elle proprio Javert, o vigia da ordem, a incorruptibilidade ao serviço da policia, a providencia molosso da sociedade, vencido e posto fóra de combate, e em cima de toda esta ruina, um homem em pé, com a carapuça verde na cabeça e a aureola na fronte; eis em que estado de confusão se via lançado; eis a visão medonha que tinha n'alma.

Isto não era supportavel.

Estado violento, qual nunca houve equal. Só havia duas maneiras de tirar-se delle. Uma, ir resolutamente prender João Valjean, e restituir ao carcere o homem das galés. A outra....

Javert affastou-se do parapeito, e, de frente erguida desta vez, dirigiu-se com passo firme para o posto indicado por uma lanterna n'um dos cantos da praça do Châtelet.

Alli chegando, espiou pela vidraça, viu dentro um agente de policia, e entrou. Estes homens reconhecem-se entre si até pelo modo porque empurram a porta de um corpo de guarda. Javert declarou o seu nome, mostrou a sua patente ao agente, e sentou-se á mesa do posto em cima da qual ardia uma vela. Havia alli uma penna, um tinteiro de chumbo, e papel para os autos eventuaes e partes das rondas nocturnas.

Esta mesa, sempre completada por uma cadeira de palha, é uma instituição; existe em todos os postos de policia; é invariavelmente ornada de uma bandeijinha de buxo cheia de pó de serra e de uma caixa de papelão com obreias encarnadas, e é o primeiro degráu do estylo official. É nella que começa a litteratura do Estado.

Javert tomou uma folha de papel, pegou na penna e poz-se a escrever. Aqui está o que elle escreveu:

ALGUMAS OBSERVAÇÕES EM BEM DO SERVIÇO.

«1ª Rogo ao senr. prefeito que attenda.

«2ª Os presos quando voltam do interrogatorio tiram os sapatos e ficam com os pés descalços nas lages enquanto os revistam. Muitos tosem ao recolher-se á prisão. Daqui provêm despesas com a enfermaria.

«3ª O systema de *dar caça* é bom, mudando-se os agentes de distancia em distancia; mas seria melhor que, nas occasiões importantes, dous agentes pelo menos nunca se perdessem de vista, porquanto, se por qualquer causa um delles deixasse de cumprir o seu dever, o outro vigiaria e emendaria a sua falta.

4ª Não descubro motivo algum que explique por que o regulamento especial da prisão das Madelonnettes prohibe que os presos tenham cadeiras, ainda mesmo pagando-as.

«5ª Nas Madelonnettes a janellinha da taverna só tem dous varões de ferro, de modo que a taverneira pôde estender a mão aos presos.

«6ª Os presos, conhecidos por *ladradores*, que chamam os outros ao locutorio, exigem de cada um dous soldos para gritar o seu nome distinctamente. Isto é um roubo.

«7ª Por um fio que corre descontam-se dez soldos aos presos na officina dos tecelões; é um abuso do director, porque o panno nem por isso é peor.

«8ª É máu que as pessoas que vão visitar alguem na Force tenham de atravessar o páteo das creanças para entrar no locutorio de Sancta Maria Egypciaca.

«9ª É certo que alguns soldados de policia costumam revelar no páteo da prefeitura os interrogatorios feitos pelos magistrados aos presos. Acho que é uma falta grave contar um soldado, que deveria ser sagrado, o que ouviu no gabinete do juiz.

«10. A sra. Heury é uma mulher honrada; a sua taverna está sempre muito assejada; mas não acho bom que uma mulher esteja á janellinha da ratoeira do segredo. Isto não é digno da Conciergerie de uma grande civilisação.»

Javert escreveu estas linhas com a sua melhor letra e com toda a correccão, sem omitir uma virgula, e fazendo ranger com firmeza a penna no papel. Por baixo da ultima linha assignou:

«JAVERT, *inspector da 1.ª classe.*

«Posto da praça do Châtelet, 7 de junho de 1832, perto de uma hora da madrugada.»

Enxugou a tinta no papel, depois dobrou-o como uma carta, fechou-o, poz-lhe este sobrescripto: *Nota para a administração*, deixou-o em cima da mesa, e

sahiu do posto. A porta envidraçada e gradeada tornou a fechar-se assim que elle a transpoz.

Atravessou de novo diagonalmente a praça do Châtelet, chegou ao caes e foi postar-se com uma exactidão mathematica justamente no ponto onde estivera havia um quarto de hora; encostou os cotovellos no parapeito, e achou-se outra vez na mesma attitude sobre a mesma pedra que lhe servira de apoio. Disse-reis que não se tinha mexido dalli.

A escuridão era completa. Era o momento sepulcral que se segue á hora da meia noite. Uma abobada de nuvens encobria as estrellas. O ceu não apresentava senão uma profundeza sinistra. Nas casas da Cité não se via uma unica luz; ninguém passava; todas as ruas e cáes que dalli se avistavam estavam desertos; a egreja de Nossa Senhora e as torres do palacio do tribunal de justiça pareciam figuras da noite. Um lampeão enrubecia a margem do cáes. Os vultos das pontes se disformavam no meio do nevoeiro uns atrás dos outros. As chuvas tinham enchido o rio.

O sitio onde Javert se achava era, conforme já dissemos, o que fica justamente por cima da corrente do Sena a pique sobre essa temivel espiral de turbilhões que se enrosca e desenrosca como um elo sem fim.

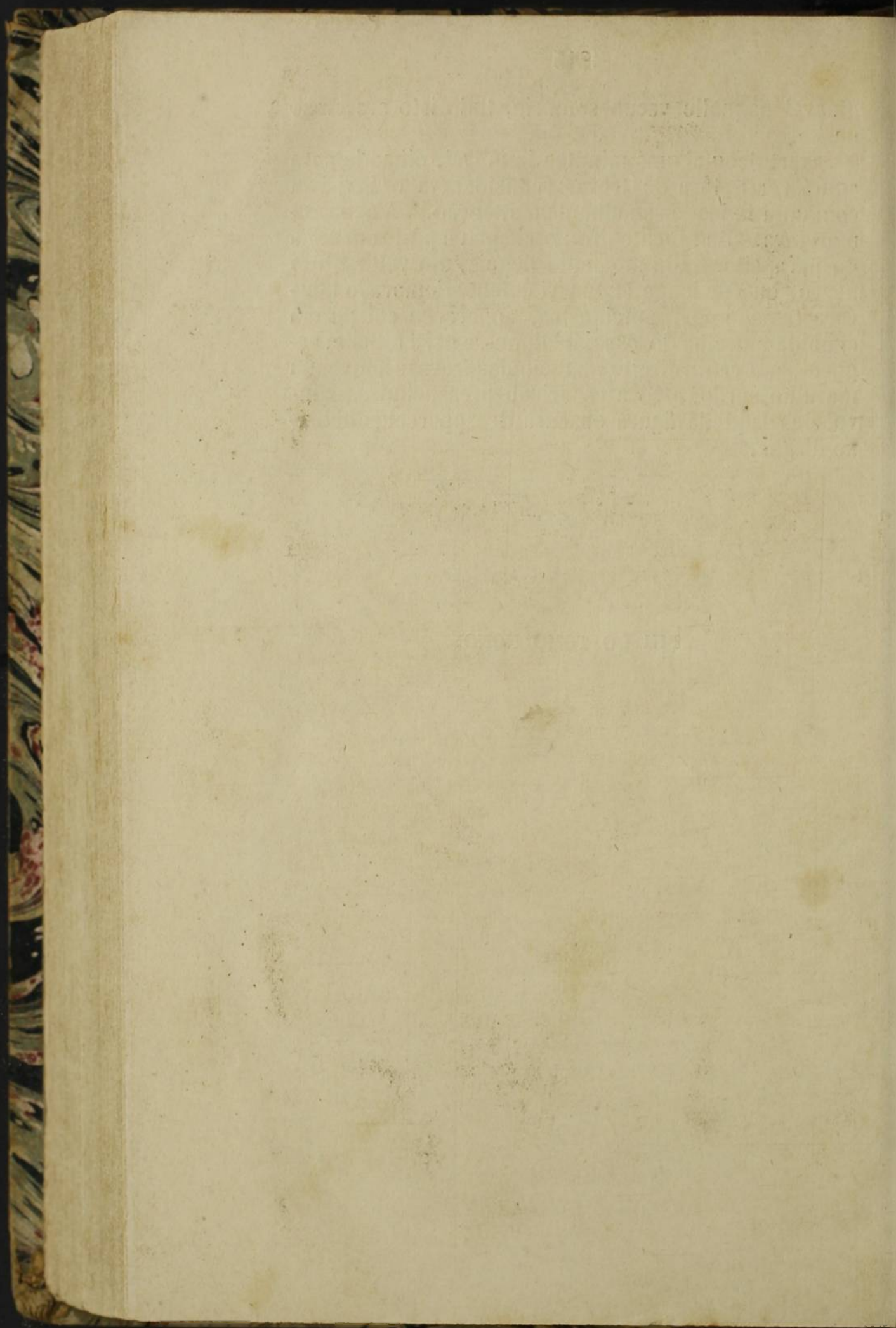
Javert estendeu a cabeça e olhou. Tudo estava escuro. Nada se distinguia. Ouvia-se a bulha da espuma; mas não se via o rio. De espaço a espaço, naquella profundeza vertiginosa, apparecia um clarão e serpeava vagamente, porque a agua tem o poder de, no meio da mais profunda noite, tirar luz não sabemos de onde e transforma-la em serpente. A luz desaparecia, e tudo se tornava outra vez indistincto. A immensidade parecia estar aberta alli. O que Javert tinha por baixo de si não era agua, era barathro. A muralha do caes, a pique, confusa, encoberta pelo vapor, invisivel, afigurava-se uma escarpa do infinito.

Nada se via, mas sentia-se a humidade hostil da agua e o cheiro das pedras molhadas. Fero anhelito subia daquelle abysmo. A cheia do rio, antes adivinhada que notada, o tragico murmurio da agua, a lugubre enormidade dos pilares da ponte, a quédá ima-

ginavel naquella vacuo sombrio, tudo isto era cheio de horror.

Javert ficou alguns minutos immovel, olhando para aquella abertura de trevas; considerava o invisivel com uma fixidade semelhante á attenção. A agua rumorejava. De repente tirou o chapéu e pô-lo em cima do parapeito. Um momento depois, um vulto alto e negro, que de longe algum viandante demorado houvera tomado por um fantasma, appareceu em pé em cima da muralha do cáes, inclinou-se para o Sena, ergueu-se, e cahiu direito no meio das trevas: houve um marulho surdo, e só a escuridão presenciou as convulsões daquella figura obscura desaparecida debaixo d'agua.

FIM DO TOMO NONO.



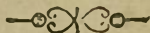
OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

Cavemiro

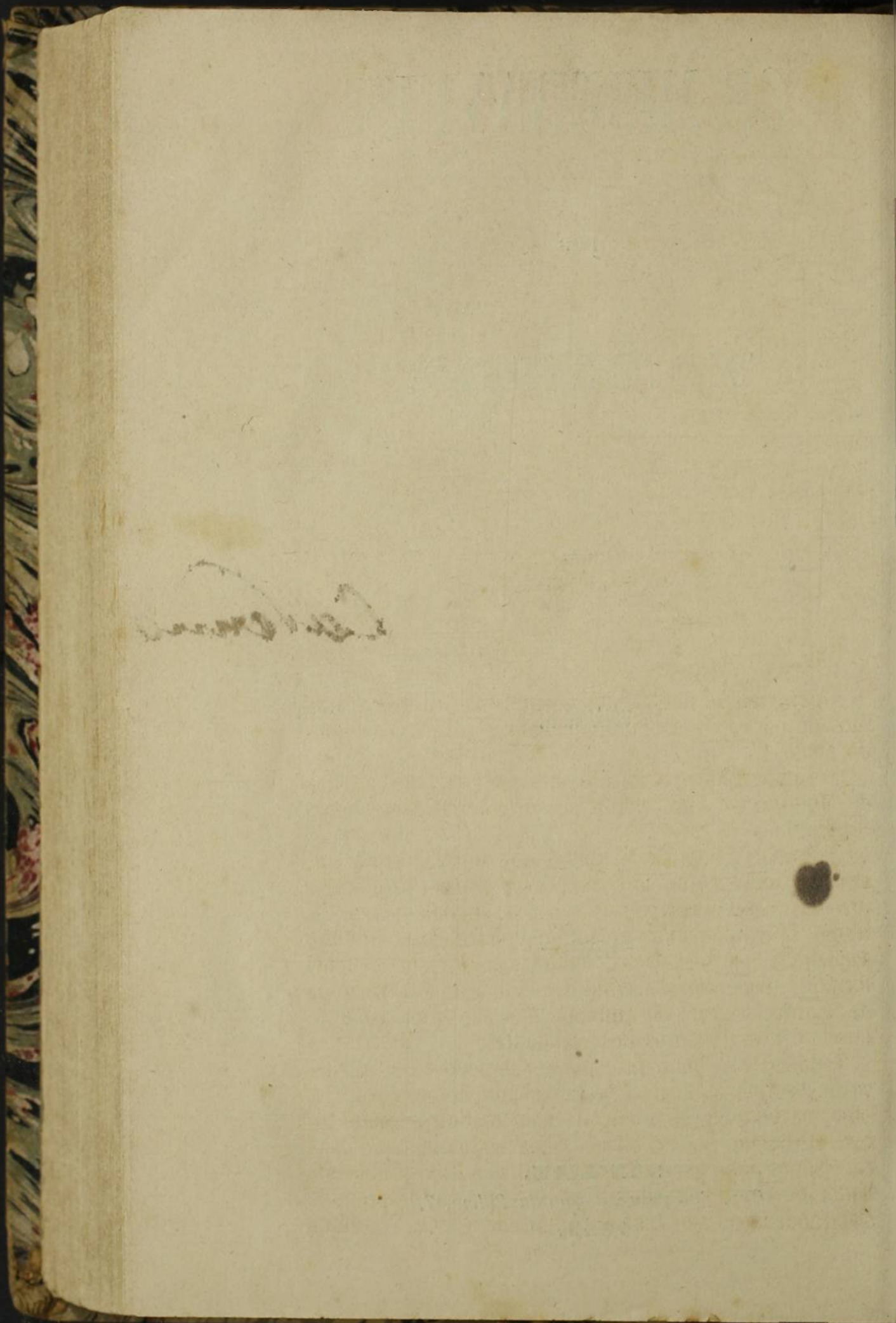
VOLUME X.



SAN'LUIZ.

Typ. do—FRIAS—rua da Palma, 7.

1863.



LIVRO QUINTO.

O SETTO E O AVÔ.

I

EM QUE SE TORNA A VER A ARVORE QUE TEM UMA
CHAPA DE ZINCO.

Algum tempo depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, o senhor Boulatruelle teve um profundo abalo.

O senhor Boulatruelle é esse trabalhador de estradas de Montfermeil que o leitor já lobrigou nas partes tenebrosas deste livro.

O senhor Boulatruelle, talvez que ainda se lembrem, era um homem que se occupava de cousas suspeitas e diversas. Quebrava pedras e lesava os viajantes na estrada. Terraplenador e ladrão, tinha elle um sonho; acreditava nos thesouros escondidos na floresta de Montfermeil. Esperava achar um dia dinheiro na terra ao pé de alguma arvore; no entanto, não perdia occasião de buscal-o nas algibeiras dos viandantes.

Todavia, por emquanto, tornara-se prudente. Acabava de escapar de boa. Fôra apanhado, como o leitor já sabe, na possilga de Jondrette com os outros malfeitores. Utilidade de um vicio: a sua embriaguez o salvara. Nunca pôde averiguar-se se alli se achara como roubador ou como roubado. Uma sentença de despronuncia, fundada no seu estado de ebriedade bem reconhe-

cido na noite em que tivera lugar a emboscada, puzera-o em liberdade. Dera-se elle pressa em pôr-se ao fresco. Voltara para a sua estrada de Gagny a Lagny e recommençara, sob a vigilancia administrativa, o seu trabalho de empedramento por conta do Estado, cabisbaixo, profundamente pensativo, um tanto desgostoso do roubo, que quasi o perdera, porem dobradamente apaixonado do vinho, ao qual devia a salvação.

Quanto ao abalo profundo que teve pouco depois de haver voltado para a sua cabana de terraplenador, ei-lo :

Uma madrugada, pouco antes do romper do dia, dirigindo-se Boulatruelle, como de costume, para o seu trabalho, e talvez tambem para alguma emboscada, avistou por entre os ramos um homem do qual só via as costas, mas cuja figura, tanto quanto a distancia e a duvidosa luz do crepusculo lhe permittiam divulgar, sup pôz não lhe ser de todo estranha. Boulatruelle, bem que bebado, tinha uma memoria correcta e lucida, arma defensiva indispensavel a quem se acha em tal ou qual luta com a ordem legal.

—Onde foi que eu já vi um homem como este ? disse de si para si.

Mas não pôde dar a si mesmo outra resposta, senão que aquelle individuo se parecia com alguém cuja figura se achava confusamente impressa no seu espirito.

Boulatruelle, porem, ao passo que se esforçava por descobrir a identidade que lhe escapava, fez algumas conjecturas e calculos. O homem não era dos arredores.

Acabava de chegar áquelle sitio. A pé evidentemente. Nenhum carro publico passa a tal hora por Montfermeil. Caminhara toda a noite. De onde vinha ? não de longe por certo. Não trazia alforje, nem embrulho. De Pariz sem duvida. Porque estaria naquelle bosque ? porque estaria alli a tal hora ? o que veria fazer ?

Boulatruelle lembrou-se do thesouro. A' força de esquadrinhar a memoria, recordou-se vagamente que, havia já alguns annos, sentira egual abalo ao ver naquelles sitios um homem que bem podia ser o mesmo que acabava de avistar.

Assim meditando, a sua cabeça inclinara-se cedendo ao peso da propria meditação, cousa natural, mas pouco habil. Quando a levantou não viu mais nada. O homem sumira-se na floresta e no crepusculo.

—Com os diabos! disse Boulatruelle, hei de descobri-lo. Hei de saber de onde vem este sujeito. Este passeador de Patron-Minette tem um porque, hei de sabê-lo. Ninguém tem segredos no meu bosque sem que eu seja ouvido nem cheirado.

Tomou o seu alvião que era muito agudo.

—Com isto, resmoneou elle, poderei revistar a terra e um homem.

E como quem ata um fio a outro, apressando o mais que podia os passos na direcção que o homem devêra ter seguido, entranhou-se na mata.

Depois de ter dado uns cem passos, o dia, que começava a clarear, ajudou-o. Pegadas visíveis aqui e alli na arêa, a relva pisada, o tojo calcado, os renovos dobrados e endireitando-se com graciosa lentidão como os braços de uma formosa mulher que se espreguiça ao acordar, indicaram-lhe uma especie de pista. Seguiu-a, depois perdeu-a. Passava-se o tempo. Entranhou-se ainda mais no bosque e chegou a uma pequena eminencia. Um caçador madrugador que passava ao longe por um atalho assobiando o canto de Guillery fez que lhe occorresse a lembrança de subir a uma arvore. Bem que já idoso, era agil. Havia alli uma grande faia, digna de Tityro e de Boulatruelle. Boulatruelle subiu à faia, e empoleirou-se o mais alto que pôde.

A lembrança fôra boa. Explorando a solidão do lado onde o bosque é todo emmaranhado e agreste, Boulatruelle avistou de repente o homem.

Apenas o descobriu perdeu-o de vista.

O desconhecido entrou, ou antes esgueirou-se, em uma clareira bastante afastada, encoberta por grandes arvores, mas que Boulatruelle conhecia perfeitamente por alli ter notado, perto de um grande monte de pedras de que se fazem mós, um castanheiro doente, ao qual haviam applicado uma chapa de zinco pregada na casca do tronco. Esta clareira é a que chamavam outr'ora campo Blaru. O monte de pedras, destinado não sabemos a que fim, que alli se achava ha trinta annos, talvez não tenha sido ainda removido. Nada egual a longevidade de um monte de pedras, a não ser a de um cercado de taboas. É uma cousa provisoria. Que razão para durar!

Boulatruelle, com a rapidez da alegria, saltou da ar-

vore abaixo, que não desceu. A toca estava descoberta, só lhe faltava empolgar a presa. O thesouro sonhado achava-se provavelmente alli.

Não era cousa facil chegar áquella clareira. Pelos caminhos trilhados que descrevem mil ziguezagues caprichosos levava-se um bom quarto de hora. Em linha recta pelo meio da mata, que alli é singularmente cerrada, cheia de espinhos e sobremodo incommoda, gastava-se mais de meia hora. Boulatruelle não pesou bem isto. Fiou-se na linha recta; illusão de optica respeitavel, mas que perde muitos homens. A mata, apesar de tam cerrada como era, pareceu-lhe o melhor caminho.

—Vamos pela rua de Rivoli dos lobos, disse elle.

Boulatruelle, acostumado a caminhar de esguelha, commetteu desta vez o erro de seguir um caminho direito.

Lançou-se resolutamente no emmaranhamento da brenha.

Teve de lutar com azevinhos, com ortigas, com espinheiros, com roseiras bravas, com cardos, com çarças irascibilissimas. Ficou coberto de arranhões.

No fundo do barranco encontrou agua que teve de atravessar.

Chegou emfim á clareira Blarn, ao cabo de quarenta minutos, suando, molhado, esbaforido, arranhado, feroz.

Ninguem na clareira.

Boulatruelle correu para o monte de pedras. Estava no seu lugar. Não o tinham levado.

Quanto ao homem, sumira-se na floresta. Fugira. Por onde? para que lado tomára? em que cerrado se mettêra? Era impossivel adivinha-lo.

E, cousa pungente, atrás do monte de pedras, de frente da arvore que tinha a chapa de zinco via-se a terra mexida de fresco, um alvião esquecido ou abandonado, e um buraco.

O buraco estava vazio.

—Ladrão! bradou Boulatruelle acenando com ambos os punhos para o horizonte.

II

MARIO, SAINDO DA GUERRA CIVIL, PREPARA-SE PARA A GUERRA DOMESTICA.

Mario esteve muito tempo entre a vida e a morte. Durante algumas semanas teve uma febre acompanhada de delirio, e mui graves symptomas cerebraes, devidos antes ás commuções das feridas na cabeça do que ás proprias feridas.

Levou noites inteiras a repetir o nome de Cosetta na loquacidade lugubre da febre e com a sombria obstinação da agonia. A extensão de algumas lesões foi um perigo grave, porquanto a suppuração das feridas largas pode sempre reabsorver-se, e por conseguinte matar o doente, sob certas influencias athmosphericas; a cada mudança de tempo, á menor tempestade, o medico inquietava-se.—Sobretudo cumpre evitar que o ferido tenha qualquer abalo, repetia elle. Os curativos eram complicados e difficeis, por isso que a fixidez dos aparelhos e dos chumaços por meio do encerado ainda não havia sido inventada naquella época. Nicoletta desfiou um lençol inteiro, *grande como o tecto de uma casa*, dizia ella. Só a força de loções chloruretadas e de muito nitrato de prata pôde prevenir-se a gangrena. Em-

quanto houve perigo, M. Guillenormand, afflictissimo á cabeceira de seu netto, esteve, como Mario, entre a vida e a morte.

Todos os dias, e até mesmo duas vezes ao dia, um homem de cabellos brancos e mui asseiado,—taes eram os signaes dados pelo porteiro,—vinha saber como passára o ferido, e deixava um grande pacote de fios para os curativos.

Emfim, a 7 de setembro, quatro mezess, dia por dia, depois da dolorosa noite em que o haviam trazido moribundo para casa de seu avô, o medico declarou que respondia por elle. A convalescença começou. Todavia, Mario ainda teve de passar mais de dous mezes reclinado em uma poltrona por causa dos accidentes produzidos pela fractura da clavicula. Ha sempre uma ultima ferida que não quer cicatrizar e que eternisa os curativos, com grande aborrecimento do doente.

A sua longa doença, porém, e esta comprida convalescença salváram-n'o das pesquisas da policia. Em França, não ha colera, ainda mesmo publica, que dure mais de seis mezes. Os motins, no estado em que se acha a sociedade, são por tal modo imputaveis a todos, que após elles vem uma certa necessidade de fechar os olhos.

Accrescentamos que o inqualificavel edital de Giquet, ordenando aos medicos que denunciasssem os feridos, indignara a tal ponto, não só a opinião publica, senão até em primeiro lugar o proprio rei, que os feridos foram guardados e protegidos por esta indignação; e, á excepção dos que tinham sido presos com as armas na mão, os conselhos de guerra não ousáram inquietar mais nenhum. Deixáram pois Mario em paz.

M. Guillenormand passou primeiro por todas as angustias, e depois por todos os extases. Só a muito custo conseguiram que elle não passasse as noites a velar junto do doente; mandou trazer a sua poltrona para ao pé da cama de Mario; exigiu que sua filha tomasse o panno mais fino que houvesse em casa para preparar fios e ataduras. M^{lho} Guillenormand, como pessoa experiente e poupada, achou meio de preservar o panno fino, fazendo o velho crer que era obedecido. M. Guillenormand não consentiu que lhe explicassem que a cambraia não é tam boa para fios como o linho grosso,

e nem o linho novo como o usado. Assistia a todos os curativos, de que sua filha se retirava pudicamente. Quando se cortavam com a tesoura as carnes mortas, dizia: ai! ai! Nada tam enternecedor como vê-lo apresentar ao doente uma chicara de tisana com o seu brando tremer senil. Fazia mil perguntas ao medico. Eram sempre as mesmas, e não reparava nisso.

No dia em que o medico lhe annunciou que Mario estava escapo de perigo, o bom do velho ficou fóra de si. Deu tres luizes de gratificação ao seu porteiro. De noite, quando foi para o seu quarto, dansou uma gavota, tocando castanholas com os dedos, e cantou esta canção:

Gentil pastorinha,
Bem sei que és só minha,
Que morres por mim,
Emfim.

Por ti tambem morro;
Só vivo e discorro
Ao ver teu gentil
Perfil.

Amor nos teus olhos
Põe settas aos molhos;
Aos meus braços vem,
Meu bem!

Depois ajoelhou em cima de uma cadeira, e Biscaíno, que o observava pela abertura da porta, capacitou-se de que elle rezava.

Até alli não acreditára em Deus.

A cada nova phase das melhoras, que se tornavam cada vez mais visiveis, o avô treslia. Praticava uma infinidade de accções machinaes cheias de alegria; subia e descia as escadas sem saber porque. Uma sua vizinha, que era linda na realidade, ficou muito admirada recebendo uma manhan um grande ramalhete; fôra M. Guillenormand que lh'o mandára. O marido infureceu-se de ciumes. M. Guillenormand buscava assentar Nicoletta nos joelhos. Chamava Mario *o senhor barão*. Gritava: *Viva a republica!*

A cada instante perguntava ao medico: « Não é verdade que já não ha perigo? » Olhava para Mario com olhos de avô. Não se fartava de contempla-lo quando elle comia. Andava alheio de si, não se importava com

cousa nenhuma, havia abdição na sua alegria, era o netto de seu netto.

Neste jubilo em que elle estava, era a mais veneravel das creanças. Receiando fatigar ou importunar o convalescente, collocava-se atrás delle para sorrir-lhe. Estava contente, alegre, transportado, formoso, remocido. Suas cans davam uma doce magestade á leda luz que se lhe reflectia no semblante. Quando a graça se une ás rugas, é adoravel. Ha como que uma aureola na velhice que se expande.

Quanto a Mario, ao passo que lhe eram prodigalisados todos os cuidados, tinha uma idéa fixa: Cosetta.

Depois que lhe passára a febre e o delirio, já não pronunciava este nome, e poderia crer-se que deixára de tê-lo no pensamento. Calava-se, justamente porque a sua alma nelle se concentrava.

Não sabia o que era feito de Cosetta; tudo quanto se dera na rua da Chanvrerie era como uma nuvem na sua lembrança; sombras quasi indistinctas agitavam-se-lhe no espirito. Eponina, Gavroche, Mabœuf, os Thénardiens, todos os seus amigos lugubramente confundidos na fumaça da barricada; a estranha apparição de M. Cortavento naquella sanguinolenta aventura antolhava-se-lhe como um enigma no meio de uma tempestade: nada comprehendia da sua propria vida, não sabia como nem por quem fôra salvo; o mais que lhe tinham podido dizer a tal respeito, era que o haviam trazido de noite em um carro para a casa de seu avô; passado, presente, futuro, já não eram nelle senão sob a forma de uma idéa vaga; mas no meio de toda esta incerteza havia um ponto immovel, um vulto claro e preciso, o que quer que fosse de granito, uma resolução, uma vontade: descobrir Cosetta. Para elle a idéa da vida não era distincta da de Cosetta, tinha decretado no seu coração que não aceitaria uma sem a outra, e estava inabalavelmente decidido a exigir de quem quer que tentasse obriga-lo a viver, de seu avô, da sorte, do inferno, a restituição do seu eden desaparecido.

Temendo tal resolução, não deixava de prever os obstaculos que teria de superar.

Consignemos aqui uma particularidade: a ternura e os mil cuidados que lhe prodigalisava seu avô de forma alguma lhe captavam a confiança, e bem pouco o abran-

davam. Em primeiro lugar não sabia que motivos o determinavam a proceder assim; depois, nas suas cogitações de doente, talvez ainda um tanto febris, desconfiava de taes carinhos como de uma cousa estranha e nova que tinha por fim doma-lo. Mostrava-se-lhes frio. Em vão sorria-se o pobre avô. Mario dizia consigo que toda aquella bondade existiria emquanto lhe fosse impossivel fallar e se achasse condemnado á passividade; mas que, quando se tratasse de Cosetta, outro semblante se lhe apresentaria, e que a verdadeira attitude do avô se desmascararia. Então a luta seria terrivel; recrudescencia das contestações de familia, confrontação das posições, todos os sarcasmos e todas as objecções ao mesmo tempo, Cortavento, Partevento, a fortuna, a pobreza, a miseria, a pedra ao pescoço, o futuro. Resistencia violenta, conclusão: recusa. Mario esforçava-se de antemão.

Além disto, á medida que reassumia a vida, os seus antigos aggravos reappareciam, as antigas ulceras de sua memoria tornavam a abrir-se, recordava-se do passado, o coronel Pontmercy de novo se collocava entre Guillenormand e elle Mario, e acreditava que nenhuma bondade verdadeira podia esperar de quem fôra tam injusto e tam duro para seu pae. E com a saude, voltava-lhe uma certa acrimonia contra seu avô. O ancião soffria-a resignadamente.

M. Guillenormand, bem que o não demonstrasse, notava que Mario, desde que chegára á sua casa e recobrára os sentidos, não o tratára uma unica vez por *meu pae*. Não dizia *senhor*, é verdade, mas achava meio de se não servir de nenhum destes tratamentos por um certo modo de construir as suas phrases.

Approximava-se evidentemente uma crise.

Como quasi sempre acontece em taes casos, Mario, para experimentar, fez uma escaramuça antes de dar batalha. Chama-se isto apalpar o terreno. Uma manha succedeu que M. Guillenormand, a proposito de um jornal em que por acaso pegou, fallasse um tanto livremente a respeito da convenção e soltasse um epiphonema realista sobre Danton, Saint Just e Robespierre.

—Os homens de 93 eram gigantes, disse Mario com severidade.

O ancião calou-se, e não deu palavra.

Mario que tinha sempre presente ao espirito o inflexivel avô dos seus primeiros annos , viu neste silencio uma profunda concentração de colera , concluiu á vista disto que a luta seria encarniçada, e augmentou no mais intimo do pensamento os seus preparativos de combate.

Assentou que em caso de recusa arrancaria os seus appositos, deslocaria a clavicula, descobriria e rasgaria as feridas que ainda não estivessem fechadas, e rejeitaria todo o alimento. As suas feridas eram as suas munições. Ter Cosetta ou morrer.

Aguardou o momento favoravel com a manhosa paciencia dos doentes.

Este momento chegou.

III

MARIO ATACA.

Um dia, M. Guillenormand, enquanto sua filha punha em ordem os vidros de remédios e as chicharas em cima do marmore da commoda, inclinara-se para Mario e dissera-lhe com o seu tom mais meigo:

—Olha, meu Mariozinho, em teu lugar eu comeria agora carne, em vez de peixe. Um linguado frito é excellente quando o doente começa a convalescer, mas, para pô-lo de pé, não ha nada como uma boa costelleta.

Mario, que já havia recobrado quasi todas as suas forças, conseguiu sentar-se na cama, poz as mãos tremulas em cima dos lençoes, encarou fixamente seu avô, tomou um ar terrivel e disse:

—Isto me obriga a dizer-lhe uma cousa.

—Qual é?

—Quero casar-me.

—Por esta esperava eu, disse o avô. E soltou uma risada.

—Como! esperava?

—Sim, esperava. Terás a tua moçoila.

Mario, estupefacto e deslumbrado, sentiu todo o seu corpo estremeecer.

M. Guillenormand continuou :

—Sim, terás a tua linda muchacha. Ella aqui vem todos os dias, sob a figura de um velho, para saber noticias tuas. Desde que te achas de cama passa o seu tempo a chorar e a preparar fies. Eu tirei informações. Mora na rua do Homem-Armada n. 7. Ah! até que a final desembuchas! Ah! tu a queres? Pois bem, tê-las. Eis a peça que te prego. Tinhas tramado a tua conspiraçãozinha, tinhas dito com os teus letões:—Vou intimar sem reboço a minha vontade a meu avô, a essa mumia da Regencia e do Directorio, a esse ex-gamengo, a esse Dorante mudado em Geronte; tambem elle fez suas loucuras, tambem teve seus amoricos, e suas *grisettes*, e suas Cosettas; tambem teve azas, e borboleteou, e comeu do pão da primavera; não terá remedio senão lembrar-se disto. Vamos ver. Batalha. Ah! tu atacas de viseira levantada. Está bem. Offereço-te uma costelletta, e respondes-me: A proposito, quero casar-me. Não se pôde dar transição mais natural! Ah! contavas com uma disputa! Não sabias que sou um velho fracalhão. Que me dizes a isto? E' mesmo para ficares ardendo. De certo não contavas achar teu avô ainda mais tolo do que tu: perdes a verrina que me destinavas, senhor advogado, e estás fumando. Pois bem, tanto peor, desespera-te. Faço o que tu queres, tapo-te a bocca, imbecil! Ouve. Já tirei informações; eu tambem sou sonso; é bonita, é honrada, o lanceiro não fallou verdade, ella fez montões de fies, é uma joia, adora-te; se morresses, teriamos sido tres defuntos; o seu caixão houvera seguido o meu. Assim que entraste a ter melhoras, bem me lembrou pespegar-te com ella á cabeceira da cama; mas só nos romances é que as raparigas veem postar-se sem cerimonia junto da cama dos lindos feridos a quem querem bem. Isto não se faz. O que não teria dito tua tia? Tinhas de estar nú a maior parte do tempo, meu velho. Pergunta a Nicoletta, que não te deixou um minuto, se não era impossivel ficar qualquer mulher junto de ti. E demais, approva-lo-hia o medico? Uma linda muchacha não cura a febre. Enfim, está bem, temos conversado, é negocio decidido, atamancado, casa-te. Tal é a minha ferocidade. Olha, eu vi que tu não gostavas de mim, e disse:—O que poderei fazer para que este animalejo

me queira bem?—Disse com os meus botões:—É verdade! tenho á mão a minha Cosettinha, vou dar-lh'a, então não terá remedio senão amar-me um pouquinho, ou quando não dir-me-ha porque é que me aborrece. Ah! suppunhas que o velho ficaria furioso, que levantaria a voz, que gritaria—não—, e que ameaçaria com a bengala toda esta aurora? Engano rematado! Cosetta, apoiado; amor, ás mil maravilhas; nem eu desejo outra cousa. Meu caro senhor, queira dar-se ao trabalho de casar-se. Sê feliz, meu querido filho.

Dito isto, o ancião rompeu em soluços.

Cingia a cabeça de Mario com os seus tremulos braços, e apertou-a de encontro ao peito, e puzeram-se ambos a chorar. É esta uma das fórmulas da alegria suprema.

—Meu pae! exclamou Mario.

—Ah! então queres-me bem! disse-lhe o velho.

Houve um momento ineffavel. Estavam suffocados e não podiam fallar.

O ancião balbuciou:

—Ora bem! até que a final desembuchou. Elle disse-me: « Meu pae. »

Mario tirou a cabeça d'entre os braços do avô, e disse com brandura:

—Porém, meu pae, agora que estou bom, parece-me que poderia vê-la.

—Tambem por esta esperava eu; vê-la-has amanha.

—Meu pae!

—O que temos?

—Porque não hoje?

—Pois bem, hoje mesmo. Seja hoje mesmo. Dissesse-me tres vezes *meu pae*, e o prazer que assim me dêste vale bem o que me pedes. Vou tratar disto. Ella virá. Por esta esperava eu, repito-te. Isto já foi posto em verso. É assim que termina a elegia do *Joven do-ente* de André Chénier, de André Chénier que foi trucidado pelos malva... —pelos gigantes de 93.

M. Guillenormand suppôz notar um leve franzir de sobr'olhos em Mario, o qual, na verdade, devemos dizê-lo, já o não escutava, enlevado como estava em extase, e pensando mais em Cosetta do que em 1793. O avô, tremendo por ter citado tam desastradamente André Chénier, proseguiu para logo:

—Trucidado não é o termo proprio. O que è facto è que os grandes genios revolucionarios, gente cheia de humanidade, como se não pôde negar, verdadeiros heróes, hofê! achavam que André Chénier os incommodava um pouco, e levaram-o á guilho....— Quero dizer, esses grandes homens, o 7 de Thermidor, em bem da salvação publica, rogaram a André Chénier se dignasse fazer-lhes o obsequio de ir para.....

M. Guillenormand, engasgado pela sua propria phrase, estacou; não podendo termina-la nem retracta-la, emquanto a filha endireitava o travesseiro de Mario, profundamente abalado por tantas commoções, o velho, com toda a precipitação que lhe permittiu a sua idade, sahiu do quarto, cuja porta empurrou, e, vermelho, suffocado, espumando, com os olhos como que a sahir-lhe das orbitas, esbarrou-se com o honrado Biscainho, que estava escovando umas botas na ante-sala. M. Guillenormand agarrou-o pela golla e bradou-lhe com furor: Com os seiscentos mil milheiros de demonios, esses malfeitores o assassinaram!

—Assassinaram quem, senhor?

—André Chénier!

—Sim, senhor, disse Biscainho espantado.

IV

MADemoiselle GuilleNormand a final não
máU que o senr. Cortavento entrasse com
alguma cousa debaixo do braço.

Cosetta e Mario tornaram a ver-se.

O que foi esta entrevista, em vão tentariamos dizê-lo. Ha cousas que não devemos buscar pintar; o sol é uma dellas.

Toda a familia, até mesmo comprehendendo Biscainho e Nicoletta, achava-se reunida no quarto de Mario quando Cosetta entrou.

Ella appareceu no limiar; dissereis que estava em um nimbo.

Justamente neste instante o avô ia assuar-se; estacou, com o nariz mettido no lenço, por cima do qual se pôz a olhar para Cosetta:

—Adoravel! exclamou.

Depois assuou-se com estrepito.

Cosetta estava embriagada, encantada, assustada, no céu. Sentia-se tam atemorizada quanto é possível sê-lo pela ventura. Balbuciava corando, empallidecendo, com vontade de lançar-se nos braços de Mario, e não ousando, envergonhada de amar deante de tanta gente. Nós somos crueis para os amantes felizes; ficamos junto delles quando o seu maior desejo fôra acharem-se a sós.

E não obstante a nossa presença lhes é completamente desnecessaria.

Com Cosetta, e atrás della, entrara um homem de cabellos brancos, grave, risonho apesar d'isso, mas cujo sorriso era vago e triste. Era o senhor *Cortavento*; era João Valjean.

Vinha *muito asseiado*, conforme dissera o porteiro, todo de roupa preta e nova, e com gravata branca.

O porteiro bem longe estava de reconhecer neste burguez tam decente, neste homem que parecia um tabelião, o horrendo carregador de cadaveres que surgira á sua porta na noite do dia 7 de junho, todo rôto, sujo, hediondo, sinistro, com a cara coberta de lama e de sangue, pegando em Mario por baixo dos braços; todavia o seu faro de porteiro despertára. Quando M. Cortavento entrou com Cosetta não pôde elle deixar de dizer á parte para sua mulher: « Não sei porque sempre me parece que já vi esta cara. »

M. Cortavento, no quarto de Mario achava-se como que isolado junto da porta. Tinha debaixo do braço um pacote bem semelhante a um livro in-octavo, embrulhado em papel. O papel era esverdeado e parecia mofado.

—Este sujeito anda assim sempre com livros debaixo do braço? perguntou em voz baixa a Nicoletta a filha de Guillenormand, que não gostava de livros.

—Pois então! respondeu no mesmo tom M. Guillenormand que a ouvira, é um sabio. O que tem? Será por ventura alguma indecencia? M. Boulard, que eu conheci, nunca dava o menor passo sem um livro, e trazia sempre um alfarrabio unido ao coração.

E, comprimentando, disse em voz alta:

—M. Partevento...

Guillenormand não o fez de proposito, mas a inatensão aos nomes proprios era nelle uma maneira aristocratica.

—M. Partevento, tenho a honra de pedir a mão da senhora para meu netto, o senhor barão Mario Pontmercy.

M. Partevento inclinou-se.

—Está dito, murmurou o avô.

E, voltando-se para Mario e Cosetta, com os braços estendidos e abençoando, exclamou:

—Agora teem licença para se adorarem.

Não esperaram que lh'o repetissem. Tanto peor! o gorgueio começou. Fallavam-se em voz baixa, Mario reclinado na sua poltrona, Cosetta em pé junto delle.

— Ó meu Deus! murmurava Cosetta, torno a ver-vos! És tu! sois vós! Ires metter-te nesse combate! Mas porque? Isto é horrivel. Estive quatro mezes como morta. Oh! não devias ter estado nessa batalha! O que vos tinha eu feito? Perdôo-vos, mas é com a condição de que vos emendareis. Ha pouco, quando nos foram dizer que viessemos, pareceu-me tambem que ia morrer, mas era de alegria. Estava tam triste! Nem sequer me lembrei de vestir-me, devo estar medonha. O que não dirão os vossos parentes vendo-me com este colleirinho todo amarrotado? Mas fallae! Pois eu só é que hei de fallar? Nós ainda moramos na rua do Homem-Armado. O hombro era que apresentava maior perigo, não é assim? Disseram-me que cabia uma mão dentro. E parece que tambem cortaram a carne com tesoura. Devia ser horrivel. Chorei muito, já não tenho olhos. Não sei como ha quem possa soffrer tantas dôres. Vosso avô parece boa pessoa! Não vos mexaes, não vos firmeis no cotovello, cuidado! podeis magoar-vos. Oh! como sou feliz! Assim, pois, acabou-se decididamente a desgraça! Estou como tonta. Tinha tantas cousas que dizer-vos, e esqueci-as. Amaes-me ainda? Nós moramos na rua do Homem-Armado. A casa não tem jardim. Levei todo o tempo a preparar fios; olhe, senhor, por sua causa fiquei com callos nos dedos.

—Anjo! dizia Mario.

Anjo é a unica palavra que nunca caduca. Nenhuma outra resistiria ao uso immoderado que della fazem os amantes.

Depois como não se achassem a sós, calaram-se e não disseram mais palavra, limitando-se a apertarem-se ternamente as mãos.

Guillenormand voltou-se para as pessoas que se achavam no quarto, e gritou:

—Fallem alto. Façam bulha nos bastidores. Com os diabos! haja um pouco de alarido para que estes pequenos possam chalar a seu gosto.

E, approximando-se de Mario e de Cosetta, disse-lhes baixinho:

—Podem tratar-se por tu. Não se acanhem.

A tia Guillenormand assistia estupefacta a esta irrupção de luz no seu interior velhinho. Este pasmo nada tinha de aggressivo; não era de fôrma alguma o olhar escandalizado e invejoso da coruja fitando dous pombinhos; era sim o olhar estúpido de uma pobre innocente de cincoenta e sete annos; era a vida incompleta contemplando o triumpho do amor.

—Mademoiselle Guillenormand mais velha, dizia-lhe seu pae, eu bem te havia predito que ficarias *tia*.

E após breve pausa, accrescentou :

—Contempla a ventura dos outros.

Depois voltou-se para Cosetta :

—Como é linda ! como é linda ! Parece uma pintura de Greuze. Então ella vae ser só tua , meu bregeiro ? Ah ! maroto, escapaste de boa comigo, és feliz ; se eu tivesse quinze annos de menos, á fê que t'a disputaria com a espada na mão. E' o que lhe digo ! a senhora enfeitçou-me. Nada mais natural. Está no seu direito. Ah ! que bella, que divertida bôda havemos fazer ! Nós pertencemos á parochia de San'Viniz do SS. Sacramento, mas hei de tirar licença para que o casamento seja celebrado na egreja de San'Paulo. E' melhor. Foi edificada pelos jesuitas. E' mais linda. Fica defronte do chafariz do cardeal de Birague. Em Namur é que se acha a obra prima da architectura jesuita. E' a egreja de San'Lopo. Será bom que vão admira-la depois que se casarem. Vale a pena a viagem. Eu sou do partido da senhora, quero que as moças se casem, nem ellas foram feitas para outra cousa. Ha uma certa Santa Catharina que eu quizera ver sempre destoucada. Ficar solteira é bonito, mas é frio. A Biblia diz : Multiplicae-vos. Para salvar o povo, deve haver uma Joanna d'Arc; porém para fazer o povo, só a mãe *Gigogne*. Por conseguinte, casem-se, minhas bellas. Nem eu mesmo descubro o que possa determinar uma mulher a ficar solteira ! Bem sei que estas têm a sua capella á porta da egreja e que se compensam com a confraria da Virgem; mas, bôfê ! um lindo marido, um honrado rapaz, e, ao cabo de um anno, um gordo pequerrucho louro a mamar gulosamente, com grandes dobras de gordura nas coxas, e a bulir no seio da mamãe com as suas mãoszinhas rosadas, sorrindo-se como a aurora, tudo isto, creio

eu, é muito melhor do que pegar em uma tocha ás vespersas e cantar *Turris eburnea*!

O avô fez uma piroeta sobre os seus calcanhares de noventa annos, e continuou a fallar, como uma mola que recommença a funcionar:

Assim, pondo assim termo ao teu tresvariar,
E' pois, Alcipe, certo que breve vaes casar?

—Á proposito!

—O que é, meu pae?

—Não tinhas um amigo intimo?

—Sim, Courfeyrac.

—O que é feito delle?

—Morreu.

—Está bem.

Sentou-se junto delles, fez Cosetta sentar-se, e pegou-lhe nas mãos com as suas velhas mãos enrugadas.

—Como é delicada, esta feiticeira. Cosetta é uma obra prima! Parece ao mesmo tempo uma rapariguinha e uma grã fidalga. Será a penas baroneza, é descer; ella nasceu marquezia. Vejam que pestanas! Meus filhos, fiquem com isto bem grudado na cachola, vocês estão no bom caminho. Amem-se. Façam mesmo asneiras. O amor é a asneira dos homens e o espirito de Deus. Adorem-se sómente, accrescentou elle, ficando serio de repente, que pena!—Agora me lembro! Mais de metade do que possuo acha-se empregado em rendas vitalicias; enquanto eu viver, ainda a cousa irá bem, mas depois da minha morte, daqui a vinte annos, ah! meus pobres, ficareis sem um obolo que seja! As suas alvas mãoszinhas, senhora baroneza, *farão ao diabo a honra de puxa-lo pela cauda*.

Aqui ouviu-se uma voz grave e tranquillã que dizia:

—Euphrasia Cortavento possui seiscentos mil francos.

Era a voz de João Valjean.

Ainda não havia pronunciado palavra, ninguem parecia dar fê sequer da sua presença, e conservava-se em pé e immovel atrás de todos aquelles felizes.

—Quem é a Euphrasia de quem se falla? perguntou o avô espantado.

—Sou eu, respondeu Cosetta.

—Seiscentos mil francos! repetiu M. Guillenormand.

—Menos uns quatorze ou quinze mil francos talvez, disse João Valjean.

E pôz em cima da mesa o pacote que a tia Guillenormand tomára por um livro.

João Valjean abriu com sua propria mão o embrulho; era um maço de bilhetes do banco. Contaram-n'os. Havia quinhentos bilhetes de mil francos e cento e sessenta e oito de quinhentos. Ao todo quinhentos e oitenta e quatro mil francos.

—Ahi está um bom livro, disse M. Guillenormand.

—Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! murmurou a tia.

—Isto é realmente ouro sobre azul, não acha, minha filha? continuou o avô. Como o endiabrado deste Mario foi desaninhar na arvore dos sonhos uma *grisette* millionaria! Fiem-se lá agora nos amoricos dos rapazes! Os estudantes acham estudantas de 600,000 francos. Cherobim trabalha melhor do que Rothschild.

—Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! repetia em voz baixa a filha de Guillenormand. Quinhentos e oitenta e quatro! bem pouco falta para seiscentos mil, pois não!

Quanto a Mario e a Cosetta, olhavam-se então, quasi não deram attenção ao que acabava de passar-se.

V

GUARDAE ANTES O VOSSO DINHEIRO EM ALGUMA MATTA DO
QUE EM CASA DE QUALQUER BANQUEIRO.

O leitor já sem duvida comprehendeu, sem que seja necessario explica-lo longamente, que João Valjean, depois do processo Champmathieu, pudera, graças á sua primeira evasão, vir a Pariz, e tirar a tempo de casa de Laflitte a somma que ganhara, sob o nome do senhor Magdalena, em M. sobre o M.; e que, temendo ser recapturado, o que comeffeito lhe aconteceu pouco depois, escondera essa somma na floresta de Montfermeil, no lugar chamado Campo Blarn. Esse capital de seiscentos mil francos, todo em bilhetes do banco, formava um pequeno volume e cabia em uma caixinha; para preservá-la da humidade, puzera-a dentro de um cofre de carvalho cheio de aparas de castanheiro. Nesse mesmo cofre guardara o outro seu thesouro, os castiçaes do bispo. O leitor não terá esquecido que elle levára consigo esses castiçaes quando fugira de M. sobre o M. O homem que Boulatruelle avistara uma tarde pela primeira vez, era João Valjean. Tempos depois, todas as vezes que João Valjean precisava de dinheiro, ia tira-lo á clareira de Blarn. Dahi as ausencias de que já fallá-

mos. Tinha um alvião escondido algures nos tojaes, em algum escondrijo só d'elle conhecido. Quando viu Mario convalescente, julgando proxima a hora em que essa somma poderia ser util, fôra busca-la; e foi ainda elle que Boulatruelle avistara no bosque, mas desta vez de manhan e não de tarde. Boulatruelle herdou o alvião.

A somma real era de quinhentos e oitenta e quatro mil e quinhentos francos. João Valjean reservou os quinhentos francos para si. Veremos depois, disse consigo mesmo.

A differença entre esta somma e a de seiscentos mil francos tirada de casa de Laffitte representava a despesa de dez annos, de 1823 a 1833. Os cinco annos passados no convento apenas haviam custado cinco mil francos.

João Valjean pôz os dous castiçaes em cima da chaminé, onde elles resplandeceram, com grande admiração de Toussaint.

Demais, João Valjean sabia que estava livre de Javert. Ouvira em uma conversa, e depois verificara o facto no *Monitor*, que um inspector de policia chamado Javert fôra achado afogado debaixo de uma barçaça de lavadeiras entre a Pont-au-Change e a Ponte-Nova, e que um escripto deixado por este homem, alias irreprehensivel e muito estimado dos seus cheffes, induzia a crer que um accesso de loucura o arrastara ao suicidio.—Comefeito, disse João Valjean consigo mesmo, só a loucura poderia fazer que elle me deixasse em liberdade depois de ter-me em seu poder.

VI

OS DOUS VELHOS ENVIDAM TODOS OS ESFORÇOS, CADA UM
A SEU MODO, PARA QUE COSETTA SEJA FELIZ.

Preparou-se tudo para o casamento. O medico, sendo consultado, declarou que podiam celebra-lo em fevereiro. Estava-se no mez de dezembro. Algumas deliciosas semanas de perfeita alegria se passaram.

O menos feliz não era o avô. Levava quartos de hora em contemplação deante de Cosetta.

—Que admiravel, que formosa menina! exclamava elle. Tem um ar tam meigo, tam cheio de bondade! Bofê! d'entre as mil bellas que tenho visto em minha vida, nenhuma lhe levaria a palma em formosura. Com o correr do tempo. será um vaso de virtudes com perfume de violeta. É uma graça, é! Com uma creatura assim não se pode viver senão nobremente. Mario, meu rapaz, tu és barão, és rico; eu t'o rogo, não te mettas na rabulice.

Cosetta e Mario tinham passado repentinamente do sepulcro ao paraíso. A transição fôra pouco discreta, e tê-los-hia atordoados se elles não houvessem ficado deslumbrados.

—Comprehendes acaso como as cousas assim se transformaram para nós? dizia Mario para Cosetta.

—Não, respondia ella, mas parece-me que Deus olha para nós.

João Valjean fez tudo, aplainou, conciliou, tornou tudo facil. Apressava a ventura de Cosetta com tanto empenho, e na apparencia com tanta alegria, que de outro modo não houvera procedido a propria Cosetta.

Como tinha sido *maire*, soube resolver um problema delicado, de cujo segredo era elle o unico depositario: o estado civil de Cosetta. Declarar sem reboço a sua origem, quem sabe? talvez fosse motivo de desmanchar-se o casamento. Tirou Cosetta de todas as difficuldades. Arranjou-lhe uma familia de mortos, meio seguro de não suscitar reclamação alguma. Cosetta era o unico membro que restava de uma familia extincta; não era filha d'elle, mas sim de outro Cortavento. Dous irmãos Cortaventos tinham sido jardineiros no convento do Petit-Picpus. Foram ao convento; as melhores informações e os mais respeitaveis testemunhos abundaram; as boas religiosas, pouco aptas e ainda menos inclinadas a sondar as questões de paternidade, e achando-se de boa fé, nunca haviam sabido bem ao certo de qual dos dous Cortaventos era filha a menina Cosetta. Disseram o que quizeram que ellas dissessem, e disseram-n'o com zelo. Lavrou-se um auto de reconhecimento. Cosetta, perante a lei, passou a ser Euphrasia Cortavento. Foi declarada orphan de pae e mãe. João Valjean pôde obter ser nomeado tutor de Cosetta, sob o nome de Cortavento, com Guillenormand como tutor subrogado.

Quanto aos quinhentos e oitenta e quatro mil francos, eram um legado feito a Cosetta por uma pessoa já fallecida, que desejava ficar incognita. O legado primitivo fôra de quinhentos e noventa e quatro mil francos; mas dez mil haviam sido gastos com a educação de Euphrasia, sendo cinco mil pagos ao convento onde ella estivera. Este legado, depositado em poder de terceiro, devia ser entregue a Cosetta quando ella completasse a idade legal, ou na época do seu casamento. Todo este arranjo era mui aceitavel, como se vê, sobretudo com um appenso de mais de meio milhão. Tinha na verdade suas taes ou quaes singularidades, mas ninguem nellas reparou; um dos interessados estava com os olhos vendados pelo amor, os outros pelos seiscentos mil francos.

Cosetta soube que não era filha do velho a quem tan-

to tempo chámara seu pae. Era apenas um parente; outro Cortavento era seu verdadeiro pae. Em qualquer outra circumstancia, tê-la-hia isto affligido. Mas no meio do delicioso prazer em que se enlevava, foi apenas uma ligeira sombra, um ennuviamento passageiro, que a sua alegria não deixou durar muito. Tinha Mario. O mancebo chegava, o velho sumia-se, assim é a vida.

E demais, Cosetta estava habituada desde muitos annos a ver em torno de si enigmas; todo o ente que teve uma infancia misteriosa está sempre prompto para certas renunciâcias.

Todavia, continuou a chamar João Valjean *meu pae*.

Cosetta, cheia de jubilo, enthusiasmava-se pelo velho Guillenormand. E' verdade que elle a colgava de madrigaes e de presentes. Enquanto João Valjean construia para Cosetta uma situação normal na sociedade e uma possessão de estado inatacavel, M. Guillenormand curava da *cesta de noivado* ⁽¹⁾. Nada o divertia tanto como ser dadivoso. Tinha feito presente a Cosetta de um vestido de *guipure* de Binche que fôra de sua propria avó. Estas modas renascem, dizia elle, as antigualhas estão agora em voga, e as moças da minha velhice vestem-se como as velhas da minha infancia.

Despojava as suas veneraveis commodas bojudas de laca de Coromandel que não haviam sido abertas de ha muitos annos. Confessemos estas viúvas, dizia elle; vejamos o que contêm no bandulho. Puxava com estrepito os gavetões pansudos cheios de roupas de todas as suas mulheres, de todas as suas amantes e de todas as suas avós. Estofos de Pekim, damascos, *lampas*, melancias de côr, vestidos de *gros* de Tours, lenços das Indias bordados com um ouro que póde lavar-se, *dauphines* sem avêssos em peças, rendas de Genova e d'Alençon, adereços antigos, bocetas de marfim ornadas de batalhas microscopicas, teteias, fitas, prodigalisava tudo a Cosetta. Esta, maravilhada, embriagada de amor por Mario e confusa de gratidão pelo que fazia por ella o velho Guillenormand, sonhava uma ventura illimitada vestida de velludo e de setim. A sua *cesta de noivado* antolhava-se-lhe sustentada por seraphins. Sua alma remontava-se ao céu com azas de renda de Malines.

(1) *Cesta de noivado* corresponde ao nosso *enxoval*.

A embriaguez dos dous amantes não era egualada, já nós o dissemos, senão pelo extase do avô. Havia como que um ledão tanger de instrumentos na rua das Filhas do Calvario.

Todas as manhãs, o avô offerecia a Cosetta algum novo mimo de antigualhas. Todas as flandulagens possíveis se ostentavam esplendidamente em torno della.

Um dia Mario, que no meio da sua ventura gostava de conversar gravemente, disse, não sabemos a proposito de que incidente:

—Os homens da revolução são tam grandes que já têm o prestigio dos seculos, como Catão e Phocião, e cada um delles parece uma memoria antiga (*mémoire antique*).

—*Moire antique*! (1) exclamou o velho. Obrigado Mario. Andava a quebrar a cabeça sem poder lembrar-me deste nome.

E no dia seguinte um soberbo vestido de *moire* antiga còr de chá ajuntava-se á cesta de Cosetta.

O avô extrahia de todos estes enfeites uma philosophia.

—O amor é bom; mas é bom que seja acompanhado disto. A felicidade carece do inutil. A ventura é o que não é necessario. Ajuntae-lhe a maior copia possível de superfluo. Um palacio é o seu coração. Seu coração é o Louvre. Seu coração é os grandes chafarizes de Versailles. Dae-me a minha pastora, e fazei que ella seja duqueza. Trazei-me Philia coroada de boninas, e assegurae-lhe cem mil libras de renda. Abri-me uma bucolica interminavel em um peristylo de marmore. Estou pela bucolica e tambem pelo prodigio de marmore e ouro. A felicidade pura e simples é como o pão secco. A gente come, porém não janta. Quero o superfluo, o inutil, o extravagante, a superabundancia, o que não serve para nada. Lembro-me de ter visto na cathedral de Strasburgo um relógio do tamanho de uma casa de tres andares que dava horas, que tinha a bondade de dar horas, mas que não parecia haver sido feito para semelhante fim; e que depois de ter dado meio-dia ou meia noite, meio-dia, a hora do sol, meia noite, a hora do amor, ou qualquer outra hora em summa, mostrava a

(1) *Moire antique* —chamalote.

lua e as estrellas, a terra e o mar, os passaros e os peixes, Phebo e Phebe, e uma enfiada de cousas que sahiam de um nicho, e os doze apostolos, e o imperador Carlos V, e Eponina e Sabino, e uma chusma de homenszinhos doarados que para coroar a obra tocavam trombeta. Sem fallar nos deliciosos tangeres que espalhava no ar por dâ cá aquella palha, sem que a gente soubesse porque. Um mesquinho relógio simples que só bate as horas póde por ventura comparar-se com este? Eu cá penso como o grande relógio de Strasburgo, e prefiro-o aos relógios de cuco da Floresta Negra.

M. Guillenormand perdia a tramontana especialmente em se tratando da bôda, e todos os tremós do seculo XVIII passavam de envolta em seus dithyrambos.

—Vós ignoraes a arte das festas. Não sabeis fazer um dia de alegria nestes tempos, exclamava elle. O vosso seculo XIX é pêco. Tem falta de excesso. Não sabe o que seja opulencia, não sabe o que seja nobreza. Em tudo e por tudo, revela a mais extraordinaria mesquinhez. O vosso terceiro estado é insipido, incolor, inodoro e informe. Sonhos das vossas burguezas que *se estabelecem*, como ellas dizem: um lindo camarim forrado e mobiliado de novo, jacarandá e algodão. Deem lugar! deem lugar! o senhor Grigou desposa M^{lle} Grippe-sou. Sumptuosidade e esplendor. Pregaram um luiz de ouro em uma tocha. Ah! está a época. Pois eu quizeria fugir para muito alem das Sarmatas. Ah! já desde 1787 havia eu predito que tudo estava perdido, ao ver um dia o duque de Rohan, principe de Léon, duque de Chabot, duque de Monthazon, marquez Soubise, visconde de Thouars, par de França, ir a Longchamps em uma sege de duas rodas! Isto produziu os seus fructos. Neste seculo todos negociam. jogam na *praça*, ganham dinheiro, e são uns piégas. Cada qual trata de affectar e enfeitar o seu exterior; parecem sahidos de um molde, lavados, ensaboados, raspados, barbeados, penteados, esfregados, alisados, escovados, limpos por fóra, irreprehensíveis, polidos como um seixo, discretos, asseiadinhos, e ao mesmo tempo, pelos olhos de minha bella! teem no fundo da consciencia esterqueiras e cloacas que fariam recuar qualquer rustica que se assuassee aos dedos. Concedo a estes tempos a divisa: Asseio porco. Mario, não te enfades, permite que eu falle, não digo mal do povo.

como bem vês, não tenho na bocca senão o teu povo; mas permite que faça uma admoestação fraterna á burguezia. Eu sou burguez. Quem bem ama bem castiga. Assim, pois, digo-o em alto e bom som, hoje todos se casam, mais já ninguém sabe casar-se. Ah! creiam-me, tenho saudades da delicadeza dos antigos costumes. Tenho saudades de tudo. Essa elegancia, essa nobreza, essas maneiras cortezes e mimosas, esse luxo festivo que cada um ostentava, a musica fazendo parte da bôda, symphonia em cima, tamborinagem em baixo, as dansas, alegres rostos em roda da mesa, os madrigaes alambicados, as canções, os rojões, as gostosas gargalhadas, o diabo e a sua comitiva, os grandes laços de fita. Tenho saudades da liga da noiva. A liga da noiva é prima do cinto de Venus. Sobre que versa a guerra de Troya? Essa é bôa! sobre a liga de Helena. Porque é que se peleja, porque é que Diomedes o divino despedaça na cabeça de Merioneu o grande capacete de bronze de dez pontas, porque é que Achilles e Heitor se traspassam a chuçadas? Porque Helena deixou Páris tirar a sua liga. Com a liga de Cosetta, Homero faria a Illiada. Introduziria no seu poema um velho tagarella como eu, e chama-lo-hia Nestor. Meus amigos, outr'ora, nesse amavel outr'ora, todos casavam sabiamente; fazia-se um bom contrato, e depois havia um excellente regahofe. Assim que Cujacio sahia, entrava Gamache. Pudera não! o estomago é um animal agradável que reclama o que lhe é devido, e tambem quer ter a sua bôda. Ceiava-se bem e cada conviva tinha uma bella vizinha em corpo que apenas escondia o collo tanto quanto era preciso! Oh! como as boccas se abriam rindo-se, e como todos eram alegres naquelle tempo! a mocidade era um ramalheite; todo o mancebo terminava em um ramo de lilazes ou em um pendão de rosas; embora um homem fosse guerreiro, era pastor, e se por acaso tinha a patente de capitão de dragões, achava meio de chamar-se Floriano. Todos queriam ser lindos. Traziam fatos bordados, arrebicavam-se. O burguez parecia uma flôr, o marquez era como um acervo de pedrarias. Ninguém usava presilhas, ninguém calçava botas. Eramos guapos, lustrosos, achamalotados, furta côres, leves, delicados, gamenhos, o que não impedia que trouxessemos espada

à cinta. O beija-flôr tem bico e unhas. Era o tempo das *Índias galantes*. Um dos caracteres distinctivos daquele seculo era a delicadeza, o outro era o fausto; e, com a bréca! a gente divertia-se. Hoje todos são serios. O burguez é avarento, a burgueza é toda recatada; o vosso seculo é desgraçado. As Graças seriam enxotadas por se apresentarem decotadas de mais. Ah! esconde-se uma belleza como se tôra uma fealdade. Depois da revolução, todos trajam calças, até mesmo as dansarinas; uma bailarina deve ser grave: os vossos rigodões são doutrinarios. Cada qual acha que lhe importa ser magestoso. Muito contrariados ficariam se não andassem com o queixo mettido dentro da gravata. O ideal do galopim de vinte annos que se casa é parecer-se com o senhor Royer Collard. E sabeis a que os leva esta magestade? a ser ridiculos. Notae bem isto: a alegria não é sómente risonha; é grande. Mas sêde apaixonados alegremente, com os diabos! casae-vos, quando vos der para casar, com a febre e o atordoamento, os gritos e os tripudios da satisfação! Gravidade na egreja, concedo. Mas, apenas acabada a missa, por Venus! fazei adejar um sonho em torno da noiva. O casamento deve ser real e chimerico; deve levar a sua cerimonia da cathedral de Reims para o pagode de Chanteloup. Detesto toda a hôda mesquinha. Por Jupiter! remontae-vos ao Olympe, ao menos nesse dia. Ah! podendo ser sylphos, jocos e risos, argyraspidas, preferem ser os miseraveis! Meus amigos. todo o noivo deve ser o principe Aldobrandini. Aproveitae este momento unico de vida para alar-vos ao empyreo com os cysnes e as aguias, embora devaes tornar a cahir no dia seguinte na burguezia das rans. Não sejaes poupados com o hymenêo, não lhe cerceieis os seus esplendores, não regateeis com o dia em que resplandeceis. O noivado não é a familia. Oh! se eu puzesse por obra a minha fantasia, seria galante, as arvores soltariam melodiosos tangeres. Aqui está o meu programma: azul e prata. Assistiriam á festa as divindades agrestes, as dryadas e as nereidas seriam convocadas. As nupcias de Amphitrite, uma nuvem côr de rosa, nymphas bem penteadas e nuas, um academico offerecendo quadras rimadas á deusa, um carro puxado por monstros marimbos,

Tritão trotava adiante, e do seu buziô
Tirava sons tam doces que encantavam.

Eis o que se chama um programma de festa, ou então, com os seiscentos! não entendo absolutamente nada do riscado.

Emquanto o avô, em plena effusão lyrica, dava largas á loquacidade, Mario e Cosetta embriagavam-se olhando-se livremente.

A tia Guillenormand contemplava tudo isto com a sua placidez imperturbavel. Havia cinco mezes que ella tinha uma certa dôsa de commoções; Mario voltára, Mario fôra trazido banhado em sangue; Mario estivera moribundo, depois recobrára a vida; Mario reconciliára-se; Mario estava para casar; Mario casava-se com uma pobre; Mario casava-se com uma millionaria. Os seiscentos mil francos tinham sido a sua ultima surpresa. Depois voltáralhe a sua indifferença de primeira commungante. Ia regularmente aos officios, rezava o seu rosario, lia o seu encologio, resmungava em um canto da casa os seus *Ave* ao passo que no outro murmuravam-se amiudados *I love you*, e, vagamente, via Mario e Cosetta como duas sombras. A sombra era ella!

Ha um certo estado de ascetismo inerte em que a alma, neutralisada pelo torpor, estranha ao que poderíamos chamar o negocio da vida, não sente, á excepção dos terremotos e das catastrophes, nenhuma das impressões humanas, nem as agradaveis, nem as penosas. Esta devoção, dizia M. Guillenormand á sua filha, corresponde a uma carregação de defluxo. Não sentes cheiro algum na vida. Não ha odor que te encommode, mas tambem não ha nenhum perfume que te deleite.

Os seiscentos mil francos, porem, haviam posto termo ás indecisões da velha. Seu pae estava tam habituado a dispensar a sua intervenção, que não a consultara para ver se ella consentia no casamento de Mario. Procedera cedendo ao seu proprio transporte como de costume, e não tendo, despota mudado em escravo, senão um pensamento, satisfazer Mario. Quanto á tia, que ella existisse e pudesse ter um parecer contrario, fôra cousa que nem por sombras lhe lembrara, e, tam ovelha como era, agastára-a isto um tanto. Irritada de alguma sorte no seu fôro interno, mas exteriormente impassivel, dissera consigo mesma: Meu pae resolveu a

questão do casamento sem ouvir-me; pois eu resolvei a da herança sem consulta-lo. Ella era rica, com effeito, e seu pae não o era. Tinha pois reservado a este respeito a sua decisão. Se o casamento fosse pobre, é provavel que o deixasse pobre. Tanto peor para o senhor meu sobrinho! Casa-se com uma pobretona, pois seja pobretão! Mas o meio milhão de Cosetta agradou á tia e mudou a sua situação interior relativamente aos dous amantes. Deve-se consideração a seiscentos mil francos, e era evidente que a boa da senhora não podia deixar de legar a sua fortuna áquelles jovens, visto que já não careciam della.

Decediu-se que o casal moraria com o avô. M. Guillenormand quiz absolutamente dar-lhes o seu quarto, que era o melhor de toda a casa.

—*Isto me remoçará*, declarava elle. *E' um antigo projecto. Sempre tive a lembrança de fazer do meu quarto um aposento nupcial.*

Alfaiou o quarto com uma infinidade de moveis galantes. Mandou forrar o tecto e as paredes com um estofo extraordinario que tinha em peça e que suppunha de Utrecht, o qual era de fundo assetinado com botões de ouro e flôres de velludo imitando as de orelha de urso.

—Era com este estofo, dizia elle, que estava coberto o leito da duqueza d'Anville na Roche-Guyon.

Poz em cima da chaminé uma figurinha de Saxe com um manguito sobre a barriga nua.

A bibliotheca de M. Guillenormand passou a ser o gabinete de advogado necessario a Mario; e assim se satisfez o instituto da ordem, que, como o leitor estará lembrado, exige que cada advogado tenha a sua livraria.

VII

EFFEITOS DE SONHO MISTURADOS Á VENTURA.

Os dous amantes viam-se todos os dias. Cosetta vinha com o senr. Cortavento.

—Vejam como se invertem as cousas ! dizia M^{lle} Guilenormand, a noiva é que vem ter com o noivo para fazer-se galantear.

Mas a convalescença de Mario tornara isto habitual, e as poltronas da rua das Filhas do Calvario, melhores para as conversas do que as cadeiras de palha da rua do Homem-Armado n. 7, radicaram estas visitas. Mario e o Senr. Cortavento viam-se, mas não se fallavam. Parecia cousa convencionada. Toda a moça carece de uma pessoa que a acompanhe. Cosetta não teria podido vir sem o Senr. Cortavento. Para Mario, o Senr. Cortavento era a condição de Cosetta. Aceitava-o. Aventando, vagamente e sem precipitação, as questões politicas, em referencia ao melhoramento geral da sorte de todos, chegavam a dizer-se pouco mais que sim e não. Uma vez, discorrendo sobre o ensino, que Mario queria gratuito e obrigatorio, multiplicado sob todas as fórmulas, prodigalisado a todos como o ar e o sol, em uma palavra, res-

piravel ao povo todo, acharam-se ambos acordes e quasi conversaram. Mario notou então que o Senr. Cortavento fallava bem, e até mesmo com certa elevação de linguagem. Faltava-lhe, porem, o quer que fosse. Cortavento tinha alguma cousa de menos do que um homem urbano, e alguma cousa de mais.

Mario, interiormente e no fundo do seu pensamento, fazia a si mesmo uma infinidade de perguntas a respeito deste senr. Cortavento, que era para elle simplesmente benevolo e frio. Momentos havia em que duvidava das suas proprias recordações. Tinha na memoria um buraco, um ponto negro, um abysmo cavado por quatro mezes de agonia. Muitas cousas alli se haviam perdido. Não lhe era possivel decidir se na realidade tinha visto na barricada o senr. Cortavento, esse homem tam serio e tam calmo.

Não era, porem, este o unico entorpecimento que as appareições e as desappareições do passado lhe houvessem deixado no espirito. Fôra erro suppôr que elle se achava livre de todas essas importunações da memoria que nos forcã, mesmo felizes, mesmo satisfeitos, a olhar melancolicamente para traz. A cabeça que se não volta para os horizontes desapparecidos não contém pensamento nem amor. Em certas occasiões, cobria o rosto com as mãos e o passado tumultuoso atravessava o crepusculo que elle tinha no cerebro. Tornava a ver Mabeuf cahir, ouvia Gavroche cantar no meio da metralha, sentia nos labios o contacto da gelida fronte de Eponina; Enjolras, Courfeyrac, João Prouvaire, Combeferre, Bossuet, Grantaire, todos os seus amigos appareciam-lhe, depois sumiam-se. Todos estòs entes queridos, dolorosos, valentes, formosos ou tragicos, seriam sonhos? teriam comeffeito existido? O motim arrastava tudo na sua fumaça. Estas grandes febres tem grandes sonhos. Interrogava-se; apalpava-se, tinha a vertigem de todas estas realidades desvanecidas. Onde estariam elles todos? seria pois verdade que haviam morrido? Uma quèda nas trevas arrebatava a todos, excepto elle. Pareciam-lhe encobertos como por um panno de theatro. Ha destas cortinas que se abaixam na vida. Deus passa ao acto seguinte.

E elle proprio, seria realmente o mesmo homem? elle, o pobre, estava rico; elle o abandonado, tinha uma

familia : elle o desesperado, ia desposar Cosetta. Parecia-lhe que havia atravessado um tumulto, e que ali entrara cingido de negrume, e sahira cingido de luz. E os outros haviam ficado nesse tumulto. Em certos instantes, todos estes entes do passado, voltando e apresentando-se-lhe, postavam-se d'elle em torno e entristeciam-n'o; então ponsava em Cosetta, e recobrava a calma; mas só toda esta felicidade valia a apagar esta catastrophe.

O Senr. Cortavento achava-se quasi comprehendido entre estes entes desaparecidos. Mario exitava em crer que o Senr. Cortavento da barricada fosse aquelle Senr. Cortavento de carne e osso tam gravemente sentado ao lado de Cosetta. O primeiro era provavelmente um desses pesadelos que tivera nas suas horas de delirio. Demais, sendo os seus respectivos genios inconciliaveis, tornava-se impossivel qualquer pergunta da parte de Mario ao Senr. Cortavento. Nem se quer occorreu ao mancebo semelhante lembrança. Já indicámos esta particularidade caracteristica.

E' menos raro do que poderia suppor-se o caso de dous homens que teem um segredo commum, e que por uma especie de accordo tacito não trocam a menor palavra a tal respeito.

Uma vez sómente Mario tentou uma experiencia. Trouxe para a conversa a rua da Chanvrerie, e voltando-se para o Senr. Cortavento disse-lhe:

—O senhor deve saber onde é esta rua?

—Que rua?

—A da Chanvrerie?

—Não me lembra ter ouvido nunca este nome, respondeu o Senr. Cortavento no tom mais natural do mundo.

A resposta, que se referia ao nome da rua, e não á propria rua, pareceu a Mario mais concludente do que era na realidade.

—Decididamente, disse comsigo mesmo, eu sonhei! Tive uma allucinação. Foi alguém que se parecia com elle. O senr. Cortavento não esteve na barricada.

VIII

DOUS HOMENS IMPOSSIVEIS DE DESCOBRIR.

O enlevo de Mario, tam grande como era, não lhe distrahiu o espirito de outras preocupações.

Emquanto se preparava o casamento e aguardava a época fixada, mandou fazer difficeis e escrupulosas pesquisas retrospectivas.

Por mais de um lado achava-se empenhada a sua gratidão; devia-a por seu pae, devia-a por si mesmo.

Havia Thénardier; havia o desconhecido que trouxera elle Mario para casa de M. Guillenormand.

Mario empenhava-se em descobrir estes dous homens, não querendo casar-se, ser feliz, e esquecê-los, e receiando que essas dividas do dever não pagas lhe ennuviassem a vida, tam luminosa agora. Era-lhe impossivel deixar esta conta por saldar, e queria, antes de entrar alegremente no futuro, ter quitação do passado.

Por ser Thénardier um scelerato, nem por isso deixava de ter sido o salvador do coronel Pontmercy. Thénardier era um malfetor para todos, menos para Mario.

E este, ignorando a verdadeira scena do campo de batalha de Waterloo, não sabia desta particularidade—que seu pae achára-se para com Thénardier na situação estranha de dever-lhe sim a vida, mas não reconhecimento.

Nenhum dos diversos agentes que Mario empregou conseguia descobrir a pista de Thénardier. Deste lado o sumiço parecia completo. A Thénardier morrêra na prisão enquanto se instaurava o processo. Thénardier e sua filha Azelma, unicos que restavam desse grupo lastimavel, haviam de novo desaparecido nas trevas. A voragem do Desconhecido social tornára fechar-se silenciosamente sobre esses entes. Nem ao menos apresentava á superfície esse estremecimento, essa agitação, esses obscuros circulos concentricos que indicam o ponto onde uma cousa cahiu e onde pôde deitar-se a sonda.

Tendo fallecido a Thénardier, achando-se Boulatruelle despronunciado, não se sabendo o que era feito de Claquesous, e havendo os principaes réus fugido da prisão, o processo da emboscada do pardieiro de Gorbeau abortara por assim dizer. O negocio ficára sobremodo obscuro. O banco dos réus no jury teve de contentar-se com dous subalternos, Panchaud, chamado tambem Printanier e Bigrenaille, e Demi-Liard, conhecido egualmente pelo appellido de Deux Millions, os quaes foram condemnados contradictoriamente a dez annos de trabalho forçado. A pena de galês perpetuas fôra pronunciada contra os seus complices fugidos e contumazes. Thénardier, cabeça e director da quadrilha, tinha sido, tambem por contumacia, condemnado á morte. Esta condemnação era a unica cousa que constava a respeito de Thénardier, projectando sua luz sinistra sobre esse nome desaparecido, como uma vela ao lado de uma tumba.

Demais, fazendo Thénardier entranhar-se nas ultimas profundezas pelo medo de tornar a cair no poder da justiça, esta condemnação augmentava a densidade das trevas que encobriam esse homem.

Quanto ao outro, quanto ao desconhecido que salvára Mario, as pesquisas tiveram a principio algum resultado; depois foram baldadas. Conseguiram descobrir o carro que transportára Mario á rua das Filhas do Calvário na noite do dia 6 de junho. O cocheiro declarou

que nesse dia, por ordem de um agente de policia, estacionára, desde as tres horas da tarde até á noite, no cões dos Campos-Elysios, por cima da sahida da Valla Grande; que, pelas nove horas, a grade da valla, que dá para a ribanceira, se abrira, que um homem sahira trazendo aos hombros outro, que parecia morto; que o agente, postado á espreita naquelle ponto, prendêra o vivo e apprehendêra o morto; que, ainda por ordem do mesmo agente, elle cocheiro recebêra *toda essa gente* no seu carro; que tinham ido primeiro á rua das Filhas do Calvario; que alli haviam deixado o defunto; que o defunto era o senr. Mario, e que elle cocheiro bem o conhecia, posto que *agora* estivesse vivo; que depois o agente e o homem tornáram a entrar no carro, que elle fustigára o seu cavallo, que, a alguns passos da rua dos Archivos, tivera ordem de parar, que alli, no meio da rua, fôra pago e despedido, e que o agente afastára-se com o outro homem; que nada mais sabia, senão que a noite estava escurissima.

Mario, já o dissemos, não se lembrava de nada. Recordava-se sómente de ter sido agarrado por detrás por uma mão robusta no momento em que cahiu de cima da barricada: depois tudo sumiu-se para elle. Recobrára os sentidos em casa de M. Guillenormand.

Perdia-se em conjecturas.

Não podia duvidar da sua propria identidade. Mas como poderia explicar-se o facto de, tendo elle cahido na rua da Chanvrerie, ser encontrado na ribanceira do Sena, perto da ponte dos Invalidos? Alguem o havia carregado desde o bairro da praça do Mercado até aos Campos-Elysios. E como? Por dentro da cloaca. Dedicção assombrosa!

Alguem? Mas quem?

Era o homem que Mario buscava. Deste homem, que era o seu salvador, nada se sabia; nenhum vestigio, nem o menor indicio.

Mario, bem que neste caso tivesse de proceder com summa prudencia, levou as suas pesquisas até á prefeitura de policia. Alli, bem como em todas as outras partes, as informações que obteve não puderam de fórma alguma esclarecê-lo. A prefeitura não estava mais bem informada do que o cocheiro. Tivera-se alli noticia de uma prisão effectuada no dia 6 de junho junto da

grade da Valla-Grande; mas nenhuma parte de agente de policia viera confirmar tal noticia, que passára a ser considerada como uma fabula. A invenção desta fabula era attribuida ao cocheiro. Um cocheiro que quer ter uma recompensa é capaz de tudo, até mesmo de imaginação. O facto, não obstante, era certo, e Mario não podia pô-lo em duvida sem egualmente duvidar, como acabamos de dizer, da sua propria identidade.

Tudo, neste estranho enigma, era inexplicavel.

Esse homem, esse mysterioso homem, que o cocheiro vira sahir pela grade da Valla Grande com Mario desmaiado aos hombros, e que o agente de policia á espreita prendêra em flagrante delicto de salvação de um insurgente, que fim teria levado? o que seria feito do proprio agente? Porque teria guardado silencio? lográra o homem escapar-lhe? subornára-o? Porque não daria esse homem o menor signal a Mario que lhe devia tudo? O desinteresse não era menos prodigioso do que o beneficio. Porque não tornava a apparecer esse homem? Talvez fosse superior à recompensa, mas ninguém o é ao reconhecimento. Teria morrido? que homem seria esse? como eram as suas feições? Ninguém podia dizê-lo. O cocheiro respondia: A noite estava muito escura. Biscainho e Nicoletta, assustados, só haviam olhado para o seu joven amo todo ensanguentado. O porteiro, cuja vela alumiaára a tragica entrada de Mario, só via o homem que se buscava, e eis o signal que delle dava:

« Era um homem medonho. »

Na esperança de que isto lhe fosse util para as suas pesquisas, Mario mandára guardar o fato ensanguentado com que se achava quando o trouxeram para casa de seu avô. Examinando a casaca, notou, com admiração, que a aba fôra cortada. Faltava-lhe um pedaço.

Uma noite Mario fallava na presença de Cosetta e de João Valjean, de toda esta singular aventura, das innumeradas informações que tirára e da inutilidade dos seus esforços. O semblante frio do senr. Cortavento impacientava-o. Exclamou com uma vivacidade que tinha quasi a vibração da colera:

—Sim, este homem, quem quer que elle seja, foi sublime. Sabe o que elle fez, senhor? Interveiu como o archanjo. Teve de atirar-se ao meio do combate, de le-

vantar-me, de abrir a grade da cloaca, de caminhar por dentro della, levando-me ás costas ! Teve de andar mais de legua e meia por pavorosas galerias subterraneas, curvado, abaixando-se, nas trevas, na lama, mais de legua e meia, senhor, com um cadaver ás costas. E com que fim ? Com o unico fim de salvar esse cadaver. E esse cadaver era eu. E elle disse comsigo : Talvez reste-lhe ainda um clarão de vida ; pois arriscarei a minha propria existencia por esta misera faisca ! E não a arriscou uma só vez, senão vinte ! E cada passo era um perigo. A prova é que ao sahir da valla foi preso. Saiba o senhor que este homem fez tudo isto ! E sem nenhuma esperanza de recompensa. O que era eu ? Um insurgente. O que era eu ? Um vencido. Oh ! se os seiscentos mil francos de Cosetta fossem meus. . . .

—Elles os são, interrompeu João Valjean.

—Pois bem, continuou Mario, da-los-hia para descobrir este homem !

João Valjean ficou silencioso.

FIM DO LIVRO QUINTO.

LIVRO SEXTO.

A NOITE PASSADA EM CLARO.

I

16 DE FEVEREIRO DE 1833.

A noite de 16 para 17 de fevereiro de 1833 foi uma noite abençoada. Teve por cima da sua escuridão o céu aberto. Foi a noite das nupcias de Mario e de Cosetta. O dia tinha sido adorável.

Não foi a festa azul imaginada pelo avô, um encantamento com uma confusão de cherubins e de cupidos por cima da cabeça dos noivos, um casamento digno de servir de modelo para uma pintura de cima de porta; mas havia sido alegre e risonha.

A moda do casamento em 1833 não era como a de hoje. A França não tinha ainda adoptado da Inglaterra essa delicadeza suprema que consiste em o marido arrebatado sua mulher, em fugir ao sahir da igreja, em esconder-se com vergonha da sua ventura, e em combinar os modos de um bancarroto com os enlevos do cantico dos canticos. Ninguém havia comprehendido ainda o que ha de casto, de delicado e de decente em levar o seu paraizo aos solavancos dentro de uma carruagem de posta, em entrecortar o seu mysterio de estalos de chicote, em tomar por leito nupcial uma cama de es-

talagem, e em deixar atrás de si, na alcova de aluguel a tanto por noite, a mais sagrada das recordações da vida de envolta com as entrevistas do cocheiro de diligencia e da creada de estalagem.

Nesta segunda metade do XIX seculo em que nos achamos, o *maire* e a sua faixa, o padre e a sua casula, a lei e Deus, já não bastam; devem ser completados com o postilhão de Longjumeau; jaqueta azul com canhões encarnados e botões de guisos, calções de pelle verde, pragas aos cavallos normandos de cauda amarrada, galões falços, chapéu de couro envernizado, cabellos empoados, chicote enorme e botas de montar. A França não leva ainda a elegancia ao ponto de, como a *nobility* ingleza, fazer chover sobre a carruagem de posta dos noivos uma saraiva de sapatos e chinellos velhos, em lembrança de Charchill, depois Malborough, ou Malbrouck, acommettido no dia do seu casamento por uma colera de tia que lhe foi propicia. Os chinellos e os sapatos velhos ainda não fazem parte das nossas solemnidades nupciaes; mas paciencia, continuando o bom gosto a propagar-se, lá chegaremos.

Em 1833, ha cem annos, não se celebravam os casamentos a trote largo.

Acreditava-se ainda nessa época, cousa estranha! que um casamento é uma festa familiar e social, que um banquete patriarchal em nada prejudica uma solemnidade domestica, que a alegria, embora excessiva, nenhum mal faz á ventura, uma vez que seja decente, e que em fim é veneravel e bom que a fusão dos dous distinos de que ha de sahir uma familia começa em casa, e que o lar tenha dahi em deante por testemunha a camara nupcial.

E tinham o impudor de casar-se em casa.

O casamento fez-se pois, segundo esta moda hoje caduca, em casa de M. Guillenormand.

Por mais natural e ordinario que seja um negocio de casamento, os banhos a publicar, as escripturas a lavar, a *mairie*, a egreja, teem sempre alguma complicação. As cousas não puderam achar-se promptas antes de 17 de fevereiro.

Ora, notamos aqui esta particularidade por mera satisfação de sermos exactos, aconteceu que o dia 16 de fevereiro fosse uma terça-feira de entrudo. Hesitações,

escrupulos, principalmente da parte da tia Guillenormand.

—Uma terça-feira de entrudo! exclamou o avô, tanto melhor. Lembro-me do proverbio:

Mariage na mardi gras
N'aura point d'enfants ingrats. (1)

Deixemos de escrupulos. Seja no dia 16! Quererás, Mario, por ventura esperar?

—Não, de certo! respondem o amante.

—Pois casemo-nos, disse o avô.

O casamento fez-se pois no dia 16, a despeito da alegria publica. Chovia nesse dia, mas ha sempre no ceu para a felicidade um cantinho azul que os amantes veem, ainda mesmo quando o resto da creação esteja debaixo de um guarda-chuva.

Na vespera, João Valjean entregara a Mario, na presença de M. Guillenormand, os 584,000 francos.

Como o casamento se fazia sob o regimen da communhão de bens, as escripturas haviam sido simples.

Toussaint tornara-se inutil a João Valjean; Cosetta a herdara e promovera-a á dignidade de creada grave.

Quanto a João Valjean, havia em casa de M. Guillenormand um bello quarto preparado para elle, e Cosetta dissera-lhe tam irresistivelmente: « *Meu pae, eu tho supplico,* » que lhe arrancara quasi a promessa de vir morar nesse novo aposento.

Alguns dias antes do fixado para o casamento, acontecera um accidente a João Valjean; quasi esmagara o pollegar da mão direita. Não fôra cousa grave; e não consentira que se occupassem com a sua ferida, quer para cura-la, quer ao menos para vê-la, recusando mostra-la até mesmo a Cosetta. Não obstante, vira-se obrigado a embrulhar a mão em pannos, e a trazer o braço ao peito, e não pudera assignar papel algum. M. Guillenormand, como tutor subrogado de Cosetta, fizera as suas vezes.

Não conduziremos o leitor nem á *mairie*, nem á egreja. Ninguém acompanha dous amantes até ahi, e todos estão habituados a voltar as costas ao drama assim que

(1) Casamento em terça-feira d'entrudo não prudusirá filhos ingratos.

elle põe ao peito um ramalhete de noivo. Limitar-nos-he-mos a consignar um incidente que, bem que escapasse ao prestito nupcial, se deu no trajecto da rua das Filhas do Calvario á egreja de San'Paulo.

A extremidade norte da rua de San'Luiz andava nessa época em concertos. Do canto da rua do Parque Real em deante achava-se fechado o transito. Os carros do casamento não podiam ir directamente a San'Paulo. Tiveram de mudar o itinerario, e o mais simples era dar volta pelo *boulevard*. Um dos convidados ponderou que sendo terça-feira de entrudo, haveria alli atravancamento de vehiculos.—Porque? perguntou M. Guillenormand.—Por causa dos mascarados.—As mil maravilhas, tornou o avô. Vamos por ahi. Estes jovens casam-se; vão entrar no serio da vida. Para prepararem-se, devem ver uma mascarada. Seguiram pelo *boulevard*. Na primeira berlinda iam Coseitta e a tia Cuillenormand, o avô e João Valjean. Mario, ainda separado da sua noiva, segundo o uso, achava-se na segunda. O prestito nupcial, ao sahir da rua das Filhas do Calvario, metteu-se na immensa procissão de vehiculos que estendia-se em fila interminavel desde a Magdalena até á Bastilha e desde a Bastilha até á Magdalena.

O *boulevard* estava coalhado de mascarados. Não obstante a chuva que cabia de espaço a espaço, Palhaço, Pantalão e Gil não desacoroçoavam. No bom humor desse inverno de 1833 Pariz disfarçara-se em Veneza. Hoje já se não veem dessas terças-feiras de entrudo. Tudo quanto existe sendo um carnaval geral, já não ha carnaval.

Os passeios lateraes estavam cheios de passeadores e as janellas de curiosos. As varandas que corream os peristylos dos theatros achavam-se topetadas de espectadores. Alem dos mascarados, havia uma multidão a contemplar esse desfilar, de vehiculos de todo o genero, *citadines*, *tapissières*, *carrioles*, *cabriolets*, movendo-se em ordem, rigorosamente unidos uns aos outros pelos regulamentos de policia e como que assentados em trilhos de ferro, cousa peculiar á terça-feira de entrudo a Longchamps. Todo aquelle que se acha dentro de um desses vehiculos é ao mesmo tempo espectador e espectáculo. Uma infinidade de malsins, postados ao longo dos lados do *boulevard*, vigiavam essas duas intermina-

veis filas paralelas movendo-se em direcção contraria, para que nada embaraçasse, em sua dupla corrente, esses dous rios de carros, dos quaes um descia, outro subia, seguindo um para a calçada d'Antin, e o outro para o bairro de Sancto Antonio. As carruagens com brazões dos pares de França e dos embaixadores rodavam pelo meio da calçada, subindo e descendo livremente. Certos prestitos magnificos e engraçados, principalmente o do Boi Gordo, tinham o mesmo privilegio. Nesta alegria de Pariz, a Inglaterra fazia estalar o seu chicote; a sege de posta de lord Seymour, perseguida por uma alcunha popular, passava com grande estrepito.

Na dupla fila, ao longo da qual os guardas municipaes galopavam como cães de pastor, dignas berlindas de familia, cheias de velhas tias e de avós, ostentavam às portinholas tenros grupos de creanças disfarçadas, *pierrots* de sete annos, *pierrettes* de seis, encantadores entesinhos, compenetrados de que faziam officialmente parte da folia publica, consciuos da dignidade da sua arlequinada e mostrando uma gravidade de funcionarios.

De tempos em tempos sobrevinha um embaraço na procissão dos vehiculos; uma ou outra das duas filas lateraes parava até que se desatasse o nó; qualquer carro que fosse obrigado a parar bastava para paralisar toda a linha. Depois continuavam a rodar.

As carruagens do casamento estavam na fila que se dirigia para a Bastilha, ao longo do lado direito do *boulevard*. Na altura da rua da Pont-aux-Choux fez ella uma pausa. Quasi ao mesmo tempo, no lado opposto, a fila que seguia para a Magdalena tambem parou. Nesse ponto desta fila havia um carro de mascaras.

Estes carros, ou, para melhor dizer, estas carradas de mascaras, são bem conhecidas dos parizienses. Se deixassem de apparecer em uma terça-feira de entrudo ou no domingo de Pascoa, todos desconfiariam e diriam: *isto significa alguma cousa. Provavelmente está para haver mudança de ministerio.* Um amontoamento de Cassandras, de Arlequins e de Colombinas, solavancando por cima dos viandantes, todos os grotescos possiveis desde o turco até ao selvagem, Hercules supportando marquezas, regateiras que fariam Rebelais tapar os ouvidos assim como as menades faziam Aristophanes abaixar os olhos, cabelleiras de estopa, calças de meia

côr de rosa, chapéus de *faraude*, olhos de charlatão, tricornios de Junot, nos quaes se agita uma borboleta, gritos lançados aos peões, mãos postas nos quadris, attitudes petulantes, hombros nús, rostos mascarados, desfaçamentos escancarados; um cahos de descaramentos passando por um cocheiro coroado de flôres; eis o que é esta instituição.

A Grecia não dispensava o carro de Thespis, a França não dispensa o *fiacre* de Vadé.

Tudo pode ser parodiado, até mesmo a parodia. A saturnal, esse momo da belleza antiga, vem a dar, de exageração em exageração, na terça-feira de entrudo; e a bachanal, outr'ora coroada de pampanos, inundada de sol, mostrando seios de marmore em uma semi-nudez divina, hoje, abrandada debaixo dos trapos molhados do norte, acabou por chamar-se mascarada.

A tradição dos carros de mascaras remonta aos mais antigos tempos da monarchia. As contas de Luiz XI abonam ao bailio do palacio « vinte soldos tornezes para tres coches de mascaradas nas praças. » Em nossos dias, estes montões ruidosos de creaturas fazem-se transportar em algum antigo *coucou* abarrotado até na imperial ou alquebram debaixo do seu tumultuoso grupo algum *landau* de aluguel cujos cabeçaes são abaixados. Mettem-se vinte n'um carro em que só cabem seis pessoas. Qual fica na almofada, qual no assento de deante, qual nas dobras dos cabeçaes, qual na lança. Alguns ha que até se impoleiram nas lanternas do vehiculo. Vão em pé, deitados, sentados, com as pernas encarquilhadas, com os pés pendurados. As mulheres sentam-se em cima dos joelhos dos homens. Vê-se de longe por sobre o formigar das cabeças a sua pyramide turbulenta. Estes carros são como montanhas de alegria no meio da multidão. Collé, Pansard e Piron delles se escoam enriquecidos de giria. Dalli vomita-se sobre o povo o catechismo regateiral. Esse *fiacre*, que a sua carga faz parecer immenso, tem um ar de conquista. Na frente vae a Vozeria, atrás o Tumulto. Alli canta-se, vocifera-se, urra-se, soam gargalhadas, estorce-se a alegria; o contentamento alli ruge, o sarcasmo alli fulgura, a jovialidade alli se ostenta como uma purpura; dous senhores arrastam a farça desabrochada em apothéose; é o carro triumphal do Riso.

Riso sobremodo cynico para não ser franco. E com effeito esse riso é suspeito. Esse riso tem uma missão. E' encarregado de provar aos parizienses o carnaval.

Esses carros plebêus, em que transparecem não sabemos que trevas, levam o philosopho a meditar. Alli dentro está o governo. Toca-se alli com o dedo uma afinidade mysteriosa entre os homens publicos e as mulheres publicas.

Que torpezas amontoadas tenham um total de alegria, que sobrepondo a ignominia ao opprobrio se engode o povo, que a espionagem servindo de caridade á prostituição divirta as turbas affrontando-as, que a multidão goste de ver passar sobre as quatro rodas de um *fiacre* esse monstruoso montão vivo, ouropel-andrajo, metade lama e metade luz, que late e canta, que deem palmas a essa gloria feita de todas as vergonhas, que não haja festa para as multidões sem que a policia passeie pelo meio dellas essas especies de hydras de alegria de vinte cabeças, é, por sem duvida, cousa triste. Mas o que ha de fazer-se? Esses carros de lama enfeitada de fitas e de flores são insultados e amnistiados pelo riso publico. O riso de todos é complice do aviltamento universal. Certas festas perniciosas desagregam o povo e o fazem populaça. E ás populaças bem como aos tyrannos são indispensaveis os bobos. O rei tem Roquelaure, o povo tem palhaço. Pariz é a grande cidade louca, sempre que não é a grande cidade sublime. O carnaval ahi faz parte da politica. Pariz, confessemos-lo, deixa facilmente que a infamia a divirta com comedias. Só pede a seus senhores, quando tem senhores, uma cousa: disfarçae-me a lama. Roma tinha o mesmo genio. Gostava de Nero. Nero era um *débardeur* titanico.

O acaso, como acabamos de dizer, fez que um desses disformes acervos de homens e mulheres, arrastado em uma grande carruagem, parasse no lado esquerdo do *boulevard* ao passa que o prestito nupcial parava no lado direito. O carro dos mascarados ficou justamente de frente do da noiva.

—Olha! disse um dos mascarados, um casamento.

—Casamento falso, tornou outro. O verdadeiro somos nós.

E, como se achassem muito longe para dirigir a palavra aos noivos, receiando outrosim a intervenção da

gente da policia, os dous mascaras olharam para outro lado.

Não tardou muito que o carro de mascaras se visse abarbado; a multidão entrou a apupa-lo, o que é uma caricia da multidão aos mascarados; e os dous que haviam fallado tiveram de fazer frente á turba com os seus camaradas, e os projectis todos do repertorio das praças de mercados apenas foram suficientes para responder aos enormes alarides do povo. Fez-se entre os mascarados e a multidão uma horrivel troca de metaphoras.

Entretanto, dous outros mascaras da mesma carruagem, um hespanhol de formidavel nariz, com ar de velho e immensos bigodes pretos, e uma regateira magra, uma mocinha, que trazia meia mascara, haviam notado por seu turno o casamento, e, ao passo que os seus companheiros e os arruadores se insultavam, travavam um dialogo em voz alta.

A sua conversa era abafada pelo tumulto. As rajadas de chuva haviam alagado a carruagem que estava descoberta; o vento de fevereiro não é quente; respondendo ao hespanhol, a regateira, com os hombros nús, tiritava, ria-se e tossia.

Eis-aqui o dialogo :

—Olha.

—O que é, meu pae? ⁽¹⁾

—Vês aquelle velho?

—Que velho?

—Alli, na primeira carruagem ⁽²⁾ deste lado.

—O que está com o braço pendurado ao peito em um lenço preto?

—Sim.

—E então?

—Estou certo que o conheço.

—Ah!

—Que me cortem o pescoço e nunca mais diga em minha vida eu, tu, nem vós, se não conheço aquelle pariziense. ⁽³⁾

(1) Pae, *daron*.

(2) Carruagem, *roulotte*.

(3) Na gíria eis como se exprimiu o hespanhol:—*Je veux qu'on me fauche le colabre et n'avoir de ma vioc dit voussaille, tenorgue ni mézig, si je ne colombe pas ce pantinois-à.*

— Hoje todos os parizienses se parecem, hoje é que Pariz é Pantin.

— Pódes ver a noiva debruçando-te ?

— Não.

— E o noivo ?

— Não vejo noivo nenhum na carruagem.

— Ora qual !

— Salvo se é o outro velho.

— Debruça-te bem para ver se descobres a noiva.

— Não quero.

— E' o mesino; estou certo que conheço o velho que tem a mão doente.

— E que proveito tiras de conhecê-lo ?

— Não sei ainda. Mas dahi...

— Eu cá não faço caso de velhos.

— Eu o conheço.

— Pois farta-te de conhece-lo.

— Como é que elle se acha nesse casamento ?

— Se é por isso, tambem nós nos achamos n'elle.

— De onde virá este casamento ?

— Eu lá sei ?

— Escuta.

— O que é ?

— Tu deverias fazer uma cousa.

— Qual ?

— Descer do nosso carro e acompanhar aquelle casamento.

— Para que ?

— Para saber onde vae e quem são os noivos. Desce depressa, corre, minha filha, tu que és moça.

— Não posso sahir do carro.

— Porque ?

— Estou alugada.

— Diacho !

— Devo o meu dia de regateira á prefeitura.

— E' verdade.

— Se *sahio* do carro, o primeiro inspector que me encontrar prender-me-ha. Bem sabes.

— Sim, sei.

— Hoje, pertenco ao governo.

— E' o mesmo. Aquelle velho irrita-me.

— Todos os velhos te irritam. Porem tu não és nenhum mocinho.

— Está na primeira carruagem.

— E então?

— Na carruagem da noiva.

— E que mais?

— Por conseguinte é o pae.

— O que tenho eu com isso?

— Digo-te que é o pae.

— Não ha outro pae senão aquelle.

— Ouve.

— O que é?

— Eu não posso sair senão mascarado. Aqui, estou escondido, ninguém sabe quem eu sou. Mas amanha, já não ha mascaras. Arrisco-me a ser preso. E' preciso voltar para a minha toca. Tu estás livre.

— Não tanto assim.

— Sempre mais do que eu?

— E dahi?

— E' preciso que me descubras aonde foi aquelle casamento.

— Onde elle vae?

— Sim.

— Eu sei.

— Onde vae então?

— Vae ao *Quadrante-Azul*.

— O caminho não é por aqui.

— Pois bem! á Rapée.

— Ou a outra qualquer parte.

— Elle é livre. Os casamentos são livres.

— Não se trata de nada disto. Digo-te que preciso que me descubras de quem é este casamento, no qual se acha esse velho, e onde moram os noivos.

— Vá esperando! havia ser divertido! E' mesmo muito facil de descobrir, oito dias depois, um casamento que a gente viu passar em uma terça-feira de entruído. Agulha em palheiro! Pois isso é lá possível!

— Não importa, será bom experimentar. Ouves, Azelma?

As duas filas continuaram de ambos os lados do *boulevard* o seu movimento em sentido inverso, e o carro de mascaras perdeu de vista a carruagem da noiva.

II

JOÃO VALJEAN CONTINÚA A TRAZER O BRAÇO AO PEITO.

Realizar o seu sonho. A quem é isso dado ? De certo ha eleições para tal fim no céu ; todos nós somos candidatos sem que o saibamos ; os anjos votam. Cosetta e Mario tinham sido eleitos.

Cosetta, na *mairie* e na igreja, estivera deslumbrante e enternecedora. Fôra Toussaint, ajudada por Nicoletta, quem a vestira.

Cosetta trazia o seu vestido de *guipure* de Binche por cima de uma saia de tafetá branco, um véu de renda de Inglaterra, um collar de perolas finas, uma corôa de flôres de laranjeira ; tudo isto era branco, e nesta brancura ella resplandecia. Era uma candura deliciosa dilatando-se e transfigurando-se em claridade. Dir-se-hia uma virgem prestes a transformar-se em deusa.

Os bellos cabellos de Mario estavam frisados e perfumados; aqui e alli, por baixo das suas madeixas, distinguiam-se riscas brancas que eram as cicatrizes da barricada.

O avô, soberbo, de cabeça erguida, amalgamando mais que nunca nas suas maneiras e no seu traje todas as elegancias do tempo de Barras, conduzia Cosetta.

Substituia João Valjean que, por causa da sua mão doente, não podia dar o braço à noiva.

João Valjean, vestido de preto, acompanhava-os e sorria-se.

— Senhor Cortavento, dizia-lhe o avô, aqui está um bello dia. Voto pelo fim das afflicções e dos desgostos. Daqui em diante não deve haver tristeza em parte nenhuma. Por Deus! eu decreto a alegria! O mal não tem direito de existir. Na verdade, é uma vergonha para o azul do céu que haja homens desgraçados. O mal não provém do homem que, na realidade, é bom. Todas as misérias do homem têm por capital e por governo central o inferno, ou por outra, as Tulherias do diabo. Ora vamos, aqui estou agora a dizer palavras demagógicas! Cá por mim, já não tenho opinião politica; que todos os homens sejam ricos, isto é, felizes, eis o que sómente desejo.

Quando, apesar de todas as ceremonias, depois de terem pronunciado perante o *maire* e o padre todos os *sins* possiveis, depois de terem assignado o seu nome nos registros da municipalidade e da sacristia, depois de terem trocado os seus anneis, depois de terem estado de joelhos ao lado um do outro debaixo da estola de chamalote branco entre nuvens de incenso, chegaram de mãos dadas, admirados e invejados de todos, Mario vestido de preto, ella vestida de branco, precedidos do porteiro com as suas dragonas de coronel e batendo no marmore do pavimento com a halabarda, por entre duas fileiras de curiosos maravilhados, á porta da egreja aberta de par em par, prestes a entrarem na carruagem e achando-se tudo acabado, Cosetta ainda não podia crê-lo. Olhava para Mario, para a multidão, para o céu; dir-se-hia que tinha medo de acordar. O seu ar admirado e inquieto dava-lhe um ineffavel encanto. Para voltarem para casa, entraram ambos na mesma carruagem, Mario sentou-se ao lado de Cosetta; João Valjean e M. Guillenormand ficaram defronte delles. A tia Guillenormand recuára um plano, e estava na segunda carruagem. — Meus filhos, dizia o avô, vocês agora são o senhor barão e a sra. baroneza com trinta mil libras de renda. — E Cosetta, inclinando-se para Mario, affagou-lhe o ouvido com este cochicho angelico: — Então é certo! Eu chamo-me Mario. Sou a senhora Tu.

Estes dous entes resplandeciam. Estavam no momento irrevogavel e rarissimo, no deslumbrante ponto de intersecção de toda a mocidade e de toda a alegria. Realizavam os versos de João Prouvaire; entre ambos não tinham quarenta annos. Era o casamento sublimado; estes dous jovens eram dous lyrios. Não se olhavam, contemplavam-se. Cosetta via Mario circumdado de raios de luz; Mario via Cosetta em um altar. E em cima desse altar e no meio desses raios de luz, confundindo-se as duas apotheeses, no fundo, não sabemos como, encoberta por uma nuvem para Cosetta, inundada de vivo clarão para Mario, havia a cousa real, a cousa ideal, o encontro do beijo e do sonho, o leito nupcial.

Todos os tormentos que haviam soffrido se lhes transmutavam em embriaguez. Parecia-lhes que as afflicções, as insomnias, as lagrimas, as angustias, os temores, os desesperos, mudados em luz e caricias, tornavam ainda mais deliciosa a deliciosa hora que se aproximava; e que as tristezas eram outras tantas servas que vestiam e enfeitavam a alegria. Ter soffrido, como é bom! Os seus infortunios serviam de aureola á sua ventura. A longa agonia do seu amor acabava por uma ascensão.

Nestas duas almas havia o mesmo enlevo, travado de volupia em Mario e de pudor em Cosetta. Diziam-se baixinho:—Havemos de ir ver o nosso jardimzinho da rua Plumet.—Parte da saia do vestido de Cosetta estava em cima de Mario.

Um tal dia é uma mistura ineffavel de cogitação e de certeza. Possuimos e supponmos. Sobra-nos ainda tempo para adivinhar. É uma indizível commoção em tal dia pensarmos na meia-noite á luz meridiana. As delicias destes dous corações trasbordavam sobre a multidão e alegravam os viandantes.

Todos paravam na rua de Sancto Antonio, defronte da egreja de San'Paulo, para ver por detrás da vidraça da carruagem tremerem as fiôres de laranjeira da grinalda de Cosetta.

Depois voltaram para a rua das Filhas do Calvario. Mario, ao lado de Cosetta, subiu triumphante e esplendido a escada por onde o haviam trazido moribundo. Os pobres, reunidos á porta e repartindo o dinheiro que

elles acabavam de dar-lhes, os abençoavam. Havia flores por toda a parte. A casa não estava menos perfumada que a igreja; depois do insenso as rosas. Suppunham ouvir vozes cantar no infinito; tinham Deus no coração; o destino antolhava-se-lhes como uma abobada esmaltada de estrellas; viam por cima das suas cabeças um clarão de sol nascente. De repente o relógio deu horas. Mario olhou para o formoso braço nu de Cosetta e para a rosea tez que apparecia vagamente por entre as rendas do seu corpinho, e Cosetta, notando o olhar de Mario, corou até à raiz dos cabellos.

Um grande numero de antigos amigos da familia Guillenormand havia sido convidado; todos cercavam Cosetta. Cada qual porfiava em chama-la senhora baroneza.

O official Theodulo Guillenormand, agora capitão, viera de Chartres onde estava de guarnição, para assistir ás bodas de seu primo Pontmercy. Cosetta não o reconheceu.

Elle, por seu turno, affeito a ser achado lindo pelas mulheres, só viu em Cosetta uma moça como qualquer outra.

—Como foi bom que eu não acreditasse na tal historia do lanceiro! dizia consigo mesmo o velho Guillenormand.

Cosetta nunca se mostrara tam meiga para com João Valjean. Ajudava M. Guillenormand; ao passo que este erigia a alegria em aphorismos e maximas, exahalava ella o amor e a bondade como um perfume. A ventura quer ver todos felizes.

Para fallar a João Valjean, achava todos os maviosos tons do tempo em que era pequenina. Acariciava-o com o sorriso.

Servira-se um banquete na sala de jantar.

Uma illuminação, *a giorno* é o acompanhamento necessario de uma grande alegria. Os felizes não aceitam a escuridão. Não querem ser caliginosos. A noite, sim; as trevas, não. Se não tem sol, tratam de fazer um.

A sala de jantar era uma fornalha de cousas alegres. No centro, por cima da mesa alva e esplendida, um lustre de Veneza, com uma infinidade de passarinhos de côr, azues, roxos, encarnados, verdes, empoleirados no meio das velas; em roda do lustre arandelas, nas pare-

des placas reverberadoras de tres e cinco luzes; espelhos, crystaes, vidros, louça, porcellana, faiança, prataria, tudo scintillava risonhamente. Nos espaços vazios entre os candelabros tinham sido postos ramalhetes, de maneira que, onde não havia luz, havia flores.

Na antesala tres rabecas e uma flauta executavam escondidas quartetos de Haydn.

João Valjean sentara-se em uma cadeira no salão, atrás da porta, cujo batente quasi o encobria. Alguns instantes antes de irem para a mesa, Cosetta, como por travessura, veio fazer-lhe uma profunda mesura pegando com ambas as mãos na saia do seu vestido de noiva, e, com um olhar meigamente travesso, perguntou-lhe:

—Papae, estás contente?

—Estou, sim, respondeu João Valjean.

—Pois então ri-te.

João Valjean poz-se a rir.

Instantes depois Biscainho annunciou que a meza estava servida.

Os convidados, precedidos de M. Guillenormand, que dava o braço a Cosetta, foram para a sala de jantar, e tomaram á mesa os assentos que a cada um tinham sido designados.

Duas grandes poltronas alli figuravam, á direita e á esquerda da noiva, a primeira para M. Guillenormand, a segunda para João Valjean. M. Guillenormand sentou-se. A outra poltrona ficou vazia.

Procuraram com os olhos o *senhor Cortavento*.

Não o descobriram.

M. Guillenormand interrogou Biscainho.

—Sabes onde está o *senhor Cortavento*?

—Sei, sim, senhor, respondeu o creado. O *senhor Cortavento* encarregou-me de dizer a meu amo que a sua mão doente o incommodava um pouco, e que não podia jantar com o *senhor barão* e a *senhora baroneza*. Pede que o desculpem, e prometeu vir amanha cedo. Ha um instante que se retirou.

Aquella poltrona vazia esfriou um momento a satisfação do banquete de noivado. Mas, na ausencia do *senhor Cortavento*, achava-se alli M. Guillenormand, que valia por dous. Affirmou elle que o *senhor Cortavento*, fazia bem em deitar-se cedo, se estava incommodado, porém que aquillo não passava de um *dodôe*. Esta

declaração foi bastante. Demais, o que é um canto escuro em uma tal submersão de alegria? Cosetta e Mario estavam em um desses momentos abençoados e egoístas, em que não temos outra faculdade senão a de perceber a ventura. Além disto, M. Guillenormand tivera uma lembrança.—Por Deus, esta poltrona está vazia. Vem para aqui, Mario. Tua tia o permittirá, bem que o teu lugar deva ser ao lado della. Esta poltrona é para ti. Isto não só é legal, como bonito. Fortunato junto de Fortunata.—Applausos de toda a mesa. Mario veio occupar junto de Cosetta o lugar destinado a João Valjean, e as cousas se arranjaram de tal sorte que Cosetta, a principio triste com a ausencia de João Valjean, afinal veio a estima-la. Uma vez que fosse Mario que o substituísse, Cosetta não tiria tido sandade de Deus. Poz o seu pezinho calçado de setim branco em cima do pé de Mario.

Occupada a poltrona, o senhor Cortavento foi esquecido, e nada faltou. E, cinco minutos depois, a mesa, de uma á outra extremidade, ria-se com todo o transporte do descuido.

A' sobremesa, M. Guillenormand em pé, com um calice de vinho de Champagne na mão, só cheio até ao meio para que não o derramasse o tremor dos seus noventa e dous annos, fez a saude aos noivos.

—Não escapareis a dous sermões, exclamou elle. Já ouvistes esta manhã o do vigario, agora ouvireis o do avô. Escutae-me; vou dar-vos um conselho: Adorae-vos. Não divago, cinjo-me á materia; sêde felizes. Na criação não ha outros sabios além das rôlas. Os philosophos dizem: Moderae as vossas alegrias. Eu digo-vos: Soltae-lhes as rédeas. Apaixonae-vos como diabos. Fazei toda a casta de loucuras. Os philosophos disparatam. Bem quizera fazê-los tragar a sua philosophia. Pois por ventura pôde haver na vida excesso de perfumes, de botões de rosa abertos, de rouxinões a cantar, de folhas verdes, de aurora? por ventura podemos amar-nos de mais? pôde por ventura haver demasia na afeição que mutuamente nos inspiramos? Cuidado, Estella, és muito formosa! Olha lá, Nemorino, és muito lindo! Não está má a asneira! Por ventura podemos encantar-nos, acariciar-nos, arrebatár-nos de mais? podemos por ventura ter vida de mais? ser felizes de mais? Moderae as vossas alegrias. Ah! pois não! A-

baixo os philosophos ! A sabedoria está no regozijo. Regozijae-vos, regozijemo-nos. Somos felizes porque somos bons ? ou somos bons porque somos felizes ? O Sancy chama-se Sancy porque pertenceu a Harlay de Sancy, ou porque pesa cento e seis quilates ? Não sei; a vida é cheia destes problemas; o que importa é ter o Sancy e a felicidade. Sejamos felizes sem escrupulos. Obedeçamos cegamente ao sol. O que vem a ser o sol ? E' o amor. Quem diz amor diz mulher. Ah ! ah ! A mulher, ahí está uma omnipotencia. Perguntae ao demagogo do Mario se elle não é escravo de Cosetta, desta tyrannasinha. E de toda a sua vontade, fracalhão. A mulher ! Não ha Robespierre que lhe resista, a mulher reina. Já não sou realista senão desta realeza. O que é Adão ? E' o reinado de Eva. Não ha 89 para Eva. Já tivemos o sceptro real com uma fiôr de liz na extremidade, o sceptro imperial que tinha na ponta um globo; havia o sceptro de Carlos Magno que era de ferro, havia o sceptro de Luiz-o-Grande que era de ouro ; a revolução torceu-os entre o indice e o pollegar, como junquinhos de dous *liards* ; e acabou-se, ei-los quebrados, ei-los no chão, já não ha sceptro; mas fazei revoluções, se sois capazes, contra este lencinho bordado que cheira a *patchouly* ! Eu só quizera vê-lo. Tentae. Porque será que isto é forte ? Porque é um trapo. Ah ! sois o seculo XIX ? Pois bem, o que tem ? Nós eramos o seculo XVIII ! e eramos tam estupidos comb vós. Não acrediteis que tenhaes feito grandes alterações no universo, porque o vosso *trousse-galant* se chama cholera-morbus, e a vossa *bourrée* cachucha. O que é certo é que não podemos deixar de amar sempre as mulheres. Estes diabretes são os nossos anjos. Sim, o amor, a mulher, o beijo, é circulo de que vos desafio que saiaes ; e quanto a mim bem quizera tornar para elle. Qual de vós já via surgir no infinito, acalmado tudo por baixo de si, mirando-se nas aguas como uma mulher, a estrella Venus, a grande faceira do abysmo, a Celimene do oceano ? O oceano, eis um fero Alceste. Pois bem, em vão se enfurece ; Venus apresenta-se e elle não tem remedio senão sorrir-se. Esse bruto assomado submette-se. Todos nós somos assim. Colera, tempestade, coriscos, espumas arremessadas ás nuvens. Uma mulher entra em scena, uma estrella levanta-se ;

humilhação! Mario combatia ha seis mezes; hoje casa-se. Faz bem. Sim, Mario, sim, Cosetta, tendes razão. Existi affoutamente um para o outro, embriagae-vos de amor, fazei que arrebentemos de inveja por não podermos imitar-vos, idolatrae-vos. Tomae nos vossos biquinhos todos os bocadinhos de felicidade que ha na terra, e fazei com elles um ninho para a vida. Por Deus! amar, ser amado, não é nenhum milagre quando somos moços! Não acrediteis que tenbaes inventado isto. Tambem eu já scismei, já sonhei, já suspirei; tambem tive uma alma luar. O amor é uma creança de seis mil annos. O amor tem direito a uma comprida barba branca. Mathusalem é um fedelho comparado com Cupido. Ha sessenta seculos que o homem e a mulher se salvam amando-se. O diabo, que é finorio, entrou a odiar o homem: o homem, que ainda é mais finorio, entrou a amar a mulher. Por esta fôrma, alcançou uma somma de felicidade muito maior do que a de todo o mal que lhe fez o diabo. Esta habilidade é contemporanea do paraíso terrestre. Meus amigos, a invenção é velha, mas não está gasta ainda. Aproveitae-a. Sêde Daphnis e Cloe enquanto não sois Philemon e Baucis. Havei-vos de modo que, quando estiverdes um com o outro, nada vos falte, e que Cosetta seja o sol para Mario, e que Mario seja o universo para Cosetta. Cosetta, seja o sorriso de vosso marido o bello tempo; Mario, sejam as lagrimas de vossa mulher a chuva. E oxalá nunca chova em vossa casa! Tirastes um bom numero da loteria; — o amor no casamento; sahiu-vos a sorte grande, guardae-a bem, aferrolhae-a, não a desbarateis, adoraevos, e zombae de tudo mais. Crêde o que vos digo. E' o bom senso que vos falla. O bom senso não pôde mentir. Sêde um para o outro uma religião. Com a fortuna! a melhor maneira de adorar a Deus é amar sua mulher. Amo-te! aqui está o meu catechismo. Todo aquelle que ama é orthodoxo. A jura de Henrique IV põe a santidade entre a comezaina e a bebedice. *Ventre-saint-gris!* eu cá não sou da religião desta jura. A mulher é nella esquecida. Isto admira-me em uma jura de Henrique IV. Meus amigos, viva a mulher! Estou velho, ao que dizem; é assombroso como me sinto disposto a ser moço. Quizera ir ouvir as sanphoninhas nos bosques. A vista deste par tam formoso e contente em-

briaga-me. De bom grado me casaria se achasse com quem. E' impossivel imaginar que Deus nos houvesse creado para outra cousa que não para isto : idolatrar, arrulhar, adonisar, ser pombo, ser gallo, beijocar o nosso amor desde pela manhan até á noite, mirarmo-nos em nossa mulherzinha, ensoberbecermos-nos, devanecermos-nos, regalar-mo-nos; tal é o fim da vida. Eis, com vossa licença, o que nós outros pensavamos no tempo em que eramos moços. Ah ! por vida minha ! que lindas mulheres que havia naquella época, e cada moçetona, e cada feiticeira ! Muitas d'entre ellas não puderam resistir-me. Portanto amae-vos. Se não nos amassemos, não sei realmente de que serveria uma primavera; e, quanto a mim, pederia a Deus que escondesse todas as lindas cousas que nos mostra, e no-las tornasse a tomar, e que mettesse outra vez na sua caixa as fiôres, os passarinhos e as raparigas bonitas. Meus filhos, recebei a benção do pobre velho.

A noite foi cheia, divertida, deliciosa. O bom humor soberano do avô deu o tom a toda a festa, e cada um tratou de corresponder áquella cordialidade quasi centenaria. Dansaram um pouco, riram-se muito, foi uma boda despida de grandes etiquetas. O bom velho outrora poderia ter sido convidado para ella. E' verdade que alli estava representado na pessoa de M. Guillenormand.

Houve tumulto, depois silencio.

Os noivos desapareceram.

Pouco depois da meia noite a casa de M. Guillenormand tornou-se um templo.

Aqui devemos parar. No limiar das noites de noivado está um anjo em pé, sorrindo-se, com o dedo encostado nos labios.

A alma entra em contemplação deante do sanctuario, onde se consuma a celebração do amor.

Deve haver claridade por cima destas casas. A alegria que ellas contêm atravessa por certo as pedras das paredes transfigurada em luz, e se derrama vagamente nas trevas. E' impossivel que esta festa sagrada e fatal não faça subir ao infinito uma irradiação celeste. O amor é o cadinho sublime em que se faz a fusão do homem e da mulher; o ente um, o ente triplice, o ente final, tal a origem da trindade humana. Este nascimento de duas

almas em uma só deve ser um abalo para a sombra. O amante é sacerdote; a virgem arreouada atemorisa-se. Alguma cousa desta alegria sóbe até Deus. Sempre que ha verdadeiro casamento, isto é, sempre que ha amor, anda-lhe unido o ideal. Um leito nupcial fórma nas trevas um canto de aurora. Se fosse dado a olhos de carne distinguir as visões temerosas e bellas da vida suprema, é provavel que se divisassem as fórmulas da noite, os desconhecidos alados, os ceruleos viandantes do invisível, inclinarem-se,—cardume de cabeças sombrias—, pairando em torno da casa luminosa, satisfeitos, abençoando, mostrando uns aos outros a virgem espoza docemente assustada, e com um reflexo de felicidade humana nos seus rostos divinos. Se, nessa hora suprema, os esposos deslembrados de volupia, e julgando-se a sós, applicassem o ouvido, perceberiam na sua camara um fremito de azas confusas. A felicidade perfeita implica a claridade dos anjos. Essa alcovazinha escura tem por tecto todo o céu. Quando duas boccas, sagradas pelo amor, se approximam para crear, é impossivel que por cima deste osculo ineffavel não haja um estremecimento no immenso mysterio das estrellas.

Estas felicidades são verdadeiras. Não ha alegria fóra destas alegrias. O amor é o unico extase. Tudo o mais chora.

Amar ou ter amado é quanto basta. Não queiraes mais nada depois. Não ha outra perola que achar nas horas tenebrosas da vida. Amar é uma consumação.

III

A INSEPARAVEL.

O que era feito de João Valjean?

Immediatamente depois de ter rido, para obedecer à meiga ordem de Cosetta, como ninguém lhe dêsse atenção, levantára-se, e, sem ser visto, passára para a ante-sala. Fôra ali mesmo que, havia seis mezes, entrára de noite, sujo de lama, de sangue e de pólvora, trazendo o netto ao avô. A velha madeira que cobria as paredes achava-se ornada de festões de folhas e flores; os músicos estavam sentados no canapé onde haviam deitado Mario. Biscainho, trajado de casaca preta, calções, e meias e luvas brancas, collocava grinaldas de rosas em torno de cada prato que era levado para a meza. João Valjean mostrara-lhe a sua mão doente, encarregára-o de explicar a sua ausencia, e retirara-se.

As janellas da sala de jantar davam para a rua. João Valjean ficou alguns minutos em pé e immovel por baixo dessas janellas resplandecentes. Escutava. A bulha confusa do banquete chegava-lhe aos ouvidos. Ouvia a voz alta e autorisada do avô, as rabecas, o tinido dos pratos e dos copos, as risadas, e no meio de todo esse

alegre rumor distinguia a meiga e alegre falla de Cosetta.

Sahiu da rua das Filhas do Calvario e dirigiu-se para a do Homem-Armado.

Para retirar-se tomou pelas ruas de San'Luiz, da Culture-Sainte-Catherine e dos Blancs-Manteaux; dava assim uma volta, mas tal era o caminho que por espaço de tres mezes, para evitar os atravessamentos e as lamas da rua Velha do Templo, habituara-se a seguir da rua do Homem-Armado á das Filhas do Calvario, acompanhando Cosetta.

Esse caminho, por onde Cosetta havia passado, excluia para elle qualquer outro itinerario.

João Valjean entrou em casa. Acendeu a sua vela e subiu. O aposento estava vazio. A propria Toussaint já alli não estava. Os passos de João Valjean faziam nos quartos mais bulha que de ordinario. Todos os armarios estavam abertos. Entrou no quarto de Cosetta. Não havia lenções na cama. O travesseiro de riscado, sem fronha e sem rendas, estava em cima das coberturas dobradas do lado dos pés do colchão, cujo forro apparecia e em que ninguem devia mais dormir. Todos os objectozinhos feminis que Cosetta estimava tinham sido levados, só restavam os trastes volumosos e as quatro paredes. A cama de Toussaint achava-se egualmente desfeita. Só uma estava feita e parecia esperar alguém; era a de João Valjean.

Olhou este para as paredes, fechou alguns armarios, entrou e tornou a sair successivamente de cada quarto.

Depois achou-se de novo no seu, e pôz o castiçal em cima de uma meza.

Tirára o braço do lenço que trazia atado ao peito, e servira-se da mão direita como se ella não estivesse doente.

Encaminhou-se para a sua cama, e os seus olhos fixaram se, seria por acaso? seria de proposito? na *inseparável* de que Cosetta tivera ciumes, na malazinha que sempre o acompanhava. No dia 4 de junho, ao chegar á rua do Homem-Armado, puzera-a em cima de um velador junto de sua cabeceira. Aproximou esse velador com uma especie de vivacidade, sacou da algibeira uma chave, e abriu a mala.

Tirou lentamente do dentro della a roupa com que

Cosetta havia dez annos sahira de Montfermeil; primeiro o vestidinho preto, depois o lenço, depois os sapatos grossos de creança que Cosetta ainda poderia calçar, tam pequenos eram os seus pés, depois o casaquinho de fustão bem encorpado, a saia de ponto de malha, o avental com bolsos, as meias de lan. Estas meias, nas quaes via-se ainda a fôrma graciosa de uma perninha, não eram mais compridas que a mão de João Valjean. Tudo era preto. Fôra elle quem lhe levára esse facto a Montfermeil. A' medida que tirava cada uma das peças de dentro da mala, punha-as em cima da cama. Recolhia as suas recordações. Fôra no inverno, em um mez de dezembro frigidissimo, ella tiritava semi-nua debaixo dos seus andrajos, seus pobres pèzinhos avermelhados estavam mettidos em tamancos. Elle, João Valjean, fizera-a largar os andrajos para vestir aquelle trajo de luto. A mãe devêra ter ficado contente no seu tumulto de ver sua filha tomar luto por ella, e sobretudo de vê-la vestida e já sem ter frio. Pensava na floresta de Montfermeil; elle a atravessára com Cosetta; lembrava-se do tempo que então fazia; das arvores sem folhas, dos bosques sem passarinhos, do ceu sem sol; não obstante, achava tudo lindo. Estendeu toda essa roupinha em cima da cama, o lenço junto da saia, as meias ao lado dos sapatos, o casaquinho ao lado do vestido, e entrou a olhar alternativamente para elles. Tinha ella apenas aquella altura, levava nos braços a sua grande boneca, guardara no bolço daquelle avental o seu luiz de ouro, ria-se, caminhavam ambos de mãos dadas, era elle a unica pessoa que ella tinha por si no mundo.

Então a sua veneravel cabeça branca cahiu em cima da cama, o velho coração estoico fraqueou-lhe, seu rosto abysmou-se, por assim dizer, na roupa de Cosetta, e se alguém houvesse passado naquelle momento pela escada, teria ouvido pavorosos soluços.

IV

IMMORTALE JECUR.

A antiga luta formidável, de que já temos visto diversas phases, recommençou.

Jacob lutou com o anjo só uma noite. Ah! quantas vezes não temos visto João Valjean agarrado nas trevas pela sua consciencia, e lutando desesperadamente com ella!

Luta assombrosa! Em certos momentos, é o pé que escorrega; em outros, é o chão que se abre. Quantas vezes esta consciencia, furibunda no bem, não o havia apertado com toda a força em seus braços, deixando-o abatido! Quantas vezes a verdade, inexorável, não lhe tinha posto o joelho sobre o peito! Quantas vezes, lançado ao chão pela luz, não lhe havia bradado: perdão! Quantas vezes essa luz implacável, acesa nelle e por cima d'elle pelo bispo, não o havia aclarado vivamente quando elle desejava ficar cego! Quantas vezes não se tinha levantado no meio do combate, agarrado ao rochedo, encostado ao sophisma, arrastado no pó, ora lançando por terra a sua consciencia, ora vencido por ella! Quantas vezes, após um equivoco, após um raciocinio traiçoeiro e especioso do egoismo, não ouvira a sua consciencia irritada gritar-lhe ao ouvido: Cambapé! infame! Quantas vezes o seu pensamento refractario não se debatêra convulsivamente sob a evidencia do

dever ! Resistencia a Deus. Suores funebres. Quantas feridas secretas, que só elle sentia sangrar ! Quantos arranhões na sua lamentavel existencia ! Quantas vezes não se erguera ensanguentado, pisado, alquebrado, esclarecido, com o desespero no coração, com a serenidade na alma ! e, vencido, considerava-se vencedor. E, depois de o ter desconjuntado, atanzado e esquartejado, a sua consciencia, em pé por cima d'elle, temivel, luminosa, tranquilla, dizia-lhe: Agora, vae-te em paz !

Mas, ah ! ao sahir de tam sombria luta, que paz lugubre não devera ser essa !

Todavia, naquella noite, João Valjean sentia que ia dar o seu ultimo combate.

Uma questão se apresentava, pungente.

As predistinações não são directas; não se abrem em estrada rectilinea deante do predestinado; têm travesas, tapagens, tortuosidades escuras, encruzilhadas inquietantes, nas quaes se acham as embocaduras de diversos caminhos. João Valjean achava-se nesse momento parado na mais perigosa destas encruzilhadas.

Chegara ao supremo encrusamento do bem e do mal. Tinha deante dos olhos esta tenebrosa intersecção. Desta vez ainda, conforme já lhe havia acontecido em outras peripecias dolorosas, dous caminhos abriam-se deante d'elle; um tentador, o outro medonho. Em qual delles entraria ?

O que era medonho, mostrava-lho o mysterioso dedo indicador que divisamos sempre que fitamos os olhos na sombra.

João Valjean tinha, ainda uma vez, a faculdade de optar pelo porto terrivel ou pela cilada risonha.

Será pois verdade ? a alma pode curar-se ; a sorte, não. Causa horrida ! um destino incuravel !

A questão que se apresentava era esta :

De que modo procederia João Valjean em relação á felicidade de Cosetta e de Mario ? Esta felicidade, elle proprio a quizera, elle proprio a havia feito ; cravara-a com a sua propria mão nas entranhas, e naquella hora, considerando-a, podia ter a especie de satisfação que sentiria um cutileiro ao reconhecer a marca da sua fabrica na faca que arrancou do peito gottejando sangue.

Cosetta tinha Mario, Mario possuia Cosetta. Elles tinham tudo, até mesmo riqueza. E isto era obra sua.

Mas agora que ella existia, agora que elles a fruiam, o que faria João Valjean desta felicidade? Impôr-se-lhe-hia? Trata-la-hia como cousa sua? Cosetta, na verdade, pertencia a outrem; mas elle João Valjean reteria de Cosetta tudo quanto ainda pudesse reter? Continuari-a ser, como até alli, uma especie de pae putativo, mas respeitado? Introduzir-se-hia tranquillamente em casa de Cosetta? Iria ajuntar, sem dizer palavra, o seu passado a este futuro? Apresentar-se-hia ahi como se tivesse tal direito, e se sentaria, disfarçado, a esse lar luminoso? Apertaria, sorrindo-se, essas duas mãos innocentes nas suas mãos tragicas? Descansaria nos pacíficos cães da chaminé do salão de M. Guillenormand os seus pés que haviam arrastado após si a sombra infamante da lei? Compartiria as venturas de Cosetta e de Mario? Tornaria mais densa a escuridão sobre a sua frente e a nuvem sobre a delles? Associaria às suas duas felicidades a sua propria catastrophe? Em uma palavra, seria, junto desses dous entes ditosos, o sinistro mudo do destino?

Cumpre estarmos habituados com a fatalidade e com as suas conjuncturas para ousarmos levantar os olhos quando certas questões se nos apresentam em sua horrivel nudez. O bem e o mal estão encobertos por este severo ponto de interrogação. O que vaes fazer? pergunta a esphinge.

João Valjean tinha este habito da provação. Encarou fixamente a esphinge.

Examinou o inexoravel problema sob todas as suas fórmulas.

Cosetta, essa existencia encantadora, era a taboia de salvação deste naufrago. O que deveria fazer? Agarrar-se a ella, ou larga-la?

Se se agarrasse a ella, sahia do desastre, volvia a gozar a luz do sol, deixava enxugar a roupa e os cabellos ensopados de agua amara, estava salvo, vivia.

Larga-la-hia?

Então, o abysmo.

Deliberava assim dolorosamente com o seu pensamento. Ou, para melhor dizer, combatia; arremettia, furioso, dentro em si mesmo, ora contra a sua vontade, ora contra a sua convicção.

Foi uma felicidade para João Valjean o ter podido

chorar. Isto sem duvida o esclareceu. Todavia, o principio foi horrivel. Uma tempestade, mais tremenda do que a que o arrastára outr'ora até Arras, rebentou dentro delle. O passado se lhe confrontava com o presente; elle comparava e soluçava. Apenas aberto o dique das lagrimas, o desesperado estorceu-se.

Sentia-se preso.

Ah! neste pugilato encarniçado entre o nosso egoismo e o nosso dever, quando recuamos assim passo a passo deante do nosso ideal incommutavel, desvairados, enfurecidos, irritados por cedermos, disputando o terreno, esperando uma escapula possivel, buscando uma aberta, quam horrivel não é a sinistra resistencia do muro que de subito se ergue por detrás de nós!

Sentir a sombra sagrada embargar-nos o passo!

O invisivel inexoravel, que contrariedade!

E, pois, ninguem logra vencer a consciencia. Toma a tua resolução, Bruto; toma a tua resolução, Catão. Ella é insondavel, porque é Deus. Nesta voragem lançamos o trabalho de toda a nossa vida, fortuna, riquezas, successos, a liberdade ou a pratica, commodos, repouso, alegria. Mais! ainda mais! ainda mais! Esvazia o vaso! entornae a urna! A final somos obrigados a atirar dentro della o nosso coração.

Ha algures no meio do nevoeiro dos antigos infernos um tonnel assim.

Por ventura não se nos desculpará o recusarmos por fim? Dar-se-ha caso que o inesgotavel possa ter um fim? Pois as cadêas sem fim não serão superiores á força humana? Quem portanto condemnaria Sisyphe e João Valjean por dizerem: basta!

A obediencia da materia é limitada pelo tacto: por ventura não haverá um limite para a obediencia da alma? Se o movimento perpetuo é impossivel, póde por ventura ser exigivel o sacrificio perpetuo?

O primeiro passo nada é; o ultimo é que é difficil. O que era o processo Champmathieu comparado com o casamento de Cosetta e com as suas consequencias? O que é isto: voltar para as galês, comparado com isto: precipitar-se no nada?!

O' primeiro degráu a descer, como és sombrio! O' segundo degráu, como és tenebroso!

Como deixar de voltar o rosto desta vez?

O martyrio é uma sublimação, sublimação corrosiva. E' uma tortura que sanctifica. Podemos accita-lo no primeiro momento; sentar-nos no throno de ferro em braza, pôr na cabeça a corôa de ferro em braza, empunhar o sceptro de ferro em braza, tomar na mão o globo de ferro em braza, mas resta-nos ainda revestir-nos do manto de chammas, e não ha um momento em que a carne miseravel se rebella, e em que abdicamos o supplicio?

Emfim, João Valjean entrou na calma da prostração.

Pesou, meditou, considerou as alternativas da mysteriosa balança de trevas e de luz.

Impôr a sua condemnação infamante a esses dous jovens tam admiraveis, ou consumir o seu proprio aiquilamento. De um lado o sacrificio de Cosetta, do outro lado o seu proprio.

Qual das duas soluções adoptou elle?

Que determinação tomou? Qual foi, no seu sôro interno, a sua resposta definitiva ao incorruptivel interrogatorio da fatalidade? Qual lado da sua vida resolveu elle fechar e condemnar? D'entre todos os despenhos insondaveis que o cercavam, qual foi o escolhido? Que expediente extremo accitou? Para qual dessas voragens fez um gesto de cabeça?

Sua meditação vertiginosa durou toda a noite.

Ficou alli até amanhecer, na mesma attitude, inclinado sobre a cama, abatido sob a enormidade da sorte, ah! talvez esmagado, com os punhos convulsivamente fechados, estendidos os braços em angulo recto como um crucificado despregado que houvessem atirado ao chão com o rosto para baixo. Assim passou doze horas, as doze horas de uma comprida noite de inverno, gelado, sem levantar a cabeça e sem pronunciar palavra. Estava immovel como um cadaver, ao passo que o seu pensamento rojava no chão e alava-se, ora como a hydra, ora como a aguia. Ao vê-lo assim sem movimento, suppô-lo-kieis morto; de subito estremeceu convulsivamente, e sua bocca, unida á roupa de Cosetta, beijava-a; só então se reconhecia que elle vivia.

Mas quem o reconheceria? pois João Valjean não estava sózinho?

O Alguem que está nas trevas contemplava-o.

FIM DO LIVRO SEXTO.

LIVRO SETIMO.

A ÚLTIMA GOTA DO CALIS.

I

O SETIMO CIRCULO E O OITAVO CÉU.

O dia seguinte ao de um casamento é solitario. Todos respeitam o recolhimento dos felizes. E tambem um pouco a sua necessidade de repouso. O rumor das visitas e das felicitações recomeça mais tarde. Na manha do dia 17 de fevereiro, era pouco mais de meio-dia quando Biscainho, de toalha e espanador debaixo do braço, occupado a arrumar a ante-sala, ouviu uma leve pancadinha na porta. Não tinham tocado a campainha, o que é discreto em tal dia. Biscainho abriu a porta, e viu o senhor Cortavento. Levou-o para a sala ainda empachada e toda em desordem, e que parecia o campo de batalha das alegrias da vespera.

—Nós hoje acordámos tarde, observou Biscainho.

—Seu amo já se levantou? perguntou João Valjean.

—Como vae o senhor da sua mão? tornou Biscainho.

—Melh r. Seu amo já se levantou?

—Qual^o delles? o velho ou o moço?

—O senhor Pontmercy.

—O senhor barão? disse Biscainho com certo emproamento.

E' sobretudo para os seus creados que qualquer é barão. Elles participam de alguma sorte do titulo de seu amo, do qual tõem, como diria um philosopho, a salpicadura; e isto os lisongeia. Mario, digamo-lo em parenthesis, republicano militante, e elle o havia provado, era agora barão a seu pesar. Dera-se uma revoluçãozinha na familia por causa deste titulo. Já não era Mario, senão o proprio M. Guillenormand que lhe dava o maior apreço. Mas o coronel Pontmercy tinha escripto: *Meu filho usará do meu titulo*. Mario obedecia. E de resto, Cosetta, em quem a mulher começava a surgir, mostrava-se contentissima de ser baroneza.

—O senhor barão? repetiu Biscainho. Vou ver. Vou dizer-lhe que aqui está o senhor Cortavento.

—Não. Não lhe diga que sou eu. Diga-lhe que uma pessoa deseja fallar-lhe em particular, mas não quero que saiba que sou eu.

—Ah! murmurou Biscainho.

—Quero causar-lhe uma surpresa.

—Ah! repetiu Biscainho dando a si mesmo este segundo Ah! como explicação do primeiro.

E sahio.

A sala, acabamos de dizê-lo, estava desarrumada. Dissereis que applicando o ouvido ainda se poderia perceber alli o rumor das bôdas. O chão estava juncado de uma infinidade de flores cahidas dos festões e dos toucados. As velas, das quaes restavam apenas os côtos, ajuntavam aos crystaes dos lustros stalactites de cêra. Não havia um unico traste que estivesse no seu lugar. Em alguns cantos, tres ou quatro poltronas, chegadas umas ás outras e dispostas em circulo, pareciam continuar uma conversa. O todo era risonho. Ha ainda certa graça n'uma festa morta. Nessas cadeiras em desordem, entre essas flores que murcham, debaixo desses lustres apagados, houve pensamentos de alegria. O sol succedia ao lustre, e entrava ledamente na sala.

Passaram-se alguns minutos. João Valjean ficara immovel no lugar onde Biscainho o deixára. Estava mui pallido. Tinha os olhos de tal fórma encovados nas orbitas pela insomnia que quasi desappareciam. Sua casaca preta mostrava essas rugas numerosas que apresenta um facto com que passamos a noite. Os catovellos estavam cobertos dessa pennugem branca que deixa

no panno o contacto com o linho. João Valjean olhava para a janella desenhada a seus pés no chão pelo sol.

Souu uma leve bulha á porta, elle levantou os olhos.

Mario entron de cabeça erguida, risonho, com o rosto como que cingido de luz, resplandecente de alegria, triumphante o olhar. Tambem elle não tinha dormido.

—E' o senhor, meu pae! exclamou assim que avisitou João Valjean; e esse estúpido do Biscainho com o seu ar mysterioso! Mas bem cedo vem o senhor. E' apenas meia hora depois do meio-dia. Cosetta dorme.

Estas palavras: «Meu pae» ditas a Cortavento por Mario, significavam—Felicidade suprema—. Houvera sempre, como o leitor já sabe, inaccessibilidade, frieza e constrangimento entre elles; gelo por quebrar ou derreter. O jubilo de Mario era tal que o escarpamento se planaiava, o gelo se dissolvia, e Cortavento era para elle, como para Cosetta, um pae.

Continuou: as palavras acudiam-lhe a fluxo, o que é proprio destes divinos paroxysmos da alegria:

—Como me sinto satisfeito por vê-lo! Se soubesse que falta nos fez hontem! Bom dia, meu pae. Como vae a sua mão? Melhor, não é assim?

E, satisfeito com a resposta que dava a si mesmo, proseguiu:

—Fallámos muito no senhor: Cosetta quer-lhe tanto! Não se esqueça de que tem um quarto aqui. Não queremos saber da rua do Homem-Armado. Não queremos de fôrma nenhuma. Como pôde lembrar-lhe ir morar para uma rua assim, que é doentia, triste, feia, com uma barreira n'uma extremidade, onde se sente frio, onde não se pôde entrar? Ha de vir morar connosco. E hoje mesmo. Senão, Cosetta tomar-lhe-ha contas. Está decidida a governar-nos despoticamente, desde já o previno. Já lhe mostrámos o seu quarto, fica paredes meias com o nosso, e dá para o jardim; mandámos concertar a fechadura da porta, a cama está feita, tudo se acha prompto; o senhor não tem mais do que vir para elle. Cosetta pôz junto da cama uma antiga poltrona de velludo d'Utrecht, e disse-lhe: estende-lhe os braços. Todas as primaveras, no bosque de acacias que fica defronte das janellas, vem cantar um rouxinol. Daqui a dous mezes o senhor o ouvirá. E terá o seu ninho á esquerda e o nosso a direita. De noite elle cantará, de

dia Cosetta fallará. O seu quarto é bem exposto ao sul. Cosetta nelle arrumará os seus livros, a sua viagem do capitão Cook, e a de Vancouver, tudo quanto é do seu gosto. Ha, creio eu, uma malazinha que lhe merece particular estima; pois preparei um canto de honra para ella. O senhor conquistou meu avô; elle ficou querendo-lhe bem. Viveremos juntos. Sabe jogar o *whist*? Se sabe, então captivará de todo meu avô. Cosetta sahirá a passear com o senhor nos meus dias de audiencia, e dar-lhe-ha o braço como em outro tempo no Luxemburgo, lembra-se? Estamos absolutamente decididos a ser felizes. E o senhor sê-lo-ha tambem presenciando a nossa ventura, ouve, meu pae? Ah! é verdade! vem almoçar connosco hoje?

—Senhor, disse João Valjean, tenho uma cousa que declarar-lhe. Eu sou um antigo galê.

O limite dos sons agudos perceptíveis pôde ser excedido em relação ao espirito do mesmo modo que em relação ao ouvido. Estas palavras: *eu sou um antigo galê*, sahindo da bocca de Cortavento e soando aos ouvidos de Mario, ultrapassavam o possível. Mario não ouviu. Pareceu-lhe que alguma cousa acabava de lhe ser dita; mas não soube o que. Ficou boquiaberto.

Notou então que o homem que lhe fallava estava medonho. Todo enlevado na sua alegria ainda não havia reparado naquella pallidez terrível.

João Valjean desatou o lenço preto em que trazia pendurado o braço, desenrolou o panno que lhe embrulhava a mão, descobriu o pollegar e mostrou-o a Mario.

—Não tenho nada na mão, disse.

Mario olhou para o dedo.

—Nem nunca tive, proseguiu João Valjean.

Comeffeito, não se via nenhum vestigio de ferida.

João Valjean continuou:

—Convinha que eu não assistisse ao seu casamento. Fiz quanto pude para não tomar parte nelle. Fingi que me havia ferido para não commetter uma falsidade, para não introduzir nullidade nas escripturas do casamento, para ser dispensado de assignar.

Mario balbuciou:

—O que significa isto?

—Significa, respondeu João Valjean, que estive nas galês.

—O senhor me põe doudo! exclamou Mario horro-
risado.

—Senhor Pontmercy, disse João Valjean, estive dez
annos nas galês. Por crime de roubo. Depois fui con-
denado a trabalhos perpetuos. Tambem por crime de
roubo. Tinha havido reincidencia. Presentemente sou
um galé fugido.

Em vão tentava Mario recuar ante a realidade, con-
testar o facto, resistir á evidencia, via-se forçado a sub-
metter-se-lhe. Começou a comprehender, e como sem-
pre acontece em semelhante caso, comprehendeu de
mais. Um hediondo clarão interior o fez estremecer;
uma idéa que o espavoriu atravessou-lhe o espirito.
Divisou no futuro, para si mesmo, um destino medo-
nho.

—Diga tudo, diga tudo! exclamou. O senhor é o pae
de Cosetta!

E deu dous passos para trás com um movimento de
indizível horror.

João Valjean ergueu a fronte com tal magestade de
attitude que pareceu crescer até o tecto.

—A este respeito, é necessario que o senhor me acre-
dite; bem que o juramento de um homem como eu não
seja admittido em jutzo. . . .

Calou-se um momento; depois, com uma especie de
autoridade soberana e sepulcral, accrescentou fallando
lentamente e carregando nas syllabas:

—...o senhor ha de acreditar-me. Pae de Cosetta,
eu! perante Deus, não. Senhor barão Pontmercy, eu
sou um camponez de Faverolles. Ganhava a vida pedan-
do arvores. Não me chamo Cortavento, o meu nome é
João Valjean. Nada sou para Cosetta. Tranquillise-se.

Mario balbuciou:

—Quem m'o prova?

—Eu, pois que o digo.

Mario olhou para o seu interlocutor. Estava este lu-
gubre e tranquillo. Nenhuma mentira podia sabir de
tal calma. O que é glacial é sincero. Reconhecia-se a
verdade naquella frialdade de tumulo.

—Eu o creio, disse Mario.

João Valjean inclinou a cabeça como signal de ter ou-
vido, e continuou:

—O que sou para Cosetta? um estranho. Ha dez an-

nos, nem sabia que ella existia. Quero-lhe bem, é verdade. Quando já somos velhos, amamos qualquer creança que conhecemos de pequenina. Sentimo-nos com entranhas de avô para todas as creancinhas. O senhor, quero crer, não achará extraordinario que eu tenha o que quer que seja que se parece com um coração. Ella era orphan. Sem pae nem mãe. Carecia de mim. Ahí está porque principiei a ama-la. As creancinhas são tam fracas, que qualquer pessoa, até mesmo um homem como eu, pôde ser seu protector. Bem longe estou de suppôr que real mente o pouco que fiz possa chamar-se uma boa acção; mas, se comeffeito é uma boa acção, fique sabendo que eu a fiz. Tome nota desta circumstancia attenuante. Hoje Cosetta deixa-me; os nossos dous caminhos se separam. Agora nada mais posso fazer por ella. E' a senhora baroneza Pontmercy. A sua providencia mudou. Cosetta ganha com a troca. Tudo é para melhor. Quanto aos seiscentos mil francos,—o senhor nada me diz a respeito delles, mas eu quero prevenir o seu pensamento,—são um deposito. Como se achava este deposito em minhas mãos? Que importa? Restituo o deposito. Nada mais pôde ser exigido de mim. Completo a restituição declarando o meu verdadeiro nome. Tambem isto é cousa que só a mim diz respeito. Importa-me que o senhor saiba quem eusou.

E João Valjean olhou fixamente para Mario.

Tudo quanto este sentia era tumultuoso e incoherente. Certos tufões do destino erguem destes vagalhões em nossa alma.

Todos nós temos tido destes momentos de perturbação em que tudo se dispersa dentro em nós mesmos: dizemos as primeiras couzas que nos occorrem, as quaes não são sempre exactamente as que deveramos dizer. Ha revelações subitas que não podemos supportar e que nos embriagam como um vinho funesto. Mario estava tam estupefacto com a situação nova que se lhe apresentava, que chegou a tomar para com o seu interlocutor um tom que parecia exprimir o seu descontentamento por semelhante confissão.

—Mas emfim, exclamou, porque me diz isto? Quem o obriga a dizê-lo? Bem podia ter guardado o seu segredo. Ninguem o denuncia, ninguem o persegue, nem o tem preso. Algum motivo o leva a fazer assim de tam

hoamente semelhante revelação. Acabe. Ha outra cousa. A que proposito faz uma confissão tal? Por que motivo?

—Por que motivo? respondeu João Valjean em voz tam baixa e tam surda que antes parecia fallar consigo mesmo do que com Mario. Porque motivo na verdade o galé vem dizer: Eu sou um galé? Ah! o motivo é bem singular. E' por honradez. Olhe, o que me perde é um fio que tenho aqui no coração e que me liga. Estes fios são sobretudo fortes quando somos velhos. Toda a vida se desfaz em torno de nós; elles resistem. Se eu pudesse arrancar este fio, quebra-lo, desatar o nó ou corta-lo, ir para bem longe, estava salvo, não tinha mais do que partir, ha diligencias na rua do Bouloy; deixava-os felizes, ia-me embora. Tentei quebrar este fio, puxei-o, resistiu, não se quebrou, não podia arranca-lo sem com elle arrancar o coração. Então disse:—Não posso viver senão aqui. Devo ficar. Ora, ali está como foi; mas o senhor tem razão, eu sou um simplorio; porque não fiquei sem dizer palavra? Offerece-me um quarto em sua casa, a senhora Pontmercy gosta muito de mim, diz para a poltrona:—Estende-lhe os braços, seu avô sympathisa comigo, agrada-lhe a minha companhia, viveremos todos juntos, comeremos em commum, darei o braço a Cosetta. . . . à senhora Pontmercy, perdão, é o habito; não teremos senão um tecto, uma meza, um fogo, o mesmo canto da chaminé no inverno, o mesmo passeio no verão, isto é alegria, é felicidade, é tudo. Viveremos em familia. Em familia!

A esta palavra o aspecto de João Valjean assumiu uma expressão terrivel. Cruzou os braços, cravou os olhos no assoalho a seus pés como se nelle quizesse cavar um abysmo, e sua voz tornou-se de repente vibrante.

—Em familia! não. Eu não sou de nenhuma familia. Não sou da sua. Não sou da dos homens. Nas casas onde todos vivem unidos, eu sou de mais. Ha familias, porem não para mim. Sou um desgraçado; fico de fóra. Teria eu tido pae e mãe? quasi duvido. No dia em que casei esta menina, acabou-se tudo; vi-a feliz, e com o homem que ella ama, e em companhia de um bom velho, uma familia de dous anjos, todas as alegrias nesta casa, e tudo pareceu-me bem, e disse comigo mesmo: Quanto a ti, não entres. Eu podia mentir, é verdade,

engana-los a todos, ficar sendo o senhor Cortavento. Emquanto foi para bem della, não tive escrupulo de mentir; mas agora seria para bem meu, e não devo faze-lo. Bastava que me calasse, é certo, e tudo continuaria do mesmo modo. O senhor pergunta-me o que é que me obriga a fallar? uma cousa exquisita; a minha consciencia. E, não obstante, era bem facil calar-me. Passei a noite a porfiar comigo mesmo para tomar esta resolução; o senhor o confessa, o que acabo de dizer-lhe é tam extraordinario que com razão o enche de espanto; pois bem, creia-me, toda a noite levei a engenhar motivos, e os mais fortes, fiz o que pude, acredite-me. Mas ha duas cousas que não pude conseguir,—quebrar o fio que me tem pelo coração atado, preso, agarrado aqui, e impôr silencio a Alguem que me falla baixo quando estou só. Tal o motivo porque vim confessar-lhe tudo esta manhan. Tudo, ou quasi tudo. Ha cousas inuteis que só a mim dizem respeito; guardo-as comigo. O essencial já o senhor sabe. Peguei pois no meu mysterio, e trouxe-lh'o. E descobri-lhe o meu segredo. Não que esta resolução não me houvesse custado muito. Levei toda a noite a lutar comigo mesmo. Ah! o senhor crê que eu não disse de mim para mim que isto não era o processo Champmathieu, que occultando o meu nome não fazia mal a ninguem, que o nome de Cortavento me fora dado pelo proprio Cortavento em reconhecimento de um beneficio que me devia, e que podia usar d'elle, e que seria feliz vindo morar no quarto que me offerecem, que eu de fôrma nenhuma os incommodaria, que estaria no meu cantinho, e que, ao passo que o senhor teria Cosetta, eu gozaria a ventura de viver na mesma casa que ella?! Cada um teria a sua alegria proporcionada. Continuando a ser o senhor Cortavento, arranjava eu tudo. Sim, excepto a minha alma. Em torno de mim tudo era prazer, no fundo de minha alma só havia negrume. Não basta ser feliz, é preciso que cada um ande contente. Assim teria continuado a ser o senhor Cortavento, teria escondido o meu verdadeiro rosto: na presença da franqueza de todos nesta casa, seria eu um enigma; ao passo que todos estivessem cercados de luz, cercar me-hia de trevas; sem de fôrma alguma preveni-los, com a maior tranquillidade, introduziria as galés na sua casa, sentar-me-hia á sua

mesa reconhecendo que, se o senhor soubesse quem eu sou, me expulsaria, deixar-me-hia servir por creados que, se o soubessem, exclamariam: Que horror! Tê-lo-hia tocado com o meu cotovello que o senhor tem o direito de repellir, ter-lhe-hia roubado apertos de mão! Haveria em sua casa uma partilha de respeito entre cabellos brancos veneraveis e cabellos brancos manchados; nas horas de mais intima satisfação, quando todos os corações se julgassem abertos uns para os outros, quando nos achássemos todos quatro reunidos, seu avô, o senhor e sua esposa, e eu, haveria junto dos senhores um desconhecido! Acompanha-los-hia na sua existencia, tendo por unico cuidado não affastar nunca a tampa do meu poço terrivel. Assim, eu, um morto, impôr-me-hia aos senhores que são vivos. E ella se veria condemnada á minha companhia perpetua. O senhor, Cosetta e eu seríamos tres cabeças com a mesma capruça verde. Pois isto não o faz estremecer? Sou por ora sómente o mais desgraçado dos homens, mas, se assim procedesse, tomar-me-hia o mais infame. E este crime, commettê-lo-hia todos os dias! E esta mentira, seria repetida todos os dias! E, todos os dias, traria no meu rosto esta mascara de trevas! E dar-ves-hia parte da minha nodoa todos os dias! todos os dias! a vós que tanto amo, a vós meus filhos, a vós meus innocentes! Calar não custa? guardar silencio é cousa simples? Não, não é simples. Ha um silencio que mente. E a minha mentira, e a minha fraude, e a minha indignidade, e a minha infamia, e a minha traição, e o meu crime, bebê-los-hia gotta a gotta, vomita-los-hia, tornaria a bebê-los; acabaria á meia-noite e recommençaria ao meio-dia: e o meu bom dia mentiria, e a minha boa noite mentiria, e dormiria mentindo, e comeria o meu pão mentindo, e encararia Cosetta, e responderia ao sorriso do anjo com o sorriso do condemnado, e seria um embusteiro abominavel! Para que? Para ser feliz. Para ser feliz eu! Por ventura tenho o direito de ser feliz! eu estou fóra da vida, senhor.

João Valjean calou-se. Mario o escutava. Taes encaideamentos de idéas e de angustias não podem ser interrompidos. João Valjean abaixou de novo a voz, mas já não era a voz surda, senão a voz sinistra:

—Pergunta-me porque fallo? não estou denunciado,

nem sou perseguido, nem me vejo preso, diz o senhor. Pois digo-lhe que estou denunciado! digo-lhe que sou perseguido! digo-lhe que me acho preso! Por quem? por mim mesmo. Sou eu que embargo os meus proprios passos, e me arrasto, e me empurro, e me encarcerro, e me executo, e quando somos presos por nós mesmos, ficamos bem presos.

E, agarrando na sua propria casaca e puxando-a para o lado de Mario:

—Veja bem esta mão, continuou elle. Não acha que tem bem segura esta golla de tal modo que não pôde escapar-lhe? Pois bem! ha uma mão ainda mais forte, a consciencia! Todo aquelle que quizer ser feliz, senhor, não deve nunca comprehender o dever; porque, apenas o comprehendemos, torna-se elle implacavel. Como que nos pune por tê-lo comprehendido; mas não; recompensa-nos; porque põe-nos em um inferno em que sentimos Deus a nosso lado. Tam depressa rasgamos as nossas entranhas como logo ficamos em paz com-nosco mesmos.

E, com um tom commovente accrescentou:

—Senhor Pontmercy, embora lhe pareça absurdo, eu sou um homem honrado. E' rebaixando-me aos seus olhos que me exalto aos meus. Isto já me aconteceu uma vez, mas foi menos doloroso; não foi nada. Sim, um homem honrado. Deixaria de sê-lo se o senhor, por minha culpa, continuasse a estimar-me; agora que me despreza, eu o sou. Pesa sobre mim uma fatalidade, e é que, não podendo nunca gozar de consideração senão usurpada, tal consideração humilha-me e acabrunha-me interiormente, e, para que me respeite, torna-se necessario que me desprezem. Então engrandeço-me aos meus proprios olhos. Sou um galé que obedece á sua consciencia. Bem sei que isto é incrivel. Mas o que hei de fazer? assim é. Centrahi compromissos comigo mesmo, desempenho-os. Ha conjuncturas que nos prendem, ha acasos que nos arrastam a deveres. Olhe, senhor Pontmercy, muitas cousas se têm dado em minha vida.

João Valjean fez outra pausa, engolindo a saliva com esforço, como se as suas palavras tivessem um resaiço amargo, e proseguiu:

—Quando temos uma mancha tam infamante, nenhum

direito nos assiste de fazer com que os outros della participem sem o saberem; não temos o direito de communicar-lhes a nossa peste, de arrasta-los ao nosso precipicio sem que elles o notem; de fazer que a nossa jaqueta encarnada os rosse; de ajuntar disfarçadamente a nossa miseria á sua felicidade. Approximarmos-nos dos que estão sãos e toca-los sem que o saibam com a nossa ulcera invisivel, é hediondo. Em vão me emprestou Cortavento o seu nome, não tenho o direito de servir-me d'elle; deu-m'o, porém não pude aceita-lo. Um nome é um *eu*. Saiba o senhor que eu tenho pensado um pouco, tenho lido um bocado, posto que seja um camponez; e bem vê que me exprimo menos mal. Comprehando as cousas. Consegui educar-me a mim mesmo. Pois bem, subtrahir um nome e disfarçarmo-nos com elle, é uma indignidade. Assim como se rouba um relógio ou uma bolsa, também se roubam lettras do alfabeto. Ser uma assignatura falsa em carne e osso, ser uma chave falsa viva, entrar em casa da gente honrada forçando-lhes sorrateiramente a fechadura, nunca encarar para ninguém, olhar sempre de esguelha, ser infame dentro em mim mesmo, não! não! não! não! Mais vale soffrer, sangrar, chorar, arrancar a pelle da carne com as unhas, passar as noites a estorcer-me nas angustias, roer as entranhas e a alma. Ah! está porque vim contar-lhe tudo. Com a melhor vontade, como o senhor o diz.

Respirou penosamente e soltou estas ultimas palavras:

—Para viver, ha muitos annos, roubei um pão; hoje, para viver, não quero roubar um nome.

—Para viver! interrompeu Mario. Não precisa deste nome para viver!

—Ah! eu sei o que digo, responderen João Valjean sacudindo lentamente a cabeça umas poucas de vezes seguidas.

Houve um momento de silencio. Ambos calavam-se, immerso cada qual em um pelago de pensamentos. Mario sentara-se junto de uma mesa, e tinha o canto da bocca encostado em um dos seus dedos dobrado. João Valjean andava de um para outro lado na sala. Parou deante de um espelho e ficou immovel. Depois, como se respondesse a um raciocinio interior, disse, olhando para o espelho, onde não via a sua imagem:

—Ao passo que agora estou alliviado!

Pôz-se de novo a passear e foi até a outra extremidade da sala. No instante em que se voltou, viu que Mario seguia-lhe os passos com os olhos. Então disse-lhe em tom inexprimivel:

—Eu arrasto um pouco a perna. Agora o senhor sabe porque.

Depois acabou de voltar-se para Mario:

—Bem, peço-lhe que me ouça: Supponha que nada lhe disse; continuo a ser o senhor Cortavento, venho para sua casa, estou no meio dos seus, durmo no meu quarto, de manhan venho almoçar de chinellas, de noite vamos todos tres ao espectaculo, acompanho a senhora Pontmercy ás Tulherias e á Praça-Real, vivemos juntos, o senhor considera-me seu igual; mas um dia, quando estivermos reunidos, conversando, rindo, imagine que uma voz grita de repente este nome: João Valjean! e que a mão medonha da policia apparece e arranca-me de subito a mascara!

Tornou a calar-se; Mario levantára-se estremecendo. João Valjean continuou:

—Que diz o senhor?

O silencio de Mario respondia.

Elle proseguiu:

—Já vê que tenho razão de não me calar. Pois bem, seja feliz, esteja no céu, seja o anjo de um anjo, viva rodeado de luz, e contente-se com isto, e não se inquiete com o motivo que leva um pobre reprobado a rasgar o seu proprio peito e a cumprir o seu dever; o homem que aqui está fallando, senhor, é o mais miseravel de todos.

Mario atravessou lentamente a sala, e quando chegou junto de João Valjean, estendeu-lhe a mão.

Mario, porém, teve de pegar na mão que se lhe não apresentava; João Valjean não oppôz resistencia, e o mancebo achou essa mão fria como o marmore.

—Meu avô tem amigos, disse elle; hei de obter o seu perdão.

—E' inutil, tornou João Valjean. Suppoem-me morto, é quanto basta. Os mortos não estão submettidos á vigilancia. Acreditam que elles apodrecem tranquilamente. A morte é a mesma cousa que o perdão.

E puxando a mão que Mario conservava na sua, ac-

crescentou com uma especie de dignidade inexoravel :

—Demais, cumprir o meu dever, tal é o amigo a que recorro ; e não careço senão de um perdão, o da minha consciencia.

Neste momento, na outra extremidade da sala, a porta entre-abriu-se devagarinho, e a cabeça de Cosetta appareceu na abertura. Só se lhe via o meigo rosto, estava admiravelmente destoucada, e ainda tinha as palpebras inchadas de somno. Fez o movimento de um passarinho que põe a cabeça fóra do ninho, olhou primeiro para seu marido, depois para João Valjean, e gritou-lhes rindo-se, e supporieis ver um sorriso dentro de uma rosa :

—Aposto que conversam sobre politica. Que máu gosto, em vez de estarem comigo !

João Valjean estremeceu.

—Cosetta..., balbuciou Mario.

E calou-se. Pareciam dous criminosos.

Cosetta, radiante, continuava a olhar para ambos. Em seus olhos como que se reflectiam imagens do paraíso.

—Sorprendo-os em flagrante delicto, disse ella. Ouvi aqui da porta meu pae Cortavento dizer : A consciencia...—Fazer o meu dever...—Isto não é senão politica. Eu não quero. Não se deve tratar de politica logo no dia seguinte ao de um casamento. E' feio.

—Estás enganada, Cosetta, respondeu Mario. Conversavamos sobre os nossos negocios. Fallavamos do melhor emprego que poderíamos dar aos teus seiscentos mil francos....

—Não ha tal, interrompeu Cosetta. Aqui estou. Agrada-lhes a minha presença ?

E, transpondo resolutamente o limiar, entrou na sala. Trajava um largo roupão branco de mil pregas e de mangas compridas, que lhe descia do pescoço aos pés. Nos céus de ouro dos antigos quadros gothicos ha destes formosos saccos contendo um anjo.

Mirou-se desde a cabeça até os pés em um grande espelho, e depois exclamou com um transporte de extase ineffavel :

—Era um dia um rei e uma rainha. Oh ! como estou contente !

Assim fallando, fez uma mesura a Mario e a João Valjean.

—Olhem, disse ella, vou-me sentar junto dos senhores em uma poltrona; daqui a meia hora almoçaremos; digam tudo quanto lhes parecer, bem sei que é aos homens que cabe fallar; estarei quieta.

Mario pegou-lhe no braço e disse-lhe ternamente :

—Estamos conversando sobre certos negocios.

—A proposito, continuou Cosetta, abri a minha janella, e vi um bando de *pierrots* (pardaes) no jardim. Passarinhos, não mascarados. Hoje é quarta-feira de cinza, menos para os passaros.

—Digo-te que temos de conversar em particular, minha Cosettinha, deixa-nos um momento. Trata-se de algarismos. Ficarias aborrecida.

—Estás com uma bonita gravata esta manhan, Mario. V. s. é bem gamenho, meu senhor. Não, não me aborrecerei.

—Affirmo-te que sim.

—Não. Demais, são os senhores que conversam. Não os entenderei, mas escutarei. Quando ouvimos as vozes dos que nos são caros, é desnecessario entender as palavras que elles dizem. Só o que quero é fazer-lhes companhia. E aqui fico, ouviram?

—Tu és a minha Cosetta adorada. E' impossivel.

—Impossivel!

—Sim.

—Está bem, tornou Cosetta. Tinha muitas cousas que dizer-lhe. Dir-lhe-hia que meu avô ainda dorme, que a tia foi a missa, que a chaminé do quarto de meu pae Cortavento deita fumaça, que Nicoletta chamou o limpador, que Toussaint e Nicoletta já brigaram, que Nicoletta zomba do gaguejar de Toussaint. Pois bem, não saberá nada. Ah! é impossivel? tambem eu, por minha vez, o senhor verá, hei-de dizer é impossivel. Quem é que sentirá mais? Eu te peço, meu Mariozinho, deixa-me ficar aqui contigo e meu pae.

—Juro-te que precisamos estar sós.

—Pois bem, por ventura sou algum estranho?

João Valjean não pronunciava palavra. Cosetta voltou-se para elle:

—Primeiro que tudo, meu pae, quero que venha beijar-me. O que faz ali calado em vez de defender-me? pois é possivel que eu tenha um pae assim? Bem vê

como fui infeliz no meu casamento. Meu marido dá-me pancadas. Vamos, beije-me já.

João Valjean aproximou-se.

Cosetta voltou-se para Mario :

—E a ti, faço caretas.

Depois apresentou a fronte a João Valjean.

João Valjean deu um passo para ella.

Cosetta recuou.

—Como está pallido, meu pae ! Acha-se peor da mão ?

—Já está boa, respondeu João Valjean.

—Passou mal a noite ?

—Não.

—Está triste ?

—Não.

—Então beije-me. Se passa bem, se dorme bem, se não está triste, não o reprehenderei.

E de novo apresentou-lhe a fronte.

João Valjean depôz um osculo nessa fronte em que havia um reflexo celeste.

—Ria-se.

João Valjean obedeceu. Foi o sorriso de um espectro.

—Agora defenda-me contra meu marido.

—Cosetta ! . . . murmurou Mario.

—Zangue-se, meu pae. Diga-lhe que devo ficar aqui. Podem conversar na minha presença. Então acham-me assim tam tola ? Que cousas assombrosas têm que dizer ! negocios, pôr o dinheiro em um banco, ali está o grande mysterio. Os homens fazem do menor argueiro um cavalleiro. Quero ficar. Esta manhan estou muito bonita. Olha para mim, Mario.

E com um adoravel encolher de hombros e com certo amúo delicioso, olhou para Mario. Houve como que um choque electrico entre estes dous entes. Esqueceram-se de que não se achavam a sós.

—Eu te amo ! disse Mario.

—Eu te adoro ! disse Cosetta.

E cahiram irresistivelmente nos braços um do outro.

—Agora, disse Cosetta compondo o seu roupão com um arzinho de triumpho, ficarei aqui.

—Quanto a isso, não, respondeu Mario em tom supplice. Temos um negocio que concluir.

—Como ! pois teimas ?

Mario tomou um tom grave:

—Asseguro-te, Cosetta, que é impossível.

—Ah! o senhor falla-me nesse tom. Pois bem, já me retiro. E meu pae não me defendeu. Senhor meu marido, senhor meu pae, vv. ss. são uns tyrannos. Vou contar tudo a meu avô. Se pensam que voltarei e que me humilharei, enganam-se. Eu sou altiva. Fico-os esperando. Vms. vão aborrecer-se por não me terem aqui. Retiro-me, é assim que me vingo.

E sahiu.

Dous segundos depois, a porta tornou abrir-se, sua mimosa e rosea fronte de novo appareceu entre os dous batentes, e ella gritou-lhes:

—Estou furiora!

A porta fechou-se, e a alegria que a joven de si difundia outra vez desapareceu.

Foi como um raio de sol transviado que, sem o saber, houvesse atravessado repentinamente a noite.

Mario foi ver se a porta estava bem fechada.

—Pobre Cosetta! murmurou, quando ella souber...

A estas palavras João Valjean estremeceu. Fitou em Mario um olhar desvairado.

—Cosetta! oh! sim, é verdade, o senhor ha de contar-lhe isto. Tem razão. Nem em tal pensei. Se temos força para uma cousa, não a temos para outra. Senhor, eu lh'o peço, supplico-lhe, senhor, dê-me a sua palavra mais sagrada, não lhe diga nada. Pois não basta que só o senhor o saiba? eu pude dizê-lo de minha livre vontade, tê-lo-hia dito ao mundo, ao universo, sem difficuldade. Mas ella não sabe o que é isto, horrorisar-se-hia. Um forçado, ah! seria preciso explicar-lhe, dizer-lhe: E' um homem que esteve nas galés. Ella viu passar um dia um comboi de forçados. O' meu Deus!

Cabiu em cima de uma poltrona e cobriu o rosto com ambas as mãos. Não se lhe ouvia palavra, mas pelos estremecimentos dos hombros via-se que chorava. Lagrimas silenciosas, lagrimas terriveis.

Ha suffocação nos soluços. Uma especie de convulsão agitou-o, elle reclinou-se na poltrona como para respirar, os braços cahiram-lhe, e Mario pôde ver-lhe o rosto innundado de lagrimas, e ouviu-o murmurar em voz tam baixa que parecia sahir-lhe de uma profundeza insondavel.

— Oh ! quem me dera morrer !

— Tranquillise-se, disse Mario, o seu segredo não passará de mim.

E, por ventura menos commovido do que era de razão, obrigado havia uma hora a familiarisar-se com um caso tam subito quam horrivel, vendo gradualmente um galé subrepôr-se a seus olhos a Cortavento, vencido pouco a pouco por esta realidade lugubre, e levado irresistivelmente pela força da situação a reconhecer o intervallo que viera separa-lo daquelle homem, Mario accrescentou:

— Não posso deixar de dizer-lhe uma palavra a respeito do deposito que o senhor tam fiel e honradamente restituiu. Isto é um acto de probidade. E' justo que se lhe dê uma recompensa. Fixe o senhor mesmo a somma, e ser-lhe-ha paga. Não receie pedir de mais.

— Muito agradecido, senhor, respondeu brandamente João Valjean,

Ficou um momento pensativo, passando machinalmente a ponta do indice sobre a unha do pollegar, depois levantou a voz:

— Tudo está quasi acabado. Só me falta uma cousa . . .

— Qual é ?

João Valjean mostrou como que uma hesitação suprema, e, sem voz, quasi sem respiração, balbuciou antes do que disse :

— Agora que já sabe tudo, acha o senhor, que é o dono da casa, que não devo tornar a ver Cosetta ?

— Creio que assim seria melhor, respondeu friamente Mario.

— Pois não tornarei a vê-la, murmurou João Valjean.

E dirigiu-se para a porta.

Pôz a mão no trinco, o trinco cedeu, a porta abriu-se, apresentando uma abertura sufficiente para João Valjean passar; mas elle ficou um segundo immovel, depois tornou a fechar a porta e voltou-se para Mario.

Já não estava pallido, estava livido. Não tinha lagrimas nos olhos, mas uma especie de fulgor tragico. Sua voz tornára-se estranhamente calma.

— Olhe, senhor, disse elle, se m'o permite, virei vê-la. Asseguro-lhe que o desejo muito. Se me fosse indifferente deixar de ver Cosetta, não teria feito a con-

fissão que lhe fiz, teria partido; mas querendo ficar no lugar onde está Cosetta e continuar a vê-la, achei que devia declarar-lhe honradamente tudo. O senhor comprehende bem o meu raciocinio, não? a cousa é de si mesma clara. Olhe, vivi com ella nove annos. Primeiro moramos no pardieiro do *boulevard*, depois no convento, depois no Luxemburgo. Foi lá que o senhor a viu pela primeira vez. Não ha de ter esquecido o seu chapêu de pellucia azul. Depois estivemos no bairro dos Invalidos, onde havia um jardim com grade. Na rua Plumet. Eu morava no pateo dos fundos, de onde ouvia o seu piano. Eis a minha vida. Nunca nos separavamos. Isto durou nove annos e alguns mezes. Eu era como que seu pae, e ella era minha filha. Não sei se me comprehende, senhor Pontmercy, mas retirar-me agora, nunca mais vê-la, nunca mais fallar-lhe, não ter mais nada, seria difficil. Se não acha máu virei ver Cosetta de tempos em tempos. Não virei a miudo. Demorar-me-hei pouco. O senhor dirá que me recebam na salinha lá embaixo. Nas lojas. Até se fôr preciso entrarei pela porta dos fundos, que é a dos creados; mas isto pôde ser notado. Creio que é melhor entrar pela porta de todos. Acredite-me, senhor. O meu unico desejo é ver um bocadinho Cosetta. Ainda que seja com os maiores intervallos que lhe aproaver. Ponha-se em meu lugar, nada mais tenho além disto. Demais, é bom proceder com prudencia. Se eu deixasse de vir aqui, não seria bonito, haviam de achar o caso singular. Olhe, o que posso fazer, é vir de tarde, á bocca da noite.

—Pois venha todas as tardes, disse Mario, Cosetta o esperará.

—O senhor é bom, disse João Valjean.

Mario cumprimentou-o; a felicidade acompanhou o desespéro até á porta, e os dous homens se separaram.

II

OBSCURIDADES QUE PÓDEM SER CONTIDAS N'UMA REVELAÇÃO.

Mario estava profundamente abalado.

A especie de antipathia que sempre lhe inspirara aquelle homem junto do qual via Cosetta achava-se agora explicada. Havia nessa personagem o que quer que fosse enigmatico de que o seu instincto o avisava. Este enigma era a mais hedionda das vergonhas,—as galès. O senhor Cortavento era o forçado João Valjean.

Surdir-lhe de repente uma tal revelação no meio da sua ventura, foi-lhe o mesmo que ver um escorpião dentro de um ninho de rolas.

A felicidade de Mario e de Cosetta achar-se-hia pois condemnada a semelhante contacto? Seria aquillo um facto consummado? A aceitação de tal homem faria parte do casamento contrahido? Não haveria meio de tirar-se de tam opprobriosa conjunctura?

Teria Mario desposado tambem o forçado?

Em vão nos achamos coroados de luz e de alegria, em vão gozamos a grande hora de purpura da vida,—o amor ditoso,—taes abalos forçariam a estremecer o proprio archanjo no seu extase, o proprio semi-deus na sua gloria.

Como sempre succede nas mudanças de vista desta especie, Mario a si mesmo perguntava se não tinha nada que exprobrar-se? Ter-lhe-hia faltado penetração? Teria elle procedido imprudentemente? Ter-se-hia havido ás cegas involuntariamente? Um pouco talvez. Ter-se-hia atirado, sem sufficiente precaução para examinar as circumstancias, a essa aventura de amor que dera em resultado o seu casamento com Cosetta? Elle reconhecia,—é assim, por uma serie de reconhecimentos successivos no nosso proprio individuo que a vida nos corrige pouco a pouco,—reconhecia o lado chimerico e visionario da sua natureza, especie de nuvem interior peculiar a muitas organizações, e que, nos paroxysmos da paixão e da dôr, se dilata, mudando a temperatura da alma, e invade o homem todo, a ponto de reduzi-lo a uma consciencia envolta em nevoa. Já temos indicado mais de uma vez este elemento caracteristico da individualidade de Mario. Elle lembrava-se de que, na embriaguez do seu amor, durante as seis ou sete semanas de extaticas entrevistas na rua Plumet, nem sequer fallara a Cosetta no drama do pardieiro Gorbeau em que a victima tomara o estranho expediente de guardar silencio durante a luta e de fugir no momento em que a vinham soccorrer. Porque motivo não teria contado este caso a Cosetta? Pois não era elle tam recente e medonho? Como nem ao menos lhe fallára nos Thénardiens, e, particularmente, no dia em que encontrara Eponina? Era-lhe quasi difficil explicar agora o seu silencio de então. Todavia, comprehendia-o. Lembrava-se do seu enlevo, da sua embriaguez por Cosetta, do amor que absorvia tudo, do arrebatamento de um pelo outro ao ideal, e quiçá tambem, como a quantidade imperceptivel de razão unida a esse estado violento e delirioso da alma, de um vago e surdo instincto de esconder e abolir em sua memoria essa temerosa aventura cujo contacto receiava, aventura em que não queria representar papel nenhum, á qual se esquivava, e da qual não podia ser narrador nem testemunha sem ser accusador. Demais essas poucas semanas haviam sido como um relampago; não tinham tido tempo senão de amar-se. Emfim, bem pesado tudo, examinado, considerado, dado que houvesse contado a Cosetta a emboscada do pardieiro Gorbeau, que lhe tivesse fallado nos Thénar-

diers, quaesquer que fossem as consequencias, ainda mesmo que chegasse a descobrir que João Valjean era um galé, por ventura elle, Mario, teria mudado? Teria Cosetta mudado? Teria elle recuado? Tê-la-hia adorado menos? Teria deixado de desposa-la? Não. Nada pois havia que lastimar, nem que exprobrar-se. Tudo fôra para bem. Ha um Deus para estes ebrios a que chamamos amantes. Cego, Mario seguira o caminho que houvera escolhido se visse. O amor vendara-lhe os olhos, para leva-lo aonde? Ao paraíso.

Mas este paraíso complicava-se agora com uma concomitancia infernal.

A antiga antipathia de Mario por esse homem, por esse Cortavento que passara a ser João Valjean, era agora misturada de horror.

Neste horror, digamo-lo, havia alguma compaixão, e até mesmo certa surpresa.

Esse ladrão, que reincidira no crime, havia restituído um deposito. E que deposito? Seiscentos mil francos. Era elle a unica pessoa que estava de posse do segredo do deposito. Poderia ter ficado com tudo e tudo restituído.

Demais, revelára de motu-proprio a sua situação. Nada o obrigava a isso. Se Mario sabia quem elle era, fôra por ouvi-lo da sua propria bocca. Nessa confissão havia mais do que aceitação da humilhação, havia aceitação do perigo. Para um condemnado uma mascara não é uma mascara, é um abrigo. Elle renunciára a esse abrigo. Um nome falso é a segurança, e elle rejeitára esse nome falso. Podia, elle galé, esconder-se para sempre no seio de uma familia honesta, e resistira a esta tentação. E por que motivo? por escrupulo de consciencia. Elle proprio o explicára com o irresistivel tom da realidade. Em summa, quem quer que fosse esse João Valjean, era incontestavelmente uma consciencia que deserpetava. Havia na sua acção como que uma mysteriosa reabilitação começada, e, segundo toda a apparencia, havia já muito que o escrupulo dominava esse homem. Taes accessos do justo e do bem não são proprios das naturezas vulgares. Despertar da consciencia é grandeza d'alma.

João Valjean era sincero. Esta sinceridade, visivel, palpavel, irrefragavel, evidente pela propria dôr que lhe elle causava, tornava as informações inuteis e dava au-

toridade a tudo quanto esse homem dizia. Aqui, para Mario, inversão das situações. O que sabia do senhor Cortavento? a desconfiança. O que inspirava João Valjean? confiança.

No mysterio o balanço desse João Valjean, a que Mario pensativo procedia, examinava o activo, examinava o passivo, e tratava de chegar a um equilibrio. Mas tudo isto dava-se como que em uma tempestade. Mario, esforçando-se por formar uma idéa clara a respeito daquelle homem, e perseguindo, por assim dizer, João Valjean no fundo do seu pensamento, perdia-o e tornava a achá-lo no meio de uma nevoa fatal.

O deposito honradamente restituído, a prohibidade da confissão, tinham sido cousas admiraveis. Formavam como que uma abertura luminosa na nuvem, depois a nuvem reassumia todo o negrume.

Por mais confusas que fossem as recordações de Mario, resultava-lhe dellas alguma sombra.

O que fôra na realidade essa aventura da possilga de Jondrette? Porque, á chegada da policia, aquelle homem, em vez de queixar-se, havia fugido? A isto Mario achava resposta. Porque esse homem era um galé evadido da prisão.

Outra questão: Para que fôra esse homem á barricada? Porquanto esta lembrança voltava agora distintamente ao espirito de Mario, reapparecendo no meio destas commoções como a tinta sympathica ao fogo. Esse homem estivera na barricada. Alli não combatêra. Então o que fôra fazer? A esta pergunta um espectro surgia, e respondia: Javert. Mario lembrava-se perfeitamente neste momento da funebre visão de João Valjean arrastando para fôra da barricada Javert manietado, e ouvia ainda por detrás do canto da travessa Mondétour o horrivel tiro de pistola. Havia, provavelmente, odio entre o espião e o galé. Um incomodava o outro. João Valjean fôra á barricada para vingar-se. Chegára tarde. Sabia provavelmente que Javert alli estava prisioneiro. A *vendetta corsa* tem penetrado em certas camadas inferiores e alli faz lei, é tam simples que não espanta as almas meio voltadas para o bem; e estes corações são de tal natureza, que um criminoso que começa a arrepender-se, póde ser escrupuloso a respeito do roubo e não a respeito da vingança. João

Valjean matára Javert. Isto, pelo menos, parecia evidente.

Ultima questão; esta, que ficava, porém, sem resposta. Mario a sentia como uma tenaz. Como fôra possível que a existencia de João Valjean se achasse por tanto tempo associado á de Cosetta? O que significaria aquelle sombrio capricho da Providencia, que pozera essa menina em contacto com semelhante homem? Pois haverá tambem no céu correntes com duas golilhas e comprazer-se-ha Deus em emparelhar o anjo com o demonio? Um crime e uma innocencia poderão pois ser camaradas de rancho no mysterioso carcere das misérias? Nesse desfilar de condemnados a que chamamos destino humano, duas fronte poderão passar ao lado uma da outra, uma candida, a outra formidavel, uma toda banhada dos divinos alvôres da aurora, a outra para sempre empallidecida pelo clarão de um eterno relampago? Quem teria podido determinar essa associação inexplicavel? De que modo, em consequencia de que prodigio, pudera a comunidade de vida estabelecer-se entre essa celeste menina e esse velho reprobô? Quem havia conseguido ligar o cordeiro ao lobo, e, cousa ainda mais incomprehensivel, ligar o lobo ao cordeiro? Porquanto o lobo amava o cordeiro, o ente feroz adorava o ente fraco, e por espaço de nove annos o monstro servira de arrimo ao anjo. A infancia e a adolescencia de Cosetta, a sua entrada no mundo, o seu virginal crescimento para a vida e para a luz, haviam sido abrigados por essa abnegação disforme. Aqui, as questões se esfeliavam, por assim dizer, em enigmas innumeraveis, abysmos se abriam no fundo de abysmos, e Mario já não podia considerar João Valjean sem vertigem. O que vinha pois a ser este homem-precipicio?

Os antigos symbolos genesiacos são eternos; na sociedade humana, tal qual ella existe, até o dia em que mais viva luz vier muda-la, ha perpetuamente dous homens, um superior, outro subterraneo; o que é segundo o bem, é Abel; o que é segundo o mal, é Caim. O que vinha a ser esse Caim meigo? O que vinha a ser esse malfeitor religiosamente absorto na adoração de uma virgem, velando sobre ella, educando-a, guardando-a, dignificando-a, e elle impuro rodeando-a de pureza? O que vinha a ser essa cloaca que havia venerado essa

pureza a ponto de não deixar-lhe uma mancha? O que vinha a ser esse João Valjean educando Cosetta? O que vinha a ser essa figura de trevas tendo por unico cuidado preservar de toda a sombra e de toda a nuvem o orto de um astro?

Isto era o segredo de João Valjean; era tambem o segredo de Deus.

Deante deste duplo segredo, Mario recuava. Um o tranquillizava de alguma sorte a respeito do outro. Deus era tam visivel nesta aventura como João Valjean. Deus tem os seus instrumentos. Serve-se da ferramenta que lhe apraz. Não é responsavel perante o homem. Sabemos por ventura como Deus se avem em taes casos? João Valjean trabalhára em Cosetta. Formára de alguma sorte esta alma. Isto era incontestavel. Mas o que se seguia dahi? O obreiro era horrivel; porém a obra era admiravel. Deus produz os seus milagres como bem lhe parece. Construiu a encantadora Cosetta e nisso empregára João Valjean. Aprouvera-lhe tomar este estranho collaborador. Por ventura temos o direito de tomar-lhe contas? Será por ventura a primeira vez que o esterco ajuda a primavera a fazer a rosa?

Mario dava a si mesmo estas respostas e a si mesmo declarava que ellas eram boas. Sobre todos os pontos que acabamos de indicar não ousára instar com João Valjean, sem reconhecer que lhe faltava o animo. Adorava Cosetta, possuia Cosetta, Cosetta era esplendidamente pura. Isto lhe bastava. De que esclarecimento carecia? Cosetta era uma luz. Por ventura carece a luz de ser esclarecida? Elle tinha tudo; que mais podia desejar? Pois não é bastante tudo? Os negocios pessoais de João Valjean não lhe diziam respeito. Inclinando-se para a sombra fatal desse homem, agarrava-se a esta declaração solemne do miseravel; *Nada sou para Cosetta. Ha dez annos não sabia que ella existia.*

João Valjean era um estranho. Elle proprio o dissera. Pois bem, continuava o seu caminho. Quem quer que elle fosse, acabára o seu papel. Agora incumbia a Mario servir de providencia a Cosetta. Cosetta viera achar em regiões mais puras o seu igual, o seu amante, o seu esposo, o seu varão celeste. Alando-se, Cosetta, transfigurada, deixava no chão, vazia e hedionda, a sua chrysalida, João Valjean.

Para qualquer ordem de idéas que se voltasse Mario, tomava-se sempre de um certo horror por João Valjean. Horror sagrado talvez, porquanto, acabamos de indica-lo, sentia um *quid divinum* nesse homem. Mas, por mais que fizesse, e a despeito da attenuação que empregava, via-se obrigado a chegar sempre a esta conclusão: é um galé; isto é, o ente que, na escala social, nem sequer tem lugar, por quanto fica abaixo do ultimo degráu. Depois do ultimo dos homens está o galé. O galé já não é, por assim dizer, igual aos vivos. A lei destituiu-o de toda a somma de humanidade que póde tirar a um homem. Mario, a respeito das questões penaes, cingia-se ainda, bem que democrata, ao systema inexoravel, e tinha relativamente áquelles que a lei fulmina, todas as idéas da lei. Ainda não havia feito, digamo-lo, todos os progressos. Não sabia ainda distinguir entre o que é escripto pelo homem e o que é escripto por Deus, entre a lei e o direito. Não tinha examinado e pesado o direito que se arroga o homem de dispôr do irrevogavel e do irreparavel. Não se revoltava á palavra *vindicta*. Achava natural que certas infracções da lei escripta fossem seguidas de penas eternas, e aceitava, como meio de civilisação, a damnação social. Tal o ponto em que ainda estava, se bem que depois devesse infallivelmente avançar, porquanto a sua natureza era boa, e compunha-se na realidade de progresso latente.

No meio destas idéas, João Valjean apparecia-lhe disforme e repulsivo. Era o reprobato. Era o galé. Esta palavra soava-lhe aos ouvidos como o clangor da trombeta do juizo final; e, depois de ter considerado por largo espaço João Valjean, o seu ultimo gesto era voltar a cabeça. *Vade retro*.

Mario, cumpre reconhece-lo, e até mesmo insistir nisto, interrogando João Valjean a ponto de este dizer-lhe: *o senhor está me confessando*, deixára, não obstante, de fazer-lhe duas ou tres perguntas decisivas. Não que ellas não se tivessem apresentado ao seu espirito, mas sim por medo. A possilga de Jondrette? A barricada? Javert? Quem sabe até onde houveram ido estas revelações? João Valjean não parecia homem capaz de recuar, e quem sabe se Mario, depois de o ter instigado, não teria desejado detê-lo? Em certas conjuncturas supremas,

não nos terá acontecido tapar os ouvidos, depois de termos feito uma pergunta, para não ouvir a resposta? É sobretudo quando amamos que temos destas fraquezas. Não é prudente interrogar excessivamente as situações sinistras, principalmente quando o lado indissolúvel da nossa própria vida a ellas se acha fatalmente ligado. Das explicações desesperadas de João Valjean, poderia rebentar alguma luz medonha, e quem sabe se esse clarão hediondo não se teria estendido até Cosetta? Quem sabe se um certo reflexo infernal não houvera ficado na frente deste anjo? O raio também aclara. A fatalidade tem destas solidariedades, em que até mesmo a innocencia se impregna de crime pela sombria lei dos reflexos colorantes. As mais puras figuras podem conservar para sempre a reverberação de uma vizinhança horriavel. Com razão ou sem ella, Mario tivera medo. Já sabia demasiado. Antes buscava atordoar-se do que esclarecer-se. Tomado de horror, fugia com Cosetta nos braços fechando os olhos para não ver João Valjean.

Esse homem era noite, noite viva e terrivel. Como ousar buscar-lhe o fundo? E' cousa pavorosa interrogar a sombra. Quem sabe que resposta ella nos dará? A aurora poderia ficar assim entenebrecida para sempre.

Nesta situação de espirito, era para Mario uma perplexidade pungente pensar que esse ente pudesse achar-se dalli em deante em contacto com Cosetta. Essas perguntas temiveis, ante as quaes tinha recuado, e de que houvera podido resultar uma decisão implacavel e definitiva, quasi que se exprobrava agora não tê-las feito. Achava-se bom de mais, brando de mais, digamo-lo claramente, fraco de mais. Esta fraqueza levára-o a uma concessão imprudente. Deixára-se commover. Fizera mal. Devêra ter pura e simplesmente repellido João Valjean. João Valjean só era digno de repulsa, devêra tê-lo expulsado, e livrado a sua casa de semelhante homem. Exasperava-se contra si mesmo, exasperava-se contra a violencia do turbilhão de commoções que o atordoára, cegára e arrastára. Estava descontente de si mesmo.

O que faria agora? As visitas de João Valjean repugnavam-lhe profundamente. Para que esse homem em sua casa? o que faria? Aqui buscava não importar-se, não queria perscrutar, não queria profundar; não queria

sondar a si mesmo. Promettera, deixára que lhe arrancassem uma promessa; João Valjean estava de posse della; até mesmo com um galé, principalmente com um galé, é que devemos cumprir a nossa palavra. Todavia, o seu primeiro dever era para com Cosetta. Em summa, uma repulsão, que dominava tudo, o agitava.

Mario volvia confusamente este complexo de idéas no seu espirito, passando de uma a outra, e abalado por todas. Dahi uma perturbação profunda. Não lhe foi facil occultar esta perturbação a Cosetta, mas o amor é um talento, e Mario o conseguiu.

Demais, fez, sem fim apparente, algumas perguntas a Cosetta, candida como uma pomba é branca, e que de nada desconfiava; fallou-lhe da sua infancia e da sua mocidade, e convenceu-se cada vez mais que tudo quanto um homem pôde ter de bom, paternal e respeitavel, este galé o reunira em si educando Cosetta. O que Mario havia entrevisto e supposto era real. Essa ortiga sinistra amara e protegêra este lyrio.

FIM DO LIVRO SETIMO.

LIVRO OITAVO.

O DECRESCIMENTO CREPUSCULAR.

I

O QUARTO DE BAIXO

No dia seguinte, á noitinha, João Valjean batia no portão da casa de Guillenormand. Foi Biscainho quem o recebeu. Biscainho achava-se no saguão de proposito e como se houvesse recebido ordem para isso. A's vezes acontece dizermos a um creado: «Você esteja a espreita do senhor Fulano até elle chegar.»

Biscainho, sem esperar que João Valjean se encaminhasse para elle, dirigiu-lhe a palavra:

—O senhor barão encarregou-me de perguntar ao senhor se deseja subir ou ficar aqui em baixo?

—Ficarei em baixo, respondeu João Valjean.

Biscainho, aliás com os modos mais respeitosos, abriu a porta da sala do pavimento terreo, e disse:

—Vou previnir a senhora.

A estancia onde João Valjean entrou era abobadada e humida, ladrilhada de tijolos vermelhos, mal illuminada por uma janella com varões de ferro que dava para a rua, e servia de despensa em caso de necessidade.

Esta sala não era das que o espanador, a escova e a vassoura trazem desassocegadas. A poeira alli estava

tranquilla. A perseguição ás aranhas não se achava organizada. Uma bella têa, esplendidamente estendida, bem preta, ornada de moscas mortas formava um circulo sobre um dos vidros da janella. A sala, pequena e acaçapada, tinha por mobilia uma pilha de garrafas vazias amontoadas em um canto. A parede, caiada de ocre amarello, estava toda cheia de largas placas. No fundo, havia uma chaminé de madeira pintada de preto e com tampo estreito. Havia fogo acceso, o que denotava que haviam acreditado na resposta de João Valjean: *de ficar em baixo*.

Estavam collocadas duas poltronas nos dous cantos da chaminé. Entre as duas poltronas estava estendido, á guisa de tapete, um roda pé de cama que mostrava mais fios do que lan.

O quarto era alumiado tam somente pelo lume da chaminé e o crepusculo da janella.

João Valjean estava fatigado. Ha muitos dias que não comia nem dormia. Atirou-se em uma das poltronas.

Biscainho voltou, pôz em cima da chaminé uma vela acesa, e retirou-se. João Valjean, com a cabeça inclinada e o queixo encostado no peito, não viu Biscainho nem a vela.

De repente ergueu-se como que sobresaltado. Cosetta achava-se por detrás d'elle.

Não a vira entrar, mas sentira que ella entrava.

Voltou-se. Contemplou-a. Estava adoravelmente bella. Mas o que elle considerava com o seu olhar profundo não era a belleza, senão a alma.

—Comeffeito, meu pae! exclamou Cosetta; eu já sabia das suas singularidades, mas com esta não contava eu. Que lembrança! Mario disse-me que é sua vontade que eu o receba aqui.

—Sim, é.

—Por esta resposta já esperava. Bem. Previno-o de que vamos brigar. Principiemos pelo principio. Vamos, meu pae, beije-me.

E apresentou-lhe a face.

João Valjean ficou immovel.

—Não se mexe. Tomo nota. Attitude de réu. Mas não importa, perdôo-lhe. Jesus Christo disse: « Apresentae a outra face. » Ei-la.

E apresentou a outra face.

João Valjean não se mexeu. Dissereis que tinha os pés pregados no chão.

—O caso torna-se serio, disse Cosetta. O que lhe fiz eu? Declaro-lhe que estou arrufada. Deve fazer as pazes comigo. Ha de jantar comnosco.

—Já jantei.

—Não ha tal. Eu farei que o senhor Guillenormand o reprehenda. Aos avós compete corrigir os paes. Ande. Suba comigo para a sala. Quanto antes.

—E' impossivel.

Aqui Cosetta ficou um tanto attonita. Deixou de ordenar e começou a interrogar.

—Mas porque? e escolhe para me ver o lugar mais feio de toda a casa! Este cochicholo é horrivel.

—Tu sabes....

João Valjean retratou-se:

—A senhora bem sabe, eu sou singular, tenho minhas manias.

Cosetta bateu com as suas mãosinhas uma na outra.

—A senhora sabe!... outra novidade! O que significa isto?

João Valjean fitou-a sorrindo-se com esse triste sorriso a que ás vezes recorria.

—Foi por sua propria vontade que a senhora passou a ter este tratamento. E' o que convem ao seu novo estado.

—Não da sua bocca, meu pae.

—Não me chame pae.

—O que diz?

—Chame-me senhor João, ou João, se lhe parecer.

—Não quer que o chame pae? já não sou Cosetta? Senhor João? O que significa isto? que revoluções são estas? o que foi que se passou? olhe bem para mim. E não quer morar comnosco! E rejeita o quarto que lhe preparei! O que lhe fiz eu? o que lhe fiz? Ha então alguma cousa?

—Nada.

—Pois então.

—Tudo está como de ordinario.

—Porque muda de nome?

—A senhora tambem mudou o seu.

Sorriu-se com o mesmo sorriso, e accrescentou:

—Assim como passou a chamar-se senhora Pontmercy, bem posso eu chamar-me senhor João.

—Não o entendo. Tudo isto é uma mixonifada. Hei de pedir licença a meu marido para trata-lo por senhor João. Espero que elle não consentirá. Porque me afflige assim? Embora tenha suas manias, não deve atormentar a sua Cosettinha. Isto é mal feito. Quem é bom não tem direito de ser cruel.

Elle não respondeu.

Cosetta pegou-lhe vivamente em ambas as mãos, e, com um movimento irresistivel, levantando-se até o seu rosto, apertou-as de encontro ao pescoço por baixo do queixo, o que é um profundo gesto de ternura.

—Oh! disse-lhe, seja bom!

E proseguiu:

—Olhe o que eu chamo ser bom: é ser alegre, vir morar aqui,—aqui ha passarinhos como na rua Plumet,—viver comnosco, deixar essa tóca da rua do Homem-Armado, não nos dar charadas a adivinhar, portar-se como os outros, jantar comnosco, almoçar comnosco, ser meu pae.

Elle puxou as mãos.

—A senhora já não precisa de pae, tem seu marido. Cosetta enfadou-se.

—Já não preciso de pae! Realmente, nem mesmo a gente sabe como responder a semelhantes disparates!

—Se Toussaint aqui estivesse, proseguiu João Valjean como quem se vê obrigado a invocar testemunhos e a agarrar-se a todos os galhos, seria a primeira a confessar que sempre tive maneiras minhas proprias. Não ha nisto nada de novo. Sempre gostei do meu canto escuro.

—Mas aqui faz frio. Não se enxerga nada. Que horrivel lembrança de querer ser senhor João! Não quero que me trate por senhora.

—Ha pouco, quando vinha, respondeu João Valjean, vi na rua de San'Luiz um traste, n'uma loja de marceneiro. Se eu fosse uma moça bonita não deixaria de compra-lo. Um toucador muito bem feito; dos modernos. Todo dessa madeira a que chamam pàu-rosa, creio eu. Cheio de embutidos. O espelho é bastante grande. Tem gavetas. Um lindo movel.

—Uh! fóra o urso! replicou Cosetta.

E com um momo supremo, apertando os dentes e afastando os labios, soprou para João Valjean. Era uma Graça arremedando uma gata.

—Estou furiosa, continuou ella. Desde hontem todos me fazem enraivecêr. Estou como uma braza. Não entendo nada. Meu pae não me defende contra Mario, Mario não me defende contra meu pae; vejo-me sózinha. Preparo um quarto com todo o mimo. Se pudesse hospedar nelle o proprio Deus, de certo que o hospedaria. E deixam-me a braços com o meu quarto. O inquilino foge-me. Encommendo a Nicoletta um bom jantarzinho. Póde guardar o seu jantar, senhora. E meu pae Cortavento quer que eu o chame senhor João, e o receba em uma velha, horrivel e feia adega, cheia de bolôr, onde as paredes têm barba, e que apresenta como crystaes garrafas vazias, e como cortinas téas de aranha! Consinto nas suas singularidades, já que tal é o seu gosto, mas deve dar uma tregua á gente que se casa. Não devia começar tam depressa com as suas singularidades. Assim, pois, deve ficar bem contente na sua abominavel rua do Homem-Armado. Ah! como vivi desesperada em quanto lá estive! Diga, tem algum motivo de queixa contra mim? Já basta de affligir-me assim. Apage!

—E, tornando-se de repente séria, olhou fixamente para João Valjean, e accrescentou:

—Dar-se-ha caso que me queira mal por eu ser feliz?

A ingenuidade, sem que o saiba, penetra ás vezes profundamente. Esta pergunta, simples para Cosetta, era terrivel para João Valjean. Cosetta queria arranhar, e dilacerava.

João Valjean empallideceu. Ficou um momento sem responder, depois, com um tom inexprimivel e fallando consigo mesmo, murmurou:

—A sua felicidade era o fim da minha vida. Agora póde Deus ordenar que me retire. Cosetta, tú és feliz; já não tenho mais que fazer.

—Ah! disse-me *tu!* exclamou Cosetta.

E cingiu-lhe o pescoço com os braços.

João Valjean, profundamente commovido, abraçou-a com transporte. Quasi acreditou que a tinha de novo em seu poder.

—Obrigada, meu pae! disse Cosetta.

O enlevo ia tornar-se pungente para João Valjean. Desenvencilhou-se brandamente dos braços de Cosetta e pegou no seu chapéu.

—Então ? disse Cosetta.

João Valjean respondeu :

—Eu a deixo, minha senhora ; estão á sua espera.
E, do limiar da porta, accrescentou :

—Tratei-a por tu. Diga a seu marido que nunca mais a tratarei assim. Perdôe-me.

João Valjean sahiu, deixando Cosetta estupefacta com este adeus enigmatico.

II

OUTROS PASSOS PARA TRAZ.

No dia seguinte João Valjean voltou á mesma hora.

Cosetta não lhe fez perguntas, não se mostrou admirada, não disse que sentia frio, não o convidou a ir para a sala de cima; evitou chama-lo pae, mas tambem não o tratou pelo senhor João. Não instou para que a tractasse por *tu*. Deixou que a tractasse por senhora. Mostrava, porem, uma certa diminuição de alegria. Dir-se-hia que estava triste, se ella fosse capaz de entristecer-se.

É provavel que tivesse tido com Mario uma dessas conversas em que o homem amado diz o que quer, nada explica, e satisfaz a mulher amada. A curiosidade dos amantes não vae muito alem do seu amor.

A sala de baixo achava-se agora um tanto mais asseíada. Biscainho supprimira as garrafas e Nicoletta as têas de aranha.

Todos os dias que se seguiram João Valjean veio á mesma hora. Veiu todos os dias, porque o coração não lhe permittia dar outra intelligencia senão a mais estrictamente litteral ás palavras de Mario. Este tomou as suas medidas para nunca estar em casa ás horas em

que João Valjean chegava. A familia acostumou-se a estas novas maneiras do senhor Cortavento. Toussaint para isto concorreu: « *O senhor sempre foi assim* », repetia ella.

O avô promulgou este decreto: « É um esturdio. » E nada mais houve que dizer. Demais, aos noventa annos já não ha afeição possível; tudo é juxtaposição; um estranho incommoda. Já não ha lugar; todos os habitos se inveteraram. M. Guillenormand estimou ver-se livre do *tal senhor* Cortavento ou Partevento. Elle accrescentou: « Não ha nada tam commum como os ratões deste genero. Fazem toda a sorte de extravagancias. Quanto a motivo que os determine, nem um. O marquez de Canoples ainda era peor. Comprou um palacio para morrer nas aguas-furtadas. São apparencias exquisitas que teem certas pessoas. »

Ninguém divulgava o interior sinistro. Demais, quem teria podido adivinhar tal cousa? Ha destes paues na India: a agua parece extraordinaria, inexplicavel, enruga-se sem que haja vento, agita-se onde devêra estar calma. Vemos na superficie esses borbotões sem causa; não divisamos a hydra que se arrasta no fundo.

Muitos homens têm do mesmo modo um monstro secreto, um mal que elles alimentam, um dragão que os devora, um desespero que habita a sua noite. Tal ha que se parece com qualquer outro, vemo-lo passar e tornar a passar. Não sabemos que tem dentro em si mesmo uma horrivel dôr parasyta de mil dentes, a qual vive no miseravel e o mata. Não sabemos que este homem é um abysmo. E' stagnante, mas profundo. De tempos a tempos dá-se na superficie uma agitação que não comprehendemos. Rugas mysteriosas se formam, depois desaparecem, depois tornam a apparecer; uma bolha de ar sobe e arrebenta. E' pouca cousa, e é terrivel. E' a respiração da fera incognita.

Certos habitos estranhos, chegar quando os outros se retiram, esconder-se ao passo que os outros se mostram, andar sempre, por assim dizer, cosido com as paredes, buscar o passadiço solitario, preferir a rua deserta, não tomar parte nas conversas, evitar os ajuntamentos e as festas, parecer abastado e viver pobremamente, ter, não obstante ser rico, a sua chave na algibeira e a vela no cubiculo do porteiro, entrar pela portinha

escusa, subir pela escada furtada, todas estas singularidades insignificantes, rugas, bolhas de ar, borbotões fugitivos na superfície, provêem muitas vezes de um fundo formidável.

Passaram-se assim algumas semanas. Uma vida nova entrou pouco a pouco a distrahir Cosetta, as relações que origina o casamento, as visitas, os cuidados caseiros, os divertimentos e negocios importantes. Os divertimentos de Cosetta eram pouco custosos; consistiam em um só: estar com Mario. Sahir com elle, ficar em casa com elle, era a grande occupação da sua vida. Era para elles uma alegria sempre nova sahirem de braço dado, á luz do sol, pelas ruas sem se esconderem, á face do povo, ambos sózinhos. Cosetta teve uma contrariedade. Toussaint não pôde dar-se com Nicoletta, por não ser possível a liga de duas velhas solteironas, e retirou-se. O avô passava bem. Mario tinha de vez em quando algumas causas para advogar; a tia Guillemand passava tranquillamente junto do joven casal essa vida lateral, com que se contentava. João Valjean vinha todos os dias.

O tratamento de tu desapareceu, e o tratamento de senhora e de senhor João transformava-o para Cosetta. O cuidado que elle proprio tomára de desprendê-la de si sortiu o desejado effeito. Mostrava-se ella cada vez mais alegre, e cada vez menos affectuosa. Não obstante, ainda o amava, e elle o sentia. Um dia disse-lhe de repente:

—O senhor era meu pae, e já não é meu pae, era meu tio, e já não é meu tio, era o senhor Cortavento, e agora é João. Quem é o senhor então? Eu não gosto disto. Se não estivesse certa da sua bondade, confesso-lhe que teria medo.

Elle continuava a morar na rua do Homem-Armado, por não poder afastar-se do Lairro onde Cosetta habitava.

A principio demorava-se apenas alguns minutos em companhia de Cosetta, depois retirava-se.

Pouco a pouco tomou o habito de fazer visitas menos curtas. Era como se se aproveitasse da autorisação dos dias, que iam crescendo: entrou a vir mais cedo e a retirar-se mais tarde.

Um dia, fallando com elle, Cosetta deixou escapar a

palavra *pae*. O sombrio semblante do velho illuminou-se com um raio de alegria. Advertiu-a logo:

—Chamo-me João.

—Ah! é verdade, respondeu ella soltando uma risada, senhor João.

—Ora bem, disse elle.

E voltou-se, para que Cosetta não o visse enxugar os olhos.

III

ELLES SE LEMBRAM DO JARDIM DA RUA PLUMET.

Foi a ultima vez. Depois desse ultimo clarão, a extinção completou-se. Cessou a familiaridade, não mais o bom dia acompanhado de um osculo, não mais esta palavra tam profundamente meiga: meu pae! Via-se, a instancias suas e por sua propria complicitade, successivamente privado de todas as suas alegrias; e a sua angustia era mais cruel, porque, tendo perdido Cosetta toda inteira em um dia, via-se agora obrigado a tornar a perdê-la aos poucos.

Os olhos chegam a final a habituar-se a uma luz turva. Em summa, ter todos os dias uma appareição de Cosetta, era quanto lhe bastava. Toda a sua vida se concentrava nessa hora. Sentava-se junto della, contemplava-a em silencio, ou senão fallava-lhe dos annos devolvidos, da sua infancia, do convento, das suas amiguinhas de então.

Uma vez, —era em um dos primeiros dias de abril, já quente, ainda fresco, o momento da grande alegria do sol, os jardins que ficavam por baixo das janellas de Mario e de Cosetta tinham a commoção do despertar, as flores dos pilriteiros começavam a brotar, os velhos muros recamavam-se de goivos, as boccas-de-lobo côr de rosa entre-abriam-se nas fendas das pedras, as margari-

das e os botões de ouro principiavam a esmaltar a relva, as borboletas brancas do anno estreavam, o vento, esse menestrel da bôda eterna, ensaiava nas arvores as primeiras notas dessa grande symphonia da aurora a que os antigos poetas chamavam *renouveau* (primavera); Mario, pouco depois do meio-dia, disse para Cosetta:— Nós dissemos que iríamos visitar o nosso jardim da rua Plumet. Pois vamos hoje. Não devemos ser ingratos.— E voaram como duas andorinhas para a primavera. O jardim da rua Plumet era como uma aurora para elles. Já tinham atrás de si na vida o que quer que fosse que era como a primavera do seu amor. A casa da rua Plumet, tendo sido arrendada, pertencia ainda a Cosetta. Foram a esse jardim e a essa casa. Alli tornaram a achar-se, alli se arroubaram. A' tardinha, á hora do costume, João Valjean chegou á rua das Filhas do Calvario.

—A senhora sabiu com o senhor, e ainda não voltou, disse-lhe Biscainho.

Elle sentou-se em silencio e esperou uma hora. Cosetta não veio. O triste abaixou a cabeça e retirou-se.

Cosetta ficou tam contente com o passeio *ao seu jardim* e tam satisfeita por ter *vivido um dia no seu passado*, que não fallou em outra cousa no dia seguinte. Nem sequer se lembrou que não tinha visto João Valjean.

—E como é que lá foram? perguntou João Valjean.

—A pé.

—E como voltaram?

—Num carro de aluguel.

Havia já algum tempo que João Valjean notava a estreiteza com que vivia o joven casal. A economia de Mario era severa, e aquella resposta para João Valjean tinha o seu sentido absoluto. Fez uma pergunta para sondar:

—Porque não teem carro proprio? Um lindo *coupé* custar-lhes-hia apenas quinhentos francos por mez. A senhora e seu marido são ricos.

—Não sei, respondeu Cosetta.

—Assim foi com Toussaint, continuou João Valjean. Ella retirou-se. Não tomaram outra creada. Porque?

—Basta-me Nicoletta.

—Mas é-lhe indispensavel uma creada grave.

—Pois não tenho Mario?

—Deviam ter uma casa sua, creados seus, carro, ca-

marote para quando quizessem ir ao espectáculo. Nada ha de bello que esteja acima dos seus recursos. Já que são ricos, porque não se tractam como taes? A riqueza póde andar unida á felicidade.

Cosetta nada respondeu.

As visitas de João Valjean não se encurtavam. Pelo contrario. Quando é o coração que escorrega, não ha nada que nos sustenha no despenho.

Sempre que João Valjean queria prolongar a sua visita e fazer esquecer a hora, elogiava Mario; achava-o bello, nobre, intrepido, espirituoso, eloquente, bom. Cosetta encarecia. João Valjean recomeçava. Não se fartavam. Mario era uma palavra inexgotavel; havia volumes inteiros nestas cinco lettras. Por este modo João Valjean lograva demorar-se mais tempo. Ver Cosetta, esquecer tudo junto della, era-lhe tam doce! Era o curativo da sua chaga. Aconteceu não poucas vezes vir Biscainho repetir:

—O senhor Guillenormand mandou-me que lembrasse á sra. baroneza que o jantar já está na mesa.

Nesses dias João Valjean voltava para casa profundamente pensativo.

Havia, pois, exactidão na comparação da chrysalida que occorrêra ao espirito de Mario? João Valjean seria comeffeito uma chrysalida que se obstinava e que vinha visitar a sua borboleta?

Um dia demorou-se ainda mais que de ordinario. No dia seguinte notou que não havia fogo na chaminé. « E esta! disse consigo. Não ha fogo. » E deu esta explicação a si mesmo: « Nada mais natural. Estamos em abril. O frio já passou. »

—Meu Deus! que frio faz! exclamou Cosetta entrando.

—Pois eu não o sinto, disse João Valjean.

—Então foi o senhor que disse a Biscainho que não acendesse lume?

—Fui. Estamos quasi no mez de maio.

—Mas acende-se lume nos fogões até junho. Neste subterraneo deve haver fogo todo o anno.

—Pareceu-me desnecessario.

—São exquisitices suas! tornou Cosetta.

No outro dia havia fogo. Mas as duas poltronas achavam-se no lado opposto da sala, junto da porta. « O

que significa isto? » disse João Valjean comsigo mesmo.

Foi buscar as duas poltronas, e tornou a pô-las no lugar do costume junto do fogão.

O lume que via aceso animou-o. Prolongou a conversa mais que de ordinario. Quando se levantava para retirar-se, Cosetta disse-lhe :

—Meu marido disse-me hontem uma cousa bem exquisita.

—Sim? o que foi então?

—Disse-me : « Cosetta, nós temos trinta mil libras de renda. Vinte e sete que são tuas, e tres que meu avô me dá. » Eu respondi : « São justamente trinta. » Elle tornou : « Terias tu coragem de viver com as tres mil ? » Respondi : « Tenho, e até sem cousa nenhuma. Uma vez que seja em tua companhia. » E depois perguntei : « Porque me dizes isto ? » Elle respondeu : « É para saber. »

João Valjean não pôde dizer palavra. Cosetta contava provavelmente com alguma explicação da parte d'elle ; ouviu-a em sombrio silencio. Voltou para a rua do Homem-Armado ; achava-se tam profundamente absorto que errou a porta, e, em vez de entrar na sua, entrou na casa vizinha. Só depois de ter subido quasi dous andares foi que deu pelo engano, e tornou a descer.

Seu espirito perdia-se em conjecturas. Era evidente que Mario tinha duvidas sobre a origem dos seiscentos mil francos, que receiava que elles proviessem de alguma fonte não pura, quem sabe? talvez mesmo houvesse descoberto que esse dinheiro era de João Valjean, que hesitava deante dessa fortuna suspeita, e que lhe repugnava servir-se della como sua, querendo antes viver pobre com Cosetta do que dispôr de uma riqueza equivocada.

Alem disto, João Valjean começava a desconfiar que o repelliam.

No dia seguinte, ao entrar na sala das lojas, sentiu um profundo abalo. As duas poltronas tinham desaparecido. Nem sequer havia uma cadeira.

—E esta ! exclamou Cosetta entrando, não temos poltronas ! O que é feito dellas ?

—Já aqui não estão, respondeu João Valjean.

—Isto é de mais !

João Valjean balbuciou :

—Fui eu que disse a Biscainho que as levasse.

—E porque?

—Hoje a minha visita é muito curta.

—Mas isso não é motivo para ficarmos de pé.

—Creio que Biscainho precisava das poltronas para a sala do sobrado.

—Como assim?

—Sem dúvida esperam visitas esta noite.

—Não, não esperamos ninguém.

João Valjean não achou mais nada que dizer.

Cosetta encolheu os hombros.

—Mandar tirar as poltronas! Já outro dia mandou apagar o fogo. Que homem singular!

—Adeus, murmurou João Valjean.

Não disse: Adeus, Cosetta. Mas não teve animo de dizer: Adeus, minha senhora.

Sahiu acabrunhado.

Desta vez comprehendêra.

No dia seguinte não veio. Cosetta só notou quando já era noite.

—E então! disse, o senhor João não veio hoje.

Teve um leve aperto de coração, mas quasi que o não sentiu, porque um beijo de Mario para logo a distrahiu.

No outro dia também não veio.

Cosetta nem reparou nisso, passou a noite e dormiu como de costume e só se lembrou de João Valjean quando acordou. Ella sentia-se tam feliz! Mandou Nicoletta a toda a pressa á casa do senhor João para saber se elle estava doente, e porque não tinha vindo na vespera. Nicoletta voltou com a resposta do senhor João. Não estava doente. Andava occupado. Breve viria. O mais breve possivel. Demais, tinha que fazer uma viagemzinha. Que a senhora bem lembrada estaria do seu costume de fazer viagens de tempos a tempos. Que não se inquietassem. Que não pensassem nelle.

Nicoletta, quando chegára á casa do senhor João, repetira-lhe as proprias palavras de sua ama. A senhora mandava saber « porque era que o senhor João não tinha apparecido na vespera. » Ha dous dias que não vou visita-la, disse João Valjean com brandura.

Mas Nicoletta, que não attendeu á observação, não fallou nisso a sua ama.

IV

A ATTRACÇÃO E A EXTINCCÃO.

Durante os ultimos mezes da primavera e os primeiros mezes do verão de 1833 os raros viandantes do Marais, os logistas, os ociosos postados no limiar das portas, viam um velho vestido asseiadamente de preto, que, todos os dias, á mesma hora, sahia, á tardinha, da rua do Homem-Armado, do lado da da Sainte-Creix-de-la-Bretonnerie, passava por defronte da dos Blancs-Manteaux, tomava pela da Culture-Sainte-Catherine, e, tendo chegado á da Escarpa, dobrava á esquerda, e seguia pela de San'Luiz.

Alli caminhava a passos lentos, com a cabeça estendida para deante, sem ver nem ouvir nada, fitos immutavelmente os olhos n'um ponto sempre o mesmo, que para elle parecia recamado de estrellas, e que não era outro senão o canto da rua das Filhas do Calvario. Quanto mais se approximava desse canto, tanto mais brilhantes se lhe tornavam os olhos; uma especie de alegria illuminava-lhe as pupillas como uma aurora interior, parecia fascinado e commovido, seus labios mexiam-se confusamente como se elle fallasse para alguem

que não via, sorria-se vagamente, avançava o mais lentamente que podia. Dissereis que, ao passo que desejava chegar, arreceiava-se do momento em que teria de achar-se alli. Quando apenas medeavam algumas casas entre elle e essa rua que parecia atrahil-o, seu passo tornava-se tam demorado que instantes havia em que poderia suppor-se que tinha parado. A vacillação da sua cabeça e a fixidade dos olhos lembravam a agulha que procura o polo. Por mais, porém, que buscasse retardar a chegada, era impossivel deixar de chegar; ia até á rua das Filhas do Calvario; então parava, tremia, estendia a cabeça com uma especie de timidez sombria, e punha-se a espiar para aquella rua, escondido no canto da ultima casa, e havia nesse tragico olhar o que quer que fosse que se assemelhava ao deslumbramento do impossivel e á reverberação de um paraíso vedado. Depois uma lagrima, que pouco a pouco se lhe formara no canto das palpebras, achando-se bastante grossa para cahir, deslisava-se pelo rosto do velho, e ás vezes ia parar na bocca. Elle sentia-lhe o amargor. Ficava assim alguns minutos como se fora de pedra; depois voltava pelo mesmo caminho e no mesmo passo, e, á medida que se afastava, empanava-se-lhe o olhar.

Pouco a pouco, esse velho deixou de ir até o canto da rua das Filhas do Calvario; parava a meio caminho, na de San'Luiz, ora um pouco mais alem, ora um pouco mais aquem. Um dia não passou do canto da rua Culture-Sainte-Catherine e olhou para a das Filhas do Calvario de longe. Depois sacudiu silenciosamente a cabeça da esquerda para a direita, como se recusasse a si mesmo alguma cousa, e retrocedeu.

Não tardou muito que nem mesmo chegasse ate á rua de San'Luiz. Ia até á rua Pavée, sacudia a cabeça, e voltava; depois já não ia alem da dos Tres Torreões; a final ja não passava da dos Blancs-Manteaux. Semelhava uma pendula a que se não dá corda e cujas oscillações se encurtam emquanto não cessam de todo.

Todos os dias sabia elle de casa á mesma hora, apprehendia o mesmo trajecto, mas não o acabava, e, quiçá sem reparar em tal, encurtava-o continuamente. Todo o seu semblante exprimia esta unica idéa: De que serve isto? As pupillas estavam sem brilho, já não desferiam raios. As lagrimas tambem haviam seccado; ja se

não ajuntavam no canto das palpebras; seus olhos pensativos estavam séccos. A cabeça do velho andava sempre estendida para diante; o queixo mexia-se de quando em quando; as rugas do seu pescoço descarnado metti-
am dó. A's vezes quando chovia, trazia debaixo do braço o seu guarda-chuva, que não abria. As boas mulheres do bairro diziam: « É um idiota. » Os gaiatos segui-
am-n'c rindo-se.

FIM DO LIVRO OITAVO.

LIVRO NONO.

SUPREMA NOTTE, SUPREMA AURORA.

I

COMPAIXÃO PARA OS DESGRAÇADOS, PORÉM INDULGENCIA PARA OS FELIZES.

É uma cousa terrivel a felicidade! Como nos contentamos com ella! como achamos que nella se resume tudo! Como, em nos vendo de posse do falso fim da vida, a ventura, esquecemos o verdadeiro, o dever!

Digamo-lo, porem, que fôra injustiça accusar Mario.

Mario, já nós o explicámos, antes do seu casamento, não fizera perguntas ao snr. Cortavento, e, depois, recebera faze-las a João Valjean. Arrependera-se da promessa que se deixara arrancar. A si mesmo repetira que procedera mal fazendo semelhante concessão ao desespero. Limitara-se a afastar pouco a pouco João Valjean de sua casa e a apagar-lhe o mais possivel a imagem no espirito de Cosetta. Postara-se sempre de alguma sorte entre Cosetta e João Valjean, certo de que por tal modo ella não o veria nem pensaria nelle. Era mais do que esconder, era eclipsar.

Mario fazia o que julgava necessario e jnsto. Suppunha ter, para afastar João Valjean sem crueldade, mas sem fraqueza, razões serias que o leitor já viu, e ainda outras que mais adeante verá. Tendo-lhe o acaso deparado uma occasião de tractar, em certo processo de

que se incumbira, com um antigo empregado da casa Laffitte, obtivera, sem busca-las, mysteriosas informações que não pudera, na verdade, esmiuçar, já para não trahir o segredo que promettêra guardar, já em attenção à situação perigosa de João Valjean. Estava então convencido de que tinha um grave dever a cumprir: a restituição dos seiscentos mil francos a alguém, que buscava o mais discretamente possível. No entanto, abstinha-se de tocar nesse dinheiro.

Quanto a Cosetta, não sabia de nenhum desses segredos; mas também fôra injustiça condemná-la.

Havia de Mario para ella um magnetismo irresistível que a levava a fazer por instincto e quasi machinalmente o que Mario queria. Sentia interpôr-se entre si e o *senhor João* a vontade de Mario, e com ella se conformava. Seu marido nada tivera que dizer-lhe, ella cedia à pressão vaga, mas clara, de suas intenções tacitas, e obedecia cegamente. A sua obediencia neste caso consistia em não se lembrar do que Mario esquecia. Nenhum esforço tinha que fazer para isto. Sem que ella mesma soubesse porque, e sem que se li'o possa expróbrar, sua alma tornára-se por tal fôrma a de seu marido, que o que se ennuviava no pensamento de Mario obscurecia-se no seu.

Todavia, não vamos longe de mais a respeito de João Valjean; este esquecimento e esta indifferença eram sómente superficiaes. Ella estava antes embriagada do que esquecida. Na realidade amava aquelle a quem por tanto tempo chamára seu pae. Porém amava ainda mais seu marido. Tal o motivo por que a balança deste coração deixára de estar em equilibrio, inclinando-se só para um lado.

Acontecia às vezes que Cosetta fallava de João Valjean e se admirava da sua ausencia. Então Mario a tranquillisava: « Sabiu de Pariz, creio eu. Elle não disse que ia fazer uma viagem?—E' verdade, pensava Cosetta. Era seu costume desaparecer assim. Mas não por tanto tempo. »—Duas ou tres vezes mandou Nicoletta á rua do Homem-Armado para saber se o *snr. João* já tinha voltado da sua viagem. João Valjean incumbira o porteiro de responder que não.

Cosetta não mandou procura-lo mais, porquanto só tinha uma necessidade na terra,—Mario.

Digamos ainda que, por seu turno, Mario e Cosetta haviam estado fóra de Pariz. Tinham ido a Vernon. Mario levava Cosetta ao tumulto de seu pae.

Pouco a pouco subtrahira-se a João Valjean. Cosetta nem pensara em resistir.

De resto, o que se chama com demasiada severidade, em certos casos, ingratidão dos filhos, nem sempre é cousa tam condemnavel como se suppõe. E' a ingrati-dão da natureza. A natureza, já o dissemos em outro lugar, *olha para deante*. Divide os entes vivos em entes que chegam e entes que se retiram. Os que se retiram estão voltados para a penumbra, os que chegam para a luz. Dahi um afastamento que, da parte dos velhos, é fatal, e, da dos moços, involuntario. Este afastamento, a principio insensivel, augmenta lentamente como toda a separação de galhos. Os ramos, sem se desprenderem do tronco, delle se desviam. Não é culpa sua. A mocidade vae para onde estão a alegria, as festas, os vivos clarões, os amores. A velhice encaminha-se para o fim. Ainda não se perdem de vista, mas já não ha estreitamento. Os moços sentem o resfriamento da vida; os velhos o do tumulto. Não accusemos os pobres moços.

II

DERRADEIRO BRUXOLEAR DA ALAMPADA SEM OLEO.

Um dia João Valjean desceu a sua escada, deu tres passos na rua, sentou-se em uma pilastra, a mesma onde Gavroche, na noite de 5 para 6 de junho, o encontrara meditando; alli demorou-se alguns minutos, depois tornou a subir. Foi a ultima oscillação da pendula. No dia seguinte, não sahiu de casa. No outro dia, não se levantou da cama.

A porteira, que lhe preparava a parca comida, algumas couves ou umas batatas com um bocado de toucinho, olhou para o prato de louça de barro escuro, e exclamou:

— Sancto Deus! o senhor hontem não comeu!

— Comi, pois não, tornou João Valjean.

— O prato está cheio.

— Veja o pote d'agua. Está vazio.

— Isso prova que o senr. bebeu, mas não prova que comesse.

— Porém, disse João Valjean, se eu não tenho fome senão de agua?

— Isto chama-se sede, e, quando a gente não come ao mesmo tempo, chama-se febre.

—Amanhan comerei.

—Ou no domingo da Trindade. Porque não hoje ? Por ventura a gente deve dizer: Comerei amanhan ! Nem ao menos provou do meu prato ! Umas batatinhas que estavam tam boas !

João Valjean pegou na mão da velha:

—Hei de comê-las, eu lh'o prometto, disse-lhe com a sua voz affectuosa.

—Não estou nada contente com o senhor, respondeu a porteira.

João Valjean não via outra creatura humana senão esto boa mulher. Ha em Pariz ruas por onde ninguem passa e casas aonde ninguem vae. João Valjean estava em uma dessas ruas e em uma dessas casas.

Quando elle ainda sahia comprára a um caldeireiro por alguns soldos um crucifixozinho de cobre e pendurára-o em um prego defronte da cama. A vista deste patibulo é sempre agradável.

Passou-se uma semana sem que João Valjean dêsse um passo no quarto. Continuava a estar de cama. A porteira disse a seu marido:

—O velhinho lá de riba já não se levanta, não come, e parece-me que está por um fio. São desgostos, coitado ! Não se me tira da cabeça que a filha fez um mau casamento.

O porteito replicou com o tom da soberania marital:

—Se é rico, mande chamar um medico. Se não é rico, passe sem elle. Se não fôr tractado por medico morrerá.

—E se vier um medico tracta-lo ?

—Morrerá, disse o porteiro.

A porteira pôz-se a arrancar com uma faca velha a herva que crescia no que ella chamava sua calçada, e, ao passo que arrancava a herva, murmurava:

—E' pena. Um velho tam asseiado ! Anda sempre limpinho que faz gosto.

Avistou na extremidade da rua um medico da vizinhança que ia passando ; lembrou-se de pedir-lhe que subisse.

—E' no segundo andar, disse-lhe. O senhor só tem que entrar. Como o velho já não se levanta da cama, a chave está sempre na porta.

O medico viu João Valjean e fallou-lhe.

Quando desceu, a porteira interrogou-o :

—Então, senr. doutor ?

—O seu doente está bem mal.

—O que tem elle ?

—Tudo e nada. E' um homem que, segundo toda a apparencia, perdeu uma pessoa a quem queria bem. Tambem se morre disto.

—O que foi que elle lhe disse ?

—Disse-me que estava bom.

—E o senr. doutor voltará ?

—Voltarei, respondeu o medico. Mas seria bom que outra pessoa voltasse.

III

UMA PENNA PESA A QUEM LEVANTAVA A CARROÇA DE CORTAVENTO.

Uma tarde João Valjean a custo conseguiu sóerguer o corpo firmando-se no cotovello; tomou a si mesmo o pulso e não o achou; reconheceu que estava mais fraco que nunca. Então, sem duvida sob a pressão de alguma preocupação suprema, fez um esforço, sentou-se na cama e entrou a vestir-se. Vestiu o seu velho fato de obreiro. Como já não sahia, tornára a traja-lo e preferia-o. Teve de parar umas poucas de vezes emquanto se vestia; o suor cahia-lhe da fronte, ao passo que buscava enfiar os braços nas mangas da jaqueta.

Depois que ficára só puzera a sua cama na ante-sala, afim de habitar o menos tempo possivel aquelle aposento deserto.

Abriu a mala e tirou de dentro della a roupa de Co-setta.

Estendeu-a em cima da cama.

Os castiçaes do bispo estavam no seu lugar em cima da chaminé. Tirou de uma gaveta duas velas de cêra e pô-las nos castiçaes. Depois, bem que ainda fosse dia claro—era no verão—acendeu-as. Vemos assim ás vezes tochas acesas de dia em estancias onde ha defuntos.

Cada passo que dava de um traste para outro exte-

nuava-o, e elle via-se obrigado a sentar-se. Não era a fadiga ordinaria que exhaure as forças para renova-las; era a vida extincta a esvair-se em esforços affrontosos que não recommearão.

Uma das cadeiras sobre a qual se deixou cahir estava defronte do espelho, tam fatal para elle, tam providencial para Mario, onde vira reflectir-se o escripto de Cosetta impresso no papel mata-borrão. Viu o seu rosto nesse espelho, e não se reconheceu. Parecia ter oitenta annos; antes do casamento de Mario, mostrava ter cincoenta quando muito; aquelle anno valêra por trinta. O que elle tinha na fronte era, não já as rugas da velhice, senão o signal mysterioso da morte. Reconhecia-se nella o vestigio da unha enexoravel. Pendiam-lhe as faces; a pelle do rosto tinha essa côr que faz crêr que a terra já a cobre; os dous cantos da bocca abaixavam-se como nas caras que os antigos esculpiam nos tumulos; olhava para o vacuo com um ar de exprobração; semelhava um desses grandes entes tragicos que têm motivo de queixar-se de alguém.

Estava nessa situação, a ultima phase do aniquilamento, em que a dôr não circula; acha-se por assim dizer coagulada; ha na alma como que um grumo de desespero.

Chegára a noite. Arrastou com a maior difficuldade uma mesa e a velha poltrona para junto do fogão, e pôz em cima da mesa uma penna, papel e tinta.

Feito isto, teve um vágado. Quando tornou a si, sentia sede. Não podendo levantar a bilha d'agua, fez um esforço inclinando-a para a bocca, e bebeu um gole.

Depois voltou-se para a cama, e sempre sentado, porque não podia ter-se em pé, olhou para o vestidinho preto e para todos aquelles queridos objectos.

Estas contemplações duram horas que parecem minutos. De repente estremeceu, sentiu que lhe voltava o frio; encostou os cotovellos na mesa que os castiças do bispo allumiavam, e pegou na penna.

Como a penna e a tinta não tinham servido havia muito tempo, esta estava secca e aquella com os bicos recurvados; teve elle de deitar algumas gottas d'agua no tinteiro, o que não pôde fazer sem parar e sentar-se duas ou tres vezes, e de escrever com as costas da penna. De quando em quando enxugava a fronte.

Tremia-lhe a mão. Escreveu lentamente estas linhas:

« Cosetta, eu te abençôo. Vou explicar-te tudo. Teu marido teve razão de fazer-me comprehender que devia retirar-me; entretanto ha um erro no que elle acreditou, mas teve razão. E' uma excellente pessoa. Ama-o sempre muito quando eu já não existir. Senhor Pontmercy, ame sempre a minha filha muito querida. Cosetta, este papel deixo-o aqui para te ser entregue, aqui está o que quero dizer-te, vou apresentar-te algarismos, se a minha memoria ainda puder ajudar-me neste momento; ouve bem, esse dinheiro é muito teu. Aqui tens a explicação: o azeviche branco vem de Noruega, o preto de Inglaterra, as missangas pretas vêem da Allemanha. O azeviche é mais leve, mais precioso, mais caro. Em França podem fazer-se imitações como na Allemanha. E' preciso ter uma bigornazinha de duas pollegadas quadradas e uma lampada de espirito de vinho para derreter a solda. A solda era feita antigamente de resina e de pós de sapatos e custava quatro francos a libra. Lembrou-me fazê-la de gomme-laca e de therebentina. Assim custa apenas trinta soldos, e é muito melhor. As fivellas fazem-se com um vidro côr de violeta que se cola com essa solda em cima de uma armaçãozinha de ferro preto. O vidro deve ser violeta para osenfeites de ferro, e preto para os de ouro. A Hespanha compra grandes partidas destes enfeites. E' o paiz do azeviche. . . »

Aqui interrompeu-se, a penna cabiu-lhe da mão, soltou um desses soluços desesperados que em certas occasiões subiam das profundezas do seu ser, o pobre homem encostou a cabeça nas mãos e meditou.

—Oh! exclamava dentro em si mesmo (gritos de angustia, só ouvidos de Deus), acabou-se tudo. Nunca mais a verei. Foi um sorriso que passou por mim. Vou deixar o mundo sem ao menos tornar a vê-la. Oh! um minuto, um instante, ouvir a sua voz, tocar o seu vestido, olhar para ella, para esse anjo! e depois morrer! Morrer não é nada, o que é horrivel é morrer sem vê-la. Sorrir-me-hia, dir-me-hia uma palavra. Por ventura faria isto mal a alguem? Não, está acabado, nunca mais. Eis-me aqui sózinho. Meu Deus! meu Deus! não tornarei a vê-la.

Neste momento batêram na porta.

IV

GARRAFA DE TINTA QUE NÃO FAZ MAIS DO QUE LAVAR.

Nesse mesmo dia, ou, para melhor dizer, nessa mesma tarde, quando Mario sahia da mesa e acabava de recolher-se ao seu gabinete, afim de estudar uns autos, Biscainho entregara-lhe uma carta dizendo: « A pessoa que a escreveu acha-se na ante-sala. »

Cosetta dera o braço ao avô e fôra passear no jardim.

Uma carta pode, como um homem, ter aspecto antipathico. Papel grosso, dobras mal feitas, basta olhallas, para que certas missivas nos desagradem. A carta que Biscainho trouxera era desta especie.

Mario tomou-a. Fedia a tabaco. Nada desperta tanto as nossas recordações como um cheiro. Mario reconheceu o que se exalava da carta. Olhou para o sobrescripto: *Ao senr. barão Pommerci. Em seu palacio.* O cheiro de tabaco reconhecido fê-lo reconhecer a lettra. O pasmo desfere relampagos. Mario foi como que illuminado por um destes relampagos.

O olfato, esse mysterioso adjutorio da memoria, acabava de despertar nelle um complexo de recordações. Era o mesmo papel, o mesmo modo de dobrar, a mesma tinta esbranquiçada; era a mesma lettra, e sobretu-

do o mesmo cheiro de tabaco. A possilga de Jondrette apparecia-lhe.

Assim, estranho lance do acaso! uma das duas pistas que elle tanto procurara, aquella pela qual fizera ultimamente tantos esforços e que julgava perdida para sempre, vinha offerecer-se-lhe por si mesma.

Abriu avidamente a carta, e leu :

« Senr. barão,

« Se o Ente Supremo me tivesse dado os seus talentos, eu teria podido ser o barão Thénard, membro do
« instituto (academia das ciencias), mas não o sou. Tenho sómente o mesmo nome que elle, e serei feliz se
« esta lembrança me recommendar á excellencia das
« suas bondades. O beneficio com que fôr honrado será reciproco. Estou de posse de um segredo que diz
« respeito a um individuo. Este individuo lhe diz respeito. Tenho o segredo ao seu dispôr desejando ter
« a honra de ser-lhe util. Eu lhe darei o meio simples
« de expulçar de sua honrada familia o mencionado individuo que não tem direito de ser d'ella, porque a
« senhora baroneza é de nascimento muito illustre. O
« santuario da virtude não poderia coabitar mais tempo
« com o crime sem abdicar.

« Espero na ante-sala as ordens do senr. barão.

« Sou com respeito. »

A carta estava assignada

« THÉNARD. »

Esta assignatura não era falsa. Estava somente um tanto abreviada.

De resto, o amphiguri e a orthographia completavam a revelação. O certificado de origem era completo. Não havia duvida possivel.

O abalo de Mario foi profundo. Depois do movimento de surpresa, teve um movimento de satisfação. Achasse elle agora o outro homem que buscava, o que salvara a elle Mario, e nada mais teria que desejar.

Abriu uma gaveta da sua secretária, tirou de dentro della alguns bilhetes do banco, mettu-os na algibeira, tornou a fechar a secretária e tocou a campainha. Biscainho entre-abriu a porta.

—Manda entrar, disse Mario.

Biscainho annunciou :

—O senr. Thénard.

Um homem entrou.

Nova surpresa para Mario. O homem que entrou era-lhe perfeitamente desconhecido.

Este homem, que já era velho, tinha nariz grosso, trazia o queixo mettido na gravata, oculos verdes flanqueados de tafetá da mesma côr, os cabellos alisados e descendo até as sobrancelhas como a cabelleira dos cocheiros inglezes do *high life*. Seus cabellos eram grisalhos. Estava todo vestido de preto; o fato era já usado, mas asseiado; um mólho de dices, sahindo-lhe do bolso do collete, fazia suppôr a existencia de um relógio. Tinha na mão um chapéu velho. Caminhava curvado, e a curvatura das costas tornava o seu cumprimento ainda mais profundo.

O que logo á primeira vista se notava era que a casaca desta personagem, demasiado larga, bem que cuidadosamente abotoada, não parecia feita para elle. Aqui é necessaria uma breve digressão.

Havia em Pariz naquella época, em um cochicholo escuro da rua Beautreillis, perto do arsenal, um judêu engenhoso que tinha por profissão transformar qualquer tratante em homem honrado. Não por muito tempo, o que houvera sido incommodo para o tratante. A transformação fazia-se á vista, por um dia ou dous á razão de trinta soldos por dia, por meio de um fato que se assemelhava o mais possivel ao da gente honrada. Este alugador de roupa chamava-se *O transformador*; os gatunos parizienses tinham-lhe dado este nome e não lhe conheciam outro. Tinha uma rouparia assaz completa. Os trapos com que disfarçava os seus clientes eram quasi toleraveis. Tinha especialidades e categorias; em cada prego da sua loja estava pendurada, velha e amarrotada, uma condição social; aqui a béca de magistrado, alli a sotaina de padre, mais além a casaca de banqueiro, em um canto a farda de militar reformado, mais adeante a casaca de homem de lettras, um pouco mais além o trajo de homem de estado. Este ente era o vestidor do drama immenso que a gatunice representa em Pariz. A sua possilga era o bastidor de onde o roubo sahia e aonde o furto se recolhia. Um biltre chegava todo es-

farrapado a essa rouparia, apresentava trinta soldos, e escolhia, conforme o papel que queria representar naquella dia, o traje que lhe convinha, e, ao tornar a descer a escada, o biltre já era alguem. No dia seguinte os trapos eram fielmente restituídos, e o Transformador, que confiava tudo dos ladrões, nunca era roubado. Estes trajos tinham um inconveniente, não *assentavam*, por não haverem sido feitos para os que os vestiam; n'uns ficavam estreitos, em outros sobejamente largos, e não condiziam com a pessoa. Todo o gatuno que excedia a estatura media, ou por muito alto, ou por pequeno de mais, via-se incommodado com a roupa do Transformador. Cumpria que o freguez não fosse nem muito gordo nem muito magro. O Transformador não previra senão os homens ordinarios. Tomára medida á especie e na pessoa do primeiro biltre que lhe appareceu, e que não era gordo, nem magro, nem alto, nem baixo. Dahi adaptações ás vezes difficeis de que os freguezes do Transformador se sabiam como podiam. Tanto peor para as excepções! O traje do homem de estado, por exemplo, todo preto, e por conseguinte decente, houvera sido muito largo para Pitt e muito apertado para Castalcicalla. O traje de *homem de estado* achava-se designado do modo seguinte no catalogo do Transformador; nós copiamos: «Uma casaca de panno preto, um par de calças de casimira preta, um collete de seda, botas e roupa branca.» Havia á margem: *Antigo embaixador*, e uma nota que igualmente transcrevemos: «Em uma caixa separada, uma cabelleira bem frisada, oculos verdes, dices de relógio e dous canudinhos de penna de uma pollegada de cumprimento envoltos em algodão.» Tudo isto pertencia ao homem de estado, antigo embaixador. Todo este fato estava, se assim podemos fallar, extafado; as costuras achavam-se esbranquiçadas, havia uma vaga abertura n'um dos cotovellos; além disto, faltava um botão no peito; mas não era falta de importancia; porquanto a mão do homem de estado, que deve sempre andar mettida no peito da casaca, tinha por função esconder o botão ausente.

Se Mario fosse versado nas instituições occultas de Pariz, teria para logo reconhecido no corpo do individuo, que Biscainho acabava de introduzir, a casaca de homem de estado alugada em casa do Transformador.

A surpresa de Mario, ao ver entrar um outro homem que não o que esperava, foi desfavoravel ao recém-chegado. Examinou-o da cabeça aos pés ao passo que a personagem se inclinava desmesuradamente, e perguntou-lhe em tom secco:

—O que quer?

O homem respondeu com uma visagem affavel de que o sorriso meigo de um crocodilo daria alguma idéa:

—Parece-me impossivel que já não tivesse tido a honra de ver o senhor barão na sociedade. Creio particularmente que o encontrei, ha alguns annos, em casa da snra. princeza de Bagration e nas salas de s. exc. o visconde Dambray, par de França.

E' sempre uma boa tactica dos gatunos fingir que conhecem alguem que nunca viram.

Mario ouvia attentamente a falla deste homem. Espreitava o tom e o gesto, mas a sua confusão crescia; era uma pronuncia fanhosa, absolutamente differente do som de voz agudo e secco com que contava. Viu completamente baldada a sua esperanza.

—Não conheço, disse elle, nem a snra. Bagration, nem o senr. Dambray. Nunca em minha vida puz os pés em casa dessas pessoas.

A resposta era um tanto desabrida. A personagem, affectuosa a todo o trance, insistiu.

—Então foi em casa de Chateaubriand que vi o snr. barão. Conheço muito Chateaubriand. E' mui affavel. As vezes diz-me: Thénard, meu amigo... então não beberás um copo comigo?

A fronte de Mario tornou-se ainda mais severa:

—Nunca tive a honra de ser recebido em casa do senr. Chateaubriand. Acabemos com isto. O que quer?

O homem, ouvindo a voz tornar-se mais aspera, inclinou-se ainda mais profundamente.

—Senr. barão, digne-se escutar-me. Ha na America, em um paiz que fica para o lado do Panamá, uma aldêa chamada Joya. Esta aldêa compõe-se de uma unica casa. Uma grande casa quadrada de tres andares feita de tijolos cozidos ao sol, cada lado do quadrado com quinhentos pés de comprimento, cada andar recolhendo-se para dentro doze pés e ficando com um terraço na frente sobre o andar inferior que rodêa todo o edificio; no centro um pátio interior onde se acham as provisões e as

munições, em vez de janellas seteiras, em vez de portas escadas, escadas para subir do chão ao primeiro terraço e do primeiro ao segundo, e do segundo ao terceiro. escadas para descer ao pátio interior, nada de portas nos quartos, alçapões, nada de degraus nos quartos, escadas; à noite fecham-se os alçapões, puxam-se as escadas, assestam-se bacamartes e clavinas nas seteiras; nenhum meio de entrar; uma casa de dia, uma fortaleza de noite, oitocentos habitantes, tal é esta aldêa. Para que tanta precaução? é porque o paiz é perigoso; está cheio de antropophagos. Mas então porque vae gente para essa terra? é porque ella é maravilhosa; acha-se lá ouro.

—O que quer dizer com isto? interrompeu Mario, que da contrariedade passava á impaciencia.

—Ao seguinte, senr. barão. Sou um antigo diplomata cansado. A velha civilisação arruinou-me. Quero experimentar os selvagens.

—E que mais?

—Senr. barão, o egoismo é a lei do mundo. A camponeza proletaria que trabalha por jornal volta-se quando passa a diligencia; a camponeza proprietaria, que trabalha no campo que é seu, não se volta. O cão do pobre ladra ao rico, o do rico ladra ao pobre. Cada um por si. O interesse, eis o fim dos homens. O ouro, eis o iman.

—E que mais? acabe.

—Quizera ir estabelecer-me na Joya. A minha familia compõe-se de tres pessoas. Tenho minha esposa e uma filha, que é muito linda. A viagem é longa e cara. Precisava de algum dinheiro.

—O que tenho eu com isso? perguntou Mario.

O desconhecido pôz o pescoço fóra da gravata, gesto proprio do abutre, e replicou redobrando o sorriso:

—Então o senr. barão não leu a minha carta?

O homem quasi dizia verdade. Mario já se não lembrava do conteúdo da carta. Attendêra mais á letra do que ao que ella continha. Tinha apenas uma vaga recordação. A sua attenção acabava de ser presa. Notára esta particularidade: *minha esposa e minha filha*. Fitava no desconhecido um olhar penetrante. Um juiz formador de culpa não houvera olhado melhor. Quasi espreitava. Limitou-se a responder:

—Cinja-se ao facto.

O desconhecido metteu ambas as mãos nos bolsos do collete, levantou a cabeça sem endireitar a espinha dorsal, mas observando por seu turno Mario através dos vidros verdes dos oculos.

—Pois bem, senr. barão. Vou cingir-me ao facto. Tenho um segredo para lhe vender.

—Um segredo?

—Um segredo.

—Que me diz respeito?

—Um tanto.

—Que segredo é?

Mario examinava cada vez mais o homem á medida que o escutava.

—Começo gratis, disse o desconhecido. Ha de ver que sou interessante.

—Falle.

—Senr. barão, em sua casa acha-se um ladrão e assassino.

Mario estremeceu.

—Em minha casa? não, disse elle.

O desconhecido, imperturbavel, escovou o chapéu com o cotovello e continuou:

—Assassino e ladrão. Advirta, senr. barão, que não fallo de factos antigos, já passados, caducos, que podem ser perdoados pela prescripção perante a lei e pelo arrependimento perante Deus. Fallo de factos recentes, de factos actuaes, de factos ainda ignorados da justiça neste momento. Continúo. Este homem insinuou-se na confiança do senr. barão, e quasi em sua familia debaixo de um nome falso. Vou dizer o seu verdadeiro nome. E di-lo-hei de graça.

—Estou ouvindo.

—Chama se João Valjean.

—Já sei.

—Vou dizer-lhe, tambem de graça, quem elle é.

—Diga.

—E' um antigo galé.

—Já sei.

—Sabe depois que eu lh'o disse.

—Não. Já sabia antes.

O tom frio de Mario, esta duplicada replica *Já sei*, seu laconismo refractario ao dialogo, despertaram no desconhecido alguma colera surda. Lançou sobre Mario um

olhar furioso, que para logo se extinguiu. Por mais rapido que fosse, este olhar era desses que reconhecemos quando os vimos uma vez; não escapou a Mario. Certos lampejos não podem sahir senão de certas almas; a pupilla, esse respiradouro do pensamento, abraza-se nelles; os oculos nada escondem; quem pode encobrir com um vidro o inferno?

O desconhecido proseguiu sorrindo-se:

—Não é minha intenção pôr em duvida o que diz o senr. barão. Em todo o caso, já vê que estou bem informado. Agora o que tenho que dizer-lhe ninguem o sabe, senão eu só. Isto interessa á fortuna da senra. baroneza. É um segredo extraordinario. Quero vendê-lo. Offereço-lhe primeiro que a qualquer outra pessoa. Não é caro. Vinte mil francos.

—Já sei que segredo é esse, assim como sei dos outros, disse Mario.

A personagem achou que devia abaixar um pouco o preço:

—Senr. barão, dê-me dez mil francos, e eu fallarei.

—Repito-lhe que nada de novo me póde dizer. Sei que segredo é esse.

Os olhos do homem tornaram a scintillar. Exclamou:

—Eu não quero passar hoje sem jantar. E' um segredo extraordinario, repito senr. barão, eu vou fallar. Declaro-lhe tudo. Dê-me vinte francos.

Mario encarou-o fixamente:

—Já sei qual é o seu segredo; assim como sabia o nome de João Valjean, assim como sei o seu.

—O meu nome?

—Sim.

—Não é admiração, senr. barão. Tive a honra de escrever-lhe e de assignar a carta. Thénard.

—Dier.

—Hein?

—Thénardier.

—Quem é esse sujeito?

No momento do perigo, o porco espinho errica-se, o escaravelho finge-se morto, a velha guarda forma-se em quadrado; o desconhecido pôz-se a rir.

Depois sacudiu com um piparote um grão de poeira que estava na manga da sua casaca.

Mario continuou:

—Você é o obreiro Jondrette, ô actor Fabanton, o poeta Genflot, o hespanhol D. Alvarez, e a mulher Balizard.

—A mulher o que?

—E teve uma bodega em Montfermeil.

—Uma bodega! Nunca.

—E digo-lhe que você é Thénardier.

—Nego.

—E que é um tratante. Tome.

E Mario tirando da algibeira um bilhete do banco, atirou-lh'o á cara.

—Obrigado! perdão! quinhentos francos! senr. barão!

E o homem todo abalado, saudando, apanhando o bilhete, examinou-o.

—Quinhentos francos! repetiu admirado. E balbuciou em voz baixa: E é verdadeiro.

Depois de repente:

--Pois bem, tem razão, exclamou. Estejames a gosto.

E, com uma presteza de macaco, deitando os cabellos para trás, arrancando os oculos, tirando do nariz e escondendo os dous canudinhos de penna de que fallámos ha pouco, e que o leitor já viu em outra pagina deste livro, tirou o rosto como quem tira o chapéu.

Os olhos scintillaram; a fronte, desigual, toda cheia de sulcos, de bossas aqui e alli, enrugada em cima, descobriu-se; o nariz tornou a mostrar a sua forma de bico, o perfil feroz e sagaz do homem de rapina reappareceu.

—O senr. barão é infallivel, disse em voz clara e que já nada tinha de fanhosa; eu sou Thénardier.

E deixou de estar curvado.

Thénardier, porquanto era comeffeito elle, estava estranhamente surpreso; ficaria confuso se fosse capaz de confundir-se. Viera para causar admiração, e era elle proprio quem se admirava. Esta humilhação era-lhe paga por quinhentos francos, e, em todo o caso, aceitava-os; mas nem por isso estava menos pasmo.

Via pela primeira vez esse barão Pontmercy, e, apesar do seu disfarce, o barão Pontmercy o reconhecia, e conhecia-o bem. E não só o barão sabia quem era Thénardier, como tambem quem era João Valjean. Quem era esse mancebo quasi imberbe, tam glacial e tam generoso, que sabia o nome das pessoas, que sabia todos

os seus nomes, e lhes abria⁷ a sua bolsa, que tractava asperamente os gatunos como um juiz e os pagava como um patão?

Thénardier, como devem lembrar-se, bem que vizinho de Mario, nunca o vira, o que é muito frequente em Pariz; ouvira outr'ora vagamente as filhas fallarem de um moço muito pobre chamado Mario que morava na mesma casa que elle. Escrevêra-lhe, sem conhecê-lo, a carta que já vimos. Não podia pois saber que esse Mario e o senr. barão Pontmercy eram uma mesma e unica pessoa.

Quanto ao mais, por intermedio de sua filha Azelma, que puzera na pista dos noivos no dia 16 de fevereiro, e por suas investigações pessoaes, conseguira saber muitas cousas, e, do fundo das suas trevas, conseguira colher mais de um fio mysterioso. Havia, á força de industria, descoberto, ou pelo menos, á força de inducções, adivinhado quem era o homem que encontrara certo dia dentro da valla grande. Do homem, chegava facilmente ao nome. Sabia que a snra. baroneza Pontmercy era Cosetta. Mas estava resolvido a ser discreto a este respeito. Quem era Cosetta? Nem elle proprio o sabia bem. Lobrigava alguma bastardia, a historia de Fantina sempre lhe parecêra suspeita; mas para que havia de fallar nisso? para que lhe comprassem o seu silencio? Elle tinha, ou suppunha ter cousa melhor para vender. E, segundo toda a apparencia, vir fazer, sem prova, esta revelação ao barão de Pontmercy: *sua mulher é bastarda*, não daria em resultado senão fazer que o marido corresse a pontapés o revelador.

No pensamento de Thénardier a conversação com Mario ainda não tinha começado. Vira-se obrigado a recuar, a modificar a sua estrategia, a deixar uma posição, a mudar de frente; mas o essencial não estava compromettido, e elle tinha quinhentos francos na algibeira. Demais, faltava-lhe dizer uma cousa decisiva, e mesmo contra esse barão Pontmercy, tam bem informado e armado, sentia-se forte. Para os homens da natureza de Thénardier todo o dialogo é um combate. No que ia travar-se qual era a sua situação? Não sabia a quem fallava, mas sabia de que fallava. Fez rapidamente esta revista interior das suas forças, e depois de ter dito—*sou Thénardier*, esperou.

Mario ficára pensativo. Descobrira enfim Thénardier. O homem que tanto desejára encontrar, alli se achava. Poderia cumprir finalmente a recommendação do coronel Pontmercy. Sentia-se humilhado por um tal heroe dever alguma cousa a semelhante malfeitor, e que a letra de cambio sacada do fundo do tumulto por seu pae contra elle Mario tivesse estado até aquelle dia protestada. Parecia-lhe tambem, na situação complexa em que se achava o seu espirito na presença de Thénardier, que devia vingar o coronel da desgraça de ter sido salvo por um facinora de tal jaez.

Como quer que fosse, estava contente. Ia, pois, livrar desse credor indigno a sombra do coronel, e afigurava-se-lhe que assim tirava da prisão por dividas a memoria de seu pae.

Ao lado deste dever, havia outro, averiguar, se fosse possivel, a origem da fortuna de Cosetta. A occasião parecia apresentar-se. Thénardier talvez soubesse alguma cousa. Havia utilidade em sondar este homem. Foi por onde começou.

Thénardier guardára o bilhete no bolso do collete, e olhava para Mario com um ar quasi enternecido.

O joven quebrou o silencio.

—Thénardier, já lhe disse o seu nome. Agora quanto ao segredo que vinha communicar-me, quer que lhe diga qual é? Tambem eu tirei informações. Verá se não sei mais do que você. João Valjean, como acaba de dizer-me, é assassino e ladrão. Ladrão, porque roubou um rico manufactureiro, o senhor Magdalena, de cuja ruina foi causa. Assassino, porque assassinou o agente de policia Javert.

—Não o entendo, senhor barão, disse Thénardier.

—Pois vou fallar-lhe de modo que me entenda. Ouça. Havia, em uma comarca do Paço de Calais, pelo anno de 1822, um homem que tivera alguma antiga pendencia com a justiça, e que, debaixo do nome de Magdalena, se emendára e rehabilitára. Este homem tornára-se em toda a força do termo um justo. Com uma industria, o fabrico das missangas pretas, fizera a fortuna de uma cidade inteira. Quanto á sua fortuna pessoal, tambem a havia feito, mas secundariamente, e, de alguma sorte, porque não pudera deixar de fazê-la. Era o arrimo dos pobres. Fundava hospitaes, abria escolas, visitava os

doentes, dotava as donzellas, sustentava as viúvas, adoptava os orphãos; era como que o tutor do paiz. Recusára a cruz da Legião-de-Honra; tinham-n'o nomeado *maire*. Um forçado que cumprira a pena estava de posse do segredo de um crime commettido outr'ora por esse homem; denunciou-o e fez que o prendessem, e aproveitou-se da sua prisão para vir a Pariz e levantar de casa do banqueiro Laffitte, este facto me foi referido pelo proprio caixa, por meio de uma assignatura falsa, uma somma de mais de meio milhão que pertencia a Magdalena. O forçado que roubou a Magdalena é João Valjean. Quanto ao outro facto, você tambem nada pôde dizer-me de novo. João Valjean matou o agente Javert; matou-o com um tiro de pistola. Eu que lhe fallo, achava-me presente.

Thénardier lançou sobre Mario o olhar soberano de um homem batido que reassume a victoria, e que acaba de recobrar em um instante todo o terreno que havia perdido. Mas voltou-lhe para logo o sorriso; o inferior para com o superior deve ser sonso no seu triumpho, e Thénardier limitou-se a dizer para Mario:

— Senhor barão, nós vamos errados.

E sublinhou esta phrase imprimindo ao seu mólho de dices uma rotação expressiva.

— Como! tornou Mario, pois nega isto? São factos.

— São chimeras. A confiança com que me honra o senhor barão impõe-me o dever de dizer-lh'o. Antes de tudo a justiça e a verdade. Não gosto de accusar ninguém injustamente. Senhor barão, João Valjean não roubou a Magdalena, nem matou Javert.

— E esta! como assim?

— Por duas razões.

— Quaes são? falle.

— Aqui está a primeira: não roubou a Magdalena porque o proprio João Valjean é que é Magdalena.

— O que me diz você?

— E aqui está a segunda: não assassinou Javert, porque quem matou Javert, foi o proprio Javert.

— O que quer dizer com isto?

— Que Javert suicidou-se.

— Prove-m'o! prove-m'o! exclamou Mario fôre de si.

Thénardier proseguiu medindo a phrase como se fazem com antigos versos alexandrinos:

—O agente-de-polícia-Javert-foi-achado-a-fogado-de-baixo-de-um-barco-da-Pont-au-Change.

—Mas prove o que diz?

Thénardier sacou do bolso do peito um grande envoltório de papel pardo que parecia conter jornaes de diversos tamanhos.

—Aqui trago os meus autos, disse com calma.

E accrescentou:

—Senhor barão, no seu proprio interesse, quiz conhecer a fundo João Valjean. Digo que João Valjean e Magdalena são uma mesma e unica pessoa, e que Javert não foi assassinado, porquanto suicidou-se; e quando assim fallo, é porque tenho provas. Não provas manuscritas, a letra de mão é suspeita, é condescendente, mas provas impressas.

Assim fallando, Thénardier tirava do envoltório dous numeros de jornaes amarellados, amarrotados e tresandando a tabaco. Um destes jornaes, roto em todas as dobras, e cahindo em pedaços quadrados, parecia muito mais antigo do que o outro.

—Dous factos, duas provas, disse Thénardier.

E apresentou a Mario os dous jornaes desdobrados.

O leitor sabe que jornaes eram estes. Um, o mais antigo, um numero da *Bandeira Branca* do dia 25 de julho de 1823, cujo texto já ficou consignado no terceiro tomo deste livro, estabelecia a identidade de Magdalena e de João Valjean. O outro, um *Monitor* do dia 5 de junho de 1832, confirmava o suicidio de Javert, accrescentando que resultava de uma participação verbal de Javert ao prefeito, que, tendo ficado prisioneiro na barricada da rua da Chanvrière, devêra a vida á magnanimidade de um insurgente, o qual, podendo estendê-lo morto a seus pés com um tiro de pistola, disparára a arma para o ar.

Mario leu. Havia alli evidencia, data certa, prova irrefragavel; aquelles dous jornaes não tinham sido impressos para corroborarem as asserções de Thénardier; a nota publicada no *Monitor* era communicada administrativamente pela prefeitura de policia. Mario não podia duvidar. As informações do caixa eram falsas, e elle proprio se enganára. João Valjean, engrandecido de repente, sahia da nuvem. Mario não pôde conter um grito de alegria:

—Então, esse desgraçado é um homem admirável! toda essa fortuna era realmente sua! é Magdalena, a providencia de todo um paiz! é João Valjean, o salvador de Javert! é um heróe! é um sancto!

—Não é heróe, nem é sancto, disse Thenardier. E' um assassino e ladrão.

E accrescentou no tom de um homem que começa a reconhecer que tem alguma autoridade:

—Acalmemo-nos.

Ladrão, assassino, estas palavras que Mario suppunha desaparecidas e que voltavam, cahiram sobre elle como uma ducha de gelo.

—Pois ainda? disse.

—Não me desdigo, tornou Thénardier, João Valjean não roubou a Magdalena, mas é um ladrão. Não matou Javert, mas é um assassino.

—Quererá você fallar, continuou Mario, desse miseravel roubo de ha quarenta annos, expiado, conforme se deduz dos proprios jornaes que acabo de ler, por uma vida inteira de arrependimento, de abnegação e de virtude?

—Digo assassinato e roubo, senhor barão. E repito que fallo de factos actuaes. O que vou revelar-lhe é absolutamente ignorado. E' cousa inedita. E talvez que assim lhe seja possivel descobrir a origem da fortuna tam habilmente offerecida por João Valjean á senhora baroneza. Digo habilmente, porque insinuar-se, por uma doação deste genero, no seio de uma honrada familia, cuja abastança compartilhará, e, ao mesmo tempo, occultar o seu crime, gozar do seu roubo, esconder o seu nome, e conseguir ter uma familia, parece-me não pequena prova de habilidade.

—Eu poderia interrompê-lo aqui, observou Mario, mas continue.

—Senhor barão, eu vou dizer-lhe tudo, deixando a recompensa á sua generosidade. Este segredo vale ouro massico. Dir-me-ha: porque não te dirigiste a João Valjean? Por uma razão muito simples: sei que elle nada possui, deu toda a fortuna a v. s., e eu acho a combinação engenhosa, ora, estando elle sem um soldo de seu, mostrar-me-hia as mãos vazias, e, como careço de algum dinheiro para a minha viagem a Joya, prefiro o senhor barão, que é quem tem o bôlo, a elle que nada tem. Estou um pouco cansado, consinta que me sente.

Mario sentou-se e fez-lhe signal para sentar-se.

Thénardier repoltraou-se em uma cadeira estofada, tornou a pegar nos dous jornaes, guardou-os dentro do envoltorio, e murmurou dando unhas na *Bandeira Branca*:—Este deu-me que fazer para alcança-lo.—Depois, cruzou as pernas e reclinou-se bem,—attitude propria das pessoas que estão certas do que dizem,—e entrou no assumpto, grave e carregando nas palavras:

—Senhor barão, no dia 6 de junho de 1832, ha quasi um anno, um homem achava-se dentro da valla grande de Pariz, do lado onde ella desagua no Sena, entre a ponte dos Invalidos e a de Iena.

Mario chegou de repente a sua cadeira para a de Thénardier. Notou elle este movimento e continuou com a lentidão de um orador que prende o seu interlocutor e que sente a palpitacão do adversario debaixo das suas palavras:

—Esse homem, forçado a esconder-se, por motivos aliás estranhos á politica, tomára por domicilio a valla, da qual tinha uma chave. Isto passou-se, repito, no dia 6 de junho; seriam oito horas da tarde. O homem ouviu bulha dentro da valla. No auge da surpresa, escondeu-se, e pôz-se á espreita. Era uma bulha de passos, alguém caminhava na escuridão, dirigia-se para o seu lado. Cousa estranha, havia dentro da valla outro homem além d'elle. A grade da sahida da valla não estava longe. Uma pouca de luz que por ella entrava permittiu-lhe reconhecer o recém-chegado, e ver que elle trazia o que quer que fosse ás costas. Caminhava curvado. O homem que caminhava curvado era um antigo galé, e o que trazia ás costas era um cadaver. Flagrante delicto de assassinato, como nunca houve algum. Quanto ao roubo; conclue-se naturalmente; ninguém mata um homem de graça. Esse galé ia lançar o cadaver ao rio. Cumpre notar um facto, e vem a ser que, antes de chegar á grade da sahida, esse galé, que vinha de longe por dentro da valla, encontrara necessariamente um atoleiro medonho onde parece que poderia ter deixado o cadaver; mas, logo no dia seguinte, os alimpadores, trabalhando no atoleiro, descobririam o homem assassinado, e era isto o que não queria o assassino. Preferira atravessar o atoleiro, com o fardo, e os seus esforços deveram ter sido horriveis; é impossivel

arriscar alguém mais completamente a sua vida; nem eu mesmo sei como elle pôde sahir com vida de semelhante lugar.

A cadeira de Mario approximou-se ainda mais. Thénardier aproveitou-se disto para tomar respiração muito a seu gosto. Continuou:

--Senr. barão, uma valla não é o Campo de Marte. Alli ha falta de tudo, até mesmo de lugar. Quando dous homens se acham alli dentro, não podem deixar de encontrar-se. Foi o que aconteceu. O domiciliado e o que passava viram-se obrigados a dar-se as boas tardes, bem contra a vontade um do outro. O que passava disse para o domiciliado:—*Bem vês o que trago ás costas; é preciso que eu saia; tu tens a chave, dá-m'a.* Esse galé era um homem de uma força terrivel. Não havia modo de recusar. Entretanto o que tinha a chave puxou conversa com o outro, unicamente para ganhar tempo. Examinou o morto, mas nada pôde ver, senão que era moço, que estava bem vestido, com ar de rico e todo desfigurado pelo sangue. Ao passo que conversava, achou meio de rasgar e de arrancar por detrás, sem que o assassino o notasse, um pedaço da casaca do homem assassinado. Prova convincente, o senhor barão bem o sabe; meio de descobrir o vestigio das cousas e de provar o crime ao criminoso. Guardou essa peça na algibeira. Depois abriu a grade, deixou sahir o homem com o seu fardo ás costas, tornou a fechar a grade e mandou-se mudar, porquanto não queria ver-se mettido em semelhante aventura, e sobretudo não se achar ali quando o assassino lançasse á agua o assassinado. Agora o senhor barão comprehende. O que levava o cadaver era João Valjean; o que estava com a chave era a pessoa que lhe falla neste momento; e o pedaço da casaca...

Thénardier concluiu a phrase tirando da algibeira e levantando até á altura, seguro com as pontas dos dedos pelas duas extremidades, um pedaço de panno preto rasgado, todo coberto de manchas escuras.

Mario levantára-se, pallido, quasi suffocado, com os olhos fitos no pedaço de panno preto, e, sem dizer palavra, sem despregar os olhos daquelle trapo, recuava, ao passo que, com a mão direita estendida para trás, procurava ás apalpadellas na parede a chave que estava na fechadura de um armariozinho junto da chaminé.

Encontrou a chave, abriu o armario, metteu dentro o braço sem olhar, e sem que o seu olhar assombrado se afastasse do panno que Thénardier conservava estendido.

Entretanto este continuava :

—Senhor barão, tenho as mais poderosas razões para crer que o moço assassinado era um opulento estrangeiro, que João Valjean, sabendo que elle trazia consigo uma grande somma, fez cahir em alguma cilada.

—O moço era eu, e aqui está a casaca! bradou Mario, e lançou ao meio do chão uma velha casaca toda ensanguentada.

Depois, arrancando o pedaço das mãos de Thénardier, inclinou-se para a casaca, e uniu á aba rasgada o pedaço arrancado. O rasgão adaptava-se exactamente, e a aba ficava assim completa.

Thénardier estava petrificado. Dizia com os seus botões:—Fui derrotado.

Mario ergueu-se todo tremulo, desesperado, radiante.

Metteu a mão no bolso, e caminhou, furioso, para Thénardier, apresentando-lhe, e quasi chegando-lhe á cara, o punho cheio de bilhetes de quinhentos e de mil francos.

—Você é um infame! é um mentiroso, um calumniador, um malvado! Queria accusar esse homem, e justificou-o; queria perdê-lo, e não fez mais do que glorifica-lo. E você é que é um ladrão! E você é que é um assassino! Eu bem te vi, Thénardier, Jondrette, nessa possilga do *boulevard* do Hospital. Sei a teu respeito quanto é bastante para mandar-te para as galês, e até mais longe, se eu quizesse. Toma, ahí tens mil francos, malvado!

E atirou um bilhete de mil francos a Thénardierr

—Ah! Jondrette! Thénardier, vil facinora! Sirva-te isto de lição, revendão de segredos, mercador de mysterios, esquadrinhador de trevas, miseravel! Toma mais estes quinhentos francos, e retira-te daqui! Waterloo te protege.

—Waterloo! resmoneou Thénardier guardando no bolso os bilhetes de quinhentos e de mil francos.

—Sim, assassino! ahí salvastes a vida a um coronel.....

—A um general, disse Thénardier erguendo a cabeça com certo entono.

—A um coronel, repetiu Mario com arrebatamento. Não daria um *liard* por um general. E vens aqui fazer infâmias! Digo-te que tens commettido todos os crimes. Retira-te! desaparece! Sê porém feliz, que é tudo quanto te desejo. Ah! monstro! Aqui estão mais tres mil francos. Toma-os. Amanhan mesmo partirás para a America com tua filha; porque tua mulher morreu, abominavel embusteiro. Eu prepararei tudo para a tua partida, malvado, e nessa occasião dar-te-hei vinte mil francos. Vae buscar a forca em outra parte!

—Senhor barão, respondeu Thénardier inclinando-se até o chão, reconhecimento eterno.

E Thénardier sahio sem comprehender aquillo, estupefacto e encantado com aquelle doce esmagamento debaixo de saccos de ouro e com aquelle raio de bilhetes do banco.

Elle estava sim fulminado, mas tambem contente; e de modo nenhum quizera ter um pararaio para resguardar-se de tal descarga electrica.

Digamos desde já o que nos resta referir a respeito deste homem. Dous dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, partiu, graças aos cuidados de Mario, para a America, debaixo de um nome falso, com sua filha Azelma, munido de uma letra de cambio de 20,000 francos sobre a praça de Nova-York. A miseria moral de Thénardier, o burguez incompleto, era irremediavel; foi na America o que havia sido na Europa. O contacto de um homem depravado basta ás vezes para deturpar uma boa acção e transforma-la em cousa má. Com o dinheiro de Mario, Thénardier fez-se traficante de escravos.

Assim que Thénardier sahio da sala, Mario correu ao jardim onde Cosetta passeava ainda:

—Cosetta! Cosetta! gritou. Vem cá! vem depressa! Vamos sair. Biscainho, um carro! Anda, Cosetta! Ah! meu Deus! Foi elle quem me salvou a vida! Não percamos um minuto! Põe o teu chale.

Cosetta suppôz que elle endoudecêra, e obedeceu.

Mario não respirava, punha a mão em cima do coração para cumprir-lhe as pulsações. Andava de um lado para outro, abraçava Cosetta:— Ah! Cosetta! dizia, sou um desgraçado!

Mario estava fóra de si. Começava a entrever em João

Valjean uma grande e sombria figura. Uma virtude estranha lhe apparecia, suprema e meiga, humilde na sua immensidade. O galé transfigurava-se em Christo. Mario tinha o deslumbramento deste prodigio. Não sabia precisamente o que via, mas aquillo era sublime.

Em um instante achou-se um carro á porta.

Mario ajudou Cosetta a subir e entrou atrás della.

—Cocheiro, disse, para a rua do Homem-Armado n.º 7.

O carro partiu.

—Ah! que alegria! disse Cosetta, vamos á rua do Homem-Armado! Não ousava fallar-te nisto. Vamos visitar o senhor João.

—Teu pae! Cosetta, teu pae mais do que nunca. Cosetta, agora adivinho. Disseste-me que não recebestes a carta que eu te remettêra por Gavroche. Cabiui de certo em seu poder. Cosetta, elle foi a barricada para me salvar. Como lhe é uma necessidade ser anjo, salvou outros ao mesmo tempo; salvou Javert. Tirou-me daquella voragem para dar-me a ti. Levou-me ás costas por dentro da horrivel cloaca. Ah! sou um monstro de ingratidão. Cosetta, depois de ter sido a tua providencia, tambem chegou a minha vez de ser por elle protegido. Imagina que havia dentro da valla um atoleiro profundissimo, onde cem vezes correu risco de afogar-se, de afogar-se na lama, Cosetta! e elle atravessou-o comigo. Estava desmaiado: nada via, nada ouvia, nada podia saber da minha propria aventura. Vamos busca-lo, tralo-hemos connosco, quer queira quer não, não se separará mais de nós. Oxalá esteja em casa! Oxalá o encontremos! Passarei o resto de minha vida a venera-lo. Sim, não foi outra cousa, ouves, Cosetta? Gavroche, sem duvida, entregou-lhe a minha carta. Tudo se explica. Agora comprehendes.

Cosetta não comprehendia a menor palavra.

—Sim, comprehendo, disse ella.

Entretanto o carro rodava.

V

NOITE POR DETRÁS DA QUAL ESTÁ O DIA.

Voltou-se João Valjean, á pancada que ouviu na porta.

—Pode entrar, disse com voz fraca.

A porta abriu-se. Cosetta e Mario appareceram.

Cosetta precipitou-se no aposento.

Mario ficou no limiar, immovel, encostado á hombreira da porta.

—Cosetta! disse João Valjean, e ergueu-se da cadeira, com os braços estendidos e a tremarem-lhe, transportado, livido, sinistro, com uma alegria immensa nos olhos.

Cosetta suffocada de commoção, cahiu nos braços de João Valjean.

—Meu pae! disse.

João Valjean profundamente abalado, balbuciava:

—Cosetta! ella! a senhora! és tu! Ah! meu Deus!

E estreitado nos braços de Cosetta, exclamou.

—É's tu! estás aqui! Então perdoas-me!

Mario abaixando as palpebras para reter as lagrimas, deu um passo, e murmurou por entre os labios convulsivamente contrahidos para conter os soluços:

—Meu pae!

—E tambem o senhor me perdoa! disse João Valjean. Mario não pôde pronunciar palavra, e João Valjean accrescentou:—Obrigado.

Cosetta arrancou o chale e atirou o chapéu para cima da cama.

—Isto incommoda-me, disse.

E, sentando-se nos joelhos do ancião, afastou-lhe os cabellos brancos com um movimento adoravel, e beijou-o na testa.

João Valjean via o que ella fazia, assombrado.

Cosetta, ainda que só comprehendesse confusamente aquillo, redobrava as caricias, como se quizesse pagar a divida de Mario.

João Valjean balbuciava:

—Estultos que somos! Pensava que nunca mais a veria. Olhe, senr. Pontmercy, no momento em que entraram, eu dizia comigo mesmo: Acabou-se tado. Alli está o seu vestidinho, sou um desgraçado, nunca mais verei Cosetta, dizia isto no mesmo momento em que ambos subiam a escada. Idiota que sou! Quam estulta que é a pobre creatura humana! Mas não contamos com Deus, que é pae. Deus disse: Pensas que ficarás abandonado, pateta! Não. As cousas não se passarão assim. Eia, ha alli um pobre velhote que carece de um anjo. E o anjo vem; e o velho torna a ver a sua Cosetta! a sua Cosettinha! Ah! Quanto soffri!

Ficou um momento sem poder fallar, depois continuou:

—Realmente, era-me uma necessidade ver Cosetta um bocadinho de tempos a tempos. O coração carece de um osso para roer. Entretanto bem via que eu era de mais. Não cessava de dizer comigo mesmo:—elles já não precisam de ti, fica no teu canto, ninguém tem o direito de eternisar-se. Ah! louvado seja Deus! torno a vê-la! Cosetta, sabes que teu marido é um bonito moço? Como é lindo este colleirinho bordado que trazes; ainda bem! Gosto deste desenho. Foi teu marido que o escolheu, não? Olha, debes ter tambem os teus chales de cachemira. Senr. Pontmercy, deixe-me tracta-la assim. Não é por muito tempo.

E Cosetta dizia:

—Que maldade, abandonar-nos assim! Aonde foi?

porque se demorou tanto? Em outro tempo as suas viagens só duravam tres ou quatro dias. Mandeí Nicoletta saber noticias, e sempre lhe respondiam: Ainda não voltou. Quando foi que chegou? Porque não nos participou a sua chegada? Sabe que o acho muito mudado? Ah! que feio pae tenho eu! esteve doente e nós não o soubemos! Olha, Mario, vê como a sua mão está fria!

—Assim, pois, torno a vê-los! Senr. Pontmercy, já vejo que me perdôa! repetiu João Valjean.

A esta palavra, que João Valjean repetia, os sentimentos que tumultuavam sopeados no coração de Mario acharam uma aberta, e elle prorompeu:

—Ouves, Cosetta? Elle insiste! Pede-me perdão. E sabes o que me fez, Cosetta? Salvou-me a vida. Fez, ainda mais. Deu-te a mim. E depois de me ter salvo, depois de ter-te dado a mim, o que fez de si proprio? Sacrificou-se. Ahi está quem é este homem. E, a mim ingrato, a mim esquecido, a mim inexoravel, diz-me: Obrigado! Cosetta, toda a minha vida passada aos pés deste homem seria pouco. Essa barricada, essa valla, essa fornalha, essa cloaca, atravessou-as por amor de mim, por amor de ti, Cosetta! Transportou-me morto por entre todas as mortes que afastava de mim, e que aceitava para si. Todas as coragens, todas as virtudes, todos os heroismos, todas as sanctidades, elle as possui; Cosetta, este homem é anjo!

—Silencio! silencio! disse João Valjean baixinho. Para que fallar nisto?

—Mas o senhor! exclamou Mario com colera em que havia veneração, porque não m'o disse? Foi tambem por sua culpa. Salva a vida aos outros, e nada lhes diz! Faz mais ainda, sob pretexto de desmascarar-se, calumnia-se a si mesmo. Isto é horrivel.

—Eu disse a verdade, respondeu João Valjean.

—Não, tornou Mario, a verdade é a verdade toda inteira, e o senhor não a disse. Era o senr. Magdalena, porque não o declarou? Tinha salvado Javert, porque não o declarou? Eu devia-lhe a vida, porque não m'o declarou?

—Porque pensava como o senhor. Achava-lhe razão. Era preciso que eu me retirasse. Se lhe fallasse no favor que lhe fiz levando-o ás costas por dentro da valla,

o senhor não consentiria que eu o deixasse. Tive pois de calar-me. Se fallasse, ter-me-ia tornado incommodo.

—Incommodo a quem? incommodo porque? tornou Mario. Pois acredita que o deixaremos ficar aqui? Levallo-hemos connosco. Ah! meu Deus! quando penso que só por acaso soube disto! Ha de acompanhar-nos. O senhor faz parte de nós mesmos. E' nosso pae. Não passará nem mais um dia nesta horrivel casa. Não espere que o dia de amanha ainda venha acha-lo aqui.

—Amanha, disse João Valjean, já não estarei aqui, mas tambem não estarei em sua casa.

—O que quer dizer com isto? replicou Mario. Não, senhor, não consentimos em mais viagem nenhuma. Ha de viver connosco. Pertence-nos. Não o largamos.

—Desta vez, é de veras, acrescentou Cosetta. Temos um carro lá embaixo. Vou rapta-lo. Se fôr preciso empregarei a força.

E, rindo-se, fez o gesto de levantar o ancião nos braços.

—O seu quarto ainda lá está prompto, continuou. Se soubesse como o jardim está bonito agora! As azaleas acham-se bem crescidas. Todas as ruas foram alaistradas de arêa do rio; encontram-se nella muitas conchinhas violetas. Ha de comer dos meus morangos. Sou eu que os rego. E não mais senhora, nem senr. João; vivemos em republica, todos se tractam por *tu*, não é assim, Mario? O programma está mudado. Se soubesse, meu pae, o desgosto que tive! Havia um pintarôxo que tinha feito o seu ninho n'um buraco do muro; um horrivel gato comeu-m'o. O meu pobre pintarôxo, tam lindinho, que punha a cabeça de fóra e olhava! Cheguei a chorar. Tive impetos de matar o gato! Mas agora já ninguem chora. Todos se riem, todos vivem satisfeitos. Ha de vir connosco. Como meu avô vae ficar contente! Terá o seu canteiro no jardim, cultiva-lo-ha, e veremos se os seus morangos serão tam bonitos como os meus. E eu lhe farei todas as vontades, e não terá remedio senão obedecer-me.

João Valjean ouvia sem entendê-la. Ouvia-lhe a musica da voz, que não o sentido das palavras; uma dessas grossas lagrimas que são as perolas sombrias da alma, brotava-lhe lentamente nos olhos. Murmurou:

—A prova de que Deus é bom, é que ella aqui está.

— Meu pae ! disse Cosetta.

João Valjean continuou :

— Na verdade , seria bem delicioso vivermos juntos. Elles têm as suas arvores cheias de passarinhos. Eu passaria com Cosetta. Viver a gente assim , dar-se os bons dias , chamar-se no jardim , é doce. Verino-nos logo que amanhece. Cada um de nós cultivaria o seu cantinho de terra. Ella me daria dos seus morangos, eu a faria colher as minhas rosas. Seria delicioso. Porém...

Interrompeu-se e disse com brandura :

— E' pena !

A lagrima não cahiu , recolheu-se , e João Valjean a substituiu por um sorriso.

Cosetta pegou nas mãos do ancião.

— Meu Deus ! disse , as suas mãos ficam cada vez mais frias. Está doente ? O que tem , meu pae ?

— Eu ? nada, respondeu João Valjean, estou bom. Porém....

Callou-se.

— Porém o que ?

— Não tarda que eu morra.

Cosetta e Mario estremeceram.

— Morrer ! exclamou Mario.

— Sim , mas não é nada, disse João Valjean.

Respirou , sorriu-se e proseguiu :

— Cosetta, tu me fallavas, continúa, falla mais. Então o teu pintaroxinho morreu ? falla, quero ouvir a tua voz !

Mario petrificado olhava para o ancião.

Cosetta soltou um grito penetrante :

— Meu pae ! meu pae ! ha de viver. Quero que viva, ouviu ?

João Valjean fitou-a com adoração.

— Oh ! sim, ordenas-me que eu viva. Quem sabe ? Talvez te obedeça. Já estava para soltar o ultimo suspiro quando vos vi entrar. Senti-me mais forte , pareceu-me que renascia.

— O senhor está cheio de força e de vida , exclamou Mario. Pois acredita que se morre assim ? Teve desgostos , daqui em diante não os terá. Sou eu que lhe peço perdão, e de joelhos ! O senhor ha de viver, e viver conosco, e viver muito. Torna a ser nosso. Eu e Cosetta não teremos daqui em diante senão um pensamento, a sua felicidade !

— Está vendo, meu pae? accrescentou Cosetta debulhada em lagrimas. Mario diz que você não morrerá.

João Valjean continuava a sorrir-se.

— Ainda que voltasse para a sua companhia, senr. Pontmercy, por ventura deixaria de ser o que sou? Não. Deus pensou como o senhor e eu, e não muda de resolução; é util que eu me vá embora. A morte concilia tudo. Deus sabe melhor do que nós o que nos convém. Que ambos sejam felizes, que o senr. Pontmercy tenha Cosetta, que a mocidade despose a manhan, que haja em torno de vós, meus filhos, lilazes e rouxinões, que vossa vida seja como um taboleiro de relva inundado de sol, que todos os encantos do céu vos encham a alma, e que eu, que agora para mais nada sirvo, me retire; é por sem duvida o que póde haver mais justo. Olhae, sejamos cordatos; agora ja não ha remedio, sinto que tudo está acabado. Ha uma hora tive um desmaio. E de mais, a noite passada bebi toda a agua daquelle pote. Como teu marido é bom, Cosetta! Deves viver com elle muito melhor do que commigo.

Ouviu-se um rumor á porta. Era o medico que entrava.

— Boa noite e adeus, doutor, disse João Valjean. Aqui estão os meus queridos filhos.

Mario chegou-se para o medico. Dirigiu-lhe esta unica palavra: Senhor?... mas no modo de pronuncia-la, havia uma pergunta completa.

O medico respondeu-lhe com um olhar expressivo.

— Porque as cousas nos desagradam, disse João Valjean, não devemos ser injustos para com Deus.

Houve alguns momentos de silencio. Todos os corações estavam opprimidos.

João Valjean voltou-se para Cosetta. Entrou a contempla-la como se quizesse levar a sua imagem para a eternidade. Nas sombrias profundezas em que já se achava immerso, era-lhe ainda possivel o extasis olhando para Cosetta. A reverberação daquelle meigo rosto illuminava-lhe o pallido semblante. O sepulcro pode ter o seu deslumbramento.

O medico tomou-lhe o pulso.

— Ah! era a ausencia de ambos que elle sentia! murmurou olhando para Cosetta e Mario.

E, inclinando-se para o mancebo, disse-lhe baixinho ao ouvido :

—E' tarde.

João Valjean, quasi sem cessar de olhar para Cosetta, fitou o medico e Mario com serenidade. Ouviram sahir-lhe da bocca estas palavras mal articuladas :

—Morrer não é nada ; mas é horrivel não viver.

Levantou-se de repente. Estas voltas de forças são ás vezes o signal da agonia. Endireitou com passo firme para a parede, afastou Mario e o doutor que queriam ampara-lo, tirou do prego o crucifixozinho de latão, voltou para a sua poltrona com toda a liberdade de movimento de quem goza perfeita saude, e disse em voz alta, pondo o crucifixo em cima da mesa :

—Aqui está o grande martyr.

Depois alquebrou-se-lhe o corpo, vacillou-lhe a cabeça, como se o tomasse a embriaguez do tumulto, e, postas as duas mãos em cima dos joelhos, entrou a enterrear as unhas no panno das calças.

Segurava-o Cosetta pelos hombros, e soluçava, e buscava fallar-lhe sem poder consegui-lo. Distinguiam-se, entre as palavras misturadas com essa saliva lugubre que acompanha as lagrimas, vozes como estas :—Meu pae ! não nos deixe. Pois é possível que o tornassemos a achar para perde-lo ?

Poderia dizer-se que a agonia serpêa. Ella vae, volta, encaminha-se para o sepulcro, retrocede para a vida. Ha apalpadellas na acção de morrer.

João Valjean, depois desta meia syncope, sentiu-se mais forte, sacudiu a cabeça como para fazer cahir as trevas que a cingiam, e reassumiu quasi toda a sua lucidez. Pegou na ponta da manga de Cosetta e beijou-a.

—Tornou a si ! doutor, tornou a si ! exclamou Mario.

—Ambos sois bons, disse João Valjean. Vou dizer-vos o que foi que me affligiu. Senr. Pontmercy, o que me affligiu foi ver que o senhor não queria tocar nesse dinheiro. Elle é de sua mulher. Vou explicar-vos tudo, meus filhos, é por isto mesmo que estimei que viésseis. O azeviche preto vem de Inglaterra, o azeviche branco da Noruega. Tudo isto está escripto neste papel, que lereis. Para os braceletes, lembrou-me empregar canudinhos de metal simplesmente unidos, em vez de solda-los. Ficam assim mais lindos, melhores,

e menos caros. Já veem quanto dinheiro se pode ganhar! A fortuna é por conseguinte de Cosetta. Entro nestas minudencias para que tenhaes o espirito tranquillo.

A porteira tinha subido e espiava pela porta entreaberta. O medico despediu-a, mas não pôde impedir que a boa da mulher, levada de um sancto zelo, gritasse para o moribundo antes de retirar-se:

—Quer que lhe chame um padre?

—Já aqui tenho um, respondeu João Valjean.

E com o dedo pareceu designar um ponto por cima da sua cabeça, onde dissereis que via alguém.

E' provavel que o bispo assistisse com effeito a esta agonia.

Cosetta, com a maior delicadeza, pôz-lhe uma almofadinha por baixo dos quadris.

João Valjean continuou:

—Senhor Pontmercy, eu lhe rogo, não tenha receio nenhum. Os seiscentos mil francos são realmente de Cosetta. Pois se assim não fosse, eu morreria por ver que não querieis tocar nelles! Nós tínhamos conseguido fazer as missangas com a maior perfeição. Rivalisavamos com o que se chama joias de Berlim. O que, porém, não pôde egualar-se, são as missangas pretas de Allemanha. Uma groza, que contem mil e duzentas contas muito bem feitas, custa apenas tres francos.

Quando um ente que nos é caro está a expirar, olhamo-lo com um olhar que o envolve e que desejára retê-lo. Ambos, mudos de angustia, não sabendo o que dissessem á morte, desesperados e tremulos, estavam em pé deante d'elle, Cosetta dando a mão a Mario.

De instante a instante João Valjean declinava. Baixava; approximava-se do horisonte sombrio. Sua respiração tórna-se intermittente; o estertor começava a entrecorta-la. Já a custo levantava o ante-braço, seus pés tinham perdido todo o movimento, e ao passo que a fraqueza dos seus membros e a prostração do corpo augmentavam, toda a magestade da alma subia e ostentava-se na fronte. A luz do muudo ignoto já era visivel nos seus olhos.

Seu rosto ficava cada vez mais pallido, e ao mesmo tempo sorria-se. Nelle já não havia vida, senão outra cousa. A sua respiração encurtava-se, o olhar se alon-

gava. Era um cadaver no qual como que se distinguiam azas.

Fez signal a Cosetta para approximar-se, depois a Mario; era evidentemente o derradeiro minuto da ultima hora, e poz-se a fallar-lhes com uma voz tam fraca que parecia vir de longe, como se já houvesse uma parede entre elle e os dous jovens.

—Vem, chegae-vos ambos. Amo-vos muito. Oh! como é bom morrer assim! Tambem tu me amas, minha Cosetta. Bem sei que sempre foste amiga do teu velhote. Que boa lembrança tiveste de pôr-me esta almofada aqui! Chorarás um pouco por mim, não é assim? Muito, não. Não quero que tenhas verdadeiras afflicções. Deveis divertir-vos muito, meus filhos. Esqueceu-me dizer-vos que nas fivellas sem bicos ganhava-se muito mais do que nas outras obras. A grossa, as doze duzias, sabiam a dez francos, e vendiam-se a sessenta. Era realmente um bom negocio. Por conseguinte, não deve admirar-se dos seiscentos mil francos, senhor Pontmercy. E' dinheiro ganho honradamente. Podeis ser ricos tranquilamente. Deveis ter carro proprio, de tempos em tempos um camarote nos theatros, lindos vestidos de baile, minha Cosetta, e tambem dar bons jantares aos vossos amigos, ser muito felizes. Ha pouco estive escrevendo a Cosetta. Ella achará a minha carta. Le-go-lhe os dous castiçaes que estão em cima do fogão. São de prata; mas para mim são de ouro, são de diamante; transformam as velas que nelles pomos em cirios bentos. Não sei se quem m'os deu está contente comigo lá no céu. Fiz o que pude. Meus filhos, não esqueçaes que sou um pobre; ordenae que me enterrem em qualquer canto, com uma pedra em cima da cova para marcar o lugar. Tal é a minha vontade. Nada de nome na pedra. Se Cosetta vier á minha sepultura de tempos em tempos, hei de estimar muito. Espero que o senhor não deixará de acompanhá-la então, senr. Pontmercy. Devo confessar-lhe que a principio não lhe tinha affeição; queira perdoar-me. Agora, ella e o senhor já não são mais que um para mim. Sou-lhe muito obrigado. Vejo que zela a felicidade da minha Cosetta. Olhe, senr. Pontmercy, as suas lindas faces rosadas eram a minha alegria; quando a via um pouco pallida ficava triste. Allí na commoda ha um bilhete de

quinhentos francos. Não toquei nelle. É para os pobres. Cosetta, estás vendo o teu vestidinho em cima da cama? lembraste delle? E ha apenas dez annos que o vestias. Como passa o tempo! Nós fomos bem felizes. Acabou-se tudo. Filhos meus, não choreis, não vou para muito longe, hei de ver-vos de lá. Basta que olheis quando estiver escuro, e ver-me-heis sorrir. Cosetta, ainda te recordas de Montfermeil? Estavas no bosque, tinhas medo; lembras-te quando peguei na aza do balde? Foi a primeira vez que toquei a tua pobre mãosinha. Estava tam fria! As suas mãos eram então bem vermelhas, minha senhora; mas agora, são alvas de neve. E a boneca grande! ainda te recordas? Tu a chamavas Catharina. Como sentiste não tê-la levado para o convento! Quantas vezes não me fizestes rir, querido anginho! Quando chovia, deitavas pedacinhos de palha como barcos dentro do rego, e via-os navegar. Um dia, dei-te uma vaqueta de vime, e um volante com pennas amarellas, azues e verdes. E esqueceste-o. Eras tam viva em pequenina! Brincavas. Punhas cerejas nas orelhas como arrecadas. Tudo isto são coasas do passado. As florestas que atravessámos com nossa filha, as arvores a cuja sombra caminhámos, os conventos onde nos escondemos, os jogos, os doces risos da infancia, são meras sombras. Tinha chegado a crer que tudo isto me pertencia. Eis no que consistia a minha patetice. Esses Thénardiens foram muito máus. Eu devo perdoar-lhes. Cosetta, agora é occasião de dizer-te o nome de tua mãe. Chamava-se Fantina. Grava bem na memoria este nome: Fantina. Ajoelha-te todas as vezes que o pronunciares. Ella soffreu muito. E amava-te extremosamente. Teve em desgraça quanto tens em ventura. Taes são as partilhas de Deus. Elle está no céu, vê cada um de nós, e sabe o que faz no meio das suas grandes estrellas. Vou pois deixar-vos, meus filhos. Amae-vos sempre e muito. No mundo não ha outra cousa senão isto: amarmo-nos uns aos outros. Lembrae-vos de vez em quando do pobre velho que morreu aqui. O' minha Cosetta! não foi porque o quizesse, acredita, que levei até hoje sem ver-te; tinha o desespero no coração; chegava só até ao canto da rua; os que me viam passar sem duvida achavam-me ridiculo: estava como doudo, uma vez sahi sem chapéu. Meus filhos, já não enxergo

bem; tinha ainda tantas cousas que dizer-vos, mas é o mesmo. Pensae um pouco em mim. Sois dous entes abençoados. Não sei o que tenho, vejo luz. Chegae-vos mais. Morro contente. Dae-me as vossas queridas cabeças, quero pôr-lhes as mãos em cima.

Cosetta e Mario cahiram de joelhos fóra de si, suffocados de lagrimas, beijando cada um uma das mãos de João Valjean. Estas mãos augustas já se não mexiam.

Estava inclinado para trás, a luz dos dous castiçaes alumiaava-o; seu pallido rosto olhava para o céu, deixava Cosetta e Mario cobrirem-lhe as mãos de beijos; tinha expirado.

A noite estava sem estrellas e tenebrosa. Sem duvida, no meio da escuridão, algum anjo immenso estava em pé, com as azas desdobradas, aguardando a alma.

VI

A RELVA ESCONDE E A CHUVA APAGA.

Ha, no cemiterio do Père-Lachaise, perto da valla commum, longe do bairro elegante dessa cidade dos sepulcros, longe de todos esses tumulos de fantasia que ostentam na presença da eternidade as hediondas modas da morte, em um canto deserto, ao longo de um velho muro, debaixo de um teixo em que se enroscam trepadeiras, entre a relva e o musgo, uma lousa. Esta lousa não está mais isenta que as outras das lepras do tempo, do bolor, do lichen, e dos excrementos de passarinhos. A agua a esverdêa, e o ar a ennegrece. Não fica perto de nenhum caminho, e ninguém gosta de dirigir-se para aquelle lado, porque a relva é basta e logo se fica com os pés molhados. Quando ha um bocado de sol, alli passeiam lagartos. Em torno estremecem as avêas silvestres. Na primavera, as cotovias cantam na arvore.

Esta lousa é lisa. Quem a preparou não pensou senão no que era necessario ao tumulo, limitando-se a fazê-la de comprimento e largura sufficientes para cobrir um homem.

Não se lê nella nenhum nome.

Todavia, ha já bastantes annos, uma mão escreveu com lapis estes quatro versos que se tornaram pouco a pouco illegiveis debaixo da chuva e da poeira, e que provavelmente estão hoje apagados :

Dorme. Em que pêz à sorte, elle vivia.
Morreu, quando fugiu-lhe o seu anginho ;
A coisa foi mui simples, e de si-mesma,
Bem como, ao pôr do sol, cerra-se a noite.

FIM DO DECIMO E ULTIMO TOMO.

THE HISTORY OF THE
CITY OF LONDON
FROM THE FOUNDATION
TO THE PRESENT TIME
BY JOHN STOW

THE HISTORY OF THE
CITY OF LONDON
FROM THE FOUNDATION
TO THE PRESENT TIME
BY JOHN STOW

THE HISTORY OF THE
CITY OF LONDON
FROM THE FOUNDATION
TO THE PRESENT TIME
BY JOHN STOW

VICTOR HUGO

POR

EUGENIO DE MIRECOURT. ¹

Quando a França atravessa o barathro das revoluções, é de maravilha que não deixe n'ella cahir algum de seus mais nobres filhos. Chora Victor Hugo na terra estrangeira, como outr'ora Dante Alighieri expulso de Florença pelos Guelfos.

Não é do nosso sугeito escrever a historia do homem politico; queremos apenas narrar a do poeta.

É uma tarefa delicada, quasi impossivel, e que talvez nunca houvessemos emprehendido, se Hugo (chamamo'-lo Hugo como fazemo'-lo com Dante, Shakspeare) não fosse um d'esses 'espiritos felizes, um desses raros escriptores que assistem vivos á sua apothese, e para quem o ponteiro nunca pára no mostrador da posteridade.

O conde Victor Hugo², descendente de uma antiga e esforçada familia da Lorena, nobilitada nos campos de

¹ Depois da leitura do admiravel romance de Victor Hugo, fica-se naturalmente com desejos de conhecer ao menos alguns factos da vida de quem occupa um lugar tam eminente entre os primeiros homens do seculo—pela elevação do pensamento, pela nobresa dos sentimentos, pela grandeza da alma, pela abnegação e os sacrificios á patria.

Temos para nós que prestamos tal e qual serviço aos nossos leitores, traduzindo e publicando em seguida do romance a biographia que delle traçou Eugenio de Mirecourt, que se não é completa por faltar-lhe o lado politico, tem aliás o merito de ser muito moderna, e vir de penna que não é avesada a elogios, antes fere em geral sem piedade aos litteratos seus contemporaneos, o que vem mais em abono do author dos *Miseraveis* de quem falla com veneração e até com admiração. Apothecoses destas só o merito real as pode obrigar.

² Nunca usou do titulo, havido de seus ascendentes. Nascido nobre, quiz sempre ser povo ao invéz de muitos que procuram esconder o nascimento vilão com ourepeis e falsas lan-tojeulas.

batalha, tem escudo em campo azul, e na cimeira de prata dous passaros cortados.

Nasceu em Besançon a 26 de fevereiro de 1803.

Foi seu pae, general ás ordens de José Bonaparte, então rei de Napoles, escolhido para combatter Fra-Diavolo, esse terrivel bandido, terror da Italia, e a cuja quadrilha conseguiu dispersar.

Depois o general Hugo acompanhou para Hespanha a José Bonaparte.

Alli distinguio-se elle por sua sciencia militar e não tornou a atravessar os Pyreneus senão em 1814; quando Napoleão mandou-o deffender Thionville. Com um punhado de homens deffendeu o valoroso governador de exercitos inteiros de cossacos e de prussos as fortalezas, que lhe foram confiadas.

Viajou, pois, Hugo desde os mais tenros annos pela Italia e Hespanha.

O sol do Meio-dia aqueceu com os seus mais ardentés raios esta joven cabeça entusiasta, donde asinha transbordou a poesia como de fonte fecunda:

Com os nossos exercitos heroicos
A terra percorri antes da vida;
Peregrinei na Europa escravizada,
E, ainda infante, os anciãos absortos
Escutam-me, e pasmados vão esmando
Minha idade tam verde, e já tam cheia.

Germinavam-me n'alma escandecida
Os versos, que eu cantava em voz submissa;
Minha mãe, entre lagrimas sorrindo,
Me espreitava, e dizia: Elle conversa
Co'uma fada invisivel.¹

Contando Victor Hugo sós quatorze annos e alguns mezes, concorreu a um premio academico. Obteve apenas a primeira menção honrosa por amor de uma esquisita susceptibilidade dos senhores Quarenta. Suppose-

¹ Pomos em notas o original inimitavel dos trechos poeticos de V. Hugo, citados pelo biographo, afim de poderem ser apreciados pelos entendidos:

Avec nos camps vainqueurs, dans l'Europe asservie
J'errai, je parcourus la terre avant la vie;
Et, tout enfant encor, les vieillards recueillis

ram que por mera zombaria dera-se o concorrente aquella idade. A Academia não queria comprehender que a poesia como o valor não espera pelo numero dos annos. Dicidiu o premio entre Santine e Lebrun.

Reclamou Victor Hugo com o attestado de seu nascimento; mas era muito tarde.

Estes senhores, não podendo já dar-lhe a corôa, concederam-lhe a sua estima.

Todavia, não é d'ahi que dacta, como o insinua o senr. Alexandre Dumas no 17.^o volume de suas *Memorias*, o tam apregoado dicto de Chateaubriand.

Eis em que occasião foi elle pronunciado.

Ao voltar Carlos X de Reims, concedeu uma audiencia a Victor Hugo, que contava então vinte e dous annos, mas que parecia ter quinze. O joven autor da *Ode sobre a sagração* devia em pessoa apresentar ao rei os seus versos impressos. Carlos X pegou na folha, percorreu-a e passou-a á M. de Chateaubriand, que estava de pé á sua direita.

—Então! perguntou-lhe, que juizo formaes d'este mancebo?

—Senhor, replicou o autor d'*Atala*, é um menino sublime!

Indignado Victor Hugo com a injustiça da Academia, escolheu outro tribunal para julgar seus versos. Mandou tres trechos de poesia para Telosa, alcançou tres victorias successivas e recebeu antes mesmo de Chateaubriand o titulo de mestre nos jogos Floraes.

Morava na antiga abbadia de Feuillantines, com sua mãe, nobre e digna mulher que prodigalisava-lhe os thesouros do seu amor. A gratidão do filho tornou-a por isso immortal: dirão a mãe de Victor Hugo, como se diz a mãe dos Grachos e a mãe de San' Luiz.

Foi ella, vendeana e realista, a primeira musa do joven poeta. *Os Destinos da Vendéa. a Estatua de Hen-*

M'écontent, racontant d'une bouche ravie
Mes jours si peu nombreux et déjà si remplis.

Mes souvenirs germaient dans mon âme échauffée ;
J'allais, chantant des vers d'une voix étouffée ;
Et ma mère, en secret observant tous mes pas,
Pleurait et souriait, disant : « C'est une fée
Qui lui parle et qu'on ne voit pas ! »

rique IV e as *Virgens de Verdun* são outros tantos echos do coração materno.

Todas estas poesias, bem como a ode de *Moysés sobre o Nilo*, foram coroadas pela Academia de Clemente Isaure.

Não contava Hugo ainda desenove annos quando perdeu a mãe.

Pelo tempo do luto escreveu *Han d'Islandia*, esse livro de um cunho tam sombrio, e cujo heroe, especie de Barba-Azul levado até o subtime, estatua fóra da natureza, mas talhada no granito, encheu de pasmo toda a nossa mocidade.

O ramance *Han d'Islandia* foi o signal dessa lucta de gigante sustentada por Victor Hugo contra seu seculo, e da qual deveria sahir vencedor. De todos os lados attacavam esse mancebo audaz que abalava o barranco das velhas tradicções litterarias e parecia querer proclamar-se chefe d'eschola.

Contou Hugo os inimigos e apromptou as armas.

Hia quasi sempre, nessa epocha, passar as noites em casa do pae de Antony Deschamps. Era nimiamente timido; mas n'essa timidez deixava transparecer uma dignidade grave e quasi austera, que causava em todos uma vivissima impressão e deixava adivinhar o que seria elle no futuro.

Já o saudavam como mestre.

Nestas reuniões conheceu uma meiga donzella que despertou-lhe o coração para o amor. Dentro em pouco atreveu-se a dizer-lhe:

Do hymen casto os solitarios gosos
Fruamos, e occultemo-nos felizes.
A serpente, que roja pela terra,
Não ouve as aves, que nos céus descantam. ¹

Victor Hugo casou-se com mademoiselle Foucher em principios de 1823. O marido tinha vinte annos, a mulher quinze. Consistia sua riqueza em amor, juventude e esperanza.

¹ Goûtons du chaste hymen le charme solitaire,
Que la félicité nous cache à tous les yeux.
Le serpent couché sur la terre
N'entend pas deux oiseaux qui volent dans les cieux.

A adorada noiva tinha todos os cantos do poeta e seu coração inteiro :

Brilha em minh'alma o teu olhar esplendido ,
Em meus sonhos refulge a tua imagem ;
Guias-me pela mão, quando erro em trevas ,
De teus olhos me vem do ceu os raios !

Amo-te tanto, que, ao nomear-te, choro ;
Choro, porque na vida ha tantos males !
P'ra ti poiso não ha n'este ermo triste,
E a arvore, que te ensombre, alhures viça.

Ladeae-a, ó Deus, de paz e de ledice ;
Não lhe turveis os dias que são vossos !
Abençoe-a, Senhor, que na virtude
E' que busca su'alma a f'licidade ! ¹

Mas foram de breve dura estes dessocegos do poeta a cerca da sorte de sua companheira. A primeira edicção de *Han d' Islandia* esgotou-se com muita rapidez. Com a compra da segunda edicção, trouxe Carlos Gosselin o conforto ao novo casal, que foi aposentar-se em uma encantadora casinha, de n.º 42, na rua de Notre-Dame-des-Champs, occulta pelas arvores como um ninho de passaro.

Tinha um salão de estio com terraço ao pé, e outro d'hiverno.

A senhora Hugo, o anjo do lar, é que fazia as honras de sua casa. Perto d'ella brincavam os formosos filhos, ao redor dos grandes moveis. Entrava após o poeta,

¹ C'est toi dont le regard éclaire ma nuit sombre,
Toi dont l'image luit sur mon sommeil joyeux ;
C'est toi qui tiens ma main quand je marche dans l'ombre ;
Et les rayons du ciel me viennent de tes yeux !

Helas ! je t'aime tant qu'à ton nom seul je pleure ;
Je pleure, car la vie est si pleine de maux !
Dans ce morne désert tu n'as point de demeure,
Et l'arbre où l'un s'assied lève ailleurs des rameaux.

Mon Dieu ! mettez la paix et la joie auprès d'elle ;
Ne troublez pas ses jours, ils sont à vous, Seigneur !
Vous devez la bénir, car son âme fidèle
Demande à la vertu le secret du bonheur !

acompanhado de amigos já numerosos n'esse tempo, Paulo Foucher, A. Dumas, Emilio e Antonny Deschamps, Alfredo de Vigny, Luiz Boulanger, Mery, Gustavo Planche, Arnaldo Fremy, Julio Lefebvre, Sainte-Beuve, começavam a formar, no interesse da arte, um cenaculo poderoso, cujo era Victor Hugo cheffe.

Conversavam e liam versos.

Luiz Boulanger desenhava os retratos da familia.

Depois, antes do sol posto, hiam todos junctos dar prolongados passeios para as bandas de Montrouge ou nas planicies de Vanvres e de Vaugirard.

Muitas vezes encontravam então no caminho, ao longo das cercas de madresilva e de sabugueiro, os membros de um outro cenaculo, que reuniam-se em casa da mãe Saguet, boa laia de mulher que ainda hoje tem uma taverna em Plaisance, e que Beranger por certo conheceu antes de cantar *Madame Gregoire*: Victor Hugo e seus amigos apertavam as mãos a Thiers, Mignet, Peisse, Armand Carrel, Chenavard—operava-se a fusão dos dous cenaculos.

A poesia acolhia a politica e tractava-a como irman.

Hugo não tinha deixado de ser¹ realista; mas n'elle era antes questão de sentimento do que de convicção ¹. As odes sobre a morte do duque de Berry e o

¹ Acusado na camara, em 21 de maio de 1850, por Montalembert, campeão exaltado que tem seguido todas as bandeiras, Victor Hugo em um breve discurso, que revela não só a nobreza de sua alma, como a firmeza de seus principios, fel-o não só calar, como envergonhar-se.

Não nos soffre o animo deixar de citar o seguinte trecho d'esse discurso:

« Se entendem os meus honrados adversarios fazer allusão aos versos realistas, aliás inspirados pelo mais candido e puro sentimento, e que fiz na minha adolescencia e ainda na meninice, alguns antes dos quinze annos, isso é uma puerilidade que não merece resposta (*Movimento*). Mas se referem-se ás opiniões do homem, e não ás do menino, eis a minha resposta (*ouçam! ouçam!*):

« Entrego-vos a todos vós, aos meus adversarios, quer nesta assemblea, quer fóra d'ella, entrego-vos do anno de 1827 em diante, epocha em que entrei na idade de homem, entrego-vos tudo quanto tenho escripto, entrego-vos tudo quanto tenho dicto em todas as tribunas, não sómente na assemblea legislativa, mas na assemblea constituinte, mas nas reuniões eleitoraes, mas na tribuna do Instituto, mas na tribuna da camara dos pares (*Movimento*).

nascimento do duque de Bordeaux dactam de 1820. A que dirigiu a Chateaubriand quando este deixou de ser

« Entrego-vos, desde essa epocha, tudo quanto tenho escripto por toda a parte onde tenho escripto, tudo quanto tenho dicto por toda a parte onde tenho fallado, tudo vos entrego, sem guardar nada, sem esconder o quer que seja, e d'aqui, do alto desta tribuna desafio-vos a que encontreis em tudo isto, nesses vinte e tres annos da alma, da vida e da consciencia d'um homem, nessas paginas completamente abertas deante de vós, uma unica d'entre ellas, uma linha sequer, uma palavra em summa, sobre qualquer questão de principios que seja que me ponha em contradicção com o que digo e com o que hoje sou ! (*Bravo ! bravo !—movimento prolongado !*)

« Excavae, remexei, procurae, tudo vos abro, entrego-vos tudo, imprimi minhas antigas opiniões confronte das minhas novas, vos repto a que o façaes (*Novos applausos*).

« Se não acceitaes o desafio, se recuaes ante este desafio, digo e declaro-o de uma vez para sempre, que nunca mais responderei a ataques desta natureza senão pelo mais profundo despreso, entregando-os á consciencia publica, que é o meu e o vosso juiz ! (*Prolongadas aclamações*).

« Disse M. de Montalembert—sinto em verdade algum pudor em repetir taes palavras—disse que eu louvaminhara todas as causas e que reneguei-as todas. Empraso-o para que venha dizer aqui quaes as causas que louvaminhei e quaes aquellas que reneguei.

« Será Carlos X cujo desterro honrei no momento de sua queda, em 1830, e cujo tumulo honrei por sua morte, em 1836 ? (*Sensação.*)

« Será a senhora duquesa de Berry, cujo vendedor injurie, condemnando ao mesmo tempo o comprador ? (*Triplíce salva de palmas—todos os olhos voltam-se para M. Thiers*)

« Será Napoleão, para cuja familia pedi no seio da camara dos pares a entrada no sólo da patria, sahindo-me contra os actuaes amigos de M. de Montalembert, que não quero agora nomear, e que, cobertos dos beneficios do imperador, levantaram a mão contra o imperador ? (*Muito bem ! muito bem ! Bravos da esquerda. Todos os olhos procuram M. de Montebello.*)

« Será, enfim, a senhora duquesa d'Orleans, cuja regencia fui um dos ultimos, quiza o ultimo que proclamei, na praça da Bastilha, a 24 de fevereiro, ás duas horas da tarde, em presença de trinta mil homens do povo armados, porque tinha mui presente o meu juramento de par de França ? (*Movimento.*) Senhores, sou comeffeito um homem bem singular, em toda a minha vida só prestei um juramento, e esse cumpri-o ! (*Muito bem ! Muito bem !*)

« É verdade que depois que a republica foi estabelecida não tenho conspirado contra ella ! será isso que em mim censuraes ? (*Applausos.*)

« Senhores, direi ainda ao honrado M. de Montalembert : Dizei pois quaes são as causas que tenho renegado ; e quanto a vós,

ministro é do mesmo anno. O jovên poeta consola-o e anima-o já na sua opposição:

Tambem que irias tu fazer na côrte?
De borrascosa esphera altivo filho,
A quem jamais a dor espanta ou quebra,
Não és tu d'esses, raros nas tormentas,
Que, pondo a vida em risco, só cortejam
Aos reis no cadafalço? ¹

O mesmo sentimento patriótico dictou a ode a Bonaparte. Estava a nação inteira ainda debaixo da impressão do grito de desespero das mães.

Reuniu o livreiro Ladvocat, em 1826, as *Odes e Baladas*; formou com ellas dous volumes, que o publico acolheu com enthusiasmo, e que deram ao author gloria e fortuna.

Sentado á sombra do seu jardim solitario, entre uma mulher adorada e filhos gentis que ouviam-lhe seus sorrisos, vivia feliz o poeta.

Eram muitas vezes os passeios á varzea do Vanvres de uma alegria louca.

Hugo brincava com os filhos e rolava-se na relva verdejante.

Uma tarde, treparam a uma collina, em cuja cumia-da agitava um moinho de vento os braços gigantesco. O poeta quiz apostar em como se agarraria a um delles e daria uma volta pelos ares.

Sua mulher soltou gritos de pavor.

Deu de mão a esta viagem aerea e perigosa; mas, para provar que a cousa era possível, atirou o lenço da mulher sobre uma das azas que subia, e correu, depois, para o outro lado afim de apanha-lo na descida.

não direi quaes são as causas que haveis bajulado e depois renegado, porque não uso com levesa de taes palavras. Mas direi quaes são as bandeiras que haveis, tristemente para vós, abandonado. São duas: a bandeira da Polonia e a bandeira da liberdade! (*Muito bem! Muito bem!*) »

¹ Aussi, dans une cour, dis-moi, qu'allais-tu faire?
N'est tu pas, noble enfant d'une orageuse sphere,
Que nul malheur n'étonne et ne trouve en défaut,
De ces amis des rois, rares dans les tempêtes,
Qui, ne sachant flatter qu'au péril de leurs têtes,
Les courtisent sur l'échafaud?

Mas de repente abriu-se no moinho uma trapeira.

Appareceu um rosto zombeteiro, estendeu-se uma mão, e o lenço, no melhor da sua ascensão, tornou-se presa do moleiro que fechou a trapeira com uma estrepitosa gargalhada.

A cambraia e as rendas do lenço da mulher de Hugo foram sem duvida offerecidas a alguma gordanchuda camponia da vizinhança pelo seu chichisbeu enfari-nhado.

Todavia, no meio d'essas alegrias de familia e d'esta felicidade de todas as horas, não descansava o escriptor. A lucta que annunciámos tornava-se eminente. Cada dia um novo ataque accommettia Victor Hugo no seu retiro. Não se pejavam de dizer que tomara as cordas do alaude de Byron para encordoar o seu. Quando publicou-se *Bug-Jargal*, a cohorte inimiga deu este livro como uma imitação dos romances de Walter Scott. ¹ Foram mais longe. Tractaram-n'o de barbaro. Todos os folhetins voz em grita bradaram que estava fóra dos preceitos do gosto, e que despresava o dictionario da Academia, a poetica d'Aristoteles e os versos de Racine. Quiseram cortar-lhe as azas e enfaixa-lo nos vellos mantéos do passado.

Devia a injustiça do ataque trazer, como sempre, a exageração da deffesa.

Forçavam necessariamente o poeta ou de adorar o idolo ou de queimal-o. Elle queimou-o.

Foram *Cronvvel* e seu *prefacio* o signal de uma guerra encarniçada, terrivel, implacavel, de um cutro combate das Thermopylas, em que um punhado de homens, condusido por um chefe em quem sobrava o animo, ousou combater milhares de inimigos e sair victorioso da lucta.

Victor Hugo mudou-se da rua Notre-Dame-des-Champs, porque via os architectos edificarem no meio de seus bellos passeios, e trazerem Paris até a sua solidão.

¹ *Bug-Jargal* é o primeiro romance escripto por Victor Hugo.

* Em 1818 o author deste livro tinha desesseis annos. Apos-tou em como escreveria um volume em quinze dias, e fez *Bug-Jargal*.

(Prefacio de *Bug-Jargal*.)

Alem d'isso a senhora Hugo perdera ahi o seu primogenito.

Em um coração materno, as lembranças tristes do lucto são já de si immorredouras quando ainda nada que vos rodeia vol-as recorde. O poeta retira-se, tendo antes escripto estes quatro versos sobre o tumulo da doce creatura, que hia encontrar-se com os anjos :

Oh ! nesse mundo perennal, augusto,
Nas ondas do praser puro, ineffavel,
Longe de tua mãe, de seus carinhos,
No céu não serás orphão ? ¹

Armou na rua Jean-Goyon, nos Campos Elysios, a nova tenda onde abrigou-se a familia. Victor Hugo permaneceu nella até 1830, epocha em que estabeleceu-se no centro de Paris, na casa n.º 6 da Praça Real.

Foi ahi que a nossa geração litteraria o conheceu.

Por quinze annos governou o rei da poesia moderna n'esse antigo palacio a Luiz XIII, nessa silenciosa e solemne mansão.

Tinha, como o rei das Tulherias, sua cõrte, cõrte assidua, dedicada, cheia de veneração para com o mestre, sempre disposta a aplaudi-lo, sempre prompta a deffende-lo.

Entrava-se por uma ampla ante-camara que olhava para a Praça Real

Dava esta ante-camara para uma sala de jantar adeçada de tapeçarias e cheia de moveis antigos. A chaminé achava-se occulta por uma esplendida panoplia, a que pareciam tributarios vinte seculos. A flecha do soldado franco, a framea do germano crusavam-se com o gladio das legiões romanas; o yatagan do arabe fraternizava com nossos velhos arcabuzes, e nossos mosquetes de mecha com a acha d'armas de cavalleiro.

Passava-se d'este compartimento para o salão, forrado de encarnado, com uma maravilhosa tapeçaria cujo assumpto fôra tirado do romance da *Rosa*.

Erguia-se defronte um largo estrado sobre o qual ha-

¹ Oh ! dans ce monde auguste, où rien n'est éphémère,
Dans ces flots de bonheur que ne trouble aucun fiel,
Enfant ! loin du sourire et des pleurs de ta mère,
N'est tu pas orphelin au ciel ?

via um divan, tendo por cima uma especie de docel. No fundo desfraldava-se um estandarte vermelho bordado de ouro, tomado, em 1830, á casbah d'Alger.

Foi Victor Hugo quem primeiro introduziu entre nós o gosto pelos bellos moveis historicos.

Tinha o salão da Praça Real um character grandioso, que fazia ter-se dó das estreitas cellas onde a mesquinha alvenaria parisiense nos entaipa. Dous grandes retratos em pé, representando Hugo e sua esposa, tinham sido n'elle pendurados por Luiz Boulanger, pintor da familia e amigo da casa. Dava-lhes o talento do artista uma expressão tam viva e natural, que pareciam prestes a descer do seu quadro gothico para vos comprimentar e acolher.

Ficava perto d'elles o precioso painel de Saint-Evre, dado a Victor Hugo pelo duque d'Orleans.

Demorava o quarto de dormir no fim de um comprido corredor como esses que havia outr'ora nos claustros, depois seguia-se o gabinete de trabalho, admiravel museu, que a fantasia do poeta havia povoado d'objectos d'arte de todo o feitio. Penetrava nelle a claridade por uma janella em ogiva, guarnecida de vidros pintados, que derramavam uma luz estranha e fantastica sobre as poltronas de carvalho esculpido, os forros de ramagens, as figurinhas, os objectos de barro, as statuasinhas, os artefactos vetustos de Sevres:

E o quadro antigo que se achou nas ruínas,
E o pançudo chinez, como um pepino.¹

Veio reunnir-se, no cenaculo da Praça Real, aos antigos frequentadores da rua Notre-Dame-des-Champs. Boulanger, Mery, Saint-Beuve, Dumas, etc., uma multidão de novos amigos.

Corria toda a joven litteratura a prestar homenagem áquelle que aceitava por chefe.

Alfredo de Musset, Affonso Karr, Theofilo Gautier, Paulo Meurice, Lourenço Pichat, Gerardo de Norval, Arsenio Houssaye, Felix Pyat, Gozlan, Sandeau, Vac-

¹ Et le tableau trouvé sous d'antiques décombres,
Et les chinois ventrus, faits comme des concombres.

querie e muitos outros mais vinham alistar-se sob a bandeira do romantismo e formavam ao redor do mestre uma phalange intrepida.

Olhava-o, essa mocidade idolatra de seu talento, como um Deus.

Era a epocha dos grandes triumphos de Hugo. Contudo nenhum escriptor houve nunca que mais tropeços tivesse que vencer.

« Lord Byron, servindo-nos d'uma expressão de Julio Janin, dormia envolto na sua mortalha de gloria »

Walter Scott era lido de uma a outra extremidade do universo, e Casimiro Delavigne, romantico envergonhado e occulto por sua classica toga, via-se graças ao disfarce, quasi só favorecido pela commissão da *Comedia Francesa*.

A lucta, como se vê, tornava-se difficil.

Fez, com as *Odes e Balladas*, raiair sua estrella á par do astro de Byron.

Restava-lhe arcar contra Walter Scott, e obrigar M. Delavigne a ceder parte do terreno de que estava de posse.

Victor Hugo publicou o *Ultimo dia de um condemnado*, depois *Nossa Senhora de Pariz*, esse gigante entre os livros, ante o qual empallidecem e prostram-se todas as obras do narrador escossez.

Quanto a M. Delavigne, esse viu-se constrangido a saudar *Hernani*, que acabava de invadir triumphalmente o repertorio do Theatro-Francez.

Dizemos *invadir*, porque se houve ainda author dramatico que mais tivesse que luctar contra a má vontade dos bastidores, foi esse sem duvida alguma Victor Hugo. Mademoiselle Mars, a grande artista, tinha pretenções a uma opinião litteraria e a conselheira dos authors. Tractava-os com essa sem cerimonia curiosa que é propria aos comicos, e que tem-se perpetuado de Gil-Braz até os nossos dias. Vendo chegar Victor Hugo, cuja dignidade de nascença e character de bronze occultam-se sob as apparencias de uma timidez silenciosa, tractou-o de rainha para pagem, e poz-se a mastigar pastilhas durante a leitura de *Hernani*.

Lia elle proprio a sua peça.

Chegado que foi a estes versos do terceiro acto que põe na bocca de dona Sol:

Moi, je suis fille noble, et, de ce sang jalouse,
Trop pour la concubine et trop peu pour l'épouse.

(Sou fidalga e ciosa d'este sangue,
Baixa p'ra vossa espôsa, sou mui alta
P'ra vossa *concubina*.)

Uma voz interrompeu-o, dizendo :

— « Favorita ! »

Hugo ergueu a cabeça e encarou mademoiselle Mars, que tinha os olhos pregados no tecto e os dedos na caixa de confeitos.

Julgou ter percebido mal e repetiu :

Sou fidalga e ciosa d'este sangue,
Baixa p'ra vossa espôsa, sou mui alta
P'ra vossa *concubina*.

— « Favorita ! » disse a mesma voz.

Era indubitavelmente mademoiselle Mars quem assim o interrompia; mas que não olhava para elle. Tinha os olhos pregados no tecto.

O author d'*Hernani* repetiu sem mostrar-se abalado:

..... sou mui alta
P'ra vossa *concubina*

— « Favorita ! » disseram pela terceira vez.

— Sois vós, senhora, disse Hugo comprimentando a illustre actriz, que daes-me a honra de interromper-me ?

— Sim, senhor, redarguiu mademoiselle Mars.

— Julgaes então que a palavra *favorita* substitue com vantagem *concubina* ?

— Tenho certesa d'isso. Nunca ouvi dizer-se no theatro — *concubina*.

— Dil-o-hão agora, senhora, pela primeira vez. Esta palavra dá muita energia ao meu pensamento, em quanto que a outra enfraquece-lo-hia.

— Como bem o quizerdes, senhor. Comtudo, como tendes a bondade de destinar-me o papel de dona Sol, sempre quero prevenir-vos que acho muito duro atirar assim para o publico semelhante palavra.

— De vós, senhora, o publico tudo accita.

— E' possível. . . . menos *concubina* por certo ! *concubina* não hade passar.

—Ve-lo-hemos, senhora, na primeira representação, respondeu Victor Hugo comprimentando-a com toda a dignidade e cortando assim tam estranho dialogo.

Deu-se tres dias depois o primeiro ensaio das partes.

Os authores, na Comedia-Franceza, sentam-se no primeiro banco da orchestra. Ficam mal allumiados. Vêem os actores ao passo que estes mal os podem distinguir na sombra do salão.

Chegado ao trecho da ante-vespera, mademoiselle Mars, piscando o olho, aproximou-se do balaustre com o papel na mão, e disse com leve tom de impertinencia:

—Façam-me o obsequio de dizer se está ahi o senhor Hugo?... Ah! muito bem!... enxergo-vos, senhor... Nada de encommodos! Persistis em *concupina*?

—Sempre, senhora,

—Recusaes substituir isto por *favorita*?

—Sim, senhora. E' favor recitardes o verso como o escrevi.

—Heide recita-lo! senhor, heide recita-lo!... *Concupina* será bonito! como o publico vae patear *concupina*!

—Patea-lo-ha, senhora.

—Ainda temos mais, continuou mademoiselle Mars. Porque, senhor Hugo, fazeis dona Sol dizer a Hernani:

Vous êtes mon lion superbe et généreux!

(Vós sois o meu leão soberbo e nobre!)

—Julguei que assim é que ella devia dizel-o, replicou o poeta.

—*Leão* parece no entanto esquisito; porque no fim de contas não sou nenhuma leôa.

—Não padece duvida, senhora; mas a metaphora é cousa permittida.

—Parece-me, retrucou mademoiselle Mars, que seria mais simples dizer-se:

Vós sois o meu *senhor* soberbo e nobre!

—Perdão! mas eu não aceito *senhor*.

—Peior para vós! *leão* partilhará a pateada de *concupina*.

—O publico, senhora, estará em seu direito, replicou Victor Hugo, comprimentando-a sempre com apurada polidez; mas vós não o estaes interrompendo assim os ensaios. Continuemos, se vol-o aprouver.

Tinha todos os dias taes e quejandas disputasinhas. Se não partiam de Célimène, eram de outros artistas. Nunca abandonou-lhe a sua maravilhosa serenidade de espirito.

Havia então á frente do Theatro Francez um homem de uma intelligencia peregrina, um verdadeiro amigo das lettras que, mais judicioso do que mademoiselle Mars, augurou ao poeta uma victoria estrepitosa, e indemnizava-o com toda a casta de obsequiosidades do mau acolhimento dos societarios. O senhor barão Taylor confiara n'essa nobre hardidez do genio, que sahia das estradas battidas da arte para correr apoz a descoberta de um novo mundo.

Não era *Hernani* o primeiro drama encommendado por Taylor ao poeta: tinha elle já escripto *Marion Delorme* para o Theatro Francez. Atordoada, porém, a censura com o papel de Luiz XIII, prohibiu a representação d'este drama. Recorreu-se ao proprio Carlos X, impetrando d'elle a licença. Victor Hugo obteve uma nova audiencia em Saint-Cloud.

Acha-se nos *Raios e Sombras* a descripção d'esta audiencia.

N'esta idade em que tudo se abastarda,
Tudo é grave, Senhor! Tranquilla e forte
Quer a arte ter franco e livre o passo.
Os reis mortos pertencem-lhe—deixae-ll'os;
Inimiga não é, porque irrital-a
E entregal-a na treva aos torcionnarios?
Repara, que nas mãos ella traz raios. . .

Sorrindo, Carlos respondeu: «poeta!»¹

Comprehende-se que o netto de Luiz XIII não podia sacrificar o avô, e o *veto* de censura foi mantido. Desejava, comtudo, Carlos X indemnizar o author de *Marion Delorme*, que já era condecorado e tinha uma pensão. Foi esta pensão elevada de dous a seis mil

¹ Ah! sire: tout est grave en ce siècle où tout penche!
L'art tranquille et puissant vent une allure franche.
Les rois morts sont sa proie, il faut la lui laisser;

francos; mas em tal conjunctura, julgou Victor Hugo que era de seu dever e de sua honra não aceita-la.

Eis o que tiveram sempre os seus inimigos o cuidado de calar.

Poz Victor Hugo peito ao trabalho para consolar M. Taylor, a quem roubavam uma peça em que tinha fundado suas mais ricas esperanças, e trouxe, passados dous mezes, os cinco actos de *Hernani*, onde mademoiselle Mars foi sublime a pesar de todas as suas previsões e receios.

D'alli por deante entraram os comicos a respeita-lo mais.

Muitas vezes, o velho Joanny, incumbido do papel de dom Ruy Gomez, dissera-lhes ao ouvido :

—Cautela! não ataqueis M. Hugo. Pareceis-me pilastras a attacar uma pyramide.

Na trigesima representação, encontrando o joven author em um dos bastidores do theatro, perguntou-lhe Joanny todo commovido :

—Senhor Hugo, dar-me-heis a honra de vir jantar commigo?

—Com muito gosto, respondeu o poeta.

E assentava-se, no dia seguinte, na mesa em volta da qual Joanny reunira sua familia patriarcal, e mais doze ou quinze amigos da idade d'elle. Hugo recebeu desses veneraveis convivas um acolhimento que lhe fez batter o coração.

Levantou-se Joanny, á sobremesa, e fez o seguinte brinde :

—« À Victor Hugo. » O desconhecido velho que representou no *Cid* o papel de dom Diogo não ficaria tam cheio de si ao dizer :—« A Pedro Corneille. »

Só dous annos mais tarde, quando a revolução de julho mandou para Holy-Road o netto de Luiz XIII é que Marion Delorme teve as honras da scena. Disputou Harel, director da Porte-Saint-Martin, este primor aos associados da Comedia-Franceza, arrancou-lh'o das mãos e carregou-o como um avarento carrega seu thesouro.

Il n'est pas ennemi, pourquoi le courroucer
Et le livrer dans l'ombre à des tortionnaires,
Lui, dont la main fermée est pleine de tonnerres?

Charles X, souriant, répondit : « Ô poète ! »

Offereceram os bastidores da Porte-Saint-Martin um curioso incidente na decima-oitava repetição do drama.

Não tinha a peça o desenlace que hoje tem. Arrastava-se Marion de joelhos aos pés de Didier, sollicitando em balde o seu perdão; este a repellia e eram poucos os termos com que a maldizia.

—Pobre mulher! diziam, quanto é duro! . . . porque negam-lhe o perdão?

—Porque a moralidade da peça assim o exige, respondia o author.

—Isso não tira, murmurava madame Dorval, que Didier seja na realidade muito cruel.

— Concedei-lhe o perdão! senhor Hugo, concedei-lhe o perdão! bradavam de todos os lados.

Hugo dobrou-se, e no dia seguinte appresentou essa magnifica scena do perdão, que o publico nunca ouve sem debulhar-se em lagrimas.

Acusam a eschola romantica, cujo summo sacerdote é Victor Hugo, por ter-não raro hido alem dos limites; mas a contradicção teve, e terá sempre analogo effeito. Para bem estabelecer um principio cumpre exagera-lo. Demais, essa mesma exageração teve tambem seu effeito salutar. *Maria Tudor*, *o Rei diverte-se*, *Lucrecia Borgia*, *Angelo*, conteem innumeras qualidades dramaticas. Ha nellas uma completa e energica revelação do quanto se pode tentar no theatro.

Censuram tambem a Victor Hugo por amar os monstros e consagrar seu talento á rehabilitação da fealdade.

Quereriam talvez que despresasse a espada por amor da bainha.

E, comeffeito, aos olhos de certa gente a alma de pouca monta e o corpo de grande valia. O que são os dons preciosos da intelligencia, as sanetas qualidades do coração, a dedicação, o amor, a piedade, sem as formas physicas? Um ente para tal grei não pôde sentir, comprehender e amar se pela ventura não possue os dotes do corpo. Se *Quasimodo* quizesse agradar-lhe devia ser um Narciso, ou pelo menos o pastor d'Elide sem tirar nem pôr.

Pretenderam os antagonistas do grande poeta, que não recuam deante de nada e caluniam sempre, seguros de que alguma cousa lhes fica por dizer, que Victor Hugo inscrevera na sua bandeira o motto: « *O bello*

é o feio. » Nunca jamais pregou-se mais clamorosa mentira. « *A arte pela arte* » é outra maxima, antes asnidade, cuja descoberta só elles teem o direito de reclamar.

Sempre na brecha, sempre luctando, sempre certo da victoria, não recuou Victor Hugo, a despeito dos ataques da malevolencia, uma linha se quer da carreira gloriosa.

Assediavam-lhe a porta livreiros e directores de theatro: ninguem deixava-o socegar.

Gosselin, que publicara o *Ultimo dia de um condemnado*, reclamava instante *Nossa Senhora de Paris*, e ameaçava-o dado que no dia aprasado lhe não entregasse o romance.

Não morava ainda na Praça Real. A dar-se credito a M. Alfredo de Musset a obra foi começada em meados de 1830 :

Já começavam de avultar-lhe n'alma
De *Notre Dame* as torres,
E já traçava então, com surto d'aguia
Escallal-as affeito. ¹

Entregue uma vez ao trabalho, não parou mais. Custou-lhe *Nossa Senhora de Pariz* innumeradas investigações: é a um tempo uma maravilha d'interesse, um primor de stylo e um prodigio d'estudos archeologicos. Consagrou no entanto apenas seis semanas á execução d'essa criação gigantesca. Trabalhou sem descanso e sahio uma unica vez para assistir a uma das audiencias do processo dos ministros. Chegado o inverno, os creados acendiam lume em barda no seu gabinete de trabalho, e deixavam por ordem do amo a janella de continuo aberta.

No dia aprasado pelo contracto com Gosselin, estava *Nossa Senhora de Pariz* no prelo.

Não descansou! se o livreiro estava servido, reclamavam-n'o os theatros. Representou-se no Theatro Francez o *Rei diverte-se*, prohibido quasi que immediata-

¹ Hugo portait déjà dans l'âme
Notre-Dame,
Et commençait à s'occuper
D'y grimper.

mente, e que para ser conhecido foi preciso recorrer-se à impressão. Esgotaram-se quarenta mil exemplares.

Teve Lucrecia Borgia seis semanas depois um successo immenso na Porte-Saint-Martin.

Ainda está na memoria de todos: foi o Waterloo do exercito classico.

Nunca houve obra acolhida com mais unanimes applausos. Os velhos criticos ¹ corridos de vergonha como que se escondiam pelos corredores. Se arriscavam qualquer censura, retractavam-se logo ao ver passar os vencedores. Estes, tambem, não procuravam vexa-los, contentavam-se com empulha-los.

Ha mais de uma hora que um folhitinista da *Quotidianna* repettia por todos os cantos:

—Vinho de Syracuse!... que boa doidice!... Falla-se n'este drama de principio a fim no vinho de Syracuse: quando é que houve vinho de Syracuse?

—E esta! disse Mery que passeava por alli perto, se quizerdes vou já fazer-vo-lo beber.

—Vinho de Syracuse?

—Sim.

—Aonde hirieis descubri-lo?

—Em qualquer casa de pasto.

—Qual!

—E' como vo-lo digo. Aposto que ha mesmo aqui no caffè do theatro.

—Vinho de Syracuse?

—Vinho de Syracuse. Temos doze minutos de intervallo, vinde commigo!

Tinha o author de *Florida*, durante este dialogo, acotovellado Gerardo de Nerval, que lhe estava proximo. Adivinhou este a significação do signal, e desceu logo.

Encontraram no caminho a outros folhitinistas.

Admirados ao saberem que o vinho de Syracuse não era um mytho, um symbolo, uma cousa que só poderia ter fermentado no cerebro do poeta, seguiram o collega para apreciar esse divino licôr, que amadurece na ilha dos tres cabos, na feliz Trinacria.

—Um momento, senhores! disse Mery, chegados que foram à porta do caffè. E' uma aposta. Quero saber se

¹ Quasi que se torna ocioso dizer que Janin e Theofilo Gautier não entram n'este numero.

aceitam ou não cincoenta luizes d'ouro contra um artigo rutilante de cada um dos senhores a favor de *Lucrecia Borgia*.

—Bom! aceitamos! disseram os folhetinistas em choro.

Entrou Mery cheio de gravidade no caffè, cumprimentou a balconeira, e gritou bastante alto:

—Uma garrafa de vinho de Syracuse?

—Prompto, senhores, prompto, respondeu um criado: só o tempo de descer a adega e estarão servidos.

Todo o grupo de criticos, um instante depois, sem fazer reparo no sorriso de mofa de Gerardo que estava a um canto, bebia á saude de Victor Hugo e esvasiava uma garrafa de geropiga feita por um boticario do boulevard.

Na segunda feira estrugiu por todo o jornalismo um admiravel concerto de elogios: os senhores folhetinistas pagavam a aposta perdida.

Era Mery com Affonso Karr, Foucher, Vacquerie, Paulo Meurice e Sainte-Beuve, o frequentador mais assiduo dos salões da Praça-Real. Infundia-lhe esse espirito elegante, essa inesgotavel e agradavel facundia de narração que tanto o distinguem.

Riam-se alli todos, menos Affonso Karr, de suas anedoctas.

Ha tempos que assemelhava-se a um homem perseguido por um sonho. Tornava-se-lhe a vista cada dia mais inquieta, e a fronte mais taciturna. N'essa roda havia uma cabeça que soberanamente lhe desagradava—era a cabeça pontuda de M. de Sainte-Beuve.

Desfazia-se este, porem, como todos os outros nos mais vivos e sinceros testemunhos d'amisade e d'admiração para com Victor Hugo. Exclamava com enthusiasmo:

Oh! cante largo tempo, enquanto altivo

Resoar o alaúde, que nos guia,

A liça manteremos!

Duas voltas ou tres ao som das trompas,

Ao tinir d'essa voz, que repetimos,

Vae Jerichó por terra! ¹

Referia-se M. de Saint-Beuve á Academia quando empregava o termo *Jerichó*.

¹ Oh! qu'il chante longtemps, car son luth nous entraine,

Mudaram muito depois d'isto tanto suas opiniões como affeições. Já não attaca *Jerichó*, que deu-lhe livre entrada em seu recinto; mas em compensação cada vez se torna menos entusiasta de Victor Hugo.

Não ha quem se não admire, e com razão, ao ver M. de Sainte-Beuve deixar insultar seu velho amigo em folhas periodicas que elle dirige como todos perfeitamente o sabem.

Ha dedicações sempre promptas a saudar a felicidade e a fugir ante a desgraça.

Desde aquella epocha que já o author das *Vespas* farenjava aquella deserção.

Certo dia não pôde Affonso Karr conter-se mais que não publicasse no *Figaro* um artigo com este titulo: *O temivel bomzão*. Muitos authores acharam os traços tam parecidos com os de M. de Sainte-Beuve a ponto de enganarem-se.

Ha pouco houve quem aventurasse no circulo de M. de Girardin esta pergunta:

—Porque é que M. de Sainte-Beuve, que fazia de primeiro obras tam notaveis, deixou-se agora ficar constantemente na rabadilha do mediocre?

—Quereis saber a razão, disse madame de Girardin? Sainte-Beuve era um fogão onde Victor Hugo mettia lenha. Victor Hugo já deixou-se d'isso.

Ao passo que por aquelle tempo inseria a *Revista de Paris Claudio Gueux*, acolhia o publico com tamanha sofreguidão, que fazia desesperar a eschola rival, as *Folhas d'outomno*, as *Orientaes*, e os *Cantos do crepusculo*.

Lê-se cada um d'esses volumes de um só folego, o que raro succederá a composições d'este genero. Acha Victor Hugo a la par das mais sublimes inspirações paginas cheias de sentimento e graça. Nunca encontra-se em seus escriptos a monotonia, esse escolho do musico e do poeta. Sabe descer das alturas olympicas de seu genio para estender a mão aos que soffrem, para con-

Nous rallie et nous guide, et nous tiendrons l'arène
Tant qu'il retentira !

Deux ou trois tours encore au son de la trompette,
Aux éclats de sa voix, que tout un chœur répète,
Jéricho tombera !

solar os que choram : faz-se o patrono do pobre e prega a sancta esmola :

Dae, ó ricos ! da prece a esmola é socia.
Quando em vão ajoelha á vossa porta
Pobre velho engelhado e intorpecido ;
Quando, rouxas de frio as mãos, seus filhos
De vossas mezas lantais as migalhas
Catam a vossos pés, de vós se aparta
A face do Senhor.

Dae ! Para que dê Deus, que é quem dá tudo,
A vossos filhos força, ás filhas graças ;
Para que em doces bagos medre a vinha,
P'ra que vos rompa a messe amplexos elleiros,
P'ra que sejaes melhores, e nos sonhos
Vejaes, á noite, os anjos a folgarem. ¹

Mais adeante esquece como Christo a mulher culpada e diz aos phariseus dos nossos dias :

Á misera que peca não doestemos !
Quem sabe a que pressão verga-se-lhe a alma,
Quantos dias luctou, morrendo á fome ?
Qual de nós não a viu a se agarrar
Com mãos desfallecidas á virtude !
Assim vemos na folha a gota d'agua
Em que se espelha o céu, que, sacudido
O tronco, treme, e lucta, e tomba, perola
Antes de cair, lama apoz a queda !
A culpa temos nós ; e vós, ó ricos !
N'essa lama, comtudo, inda agua ha pura.
P'ra que da lama brote a gota d'agua,
E perola resurja como dantes,
Basta, visto que á luz assim vem tudo,
Basta um raio de sol, d'amor um raio. ²

Dirigiu a 10 de setembro de 1834 uma supplica ao duque d'Orleans a favor de um velho, cujas filhas sem

¹ Donnez, riches ! L'aumône est sœur de la prière.
Helas ! quand un viellard, sur votre seuil de pierre,
Tout raidi par l'hiver, en vain tombe à genoux ;
Quand ses petits enfants, les mains de froid rouges,
Ramassent sous vos pieds les miettes des orgies,
La face du Seigneur se détourne de vous.

Donnez ! afin que Dieu, qui dote les familles,
Donne à vos fils la force et la grâce à vos filles ;
Afin que votre vigne ait toujours un doux fruit,
Afin qu'un blé plus mûr fasse plier vos granges,
Afin d'être meilleurs, afin de voir les anges
Passer dans vos rêves la nuit.

² Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe !

trabalho nem pão tinham só em expectação a morte ou a prostituição. O duque deu cem luizes e a familia foi salva :

Que sancta acção, ó principe, fizestes !
 Longe da esphera em que a ambição se expande,
 Um pae e filhas, cans, loiras madeixas,
 Em densa treva involtos caminhavam,
 Quasi a cair n'um pelago de dôres,
 O pae no crime, as filhas nos prostibulos.
 Eu vos disse : Alli juncto ao precipicio
 Em lubrico declive uns desgraçados
 Tremem. Oh ! dae-lhe a mão, dae-lhes soccorro !
 E vós então, parando no caminho,
 Sem nomes inquirir, as mãos abristes
 E salvastes da fome os miseraveis.
 Depois a mim, que só vos contemplava,
 Bondadoso dissestes : Obrigado ! ¹

Um tal rasgo não é para louvar só no poeta, tambem no principe. Versos que se tradusem por taes actos não

Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe,
 Qui sait combien de jours sa faim a combattue ?
 Quand le vent du malheur ébranlait leur vertu,
 Qui de nous n'a pas vu de ces femmes brisées
 S'y cramponner longtemps de leurs mains épuisées,
 Comme au bout d'une branche on voit étinceller
 Une goutte de pluie où le ciel vient briller,
 Qu'on sezone avec l'arbre, et qui tremble et qui lutte,
 Perle avant de tomber, et fange après sa chute !
 La faute en est à nous : à toi, riche ! à ton or !
 Cette fange, d'ailleurs, contient l'eau pure encor.
 Pour que la goutte d'eau sorte de la poussière,
 Et redeviene perle en sa splendeur première,
 Il suffit, c'est ainsi que tout remonte au jour,
 D'un rayon de soleil ou d'un rayon d'amour !

¹ Prince, vous avez fait une sainte action !
 Loin de la haute sphère où rit l'ambition,
 Un père et ses enfants, cheveux blancs, têtes blondes,
 Marchaient enveloppés de ténèbres profondes,
 Prêts à se perdre au fond d'un gouffre de douleurs,
 Le père dans le crime et les filles ailleurs.
 Je vous ai dit : « Voici tout près du précipice,
 Des malheureux perdus dont le pied tremble et glisse ;
 Oh ! venez-leur en aide et tendez-leur la main ! »
 Vous vous êtes penché sur le bord du chemin ;
 Sans demander leurs noms vos mains se sont tendues,
 Et vous avez sauvé ces âmes éperdues.
 Puis à moi, qui, de joie et de pitié saisi,
 Vous contemplais réveur, vous avez dit : « Merci ! »

poderão nunca ser acoimados de filhos d'um sentimento
steril e d'uma compaixão mentirosa.

Se quisermos agora entrar pelo dominio da graça ahí
como no mais veremos Victor Hugo reinar como se-
nhor :

La pauvre fleur disait au papillon céleste :
Ne fuis pas !

Vois comme nos destins sont différents. Je reste,
Tu t'en vas !

Tu fuis, puis tu reviens, puis tu t'en vas encore
Luire ailleurs.

Aussi me trouves tu toujours à chaque aurore
Tout en pleurs !

Ah ! pour que nôtre amour coule des jours fidèles,
Ô mon roi !

Prends comme moi racine ou donne-moi des ailes
Comme à toi ! ¹

Os *Cantos do crepusculo* estão cheios de uma infi-
nidade de pequenas obras primorosas. Assemelha-se
Hugo a essa afilhada das fadas, que não abria a bocca
que lhe não cahissem d'ella perolas, diamantes e rosas.

Se encontra, porem, uma ignominia para maldizer,
ou um traidor para esbofetear, toma de subito e sem
transição o latego de Juvenal.

Quando Deutz, esse infame judeu, entregou a heroi-
na vendeana, Victor Hugo bradou-lhe :

Não vias, desgraçado, homem sem alma!
Que a proscricção é sempre veneranda,
Que o seio que nos deu leite é sagrado,
Qu'essa filha de reis, de quem lacaio
Foste, jamais se pôe em antro infame
À venda, e da mulher os sacros foros,
Perdendo os de rainha, não perdera !

.....
Oh ! quando appareceres entre os reprobos
Cujo nome asqueroso a historia inscreve,
Judas que vende a Deus, Leclerc a patria,
Grupo d'aspecto hediondo, ingrata corja,
Ilão de alegres sahir ao teu encontro
E sanhudo Louvel ha-de expellir-te. ²

¹ Tradusir esta poesia, alem de cousa difficil, seria fazer-lhe
perder toda a belleza e valor que consistem na fórma.

² Rien ne te disait donc dans l'âme, ô misérable !

Demos, porem, treguas ás citações. Assim como ninguém se farta de ler quando abre um volume de Victor Hugo, assim tambem não somos senhor de nós á vista de tantas riquezas que transbordam, e que tam limitado assumpto não poderia conte-las todas.

Veio Harel, lisongeados pelos triumphos de *Lucrecia Borgia*, offerecer ao celebre escriptor dez mil francos de luvas se quizesse dar-lhe uma outra peça. Não tardou que entrasse em ensaio *Maria Tudor*; mas desintelligencias entre duas actrizes perturbaram os ensaios.

Era o director em tudo e por tudo da opinião de mademoiselle Georges e esta suscitava todos os dias novas desavenças.

Não se importava o poeta com as fantasias bellicosas da grande tragica. Reconcentrava-se n'essa dignidade calma e n'essa força de vontade que o caracterisam.

Não pôde comtudo livrar-se de tal ou qual commoção quando enxergou na porta do theatro o cartaz annunciando seu drama.

Dizia o cartaz:

« *Depois d'amanhan, primeira representação—MARIA TUDOR.* »

E mais embaixo, em perfidas lettras miudas:

« *Em breve. primeira representação d'ANGELA.* »

Não se poderia prevenir o publico de um modo mais claro, nem mais peremptorio, que a direcção não confiava no novo drama.

—Senhor Harel, disse o poeta, tomae este cheque sobre o meu banqueiro: ide buscar as suas luvas, e entregae-me o meu drama!

—Ah! meu Deus! o que temos? exclamou o protector de mademoiselle Georges.

Que la proscription est toujours vénérable.
Qu'on ne bat pas le sein que nous donne le lait,
Qu'une fille des rois, dont on fut le valet,
Ne se met point en vente au fond d'un autre infâme,
Et que, n'étant plus reine, elle était encor femme!

.....
Oh! lors qu'ils te verront paraître au milieu d'eux,
Ces fourbes dont l'histoire inscrit les noms hideux,
Judas qui vend son Dieu, Leclerc qui vend sa ville,
Groupe au louche regard, engeance ingrate et vile,
Tous en foule accourront joyeux sur ton chemin,
Et Louvel indigné repoussera ta main!

Hugo mostrou o cartaz que estava exposto, como é d'uso, no gabinete da directoria.

—Juro-lhe que é um engano! disse Harel; um erro de meus empregados, e pelo que não sou responsavel! Vamos já arrancar isto.

Chama, dá ordens, e em menos de uma hora tinha-se reparado o engano dos empregados de M. Harel.

Foi-se Victor Hugo descançado.

No outro dia á noite, achando-se elle a questionar no mesmo lugar acerca do numero de bilhetes que lhe pertencia como author, entra um rapasola com o barrete de papel na cabeça—era o entregador da typographia.

—Senhor Harel, trago-lhe aqui as provas do cartaz de amanha.

—Ah! vejamo-lo! disse Victor Hugo.

Era o cartaz serio, o cartaz que devia no dia da representação brilhar em todas as esquinas de Pariz.

—Safa-te, garoto! porque vens cá perturbar-nos? bradou M. Harel, erguendo-se com prestesa e querendo enxotar o rapazote.

Mas deteve Hugo o rapaz, tomou-lhe o rolo das mãos e abriu o cartaz. Viu que tinham tido o cuidado de restabelecer em letras ainda mais apparentes:

« *Em breve, primeira representação d'ANGELA.* »

—Sabei, senhor, disse elle esmagando o director com aquelle seu olhar severo e frio, que isto é uma trahição muito notavel.

—Talvez, respondeu Harel

No ponto a que tinham chegado as cousas, o mais decisivo era levantar a mascara.

—Re titui-me quanto antes o manuscripto, disse Victor Hugo.

—Que pena! já não tendes o direito de m'o tomar.

—Pelo que?

—*Maria Tudor* está definitivamente annunciada. A justiça será por mim contra o senhor. Amanhan farei cahir a vossa peça!

—E en! farei cahir o vosso theatro!

Teve o drama, apesar d'esta insolente cabala, urdida pela propria directoria, um successo immenso. Tanto mademoiselle Georges como Harel reconheceu-se n'aquella mesma hora culpado para com Victor Hugo, mas

es fôra profundamente offendido: não quiz compor
mais para a Porte-Saint-Martin.

A Comedia-Franceza recebeu *Angelo*.

Harel cobrou alguma esperança, sabendo que mademoiselle Mars, fiel ás suas costumeiras perrices, creava difficuldades sobre difficuldades.

Correu á Praça Real, e disse ao poeta:

—Trago-vos oito mil francos. Tirae *Angelo* das mãos de Buloz. Vou de novo contractar madame Dorval, que fará o papel de Catharina, e mademoiselle Georges o de Thisbê.

Não se esquecera o poeta do cartaz.

Recusou.

Em menos de seis semanas o theatro da Porte-Saint-Martin abria fallencia.

Madame Dorval, em vez de ser contractada por M. Harel, entrou para a Comedia-Franceza, onde teve de soffrer de mademoiselle Mars toda a casta de desfeitas. Não dava-lhe as replicas, nos ensaios, não se punha em posições convenientes e atrapalhava-a nos melhores lances.

—Ora sêde mais condescendente, dizia o author com doçura a Celimene. Deixae de ser má collega.

—Não é culpa minha, respondia mademoiselle Mars com azedume, se madame representa mal!

—Mas se estragaes muito de proposito todos os effeitos das situações em que podia ella brilhar!

—Faço aquillo que acho que deve ser.

—Se é assim, senhora, disse Victor Hugo, tende a bondade de restituir-me o vosso papel.

Arrancou mademoiselle Mars um brado de espanto, que echoou de um a outro lado dos bastidores. Tomar-lhe um papel, a ella, a rainha do theatro! isto parecia impossivel, e nunca se vira!

Não ouvia, Victor Hugo, digno e sereno, os murmurios. Persistia.

—Pois bem, senhor, disse Celimene vencida, farei quanto quizerdes!

Desde então mostrou-se doce e boa, teve attensões para com madame Dorval, e deixou aos effeitos todo o seu esplendor.

Cumpre dizer que mademoiselle Mars, apesar de seu detestavel character quando se ensaiavam as peças, def-

fendia com intrepidez deante do publico aquillo que nos ensaios mais censurára.

N'essa epocha, isto é em 1835, hia Victor Hugo muitas vezes a Bièvre, onde a familia Bertin o hospedava em uma soborba casa de campo. Encontrava alli Chateaubriand, seu antigo e fiel admirador.

Mademoiselle Luisa Bertin tocava para os dous poetas ouvirem.

Notando o author de *Nossa Senhora de Paris* que a graciosa filha de seus hospedes tinha talento de compositor, escreveu de proposito para ella o libreto de *Esmeralda*. Era um presente verdadeiramente real, negado até hoje ao proprio Mayerbeer.

Passavam noites deliciosas em Bièvre.

Depois de ter escripto versos no album de mademoiselle Luisa Bertin, Victor Hugo voltava a pagina, trocava a penna do poeta pelo lapis do artista e desenhava arrebatadoras fantasias.

Cremos que somos um dos primeiros a infermar o publico desta particularidade: o grande poeta é excellentes desenhista ¹.

Admirou por mais de uma vez seu amigo Luiz Boulanger esse talento original e sem modelo conhecido.

Possue M. Vacquerie um album inteiro cheio de caricaturas que eram o divertimento de Victor Hugo pelo tempo da cholera morbus de 1832, e com que distrahia a mulher e os filhos.

Vê-se ainda hoje, em casa de Paulo Meurice, um immenso desenho, no genero de Martyn, representando um velho castello fantastico, cujas torres dentadas, empenas e ameias descobrem-se a perder de vista, e somem-se no meio de uma perspectiva ennevoada. Tem este desenho alguma cousa gigantesco e sombrio, solenne e estranho, que vos prende e vos arrebatá ás regiões do sonho.

Ha no desenhista como que um reflexo poderoso do character e do genio do poeta.

Mostrou-me Paulo Meurice mais dous desenhos de seu illustre amigo. O primeiro tem por titulo: *Um dos*

¹ Está annunciada a publicação de uma boa collecção de desenhos do poeta. Os entendidos não sabem como elogiar as arrebatadoras concepções do artista desterrado em Jersey.

meus castellos no ar. O segundo representa um navio açoitado pela tempestade. Curvados pela violencia dos ventos, junctam-se os mastros e tomam a forma de uma cruz. Lê-se por baixo este letreiro: *In mare malus fit crux.*

Desapareceu bom numero d'estes bellos desenhos no leilão que houve, no anno passado (1852), na casa da rua da Tour-d'Auvergne.

Victor Hugo mudou de casa em 1848.

Magoaram-n'ó verdadeiramente com tirar a grade a Luiz XIII que harmonisava-se tam bem com a architectura da Praça Real.

O author de *Nossa Senhora de Paris* tem constantemente luctado contra essa mania de rebocar, que consiste em apagar a feição da nossa historia ou em destruir os monumentos que a consagram. Deve-se-lhe a conservação de boa copia de castellos e de metropoles gothicas, condemnadas á ruina pela incuria do governo ou ameaçadas pelo cammartello da quadrilha-negra. Tem a Providencia cuidado em fazer surgir, por intervallos, d'essas potentes intelligencias que unem os seculos entre si, ensinam aos descendentes a conhecer seus avoengos e fazem respeitar o passado no interesse do futuro.

O gosto de Victor Hugo por antigualhas e curiosidades de todos os generos fazia com que os negociantes de ferro velho sitiasssem-lhe de continuo a porta e o decidissem todos os dias a comprar novos objectos, de sorte que o quarto do poeta estava completamente empachado.

No leilão da rua da Tour-d'Auvergne, onde dispersaram-se collecções tam preciosas, desencantou o avaliador por trás de um movel uma vestimenta de mandarin de espantosa riqueza, que era ignorada tanto por madame Hugo como por seus filhos.

Era o encargo do poeta, nas occasiões de mudança, guiar elle mesmo os armadores, aos quaes dava instrucções inteiramente fóra dos habitos d'estes.

—Preguem-me, disia elle, esta pintura no tecto.

—Mas, senhor...

—Vão sempre pregando!

Obedeciam-n'ó com reluctancia. Era um quadro mui

notavel, e cujo lugar não parecia maravilhosamente escolhido.

—Agora, disia Hugo, encham os vãos com tiras eguaes de damasco de Leão.

Os operarios ficavam attonitos.

—Nunca, murmuravam elles, nunca fisemos cousa semelhante.

—Melhor um pouco! . . . Apanhem o damasco em um plano inclinado. . . assim! Agora passem ao redor estas varinhas douradas.

Os armadores, quando desciam da escada, e olhavam para a obra, exclamavam:

—E esta! está soberbo!

Acabava Hugo de esconder o tecto amarelento e cheio de rachas com uma rica pintura, cercada por um quadro de tapessaria de magnifico effeito.

Fundou-se de 1837 a 1838 o theatro da Renascença. Escreveu Antenor Joly, nomeado director, a Frederick-Lemaitre, então no campo: « Vinde, meu caro, vinde quanto antes! Temos *Ruy-Bras*. Vosso papel é esplendido! »

Chega Frederick-Lemaitre e apea-se na Renascença. Empresta-lhe o director o manuscripto da peça, mas sem avisar-lhe do papel que lhe competia.

—Amanhan, haverá leitura em casa de Hugo, disse-lhe Antenor. Devolvi-me hoje á noite o manuscripto.

—Fa-lo-hei, redarguiu Frederick.

Desce do theatro, sobe para a sege, percorre a peça em quanto o levam para casa.

—« Dom Salustio, diz consigo, que bella cabeça! é para mim. . . Ah! dom Cesar! será este o papel que me destinam? Esta creação aproxima-se um pouco de Roberto Macaire. . . Pouco importa, serve-me! »

Percorrendo as folhas chega á primeira scena de *Ruy-Bras*.

—Com a fortuna! exclamou, eis o meu papel! . . . Soberbo! soberbo!

De repente lembra-se que Antenor contractara Guyon: certamente para confiar-lhe o papel de *Ruy-Bras*.

Frederick entristeceu.

Entra, no dia seguinte, com rosto funebre no salão da Praça Real, ouve a peça inteira sem pestanejar, e deixa os outros auditores aplaudirem.

Surpreso Antenor d'este comportamento, chega-se a elle no fim da leitura, e diz-lhe:

—Pois que, não ides agradecer a Hugo?

—Agradecer! agradecer! não custa dizer-se.—O que me dão?

—E esta! o papel de Ruy-Bras.

—Oh diabo! isso é differente! pensava que me dariam o de dom Cesar!

E o grande actor, hindo pressuroso ao encontro do poeta, apertou-lhe as mãos com effusão. Desfez-se em agradecimentos e desculpas.

Diz Victor Hugo no prefacio de *Ruy-Bras*:

« A noite de 8 de novembro não foi para Frederick-Lemaitre a de uma representação, senão de uma transfiguração. »

Não foi, comtudo, placida essa noite de espectáculo. O poeta lançou de novo a luva à escola classica. No meio das mais maravilhosas scenas transpareciam aqui e alli arrojos estranhos:

. Horrible compagne,
 Dont le menton fleurit et dont le nez trigonne.

(. Horrivel companheira,
 Cujo queixo tem barbas, e a tromba grêlos.)

esteve a ponto de dar ataques apopleticos a tres membros da Academia, e M. Viennet propoz que se attacas-se fogo ao theatro, quando appareceram estes outros versos:

. Je suis émerveillé
 Comme l'eau qu'il secoue aveugle un chien mouillé.

(. Oh! espanta-me que a agua o cegue
 Que o cão molhado, estremecendo, espalha.)

E' mais que averiguado que Victor Hugo gosta d'estas tempestades, corre ao seu encontro, afronta-as. O combate anima-o, a lucta transporta-o; quer um inimigo que resista e que ataque com intrepidez o batalhão de Cesar, a phalange de Alexandre.

Lembrâmo-nos ainda de uma scena a que assistimos por occasião da terceira representação de *Ruy-Bras*.

Saint-Firmin sustentava mal o seu papel. Acolhido cada dia por uma roda de pateada, tremia o desgraçado que o publico fosse a mais, e até aos projectis. Olhando para o salão pelo buraco do panno, que ainda não se tinha erguido, percebeu que havia enchente real, e sentiu o frio coar-lhe pelas veias.

—Senhor Hugo, balbuciou elle, acercando-se ao poeta que conversava em um dos bastidores com Frederick; eu vos peço que me dispenseis por hoje de recitar *aquillo*!

Entendia por *aquillo* os dous lanços acima citados.

Veiu o poeta por sua vez mirar pelo buraco do panno. Vendo uma sala magnifica e cheia de espectadores, virou-se gravemente para Saint-Firmin e disse-lhe:

—« Recite tudo! »

Foram alguns annos depois os *Burgraves* attacados ainda com mais violencia na Comedia Franceza. Organisaram contra elles o successo de *Lucrecia*. Foi M. Ponsard, com o seu idyllio tragico, declarado poeta por excellencia.

Ha gente que prefere qualquer borrhadela de pintor novel aos bellos paineis de Miguel Angelo.

A 3 de junho de 1841 entrou Victor Hugo para a Academia como uma bala que faz brecha e passa alem apezar da fortaleza.

—Aqui ha duas academias, disse-lhe M. de Lamar-tine nesse dia: a pequena e a grande; a grande é toda a vosso favor.

Dous annos depois elevaram Victor Hugo á dignidade de par de França. Vieram o duque d'Orleans e sua joven esposa felicital-o logo que terminou no Luxemburgo o discurso de recepção,

Esquecemo'-nos de fallar de um facto succedido em 1839.

Viera a irman de Barbés, de Barbés condemnado ao cadafalso, empenhar-se com o poeta para que pedisse ao rei a graça do irmão. A corte estava de lucto pela doce Maria de Wurtemberg, anjo da familia, tocada ainda tam joven pelas mãos da morte, e o conde de Paris tinha então nascido. Foi Victor Hugo ter com o rei—era o dia 12 de julho, á meia noite. S. Magestade, a essa hora, já nãoapparecia a ninguem. Então escreveu elle esta strophe, que deixou em uma das mezas:

Par votre ange envolé ainsi qu'une colombe !
 Par ce royal enfant, doux et frêle roseau !
 Grâce encore une fois ! grâce au non de la tombe !
 Grâce au nom du berceau !

(Pelo vosso anjo que voou qual pomba !
 Por esse regio infante, tenro arbusto !
 Inda uma vez perdão . . . por essa campa !
 Perdão por esse berço !)

Leu Luiz-Philippe ao levantar-se esses quatro versos,
 e Barbès foi salvo ¹.

¹ No 7º volume dos *Miseraveis* cita o author este facto em abono das boas partes do ultimo rei dos francezes.

Barbès ao ler essas linhas, escreveu ao poeta uma carta que muito o honra, e fez lembrar Enjolras, cujo typo é. Transcrevemos para aqui tanto a carta como a resposta de Victor Hugo :

« Querido e muito illustre cidadão :—Deve parecer-vos um ingrato o *condemnado* de que fallaes no setimo volume dos *Miseraveis*.

« Ha 23 annos que devia ter-vos agradecido. . . e seus labios não proferiram uma só palavra.

« Perdoae-o. Perdoae-o.

« Na minha prisão anterior a fevereiro prometti-me mil e mil vezes correr a ver-vos no dia em que me fosse restituída a liberdade.

« Sonhos da juventude ! . . .

« Quando chegou esse dia foi para arrojarme como uma folha secca no confuso turbilhão de 1848.

« Não pude, pois, fazer nada do que tam ardentemente havia ansiado.

« Alem d'isso, perdoae-me a phrase, querido cidadão, a magestade do vosso engenho impediu de continuo a manifestação dos meus sentimentos.

« Ensoberbece-me que nas horas de perigo me protegesse um raio da vossa luz. Tendo-vos por defensor, era impossivel a minha morte.

« Que não haja eu tido forças bastantes para vos demonstrar que era digno de que o vosso braço se estendesse sobre mim ! Porém cada um tem o seu destino, e nem todos os que Achilles salvou eram heróes.

« Velho já, acho-me em deploravel estado de saúde. Julgo algumas vezes que o coração e a cabeça me vão estallar ; mas, apesar das minhas desgraças e soffrimentos, felicito-me por haver resistido, pois que debaixo do peso do vosso novo beneficio acho-me com energia bastante para agradecer-vos o antigo. Já que travei da penna, não quero larga-la sem vos felicitar mil e mil vezes em nome da nossa sancta causa e em nome da França pelo grande livro que acabaes de publicar. E digo em nome da França, porque me parece que esta querida patria de Joanna d'Arc e da Revolução é a unica capaz de ter dado ao mundo o

Quisemos ser tam exactos a respeito do theatro que deixamos de lado tres publicações importantes: o *Rhe-no*, dous volumes de cartas, onde offerece-se o formoso espirito do poeta sob um aspecto tam novo quam original: depois as *Vozes internas* e os *Raios e Sombras*. Encontram-se n'estas duas collecções, publicadas, uma em agosto de 1837, a outra em maio de 1840, todo o estro, toda a graça e todo o genio dos bellos dias de Victor Hugo. Como outr'ora, consola o pobre e bradalle:—« Deus está sempre presente ! »

Então se o orphão desperta a Deus orando
Sem ter pae, sem ter mãe, nem lar, nem nada,
Rumoreja-lhe ao ouvido voz celeste:
« Sob o meu céu azul vem confortar-te.

vosso coração e o vosso genio, e como bom filho collocastes uma nova corôa sobre a gloriosa fronte de vossa mãe.

« Reccebi o sentimento mais intimo de minha alma.

« Haya, 10 de julho de 1862. « A. BARBÉS. »

Eis a resposta de Victor Hugo:

« Hauteville-House, 15 de julho de 1862.—Irmão no desterro.—Quando um homem foi como vós o campeão e o martyr do progresso; quando sacrificou pela sancta causa democratica e humana a fortuna, a mocidade, a ventura, e a liberdade; quando, para servir o seu bello idéal, aceitou todas as fórmias da lucta—a calumpnia, a perseguição, a defecção, longos annos de carcere e de desterro; quando se deixa conduzir pela sua abnegação até aos degraus do patibulo; quando um homem fez isto, todos lhe estão obrigados, sem que elle o esteja á ninguem. Quem tudo sacrificou ao genero humano nada deve aos homens.

« É impossivel que sejaes ingrato para com quem quer que seja. Se não fizesse o que fiz ha 23 annos, e pelo que quereis dar-me os vossos agradecimentos, creio que teria sido ingrato comvosco.

« Tudo o que fizestes pelo povo considero-o como um serviço pessoal. Não fiz senão cumprir um dever, e dever muito sagrado da época que me recordaes.

« Se fui então bastante ditoso em contribuir com o meu obolo para o pagamento da divida universal, nada é isto ante a vossa vida inteira e nós devemos julgar-nos vossos devedores.

« A melhor recompensa, se acaso eu a merecesse, estava na propria acção.

« Aceito todavia com toda a minha alma as nobres palavras que me dirigis, fico-vos profundamente agradecido.

« Respondo-vos com a commoção que me causou a vossa carta. Grande e bello é este raio de luz que vem da vossa solidade á minha.

« Até á vista, na terra ou no céu.

« Saúdo o vosso grande coração. »

« VICTOR HUGO »

« Sob o meu céu cravado de saphyras
O regio Louvre eguala-se ás cabanas.
Vem faltar-te de luz e d'esplendores,
Vem das brizas haurir gratas frag'ancias !

« Vi teus paes a luctarem co'a desgraça,
E nas fugaces horas de alegria,
Para elles travo amargo tinha a vida,
Mas eu sempre lhes fui constante amiga.

« Eu é que alcatifei de gramma verde
A rasa sepultura em que repoisam.
Oh ! vem que eu sou a grande natureza,
Eu sou mãe, vem deitar-te em meu regaço !

« Vem : tenho fructos d'ouro, tenho rosas
Com que te peje as mãos, te cinja a fronte ;
Taes cousas te direi suaves, meigas
Que o sorriso talvez brote em teus labios !

« Porque ledo a sorrir quizera eu ver-te,
Pobre menino tam formoso e triste !
Depois em voz submissa o contaria
Á tua pobre mãe em seu sepulchro ! ¹

Tomae ao acaso no meio d'esses dous volumes as
poesias mais longas, lede as mais curtas, que nunca acha-
reis em nenhuma dellas esse vago insustentavel que
reina nas obras dos demais poetas. Nunca mostram can-

¹ Alors, si l'orphelin s'éveille,
Sans toit, sans mère, et priant Dieu,
Une voix lui dit à l'oreille :
« Eh bien ! viens sous mon dôme bleu !

« Le Louvre est égal aux chaumières
Sous ma coupole de saphirs.
Viens sous mon ciel plein de lumières.
Viens sous mon ciel plein de zéphyrs !

« J'ai connu ton père et ta mère
Dans leurs bons et leurs mauvais jours.
Pour eux la vie était amère,
Mais moi je fus douce toujours.

« C'est moi qui sur leur sépulture
Ai mis l'herbe qui la défend.
Viens, je suis la grande nature !
Je suis l'aieule, et toi l'enfant.

« Viens, j'ai des fruits d'or, j'ai des roses,
J'en remplirai tes petits bras ;

saço os versos de Victor Hugo: tudo é n'elles idéas, todos descobrem-lhe o coração, todos tem o bello do primor d'arte:

Diz a campa á linda rosa:
—Das per'las que na manhan
O orvalho em ti deposita
Que fazes, ó flor louçan?

Então a rosa responde:
—No teu pego sempre a abrir
Que fazes, ó desgraçada,
Do que está sempre a cahir?

Eu por mim, ó negra campa,
Quando ao sol encobre um veu,
Das per'las faço perfumes. . .
—E eu faço anjos do céu! ¹

(Trad. de A. Marques Rodrigues—TRES LYRAS, pag. 58.)

Porque, pois, ó poetas! vós que Deus nos envia,
como uma emanação da sua pura essencia, para conso-
lar, cantar, e abençoar, porque pareceis perder de vista
esta sancta missão? Porque, ó filhos do céu, tomaes
parte nas luctas insensatas da terra?

Je te dirai de douces choses,
Et pent-être tu souriras!

« Car je voudrais te voir sourire,
Pauvre enfant si triste et si beau!
Et puis tout bas j'irais le dire
À ta mère dans son tombeau!

¹ La tombe dit à la rose:
—Des pleurs dont l'aube t'arrose
Que fais-tu, fleur des amours?
La rose dit à la tombe:
—Que fais-tu de ce qui tombe
Dans ton gouffre ouvert toujours?

La rose dit:—Tombeau sombre,
De ces pleurs je fais dans l'ombre
Un parfum d'ambre et de miel.
La tombe dit:—Fleur plaintive,
De chaque âme qui m'arrive
Je fais un anje au ciel!

Victor Hugo nos replicará :

O poeta em nefastos dias,
Preparar melhores vem.
É homem das utopias,
Pés aqui, olhos além.
Como os prophetas, a fronte
Entre as mais disfere, e a mente
Vae mais alto inda ferir ;
Calcando o insulto laxo,
Deve na mão, como um facho,
Fazer brilhar o porvir !¹

São em verdade grandes pensamentos esses, são em verdade mui bellos versos.

Mas seja-nos licito ao menos recordar com saudades os dias em que Victor Hugo trasia na fronte apenas a radiante corôa de poeta, sem ainda ambicionar a de reformador. As letras francezas reclamam, comnosco, o seu mais glorioso filho. Tudo quanto afflige a arte, tambem nos afflige².

No desterro mora Victor Hugo em uma pequena casa

¹ Le poete en des jours impies
Vient préparer des jours meilleurs.
Il est homme des utopies ;
Les pieds ici, les yeux ailleurs.
C'est lui qui sur toates les têtes,
En tous temps, pareil aux prophètes,
Dans sa main, où tout pent tenir,
Doit, qu'on l'insulte ou qu'on le loue,
Comme une torche qu'il secoue,
Faire flamboyer l'avenir !

² O poeta não descansa, nem se esquece das letras patrias, mesmo no exilio. Ha d'elle ja publicados um volume contendo alguns de seus melhores discursos com o titulo : *Quatorze discours* ; *Napoleon le petit*, famoso pamphleto contra a usurpação de Luiz Napoleão ; *Les flagellations*, um volume de poesias, inspiradas ainda pela indignação de ver a patria humilhada e a liberdade abolida da França (estas são publicadas em Londres) ; *Legende des siecles*, 1º volume de uma epopea brilhante.

Estão annunciadas a sahir breve do prelo as seguintes obras :

La Legende des siecles, 2ª parte.

Les chansons des rues et des bois, poesias.

La fin de satan, poema.

Dieu, poema.

Torquemada, drama em 5 actos.

Les jumeaux (os gemcos), drama em 5 actos.

ingleza, na ilha de Jersey, mui simples, porem com todo o conforto, tendo por detrás um bello jardim, terminado por um terraço, que as ondas do mar banham.

Enxerga o exilado da sua janella as costas de França.

Nunca pôde acomodar-se nem na Belgica, nem em Londres, onde o mau tempo e os nevoeiros o magoavam de continuo.

«O hom Deus, escrevia, que tirou-nos a patria, devia pelo menos conservar-nos o sol.»

Occupa-se Victor Hugo no seu exilio com trabalhos litterarios. Sabemos que agora terminou elle um volume de poesias ¹, composto de narrativas e lendas, e que conservará em todo elle a forma epica.

Depois de ter cantado como Horacio, narrará como Homero.

As outras obras que tem no cavallete são:

Um volume de philosophia.

Um drama em cinco actos e em verso, onde Mazarino representará o principal papel.

Dous volumes de poesias lyricas.

Em fim um grande romance em seis volumes e de assumpto inteiramente moderno, que terá por titulo as *Miserias* ². Já lhe offereceram cento e vinte mil francos pela exploração d'esta obra por dez annos ³.

Madame Hugo acompanha o marido no desterro.

Estão com elle em Jersey seus dous filhos, Carlos e

¹ Refere-se ao primeiro volume da *Legende des siecles* já publicado.

² Publicon-se essa obra tam desejada por todos e que ultrapassou a expectação geral. Tem por titulo *Os Miseraveis*, e é em 10 volumes.

³ Compraram o direito de publica-la os edictores belgas A. Lacroix, Verboeckhoven & Ca. por 200.000 francos (80 contos de reis). Tem tido a obra em menos de um anno seis edicções francezas, e não ha lingua da Europa em que não tenha tido mais de duas traducções. Para fazer-se uma idéa da voga que tem tido este romance, basta saber-se que nos tres primeiros mezes tinham-se vendido 35:000 exemplares em francez, e 27:000 em 9 linguas em que o tinham tradnzido.

Um pintor lembrou-se de publicar desenhos pintando alguns personagêns e sceuas dos *Miseraveis*, e destes desenhos venderam-se 12:000 exemplares !

Do romance já tirou Carlos Hugo, filho do celebre poeta, um drama, que pleteiam os directores de theatro quem o hade primeiro levar á scena.

Victor, sua filha Adelia, bem como M. Augusto Vacquerie, cujo irmão esposara essa infeliz Leopoldina Hugo, victima de um accidente tam funesto e imprevisto.

Morreu afogada, como todos sabem, no porto do Havre, em 1843, com desenove annos d'idade.

E' Carlos Hugo, como o pae, dotado de uma natureza energica e resoluta. O perigo não o assusta; joga a vida, quando a occasião o pede, com muito heroismo. Quando teve de batter-se em duello com M. Viennot, redactor do *Corsario*, achou para padrinhos os dous mais antigos amigos do poeta: Alexandre Dumas e Mery.

Consagra Carlos Hugo em Jersey os seus laseres da vida a tirar vistas ao daguerreotypo ¹.

Já tem tirado o retrato do pae de cem maneiras diversas para remette-los aos amigos de França.

Representam-n'o estes com cincoenta annos (1853). Está ainda cheio de seiva e de viço. Não pronunciou por certo a sua ultima palavra á gloria. Póde-se, comtudo, declara-lo desde já o mais illustre d'entre os contemporaneos d'esta galeria que offerecemos ao publico ².

E' Victor Hugo um gigante litterario a cuja altura poucos escriptores modernos podem chegar e que por sem duvida nenhum ultrapassará.

Tem a fronte nas nuvens; é o rei dos poetas como a aguia o é dos passaros.

Ficará perpetuamente seu nome em uma bandeira.

Hade nos imitar a posteridade, e sauda-lo-ha com o nome de mestre; porque é um verdadeiro chefe de escola, porque ergue-se sobre um immenso e novo pedestal.

Deixae envelhecer a escola-Hugo, deixae passar por sobre ella um seculo, e então conhecer-se-ha que o pedestal é de bronze como os de Cornielle e de Molière.

Rachel e o publico já estão cansados com esses estirados e pomposos lanços, com esses papeis campanudos, com essa sublime monotonia da tragedia classica,

¹ Tem escripto opusculos mui gabados acerca da arte photographica e da parte da optica que lhe diz respeito.

² M. E. Mirecourt escreveu e publicou em folhetos as biographias de todas as celebidades europeas.

Hontem representou ella *Angelo*, amanha representará *Marion Delorme*¹.

Ninguem tem o direito de medir o vôo do poeta, ninguem conseguirá nunca lançar-lhe cadêas.

A arte é a liberdade.

FIN.

ADDITAMENTO.

Se a vida litteraria de Victor Hugo escoou-se mansa e bafejada pelas gratas auras dos aplausos e pelo verdejar dos louros da apothecose, a politica, de pouca duração ainda, tem-n'a elle passado nas saudades que trazem o exilio, na indignação da escravidão da patria, e no dessocego do desbarato da fazenda, amparo futuro da familia.

Se aquella foi a gloria de todos os dias, esta não o tem sido menos: os sons maviosos e cadentes da lyra do poeta trocou-os elle pelos viris e eloquentes raptos de um Demosthenes—ás victorias ganhas no plectro e no theatro vieram reunir-se as da tribuna.

Elevado ao pariato em 1843, occupou logo um dos

¹ Já ha mais de dous annos que chora a arte a perda d'esta sua filha predilecta.

primeiros lugares entre os oradores, e dos brilhantes discursos que pronunciou então basta citarmos o da sessão de 17 de julho de 1847 sobre a *familia Bonaparte*.

Eleito pelo tempo da Republica de 1848 deputado á assembléa constituinte, e depois á assembléa legislativa, tornou-se notavel entre os mais eloquentes, sendo aplaudidos e lidos com enthusiasmo por toda a parte os seus celebres discursos sobre—*a pena de morte, a miseria, negocios de Roma, resposta a Montalembert, a liberdade d'ensino, a deportação, o suffragio universal, a liberdade d'imprensa, a revisão da constituição*.

Teem-lhe grangeado seus escriptos e discursos, suas qualidades pessoaes e rigidez de principios, um nome venerado e estimado ainda entre os das classes mais infimas da sociedade. Nas barricadas de julho, erguidas logo apóz a revolução de 1848, mais pela fome do que pelas predicas socialistas, elle, envergada a faixa de deputado, percorria as turbas revoltadas pregando-lhes a paz e a concordia, e aparecendo na barricada do bairro de Sanct'Antonio, onde mais travada hia a lucta, os combatentes fiseram treguas, e arrastados pela eloquencia seductora de sua palavra os transviados depuseram as armas.

Sempre fiel á republica, nunca esmoreceu no mais forte das trahições e defeccões, e chegado o dia 2 de dezembro de 1851, quiz antes pondo em risco a vida, e vendo em almoeda e malbaratada a fortuna, hir, longe da patria e dos amigos, comer, foragido, o pão amargo do exilio que dobrar-se ao bom exito do perjurio e da má fé.

Alli, sangrando-lhe ainda o coração, expandiu suas dôres pela patria sujeita e abattida e o odio que votava ao usurpador em um pamphleto—*Napoleon le petit*—e em um volume de poesias—*Les flagellations*—que teem tanto de energicos e vehementes, quanto de arrebatadores e eloquentes, são o ferro em brasa que marca na fronte do homem do *golpe de estado* a ignominia de seus feitos.

Na ilha de Jersey, que escolheu para sua Ravena ou Formia, entrega-se a estudos serios e aturados, e ao passo que escreve com maestria os *Miseraveis*, a *Lenda dos seculos*, não aparece uma idéa generosa e grande, um infortunio a consolar, que a elles se não asso-

cie a sua potente voz. A condemnação de Brown, na America do Norte, dos culpados de Charlevoix, na Belgica, do de Guernesey, em Inglaterra, de Orsini e Bernard, em França, e a abolição da pena de morte em Genebra, e a emancipação da Italia, são assumptos que foram tractados por elle com aquella logica e convicção, e n'aquelle stylo inimitavel e arrebatador, cujo segredo só d'elle é conhecido.

Por mais de uma vez a França tem-n'o reclamado; mas elle com a esperança sempre viva de entrar um dia n'ella livre, agradece sobranceiro favores que não solicitou nunca, e que a opinião publica tem arrancado por mais de uma vez ao novo imperador.

(DO TRADUCTOR.)

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NA QUINTA E ULTIMA PARTE.

VOLUME IX.

LIVRO PRIMEIRO.

I—Charybdes do bairro de Sancto Antonio e Seylla do bairro do Templo	5
II—O que se ha de fazer no abysmo senão conversar	14
III—Claros e sombras.	19
IV—Cinco de menos, um de mais.	22
V—Que horisonte se avista do alto da barricada.	30
VI—Mario attonito, Javert laconico.	35
VII—Aggrava-se a situação	38
VIII—Os artilheiros não se deixam motejar.	43
IX—Emprego dessa antiga destresa de ladrão de caça e dessa pontaria infallivel que influiram na condemnação de 1796.	47
X—Aurora	50
XI—O tiro de espingarda sempre certo e nunca mortifero.	55
XII—A desordem partidista da ordem.	57
XIII—Clarões fugaces.	61
XIV—Em que se lerá o nome da amante de Enjolras.	64
XV—Gavroche fóra da barricada.	67
XVI—Como de irmão torna-se pae.	71
XVII—Mortuus pater filium moriturum expectat.	81
XVIII—O abutre torna-se presa	84
XIX—João Valjean viuga-se.	89
XX—Os mortos tem razão e os vivos não deixam de a ter.	93
XXI—Os heróes.	103
XXII—Passo a passo.	108
XXIII—Orestes em jejum e Pylades bebado.	112
XXIV—Prisioneiro	116

LIVRO SEGUNDO.

I—A terra empobrecida pelo mar.	120
II—A historia antiga das cloacas.	125
III—Bruneseau.	129
IV—Pormenores ignorados	133
V—Progresso actual	138
VI—Progresso futuro	140

LIVRO TERCEIRO.

I—A cloaca e as suas surpresas.	146
II—Explicação	153
III—O homem perseguido.	156
IV—Tambem elle carrega a sua cruz.	161
V—Para a arêa como para a mulher ha uma finna que é perfidia	166
VI—O fontis	172
VII—As vezes o homem é mal succedido onde conta desembarcar.	175
VIII—A aba da casaca cortada	178

IX—Mario parece morto para quem é entendido na ma- teria.	184
X—Volta do filho prodigo da sua vida.	189
XI—Abato no absoluto.	192
XII—O avô.	195

LIVRO QUARTO.

I—Javert desvairado.	202
------------------------------	-----

VOLUME X.

LIVRO QUINTO.

I—Em que se torna a ver a arvore que tem uma chapa de zinco	3
II—Mario, sahindo da guerra civil, prepara-se para a guerra domestica.	7
III—Mario ataca	13
IV—Mademoiselle Guillenormand a final não acha máu que o senr. Cortavento entrasse com alguma cousa debaixo do braço	17
V—Guardae antes o vosso dinheiro em alguma matta do que em casa de qualquer banqueiro.	23
VI—Os dois velhos envidam todos os esforços, cada um a seu modo, para que Cosetta seja feliz.	25
VII—Effeitos de sonho misturados á ventura.	34
VIII—Dois homens impossiveis de descobrir	37

LIVRO SEXTO.

I—16 de fevereiro de 1833	42
II—João Valjean continúa a trazer o braço ao peito.	52
III—A inseparavel.	62
IV—Immortale jecur	63

LIVRO SETIMO.

I—O setimo circulo e o oitavo céu	70
II—Obscuridades que podem ser contidas n'uma reve- lação	88

LIVRO OITAVO.

I—O quarto de baixo	97
II—Outros passos para traz	103
III—Elles se lembram do jardim da rua Plumet	107
IV—A attracção e a extincção.	112

LIVRO NONO.

I—Compaixão para os desgraçados, porém indulgen- cia para os felizes	115
II—Derradeiro bruxolear da alampada sem oleo	128
III—Uma pena peza a quem levantava a carroça de Cor- tavento	121
IV—Garrafa de tinta que não faz mais do que lavar.	124
V—Noite por detrás da qual está o dia.	143
VI—A relva esconde e a chuva apaga	154

Biographia de Victor Hugo	157
-------------------------------------	-----

FIM DO INDICE.

